UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

FERNANDO SARTI FERREIRA

**A contrarrevolução produtiva: refluxo e estabilização do conflito social em
Buenos Aires, 1924-1930**

São Paulo
2020

FERNANDO SARTI FERREIRA

**A contrarrevolução produtiva: refluxo e estabilização do conflito social em
Buenos Aires, 1924-1930**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em História Econômica.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Ferreira Secco

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F383c Ferreira, Fernando
 A contrarrevolução produtiva: refluxo e
 estabilização do conflito social em Buenos Aires,
 1924-1930 / Fernando Ferreira ; orientador Lincoln
 Secco. - São Paulo, 2020.
 315 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de História. Área de concentração:
 História Econômica.

 1. Argentina. 2. Movimento operário. 3.
 Organização científica do trabalho. 4. Taylorismo. 5.
 Fordismo. I. Secco, Lincoln, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Fernando Sarti Ferreira****Data da defesa: 01/07/2020****Nome do Prof. (a) orientador (a): Lincoln Ferreira Secco**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08/08/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: Fernando Sarti Ferreira

Título: A contrarrevolução produtiva: refluxo e estabilização do conflito social em Buenos Aires, 1924-1930.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em História Econômica.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de uma cadeia imensa de outros trabalhos. Descrever esse processo tomaria um espaço imenso. Mesmo cometendo injustiças, pelo afeto e colaboração direta e indireta, agradeço:

A minha família.

À Rosa Souza Gomes.

Aos membros do GMarx.

Aos professores Francisco de Assis Queiroz, Marisa Midori Deaecto, Osvaldo Coggiola, Wilson do Nascimento Barbosa, mas principalmente, ao professor Lincoln Ferreira Secco.

Aos amigos argentinos Fernando Flores, Pablo Maiztegui, Natalia Cantarelli, Juliana Udi, Paula Cardoso, Martin Manuli e Alejandro Martín Yaverovski.

À Clara Monteiro Schuartz, pela ajuda no Arquivo Edgard Leuenroth, à Sofia Gastellu, no Archivo General de la Nación, e à Vivian Nani Ayres, pela ajuda na reta final.

À Patricia Liliana Leon, da Biblioteca Tornquist; à Daniela Alvarez Fanego, da Biblioteca 17 de Octubre – SOEMCF; à Norberto Govetto, da Biblioteca Obrera Juan B. Justo; aos funcionários da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, da Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina e do Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos de doutorado.

Durante a realização deste trabalho, muitas das questões aqui abordadas ganharam uma atualidade assustadora. Dedico este trabalho aos meus colegas professores e a todos aqueles que têm sofrido em maior ou menor grau a acelerada destruição das mínimas condições de trabalho. Também dedico este trabalho aos adolescentes que estão sendo “preparados” para profissões “que ainda não existem”, mas que irão trabalhar para os mesmos patrões de sempre.

O fatalismo econômico tem os mesmos efeitos do fatalismo religioso. Quando se vê em cada fenômeno da vida social um resultado forçoso e portanto inevitável das leis econômicas naturais inflexíveis, então é natural que o homem perca ao fim a confiança em modificar essas coisas por sua intervenção e se submeta às chamadas leis inflexíveis da economia com a mesma resignação que os orientais ao seu eterno fado [...]. Com a conformação fatalista das “necessidades históricas” e da inevitabilidade do devir econômico não se transforma nada no curso da história, nem nas condições em que vivemos [...]. Ante tudo, os trabalhadores têm que reconhecer que o caminho do socialismo não é determinado pelo continuo aumento do rendimento pessoal e da produção em geral. O homem ao fim e ao cabo não está aí para a economia, senão que a economia deveria ser para ele somente um meio para tornar mais agradável e mais livre sua vida.

Rudolf Rocker, “Nos acerca la racionalización al socialismo?”. *La Protesta – Suplemento Quincenal*, 15/03/1928

A ideia que se tem da luta de classes pode ser enganadora. Não se trata de uma prova de força em que se tenha de decidir a questão de saber quem ganha e quem perde ; não se trata de um combate depois do qual o vencedor ficará bem, e o vencido, mal. Pois, quer a burguesia ganhe, quer ela perca essa luta, ela está condenada a sucumbir às contradições internas que se tornarão fatais ao longo da sua evolução. A questão é apenas a de saber se ela se afundará por si própria ou pela ação do proletariado. A manutenção ou o fim de uma evolução cultural com três mil anos serão decididos pela resposta a essa pergunta. A história nada sabe sobre a imperfeita infinitude simbolizada nos dois gladiadores eternamente em luta. O verdadeiro político só faz projetos a prazo. E se a eliminação da burguesia não for concretizada até um momento rapidamente calculável da evolução econômica e técnica (a inflação e a guerra de gás parecem assinalá-lo), então tudo está perdido. É preciso cortar o rastilho antes que a centelha chegue à dinamite. Intervenção, risco e rapidez do político são coisas técnicas – não cavaleirescas.

Walter Benjamin, *Alarme contra incêndio*

RESUMO

Da mesma forma que a onda de greves que abalou o mundo entre os anos de 1917 e 1921 sacudiu a Argentina, principalmente a cidade de Buenos Aires, o período de estabilização imediatamente posterior, denominado por Charles Maier como o “período termidoriano da Revolução Mundial”, também trouxe importantes consequências para o movimento sindical daquele país. A estabilização da ordem capitalista durante o entreguerras foi marcada pelo refluxo da agitação trabalhista ao redor do mundo. A derrota dos movimentos mais radicais e o enquadramento dos trabalhadores na ordem reestabelecida foi possível por meio da repressão, da institucionalização de uma série de demandas e pela reestruturação produtiva operada pela mecanização e pela difusão dos preceitos da “organização científica do trabalho”. Em relação ao processo de estabilização da ordem pós-onda de greves na Argentina, a historiografia identificou os processos de repressão e de enquadramento institucional, mas muito pouco foi dito sobre seu terceiro aspecto, a saber, a reestruturação produtiva e a difusão da “organização científica do trabalho”. Nesta tese de doutorado, buscamos identificar como o terceiro aspecto da estabilização da ordem social operou sobre o movimento operário argentino durante a década de 1920.

Palavras-chave: Argentina; movimento operário; organização científica do trabalho; taylorismo; fordismo; década de 1920; sindicalismo; greve.

ABSTRACT

The same way the strike wave that unsettled the world between 1917 and 1921 affected Argentina, mainly the city of Buenos Aires, the immediately subsequent period of stabilization called by Charles Maier as “the Thermidorian period of World Revolution” also brought important consequences to the trade union movement of this country. The stabilization of capitalist order between the World Wars was marked by the retreat of the workers’ agitation around the world. The defeat of the most radical movements and the framework of the workers in the reestablished order was possible by means of repression, demands institutionalization and productive restructuring operated by mechanization and diffusion of “scientific management” precepts. Regarding the process of order stabilization after the strike wave in Argentina, the historiography described the repression processes and institutional framework, but very few was said about its third aspect namely the productive restructuring and diffusion of “scientific management”. In this doctoral thesis, it is sought to describe how the third aspect of the social order stabilization affected the Argentinian workers’ movement during the 1920’s.

Keywords: Argentina; workers’ movement; scientific management; Taylorism; Fordism; decade of 1920; Syndicalism; strike.

Lista de Quadros, Tabelas e Gráficos

Quadros

Quadro 1 – Descrição das reivindicações listadas durante as greves ocorridas entre 1924 e 1930 ...	86
--	----

Tabelas

Tabela 1.1 – PIB da Argentina, Austrália, Canadá, EUA e Brasil, 1921-1930 (dólares constantes de Geary Khamis de 1990, 1913=100)	39
Tabela 1.2 – PIB Agropecuário e Exportação, 1921-1930.....	40
Tabela 1.3 – Balança de pagamentos em Pesos m\$n	41
Tabela 1.4 – Comércio exterior: exportações, importações e saldo comercial da Argentina com a Inglaterra e os EUA, 1914-1929 (em milhões de dólares de 2009)	50
Tabela 1.5 – Investimentos estrangeiros na Argentina segundo ramo de atividade, 1913-1931 (em milhões de dólares de 1950).....	51
Tabela 1.6 – Valores das exportações de máquinas agrícolas dos EUA para a Argentina em dólares de 1929 (1929=100)	56
Tabela 1.7 – Volume físico da produção industrial (1950=100).....	58
Tabela 1.8 – Salários industriais e PIB industrial à preços constantes, 1917-1930 (1913 = 100).....	61
Tabela. 1.9 – Motores usados pela indústria conectados à rede elétrica de Buenos Aires, 1899-1924.....	65
Tabela 2.1 – Números absolutos de greves e grevistas (1924-1930)	87
Tabela 2.2 – Números de greves e grevistas segundo os seus resultados (excetuando-se as greves gerais)	104
Tabela 2.3 – Reivindicações ofensivas (ROF), defensivas (RDF) e políticas (RPO) feitas pelos grevistas na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)	106
Tabela 2.4 – Reivindicações defensivas (RDF) e ofensivas (ROF) feitas pelos grevistas na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (porcentagem sobre o total de reivindicações mencionadas por semestre).....	108
Tabela 4.1 – Aquisição e instalação de novas máquinas e ferramentas, estaleiros Mihanovich, 1922-1929 (em pesos ouro)	194
Tabela 4.2 – Número de veículos automotores montados nas fábricas da Ford ao redor do mundo (com exceção do Canadá), 1921-1930	209
Tabela 4.3 – Ford Motors Buenos Aires: máquinas, motores, ferramentas e equipamentos (em p\$m de 1946) e potência instalada (em cavalo-vapor), 1918-1946.....	211
Tabela 4.4 – General Motors Buenos Aires: Montagem de automóveis e caminhões, faturamento e lucro líquidos (em dólares), 1925-1948	213
Tabela 4.5 – Número de trabalhadores empregados na fábrica da Ford, Buenos Aires, 1927-1930	217
Tabela 4.6 – Profissões relacionadas à montagem de automóveis. Salários pagos aos homens e menores de idade por dia e casos registrados pelo DNT, 1928-1929.....	219

Tabela 4.7 – Salários pagos por dia na montagem de automóveis, segundo a qualificação, 1928-1929	220
--	-----

Gráficos

Gráfico 1.1 – Entradas e saídas de imigrantes na Argentina, 1870-1930	42
Gráfico 1.2 – Cotação de Pesos Moeda Nacional (m\$n) em Libras (£) e Dólares (\$), 1914-1930 ...	46
Gráfico 1.3 – Investimento bruto fixo industrial (IBF), 1900-1930 (em milhões de pesos de 1950)	63
Gráfico 1.4 – Importação de máquinas e equipamentos industriais, 1919-1930 (em Libras Esterlinas de 1913).....	65
Gráfico 2.1 – Número de greves registradas por semestre na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)	98
Gráfico 2.2 – Número de grevistas e trabalhadores afetados registrados por semestre na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais).....	98
Gráfico 2.3 – Volume relativo de greves registrados por semestre na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)	99
Gráfico 2.4 – Reivindicações ofensivas e defensivas feitas pelos grevistas na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (porcentagem sobre o total de reivindicações mencionadas por semestre)	107
Gráfico 2.5 – Variação dos salários nominais médios entre distintos ofícios da carpintaria entre 1922 e 1928-1929.....	111
Gráfico 2.6 – Variação dos salários nominais médios entre distintos ofícios da produção de calçados entre 1922 e 1928-1929.....	112
Gráfico 2.7 – Variação dos salários nominais médios entre distintos ofícios metalmeccânico entre 1922 e 1928-1929.....	113

Sumário

Introdução: A história de um operário argentino durante a onda Revolucionária Mundial de 1917 a 1921.....	11
1. A ECONOMIA E A INDÚSTRIA ARGENTINA NA DÉCADA DE 1920	29
1.1. Onze teses sobre as origens e o crescimento da indústria na Argentina entre as décadas de 1870 e 1920	29
1.2. A economia argentina durante a década de 1920: a restauração burguesa, ou a <i>Pax Alveariana</i>	38
1.3. A economia argentina durante a década de 1920: a irrupção dos Estados Unidos da América	47
1.4. A economia argentina durante a década de 1920: transformações no campo e na cidade. Mercado consumidor, mecanização e penetração dos capitais estadunidenses	55
2. FAZER GREVE EM BUENOS AIRES	71
2.1. Conhecendo as greves da década de 1920 a partir do Departamento Nacional del Trabajo e da imprensa operária	71
2.1.1. As <i>Cronicas Mensuales del Departamento Nacional del Trabajo</i>	71
2.1.2. <i>La Protesta</i> e <i>La Vanguardia</i>	77
2.2. Conflito social em Buenos Aires entre 1924-1930: Greves, grevistas e suas reivindicações	87
2.2.1. As greves gerais de 1924 e 1927	88
2.2.2. As greves entre 1924 e 1930 e a economia	97
2.2.3. Qual o caráter da dinâmica das greves entre 1924 e 1930? A posição estratégica endógena dos trabalhadores nos conflitos com os patrões	104
2.2.4. Do que se defendiam os trabalhadores entre 1924 e 1930?.....	107
2.3. Conflito social em Buenos Aires entre 1924-1930: mal-estar, apatia e os perigos de se declarar uma greve	115
3. A RECEPÇÃO DO EVANGELHO INDUSTRIALISTA	120
3.1. A aclamação ao “novo evangelho industrialista” na Argentina e seus apóstolos: os engenheiros	121
3.2. A montanha vai à Maomé: organização científica do trabalho, mecanização e racionalização entre os industriais de Buenos Aires	132
3.3. O Partido Socialista e o “novo evangelho industrialista”: o progresso técnico como declive da corrente	141
3.4. Fissuras no evolucionismo <i>justista</i> : um breve comentário fora da curva	152
3.5. A ciência a favor do capital: a recepção do “novo evangelho industrialista” entre os anarquistas	156
3.6. A ciência a favor do capital: uma crítica ao fatalismo do desenvolvimento das forças produtivas	163
3.7. As consequências concretas do “novo evangelho industrialista”: a reestruturação produtiva no chão de fábrica	167
4. CAVALOS DE TRÓIA E FEUDOS	187
4.1. O Cavalo De Tróia: <i>caldereros</i> , rebitadores e a Compañia Mihanovich	188
4.2. O Cavalo de Tróia: martelos pneumáticos e a greve dos trabalhadores	194

4.3. Os feudos: a instalação das montadoras de carro estadunidenses na Argentina	199
4.4. Os feudos: a consolidação e expansão das montadoras na Argentina ao longo da década de 1920	207
4.5. Trabalhar nos Feudos: as montadoras e as novas formas de organização dos processos de trabalho	214
4.6. Ascensão e queda das mobilizações nas montadoras de automóveis: a greve na General Motors	232
4.7. Ascensão e queda das mobilizações nas montadoras de automóveis: o fracasso na Ford	240
Considerações finais	254
Anexos	257
Fontes	299
Referências bibliográficas	302

INTRODUÇÃO

A história de um operário argentino durante a onda Revolucionária Mundial de 1917 a 1921

Na noite do dia 8 de julho de 1921, o operário gráfico Bartolomé Senra Pacheco, então com 30 anos de idade, morreu de broncopneumonia na cidade de Buenos Aires. Seu desaparecimento coincidiu com o encerramento de um dos períodos mais importantes da história da classe trabalhadora argentina. Na verdade, a história do movimento dos trabalhadores argentinos durante a década de 1910 se misturava com a história de Bartolomé Senra Pacheco. Ele foi seu protagonista e ao mesmo tempo sua expressão. O obituário publicado pelo *El Obrero Ebanista*, órgão oficial do sindicato dos marceneiros de Buenos Aires, destacava essa intrínseca relação, ao lastimar que “[...] um militante com as qualidades que se destacavam em Pacheco não é obra da improvisação, nem o resultado de quatro dias de luta, senão a consequência de uma longa experiência adquirida na luta contínua por vários anos”¹. Senra Pacheco foi forjado e participou de todos os principais eventos e das mais importantes organizações que marcaram esse período. Durante os anos da onda Revolucionária Mundial de 1917 a 1921, período em que somente na cidade de Buenos Aires ocorreram quase mil greves com a participação de 850 mil trabalhadores, o operário gráfico havia se transformado em uma das principais lideranças políticas do movimento operário argentino.

Sua militância começou na organização cultural-pedagógica anarquista, Liga de Educación Racionalista, em 1912. Dois anos depois, passou a integrar a redação do diário *La Protesta*. Formado pelas fileiras do “comunismo anárquico” e filiado à Federación Obrera Regional Argentina (FORA), o trabalhador gráfico esteve entre aqueles membros da federação que defenderam a necessidade de se construir no país uma organização que unificasse a classe trabalhadora e que, para tanto, deveria renunciar aos seus princípios doutrinários. Segundo esse grupo, do qual também faziam parte importantes lideranças como Francisco J. Garcia e Pedro Casas, as divisões de ordem doutrinária e as lutas fratricidas que delas derivavam eram uma das principais razões para o enfraquecimento do movimento sindical no país². Senra Pacheco foi um dos arquitetos do processo de fusão das duas principais federações operárias argentinas, no

¹ BARTOLOMÉ Senra Pacheco. *El Obrero Ebanista*, Buenos Aires, jul. 1921. Os trechos citados ao longo do trabalho, cujos originais são em espanhol ou inglês, são resultado de traduções nossas.

² MANULI, Martin. *Hacia la unidad de la clase obrera: el entendimiento anarquista-sindicalista revolucionario* (Argentina, 1910-1915). Comunicação realizada durante a mesa Historia de la Izquierda en la Argentina: política, sociedad e ideas (1880-1960), coordenada por Hernám Camarero e Carlos Herrera durante a XIII Jornadas Interescuelas, Catamarca, ago. 2011. Mimeografado.

ano de 1915, que deu início a um profícuo período em relação à organização dos trabalhadores daquele país. Ele escreveu naquele momento que,

Acreditamos ser mais bonito, mais leal, mais concorde com nosso propósito revolucionário para o proletariado, conglomerar a todos os que atuam na vida como operários para endereçar uma ação potente e frutífera contra o capital e o Estado³.

Durante a onda de greves que assolou o país entre 1917 e 1921, Senra Pacheco ocupou o cargo de subsecretário do Conselho Federal da FORA IX⁴. Após o auge dessas mobilizações, na primeira semana de janeiro de 1919, quando uma verdadeira explosão de protesto social varreu o país durante as jornadas que ficaram conhecidas como “A Semana Trágica”, o dirigente sindical teve importante papel nas manifestações contrárias ao projeto de controle sobre os sindicatos proposto pelo governo de Hipólito Yrigoyen, em junho de 1919. Esteve à frente da formação da Frente Única Operária (composta pela FORA IX^o e uma série de sindicatos autônomos, além do Partido Socialista e do Partido Socialista Internacional, futuro Partido Comunista), que articulou a resistência ao projeto, sendo o orador oficial da organização durante o massivo ato unitário realizado no dia 10 de agosto daquele ano na Plaza San Martín⁵. Ainda naquele ano, Senra Pacheco assumiu a direção da federação, enquanto seu secretário, o também operário gráfico, Sebastian Marotta, viajou para Europa para participar do Congresso da Federação Sindical Internacional em Amsterdam.

A FORA IX^o foi a primeira federação de sindicatos a esboçar uma organização de alcance verdadeiramente nacional. Nesse esforço, Senra Pacheco realizou importantes excursões pelo interior do país, responsáveis pela fundação e organização de diversos sindicatos⁶, sendo o representante do Conselho Federal durante a greve geral na cidade de Mendoza, em setembro de 1919. Segundo o obituário publicado pela Federación Obrera Marítima, um dos mais poderosos sindicatos do país naquela época, Senra Pacheco foi quem

³ SENRA PACHECO, Bartolomé. La lucha por la emancipación. *Ideas y figuras – Revista semanal de crítica y arte*, Buenos Aires, ano VI, n. 125, 1 maio 1915.

⁴ A FORA IX^o foi o nome pelo qual ficou conhecida a federação sindical surgida da fusão, em 1914, de duas organizações sindicais, a saber, a FORA – de orientação anarco-sindicalista – e a Confederación Obrera de la Región Argentina (C.O.R.A.) – de orientação sindicalista revolucionária. Uma dissidência que reivindicava o anarquismo como orientação ideológica rompeu durante o 9º congresso, no ano de 1915, e refundou a FORA sob os princípios do “comunismo anárquico”. Desde então ficou convencionado em identificar a FORA de orientação majoritariamente sindicalista revolucionária pela adição do IX^o e a FORA de orientação anarquista pela adição do V^o, em referência ao 5º Congresso, de 1904, quando se adotaram os princípios do “comunismo anárquico”.

⁵ Sobre o ato, ver: *La Organización Obrera*, Buenos Aires, 09 ago. 1919 e 16 ago. 1919; *La Vanguardia*, Buenos Aires, 10 a 12 ago. 1919.

⁶ DÍAZ, Hernan M. Las giras sindicales como instrumento de construcción del movimiento obrero. La FORA en Entre Ríos (1918-1921). *Historia Regional*, Sección Historia, ISP n. 3, ano XXVII, n. 32, 2014, p. 89-107.

levou “[...] pela primeira vez a palavra redentora aos feudos do norte argentino, conseguindo que aqueles operários impusessem sua organização sindical nos poderosos domínios ingleses”⁷.

Além da habilidade como organizador e articulista, um de seus obituários afirmava que “[...] Sua voz quente e fluída e a sedutora unção que depositava em suas palavras, lhe permitia divulgar entre os trabalhadores, sem se esforçar, seus vastos conhecimentos”. Era também poeta, tendo dedicado várias de suas criações artísticas à chamada “Madre FORA”. Segundo o médico e intelectual de orientação sindicalista revolucionária, Bartolomé Bosio, “[...] Senra Pacheco sabia cantar as misérias, as dores, as esperanças e a ação dos proletários que abandonavam sua escravidão moral e que se encaminhavam para sua redenção”⁸. Na homenagem feita pelo sindicato dos marítimos em seu jornal, foi publicado um poema de sua autoria. Intitulado como *A la Madre FORA*, os versos teriam sido escritos por ocasião do Primeiro de Maio de 1920.

*y verás cual batallones
las legiones sindicales
realizando la conquista inenarrable
de la tierra y el taller
y ante el mundo del trabajo
liberado, enaltecido
difumarse la odisea dolorosa
de los días que se han ido
para nunca más volver...*

Entusiasta da Revolução Russa, o dirigente que também era chamado de “o cantor da FORA”, entrou em choque com o grupo dirigente de sua organização entre setembro e outubro de 1920, defendendo a necessidade de a FORA IX^o romper seus laços com a Federação Sindical Internacional de Amsterdam. Considerada como uma organização reformista, Senra Pacheco defendeu naquela ocasião a adesão da federação argentina ao chamado de Grigori Zinoviev para a formação de uma nova Internacional Sindical, vinculada à Internacional Comunista⁹. Naquele momento, a onda de greves iniciadas em 1917, na Argentina, enfrentava um impasse. Ao mesmo tempo que ultrapassava as pautas chamadas econômicas, com os trabalhadores

⁷ BARTOLOMÉ Senra Pacheco. *La Unión Marino*, Buenos Aires, jul. 1921. O texto faz referência às explorações dos bosques de Quebracho pela empresa inglesa conhecida como La Florestal, ao norte da Província de Santa Fé. A região foi palco de intensos conflitos entre trabalhadores organizados pela FORA IX^o e a empresa, durante os anos de 1919 e 1921. JASINSKI, Alejandro. *Revuelta obrera y masacre en La Forestal: sindicalización y violencia empresaria en tiempos de Yrigoyen*. Buenos Aires: Biblos, 2013.

⁸ BOSIO, Bartolomé. Impresiones sobre la personalidad de Senra Pacheco. *La Organización Obrera*, Buenos Aires, 16 jul. 1921.

⁹ FERREIRA, Fernando S. O Sindicalismo Revolucionário argentino e a Revolução Russa. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 25, p. 28-55, jul.-dez., 2018. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/3025/2659>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

buscando impor seu reconhecimento nos locais de trabalho, o movimento se defrontava com a reversão dos resultados positivos obtidos até então, principalmente em decorrência da violenta reação patronal. Como forma de escapar desse impasse, parte da direção da organização defendeu que o movimento deveria se preservar e não avançar para além do que havia conquistado. Senra Pacheco, por sua vez, foi um daqueles que defendeu uma maior radicalização política como forma de superar esses limites. Renunciando à neutralidade doutrinária, pedra fundamental do discurso de unidade defendido por ele mesmo em 1915, o sindicalista afirmava que a adesão à Internacional Comunista e a aliança com o Partido Comunista eram questões completamente diferentes. Nascido do processo revolucionário russo, o Partido Comunista diferia totalmente dos partidos com propostas eleitorais e reformistas que a FORA IX° repudiava. Era uma organização que propagava uma política de classe que não tinha nada a ver com o sufrágio universal. Por fim, sentenciava Pacheco:

[...] Estimo que, sim, a revolução a que estamos convocados deverá operar-se fundamentalmente no terreno da produção e da troca, o que lhe dá um caráter essencialmente econômico, porém seria negar as consequências do materialismo histórico esquecer que a superestrutura política tem estreita ligação e vinculação com a economia e deve ser e será transformada ao mesmo tempo¹⁰.

A adesão a uma postura mais radical defendida pelo subsecretário da FORA IX° foi ratificada por delegados de todo o país durante o XI° Congresso da organização, realizado no início de 1921, na cidade de La Plata. A eleição do novo Conselho Federal instalou na direção da principal organização sindical do país uma maioria de dirigentes favoráveis à adesão à Internacional Comunista, desalojando do comando da federação sua ala mais moderada, composta por proeminentes figuras como Sebastián Marotta e Luis Lauzet.

Contudo, não obstante a clara opção pela radicalização, Senra Pacheco e o novo Conselho Federal da FORA IX° tiveram pouco tempo para imprimir uma nova direção política à federação. Frente ao crescimento da violência perpetrada por organizações paramilitares sob o mando das principais organizações patronais do país e à ameaça de um sangrento conflito entre trabalhadores, fura-greves e o exército argentino no porto de Buenos Aires, uma reunião de emergência foi convocada pela FORA IX° para a noite do dia 30 de maio de 1921. Com a presença de delegados das principais organizações políticas e sindicais do país, anarquistas, socialistas, comunistas e sindicalistas revolucionárias, decidiram pela deflagração de uma greve

¹⁰ LA CIRCULAR de Zinovieff (continuación). *La Organización Obrera*, Buenos Aires, 23 out. 1920.

geral contra os atropelos que vinham sendo cometidos no porto da cidade. Contudo, a reunião nem chegou a terminar, pois foi invadida pela polícia, e os 180 delegados presentes foram levados presos para o departamento de polícia. Senra Pacheco e outros companheiros foram deixados no teto da prisão da rua Azcuénaga por alguns dias sob intensa chuva e frio. Segundo o obituário publicado pelo *La Organización Obrera*, órgão de imprensa oficial da FORA IX°, “[...] O rigor da estação, agravado pelo frio e a chuva excepcional, operou de forma fatal sobre o organismo desgastado pela fadiga da luta desta jovem existência”¹¹. O tipógrafo e militante do Partido Comunista, Ruggiero Rugilo, que esteve preso junto com Senra Pacheco no teto da prisão, o descreveu como “[...] um homem jovem, que gostava de poesia, escrevia versos, era muito inteligente. Estava doente, mas apesar disso cumpria com heroísmo sua detenção”¹².

O fim da onda de greves e a *paz social* dos anos 1920

A partir da derrota da greve geral de 1921, conforme podemos observar pelos dados registrados pelo Departamento Nacional del Trabajo, o movimento operário argentino teria entrado em um longo hiato, expresso principalmente pela redução abrupta da atividade grevista e do número de trabalhadores filiados aos sindicatos. De uma média de 53.570 cotistas mensais que a FORA IX° teve em 1921, em 1922, quando essa organização se transformou na Unión Sindical Argentina, a média mensal era de 41.794 cotistas¹³. Esse cenário desalentador para o movimento sindical no país também foi corroborado por dois observadores privilegiados do período. Diego Abad Santillan, um dos principais militantes das fileiras anarquistas do período, afirmou taxativamente, em seu clássico relato sobre as lutas sociais do período, que “Em nosso ponto de vista, o período da história da FORA [Federación Obrera Regional Argentina] que vai de 1920 a 1930 é o menos interessante e em parte também o mais negativo”¹⁴. O autor atribuiu essa situação ao acirramento das discussões políticas no seio do movimento anarquista, principalmente em torno dos rumos da Revolução Russa. Por outro lado, seu companheiro de movimento operário, mas principalmente adversário político, Sebastián Marotta, não fez um diagnóstico muito melhor sobre o período. Para Marotta, na década de 1920 “A curva de seu desenvolvimento [do movimento operário] é descendente. Seu símbolo é a atonia”. Mais adiante, o proeminente militante do sindicalismo revolucionário argentino afirmava: “o

¹¹ BARTOLOMÉ Senra Pacheco – 24 de agosto 1890 – 8 de julio 1921. *La Organización Obrera*, Buenos Aires, 09 jul. 1921.

¹² CORBIÈRE, Emílio J. *Orígenes del Comunismo Argentino (El Partido Socialista Internacional)*. Buenos Aires: CEAL, 1983, p. 71.

¹³ DNT. *Estadísticas de las huelgas*. Buenos Aires: Ministerio del Interior. Departamento Nacional del Trabajo, 1940.

¹⁴ SANTILLAN, Diego Abad. *LA FORA: ideología y trayectoria*. Buenos Aires: Libros Anarres, 2005, p. 270.

movimento sindical argentino caracteriza-se nesse lapso pela ausência de ações relevantes”. Em sua visão, tal cenário era o resultado de dois fatores, a saber, a repressão empreendida pelas patronais e pelo Estado - “[...] atos libertinos que somente prejudicaram os trabalhadores” - e as disputas entre as diversas correntes ideológicas do movimento operário¹⁵.

Se por um lado poderíamos afirmar que Santillan e Marotta, na verdade, apenas identificaram o ocaso de suas correntes políticas como forças relevantes no movimento sindical argentino depois de disputarem sua hegemonia durante as primeiras décadas do século, por outro, a historiografia argentina apresentou um diagnóstico sobre o período muito parecido com o dos dois militantes. Atribuindo também a longa duração desse refluxo à enorme “bonança econômica”, que sobreveio aos turbulentos anos da guerra e aos primeiros anos da década de 1920¹⁶, estudiosos filiados às mais variadas vertentes foram unânimes em caracterizar a década de 1920 como um período de pouca tensão social. Leandro Guttierrez e Luis Alberto Romero chegaram mesmo a afirmar que aquela “identidade operária e contestatória”, característica das primeiras e agitadas décadas do século XX, foi dissolvida pelo vasto processo de mobilidade social que, segundo os mesmos, caracterizava a Buenos Aires do entreguerras. Por meio da fácil ascensão social, “[...] a identidade inicial dos trabalhadores, compacta, segregada e contestatória tendeu a desagregar-se em uma multidão de individualidades que pugnavam por seu destino singular”¹⁷.

Sem chegar a sacrificar a existência da classe trabalhadora, Julio Godio defendeu que as melhores condições econômicas e os ganhos salariais produziram uma certa confusão nas direções políticas do movimento operário e nenhuma de suas organizações conseguiu elaborar “[...] uma estratégia capaz de instalar estrategicamente o movimento operário nessa larga etapa de transição entre a recuperação iniciada em 1922 e a irrupção devastadora da crise mundial de 1929-30”. À tal confusão, que o autor lastima que tenha impedido o movimento operário de perceber o caráter progressista e popular do *yrigoyenismo*, e que aprofundou suas divisões político-ideológicas, deve-se somar o giro à direita promovido pela eleição à presidência de Marcelo Torcuato Alvear, no ano de 1922, muito mais afinado aos interesses da antiga

¹⁵ MAROTTA, Sebastian. *El movimiento sindical argentino, su génesis y desarrollo (1920-1935)*. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Calmino, 1970, p. 183-187.

¹⁶ GODIO, Julio. *El movimiento obrero argentino (1910-1930): socialismo, sindicalismo y comunismo*. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1988; GUTIÉRREZ, Leandro H.; ROMERO, Luis Alberto. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995; FALCÓN, Ricardo; MONSERRAT, Alejandra. Estado, empresas, trabajadores y sindicatos. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

¹⁷ GUTTIERREZ, Leandro H.; ROMERO, Luis Alberto. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995, p. 11-14.

“oligarquia” e pouco disposto a alentar relações com os sindicatos¹⁸. Já para Ricardo Falcón e Alejandra Monserrat, além do crescimento econômico, a decadência da FORA IX^o ocorreu em função da derrota de seu principal e mais poderoso sindicato durante a greve de junho 1921 – a Federación Obrera Marítima –, aprofundando as divisões políticas no movimento operário argentino, ao ponto de, no fim da década de 1920, existirem no país quatro centrais operárias, a saber, a Unión Sindical Argentina (sindicalista revolucionaria), a Confederación Obrera Argentina (socialista), a Federación Obrera Regional Argentina (anarquista) e o Comité de Unidad Sindical Clasista (comunista)¹⁹.

Alguns estudos mais recentes, porém, têm matizado essa suposta paz entre o capital e o trabalho que haveria reinado na Argentina ao longo da década de 1920. Após a derrota de junho de 1921, a estabilização teria se caracterizado muito mais como um recuo estratégico da militância sindical em busca de novas formas de luta.

Hernán Camarero, por exemplo, ao se debruçar sobre a militância comunista nas décadas de 1920 e 1930, questionou a generalização com que os conflitos do período foram tratados. Os salários, cujo desempenho ao longo da década de 1920 constitui-se no argumento central do abrandamento dos conflitos em decorrência da “bonança econômica”, segundo Camarero, estavam longe de ser o único problema para os trabalhadores argentinos, que há mais de trinta anos lutavam, por exemplo, pelo reconhecimento de seus sindicatos como instrumentos legítimos de representação e atuação. Antes que um recuo generalizado, a década de 1920 viveu um processo de reestruturação e reorganização dos sindicatos, desmantelados pelo ciclo repressivo de 1919 a 1921. Foi nessa reorganização, principalmente a partir dos locais de trabalho que, por exemplo, o Partido Comunista Argentino cresceu nesse período²⁰.

Diego Ceruso, ao aprofundar os estudos sobre a militância dos grupos de esquerda e a criação das comissões de fábrica na década de 1920, nos recorda que as greves e a militância nos locais de trabalho não têm uma correspondência imediata. E a despeito das bizantinas discussões sobre a orientação ideológica das mais diversas centrais sindicais do período, Ceruso observou que os anos de 1922 a 1928 foram de intensa mobilização e organização da militância

¹⁸ GODIO, Julio. *El movimiento obrero argentino (1910-1930): socialismo, sindicalismo y comunismo*. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1988, p. 151.

¹⁹ FALCÓN, Ricardo; MONSERRAT, Alejandra. Estado, empresas, trabajadores y sindicatos. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p. 180-185.

²⁰ CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera: los comunistas y el mundo del trabajo en la Argentina, 1920-1935*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, p. 65-66.

no “chão de fábrica”, tanto por parte dos comunistas como dos anarquistas organizados na Alianza Libertária Argentina²¹.

Ainda em relação aos anarquistas – corrente política tradicionalmente considerada irrelevante, ora após a onda repressiva iniciada depois da greve geral de 1910, ora após os eventos da “Semana Trágica” de 1919²² –, Luciana Anapios também apontou para uma persistente relevância de sua atuação na década de 1920, que ia além dos locais de trabalho. Os diversos grupos que disputaram intensamente a direção do movimento libertário durante a década de 1920 foram responsáveis por grandes mobilizações, como a campanha em solidariedade a Sacco e Vanzetti, e por atos de violência política que provocaram enorme comoção social²³.

Contudo, mesmo entre esses autores, a tese da “bonança econômica” baseada no crescimento dos salários reais como fiadora da paz social durante o período ainda se faz presente²⁴.

Da mesma forma que a explosão das mobilizações operárias entre 1917 e 1921 não foi um fenômeno exclusivamente argentino, o refluxo das lutas no período subsequente também foi observado ao redor do mundo²⁵. Depois de atingir o auge das mobilizações no ano de 1919, quando importantes Estados centrais se encontravam à beira do colapso, os anos de 1920 e 1921 foram marcados, como observou Leon Trotsky em 1924²⁶, por uma gradual recuperação da autoconfiança da burguesia, que a levou a tomar a iniciativa contra as insurreições operárias. Uma outra caracterização do período foi formulada durante o Sexto Congresso da Internacional Comunista, realizado entre julho e agosto de 1928. Em seu documento final, a organização dividia a onda revolucionária em duas fases. A primeira fase teria compreendido os anos de 1918 a 1923, sendo o ano de 1921 o seu auge, com a vitória dos bolcheviques na Guerra Civil Russa. Contudo, ao mesmo tempo que os revolucionários russos se consolidavam no poder,

²¹ CERUSO, Diego. *La izquierda en la fábrica: la militancia obrera industrial en el lugar de trabajo, 1916-1943*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015, p. 57-58.

²² SURIANO, Juan. *Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2008; e BILSKY, Edgardo. *La Semana Trágica*. Buenos Aires: CEAL, 1983.

²³ ANAPIOS, Luciana. El anarquismo frente a una coyuntura crítica: movilización popular, violencia y opinión pública en Buenos Aires a fines de la década del “20”. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 3, n. 5, jan.-jun. 2011.

²⁴ CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera: los comunistas y el mundo del trabajo en la Argentina, 1920-1935*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, p. XVI e 65; CERUSO, op. cit., p. 34-35.

²⁵ FLORA, Peter; KRAUS, Franz; PFENNING, Winfried. *State, Economy, and Society in Western Europe, 1815-1975*. Volume II: The Growth of Industrial Societies and Capitalist Economies. Frankfurt: Campus Verlag; Londres: Mcmillan Press; Chicago: St. James Press, 1987, p. 679-753; PETERSON, Florence. *Strikes in the United States, 1880-1936*. Washington: U.S. Government print office, 1938, p. 40-50; e FLUCTUATIONS des Effectifs des Centrales Nationales affiliées à la F.S.I. *VIII Annuaire de la Federation Syndicale Internationale*, Paris, 1938.

²⁶ TROTSKY, Leon. Manifesto on the Second World Congress – Part I (1924). In: *The First Five Years of the Communist International*, v. I. Londres: New Park, 1973. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/ffyci-1/index.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2020.

outras revoluções ao redor do mundo começaram a ser derrotadas, sendo o fracasso da revolução alemã de 1923 seu último ato. A partir daí, até o ano da realização do Congresso, a repressão contra os trabalhadores, a traição dos partidos social-democratas, assim como o restabelecimento da economia capitalista após a guerra, levou a um período de estabilização, jogando o movimento revolucionário para uma fase defensiva²⁷.

Em um estudo clássico sobre esse período na Europa, Charles Maier dividiu a vaga revolucionária mundial ao fim da Primeira Guerra em três momentos. O primeiro momento foi de 1917 a 1919, quando ocorreu uma “onda apocalíptica da militância de esquerda”, pontuada por greves gerais, motins e revoluções, que levou tanto os agentes da transformação como os quadros da ordem a acreditarem que o mundo viria abaixo. O segundo momento correspondeu aos anos de 1919 a 1921, quando apesar da continuidade de uma vívida militância, esta esteve focada em objetivos mais específicos e imediatos. Para Maier, frente à resiliência do sistema capitalista, os partidos e militantes de esquerda mudaram de maneira consciente ou inconsciente sua estratégia, procurando mais se adequar à restauração capitalista do que buscar sua transformação radical. O período de 1919 a 1921 – o termidor da revolução mundial, marcado pela promulgação da Constituição de Weimar (julho de 1919), a derrota do Exército Vermelho na Polônia e da greve geral na França (maio de 1920) – foi um momento tanto de “[...] reeducação como de repressão” para o movimento operário²⁸. A própria constituição dos disciplinados partidos leninistas, definidos a partir de rachas e baseados em um rigoroso critério de lealdade, sugere muito mais o refluxo das lutas do que a possibilidade de sua continuação. Ainda segundo Maier,

A Terceira Internacional surgiu do próprio reconhecimento da esquerda revolucionária da ascensão conservadora de 1920-1921, incluindo a capacidade da sociedade de mitigar a militância operária, assim como de enquadrar alguns de seus representantes em um certo tipo de sistema de barganha²⁹.

²⁷ EXTRACTS from the theses of the Sixth Comintern Congress on The International Situation and the Tasks of the Communist international. In: DEGRAS, Jane (Org.). *The Communist International, 1919-1934: Documents*. Vol. II, 1923-1928. Londres; Nova York: Oxford University Press, 1956, p. 455-456.

²⁸ MAIER, Charles. *Recasting bourgeois in Europe: stabilization in France, Germany and Italy in the decade after World War I*. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 138.

²⁹ Ibidem, p. 150.

Por fim, de 1921 em diante, a Europa teria assistido a um momento de estabilização, marcado pelo refluxo dos movimentos grevistas e revolucionários e pela enorme fragmentação das forças políticas de esquerda e do movimento sindical³⁰.

Geof Eley, por sua vez, ao analisar a estabilização das economias capitalistas do velho continente no início da década de 1920, destacou que esta foi o resultado de “[...] alinhamentos nacionais variados, que apoiavam resultados autoritários, fascistas e mesmo parlamentares”. Independentemente das formas que assumiram, se penderam para o autoritarismo e o fascismo – como em diversos países do leste europeu e na Itália – ou para a “constitucionalização” dos movimentos reivindicatórios – como nos países escandinavos e na Inglaterra –, esses alinhamentos se sustentaram no crescimento econômico após a crise do fim da guerra e no “[...] acordo político geral, redefinindo as relações entre governo, economia e arenas parlamentares”. Para Eley, partindo também das reflexões de Maier, “[...] a cooperação institucionalizada entre empregadores e sindicatos, mediada pelo Estado, cristalizou-se a partir das crises do pós-guerra”. Esse “corporativismo” foi essencial para que os movimentos trabalhistas fossem absorvidos pelas estruturas organizacionais das economias nacionais. Ao derrotar em armas a esquerda, ou seja, o “desafio trabalhista” nas fábricas e nas ruas, e também as demandas pela socialização dos principais setores da economia, abriu-se o caminho para uma reestruturação produtiva, aprofundando a racionalização da produção por meio da mecanização, da “organização científica do trabalho e da produção” e da desqualificação da mão-de-obra, o que contribuiu sobremaneira para desarticular o movimento dos trabalhadores e aumentar o controle dos patrões nos locais de trabalho³¹. A combinação em diferentes graus da repressão, reestruturação produtiva e incorporação do movimento operário à ordem institucional, fosse democrática, liberal ou fascista, foram as armas encontradas para a estabilização da ordem capitalista na Europa e nos EUA.

Como já havia notado Antonio Gramsci, ao comentar a obra de Massimo Fovel, a “organização científica do trabalho”, o taylorismo, o fordismo, ou o americanismo, tiveram uma ressonância na Europa muito maior do ponto de vista político do que por seu conteúdo supostamente inovador – não era uma nova política econômica, mas polícia econômica³². Segundo Charles Maier, “[...] A evocação da ‘organização científica do trabalho’ transformou-

³⁰ MAIER, Charles. *Recasting bourgeois in Europe: stabilization in France, Germany and Italy in the decade after World War I*. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 136.

³¹ ELEY, Geof. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 279-292.

³² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 4: Temas de cultura, ação católica. Americanismo e fordismo. Ed. e trad. Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 253-257.

se em verdadeiro apelo à autocracia na fábrica em nome da eficiência industrial”. Os industriais viram ali a possibilidade de resgatar seu poder no chão-de-fábrica. “Eles não tinham como ressuscitar o *Herr im Hause*”, prossegue Maier, “mas o engenheiro imparcial e o técnico em gerenciamento poderiam providenciar a mesma autoridade”³³. Em outro texto dedicado exclusivamente ao impacto dessas ideias na Europa, Maier destaca que “[...] O engenheiro, figura central do novo evangelho industrialista, não era visto [pela burguesia europeia] como um mestre das máquinas, mas como aquele capaz de manipular todas as relações econômicas”³⁴. A esperança despertada na burguesia europeia pela “organização científica do trabalho” era que esse avanço borrasse qualquer aspecto ideológico comum à luta entre o capital e o trabalho anterior a 1914. A disciplina do trabalho orientada pela maquinaria e pelo estudo científico dos movimentos físicos realizados pelos trabalhadores durante o processo de trabalho, na visão dos capitalistas europeus, eliminaria qualquer discussão sobre salários, jornada e condições de trabalho, uma vez que a partir de então seria a ciência que regularia essas relações³⁵.

Na Argentina, o período termidoriano da Revolução Mundial, de 1919 a 1921, parece ter obedecido ao mesmo roteiro que o observado por Maier e Eley. A recuperação econômica europeia não foi apenas fundamental para a retomada do crescimento do país sul americano, como também, lá, operaram tanto a repressão como a cooptação. Além da ofensiva patronal entre 1919 e 1921, versão argentina do processo de repressão, o abandono por parte do governo do combativo sindicato dos marítimos e sua aproximação com o conciliador e isolacionista sindicato dos ferroviários – ambos sindicatos que, em decorrência de sua importância no complexo agroexportador, até então, definiam a sorte do resto das organizações operárias – configuraram a versão argentina de incorporação do movimento operário à ordem institucional.

Tendo em vista esse panorama, nosso principal objetivo neste trabalho será o de matizar ainda mais os conflitos trabalhistas em Buenos Aires durante a década de 1920. Partindo das observações de Maier e Eley, afirmamos que um dos fatores essenciais para compreender a transformação da militância no movimento operário argentino, durante a década de 1920, e que foi escassamente abordado pela historiografia, foi aquele relacionado ao terceiro aspecto da estabilização elencado pelos autores, a saber, a reestruturação produtiva por meio da introdução de novas máquinas e dos métodos de “organização científica do trabalho”.

³³ MAIER, Charles. *Recasting bourgeois in Europe: stabilization in France, Germany and Italy in the decade after World War I*. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 583.

³⁴ MAIER, Charles. Between Taylorism, and Technocracy: European ideologies and the vision of industrial productivity in the 1920s. *Journal of Contemporary History*, v. 5, n. 2, 1970, p. 28.

³⁵ *Ibidem*, p. 31.

Aproximando-nos da reestruturação produtiva da década de 1920: a “organização científica do trabalho”³⁶

Os princípios da “organização científica do trabalho” – cujo principal formulador foi o engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915), e seu maior difusor e inovador, o magnata Henry Ford (1863-1947) – teriam sido, segundo Eric Hobsbawm, ao lado de um acelerado processo de concentração e centralização de capitais, mais uma das consequências da Grande Depressão de 1873. Para o historiador,

A pressão sobre os lucros durante a Depressão, bem como o tamanho e a complexidade crescentes das firmas, sugeriam que os métodos tradicionais, empíricos ou improvisados não eram mais adequados à condução das empresas. Daí a necessidade de uma forma mais racional ou “científica” de controlar, monitorar e programar empresas grandes e que visavam a maximização do lucro³⁷.

Na verdade, a exigência de controle sobre grandes grupos de trabalhadores existiu desde antes do capitalismo. Porém, a questão colocada especificamente aos capitalistas era que estes tinham de lidar com um grupo cada vez maior de trabalhadores assalariados, que representavam um custo para cada hora não produtiva. Isso fez com que, desde o princípio da história do capitalismo, e aliado à exigência do constante revolucionamento técnico, os capitalistas tivessem de exercer em algum grau uma administração mais autoconsciente da mão-de-obra. Como afirma Harry Braverman,

O verbo *manage* (administrar, gerenciar), vem de *manus*, que significa mão. Antigamente [*manage*] significava adestrar um cavalo nas suas andaduras para fazê-lo o *manège*. Como um cavaleiro que utiliza rédeas, bridão, esporas, cenoura, chicote e adestramento desde o nascimento para impor sua vontade ao animal, o capitalista empenha-se, através da gerência, em controlar [o trabalhador]³⁸.

A “organização científica do trabalho” teria sido uma das tantas formas históricas com que a burguesia elaborou essa necessidade prática e intrínseca ao capitalismo de organização

³⁶ Para além dos trabalhos diretamente citados, nos apoiamos também em: NOBLE, David. Social Choice in Machine Design: The Case of Automatically Controlled Machine. In: ZIMBALIST, A. (Ed.). *Case Studies on the Labor Process*. Nova York: Monthly Review Press, 1979, p. 18-50; BUROWAY, Michael. *Manufacturing consents: changes in the labor process under monopoly capitalism*. Chicago: University of Chicago Press, 1982; THOMPSON, Paul. *The Nature of Work*. An introduction to debates on the labour process. Houndsmill e Londres: Macmillan, 1989; CORIAT, Benjamin. *El taller y el cronómetro: ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa*. México: Sigloveintiuno, (1990) 1994.

³⁷ HOBBSAWM, Eric J.A *Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2013, p. 71.

³⁸ BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 71.

da exploração do trabalho assalariado. Desenvolvida a partir das reflexões de Taylor, na visão de Braverman, a “organização científica do trabalho” não teria uma relação necessária com o desenvolvimento da tecnologia, mas, contingente. Ou seja, o taylorismo teria uma aplicação adaptável aos diversos estágios de desenvolvimento tecnológico da indústria capitalista³⁹.

Nas palavras de Simone Weil, “Taylor não procurava um método de racionalizar o trabalho, mas um meio de controle dos operários, e se achou ao mesmo tempo o meio de simplificar o trabalho [para os trabalhadores], são duas coisas totalmente diferentes”⁴⁰. Assim, a principal preocupação de Taylor e do taylorismo não era a melhor maneira de “trabalhar melhor” ou de poupar trabalho, mas de como controlar melhor o trabalho alienado. Para tanto, a “organização científica do trabalho” se basearia em três princípios. Em primeiro lugar, a dissociação dos processos de trabalho das especialidades do trabalhador, reduzindo os conhecimentos mais tradicionais dos trabalhadores a uma série de regras, leis e normas. A expropriação realizada pela gerência desses conhecimentos implicaria no segundo princípio da “organização científica do trabalho”, a saber, a separação entre a concepção e a execução. O conhecimento produzido em decorrência da aplicação do primeiro princípio deve ficar sob controle exclusivo da gerência, pois se a execução de um trabalho for orientada pela concepção do trabalhador, outras questões que não a eficiência e o ritmo de trabalho exigidos pelo capital, ou seja, a “produtividade do trabalho”, interfeririam no processo. Além disso, o pleno domínio da gerência sobre a concepção do processo de trabalho, permitiria o barateamento da força de trabalho em decorrência de sua desqualificação. Por fim, a gerência deveria usar a dissociação dos processos de trabalho das especialidades do trabalhador e a separação da concepção da execução como forma de regular e controlar todas as etapas do processo de produção⁴¹.

Para Braverman, as aspas que acompanham os termos “organização científica” devem-se ao fato de essa forma de organizar a exploração do trabalho não possuir

[...] as características de uma verdadeira ciência, porque suas pressuposições refletem nada mais que a perspectiva do capitalismo com respeito às condições de produção [...]. Ela parte [...] do ponto de vista da gerência de uma força de trabalho refratária no quadro de relações sociais antagônicas [...]. Investiga não o trabalho em geral, mas a adaptação do trabalho às necessidades do capital⁴².

³⁹ BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 101.

⁴⁰ WEIL, Simone. A Racionalização. In: BOSI, Ecléa (Org.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 121.

⁴¹ BRAVERMAN, op. cit., p. 103-110.

⁴² Ibidem, p. 85-89.

A associação entre a “organização científica do trabalho” e o desenvolvimento tecnológico se deve ao fato de o surgimento desta coincidir com a revolução técnico-científica da chamada Segunda Revolução Industrial. Diferentemente da Primeira Revolução Industrial, cujas inovações eram indiretamente suscitadas pelos processos sociais de produção, a tecnologia da Era dos Impérios era fruto de um progresso planejado, submetido às exigências da produção⁴³. Assim como ampliou a produtividade do trabalho, o maquinário, associado à “organização científica do trabalho”, ampliou também a destituição do controle sobre o trabalho por parte dos trabalhadores. Segundo Braverman, “[...] A maquinaria oferece à gerência a oportunidade de fazer por meios inteiramente mecânicos aquilo que ela anteriormente pretendia fazer pelos meios organizacionais e disciplinares”⁴⁴.

Judith Merkle, em seu estudo sobre a difusão da “organização científica do trabalho” nos EUA e na Europa da primeira metade do século XX, reforça a ideia do caráter político do conhecimento técnico sistematizado por Taylor. O sistema, entendido pelo próprio Taylor como uma “revolução mental”, não foi o resultado de uma ou várias invenções, mas o rearranjo de uma série de ideias e práticas específicas já existentes, amarradas a novos padrões de desenvolvimento tecnológico. Segundo a autora, foi o próprio Taylor que deixou isso claro ao afirmar que o sistema só ganhou alguma sofisticação matemática com a adesão aos seus preceitos por parte de alguns universitários. O pai da organização científica do trabalho, “[...] apesar de sua formação em colégios técnicos, admitia que não tinha estofo matemático para fazer mais que o esboço lógico do sistema”⁴⁵. A aplicação de princípios racionais e de novos métodos de contabilidade para a gestão do trabalho era apenas um aspecto do sistema criado por Taylor. O taylorismo teria sido muito mais uma cruzada ideológica do que uma inovação técnica, usando como subterfúgio o invólucro da objetividade científica para a promoção de objetivos políticos. Em linhas gerais,

O taylorismo serviu para romper o “monopólio” da mão-de-obra qualificada sobre a especialização, que por sua vez, servia de base para permitir a discrição do trabalhador em relação à fixação de tarifas ou sobre o controle de sua própria produtividade. Habilidades que já foram segredos comerciais foram colocadas em forma de registro disponível para a administração, que poderia então ter um maior controle sobre as taxas de produção, e com esse controle, sobre a taxa de remuneração do trabalho⁴⁶.

⁴³ BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 145.

⁴⁴ Ibidem, p. 169.

⁴⁵ MERKLE, Judith. *Management and Ideology: The legacy of the international scientific management movement*. Berkley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 1980, p. 9-11.

⁴⁶ Ibidem, p. 30.

Seu principal diferencial em relação a outros processos de “administração científica” eram os elementos ideológicos que carregava, prometendo destruir o poder dos trabalhadores dentro do chão de fábrica, diminuindo a influência dos sindicatos, acelerando a capacidade de treinar trabalhadores desqualificados, ampliando os estímulos à competição entre estes e promovendo os interesses da classe média de colarinho branco vinculada às atividades gerenciais⁴⁷. Citando novamente a Simone Weil,

A disciplina nas fábricas, a sujeição, é uma outra característica do sistema. É mesmo o caráter essencial, e é a finalidade para a qual foi inventada, já que Taylor fez suas pesquisas exclusivamente para quebrar a resistência de seus operários. Impondo-lhes tais e tais movimentos em tantos segundos, ou outros tais em tantos minutos, é evidente que nenhum poder de resistência resta ao operário. Disso é que Taylor se mostrava mais orgulhoso, e isso é o que ele desenvolvia de preferência, acrescentando que seu sistema permitia que acabasse o poder dos sindicatos nas fábricas⁴⁸.

A substituição da supervisão pessoal pelo *design* possibilitado pela mecanização também foi outra tendência latente do desenvolvimento do capitalismo a que Taylor pôde dar um novo conteúdo político. Assim como o rifle de repetição e as estradas de ferro trouxeram ordem para o caos que imperava nas “terras selvagens” ocupadas por indígenas, Taylor pensou que as máquinas deveriam ser desenhadas e pensadas para ordenar o caos social das sociedades industriais. Segundo Merkle, Taylor defendia que seria possível por meio das máquinas transformar pelo próprio processo de trabalho o indivíduo em um “[...] limpo, industrioso, individualista, parcimonioso, sóbrio” operário. Tal missão teria sido levada a cabo com maior êxito pela Ford Motor Company, ao introduzir a linha de montagem em que as máquinas, e não mais os homens, controlavam o tempo da produção. Contudo, em um universo com diferentes realidades, ou seja, com distintos graus de composição orgânica do capital, como era a indústria do início do século XX, o taylorismo possuía uma imensa vantagem tanto em sua capacidade de absorção e adaptação às novas tecnologias como na sua incorporação em ramos majoritariamente dominados pelo uso mais intensivo de mão-de-obra. Conclui Merkle que “[...] o Taylorismo poderia ser usado para racionalizar a linha de montagem, mas o contrário não faria sentido”⁴⁹.

⁴⁷ MERKLE, Judith. *Management and Ideology: The legacy of the international scientific management movement*. Berkley; Los Angeles; Londres: University of California Press, 1980, p. 85-86.

⁴⁸ WEIL, Simone. A Racionalização. In: BOSI, Ecléa (Org.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 125.

⁴⁹ MERKLE, op. cit., p. 94-95.

A linha de montagem de Henry Ford teria sido, como dito anteriormente, uma solução tecnológica para o “gerenciamento científico” proposto por Taylor. Segundo Richard Edwards, o sistema de Ford “[...] providenciou orientações inequívocas sobre qual operação cada trabalhador era obrigado a realizar”. Independente da sequência de tarefas planejadas por capatazes e administradores, a linha de montagem a transformava de uma ordem pessoal em uma necessidade tecnológica. “Mesmo que muitas formas diferentes de montagem fossem fisicamente possíveis”, continua Edwards, “a linha não deixa qualquer escolha sobre como os trabalhadores têm de fazer o seu trabalho”⁵⁰. O capataz e o chefe de oficina, figuras centrais para fiscalizar o andamento das tarefas elaboradas a partir da “observação científica” dos movimentos realizados pelos trabalhadores durante o processo de trabalho, não são mais responsáveis por distribuir as tarefas. Ou seja, ao invés de dirigirem pessoalmente o ritmo de trabalho, os capatazes apenas “[...] penalizam as exceções que fogem do fluxo normal de trabalho” imposto pelos ditames da estrutura técnica, promovendo a transformação de um conflito que antes era hierárquico – capataz contra operário – em um conflito lateral entre trabalhadores posicionados em pontos distintos da linha de montagem⁵¹. Além de fomentar esses conflitos entre trabalhadores, ao conceder o privilégio de livre circulação dentro da fábrica exclusivamente ao produto e não ao trabalhador, a linha de montagem restringe enormemente a sociabilidade dos operários, fixando-os em pontos específicos e distantes entre si na fábrica⁵². Nas palavras de Benedito Rodrigues de Moraes Neto, o fordismo nada mais era que a mecanização e socialização do taylorismo, já que enquanto o segundo procurava administrar e simplificar a forma de execução de cada trabalho individual, o primeiro o fazia de forma coletiva⁵³.

A Argentina vivenciou muito precocemente uma importante experiência com as novas formas de organização do trabalho surgidas a partir das elaborações de Taylor. Na verdade, a famosa linha de montagem inaugurada por Ford em 1913 na fábrica de Highland Park, em Detroit, foi inspirada no processo de abate e corte de bovinos desenvolvidos pela indústria frigorífica de Chicago. Essas empresas, como mostra Mirta Zaida Lobato⁵⁴, introduziram não apenas o “taylorismo”, mas também a linha de “desmontagem do boi” na principal indústria

⁵⁰ EDWARDS, Richard. *Contested terrain*. The transformation of the Workplace in the Twentieth Century. Nova York: Basic Books, 1979, p. 118.

⁵¹ Ibidem, p. 120; BUROWAY, Michael. *Manufacturing consense*: changes in the labor process under monopoly capitalism. Chicago: University of Chicago Press, 1982, p. 67.

⁵² EDWARDS, op. cit., p. 122.

⁵³ MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. *Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 49.

⁵⁴ LOBATO, Mirta Zaida. *El taylorismo en la gran industria exportadora argentina (1907-1945)*. Buenos Aires: CEAL, 1988.

exportadora argentina, a partir de 1907. Contudo, teriam sido os frigoríficos um caso isolado ao longo das primeiras décadas do século XX? Quais teriam sido as condições para a difusão dos princípios da “organização científica do trabalho” na Argentina para além dessas plantas?

Que a implementação da “organização científica do trabalho” possa prescindir da mecanização da produção, já seria um indício sobre as possibilidades que as novas formas de gerenciamento dos processos de trabalho, surgidas principalmente a partir das elaborações de Taylor, teriam para serem implementadas em um país periférico e agroexportador como a Argentina. Não obstante, a economia argentina na década de 1920 teve como uma das suas principais características o robusto crescimento do setor industrial, principalmente por meio da massiva importação de novas máquinas e equipamentos e da entrada de grandes empresas estadunidenses, também pioneiras na organização da chamada produção em massa. Em nosso primeiro capítulo, partindo de uma caracterização mais geral do processo de crescimento industrial daquele país, entre o final do século XIX e o início do século XX, buscamos descrever e identificar as especificidades desse processo entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a Crise de 1929.

Uma das principais fontes que embasam a tese sobre a baixa intensidade do conflito social na Argentina da década de 1920 e, assim, todas as outras conclusões derivadas dessa máxima, são as informações produzidas pelo Departamento Nacional del Trabajo (DTN) sobre as greves ocorridas na Capital Federal. Em nosso segundo capítulo, ao buscarmos estabelecer relações entre os processos de transformação ocorridos na indústria argentina da década de 1920 e os conflitos entre patrões e trabalhadores, escrutinamos as greves ocorridas entre 1924 e 1930, por meio de uma revisão detalhada de algumas informações publicadas pelo DNT, mas muito pouco exploradas, a saber, as pequenas crônicas semestrais sobre os conflitos operários na cidade de Buenos Aires. Cotejamos essas informações com um extenso levantamento quantitativo e qualitativo, realizado por nós, de todas as greves registradas pela imprensa operária, sobretudo nos dois principais jornais vinculados ao movimento operário e de circulação diária naquele período, a saber, o *La Vanguardia* e o *La Protesta*. Além de buscarmos reinstaurar e reabilitar a importância do movimento sindical argentino nas análises sobre os conflitos sociais do período, por meio desse levantamento também pudemos fundamentar uma caracterização alternativa sobre ele.

Tendo em vista as enormes dificuldades de atuação encontradas pelos sindicatos durante a década de 1920 e o verdadeiro mal-estar que reinava entre os seus dirigentes e militantes, buscamos em nosso terceiro capítulo identificar e analisar como os processos de transformação operados na indústria argentina estiveram relacionados ao abrandamento dos conflitos sociais

no período. Ao revisarmos os informes e cartas dedicadas ao cotidiano nas fábricas e empresas publicadas pela imprensa sindical e política, e ao reconstituirmos as discussões feitas por engenheiros, empresários, dirigentes políticos e militantes sindicais sobre os processos de mecanização e as novas formas de organização do trabalho, buscamos identificar em que grau o “novo evangelho industrialista” tinha penetrado na Argentina da década de 1920.

Por fim, procurando aprofundar nossas análises e dar mais sustentação para nossos argumentos, em nosso quarto capítulo, reconstituímos, por meio de fontes e documentos empresariais e da imprensa operária, três conflitos ocorridos durante a década de 1920 em uma empresa e um ramo da indústria que participaram desse processo de renovação técnica que caracterizou o crescimento da indústria argentina do período.

1. A ECONOMIA E A INDÚSTRIA ARGENTINA NA DÉCADA DE 1920

Para podermos escrutinar e caracterizar os conflitos sociais em Buenos Aires na década de 1920, se faz necessário que nos detenhamos sobre o que Antonio Gramsci chamou de “realidade rebelde”, ou seja, aquela dimensão do concreto que oferece todo tipo de resistência e que impõe condições para a sua transformação por parte dos agentes históricos⁵⁵. Para tanto, buscaremos realizar neste capítulo uma caracterização mais geral do crescimento industrial argentino a partir do último terço do século XIX, destacando as especificadas deste processo durante a década de 1920.

1.1. Onze teses sobre as origens e o crescimento da indústria na Argentina entre as décadas de 1870 e 1920

Sobre o crescimento da indústria argentina entre as décadas de 1870 e 1920⁵⁶, devemos afirmar:

1. Durante a segunda metade do século XIX, a Argentina se inseriu no mercado mundial como fornecedora de alimentos e matérias-primas (especialmente lã, trigo, milho e carne) e destino de investimentos estrangeiros e de sua fonte de valorização, os trabalhadores. Esse processo, impulsionado e articulado pela consolidação dos arranjos políticos e institucionais sobre a organização do Estado Nacional, conformou uma determinada estrutura social de acumulação capitalista nacional⁵⁷.

⁵⁵ “À base do grau de desenvolvimento das forças materiais de produção estruturam-se os agrupamentos sociais, cada um dos quais representa uma função e ocupa uma posição determinada na produção. Essa relação é a que é, uma realidade rebelde: ninguém pode modificar o número das fazendas e dos seus agregados, o número das cidades com suas populações determinadas etc.”. GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 49.

⁵⁶ Sobre esse processo, ver o capítulo 1 de: FERREIRA, Fernando Sarti. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

⁵⁷ A acumulação capitalista não ocorre em um ambiente em que não lhe são fornecidas condições mínimas para alcançar seu objetivo único: a valorização do valor. Um processo histórico de acumulação capitalista nacional é a forma concreta e geograficamente delimitada em que se realiza o processo global de acumulação. A unidade nacional de acumulação se erige sobre um largo conjunto de instituições, recursos naturais e processos sociais específicos (econômicos, políticos, militares, ideológicos) construídos historicamente e que suprimem, reforçam ou se combinam com outros tantos pré-existentes, ao mesmo tempo que é a realização particular do processo de acumulação global. Por mais diversos e específicos que possam ser esses processos e as respectivas estruturas de acumulação destes derivados, sua tendência geral e necessária é: garantir a mercantilização dos meios de produção e da força de trabalho, o processo de produção e circulação de capital. Ver: KOTZ, David M.; TERRENCE, McDonough; REICH, Michael (Ed.). *Social structures of accumulation: the political economy of growth and crisis*. New York: Cambridge University Press, 1994.

2. Entre as consequências desse processo e de sua dinâmica de expansão naquele país, devemos destacar que: o crescimento populacional pela imigração; a incorporação de novas terras à produção e a enorme concentração de sua propriedade; a consequente aglomeração de trabalhadores imigrantes em cidades e vilas, mas principalmente em um grande centro urbano – Buenos Aires; as divisas produzidas pelas exportações e seus efeitos sobre a renda *per capita*; a elevação das tarifas aduaneiras e as desvalorizações da moeda nacional, para fazer frente aos deficit comerciais provocados pelas perturbações decorrentes das crises econômicas (principalmente em 1873 e 1890); e por fim, os investimentos – sobretudo britânicos – destinados à infraestrutura, foram os elementos que possibilitaram o surgimento e o crescimento de modernos estabelecimentos industriais, voltados principalmente para a fabricação de determinados produtos de consumo imediato e de alguns insumos industriais⁵⁸.

3. Iniciados na década de 1870 como empresas individuais e familiares de estrangeiros, cujos grandes ativos eram sua experiência profissional e o conhecimento do mercado local (o que valeria a pena produzir ao invés de importar?), o controle sobre os principais estabelecimentos industriais que surgiram em Buenos Aires neste período logo seria assumido – principalmente após a crise econômica de 1890 – por alguns grandes grupos econômicos vinculados majoritariamente ao pujante setor agroexportador e com importantes aportes de capital estrangeiro⁵⁹.

4. Esses grandes grupos empresariais diversificados, concentrados em Buenos Aires, constituíram uma importante parcela do empresariado nacional⁶⁰. Ou seja, os principais grupos

⁵⁸ Um breve balanço historiográfico sobre o debate acerca da caracterização do crescimento industrial argentino no período pode ser visto em: SCHVARZER, Jorge. La Industria Argentina en la perspectiva de la historia. In: GELMAN, Jorge (Org.). *La historia económica argentina en la encrucijada: Balances y perspectivas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006; e REGALSKY, Andrés. Los comienzos de la industrialización en la Argentina, 1880-1930. Una aproximación historiográfica. *Anuario Digital*, n. 23, 2011, p. 75-106. Sobre as principais ideias relativas a esse processo e que fundamentam esta exposição, ver: VILLANUEVA, Javier. El origen de la industrialización argentina. *Desarrollo Económico*, v. 12, n. 47, out.-dez., 1972, p. 451-476; SCHVARZER, Jorge. *La industria que supimos conseguir*. Buenos Aires: Planeta, 1996; ROCCHI, Fernando. *Chimneys in the desert: Industrialization in Argentina during the export boom years, 1870-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2006.

⁵⁹ Se em 1895, 84% dos proprietários de indústrias eram estrangeiros, esse número se reduz para 65% em 1913. LÓPEZ, Andrés. *Empresarios, instituciones y desarrollo económico: el caso argentino*. Buenos Aires: CEPAL, 2006, p. 108. Esse foi o mesmo período em que Rocchi identificou a vitória do *big business* em diversos setores da economia argentina, mas principalmente em sua indústria. ROCCHI, op. cit., p. 103-115. Assim, entre os anos de 1895 e 1913, viveu-se um processo de concentração e centralização de capitais, mas também de “nacionalização” da direção das atividades industriais.

⁶⁰ Ver a discussão travada entre Roy Hora e Jorge Schvarzer sobre a dimensão e extensão desse grupo na revista *Desarrollo Económico*. HORA, Roy. Terratenientes, empresarios industriales y crecimiento industrial en la Argentina: los estancieros y el debate sobre el proteccionismo (1890-1914). *Desarrollo Económico*, v. 40, n. 159, out.-dez. 2000; SCHVARZER, Jorge. Terratenientes, industriales y clase dominante en el ya antiguo debate sobre

industriais (salvo algumas exceções) eram oriundos do complexo agroexportador e tinham na indústria mais uma forma de diversificação de seus investimentos. Apesar da diferenciação entre os setores industrial e agropecuário poder ser identificada como um fenômeno socialmente relevante somente após os processos econômicos e sociais desencadeados pela Crise de 1929 e pela dinâmica do crescimento econômico da segunda metade da década de 1930⁶¹, para este período é possível afirmar que na Argentina as grandes indústrias eram oriundas da “capitalização da renda agrária”, o que, por sua vez, fazia com que a aquisição de propriedades rurais por estes grupos diversificados fosse também “a territorialização do lucro industrial”, comercial e financeiro, sem que esses mecanismos ameaçassem o setor agroexportador como o motor da economia nacional e o passaporte para sua vinculação ao mercado mundial⁶².

5. Essa diversificação de investimentos foi o resultado de um comportamento empresarial schumpeteriano⁶³ ou a atitude de uma classe tipicamente rentista, cujo impulso para investir em determinados ramos da indústria nada mais era que a tradução de seu comportamento de *rent-seeker*⁶⁴? Como pondera Andrés López,

[...] a burguesia ou elite argentina da época [ciclo agroexportador] não era intrinsecamente rentista, nem tinha uma particular inclinação pelo crescimento “fácil”, mas se movia como qualquer outra classe burguesa: em função da busca pelo lucro. Se em algumas ocasiões isso implicou em fazer *lobby* com o Estado, em outros momentos a busca pelo lucro se viabilizou através de investimentos e transformações tecnológicas de resultado incerto⁶⁵.

el desarrollo argentino. *Desarrollo Económico*, v. 41, n. 161, abr.-jun 2001, p. 121-126; HORA, Roy. Terratenientes, industriales y clase dominante en la Argentina: Respuesta a una crítica. *Desarrollo Económico*, v. 41, n. 161, abr.-jun 2001, p. 127-138. Ver também: HORA, Roy. *Los terratenientes de la pampa Argentina*. Una historia social y política, 1860-1945. Buenos Aires: Siglo XXI Editora, 2005, p. 80-90.

⁶¹ Cf. MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006, p. 86-103.

⁶² “[...] a inexistência de conflitos entre ambos setores [agropecuário e industrial], tal como se deram em outros processos mais profundos de desenvolvimento capitalista, não denota necessariamente a debilidade do setor industrial senão, quiçá, meramente a ausência de uma clivagem social que correspondesse à especialização econômica setorial”. SABATO, Jorge F. *La clase dominante en la Argentina moderna: formación y características*. Buenos Aires: CISEA e Imago Mundi, 1991, p. 34-35. Ver também: GUSTAVO POLIT (Milcíades Peña). Rasgos biográficos de la Famosa Burguesía Industrial Argentina. *Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964, p. 79-88. Já Yovanna Pineda aponta que, em decorrência das dificuldades de se conseguir créditos de longo prazo, os empresários industriais argentinos formaram “[...] grupos econômicos para levantar o capital que precisavam para investir em maquinaria importada [...]. Eles investiam em agricultura, bancos, hotéis, entretenimento, mercado imobiliário, indústria da pesca, manufaturas e então usavam os seus lucros para investir em novas atividades”. PINEDA, Yovanna. Financing Manufacturing Innovation in Argentina, 1890-1930. *The Business History Review*, v. 83, n. 3, outono, 2009, pg. 544.

⁶³ Cf. SESTO, Carmen. *La vanguardia ganadera bonaerense, 1850-1900*. Historia del capitalismo agrario pampeano. Buenos Aires: Siglo XXI Editores e Universidad de Belgrano, 2005.

⁶⁴ SABATO, op. cit., p. 52-53.

⁶⁵ LÓPEZ, Andrés. *Empresarios, instituciones y desarrollo económico: el caso argentino*. Buenos Aires: CEPAL, 2006, p. 130.

López se esqueceu de mencionar que em muitas outras oportunidades, em sua “busca pelo lucro”, a burguesia argentina também recorreu à intensificação da exploração da força de trabalho e ao patrocínio – quando não o protagonismo direto – de verdadeiros massacres contra a classe trabalhadora organizada⁶⁶. Rentistas, empresários schumpeterianos ou boiardos valaquiianos, o moderno empresariado argentino, hegemônico por um grupo com interesses econômicos diversificados, não deve ser caracterizado por um comportamento que pode se modificar conforme a conjuntura econômica, nem por uma conduta que talvez fosse mais presente em um setor específico que em outro, mas sim por seu caráter estrutural: o ser periférico, portanto, sendo estimulado-restringido pelo desenvolvimento das economias centrais.

6. A estrutura social de acumulação de capital argentina foi impulsionada e articulada à expansão do mercado mundial capitaneado pelo Império Britânico e seus sequazes tardiamente industrializados⁶⁷. Sendo o crescimento industrial argentino do período resultado desse processo; sendo este um desdobramento da consolidação das bases materiais de dominação da burguesia argentina (aliança entre os seus diversos grupos regionais e liderada por sua fração portenha-bonaerense), portanto, resultado da diversificação econômica de um mesmo grupo, tal crescimento industrial, nesse período, não foi capaz de produzir nenhum desequilíbrio ou pontos de ruptura significativos entre as frações da classe dominante⁶⁸, tampouco com o capital estrangeiro, uma vez que essa classe foi moldada “à imagem e semelhança” do mercado mundial⁶⁹. Mas, isso significou uma subordinação cega, uma convergência total aos interesses

⁶⁶ Para o período, ver três trabalhos sobre as mobilizações operárias que foram brutalmente reprimidas com o entusiasmado apoio da burguesia – ou elite – argentina, a saber: BILSKY, Edgardo. *La Semana Trágica*. Buenos Aires: CEAL, 1984; BAYER, Osvaldo. *La Patagonia rebelde*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986; e FIORITO, Susana. *Las huelgas de Santa Cruz (1921-1922)*. Buenos Aires: CEAL, 1985. Sobre as organizações paramilitares e de caráter repressivo que as classes dominantes patrocinavam e protagonizavam, ver: DEUTSCH, Sandra McGee. *La Contrarrevolución en Argentina, 1900-1932*. La Liga Patriótica Argentina. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003; e RAPALO, María Ester. *Patrones y Obreros: La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2012.

⁶⁷ Para esse processo, ver: ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro e São Paulo: Contraponto Editora e Editora da Unesp, 1996, p. 224-225.

⁶⁸ SABATO, Jorge F. *La clase dominante en la Argentina moderna: formación y características*. Buenos Aires: CISEA e Imago Mundi, 1991, p. 109-111.

⁶⁹ “Os países da América Latina sempre participaram, desde sua origem na descoberta e colonização por povos europeus, do mesmo sistema em que se constituíram as relações econômicas que, em última instância, foram dar origem ao imperialismo [...]. É assim, dentro de um mesmo sistema que evoluiu e se transformou do primitivo e originário capitalismo comercial, é aí, e por força das mesmas circunstâncias (embora atuando diferentemente no centro e na periferia), que se constituíram de um lado grandes potências econômicas dominantes no sistema imperialista, e de outro os países dependentes da América Latina”. PRADO JÚNIOR, Caio. *A revolução brasileira; A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 69. “Os modos sociais de exploração se revezam, enfim, se completam. O que é possível no seio da economia-mundo graças à abundância

dos países centrais, principalmente à Grã-Bretanha? De maneira nenhuma. Nas palavras de Félix Weill, arguto observador do capitalismo naquele país, a classe dominante argentina “[...] Se bem não necessariamente morre de amores pelos britânicos, dificilmente pode-se esperar que sejam abertamente antagonistas”⁷⁰.

7. Por mais espetacular que pareça o crescimento industrial argentino entre as décadas de 1870 e 1920⁷¹ – principalmente tendo em vista o lugar periférico ocupado pelo país no mercado mundial –, como já foi dito anteriormente, ele não produziu uma diferenciação social no seio das classes dominantes ao ponto de produzir uma transformação na estrutura social de acumulação de capital do país, e, por consequência, do lugar que ocupava naquele momento na economia mundial. Pelo contrário, o crescimento industrial em uma zona periférica terminou por ampliar sua dependência do comércio exterior, uma vez que diversificou seus laços e nexos com o mercado internacional, ao criar a demanda por maquinaria e insumos industriais⁷².

8. A disponibilidade de tecnologia não deve ser confundida com a disponibilidade de produtos da tecnologia⁷³. O crescimento industrial argentino pode ter sido impulsionado pela instalação de modernas fábricas, mas em decorrência da insignificância do Departamento I (setores que se dedicam a produção de “[...] Meios de produção, mercadorias que possuem uma forma em que têm de entrar ou pelo menos podem entrar no consumo produtivo”⁷⁴), o

de homens, de transações e do numerário não o é do mesmo modo nas diversas periferias [...] o capitalismo implica, acima de tudo, uma hierarquia, fabricada ou não por ele próprio”. BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: os séculos XV-XVIII: O tempo do mundo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 52-53.

⁷⁰ WEILL, Félix J. *El enigma argentino*. Buenos Aires: CONABIP, 2011, p. 199.

⁷¹ Entre 1875 e 1921, o PIB manufatureiro a preços constantes na Argentina cresceu 1174%, enquanto o agropecuário, 641%. Se no último quarto do século XIX, o PIB manufatureiro a preços constantes era em média 49% menor que o agropecuário, nas duas primeiras décadas do século XX essa diferença diminuiu para 19%. Cf. CORTÉS CONDE, Roberto. Estimaciones del Producto Bruto Interno de la Argentina 1875-1935. *Documento de Trabajo n. 3*. Victoria, Buenos Aires: Universidad de San Andrés, Departamento de Economía, 1994; e Comisión Económica para América Latina (CEPAL). *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile, 1958, p. 316-317.

⁷² VICTOR TESTA (Milcíades Peña). Crecimiento (1935-1946) y Estancamiento (1947-1963) de la Producción Industrial Argentina. *Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964, p. 13.

⁷³ SERCOVICH, Francisco C. Dependencia tecnológica en la industria argentina. *Desarrollo Económico*, v. 14, n. 53, abr.-jun., 1974, p. 36. Em outro sentido, podemos entender também que a experiência manufatureira na Argentina anterior à Segunda Guerra seja enquadrada na categoria “emigrada”, uma vez que boa parte dos empreendimentos manufatureiros do período originaram-se do *know-how* de emigrantes permanentes ou quase permanentes, mas principalmente, pela compra de bens de capitais oriundos do Atlântico Norte. AMDSEN, Alice H. *A ascensão do “Resto”*. Os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 48-51.

⁷⁴ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v. 3, p. 276.

crescimento industrial era limitado e, ao mesmo tempo, impulsionado principalmente pela performance do setor agroexportador do país e seus efeitos no diminuto mercado interno.

9. Como o Departamento I era insignificante na estrutura social de acumulação de capital argentina, o crescimento do produto e da produtividade industrial eram limitados pelas dificuldades em relação ao incremento potencial da composição orgânica do capital. Era um crescimento que, dado determinado patamar dos preços e volumes das exportações, estava pautado principalmente pela incorporação de mão de obra e pelo esgotamento dos meios de produção existentes, tendo como única possibilidade de expansão, sem auxílio do setor agroexportador, a exploração da força de trabalho sob os mecanismos relativos à extração da mais-valia absoluta⁷⁵. A única forma que o capital industrial encontrou para a superação do esgotamento dos meios de produção (perda da produtividade e acirramento dos conflitos de classe⁷⁶) foi a importação de novos bens de capital⁷⁷. Por isso, do ponto de vista econômico, havia o entrelaçamento entre o comércio exterior e o crescimento industrial, para além do

⁷⁵ VICTOR TESTA (Milcíades Peña). *Energía, Mecanización y Ineficiencia en la Industria Argentina. Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964, p. 30-32; e GUSTAVO POLIT (Milcíades Peña). *Rasgos biográficos de la Famosa Burguesía Industrial Argentina. Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964, p. 65. Analisamos essa dinâmica durante a Primeira Guerra Mundial em outra oportunidade. Ver: FERREIRA, Fernando Sarti. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Capítulo II. Os mecanismos relativos à extração da mais-valia absoluta dizem respeito à ampliação da duração do tempo de trabalho, mecanismos típicos das mais primitivas etapas da produção capitalista ou mesmo daquelas esferas da produção que possibilitam a valorização do valor sem necessidade de grandes desenvolvimentos técnicos. Pode-se explicar a mais-valia absoluta da seguinte maneira: toda a força de trabalho, no modo de produção capitalista, tem seu tempo de trabalho dividido em dois: aquele necessário à sua própria reprodução – de onde adquire os recursos suficientes a sua subsistência – e o que Marx chama de mais-trabalho, ou seja, o tempo em que a força de trabalho produz um valor que não pertence à ela e sim a quem a comprou e a colocou em ação junto aos meios de produção necessários – o capitalista. Nesse sentido, a extração da mais-valia absoluta se realiza tanto no prolongamento absoluto da jornada de trabalho, isto é, estende-se o tempo dedicado ao mais trabalho aumentando a duração da jornada, como pelo arrocho salarial, pagando-se menos por uma quantidade maior de mais trabalho, ampliando assim a margem de mais-trabalho em uma jornada constante de trabalho. Ver as seções III e IV de MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v. 1, p. 142-236.

⁷⁶ “Em conclusão, sempre que o aumento do tempo de trabalho despendido corresponde a um aumento do trabalho simples, quer pela aceleração da sua execução, quer pelo seu prolongamento, o acréscimo do valor incorporado não é contrabalanceado por qualquer progresso de produtividade. É neste quadro de estagnação dos sistemas de trabalho e da tecnologia que operam os mecanismos da mais-valia absoluta [...]. A repressão, a única arma que os capitalistas podem recorrer na estratégia da mais-valia absoluta, é absolutamente ineficaz para resolver este tipo de problemas e, quanto maior for a frequência do seu emprego, tanto mais a produtividade declinará, num círculo vicioso.” BERNARDO, João. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 142.

⁷⁷ Muitos empresários na Argentina do início do século XX “[...] pensavam que os problemas da produtividade se resolveriam com a combinação de mecanização e disciplina, atuando em muitos casos os incentivos salariais como auxiliares desta política.” LOBATO, Mirta Zaida. *El taylorismo en la gran industria exportadora argentina (1907-1945)*. Buenos Aires: CEAL, 1988, p. 13. A partir de outra perspectiva, “O problema da manufatura Argentina, contudo, não se encontrava em sua capacidade de aumentar a produtividade por meio da importação de maquinaria, mas em sua inabilidade de sustentar o incremento da produtividade sem depender das importações”. PINEDA, Yovanna. *Industrial development in a frontier economy: the industrialization of Argentina, 1890-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 54.

controle dessas atividades pelos mesmos grupos: as divisas geradas pelo primeiro possibilitavam a importação de maquinário oriundo dos países centrais⁷⁸.

10. Os mecanismos de dependência tecnológica são, em última análise, meios para redistribuição do excedente econômico⁷⁹. A ideia segundo a qual era muito mais racional adquirir no mercado internacional novos métodos produtivos do que criar um ambiente local que possibilitasse seu desenvolvimento⁸⁰ ignora tanto que os interesses dos produtores de tecnologia (capitalistas vinculados ao Departamento I) já haviam extrapolado há muito tempo

⁷⁸ “Em decorrência da sobrevalorização cambial, uma parte importante da renda diferencial da terra produzida pelos setores agroexportadores era absorvida por outros ramos, como o comercial e o industrial, pelo barateamento dos meios de produção e de vida importados, ao passarem pelo sentido inverso da mediação cambial. Essa passagem inversa multiplica o poder aquisitivo dos lucros comerciais e industriais realizados nacionalmente. O Estado pode intervir nessa situação compensando o barateamento interno das mercadorias importadas com impostos sobre sua entrada no país. Se não o faz, a renda da terra embutida no barateamento dos meios de produção importados é absorvida pelos capitais industriais”. CARRERA, Juan Iñigo. *La Formación Económica de la Sociedad Argentina: Renta Agraria, ganancia industrial y deuda externa, 1882-2004*. Buenos Aires: Imago Mundi Editorial, 2007, p. 69. Sendo boa parte dos grandes grupos industriais oriundos dos setores agroexportadores, a renda perdida com as exportações em decorrência da sobrevalorização cambial era compensada pela importação de máquinas e insumos industriais sem que isso provocasse conflitos entre distintas frações da classe dominante.

⁷⁹ “[...] o subdesenvolvimento não pode ser estudado como uma fase do processo de desenvolvimento [...] desenvolvimento e subdesenvolvimento devem ser considerados aspectos de um mesmo processo histórico ligado à criação e à forma de difusão da tecnologia moderna”. FURTADO, Celso. *A Hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 8.

⁸⁰ William Glade afirma que a compatibilidade dos interesses entre o setor exportador e industrial significou que as elites não tiveram “[...] pressa em investir porções expressivas do excedente em melhoramentos gerais e na reforma ou atualização da estrutura [produtiva]”. GLADDE, William. A América Latina e a Economia Internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. De 1870 a 1930. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p. 81. Fernando Rocchi aponta a falta de demanda como a principal responsável pela limitação do Departamento I, uma vez que o país não sofria com a falta de “[...] empreendedores ou de conhecimentos técnicos” para a formação de uma indústria de base que produzisse bens de capital. Para sustentar tal afirmação, Rocchi recorre aos exemplos da companhia Bianchetti, produtora de suprimentos para estradas de ferro, a máquina de processamento de erva-mate dos Irmãos Fontana, assim como a famosa máquina de amassar pão de Torcuato Di Tella. ROCCHI, Fernando. *Chimneys in the desert: Industrialization in Argentina during the export boom years, 1870-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2006, p. 102-103. É preciso recordar que, já nesse período, o entrelaçamento entre ciência e indústria era fundamental para a competitividade empresarial, tanto que a Grã-Bretanha foi ultrapassada como potência industrial pelos EUA e Alemanha, principais responsáveis pela revolução tecnológica conhecida como “Segunda Revolução Industrial”. Na década de 1870, enquanto os grandes conglomerados e corporações alemãs e estadunidenses iniciavam a construção de laboratórios e financiavam pesquisas científicas nos campos da química e da eletricidade, a Argentina formava seu primeiro engenheiro civil, o senhor Luís Augusto Huergo. E mesmo aqueles industriais com formação em engenharia, tampouco, aplicavam seus conhecimentos para a inovação técnica, limitando-se a aprender a operar e a fazer a manutenção de máquinas importadas. PINEDA, Yovanna. *Industrial development in a frontier economy: the industrialization of Argentina, 1890-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 50. Ainda sobre este período, Harry Braverman afirma que “O conhecimento científico incorporado à produção já havia deixado de ser neste momento uma “[...] inovação espontânea, indiretamente suscitada pelos processos sociais de produção [...]. De uma ‘economia externa’ o conhecimento científico transformou-se num artigo de balanço geral”. BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987, p. 146. Se “Henry Ford argentino” é um epíteto ridículo para Torcuato Di Tella, imaginá-lo como um “Charles Wilhelm Siemens dos pampas” é sem dúvida muito pior.

os limites dos mercados nacionais centrais⁸¹ quanto a própria gênese histórica das classes dominantes na Argentina, cujos interesses estavam estritamente vinculados às estratégias organizacionais do regime de acumulação britânico. Sendo as mais dinâmicas atividades industriais resultado da diversificação dos investimentos de grupos ligados ao complexo agroexportador, cujo estrepitoso sucesso era atribuído à abertura ao mercado mundial e à vocação agrária do país, qualquer tipo de intervenção no sentido de desviar recursos da reprodução daquele complexo para o revolucionamento da estrutura social de acumulação por meio da industrialização pareceria um contrassenso, um atentado contra as próprias bases materiais da dominação de classes na Argentina da época. Por outro lado, a ampliação dos laços e nexos de dependência entre a Argentina e os países centrais, por meio do comércio de insumos industriais e bens de capital, constituía-se em uma maior possibilidade de captação do excedente produzido no país pelas potências centrais, em especial, até a década de 1920, pela Grã-Bretanha⁸².

11. Tendo em vista as condições pelas quais se deu o desenvolvimento econômico argentino, era possível ter surgido naquele ambiente a ideia – que mobilizasse alguma força social relevante e não apenas indivíduos – sobre a necessidade de ter de enveredar-se pela industrialização para reduzir, ou pelo menos diminuir, o ritmo com que se abria a brecha entre as economias periféricas e as centrais⁸³? Depois de 1880 e antes de 1945, o único exemplo histórico de uma economia nacional que ocupava, na Era dos Impérios, uma posição periférica ou semiperiférica na divisão internacional do trabalho e que se mobilizou conscientemente nesta direção – e com sucesso – foi a União Soviética. Dizia Lênin, em abril de 1918, que o “[...] socialismo exige um avanço consciente e massivo em direção a uma produtividade do trabalho superior à do capitalismo e baseada na alcançada por este”⁸⁴. Em março de 1923, o líder soviético sentenciava que o desvio do excedente dos camponeses para a indústria pesada e mecanizada era a única forma da recém criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas “[...] trocar o cavalo mujique da pobreza [...] pelo cavalo que o proletariado está procurando e deve

⁸¹ ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro e São Paulo: Contraponto Editora e Editora da Unesp, 1996, p. 165 e 268-269. Nos EUA, em 1910, a indústria de máquinas era o principal ramo em termos de valor adicionado. MAZZUCHELLI, Frederico. *Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras*. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, FACAMP, 2009, p. 183.

⁸² VICTOR TESTA (Milcíades Peña). Imperialismo e Industrialización de los Países Atrasados. *Revista Fichas*, abr. 1964; CARRERA, Juan Iñigo. *La Formación Económica de la Sociedad Argentina: Renta Agraria, ganancia industrial y deuda externa, 1882-2004*. Buenos Aires: Imago Mundi Editorial, 2007, p. 80-81.

⁸³ BEAUCHAMP, Chantal. *Revolução Industrial e crescimento econômico*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 59.

⁸⁴ LENIN, Vladimir Ilych. Las tareas inmediatas del poder soviético. In: *Cuestiones de la organización de la economía nacional*. Moscou: Editorial Progreso, 1978, p. 120.

procurar – o cavalo da indústria mecanizada de larga escala”⁸⁵. Se isto se faria de maneira gradual ou o mais rápido possível, por meio de concessões ou empréstimos estrangeiros, aproveitando-se ou não das “vantagens comparativas” que a divisão internacional do trabalho proporcionava para a URSS⁸⁶, não modificava o fato de que a mobilização social em torno de um projeto nacional de industrialização só foi possível como resultado de uma transformação social radical. Talvez essa seja a definição de “Revolução” no século XX.

*

Apesar do crescimento econômico no país sul-americano, entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão, ter sido impulsionado, principalmente, pela reativação do mercado mundial de cereais e de carne e pela retomada dos investimentos estrangeiros – o que poderia sinalizar uma volta à normalidade pré-1914, ou seja, uma economia predominantemente agroexportadora e vinculada aos circuitos comerciais e financeiros operados desde a Grã-Bretanha –, a década de 1920 vai observar duas importantes transformações na economia argentina. Em primeiro lugar, uma transformação qualitativa em relação aos parceiros comerciais e financeiros do país sul-americano, a saber, a irrupção dos EUA no comércio exterior e no mercado de capitais do país. Em segundo lugar, o enorme crescimento do setor industrial com uma proeminente participação dos capitais estadunidenses.

Estes temas serão abordados nas próximas seções, com a intenção de fornecer uma caracterização da evolução do setor industrial concentrado em Buenos Aires neste período, procurando fundamentar, a partir deste processo, nossa análise acerca das formas e dinâmicas que a luta dos trabalhadores, organizados ou não, assumiram na capital do país, entre a retomada do crescimento após a crise de 1921 e a *debacle* do mundo como até então era conhecido a partir da Crise de 1929.

⁸⁵ LENIN, Vladimir Ilych. Better fewer, but better. In: *Lenin's Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, 1965, v. 33, p. 502.

⁸⁶ Para o debate sobre as vias de industrialização na União Soviética, ver capítulos II e III de: ERLICH, Alexander. *The Soviet Industrialization debate, 1924-1928*. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

1.2. A economia argentina durante a década de 1920: a restauração burguesa, ou a *Pax Alveariana*

A economia argentina na década de 1920 foi tradicionalmente compreendida como mais uma etapa do ciclo de expansão baseado no complexo agroexportador iniciado nas décadas de 1870-80 e encerrado em 1930. Mais especificamente, como uma espécie de último suspiro deste ciclo e cuja principal característica teria sido a retomada do crescimento das exportações agropecuárias após a crise sofrida durante a Primeira Guerra Mundial.

Apesar de compartilharem desse diagnóstico mais geral, são várias as interpretações acerca da especificidade da década de 1920 dentro do ciclo agroexportador. De maneira geral, é possível indicar três principais linhas interpretativas. Por um lado, a década de 1920 foi entendida como um momento de vacilação, quando se buscou o reestabelecimento da normalidade pré-1914, sem que as condições para tanto existissem, sendo a impossibilidade deste retorno atribuído principalmente ao fim da expansão horizontal da área plantada na pampa úmida⁸⁷. Por outro lado, diferentes autores afirmam que existiram poucos elementos para que não se acreditasse na volta à normalidade pré-1914 e que, mesmo que se houvesse chegado aos limites da produção agropecuária impostos pelo fim da expansão horizontal das áreas plantadas e das estradas de ferro, essas limitações teriam sido minoradas pelo incremento da produtividade e por outras inovações – como por exemplo, a mecanização do campo e a difusão de estâncias mistas, que podiam revezar a produção pecuária e agrícola conforme as oscilações dos preços no mercado internacional⁸⁸. Por fim, muito mais que uma expressão mais moderada ou período de máxima eficiência do crescimento econômico impulsionado pelo complexo agroexportador, alguns autores caracterizam esse período como um momento de transição em que, se é verdade que a economia seguia crescendo a partir das mesmas bases, esta convivía com os elementos de um mundo que ainda não havia nascido (crescimento industrial como setor mais dinâmico, irrupção dos EUA na economia argentina, transição do carvão para o petróleo, assim como do transporte ferroviário para o rodoviário)⁸⁹. Apesar dessas diferentes interpretações, o sentimento de uma volta ao mundo pré-1914, vivido com muita intensidade no período, teria sido nada mais que uma espécie de solipsismo.

⁸⁷ DI TELLA, Guido; ZYMELMAN, Manuel. *Los ciclos económicos argentinos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973, p. 8; FERRER, Aldo. *La economía argentina*. Desde sus orígenes hasta principios del siglo XXI. Buenos Aires: FCE, 2007, p. 158.

⁸⁸ DIAZ, Alejandro Carlos F. *Ensayos sobre la historia económica argentina*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975, p. 160-163. GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 81-89.

⁸⁹ PALACIO, Juan Manuel. La antesala del peor: La economía argentina entre 1914 y 1930. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p. 105.

Em grande medida, foi a conjuntura econômica que embalou os sonhos do regresso à normalidade. Aquele período, no qual o velho não morreu e tampouco o novo nasceu, foi um tempo de relativa prosperidade e crescimento econômico. Excluindo-se o ano de 1930, quando a Grande Depressão desembarcou na Argentina, após a Crise de 1921⁹⁰, o produto interno bruto cresceu cerca de 65%. Este crescimento chegou a superar, proporcionalmente, tanto globalmente como *per capita*, o dos EUA nos *roaring twenties*, assim como o do Brasil e mesmo o de países cujas estruturas de acumulação guardavam importantes semelhanças com a Argentina, como Canadá e a Austrália.

Tabela 1.1 – PIB da Argentina, Austrália, Canadá, EUA e Brasil, 1921-1930 (dólares constantes de Geary Khamis de 1990, 1913=100)

Ano	Argentina	Austrália	Canadá	EUA	Brasil
1921	109	108	87	112	140
1922	117	114	100	118	150
1923	130	119	105	134	159
1924	140	127	107	138	159
1925	140	133	119	141	159
1926	146	136	125	150	163
1927	157	138	138	152	174
1928	167	138	150	154	195
1929	174	135	150	163	195
1930	167	123	145	149	183
1921-1929	65%	27%	63%	51%	55%
1929-1930	-7%	-12%	-5%	-14%	-12%

Fonte: Elaboração própria a partir de MADDISON, Angus. *The World Economy. A Millennial Perspective*. Disponível em: <http://www.ggdc.net/maddison/Historical_Statistics/vertical-file_02-2010.xls>.

As exportações começaram a dar sinais de recuperação ao fim do ano de 1921 e, no segundo semestre de 1922, a retomada do comércio mundial já podia ser sentida na Argentina. Os preços internacionais dos cereais e das carnes, que haviam sofrido uma queda abrupta em decorrência da depressão mundial de 1920-1921, subiram até os anos de 1924-1925. Após a

⁹⁰ Para a crise de 1921, ver: FEIS, Hebert. The Industrial Situation in Great Britain: From the Armistice to the Beginning of 1921. *The American Economic Review*, v. 11, n. 2, jun. 1921; PERSONS, Warren M. The crisis of 1920 in the United States: A quantitative Survey. *The American Economic Review*, v. 12, n. 1, mar. 1922; THORP, Willard L. Postwar Depressions. *The American Economic Review*, v. 30, n. 5, fev. 1941; TAWNEY, R. H. The Abolition of Economic Controls, 1918-1921. *The Economic History Review*, v. 13, n. 1/2, 1943; e MAZUCHELLI, Frederico. *Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras*. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, FACAMP, 2009. Sobre os impactos da crise na economia argentina, ver: PREBISCH, Raúl. *Anotaciones sobre la crisis ganadera*. Buenos Aires: [s.n.], 1923.

breve retração destes em 1925-1926, o que provocou uma queda de 10% do PIB agropecuário, os preços de exportação voltaram a subir até 1928 e entraram novamente em queda após o *crash* de 1929, até atingirem o patamar de 1922 em 1930. O volume das exportações de carnes, apesar da leve recuperação após a crise de 1921, manteve-se estável durante todo o período. A despeito da volatilidade dos preços internacionais, a produção de milho e trigo bateram recordes de volume de produção e de exportação no período, compensando em muitos momentos a queda dos preços no mercado internacional.

Tabela 1.2 – PIB Agropecuário e Exportação, 1921-1930

ANO	Produto Interno Bruto em Pesos m\$ de 1950				Volume físico (Ton.)	Preços de exportação
	Agricultura	Nº Índice (1913=100)	Pecuária	Nº Índice (1913=100)		
1921	3.649.000.000	113	2.723.000.000	150	5.028.454,00	26,02
1922	3.283.000.000	102	3.310.000.000	182	7.305.101,00	23,69
1923	3.463.000.000	108	3.255.000.000	179	7.408.422,00	25,39
1924	4.285.000.000	133	3.410.000.000	187	9.982.579,00	26,52
1925	3.595.000.000	112	3.284.000.000	180	6.880.324,00	33,67
1926	4.652.000.000	145	3.347.000.000	184	7.768.464,00	27,94
1927	4.862.000.000	151	3.347.000.000	184	13.501.219,00	28,14
1928	5.072.000.000	158	3.280.000.000	180	12.429.983,00	32,26
1929	5.114.000.000	159	3.222.000.000	177	12.385.277,00	28,70
1930	4.159.000.000	129	3.281.000.000	180	7.621.298,00	23,62

Fonte: elaboração própria a partir de CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958, p. 4; DI TELLA e ZYMELMAN, op. cit., p. 162-164, 192, 217 e 257; JUNTA NACIONAL DE CARNES. *Estadísticas básicas*, 1967. In: FERRES, op. cit., p. 407; FERRES, op. cit., p. 731-732.

Mesmo acumulando ao longo da maior parte da década saldos comerciais positivos, a Argentina teve, com exceção dos anos de 1927-28, resultados negativos em sua balança de pagamentos. Esses resultados se deveram a três fatores, a saber, o aumento substancial de remessas ao exterior por parte das empresas estrangeiras, a retomada das importações em decorrência da recuperação econômica e o aumento da dívida pública – a partir daquele momento contraída no mercado financeiro estadunidense e cujo destino foi quase sempre o de cobrir o déficit da balança de pagamentos⁹¹. O crescimento durante a década de 1920, do ponto de vista financeiro, aprofundou a vulnerabilidade do país às flutuações do mercado externo⁹².

⁹¹ DI TELLA, Guido; ZYMELMAN, Manuel. *Los ciclos económicos argentinos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973, p. 206-210.

⁹² RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010, p. 137.

Tabela 1.3 – Balança de pagamentos em Pesos m\$n

<i>Movimentos correntes (CC)</i>	1920-22	1922-23	1923-25	1926	1927	1928	1929	1930
Mercadorias	-252	-180	337	255	656	526	237	-266
<i>Exportação</i>	<i>3168</i>	<i>1743</i>	<i>4200</i>	<i>1824</i>	<i>2324</i>	<i>2428</i>	<i>2196</i>	<i>1414</i>
<i>Importação</i>	<i>3420</i>	<i>1923</i>	<i>3863</i>	<i>1569</i>	<i>1668</i>	<i>1902</i>	<i>1959</i>	<i>1968</i>
Serviços Financeiros	-824	-462	-960	-523	-605	-639	-616	-585
<i>Serviços da dívida pública</i>	<i>-207</i>	<i>-118</i>	<i>-245</i>	<i>-110</i>	<i>-122</i>	<i>-132</i>	<i>-135</i>	<i>-158</i>
<i>Serviços dos investimentos privados</i>	<i>-400</i>	<i>-244</i>	<i>-519</i>	<i>-306</i>	<i>-317</i>	<i>-336</i>	<i>-354</i>	<i>-310</i>
<i>Vários</i>	<i>-217</i>	<i>-100</i>	<i>-196</i>	<i>-107</i>	<i>-166</i>	<i>-171</i>	<i>-127</i>	<i>-117</i>
Capitais Privados	126	52	143	87	51	186	0	280
Ajustes da dívida comercial	3	21	191	2	-25	50	-8	145
Saldo corrente	-947	-569	-289	-179	77	123	-387	-426
<i>Movimentos extraordinários (CK)</i>	1920-22	1922-23	1923-25	1926	1927	1928	1929	1930
Empréstimos públicos	252	62	252	165	234	59	0	238
Repatriação da dívida pública	-147	-39	-44	0	0	0	0	0
Cancelamento de dívida privada	-12	-4	-1	0	0	0	0	0
Empréstimos para França e Inglaterra	203	4	4	0	0	0	0	0
Saldo extraordinário	296	23	210	165	234	59	0	238
Saldo total (BP)	-651	-546	-79	-14	311	182	-387	-188

Fonte: BALBOA, Manuel. La evolución del balance de pagos de la República Argentina, 1913-1930. *Desarrollo Económico*, v. 12, n. 45, abr.-jun., 1972), p. 152-153.

O movimento imigratório, interrompido durante o conflito mundial e principal fonte de mão-de-obra para a economia argentina, também retornou após a guerra. Entre 1920 e 1929, o saldo imigratório foi positivo em quase um milhão de pessoas, chegando perto da média anual de entradas durante o auge imigratório entre 1905 e 1913. Como noutros aspectos, a suposta “volta à normalidade” estava prenhe de novidades: se até 1914, italianos e espanhóis responderam por cerca de 70% dos imigrantes, no entreguerras a origem dos imigrantes esteve mais equilibrada entre italianos, espanhóis e outros europeus, cada um destes grupos contribuindo com cerca de 25% dos imigrantes, além de um expressivo aumento daqueles vindos de países limítrofes⁹³.

⁹³ LATTES, Alfredo E. de; LATTES, Zulma Rechini de (Org.). *La Población Argentina*. Buenos Aires: CECRED, 1974, p. 64-65.

Gráfico 1.1 – Entradas e saídas de imigrantes na Argentina, 1870-1930

Fonte: Elaboração própria a partir de LATTES; LATTES, op. cit., p. 234.

No campo político, a Argentina também parecia ter voltado à “normalidade” do período pré-guerra. Após seu conturbado e *novedoso* governo, Hipólito Yrigoyen (1916-1922), primeiro presidente eleito sob a Lei Saenz Peña e líder máximo da Unión Cívica Radical (UCR), parecia também almejar por uma volta à normalidade. À forte contestação que seu governo sofreu de importantes frações da burguesia argentina, em decorrência da sua aproximação com alguns setores do movimento operário, somava-se agora uma cada vez mais cristalizada oposição interna na UCR, que levaria à ruptura e à formação da Unión Cívica Radical Antipersonalista, em 1924. A divisão era sintoma da dificuldade que o partido tinha em manter a coesão entre os interesses da oligarquia dissidente e dos setores médios urbanos – mais alinhados à plataforma de apelo popular de Yrigoyen – que compunham suas fileiras⁹⁴.

Durante a convenção do partido, realizada no dia 10 de março de 1922, o candidato apadrinhado por Yrigoyen para as eleições presidenciais que seriam realizadas naquele ano, Marcelo Torcuato Alvear, venceu com folga os seus adversários. Segundo Beatriz Alonso, foi o próprio Yrigoyen que, um dia após a convenção, expressou aos seus companheiros, em um café na Avenida de Mayo, que a candidatura de Alvear “[...] serviria para apaziguar os altos círculos sociais do país”. O diário conservador e anti-yrigoyenista *La Nación*, por exemplo, saudava o então embaixador argentino em Paris, e futuro presidente, por estar absolutamente desvinculado das massas. Bisneto de um general da Armada Real Espanhola, Alvear “[...] havia mamado nas tradições de seu país como se fossem elas propriedade privada de sua família ou

⁹⁴ ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977, p. 229.

de sua classe social”. Apesar de seu extravio político – mesmo sendo filho de um prócer da tradicional oligarquia portenha, foi um Radical de primeira hora, fiel seguidor de Leandro Alem e, após o desaparecimento deste, de Hipólito Yrigoyen –, Alvear era muito bem quisto na alta sociedade⁹⁵. Para David Rock, em seu estudo clássico sobre o Radicalismo, “[...] Alvear constituía, então, um símbolo de restauro e reagrupamento das forças do radicalismo, ao mesmo tempo que com ele se pretendia apaziguar os grupos da aristocracia que tantos problemas tinham criado durante as greves [de 1917-1921]”⁹⁶. Nas palavras de Milcíades Peña, “[...] Alvear e sua facção estavam muito mais próximos do Jockey Clube que Yrigoyen e sua gentilha”⁹⁷.

O ressurgimento dos conservadores, assumindo postos chave no Estado, foi uma das principais marcas do governo Alvear, que apenas procurou administrar a situação econômica favorável vivida durante o período. Em mensagem ao Congresso Nacional, lida no dia 8 de maio de 1923, o recém-eleito presidente afirmou que recorreria aos homens mais aptos do país para compor o governo, mesmo que estes estivessem em aberta oposição ao Radicalismo. Segundo a historiadora Virginia Persello, diferentemente do governo de Hipólito Yrigoyen, os principais conflitos enfrentados pela Presidência da República no período não foram com a classe trabalhadora, nem com os tradicionais proprietários rurais, mas

[...] as decisões que o governo tomou resolveram em maior ou menor medida problemas conjunturais, favorecidas por certo retorno à prosperidade, sem implicar em uma redefinição que se ajustasse às novas condições que emergiam do pós-guerra⁹⁸.

A figura de Alvear, por fim, era tão reconfortante para a classe dominante e para os setores conservadores argentinos que, mesmo depois da substituição de alguns ministros conservadores e alinhados ao grande empresariado por figuras mais identificadas ao *modus operandi yrigoyenista*, estes se limitaram a formular críticas ao sistema político em geral, preservando a figura do presidente⁹⁹. Os aguerridos fundadores da protofascista Liga Patriótica

⁹⁵ ALONSO, Beatriz. *La presidencia de Alvear*. Buenos Aires: CEAL, 1986, p. 10-11, 25-41. Ver também: BERTONI, Lilia Ana. Las transformaciones del partido y sus luchas políticas. In: ROMERO, Luis Alberto (Org.). *El Radicalismo*. Buenos Aires: CEPE, 1974, p. 104-105.

⁹⁶ ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977, p. 229.

⁹⁷ PEÑA, Milcíades. *Masas, Caudillos y elites: la dependencia Argentina de Yrigoyen a Perón*. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1971, p. 10.

⁹⁸ PERSELLO, Ana Virginia. *Historia del Radicalismo*. Buenos Aires: EDHASA, 2007, p. 85.

⁹⁹ MARCHESE, Silvia. Estrategias de las organizaciones empresariales para su participación en política. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p. 220-221.

Argentina, que tão ferozmente haviam combatido o governo de Yrigoyen por sua aproximação ao movimento operário, não só apoiaram, como participaram do governo Alvear¹⁰⁰.

O governo apenas reverberou, em um contexto de relativa prosperidade econômica, uma das principais características da UCR: “governar e não mudar nada”¹⁰¹. Além da ausência de um programa político concreto, que fosse além da defesa do sufrágio universal secreto, o partido tampouco possuía um plano econômico, qualquer que fosse. Assim, tanto o governo de Yrigoyen quanto o de Alvear não produziram e nem propuseram qualquer transformação mais profunda na economia argentina, fosse na crise, fosse na prosperidade¹⁰². Tendo em vista essas questões, entre as poucas preocupações que o governo Alvear enfrentou em relação à economia, devemos destacar três. Em primeiro lugar, a queda da arrecadação por parte do setor externo, em segundo, o aumento dos gastos públicos e do endividamento e, por fim, a questão monetária, principalmente em relação às variações cambiais durante o período.

Quanto à queda da arrecadação e ao aumento dos gastos públicos, a crise das importações ao longo da guerra – principal fonte de tributos¹⁰³ – havia exposto a fragilidade do sistema fiscal argentino. Somado a isso, desde 1919 houve um enorme crescimento dos gastos públicos, principalmente pela ampliação do número de funcionários públicos, caminho aberto por Yrigoyen para a construção de sua base política.

Em seu primeiro ano de existência, o governo Alvear sinalizou com medidas radicais para combater o deficit público, sobretudo ameaçando demitir em massa funcionários do governo. Frente a inevitável rebelião das bases Radicais, a partir de 1923, o presidente procurou outras estratégias, tendo em vista não perder a sustentação política que o clientelismo lhe oferecia. Como alternativas à redução do funcionalismo, Alvear adotou duas medidas. A primeira delas, aprovada pelo Congresso no fim de 1923 e que foi fundamental para o

¹⁰⁰ O Almirante Domecq García foi Ministro da Marinha e Manuel Carlés foi interventor nomeado por Alvear na Província de San Juan, entre 1922 e 1923. Sobre a natureza das atividades da organização ao longo do governo Alvear, ver o quinto capítulo de: DEUTSCH, Sandra McGee. *La Contrarrevolución en Argentina, 1900-1932*. La Liga Patriótica Argentina. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003. Já sobre o declínio da atividade da organização irmã da Liga Patriótica Argentina, a Asociación del Trabajo, ver o sétimo capítulo de: RAPALO, María Ester. *Patrones y Obreros: La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2012.

¹⁰¹ Essa caracterização foi feita por Milcíades Peña em: PEÑA, Milcíades. *Masas, Caudillos y elites: la dependencia Argentina de Yrigoyen a Perón*. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1971, cap. I.

¹⁰² “Mesmo aqueles setores mais decididos a transformar o radicalismo em um partido político sustentaram a necessidade de que seu programa [econômico] fosse suficientemente amplo, incluindo apenas aquelas declarações sobre as quais não surgiriam discrepâncias e que, portanto, serviriam para fortalecer a unidade do movimento. Esse programa de unidade devia excluir temas como ‘a teoria livre-cambista ou de proteção às indústrias nacionais’, o que levaria a discussão a um beco sem saída”. GROSSO, Juan Carlos. *Los problemas económicos y sociales y la respuesta radical en el gobierno (1916-1930)*. In: ROMERO, Luis Alberto (Org.). *El Radicalismo*. Buenos Aires: CEPE, 1974, p. 127.

¹⁰³ Segundo Rapoport, 60% do total arrecadado vinha dos impostos sobre a importação. RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010, p. 142.

desempenho da indústria na década de 1920, foi aumentar em cerca de 60% os impostos sobre uma série de produtos importados. O ministro da fazenda, Herrera Vegas, defendeu tal medida diante dos deputados, afirmando que a proteção deveria se limitar a apenas alguns ramos que utilizassem matérias-primas nacionais e, assim, aliviar os deficit comerciais¹⁰⁴. Outra medida implementada pelo governo, mas que não prosperou, em decorrência da forte oposição que enfrentou de sindicalistas e empresários, foi a criação de um sistema previdenciário com aportes dos trabalhadores e dos patrões, cujos fundos arrecadados seriam utilizados para consolidar a dívida do país¹⁰⁵. Esta segunda medida será abordada em outro momento com mais detalhes, já que foi responsável por provocar, em 1924, um dos maiores movimentos grevistas do período da *Pax Alveariana*.

Já em relação à questão monetária, a volta ao padrão ouro era outra expressão do desejo de volta à normalidade pré-1914. A adoção deste sistema monetário, em 1899, havia contraposto aqueles que produziam mercadorias para o consumo interno – e que necessitavam de proteção contra as importações (vinho e açúcar, por exemplo) –, os setores exportadores – que produziam em pesos papel e vendiam em pesos ouro – e o Estado aos importadores e à nascente classe média urbana, grande consumidora de produtos importados. Os grandes defensores da adoção do padrão ouro buscavam controlar de alguma maneira o movimento de valorização do peso em decorrência da expansão comercial do país, o que levava a um “[...] deslocamento da distribuição dos excedentes [...] em favor daqueles que recebiam rendimentos fixos em papel moeda”¹⁰⁶.

Se durante o período de maior prosperidade do complexo agroexportador entre 1899 e 1913, o câmbio fixo de um peso papel (p\$m) igual a 0,44 pesos ouro (p\$o) serviu para contrabalançar a valorização da moeda em decorrência da entrada maciça de metálico, a verdade era que a rigidez da convertibilidade poderia acarretar em uma paralisação e total falta de liquidez, caso as engrenagens que impulsionavam o complexo agroexportador (exportação de alimentos e investimentos estrangeiros) parassem de funcionar. Após os anos de prosperidade, foi justamente o que ocorreu durante a crise dos Balcãs em 1913. O governo argentino abandonou o padrão ouro em decorrência da abrupta redução de suas reservas, medida que foi prorrogada como resultado do início do conflito mundial.

¹⁰⁴ Em seu estudo clássico sobre a indústria argentina, Adolfo Dorfman afirma que “[...] A partir de 1921 iniciou-se entre nós um movimento protecionista que é irregular, inorgânico e que não chega a adquirir os traços pronunciados que se advertiram em outros países”. DORFMAN, Adolfo. *Historia de la Industria Argentina*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones, 1986 (1942), p. 366.

¹⁰⁵ ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977, p. 233-234.

¹⁰⁶ PANETTIERI, José. *Devaluaciones de la moneda (1822-1935)*. Buenos Aires: CEAL, 1983, p. 61-64, 74-78.

Gráfico 1.2 – Cotação de Pesos Moeda Nacional (m\$n) em Libras (£) e Dólares (\$), 1914-1930

Fonte: Elaboração própria a partir de RAPOPORT, op. cit., p. 146.

Porém, o que se observou durante a guerra foi o enorme crescimento das reservas metálicas do país em decorrência da queda das importações e da manutenção, em um certo nível, das exportações. Esta situação acabou levando à valorização do peso até meados de 1920, quando a crise do comércio mundial (1920-1921) reverteu esse cenário e as dificuldades em relação à balança de pagamentos (deficit comercial, serviços da dívida e o pagamento de dividendos aos capitais estrangeiros) levaram as autoridades à postergar a volta ao padrão ouro¹⁰⁷.

Ao reverter o deficit da balança de pagamentos a partir de 1926, o peso voltou a valorizar-se, prejudicando os grupos exportadores, os produtores agropecuários e o Estado, cujo serviço da dívida havia aumentado substancialmente desde o começo da década de 1920. Com a volta ao padrão ouro, esperava-se uma redução considerável das reservas metálicas e a consequente desvalorização do peso. Ao fim de 1927, o governo decretou a volta ao padrão ouro (2,27 pesos moeda nacional por 1 peso ouro), somando-se ao esforço comum dos países centrais naquele período. Alvear deixaria a presidência acreditando ter restaurado a estabilidade monetária, que havia embalado o país nos gloriosos anos de 1899 a 1914¹⁰⁸.

Restauração econômica e política: a fórmula da *Pax Alveariana* pode ser compreendida como uma versão local do processo global de “restauração da burguesia”, como proposto por

¹⁰⁷ PANETTIERI, José. *Devaluaciones de la moneda (1822-1935)*. Buenos Aires: CEAL, 1983, p. 100-102.

¹⁰⁸ RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010, p. 144-147; e ALONSO, Beatriz. *La presidencia de Alvear*. Buenos Aires: CEAL, 1986, p. 118-119.

Charles Maier, a saber, frente à crise econômica e à intensa mobilização e levantes sociais ao fim da Primeira Guerra Mundial, as classes dominantes, por toda parte do globo, adotaram uma combinação de repressão, constitucionalização dos conflitos sociais e transformações econômicas que visavam o restabelecimento da sua hegemonia, fortemente abalada pela vaga revolucionária dos anos de 1917 a 1921¹⁰⁹.

Na Argentina, além da volta à “normalidade” das condições materiais fundamentais de dominação da burguesia local – a recuperação do mercado internacional de cereais e carnes, com a reativação das economias centrais –, contribuiu para encerrar a vaga revolucionária mundial no país a retumbante derrota do movimento operário na greve geral de junho de 1921. À repressão sistemática aos setores mais combativos do movimento operário, após a greve geral de 1919, somou-se a institucionalização das relações com o poderoso sindicato dos ferroviários: com a combativa Federación Obrera Marítima (FOM) destruída após junho de 1921 e a isolacionista La Confraternidad, próxima ao governo¹¹⁰, o período termidoriano da insurreição global de 1917-1921¹¹¹ aportava na Argentina. Apesar do enorme crescimento dos sindicatos de trabalhadores do setor produtivo durante a onda de greves de 1917-1921, em decorrência da proeminência do setor agroexportador, a sorte do movimento operário argentino dependia em boa medida da ação dos sindicatos de trabalhadores vinculados aos transportes. A neutralização destes, fosse via repressão ou cooptação, foi essencial para frear a crescente onda de organização e mobilização¹¹².

A volta à normalidade, porém, como foi dito anteriormente, viria prenhe de duas novidades fundamentais e que devemos destacar a partir de agora, a saber: a emergência dos EUA na economia argentina e o crescimento do setor manufatureiro.

1.3. A economia argentina durante a década de 1920: a irrupção dos Estados Unidos da América

A irrupção dos EUA na economia argentina ocorreu somente após o fim da Primeira Guerra Mundial. Porém, as relações comerciais entre as duas regiões remontam ao período

¹⁰⁹ Ver capítulos 1 e 2 de: MAIER, Charles. *Recasting Bourgeois Europe: stabilization in France, Germany and Italy in the decade before World War I*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

¹¹⁰ Para a relação entre os sindicatos ferroviários e o governo Alvear ver: HOROWITZ, Joel. *El radicalismo y el movimiento popular* (1916-1930). Buenos Aires: Edhasa, 2015, p. 192-202.

¹¹¹ MAIER, op. cit., p. 135-138.

¹¹² Sobre essa relação, ver: FERREIRA, Fernando Sarti. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, cap. 6 e “A ordem reina em Buenos Aires”.

anterior à independência do país sul-americano¹¹³. Ainda em 1799, o rei Carlos V autorizou o comércio estadunidense no Rio da Prata. O interesse das autoridades dos EUA em relação à região ficou ainda mais evidente nos anos seguintes: um mês e três dias após a Revolução de Maio de 1810, o governo dos EUA designou um representante comercial em Buenos Aires. No ano seguinte, o país do norte foi o primeiro a ter um funcionário oficial reconhecido pelo Primeiro Triunvirato (1811-1812) a governar as Províncias Unidas do Rio da Prata.

Apesar desses movimentos de aproximação, o comércio entre os dois países até a década de 1860 se limitou à venda de charque argentino para as plantações sulistas e à compra de farinha de trigo estadunidense. A Guerra de Secessão (1861-1865) e a consequente interrupção do fornecimento de charque, somadas à ampliação da produção de trigo e à expansão da produção lanífera nos pampas argentinos, reduziram abruptamente o comércio entre os dois países na década de 1860, fazendo-o retroceder aos volumes e valores da década de 1820. A despeito de um contínuo crescimento entre 1875 e 1914, momento de consolidação dos Estados Unidos como a principal potência industrial do mundo, o comércio entre os dois países – sempre deficitário para o país sul-americano – somente ultrapassou o volume de comércio entre, por exemplo, a Argentina e a Bélgica na década de 1900, ficando atrás durante todo período da Grã-Bretanha (que respondia por quase 30% de todo o comércio exterior argentino), França e Alemanha¹¹⁴. Segundo o historiador Arthur P. Whitaker, até o século XX os EUA não tinham nenhum interesse econômico que compensasse a distância entre os dois países: se em um primeiro momento havia pouca complementariedade entre as duas economias, a partir de 1870 a Argentina passou a competir com os EUA na comercialização de cereais e carnes com a Europa¹¹⁵.

Em relação aos investimentos diretos e indiretos dos EUA na Argentina, a situação não era diferente. É necessário destacar que a tímida presença dos capitais estadunidenses na Argentina não era um privilégio desse país. Os investimentos dos EUA na América Latina, em sua grande maioria diretos, apesar do crescimento no período – entre os anos de 1897 e 1914 saltaram de 300 milhões para quase 1,6 bilhão de dólares –, concentravam-se majoritariamente em quatro países: México, Cuba, Chile e Peru¹¹⁶.

¹¹³ Para as relações comerciais entre a Argentina e os EUA, ver: SOMMI, Luis V. *Los Capitales Yanquis en la Argentina*. Buenos Aires: Monteagudo, 1949, p. 42-50.

¹¹⁴ RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010, p. 81.

¹¹⁵ WHITAKER, Arthur P. *The United States and Argentina*. Cambridge: Harvard University Press, 1954, p. 87.

¹¹⁶ GLADE, William. A América Latina e a Economia Internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. De 1870 a 1930. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p. 65.

A exceção a esse panorama foi a instalação de frigoríficos na Argentina, no início do século XX, e que já antecipava a maneira pela qual parte dos capitais oriundos dos EUA iria atuar no país. Na esteira da decadência da produção do charque e da incorporação de novas terras ao setor agroexportador entre as décadas de 1860 e 1880 na Argentina, e do aumento da demanda de alimentos por parte dos países industriais europeus, a corrida travada entre franceses, ingleses e estadunidenses para elaboração de um método seguro e higiênico para o transporte de carnes surtiu efeito na década de 1870, quando surgiram os navios frigoríficos¹¹⁷.

A partir da década de 1880, estabelecimentos frigoríficos, tanto de capitais argentinos quanto ingleses, começaram a se instalar na região do Prata. De 1907 em diante, ocorreu a consolidação definitiva da indústria frigorífica na Argentina. Nesta segunda etapa de expansão, a indústria da carne diversificou-se, tanto para atender o mercado externo quanto o crescente mercado interno, e teve como principal característica a entrada maciça de capitais estadunidenses no ramo: a chegada ao país do “Clube de Chicago” – o grande truste da indústria alimentícia estadunidense formado por Armour, Swift e Hammond and Moris. O truste tinha a liderança mundial na produção de carnes e se destacava desde meados de 1880 como indústria de ponta no ramo¹¹⁸.

Apoiando-se na existência de uma infraestrutura já organizada anteriormente pelo capital britânico – estradas de ferros, companhias de navegação atuando no transporte de carnes, melhoramento do gado nacional por meio de cruzamentos e a integração vertical entre os produtores rurais, frigoríficos e instalações portuárias¹¹⁹ – os frigoríficos estadunidenses puderam se aproveitar da situação, tanto para tentar retomar o espaço perdido no mercado britânico como para se livrar dos insubordinados trabalhadores da carne de Chicago. Introduzindo novas técnicas de produção – o resfriamento da carne, ao invés de seu congelamento, assim como um aproveitamento mais racional das diversas partes do gado e a introdução de métodos de “organização científica o trabalho” –, o “Clube de Chicago” chegou no mercado argentino, segundo Jorge Schvarzer, com a sutileza de um elefante.

Os frigoríficos estadunidenses acentuaram o processo de centralização de capitais no ramo – em resposta, os maiores frigoríficos britânicos fundiram-se criando a The River Plate

¹¹⁷ BARSKY, Osvaldo; DJENDEREDJIAN, Julio. *Historia del capitalismo agrario pampeano*. La expansión ganadera. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003, p. 376-380; BARSKY, Osvaldo; GELMAN, Jorge. *Historia del agro argentino: desde la conquista hasta fines del siglo XX*. Buenos Aires: Grijalbo Mondadori, 2001, p. 146-160; PANETTIERI, José. *Argentina: Historia de un país periférico, 1860-1914*. Buenos Aires: CEAL, 1986, p. 149 et seq.; SCHVARZER, Jorge. *La industria que supimos conseguir*. Buenos Aires: Planeta, 1996, p. 79.

¹¹⁸ PANETTIERI, José. *Síntesis histórica del desarrollo industrial argentino*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 1969, p. 35.

¹¹⁹ GRAVIL, Roger. *The Anglo-Argentine connection, 1900-1939*. Boulder: Westview Press, 1985, p. 62.

Fesh Meat Co. – e, em menos de dez anos de atuação no país, conseguiram derrotar o *pool* de frigoríficos anglo-argentinos, abocanhando uma cota de 58,5% do total de exportações da carne argentina – não sem protestos tanto no parlamento argentino como no britânico¹²⁰. Contudo, apesar do estratégico posicionamento dos capitais estadunidenses na indústria frigorífica, ainda assim os investimentos oriundos daquele país na Argentina, até 1914, somavam apenas 1,2% do total investido. A maior presença dos capitais estadunidenses no país e na América Latina teria mesmo de esperar até o conflito mundial, período em que o comércio entre os dois países americanos também teve um incremento substancial.

Tabela 1.4 – Comércio exterior: exportações, importações e saldo comercial da Argentina com a Inglaterra e os EUA, 1914-1929 (em milhões de dólares de 2009)

ANO	Inglaterra			ANO	EUA		
	<i>Exportações</i>	<i>Importações</i>	<i>Saldo</i>		<i>Exportações</i>	<i>Importações</i>	<i>Saldo</i>
1914	113,52	105,62	7,90	1914	47,64	41,90	5,74
1915	163,62	86,76	76,87	1915	89,11	71,88	17,23
1916	162,31	99,39	62,92	1916	115,30	103,03	12,27
1917	160,33	82,72	77,61	1917	160,76	137,64	23,11
1918	310,35	126,92	183,43	1918	167,56	171,98	-4,42
1919	290,75	152,65	138,10	1919	186,92	230,11	-43,18
1920	250,25	195,60	54,65	1920	137,92	277,73	-139,82
1921	148,40	125,87	22,54	1921	42,87	145,38	-102,52
1922	123,29	132,65	-9,36	1922	65,47	125,20	-59,74
1923	148,05	161,95	-13,89	1923	70,39	145,90	-75,51
1924	182,32	150,72	31,59	1924	55,92	142,18	-86,26
1925	189,64	174,92	14,72	1925	65,36	188,27	-122,91
1926	183,14	146,21	36,92	1926	66,38	186,61	-120,23
1927	275,06	160,30	114,75	1927	80,72	209,76	-129,04
1928	291,24	158,17	133,07	1928	84,04	186,95	-102,91
1929	291,78	144,51	147,26	1929	88,97	216,03	-127,06

Fonte: DGEC. *Anuario de Comercio Exterior*, 1944. In: FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 701, 726.

Entre 1890 e 1913, o valor das exportações argentinas para os EUA representavam cerca de 5% do total e 12% de suas importações, enquanto em relação à Grã-Bretanha estes valores eram de 19% e 33%, respectivamente. Após a Guerra, apesar do país europeu ter aumentado substancialmente sua participação no valor total das exportações argentinas, cerca de 28% do total, os EUA não apenas ampliaram sua participação como destino das exportações argentinas,

¹²⁰ SMITH, Peter H. *Carne y política en la Argentina*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986, p. 42-43.

chegando aos 13% do total destas, mas superaram os britânicos sendo responsáveis por 26% do total das importações do país sul-americano, enquanto os primeiros reduziram sua participação à 22,5%. O tradicional comércio com os britânicos, que parecia ter se restabelecido, era outra peça da miragem da “normalização”. Os excedentes produzidos pela venda de alimentos e matérias-primas para os britânicos, e que voltavam para o centro do império em forma de importações de bens de capital e produtos industrializados, agora eram desviados para os Estados Unidos¹²¹.

A maior presença dos Estados Unidos se fez notar também em relação aos investimentos estrangeiros. A perda da proeminência dos capitais britânicos, especialmente para outros países europeus, já era uma tendência observada desde a primeira década do século XX. Entre 1900 e 1909, apesar do crescimento absoluto dos investimentos, a participação dos capitais britânicos reduziu-se de 81% para 65% do total de investimentos estrangeiros na Argentina. Ainda assim, em 1913, os investimentos britânicos na Argentina representavam 42% do total de capitais alocados na América Latina pelo Reino Unido e 8,5% do total mundial dos investimentos externos do império. Após o conflito mundial, e principalmente a partir de 1921, enquanto a presença de britânicos e outros países europeus estagnou ou mesmo regrediu, o fator dinâmico do desenvolvimento dos investimentos estrangeiros foi responsabilidade dos capitais estadunidenses.

Tabela 1.5 – Investimentos estrangeiros na Argentina segundo ramo de atividade, 1913-1931 (em milhões de dólares de 1950)

Ano	Ferrovias (Reino Unido)	Investimentos diversos				Valores Públicos	Total Geral
		Reino Unido	EUA	Outros Países	Total		
1913	1037	365	39	1044	1448	651	3136
1917	1062	386	58	1093	1537	634	3233
1923	1134	386	87	922	1395	560	3089
1927	1187	453	265	825	1544	743	3474
1931	1312	444	360	837	1641	708	3611

Fonte: Elaboração própria a partir de CEPAL. *El Desarrollo Económico de la Argentina*, 1958, p. 256; e REGALSKY, Andrés Martín. *Las inversiones extranjeras en la Argentina: 1860-1914*. Buenos Aires: CEAL, 1986.

¹²¹ O'CONNELL, Arturo A.; SANTOS, Mario R. dos. La Argentina y la economía atlántica en la primera mitad del siglo XX. *Desarrollo Económico*, v. 13, n 49, abr.-jun. 1973, p. 3-65.

A estagnação dos “tradicionais investimentos estrangeiros” e o crescimento dos provenientes dos EUA foram a expressão de uma conjunção de fatores internos e externos à economia argentina.

Do ponto de vista externo, o fim da Primeira Guerra Mundial marcou a transformação dos EUA no principal centro econômico do globo. De grande devedor, o país se transformou no maior credor do mundo e Nova York se tornou o centro financeiro do mercado mundial. Após os ajustes provocados pela crise do pós-guerra, nos anos de 1920-1921, e consolidada sua nova posição nas finanças internacionais, os EUA deram início a um “[...] eufórico ciclo expansivo, que se acreditava inesgotável”. Entre 1921 e 1929, o PIB dos EUA cresceu 51% e a produção industrial cerca de 88%. O país entrou na Era dos Grandes Negócios, sendo os postos chave do governo ocupados por gente do *business* e as relações internacionais comandadas pelos grandes bancos¹²².

A prosperidade da economia estadunidense dos anos 1920 foi patrocinada pela expansão dos créditos bancários “[...] que abrangeram o consumo, o investimento, a especulação e os mercados financeiros internacionais”¹²³. A reconversão da indústria de guerra para a economia de paz, financiada pela avalanche de créditos fornecidos pelo sistema bancário, trouxe consigo uma série de inovações tecnológicas que passaram a ser aplicadas na indústria com novo maquinário e com o emprego massivo da chamada “organização científica do trabalho”, possibilitando o desenvolvimento da produção em massa de diversos bens de consumo duráveis¹²⁴. Essas inovações tecnológicas, que já se insinuavam no horizonte desde meados do século XIX, encontraram um ambiente perfeito para sua proliferação no período pós-guerra. Para o historiador Harold Faulkner, “Foi a intensificação de tendências anteriores antes que uma transformação estrutural o que proporcionou a chave para compreender o auge econômico da década de 1920”¹²⁵.

Todavia, tal prosperidade deve ser relativizada, uma vez que esta não foi experimentada, ou foi muito marginalmente, em diversas regiões, ramos de produção e por diversos grupos sociais, em especial a população negra. A superprodução resultante do fim da demanda da Europa em guerra levou a agricultura do meio-oeste à estagnação. A difusão do motor à explosão e da energia elétrica abalaram a indústria carbonífera. Por outro lado, o período

¹²² MAZZUCHELLI, Frederico. *Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras*. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, FACAMP, 2009, p. 191-195.

¹²³ Ibidem, p. 201.

¹²⁴ WRIGHT, Chester Whitney. *Economic History of the United States*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1949, p. 771.

¹²⁵ FAULKNER, Harold Underwood. *História Económica de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1954, p. 679.

registrou um nível alto de desemprego em decorrência das inúmeras inovações técnicas. Estas fizeram com que, por exemplo, a manufatura têxtil de Massachusetts perdesse 200 mil postos de trabalho durante a década de 1920. Ainda segundo Faulkner, a produtividade por trabalhador cresceu naquela década em 12%, enquanto os salários, apesar de um aumento real, não modificaram sua participação no produto total¹²⁶. Essa característica da expansão estadunidense pode ser evidenciada por outros dados coletados por Harry A. Millis e Roy E. Montgomery. Segundo os economistas, a média anual de assalariados contratados nas manufaturas estadunidenses cresceu, entre 1923 e 1929, apenas 6,1%, enquanto a força-cavalo (H.P.) empregada nas indústrias cresceu cerca de 30% e o valor adicionado por estas, 23,3%¹²⁷. O ganho de produtividade na indústria parecia não ter limites e se alimentava cada vez mais da enorme liquidez do sistema bancário, que por sua vez, ansiava por saídas rentáveis para suas enormes reservas¹²⁸.

A inversão dos “destinos financeiros” dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha após a guerra, ou seja, a transformação do país norte-americano de devedor em credor do império britânico, somada à abundância de capitais em seu sistema bancário, possibilitaram que os EUA, com notável rapidez, ganhassem posições como investidores e intermediários financeiros, principalmente na América Latina¹²⁹.

Apesar dessa maior presença do ponto de vista quantitativo, deve-se destacar, no caso argentino, que o incremento dos investimentos e do comércio com os estadunidenses após a guerra foi qualitativamente diferente do que chamamos de “tradicionais investimentos estrangeiros”. Durante a década de 1920, cerca de metade destes se dirigiu a empresas industriais e serviços públicos, como a telefonia e a produção de energia elétrica¹³⁰. Segundo Faulkner:

A imigração de bilhões de dólares norte-americanos a outras partes do mundo não se devia simplesmente a que a prosperidade da década de 1920 tivesse criado excessos de riqueza atraídos para os investimentos exteriores pelas altas taxas de juros; se devia também, em parte, a que os interesses econômicos norte-americanos se estendiam por todas as partes para ampliar os negócios. A maior parte das grandes empresas norte-americanas, como a *Ford Motor*

¹²⁶ FAULKNER, Harold Underwood. *História Económica de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1954, p. 681-682.

¹²⁷ MILLIS, Harry Alvin; MONTGOMERY, Royal Ewert. *Labor's progress and some basic labor problems*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1938, p. 7; 20.

¹²⁸ WRIGHT, Chester Whitney. *Economic History of the United States*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1949, p. 776.

¹²⁹ FAULKNER, op. cit., p. 766-767; MAZZUCHELLI, Frederico. *Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras*. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, FACAMP, 2009, p. 208-209.

¹³⁰ CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958, p. 261.

Company, a *General Motors*, a *General Electric*, a *Standard Oil*, a *International Telephone and Telegraph* e a *International Harvester*, instalaram estabelecimentos próprios ou chegaram a controlar companhias estrangeiras¹³¹.

O novo tipo de empresa capitalista, integrada verticalmente, vinculada às inovações da Segunda Revolução Industrial e gestada ao fim do século XIX nos Estados Unidos, viu rapidamente suas possibilidades de lucro limitadas pelo mercado interno e passou a atuar em países estrangeiros¹³². Como resultado da internacionalização da economia estadunidense, o comércio de bens de capital para as filiais espalhadas pelo mundo ou, também, para importadores locais, cresceu substancialmente.

É importante destacar, também, que ao longo das primeiras décadas do século XX, a indústria produtora de bens de capital já extrapolava as fronteiras nacionais dos países centrais e negociava seus produtos pelo mundo: o setor metalmeccânico, que em 1899 era responsável por 27,1% do comércio mundial de máquinas, em 1929, correspondia a 47,3% deste. No caso específico da indústria de máquinas estadunidenses, ao terminar a guerra, esta contava com 4.000 fábricas que empregavam cerca de 400.000 trabalhadores. Do total da produção de máquinas em 1919, cerca de 17% eram destinadas à exportação. Em alguns ramos específicos, como a produção de máquinas metalmeccânicas, as destinadas à mineração, à produção de papel e imprensa, o valor exportado ultrapassava os 20% do total produzido; no caso das máquinas para fabricar sapatos, os valores exportados eram 38% sobre o total¹³³. Já em 1930, os EUA eram responsáveis pela produção de 57% do total das máquinas industriais e por 35% do valor de máquinas industriais negociadas no mercado internacional¹³⁴.

Que possibilidades encontraram as empresas estadunidenses para a “invasão” da Argentina – fosse essa por meio de suas filiais ou pela exportação de máquinas – durante a década de 1920? Que transformações ocorridas no país possibilitaram que os capitais estadunidenses suplantassem as tradicionais formas de investimento estrangeiro, vinculadas direta e indiretamente à produção agroexportadora? Devemos nos debruçar sobre estas questões na próxima seção.

¹³¹ FAULKNER, Harold Underwood. *História Económica de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1954, p. 768.

¹³² ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro e São Paulo: Contraponto Editora e Editora da Unesp, 1996, p. 249.

¹³³ Ver o folheto: U.S. GOVERNMENT. *Export Helps*: Industrial Machinery Division. Washington: Government Printing Office, 1922.

¹³⁴ RASTALL, Walter Henry. *Industrial Machinery, 1930*. Washington: U.S. Govt. Print. Off., 1931, p. IV.

1.4. A economia argentina durante a década de 1920: transformações no campo e na cidade. Mercado consumidor, mecanização e penetração dos capitais estadunidenses

Em relação ao desenvolvimento interno da economia argentina, antes do início do conflito mundial, a ocupação das terras na pampa úmida já havia se completado, terminando com a expansão horizontal da produção agropecuária – atividade que havia exercido a maior atração de capitais até então. A estagnação dos investimentos em ferrovias, cuja maior expressão foi a diminuição abrupta de seu crescimento a partir da guerra, foi um reflexo direto do teto atingido pelo setor agroexportador no período. A expansão da rede ferroviária não tinha tanto sentido para os capitais britânicos, uma vez que as áreas mais produtivas do país já estavam completamente integradas ao sistema de transporte por trilhos e ligadas aos principais portos. A superfície cultivada de milho e trigo, os dois principais cereais exportados pela Argentina, cresceu, entre 1900 e 1915, 145%; de 1915 até 1930, teve um incremento de apenas 33%. Porém, isto não significou a diminuição da produção: a exploração mais intensiva dos pampas foi outro fenômeno observado no período. O rendimento por hectares colhidos de trigo e milho, na década de 1920, foi 19% e 32% maior, respectivamente, que na década de 1910¹³⁵. Maior rendimento pelo aumento da composição orgânica do capital aplicado à agricultura: a média de investimentos brutos em máquinas e equipamentos agrícolas na década de 1920 cresceu 124% em relação a década de 1910¹³⁶.

A Argentina, desde o início do século XX, já era uma grande compradora de maquinário agrícola estadunidense. No entanto, durante a década de 1920, o país se transformou no principal mercado desses produtos. Em um informe produzido no ano de 1925 para o birô de comércio exterior, o assistente de comércio do governo estadunidense em Buenos Aires, Sherwood H. Avery, afirmava: “A Argentina oferece um excelente e cada vez maior mercado para maquinaria agrícola produzida nos Estados Unidos e hoje é o maior mercado estrangeiro para essas manufaturas [...]”, sendo as exportações para o país sul-americano, no ano de 1924, maiores que as feitas para o Canadá e a França juntos, outros dois países que compunham a lista dos três maiores compradores de maquinaria agrícola estadunidense¹³⁷. O número de máquinas ceifeiras debulhadoras saltou de 1.760, em 1914, para 32.831, em 1929¹³⁸. Já em

¹³⁵ Para os dados relativos à superfície cultivada e o rendimento da produção agrícola, ver: FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 369.

¹³⁶ CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958, p. 85.

¹³⁷ AVERY, Sherwood H. Markets for agricultural implements and farm machinery. In: ARGENTINA and Uruguay. *Trade Information Bulletin*. Washington: Government Print Office, n. 366, 1925, p. 19.

¹³⁸ GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 85-86.

relação ao valor das principais máquinas agrícolas exportadas dos Estados Unidos para a Argentina, a evolução foi a seguinte:

Tabela 1.6 – Valores das exportações de máquinas agrícolas dos EUA para a Argentina em dólares de 1929 (1929=100)

ANO	Equipamentos de cultivo	Máquinas colheitadeiras	Debulhadoras
1921	21	4	174
1922	21	5	45
1923	49	15	233
1924	59	27	344
1925	90	24	118
1926	60	39	237
1927	53	48	103
1928	50	58	161
1929	100	100	100
1930	50	41	16

Fonte: Elaboração própria a partir de BUREAU OF FOREIGN AND DOMESTIC COMMERCE. *Foreign Commerce and Navigation of the United States*, 1920-1931.

Ainda segundo o informe de Avery, 80% do mercado argentino de máquinas agrícolas era atendido por empresas estadunidenses que até mesmo “[...] realizavam estudos sobre os tipos de ferramentas e máquinas mais bem adaptadas à Argentina”¹³⁹. Tamanho era o domínio das empresas estadunidenses – uma situação que deixava os britânicos desesperados, segundo um informe da embaixada daquele país produzido no mesmo período¹⁴⁰ – que Avery afirmava que a única competição que estas empresas poderiam enfrentar no mercado argentino era a de suas próprias conterrâneas.

As importações de máquinas agrícolas estadunidenses chegaram até mesmo a incentivar o surgimento de uma incipiente produção nacional. As empresas argentinas do ramo eram, com algumas poucas exceções, pequenas empresas que, em sua totalidade, produziam peças e reparavam máquinas estadunidenses¹⁴¹. Porém, não se deve superestimar esse desenvolvimento, uma vez que o boletim do Departamento de Comércio Ultramarino britânico do ano de 1927 – que novamente lastimava o fato do Reino Unido não ter conseguido emplacar sequer um modelo de debulhadora, cuja demanda crescia de maneira “[...] assombrosa na Argentina” – informava que as máquinas agrícolas no Canadá tinham o dobro da vida útil das usadas na Argentina e que isso ocorria pela falta de técnicos e mecânicos no país¹⁴².

¹³⁹ AVERY, Sherwood H. Markets for agricultural implements and farm machinery. In: ARGENTINA and Uruguay. *Trade Information Bulletin*. Washington: Government Print Office, n. 366, 1925, p. 25.

¹⁴⁰ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*. Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1924, p. 21.

¹⁴¹ AVERY, op. cit., p. 27-28.

¹⁴² *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*. Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1927, p. 27-28.

As máquinas agrícolas, em geral, eram negociadas por representantes de indústrias americanas e importadores locais, cujos vendedores percorriam todo o interior oferecendo seus produtos. Em média, os preços praticados na Argentina eram de 100 a 150% maiores do que nos EUA, em se tratando da maquinaria pesada, e de 20 a 35%, para os produtos menores. Porém, esses lucros podiam ser multiplicados: Avery destacava como era importante estar atento às flutuações cambiais, uma vez que a escolha do momento exato para remeter dividendos para a matriz poderia multiplicar os lucros de um ano de trabalho¹⁴³.

Por outro lado, se o campo, ao esgotar as possibilidades de um crescimento extensivo, transformava-se em um mercado consumidor importante de bens industrializados, foi a expansão do mercado interno urbano que impulsionou o crescimento da produção industrial no país. A população na Argentina entre 1913 e 1930 saltou de cerca de 7 milhões para quase 12 milhões de habitantes, sendo que, neste último ano, 57,1% destes viviam em cidades, contra 51,9%, em 1913. A cidade de Buenos Aires no ano de 1929 já ultrapassava os 2 milhões de habitantes¹⁴⁴. O PIB *per capita*, que durante o conflito mundial teve uma importante retração, retomou o crescimento em 1918, chegando aos patamares de 1913 em 1923. A partir desse ano, até a Crise de 1929, seu crescimento foi de 13%¹⁴⁵.

Com relação à indústria, Javier Villanueva já havia revelado, em seu clássico estudo sobre a industrialização anterior à década de 1930, baseando-se principalmente em dados dos censos industriais, que, em 1935, cerca de 78% do valor da produção industrial proveio de estabelecimentos fundados antes de 1930, que representavam 66% do total de estabelecimentos industriais; em 1946, esses estabelecimentos ainda eram responsáveis por 60% do valor da produção e por 36% do total de indústrias¹⁴⁶. A importância da década de 1920 é crucial para entender o processo de substituição de importações durante os anos 1930.

O crescimento do PIB desse setor, entre 1921 e 1930, foi de 79%, enquanto de 1911 a 1920, foi de apenas 7%¹⁴⁷. O volume físico da produção industrial (cálculo realizado ponderando o valor agregado) cresceu 86% contra 7%, nos respectivos períodos. A participação da produção industrial no produto interno bruto aumentou de 15,5%, em 1920, para 18,6%, em

¹⁴³ AVERY, Sherwood H. Markets for agricultural implements and farm machinery. In: ARGENTINA and Uruguay. *Trade Information Bulletin*. Washington: Government Print Office, n. 366, 1925, p. 72-73.

¹⁴⁴ FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 236.

¹⁴⁵ PIB calculado a preços de mercado em Pesos de 1993, cf. FERRERES, op. cit., p. 350-351.

¹⁴⁶ VILLANUEVA, Javier. El origen de la industrialización argentina. *Desarrollo Económico*, v. 12, n. 47, out.-dez., 1972, p. 471-476.

¹⁴⁷ Em pesos, moeda nacional de 1950, cf. CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958, p. 6.

1930, enquanto o setor agropecuário reduzia sua participação de 29,9% para 21,4%¹⁴⁸. Durante a década de 1920, o volume físico de produção cresceu acima de 40% em todos os ramos analisados pelos estudos da CEPAL.

Tabela 1.7 – Volume físico da produção industrial (1950=100)

ANO	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
1921	42	40	12	49	49	54	45	29	12	10
1922	45	56	12	50	57	67	55	32	10	14
1923	53	69	11	56	72	54	68	43	12	10
1924	56	41	15	58	72	74	70	37	16	15
1925	63	53	12	60	69	42	89	43	23	20
1926	59	51	15	64	64	45	88	46	26	18
1927	60	52	13	70	70	45	92	47	29	25
1928	58	71	17	75	78	68	108	49	37	33
1929	59	70	13	75	88	98	108	55	42	37
1930	59	68	22	70	80	70	109	48	35	44

Sendo: (a) Alimentos e bebidas; (b) Tabaco; (c) Têxtil; (d) Confecções; (e) Madeira; (f) Papel e Cartão; (g) Imprensa e Publicações; (h) Produtos Químicos; (i) Metais (excluindo Máquinas); (j) Veículos e Máquinas
Fonte: CEPAL, op. cit., p. 11.

Os lamuriosos informes comerciais britânicos da década de 1920, completados por outros documentos do período, são fontes interessantes de informações desagregadas sobre o crescimento da indústria argentina no período. O informe de 1924, por exemplo, afirmava que a indústria local já havia fechado a possibilidade de comercialização de alimentos, bebidas não alcóolicas, sapatos e botas, utensílios de latão, artigos de couro, chapéus, pincéis, sabonetes, roupas em geral e lençóis britânicos. Garrafas e outros produtos de vidro, importados principalmente da Alemanha e da Bélgica, também tinham sido substituídos pela indústria local. Os móveis de madeira produzidos localmente, apesar de “[...] não poderem ser comparados em termos de *design* e qualidade com o produto europeu”, também começavam a se destacar¹⁴⁹.

Em 1925, o informe britânico afirma que 70% dos produtos de borracha consumidos no país eram produzidos nacionalmente. Em relação à importação de caminhões, ela se limitava aos chassis, uma vez que quase todas as carrocerias eram construídas na Argentina: nos primeiros seis meses daquele ano foram importados 96 caminhões e 4.400 chassis de caminhão¹⁵⁰. Na edição de abril de 1929 da revista da Câmara de Comércio dos EUA na

¹⁴⁸ GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 90.

¹⁴⁹ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1924, p. 38-39.

¹⁵⁰ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1925, p. 33-34.

Argentina, um artigo sobre o progresso do transporte automotor no país informava que já não se importavam ônibus com carrocerias e que “Todo tipo de carroceria de caminhão, do transporte leve de entregas ao de coleta de lixo e tanques líquidos são construídos localmente”¹⁵¹. Um folheto da Asociacion Argentina de Importadores de Automóviles y Anexos, do período, saudava em suas páginas as mais de 50 fábricas de carrocerias que surgiram na Capital Federal em decorrência da “[...] livre importação de chassis”¹⁵². Ao final do boletim britânico do ano de 1925, em um informe sobre a feira industrial realizada em Buenos Aires, o adido afirmava: “Não há dúvidas de que cedo ou tarde as indústrias britânicas devem pensar seriamente em começar a produzir localmente”¹⁵³.

Nos anos seguintes, a publicação britânica continuava dando destaque ao crescimento da indústria nacional. Em 1927, o relatório afirmava que todo o tipo de roupa íntima feminina era produzido localmente e que 80% dos artigos de couro consumidos no país era nacional¹⁵⁴. O crescimento da indústria de calçados pode ser visto também pelos dados levantados por Florentino Tornello, em sua tese de conclusão do curso de Economia da Universidade de Buenos Aires, publicada na revista da instituição, em 1928. Segundo Tornello, a importação de sapatos iniciou seu declínio durante o conflito mundial e, na década de 1920, a produção nacional já havia praticamente substituído as importações. Em 1913 foram importados 85 mil pares e, a partir do ano de 1921, as importações não ultrapassaram mais que 2 mil pares, o que levou a produção nacional a alcançar a marca de 20 milhões de pares produzidos no ano de 1925, quase um par e meio por habitante¹⁵⁵. O adido britânico encerrava o informe de 1927 afirmando que “[...] As evidências de tal expansão [da indústria] pode ser sentida em qualquer ramo pelo aumento das dificuldades que muitos produtores estrangeiros e seus agentes de venda têm enfrentado”¹⁵⁶. Em 1928, o adido voltava ao tema afirmando que o crescimento industrial argentino não só tinha tido um papel importante no desenvolvimento econômico do país, durante toda a década de 1920, como já produzia “[...] um desvio no curso das importações dos produtos manufaturados para suas matérias primas”¹⁵⁷.

¹⁵¹ TEWKSBURY, Howard H. Argentina Making Steady Progress in Automotive Transportation. *Comments on Argentine Trade*, v. IX, n. 3, out. 1929, p. 27-28.

¹⁵² ASOCIACION ARGENTINA DE IMPORTADORES DE AUTOMÓVILES Y ANEXOS. *Es indispensable la importación libre de los camiones para abaratar el transporte terrestre*, Folheto, 1930, p. 10.

¹⁵³ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1925, p. 58-59.

¹⁵⁴ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1927, p. 35.

¹⁵⁵ TORELLO, Florentino N. La industria del Calzado en la Republica Argentina. *Revista de Ciencias Económicas*, n. 82, maio 1928, p. 1894-1895.

¹⁵⁶ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1927, p. 52-53.

¹⁵⁷ *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1928, p. 67.

Alguns outros números corroboram esse cenário de intenso crescimento do mercado interno. O consumo médio anual *per capita* de carnes (bovina, ovina e porcina), durante o período, na Argentina, foi de 94 kg, 18 kg a mais que no ano de 1914¹⁵⁸. O consumo de cerveja cresceu, entre 1921 e 1928, 32%, sendo que o recorde de produção, em litros, no último ano só foi superado em 1943¹⁵⁹. Já o consumo de vinho nacional cresceu 26%¹⁶⁰ e o de farinha de trigo 30%¹⁶¹. Em relação ao azeite comestível, seu consumo passou de quatro litros *per capita*, entre 1910 e 1914, para quase seis litros por habitante na década de 1920. O consumo anual de cigarros saltou de 500 milhões de pacotes, em 1920, para 680 milhões, em 1929¹⁶². A produção de cimento passou de 75 mil toneladas, em 1921, para 412 mil toneladas, em 1930, aumentando o consumo de cimento por habitante de 24 para 63 kg por ano¹⁶³. Assim, à expansão do consumo suntuoso de automóveis – cujo número por mil habitantes cresceu mais de seis vezes ao longo da década de 1920, sendo a marca de 36 automóveis por mil habitantes atingida no ano de 1930, somente novamente superada no ano de 1958 – e dos moderníssimos telefones – o número de linhas cresceu 63%¹⁶⁴ –, somava-se a de bens de consumo massivo e de alimentos.

O crescimento industrial do período voltou-se, sobretudo, para o mercado interno. Devemos destacar que além dos mecanismos de proteção tarifária, da retomada do comércio exterior e dos investimentos externos, o período que vai de 1921 a 1930 foi precedido de um importante aumento dos salários pagos aos trabalhadores das indústrias em decorrência do ciclo de greves entre 1917 e 1921. O saldo da onda de greves foram salários industriais reais 52% mais altos no ano de 1922, que em comparação ao ano de 1917, e 24% mais altos que os salários pagos antes do início do conflito mundial, em 1913. Após esta substancial recuperação, os salários industriais reais continuaram registrando uma trajetória de crescimento durante boa parte da década de 1920.

¹⁵⁸ Elaborado a partir de: JUNTA NACIONAL DE CARNES. *Estadísticas Básicas*. 1967. In: FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 411.

¹⁵⁹ Elaborado a partir de: CÁMARA DE LA INDUSTRIA CERVECERA ARGENTINA. *Boletín Estadístico*, n. 3, 1991. In: FERRERES, op. cit., p. 434-435.

¹⁶⁰ Elaborado a partir de: COMITÉ NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Anuario Geográfico Argentino*. 1941. In: FERRERES, op. cit., p. 451.

¹⁶¹ Elaborado a partir de: GIMENEZ, Ovidio. *Del Trigo y su molienda*. Buenos Aires: [s.n.], 1961. In: FERRERES, op. cit., p. 436-437.

¹⁶² ROCCHI, Fernando. La Americanización del consumo: Las batallas por el mercado argentino, 1920-1945. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Ed.). *Americanización. Estados Unidos y América Latina en el siglo XX: Transferencias económicas, tecnológicas y culturales*. Caseros: Eduntref, 2003, p. 142.

¹⁶³ Elaborado a partir de: ASOCIACIÓN DE FABRICANTES DE CEMENTO PORTLAND (AFCP) *Anuario de 1986*. In: FERRERES, op. cit., p. 459.

¹⁶⁴ Estimados a partir de: EMPRESA NACIONAL DE TELECOMUNICACIONES. *Anuario Estadístico*. In: FERRERES, op. cit., p. 505.

Tabela 1.8 – Salários industriais e PIB industrial à preços constantes, 1917-1930
(1913 = 100)¹⁶⁵

Ano	1917	1918	1919	1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	1930
PIB	83	99	103	107	113	125	146	154	168	165	175	195	205	202
Salário	72	62	84	87	108	124	127	125	131	133	140	149	147	134

Fonte: elaboração própria a partir de: para os salários: FERRERES, op. cit., p. 581; para o PIB industrial: CEPAL, op. cit., p. 11.

Contudo, o PIB industrial teve um crescimento substancialmente superior aos salários reais durante o período. Enquanto o produto industrial à preços constantes cresceu 89%, os salários reais cresceram somente 26%, uma média de 2,34% por ano. Segundo Yovanna Pineda, entre os 12 ramos industriais por ela pesquisados, 8 apresentaram um crescimento médio anual do valor adicionado por trabalhador que variou de 0,5% a 36% entre 1914 e 1935. A média do crescimento anual do valor real adicionado por trabalhador de todos os ramos com resultado positivo entre 1914 e 1935 foi de 6,8%. Para Pineda, este crescimento deveu-se, para além da “[...] qualidade da força de trabalho imigrante”, pelo fato de que “[...] o uso de maquinaria e equipamentos facilitou as transformações do processo produtivo, incrementando a taxa em que as matérias primas poderiam ser transformadas em mercadorias com um dado número de trabalhadores”. Na verdade, por meio da mecanização, a produtividade do trabalho cresceu em um ritmo superior aos salários reais, indicando a necessidade de relativizarmos a “bonança” da década de 1920.

Dessa forma, o importante crescimento dos salários industriais não pode explicar por si só o crescimento do consumo de bens industrializados, sobretudo quando analisamos o período que vai de 1921 a 1930, uma vez que os salários passaram longe de acompanhar o estrepitoso ritmo de crescimento da produção e da produtividade industrial. Apesar de termos disponíveis apenas os dados relativos aos salários pagos aos trabalhadores industriais, é imprescindível destacar que o período aqui analisado também foi um momento de crescimento e consolidação dos setores médios urbanos, especialmente na cidade de Buenos Aires. Segundo os dados elaborados por Gino Germani¹⁶⁶, entre 1914 e 1936, o número absoluto de operários cresceu 20%, enquanto a participação destes no total da população economicamente ativa passou de 62% para 54%; por sua vez, os membros da população economicamente ativa identificados pelo

¹⁶⁵ Para os salários: FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 581. Já para o PIB industrial ver: CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958, p. 11.

¹⁶⁶ Nos referimos especialmente aos seguintes trabalhos: GERMANI, Gino. La clase media em la ciudad de Buenos Aires. Estudio preliminar [1942]. *Desarrollo Económico*, v. 21, n. 81, abr.-jun. 1981, p. 109-127; e GERMANI, Gino. Evolución reciente de las clases sociales [1955]. In: _____. *Estructura social de la Argentina*. Análisis estadístico. Buenos Aires: Ediciones del Solar, 1987, p. 218-255.

autor como “classe média”¹⁶⁷ tiveram um crescimento em seu número absoluto de 60%, passando de 39% para 46% da população economicamente ativa¹⁶⁸. Se por um lado, esse fenômeno descrito por Germani, e repetido como um mantra “científico”, foi essencial para que Leandro Gutiérrez e Luis Alberto Romero afirmassem a insuficiência da categoria de classe social para analisar a sociedade argentina do entreguerras, em razão da alta mobilidade social em uma cidade, segundo os autores, “pouco industrial”¹⁶⁹, a verdade é que o próprio Germani identificou o processo de consolidação dos setores médios urbanos como resultado do “[...] Crescimento e maturidade do aparato industrial, comercial e de serviços [...]”. O crescimento acentuado, tanto absoluto como relativo, do trabalho de “colarinho branco” foi, na verdade, um dos resultados da consolidação das sociedades industriais do final do século XIX e começo do século XX¹⁷⁰.

Em se tratando de trabalho e salário, chama a atenção também o fato de a jornada de trabalho, na cidade de Buenos Aires, ter se reduzido de 55 horas semanais, do período da Guerra, para 49-48 horas durante todo o resto da década de 1920¹⁷¹. Mais tempo livre significava também mais possibilidades de consumo e novas possibilidades de acumulação. Em 1928, o adido comercial britânico informava a existência de cerca de 170 cinemas que, em média, exibiam dois filmes por dia e trocavam de programação de três a quatro vezes por semana. Nas palavras do adido: “A Argentina é insaciável em sua demanda por filmes”¹⁷².

Há, assim, uma importante expansão do mercado interno argentino, tanto em decorrência das conquistas salariais dos trabalhadores durante o ciclo de greves quanto pela

¹⁶⁷ “Os setores urbanos da classe média podem dividir-se em dois principais grupos: a. Pessoas economicamente autônomas, com atividade profissional ou sem ela; b. Dependentes cuja atividade profissional se dirige às coisas ou às pessoas, mas que requer, em todo o caso, o emprego de faculdades intelectuais (ainda que em trabalhos automáticos ou sem funções diretivas). A esta determinação, forçosamente imprecisa dos grupos funcionais, deve-se somar a nota comum de um tipo de existência que, mesmo em níveis inferiores da classe, apresenta certas manifestações de ostentação [...]. Este último grupo tem adquirido um grande desenvolvimento nos últimos tempos graças ao aumento da burocracia pública e da difusão das grandes empresas”. GERMANI, Gino. La clase media em la ciudad de Buenos Aires. Estudio preliminar [1942]. *Desarrollo Económico*, v. 21, n. 81, abr.-jun. 1981, p. 112-113.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 125.

¹⁶⁹ GUTIÉRREZ, Leandro H.; ROMERO, Luis Alberto. *Sectores populares, cultura y política*: Buenos Aires en la entreguerras. Buenos Aires: Sudamericana, 1995, p. 16. Para a relação entre o trabalho de Gino Germani e as conclusões de Gutiérrez e Romero, ver: ROLDAN, Diego P. La formación de los sectores populares urbanos en la historiografía argentina: Una mirada sobre el núcleo. *Signos Históricas*, México, v. 10, n. 20, dic. 2008, p. 194-232.

¹⁷⁰ HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2013, p. 83. Ezequiel Adamovsky também aponta o processo de modernização capitalista argentino como responsável por esta transformação, uma vez que ele modificou a forma como estava organizada a desigualdade no país, principalmente de um ponto de vista regional. ADAMOVSKEY, Ezequiel. *Historia de la clase media argentina*: Apogeo y decadencia de una ilusión, 1919-2003. Buenos Aires: Planeta, 2010, cap. 2.

¹⁷¹ DEPARTAMENTO NACIONAL DEL TRABAJO. *Informe Anual sobre Investigaciones Sociales*. Buenos Aires, 1939, p. 27.

¹⁷² *ECONOMIC Conditions in the Argentine Republic*, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1928, p. 48.

consolidação de uma importante classe média, principalmente na cidade de Buenos Aires. Segundo os cálculos de Alejandro Bunge, economista e privilegiado observador do período, a capacidade de consumo total dos poucos mais de 10 milhões de argentinos, na década de 1920, chegava a ser superior à de todos os nove países sul-americanos somados¹⁷³.

Por fim, de maneira semelhante ao ocorrido no campo argentino, o crescimento industrial do período teve como outra característica a mecanização da produção, sendo esse processo intrinsecamente vinculado à penetração dos capitais estadunidenses. É possível descrevê-lo em diferentes níveis de observação. De um ponto de vista mais geral, a partir dos dados relativos ao investimento bruto fixo interno do setor industrial, o gráfico abaixo explicita o crescimento dos valores investidos em máquinas e equipamentos duráveis durante a década de 1920.

Gráfico 1.3 – Investimento bruto fixo industrial (IBF), 1900-1930
(em milhões de pesos de 1950)

Fonte: Elaboração própria a partir de: CEPAL, op. cit., p. 86.

Como dito anteriormente, uma das principais características da indústria argentina do período era a insignificância do Departamento I, sendo a importação de máquinas e equipamentos duráveis o único caminho para o incremento do investimento bruto fixo das indústrias. Como notam Pablo Gerchunoff e Lucas Llach, diferentemente da produção agroexportadora, na qual o capital nacional era empregado para a produção voltada ao consumo

¹⁷³ BUNGE, Alejandro. *La Economía Argentina: Política Económica Internacional*. Buenos Aires: Compañía Impresora Argentina, 1930, v. IV, p. 114.

externo, a produção industrial se dirigia ao mercado local, mas boa parte de seu investimento e equipamentos era de origem estrangeira¹⁷⁴.

Sara Caputo de Astelarra¹⁷⁵ identificou que a demanda argentina por máquinas (agrícolas e industriais) passou de 1,4% da demanda mundial, em 1913, para 3,6%, em 1929. Entre os países que a autora classifica como “semi-industrializados”¹⁷⁶, a Argentina, que absorvia 25,5% do mercado de máquinas em 1913, aumentou sua participação para 34,2%, em 1929. Yvonna Pineda, por sua vez, ao analisar a importação de maquinário, sobretudo industrial, da Alemanha, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha para Argentina, entre 1890 e 1930, observa que no período de 1919 a 1930, apesar de um crescimento relativo das importações de maquinário para o país menor do que durante o período de 1890 a 1919, o valor absoluto destas atingiu o maior nível de todo o período. Das 180 milhões de libras esterlinas gastas na aquisição de máquinas agrícolas e industriais pela Argentina, cerca de 107 milhões foram despendidas entre 1919 e 1930¹⁷⁷. A Argentina, entre os anos de 1890 e 1930, foi responsável por absorver de 30 a 50% das máquinas exportadas para a América Latina¹⁷⁸, sendo que, entre 1913 e 1925, a participação dos estadunidenses nas importações de maquinário para o país sul-americano passou de 34,7% para 49,2%¹⁷⁹.

¹⁷⁴ GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Buenos Aires: Ariel, 2005, p. 91.

¹⁷⁵ ASTELARRA, Sara Caputo. La Argentina y la rivalidad comercial entre los Estados Unidos e Inglaterra (1899-1929). *Desarrollo Económico*, v. 23, n. 92, jan.-mar. 1984, p. 596.

¹⁷⁶ Além da Argentina, encontram-se nesse grupo Austrália, Nova Zelândia, União Sul-Africana, Índia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Turquia e Rússia. ASTELARRA, op. cit., p. 594.

¹⁷⁷ PINEDA, Yovanna. *Industrial development in a frontier economy: the industrialization of Argentina, 1890-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 44-48 e 51.

¹⁷⁸ PINEDA, Yovanna. Financing Manufacturing Innovation in Argentina, 1890-1930. *The Business History Review*, v. 83, n. 3, outono, 2009, p. 541.

¹⁷⁹ TAUFNELL, Xavier. Capital Formation in Latin America, 1890-1930. *The Journal of Economic History*, v. 69, n. 4, 2009, p. 932.

Gráfico 1.4 – Importação de máquinas e equipamentos industriais, 1919-1930
(em Libras Esterlinas de 1913)

Fonte: Elaboração própria a partir de: PINEDA, op. cit., p. 44-47.

Os estudos dedicados a ramos ou a grupos e empresas específicas da indústria argentina do período, ao mesmo tempo em que matizaram melhor o processo de crescimento industrial, convergiram ao identificar a década de 1920 como um período marcado pela mecanização de processos produtivos e renovação de equipamentos, além da concentração e centralização de capitais.

Um dos indícios desse processo pode ser observado ao nos debruçarmos sobre o setor de produção e distribuição de energia elétrica. Em relação à capacidade em cavalos-vapor instalada nas indústrias de Buenos Aires, Adolfo Dorfman, em seu estudo clássico sobre a indústria argentina, apresenta o seguinte quadro:

Tabela. 1.9 – Motores usados pela indústria conectados à rede elétrica de Buenos Aires, 1899-1924

Ano	Cavalos-vapor
1899	1.156
1908	34.272
1916	123.579
1920	165.344
1924	271.717

Fonte: DORFMAN, op. cit., p. 369.

Alguns trabalhos mais recentes permitiram aprofundar os conhecimentos sobre o processo de eletrificação de Buenos Aires no período. Jorge Liernur e Graciela Silvestri

afirmam que a produção de energia elétrica pela Compañía Hispano-Argentina de Electricidad – uma das principais empresas do ramo, ao lado da Compañía Italo-Argentina de Electricidad –, em sua principal usina localizada no bairro da Boca, passou de 124.190 mW para 241.000 mW em 1927. A usina de sua concorrente no mesmo bairro atingiu os 320.000 mW em 1932. Maria Isabel Bartolomé-Rodríguez e Norma Silvana Lanciotti calcularam um crescimento da produção total de energia elétrica de 311% no país entre 1922 e 1931, sendo de 222% o crescimento *per capita* no mesmo período¹⁸⁰. Como resultado deste processo de eletrificação, Liernur e Silvestri afirmam que

[...] atentando para a importância técnica que a eletricidade tem para a renovação dos processos produtivos e independente das considerações sobre o tipo de indústria (leve ou pesada) que estava se constituindo, podemos considerar que foram nos anos '20 quando se desenvolveu o que poderíamos chamar de primeira etapa da modernização da infraestrutura fabril¹⁸¹.

Em relação ao setor gráfico, Damian Andrés Bil afirma que, se em 1914, na cidade de Buenos Aires, 502 estabelecimentos empregavam 7.100 gráficos, em 1928 foram contabilizadas apenas 38 casas dedicadas à atividade gráfica e que somente estas reuniam cerca de 4.950 trabalhadores¹⁸². Deve-se destacar que a redução do número de estabelecimentos e de trabalhadores empregados ocorreu ao mesmo tempo em que o volume físico da produção neste ramo cresceu 67%¹⁸³. Para Marina Kabat, o ramo da indústria de calçados, cuja concentração e centralização havia se acelerado durante a guerra, finalizou seu processo de modernização na década de 1920 – nas palavras de Kabat, a transição da manufatura para a grande indústria –, quando as grandes empresas “[...] fazem da mecanização uma arma contra os pequenos sapateiros”¹⁸⁴.

Em relação aos estudos que se dedicaram à história de empresas, Silvia Badoza e Claudio Belini, ao se debruçarem sobre a Compañía General de Fósforos, constataram que na década de 1920 ocorreu o segundo mais importante ciclo de investimentos da empresa, depois

¹⁸⁰ BARTOLOMÉ-RODRÍGUEZ, María Isabel; LANCIOTTI, Norma Silvana. La electrificación en países de industrialización tardía: Argentina y España, 1890-1950. *Revista de Historia Industrial*, n. 59, Ano XXI, 2015, p. 88.

¹⁸¹ LIERNUR, Jorge F.; SILVESTRI, Graciela. El torbellino de la electrificación. Buenos Aires, 1880-1930. *El umbral de la metrópolis*. Transformaciones y cultura en la modernización de Buenos Aires (1870-1930). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1993, p. 49-51.

¹⁸² BIL, Damián Andrés. *Gran Industria y descalificación en la rama gráfica en la Argentina, 1870-1930*. Tese de licenciatura em História, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Historia, 2008, p. 58.

¹⁸³ CEPAL, op. cit., p. 11.

¹⁸⁴ KABAT, Marina. La industria del calzado: cambios en la organización del trabajo entre 1890-1940. *Desarrollo Económico*, v. 47, n. 188, 2008, p. 650.

daqueles que deram início ao empreendimento nos fins do século XIX. Naquela década a “CGF realizou novos investimentos na indústria gráfica, no complexo algodoeiro e na indústria fosforeira”¹⁸⁵. Leandro Gutierrez e Juan Carlos Korol, observam ao escrever a história da fábrica Alpargatas, entre 1890 e 1940, que a empresa “[...] tendia a investir, e possivelmente se sobre equipar nos momentos de maior acesso aos mercados externos de maquinaria”. Entre 1919 e 1924, segundo dados obtidos pelos autores, após a retomada das exportações argentinas, o patrimônio da empresa em máquinas e ferramentas multiplicou-se quase por cinco vezes¹⁸⁶. Em uma hagiografia sobre o empresariado argentino, Maria Susana Azzi e Ricardo Titto afirmam que a *Compaigne Royale Belgo-Argentine*, uma empresa subsidiária do grupo Bunge & Born, inaugurou em 1927 uma fábrica com 450 teares automáticos na zona sul de Buenos Aires, assim como a S.A. Alba, para a produção de tintas com matéria prima nacional¹⁸⁷. Roberto Villanueva, em seu estudo sobre a história da siderurgia na Argentina, mostra que a La Cantábrica, uma das pioneiras da indústria metalúrgica no país, durante a década de 1920, ampliou suas instalações, adquirindo máquinas laminadoras capazes de trabalhar 50 toneladas de aço por dia, uma quantidade quatro vezes maior que a produzida em 1909. O mesmo fez a Vasena, com a construção de uma nova fábrica na rua San Gerónimo no bairro de Barracas, e a Talleres San Martín, transformada em S.A. Talleres Metalúrgicos, em 1928 – a maior empresa do ramo da América do Sul naquela época¹⁸⁸.

Já em relação às empresas estadunidenses que se instalaram ou passaram a comercializar suas máquinas e equipamentos na Argentina, deve-se destacar que estas atuaram sobretudo em ramos da produção inexistentes e pouco significativos no país (automóveis, bens duráveis, materiais elétricos) e/ou em áreas em que a superioridade tecnológica, frente aos britânicos, era notável (telefonias, petróleo e equipamentos industriais)¹⁸⁹. Para tanto, esses capitais se utilizaram de três caminhos para entrar na Argentina da década de 1920 e início da década 1930.

O primeiro deles foi a instalação de filiais estadunidenses no país. Essa não foi uma exclusividade das empresas com sede nos EUA, mas com certeza foram os americanos do norte os que mais recorreram a essa forma de investimento direto. Segundo Norma Lanciotti e Andrea

¹⁸⁵ BADOZA, Silvia; BELINI, Claudio. La Compañía General de Fósforos, 1889-1929: Expansión y límites de una gran empresa en una economía agroexportadora. *Desarrollo Económico*, v. 49, n. 193, 2009, p. 99.

¹⁸⁶ GUTIÉRREZ, Leandro; KOROL, Juan Carlos. Historia de empresas y crecimiento industrial en la Argentina. El caso de la Fábrica Argentina de Alpargatas. *Desarrollo Económico*, v. 28, n. 111, 1988, p. 404 e 413.

¹⁸⁷ AZZI, Maria Susana; TITTO, Ricardo de. *Pioneros de la industria argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2008, p. 176.

¹⁸⁸ VILLANUEVA, Roberto A. *Historia de la siderurgia argentina*. Buenos Aires: Eudeba, 2008, cap. III.

¹⁸⁹ SCHVARZER, Jorge. *La industria que supimos conseguir*. Buenos Aires: Planeta, 1996, p. 126; VILLANUEVA, Javier. El origen de la industrialización argentina. *Desarrollo Económico*, v. 12, n. 47, out.-dez., 1972, p. 465.

Lluch, entre 1913 e 1930, o número total de empresas estrangeiras instaladas na Argentina cresceu de 282 para 548. Das cem maiores empresas estrangeiras instaladas na Argentina, a participação das indústrias no total dos capitais investidos saltou de 12,5%, em 1913, para 32,1%, em 1930. E das 100 maiores empresas industriais estrangeiras instaladas na Argentina, as estadunidenses viram sua participação saltar de pouco mais de 11%, em 1913, para 31%, em 1930, ano em que a participação dessas empresas foi igual ao das indústrias britânicas¹⁹⁰. Entre essas empresas que se instalaram na Argentina durante o período, destacamos as montadoras de carros (Ford Motors Co., em 1916, e General Motors, em 1925), as fábricas de máquinas e equipamentos elétricos (Standard Eletric, em 1919; General Eletric, em 1920; Westinghouse Eletric, em 1921), as indústrias de alimentos e bebidas (Corn Products e Coca-Cola, em 1928), produtos farmacêuticos e químicos (Park-Davis Co., em 1926, e Colgate-Palmolive, em 1927), de equipamentos eletrônicos (RCA Victor, em 1931, e Philco, em 1931) e petróleo (Standard Oil, em 1922, e The Texas Co., em 1930). Seguindo quase sempre o mesmo script, em um primeiro momento, as filiais se instalavam como agências comerciais que importavam seus produtos e logo avançavam para o estabelecimento de plantas industriais próprias no país, conforme se consolidavam no mercado local¹⁹¹. Ao se instalarem na Argentina, buscavam

[...] “substituir exportações” pela produção no exterior para poder combinar os desenhos dos processos de produção mais eficientes com reduções no custo de transporte, uma melhor penetração nos mercados externos, a busca de matérias primas mais baratas e um fortalecimento na competição com outras empresas¹⁹².

As corporações estadunidenses, assim, agiam como um “[...] um punhado de ‘cavalos de Tróia’ nos mercados internos de outros Estados, mobilizando recursos externos e poder aquisitivo em prol de sua própria expansão”¹⁹³, revertendo em benefício próprio o clima protecionista da economia argentina da década de 1920, em decorrência da desvalorização do peso e da atualização das tarifas aduaneiras a partir de 1923¹⁹⁴.

¹⁹⁰ LANCIOTTI, Norma; LLUCH, Andrea. Las grandes empresas extranjeras en la Argentina: características y transformaciones entre 1913 y 1960. *Investigaciones de Historia Económica – Economic History Research*, n. 11, 2015, p. 186-192.

¹⁹¹ SCHVARZER, Jorge. *La industria que supimos conseguir*. Buenos Aires: Planeta, 1996, p. 124.

¹⁹² RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010, p. 173.

¹⁹³ ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro e São Paulo: Contraponto Editora e Editora da Unesp, 1996, p. 304.

¹⁹⁴ VILLANUEVA, Javier. El origen de la industrialización argentina. *Desarrollo Económico*, v. 12, n. 47, out.-dez. 1972, p. 465.

O segundo caminho foi a associação com empresas argentinas, por meio de contratos de patentes. O número de patentes estrangeiras registradas no país, durante a década de 1920, teve um crescimento exponencial: 826 patentes estrangeiras foram registradas entre 1910 e 1920, e, entre 1920 e 1930, esse número subiu para 8.731¹⁹⁵. O caso mais emblemático dessa estratégia foi o da SIAM Di Tella S.A. Fundada no ano de 1911, a empresa de Torcuato Di Tella iniciou suas atividades produzindo a famosa máquina de amassar pão inventada por seu dono. Em 1923, com o incremento substancial da frota de automóveis no país, Di Tella firmou um contrato de licenciamento com a U.S. Wayne Pump Company para a produção de peças de reposição das bombas de abastecimento de gasolina, produzidas pela companhia estadunidense¹⁹⁶. Em 1927, a Sección Industria Amasadoras Mecánicas transformou-se em Sociedad Industrial Americana de Maquinarias e moveu-se do centro de Buenos Aires para uma moderna fábrica em Avellaneda, onde passou a produzir motores e eletrodomésticos sob licença da Westinghouse Electric¹⁹⁷.

Por fim, o terceiro caminho através do qual os capitais estadunidenses se fizeram presentes durante o processo de crescimento industrial argentino da década de 1920 – e que podia estar combinado com os dois anteriores – foi pela venda direta de maquinário. Retomando os estudos de Astelarra, o país sul-americano que, em 1913, era responsável pela compra de 6% da oferta total de máquinas estadunidenses no mercado mundial, em 1929, comprava 9,4% das exportações de máquinas daquele país, tornando-se o segundo maior comprador desses bens, atrás apenas do Canadá¹⁹⁸.

Apesar do importante crescimento da indústria argentina na década de 1920, este não foi suficiente para romper a estrutura social de acumulação de capital daquele país. Na verdade, em grande medida, foram essas estruturas, associadas ao deslocamento do centro hegemônico do capitalismo para os EUA, que possibilitaram o avanço do setor manufatureiro. A crise do comércio mundial, durante a guerra, que havia exposto a fragilidade do setor externo argentino, mesmo com a recuperação do comércio internacional na década de 1920, levou à adoção de

¹⁹⁵ Ibidem, p. 467.

¹⁹⁶ ROCCHI, Fernando. *Chimneys in the desert: Industrialization in Argentina during the export boom years, 1870-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2006, p. 102; 122-123.

¹⁹⁷ SOMMI, Luis V. *Los Capitales Yanquis en la Argentina*. Buenos Aires: Monteagudo, 1949, p. 182-183.

¹⁹⁸ ASTELARRA, Sara Caputo. La Argentina y la rivalidad comercial entre los Estados Unidos e Inglaterra (1899-1929). *Desarrollo Económico*, v. 23, n. 92, jan.-mar. 1984, p. 601.

medidas que ampliavam a arrecadação de impostos e que promoveram um ambiente protecionista para o setor industrial. Os capitais estadunidenses, aproveitando-se da perda de posições dos britânicos na América do Sul, não apenas ampliaram suas relações econômicas com a região como, no caso da Argentina, conseguiram promover o desvio dos excedentes produzidos pelo comércio anglo-argentino, transformando a pauta de importações do país sul-americano, por meio do comércio de máquinas e produtos semielaborados, em detrimento dos manufaturados.

Outra característica fundamental do período foi o incremento da composição orgânica do capital na indústria. A retomada do comércio exterior permitiu que investimento bruto fixo industrial por meio da importação de máquinas e equipamentos batesse recordes. Tamanho foi o volume destas importações, que a expansão da produção industrial durante os processos de substituição de importações da década de 1930 pôde ocorrer a partir da base técnica e da capacidade instalada durante a década de 1920. Contudo, apesar da dimensão deste processo já ser relativamente bem conhecido pelos historiadores que se dedicaram a estudar a história da indústria argentina durante as primeiras décadas do século XX, as implicações que esta transformação poderia ter causado nas dinâmicas dos conflitos sociais do período foram em larga medida ignoradas ou subdimensionadas pela historiografia.

Com o intuito de estabelecermos relações entre este processo de transformação da indústria argentina e as formas e intensidade com que se deram os conflitos entre patrões e trabalhadores no período, devemos nos debruçar sobre as informações obtidas por meio de nosso levantamento sobre as greves ocorridas entre 1924 e 1930 na cidade de Buenos Aires e seus subúrbios.

2. FAZER GREVE EM BUENOS AIRES

A historiografia argentina gira em torno de um consenso sobre a baixa intensidade dos conflitos sociais no país durante a década de 1920. Em relação ao até então flamante movimento operário do país, os “sintomas” que embasam essa visão estão alicerçados principalmente em dois conjuntos de fontes: os relatos nada animadores de alguns militantes políticos e dirigentes sindicais que se dedicaram a escrever suas histórias e a de suas organizações e os dados coletados e publicados pelo Departamento Nacional del Trabajo (DNT), relativos às greves ocorridas no período na cidade de Buenos Aires. Segundo essa narrativa, o refluxo resultou da combinação de três fenômenos: o aumento dos salários pagos aos trabalhadores, as disputas fratricidas entre as direções políticas do movimento sindical e o surgimento de novas formas de sociabilidade que culminaram na emergência de uma identidade popular conformista. Em contraposição a este consenso, outros trabalhos avançaram para uma compreensão mais complexa do período, principalmente considerando que a diminuição do número de greves não deve ser entendida como correspondente imediato da diminuição dos problemas e conflitos, mas principalmente, da militância política e sindical no interior das fábricas, oficinas e empresas¹⁹⁹.

Neste capítulo pretendemos matizar ainda mais esse cenário, apresentando uma série de informações sobre as greves ocorridas em Buenos Aires e alguns de seus subúrbios entre 1924 e 1930. Estas informações foram o resultado da revisão das crônicas semestrais relativas às greves publicadas pelo DNT e dos principais jornais operários do período. A partir desse levantamento, pudemos encontrar conflitos que foram ignorados pelas estatísticas oficiais, assim como incorporar novas informações que tampouco foram registradas pelo órgão. Para além do levantamento quantitativo das greves ocorridas, avançamos também para uma análise qualitativa dessas, propondo uma caracterização alternativa sobre o período.

2.1. Conhecendo as greves da década de 1920 a partir do Departamento Nacional del Trabajo e da imprensa operária

2.1.1. As *Cronicas Mensuales del Departamento Nacional del Trabajo*

¹⁹⁹ CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera: los comunistas y el mundo del trabajo en la argentina: 1920-1935*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora, 2007; e CERUSO, Diego. *La izquierda en la fábrica. La militancia obrera industrial en el lugar del trabajo, 1916-1943*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015, p. 34-35.

Os conhecimentos produzidos pelo Estado argentino a partir de fins do século XIX e início do século XX têm sido objeto de um profícuo número de estudos²⁰⁰. Especificamente sobre o DNT, há muito se escreve sobre as razões que fundamentaram a sua criação, assim como sobre as transformações ocorridas ao longo dos anos e que foram delimitando suas funções e modificando suas relações com os distintos atores envolvidos nos conflitos trabalhistas²⁰¹. Por outro lado, há pouca informação sobre os procedimentos e metodologias utilizadas para produção dos dados relativos às greves, para além da crítica sobre sua restrição às fronteiras da Capital Federal – questão especialmente relevante para nosso período, uma vez que foi nesse momento que ocorreu a integração ao parque industrial nascido a partir de Buenos Aires de uma série de regiões vizinhas, como Avellaneda e Valentín Alsina.

Em um panorama sobre as contradições e tensões que permearam a tentativa de criação desse “instrumento de racionalidade para a gestão do mundo social” que pretendeu ser o DNT, Claudia Daniel faz menção aos procedimentos adotados por Alberto Martínez – diretor da Secretaria de Estatísticas da cidade de Buenos Aires em 1906 – para a compilação de dados sobre os conflitos trabalhistas antes mesmo da criação do departamento. Buscando construir sua posição como um “observador objetivo” da realidade social, Martínez elaborou um quadro estatístico sobre as greves mediante a incorporação de informações coletadas e enviadas à secretaria pela Unión Industrial Argentina, entidade patronal que neste momento buscava organizar e representar os interesses dos empresários do setor, e por meio da leitura do diário do Partido Socialista, o *La Vanguardia*. Ao que tudo indica, este teria sido o procedimento adotado pelo DNT e, apesar da autora assinalar que ao longo do tempo o departamento produziu uma série categorias próprias para a qualificar e descrever os conflitos, ela não menciona qualquer outra transformação sobre a forma pela qual o DNT coletava estas informações²⁰².

Em meio aos materiais produzidos pelo departamento ao longo da sua história, tampouco existem muitas pistas sobre o tema. Na primeira memória produzida pelo DNT em

²⁰⁰ Ver, principalmente: BOHOSLAVSKY, Ernesto; SOPRANO, Germán (Ed.). *Un estado con rostro humano: funcionarios e instituciones estatales en Argentina: de 1880 a la actualidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010; e BEN PLOTKIN, Mariano; ZIMMERMANN, Eduardo (Org.). *Los saberes del Estado*. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

²⁰¹ Para um balanço historiográfico sobre o tema, ver, principalmente: LOBATO, Mirta Zaida. Historia de las instituciones laborales en Argentina: una asignatura pendiente. *Revista de Trabajo*, año 3, n. 4, ene.-nov. 2007, p. 145-154; SOPRANO, Germán. Haciendo inspección. Un análisis del diseño y aplicación de la inspección laboral por los funcionarios del Departamento Nacional del Trabajo (1907-1914). In: BOHOSLAVSKY; SOPRANO, op. cit., p. 88-97; e SURIANO, Juan. El Departamento Nacional del Trabajo y la política laboral durante el primer gobierno de Hipólito Yrigoyen. In: BEN PLOTKIN; ZIMMERMANN, op. cit., p. 35-62.

²⁰² DANIEL, Claudia. Las estadísticas laborales del Estado argentino (1910-1930). Controversias sociales, políticas y técnicas. In: WORKSHOP ELITES INTELECTUALES Y FORMACIÓN DEL ESTADO, 2009, Buenos Aires. Conferência, p. 12-14. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/daniel.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

1908, o seu diretor, José Nicolás Matienzo, faz menção à importância dos números fornecidos pela polícia da Capital Federal para compor os relatórios sobre greves produzidos pelo órgão²⁰³. Em uma publicação do departamento de 1915, Alejandro E. Bunge, então chefe da Seção de Estatísticas do DNT, descreveu de maneira um pouco mais detalhada, em uma nota de rodapé de seu texto sobre as greves ocorridas na cidade de Buenos Aires durante o ano de 1913, a metodologia sobre a qual estava assentada a coleta de dados. Segundo Bunge, um funcionário da Divisão de Estatísticas recolhia os dados de três fontes distintas, a saber, da polícia, dos trabalhadores grevistas e dos patrões. Porém, não há qualquer menção de como se dava esse processo de coleta: se pelo envio de questionários, entrevistas diretas, análise de publicações ou qualquer outro meio. As informações reunidas pelo funcionário – tais como ramo da indústria, regime de trabalho, salário, número de participantes, horas perdidas, data de início e fim da greve – eram registradas em um “Livro de Greves” e depois sistematizadas pela divisão de estatísticas. Bunge ainda alertava que tudo isso só era válido para os conflitos a partir de 1911, ano no qual a metodologia descrita teria sido adotada pelo departamento²⁰⁴. Ao que tudo indica, o “método Bunge” não sofreu modificações substanciais durante o período aqui estudado, já que as informações que os funcionários eram orientados a coletar sobre os conflitos em 1914 eram as mesmas do formulário modelo apresentado pelos funcionários do DNT ao público durante a Primeira Conferência Nacional de Estatísticas, realizada no segundo semestre de 1925 na cidade de Córdoba²⁰⁵.

Contudo, um primeiro olhar sobre as informações fornecidas pelas publicações do departamento, comparadas com aquelas obtidas por nossa pesquisa na imprensa operária, nos autoriza afirmar que entre 1924 e 1930 houve uma quantidade significativa de greves que escaparam ou deliberadamente não foram registradas pelo DNT. Das 1.076 greves registradas em nosso levantamento, 205 greves foram registradas pelas publicações oficiais e operárias, 363 apenas pelo DNT e 508 não foram sequer mencionadas pelas publicações do departamento, deixando de fora das estatísticas mais de 70.000 grevistas.

Qual seria a origem dessa discrepância? Sendo impossível saber a partir das informações que possuímos sobre como o DNT e sua divisão de estatísticas coletavam ou mesmo se

²⁰³ DNT. *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*, n. 5, 1908, p. 186.

²⁰⁴ DIVISIÓN DE ESTADÍSTICA – DNT. *Anuario Estadístico del Trabajo, año 1913*. Buenos Aires: 1915, p. 7; DNT. *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*, n. 33, 1916, p. 7.

²⁰⁵ DNT. *Crónica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo* (a partir daqui, *CMDNT*), n. 94, out. 1925, p. 1651. Apesar de não fazer qualquer referência aos apontamentos feitos por Matienzo ou Bunge, James McGuire nota que a única publicação a detalhar os métodos que o Estado argentino utilizava para a coleta de dados sobre greves na cidade de Buenos Aires apareceu somente em 1961. MCGUIRE, James W. Strikes in Argentina: Data Sources and Recent Trends. *Latin American Research Review*, v. 31, n. 3, 1996, p. 128-132.

relacionavam com as informações fornecidas por patrões, operários e pela polícia – por exemplo, uma greve que fosse notificada por apenas um dos lados em pugna deveria ser registrada? –, podemos sugerir com algum fundamento pelo menos duas razões para a diferença entre os números. Em primeiro lugar, as dificuldades materiais que os funcionários do departamento enfrentavam para registrar todos os conflitos ocorridos na Capital Federal, uma vez que as restrições orçamentárias e problemas de pessoal eram uma constante desde seu nascimento²⁰⁶. Em segundo lugar, e pensando a partir das pistas deixadas por Bunge sobre a coleta dos dados por meio da interpelação de patrões e trabalhadores envolvidos nos conflitos, a subnotificação das greves poderia ser o resultado da desconfiança que os grupos diretamente envolvidos nestes conflitos nutriam pelo DNT.

A relação dos sindicalistas com o departamento era permeada de suspeições, principalmente entre aqueles que se organizavam nas filas do anarquismo e do anarco-sindicalismo²⁰⁷. Contudo, ao longo da década de 1920, as intenções, objetivos e informações produzidas pelo departamento também foram duramente questionadas pelos socialistas²⁰⁸. A desconfiança patronal deve também ter exercido um peso fundamental para a discrepância entre os números de conflitos registrados pelo DNT e pela imprensa operária e sindical. Em um livro clássico sobre o tema, Richard Hyman²⁰⁹, mas também, recentemente, Lucía Montenegro

²⁰⁶ Ver: DNT. *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*, n. 1, 1907, p. 39-40; e SURIANO, Juan. El Departamento Nacional del Trabajo y la política laboral durante el primer gobierno de Hipólito Yrigoyen. In: BEN PLOTKIN, Mariano; ZIMMERMANN, Eduardo (Org.). *Los saberes del Estado*. Buenos Aires: Edhasa, 2012, p. 39-42.

²⁰⁷ DANIEL, Claudia. Las estadísticas laborales del Estado argentino (1910-1930). Controversias sociales, políticas y técnicas. In: WORKSHOP ELITES INTELECTUALES Y FORMACIÓN DEL ESTADO, 2009, Buenos Aires. Conferência, p. 8; e SURIANO, op. cit., p. 39.

²⁰⁸ Ver o questionamento sobre os patrocínios de empresas recebidos pela publicação do DNT: EL DEPARTAMENTO del Trabajo: una publicación que lo caracteriza. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 09 jul. 1924; sobre os dados produzidos pela instituição: SINDICATO de Obreros de la Industria Metalúrgica – Brillante Estadística del D.N. del Trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 30 out. 1925; SINDICATO de obreros en calzado – Continúa dando resultados la agitación del Gremio – el Departamento Nacional del Trabajo alejado del objeto para el cual esta constituido. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 31 out. 1925; LAS ESTADÍSTICAS oficiales y las leyes del trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 26 ago. 1926; mas, principalmente, sobre o uso político do departamento e sua consequente ineficiência: EL DEPARTAMENTO mal llamado del Trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 28 ago. 1924; EL DEPARTAMENTO Nacional del Trabajo: no se puede confiar la tarea de preparar la legislación del trabajo en personas ineptas y sin responsabilidad. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 18 abr. 1927; ES ENCOMIABLE la firmeza de los obreros gráficos a la tercera semana de conflicto. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 04 ago. 1930; POR EL CUMPLIMIENTO de las leyes obreras: texto del memorial elevado al Ministro del Interior. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 13 ago. 1930; LA POLÍTICA obrera – Función del Departamento nacional del trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 set. 1930. Curiosamente, após o golpe de 6 de setembro de 1930, enquanto os editoriais políticos e artigos do grupo parlamentar do partido subiam de tom contra a ditadura do General Uriburu, não só as notícias e crônicas sobre o movimento sindical passaram a transmitir um enorme entusiasmo pelo departamento, como o *La Vanguardia* transformou-se no principal veículo de divulgação das atividades do DNT, uma vez que as crônicas mensais foram interrompidas.

²⁰⁹ Sobre a Inglaterra, Hyman afirma que “A partir do momento em que os empregadores não são obrigados a relatar paralisações, muitos conflitos que estariam dentro dos critérios utilizados pelo Departamento de Emprego não são notificados a este organismo”. HYMAN, Richard. *Strikes*. London: MacMillan Academic and Profesional, (1972) 1989, p.17.

Loewy e Mariela Verónica²¹⁰, ao discutirem questões teórico-metodológicas mais gerais relativas à produção de estatísticas sobre greves, salientaram que na maioria dos casos, órgãos oficiais que buscavam ou ainda buscam informações sobre conflitos com os patrões acabam obtendo registros subnotificados, principalmente quando não existe nenhum tipo de sanção penal para quem não responda à solicitação. Neste sentido, é possível imaginar o tamanho desta subnotificação em se tratando da Argentina na década de 1920, já que tanto a regulamentação jurídica das greves como dos direitos relativos à atividade sindical não só não existiam, como *de facto* eram combatidos nas ruas pela polícia e por organizações paramilitares patrocinadas pelos principais grupos empresariais do país²¹¹.

Todavia, é preciso ressaltar que os problemas relativos às informações oficiais sobre greves estão longe de ser uma exclusividade argentina. O Bureau of Labor Statistics (BLS), instituição estadunidense fundada em 1884 e que foi uma das inspirações para o DNT, mesmo recopilando informações sobre greves desde a década de 1880, apenas em 1927 começou a uniformizar os processos a serem utilizados para sua coleta²¹². Um ano antes, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) havia tentado sem muito sucesso organizar e uniformizar os critérios e parâmetros para o registro das greves entre seus países membros. Na verdade, até os dias atuais, o que persiste é a pluralidade de métodos nos mais diversos países²¹³.

Mesmo com todos esses limites, ao trabalharmos com as já conhecidas informações produzidas pelo DNT, nos foi possível matizar ainda mais as greves ocorridas durante o período que vai de 1924 a 1930. A publicação mensal que o DNT manteve entre 1918 e 1930 – a *Crônica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo* (CMDNT) – divulgou ao longo deste período uma série de números e informações detalhadas sobre as greves ocorridas na cidade de Buenos Aires²¹⁴. Com uma periodicidade relativamente regular, a publicação dos dados

²¹⁰ LOEWY, Lucía Montenegro; VERÓNICA, Mariela. La producción de estadísticas sobre conflictos laborales: un estudio comparado. *Estudios del Trabajo*, n. 56, jul.-dec. 2018, p. 8-9.

²¹¹ Se no período estudado a Asociación del Trabajo e a Liga Patriótica Argentina reduziram substancialmente suas atividades, isto não foi por outro motivo que o debilitamento do movimento sindical, causado, entre outras coisas, pela ação violenta desses grupos no biênio de 1919-1921. RAPALO, María Ester. *Patrones y Obreros: La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2012, p. 254.

²¹² COLLECTION and Compilation of Work Stoppage Statistics. *Monthly Labor Review*, v. 69, n. 3, 1949, p. 291-295.

²¹³ Cf. LOEWY; VERÓNICA, op. cit., p. 8-9; mas também, LYDDON, Dave. Strike statistics and the problem of international comparison. In: VELDEN, Sjaak van der; DRIBBUSCH, Heiner; LYDDON, Dave; VANDAELE, Kurt (Ed.). *Strikes Around the World, 1968-2005: Case-studies of 15 countries*. Amsterdam: Aksant, 2007, p. 24; e VELDEN, Sjaak van der. Lockouts in the Netherlands: Why statistics on labour disputes must discriminate between strikes and lockouts, and why new statistics need to be compiled. *Historical Social Research / Historische Sozialforschung*, v. 31, n. 4 (118), 2006, p. 359-360.

²¹⁴ Para o ano de 1924, ver CMDNT, n. 83, nov. 1924, p. 1459-1454; e CMDNT, n. 86, fev. 1925, p. 1527-1531; para o ano de 1925, ver CMDNT, n. 91, jul. 1925, p. 1599-1605; e CMDNT, n. 103, jul. 1926, p. 1818-1825; para o ano de 1926, ver CMDNT, n. 103, jul. 1926, p. 1825-1829; para o ano de 1927, ver CMDNT, n. 113, jul. 1927, p. 2065-2069; e CMDNT, n. 119, jan. 1928, p. 2273-2277; para o ano de 1928, ver CMDNT, n. 125, jul. 1928, p.

sumarizados, relativos às greves ocorridas no semestre anterior ao da edição em que eram publicados, era seguida por uma breve crônica sobre todos os conflitos registrados pelo departamento.

Nossa atenção voltou-se justamente para essas pequenas crônicas, uma vez que muitas informações apresentadas ali nos possibilitaram construir uma compreensão mais precisa sobre a natureza das greves do período. Em outras palavras, o detalhamento desses conflitos nos permitiu ampliar o leque de informações disponíveis, além de possibilitar que, a partir dos dados fornecidos pelo DNT, pudessem emergir detalhes mais específicos sobre as interações entre trabalhadores e patrões²¹⁵, ou, como afirma Marcel van der Linden, sobre a posição estratégica endógena dos trabalhadores nesses conflitos e sua capacidade de forçarem os empregadores a fazerem concessões²¹⁶. Por exemplo, ao classificar as greves pelas suas reivindicações, o DNT agrupava em suas tabelas sob a consigna de “salário” tanto as greves que reivindicavam aumento dos salários como aquelas provocadas pela sua redução por parte dos patrões. Em relação à consigna “organização”, o recurso às pequenas crônicas torna-se ainda mais fundamental, uma vez que eram agrupadas ali mobilizações que reivindicavam desde o reconhecimento dos sindicatos como instrumentos de negociação, passando pela exigência de readmissão de trabalhadores, até a demissão de capatazes. Além disso, os números sumarizados levavam em conta apenas uma das reivindicações dos trabalhadores por greve, enquanto pelas crônicas era possível conhecer quais outras tinham sido feitas. Ao ampliar as informações disponíveis sobre as greves, principalmente em relação às reivindicações dos trabalhadores, as pequenas crônicas facilitaram a identificação de muitos conflitos registrados com aqueles noticiados pela imprensa operária.

Por fim, deve-se notar que os números fornecidos pelo DNT muitas vezes se “transformaram” ao longo do tempo e de uma publicação para outra. Tomemos como exemplo o ano de 1927. Somados os resultados semestrais das pequenas crônicas sobre os conflitos ocorridos naquele ano publicadas na CMDNT, o total de greves chegou a 54 com a participação de 36.888 grevistas, excetuando-se os 375.000 trabalhadores que paralisaram suas atividades nas três greves gerais contra a execução de Sacco e Vanzetti ocorridas no segundo semestre

2427-2434; e *CMDNT*, n. 131, jan. 1929, p. 2621-2628; para o ano de 1929, ver *CMDNT*, n. 138, ago. 1929, p. 2898-2906; e *CMDNT*, n. 144, fev. 1930, p. 3079-3084; para o ano de 1930, ver *CMDNT*, n. 148, jun. 1930, p. 3167-3175.

²¹⁵Cf. TILLY, Charles. The effects of short-term variation – Introduction. In: HAIMSON, Leopold H.; TILLY, Charles (Dir.). *Strike, wars and revolution in an international perspective: Strikewaves in the late nineteenth and early twentieth centuries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.; FRANZOSI, Roberto. *The puzzle of strikes: class and state strategies in post war Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, cap. 1.

²¹⁶LINDEN, Marcek van der. *Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 218.

daquele ano²¹⁷. Contudo, caso se consulte os números publicados no *Boletín Informativo del Departamento Nacional del Trabajo* de maio de 1934, o ano de 1927 registrou duas greves a mais com a participação de mais 1.348 grevistas, sem fazer nenhuma menção às greves gerais. Essas discrepâncias surgem das diferenças entre as informações constantes nos resumos produzidos pela Divisão de Estatísticas do DNT, registrados nos chamados “Livros de greves”, e os números publicados nas crônicas mensais. Há, até mesmo, a indicação sobre em quais livros constariam as informações que poderiam solucionar as incongruências do ano de 1927 (Livro 6, página 444 e Livro 7, página 71), assim como para suprir a lacuna de dados sobre as greves registradas pelo departamento durante o segundo semestre de 1926 (Livro 6, página 334)²¹⁸. Contudo, em nossas pesquisas realizadas na Biblioteca Juan Biale Masset (pertencente ao extinto Ministério do Trabalho e Previdência Social) e no Arquivo Nacional da República Argentina, não localizamos qualquer vestígio destes livros de registro.

Em decorrência dessas discrepâncias internas às publicações do DNT, optamos em nosso trabalho por utilizar apenas as informações fornecidas pela CMDNT, já que estas têm correspondência com o narrado nas pequenas crônicas acima citadas. Apenas em dois momentos, a saber, o segundo semestre de 1926 e o de 1930, quando as pequenas crônicas não foram publicadas, nós recorremos às outras publicações do DNT, como o *Boletín Informativo* e as *Estadística de Huelgas* de 1940, para complementar principalmente as informações relativas ao número absoluto de greves e grevistas.

2.1.2. La Protesta e La Vanguardia

A imprensa operária argentina surgiu junto aos sindicatos e movimentos políticos de esquerda durante o acelerado processo de modernização econômico do país entre fins do século XIX e início do século XX. Constituindo-se como parte do amplo campo de leitura popular que havia se consolidado por volta de 1900 no país, a imprensa produzida por e para os grupos subalternos teve como contexto material de desenvolvimento a redução dos custos relativos à produção gráfica, em decorrência de novas máquinas, aliada às políticas de alfabetização impulsionadas pelo Estado argentino. A produção e difusão de revistas, folhetos, livros, mas sobretudo, jornais periódicos, conformando o que poderia se chamar de uma verdadeira

²¹⁷ CMDNT, n. 113, jul. de 1927, p. 2065-2069; CMDNT, n. 119, jan. 1928, p. 2273-2277.

²¹⁸ DNT. *Boletín Informativo del Departamento Nacional del Trabajo*, n. 172, mai. 1934, p. 3919.

“economia das publicações subalternas”, foram os principais veículos encontrados por estes grupos para se organizarem e difundirem suas ideias²¹⁹.

Esses periódicos, além da propaganda doutrinária e partidária, e de divulgarem toda a sorte de notícias sobre os mais variados temas – notas internacionais, esportivas e científicas –, se dedicaram sistematicamente a cobrir as atividades realizadas pelos diversos sindicatos e organizações de trabalhadores, como assembleias, encontros, passeatas, piqueniques, peças de teatro, concertos musicais, exposições cinematográficas, mas sobretudo, greves²²⁰. Das mais de 50 publicações periódicas com este caráter que circularam na cidade de Buenos Aires na primeira metade do século XX, o *Bandera Proletária*, o *La Internacional*, mas principalmente, o *La Protesta* e o *La Vanguardia*²²¹ nos serviram como fontes para este trabalho, uma vez que foram as publicações mais regulares durante o período estudado e com o maior número de exemplares preservados²²².

Se como dito acima, o recurso às publicações operárias ampliou de maneira substancial as informações sobre as greves do período, muitas vezes nos permitindo preencher as lacunas

²¹⁹ Sobre a conformação dessa economia, ver: TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina: Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, sobretudo o capítulo 4; e SURIANO, Juan. *Anarquistas: cultura, política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Manantial, 2008, cap. 3 e 5.

²²⁰ É possível extrair da leitura do livro de Mirta Zaida Lobato sobre a imprensa operária na região do Rio da Prata uma diferença entre a imprensa partidária (anarquista, socialista, sindicalista revolucionária ou comunista) da imprensa gremial ou sindical. A segunda se diferenciava da primeira – apesar de não poder estar dissociada – por poder se considerar “[...] estritamente operária, pois era realizada pelos assalariados de um ramo da produção industrial, ou do setor de serviços e expressava as aspirações de suas organizações”. Para Lobato, apesar da imprensa partidária se dirigir ao público trabalhador, ela “[...] se dirigia também a um público mais amplo, debatida com outros partidos e grupos políticos que atuavam na sociedade e era produzida por militantes políticos ou intelectuais [...]”. LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Buenos Aires y Montevideo, 1890-1958. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 16-17. No que nos concerne, a identificação dos jornais utilizados como “imprensa operária” significa apenas que estas publicações eram responsáveis pela divulgação sistemática de informações relativas ao movimento sindical.

²²¹ O *Bandera Proletária* foi a publicação semanal da Unión Sindical Argentina que durou de 1922 até 1930; o *La Internacional* foi a publicação oficial do Partido Socialista Internacional, logo Partido Comunista da Argentina, entre os anos de 1918 e 1936, alternando momentos de publicação diária e semanal; o *La Protesta* foi uma publicação diária fundada em 1897 em torno da qual orbitaram diversos grupos vinculados ao anarquismo; por fim, o *La Vanguardia* de 1894, foi a publicação diária oficial do Partido Socialista. Em 1917, o *La Protesta* tinha uma tiragem de 5.000 exemplares diários, enquanto o *La Vanguardia* chegava aos 40.000. A título de comparação, os principais jornais comerciais do período, *La Prensa* e *La Nación*, imprimiam 165.000 e 135.000 exemplares diários, respectivamente. BIL, Damian André. *Gran Industria y desacalificación en la rama gráfica en la Argentina, 1870-1930*. Monografia [Trabalho de Conclusão de Curso em História]. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires en Historia, 2007, p. 47. Sobre a o número e a regularidade das publicações no período, ver: LOBATO, op. cit., p. 17 e 37.

²²² O *Bandera Proletaria*, por exemplo, pode ser consultado integralmente na Biblioteca 17 de Octubre do Sindicato de la Madera de la Capital Federal. O Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDINCI) possui muitos exemplares do *La Internacional* microfilmados. Já o *La Protesta* possui boa parte de seus exemplares microfilmados na Biblioteca Nacional Manuel Belgrano em Buenos Aires e no Arquivo Edgard Leuenroth na UNICAMP. O *La Vanguardia* está integralmente disponível em papel na Biblioteca Obrera Juan B. Justo e na Hemeroteca da Biblioteca del Congreso de la Nación em Buenos Aires, podendo também ser consultado na Biblioteca Nacional microfilmado.

dos dados oficiais, isto não significou a ausência de importantes problemas para o uso destas fontes. Em primeiro lugar, a escassa informação sobre os procedimentos metodológicos do DNT volta a nos atormentar com a seguinte questão: o que deveria ser contabilizado como uma greve? Para além daqueles conflitos que foram identificados em ambas as fontes, aqueles noticiados pela imprensa operária, mas que não foram registrados pelos organismos oficiais, tiveram esse destino em decorrência dos problemas apontados por nós ou não foram contabilizados como greves segundo critérios do DNT? Em outras palavras, ao incorporar essas informações às fornecidas pelo departamento, estaríamos relatando o mesmo tipo de conflito que o registrado pelo DNT? Roberto Franzosi, ao discutir o uso da imprensa – sobretudo comercial – como fonte de informações para o estudo de ações coletivas, agitação trabalhista e violência política, faz o seguinte apontamento: “[...] até que ponto o índice empírico escolhido mensura o conceito projetado para ser medido? [...] a questão é: tendo aceitado que as greves são um bom indicador empírico do conflito de classes, quais os erros possíveis de surgirem ao contabilizá-las?”²²³. De maneira mais concreta: uma paralisação de 15 minutos nos serviços ferroviários e que envolveu aproximadamente 50.000 trabalhadores poderia ser considerada como uma greve? Para o DNT, parece que não. Ou pelo menos é o que podemos deduzir, uma vez que a paralisação dos serviços nas estações e armazéns ferroviários na cidade de Buenos Aires convocada pela Unión Ferroviaria no dia 04 de novembro de 1929²²⁴ não foi sequer mencionada em suas publicações, mesmo sendo os ferroviários uma das mais poderosas categorias de trabalhadores do país e, ao lado dos marítimos, a que mais recebeu atenção do departamento. Por outro lado, muitas das paralisações realizadas pelos lavadores de automóveis, cujo número de participantes nunca ultrapassava o de 10 trabalhadores, foram constantemente registradas pelas publicações do DNT e, em muitos momentos, ignoradas pela imprensa operária durante o período estudado.

Deve-se notar, no entanto, que estes problemas de ordem conceitual e metodológico sobre o tipo de conflito que poderia ser contabilizado como uma greve por parte dos órgãos governamentais não são idiossincrasias do contexto argentino. Por exemplo, na Inglaterra, a partir de 1887, a compilação de dados sobre greves, na época realizada pela Câmara do Comércio do Parlamento, excluiu as paralisações que não envolvessem mais do que 10 trabalhadores. Nos EUA, entre 1881 e 1905, o BLS não contabilizou como greves paralisações

²²³ FRANZOSI, Roberto. The Press as a Source of Soci-Historical Data: Issues in the methodology of Data Collection from Newspapers. *Historical Methods*, 1987, v. 20, n. 1, p. 6.

²²⁴ EN LOS DIVERSOS ferrocarriles se hizo efectivo ayer un breve paro general. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 nov. 1929.

de apenas um dia de duração. A própria OIT só foi produzir uma definição própria sobre o que era uma greve durante a 15ª Conferência de Estatísticos do Trabalho realizada em Genebra no ano de 1993²²⁵.

Para sistematizar nossa busca ao largo do vasto corpo documental das publicações da imprensa operária foi preciso conceituar que tipo de mobilização e agitação trabalhista poderia ser qualificada como greve²²⁶. A mais tradicional das conceitualizações do que seria uma greve foi feita na década de 1930 e ainda hoje é a mais difundida, se aproximando muito do conceito utilizado oficialmente pela OIT. Segundo essa definição, a greve deve ser definida como “a paralisação temporária do trabalho por um grupo de trabalhadores para expressar uma reivindicação ou impor uma demanda”²²⁷. Contudo, a definição feita por Marc van der Linden, ao assumir de maneira explícita a dimensão política que as greves têm para além de seu caráter eminentemente econômico, pareceu-nos mais adequada à complexidade do fenômeno. Segundo o autor, as greves podem ser definidas como “[...] formas de luta, coerção e poder, nas quais um grupo de trabalhadores, agindo coletivamente, para de trabalhar para dar reforço a reivindicações econômicas, sociais e/ou políticas de interesse dos trabalhadores diretamente envolvidos e/ou de outros”²²⁸. Apesar da imprensa operária do período relatar um sem número de outras atividades diretamente vinculadas à ação política organizada dos trabalhadores por meio de seus partidos e sindicatos – por exemplo, protestos contra o aumento das passagens do transporte público, passeatas, conferências públicas, celebrações do Primeiro de Maio, do aniversário da Revolução Russa e da Comuna de Paris –, e que também mereceriam maior atenção dos historiadores do período, já que muitas vezes chegaram a produzir importante comoção social²²⁹, nossos esforços se limitaram a registrar apenas aquelas mobilizações

²²⁵ CRONIN, James E. *Industrial Conflict in Modern Britain*. Londres: Croom Helm Ltd., 1979, p. 197; e LYDDON, Dave. Strike statistics and the problem of international comparison. In: VELDEN, Sjaak van der; DRIBBUSCH, Heiner; LYDDON, Dave; VANDAELE, Kurt (Ed.) *Strikes Around the World, 1968-2005: Case-studies of 15 countries*. Amsterdam: Aksant, 2007, p. 26-28. Para os resultados da conferência, ver: INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *Fifteenth International Conference of Labour Statisticians*. Genebra: ILO, 1993, p. 42. Disponível em: <https://www.ilo.org/public/libdoc/ilo/1993/93B09_65_engl.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

²²⁶ A agitação trabalhista entendida aqui como o vasto repertório de “[...] todas as resistências [...] e reações dos seres humanos contra o tratamento como mercadoria” ao qual são submetidos nos locais de produção e no mercado de trabalho, incluindo todos os atos de resistência intencionais e declarados, assim como “[...] formas veladas de resistência, quando são práticas generalizadas e coletivas”. SILVER, Beverly J. *Forças do trabalho: movimentos trabalhistas e globalização desde 1870*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 178-179.

²²⁷ LYDDON, Dave. Strike statistics... op. cit., p. 25.

²²⁸ LINDEN, Marcek van der. *Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 203.

²²⁹ Em fevereiro de 1930, por exemplo, os ferroviários iniciaram uma campanha pelo aumento do piso salarial da categoria por meio do que então se chamava “*trabajo a reglamento*”, a famosa “operação tartaruga”. No dia 13 de março, em decorrência dos inúmeros atrasos provocados pela ação dos trabalhadores, os pacíficos e conformistas “cidadãos” e “vizinhos” dos subúrbios portenhos de Luis Alberto Romero e Leandro Gutiérrez explodiram em fúria: centenas de passageiros revoltados destruíram e incendiaram vagões e estruturas das estações de Ciudadela

coletivas, intencionais e declaradas, que resultaram na paralisação das atividades produtivas e serviços, independentemente de seu tempo de duração e do número de pessoas envolvidas, em torno de reivindicações de caráter econômico, político e/ou social.

As greves, como foram definidas acima, podem ocorrer em uma empresa e serem protagonizadas e afetarem um grupo de trabalhadores organizados, toda uma seção ou ofício; podem ter um recorte relativo à maioria e ao gênero, ou mesmo implicar a totalidade dos trabalhadores de um estabelecimento. Podem ainda ser gerais ou parciais em relação a um ramo da produção, atingindo todos ou boa parte dos estabelecimentos e fábricas deste, como também, paralisar completa ou parcialmente a oferta de determinados serviços. Se em relação às greves gerais ou parciais de um ramo da produção e dos serviços foi possível encontrar informações sobre a duração e estimativas do número de participantes, aquelas relativas à paralisação das atividades em uma empresa apareceram de maneira muito esporádica na imprensa operária e com algum grau de detalhe nas pequenas crônicas. As informações sobre o número de trabalhadores envolvidos nas greves mais comuns nos jornais eram quase sempre números relativos ao total de trabalhadores paralisados e/ou afetados, sem nenhuma das especificações acima citadas. Optamos pela incorporação desses números fornecidos seja pela imprensa, seja pelo DNT, ou por ambos, sem maiores especificações, sob a consigna de “grevistas e trabalhadores afetados”.

O número de grevistas e trabalhadores afetados é uma das principais lacunas de nosso levantamento: entre as 1.076 greves registradas, não possuímos nenhuma informação sobre o número de grevistas e trabalhadores afetados em 437 delas. A possibilidade de encontrar números aproximados exigiria o cotejamento com outras fontes dispersas – como reportagens e informes sobre fábricas e oficinas publicados em jornais e revistas, documentos e balanços internos das empresas etc. –, tarefa que nos foi impossível de realizar. Em apenas um caso, a saber, a greve geral dos trabalhadores da indústria do calçado no segundo semestre de 1926, recorremos a outras fontes para a reconstrução do número de trabalhadores envolvidos, principalmente pela importância e envergadura que o movimento teve, uma vez que não foi possível determinar um número aproximado, fosse pelos informes sobre a greve publicados na

e Villa Luro. LOS OBREROS ferroviarios siguieron ayer trabajando a reglamento – Graves sucesos en las líneas locales del F.C. Oeste y F.C. Sud. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 mar. 1930. Sobre esses eventos, existem ainda uma reportagem fotográfica em *Caras y Caretas*, n. 1.624, 22 mar. 1930, p. 82-83; e uma nota da Associated Press publicada no *The New York Times*: \$400,000 RAILWAY damage – Argentine Workers Strike by Obeying Rules and Passengers Retaliate. *The New York Times*, New York, 14 mar. 1930.

imprensa operária, fosse pelas publicações do DNT²³⁰. A única informação que possuímos foi obtida na imprensa operária e afirmava que a paralisação havia atingido 90% da categoria²³¹. Sobre o número de trabalhadores do ramo durante o período, possuímos duas informações diferentes. Marina Kabat, ao analisar o processo de mecanização da produção de calçados durante a década de 1920, calculou, recorrendo às publicações patronais, a existência de 32.320 trabalhadores ocupados no ramo, em 1920, e de 23.440, em 1930²³². Por outro lado, em uma nota publicada em novembro de 1930, a direção do Sindicato de Obreros en Calzado afirmava que a categoria era composta naquele momento por cerca 16 a 20 mil trabalhadores²³³. Optamos por calcular a mobilização com os números mais conservadores fornecidos pelo sindicato.

Em relação às empresas e fábricas onde as greves eram deflagradas, a imprensa operária forneceu informações extremamente importantes e que foram sonegadas pelas publicações oficiais. Diferentemente das crônicas publicadas pelo DNT, os trabalhadores envolvidos nas greves, ao divulgarem suas lutas pela imprensa, faziam questão de publicitar o nome e o endereço dos patrões, empresas e fábricas. Essas informações foram cotejadas, corrigidas e complementadas recorrendo-se às listas de sócios publicadas nos boletins da Unión Industrial Argentina, entre 1928 e 1930, e das empresas registradas no *Guia Comercial e Industrial de la República Argentina*, publicado em 1935.

Se em muitos anos as crônicas oficiais subnotificaram conflitos em maior ou menor grau, isso não significou que noutros a imprensa operária também não o tenha feito. Existiu o que poderíamos chamar de subnotificações de caráter político, uma vez que a cobertura das greves feita pelos diferentes jornais operários não deixava de expressar as duras rixas políticas que caracterizaram o período. As informações publicadas pela imprensa socialista e anarquista eram coletadas a partir de boletins de greves, dos jornais sindicais ou pelo envio de notas dos grevistas para as redações e seus respectivos editores²³⁴. A preferência por uma ou outra

²³⁰ As pequenas crônicas relativas às greves do segundo semestre de 1926 não foram publicadas. Porém, a greve geral aparece registrada em meio aos dados sumarizados apresentados na seção dedicada ao DNT em: *MEMORIA del Ministerio Interior: 1926-1927*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L.J. Rosso, p. 315-320.

²³¹ LOS OBREROS en calzado acordaron en su asamblea de ayer que la huelga del gremio siga con carácter parcial. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 19 out. 1926; e CON TODO vigor prosigue la huelga de los obreros en calzado. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 20 out. 1926.

²³² KABAT, Marina. La industria del calzado: cambios en la organización del trabajo entre 1880 y 1940. *Desarrollo Económico*, v. 47, n. 188, jan.-mar. 2008, p. 655.

²³³ LOS OBREROS en calzado no deben permitir que empeoren sus actuales condiciones de trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 nov. 1930.

²³⁴ Nas edições de 02 de fevereiro e de 22 de agosto de 1926 do diário *La Vanguardia* foram publicados dois comunicados interessantes. Neles são solicitados pelos editores aos sindicatos que as notas enviadas fossem assinadas pelo secretário ou algum responsável (ressaltando que a assinatura nunca seria publicada), assim garantindo a autenticidade das informações. Sobre a produção destas notas, Lobato afirma que “Os correspondentes dos periódicos operários inauguraram, possivelmente antes da Primeira Guerra Mundial, o modo mais eficaz de recolher informações no ‘lugar do fato’, como dizem hoje em dia os jornalistas dos mais sofisticados

publicação parece ser pautada principalmente pelas disputas acerca da direção do movimento sindical. Conflitos envolvendo a Federación Gráfica Bonaerense e o Sindicato Obrero de la Industria del Calzado²³⁵, cujas direções eram hegemônicas por militantes socialistas, raramente apareciam nas páginas do diário anarquista *La Protesta*²³⁶. A longa greve dos gráficos em funções insalubres pela redução da jornada de trabalho declarada em julho de 1930, que envolveu os trabalhadores de grandes empresas como a Compañía Frabril Financiera, a Jacobo Peuser e a G. Kraft Ltda., por exemplo, foi noticiada pelo *La Protesta* apenas para denunciar que a decisão da direção do sindicato de deflagrar o conflito havia sido tomada à revelia dos trabalhadores²³⁷. O diário socialista, por sua vez, não se furtava a noticiar conflitos envolvendo padeiros, estivadores e carpinteiros, cujos sindicatos eram dirigidos majoritariamente por anarquistas²³⁸, principalmente com o intuito de expor suas falhas e “irresponsabilidade revolucionária” em contraponto à prática “responsável” do sindicalismo de orientação socialista. Já as notas produzidas e assinadas pela Federación Obrera Textil, organização cuja direção foi dividida entre comunistas e socialistas até 1929²³⁹, eram replicadas tanto no *La Vanguardia*, como no *La Internacional*. Por fim, em muitas ocasiões – como durante os processos eleitorais, a abertura dos trabalhos parlamentares e as constantes crises entre o Poder Executivo e a Câmara de Deputados – a política institucional argentina ocupava uma parte substancial do noticiário socialista em detrimento do movimento sindical.

A duração dos conflitos em dias multiplicada pelo número de trabalhadores envolvidos constitui-se em uma das mais consagradas variáveis das estatísticas sobre greves. Por meio desta operação, calcula-se a intensidade dos conflitos ou o volume relativo de greves²⁴⁰. Apesar de ser um recurso consagrado, há uma série de problemas que devemos pontuar sobre este

meios de comunicação. Em cada oficina, em cada localidade, em qualquer lugar de ambas as repúblicas [Argentina e Uruguai] os próprios trabalhadores organizaram uma densa rede de correspondentes que enviavam suas notas às redações e escreviam em uma linguagem simples sobre as condições de trabalho, as greves, o despotismo dos patrões, a violência do capataz, a exploração das mulheres e crianças, a indiferença dos trabalhadores frente a organização sindical”. LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Buenos Aires y Montevideo, 1890-1958. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 67.

²³⁵ Sobre os grupos políticos que hegemonizam as direções destes sindicatos, ver: DI TELLA, Torcuato S. *Perón y los sindicatos*. El inicio de una relación conflictiva. Buenos Aires: Ariel, 2003, p. 154 e 171.

²³⁶ De 1924 a 1930, foram registradas 144 greves de trabalhadores da indústria do calçado, destas apenas 47 foram noticiadas pelo *La Protesta*. Em relação aos trabalhadores gráficos, das 60 greves registradas somente duas foram noticiadas.

²³⁷ Ver *La Protesta*. Buenos Aires, 20, 23, 26 jul. 1930.

²³⁸ DI TELLA, op. cit., p. 347.

²³⁹ Ibidem, p. 278.

²⁴⁰ HYMAN, Richard. *Strikes*. London: MacMillan Academic and Profesional, (1972) 1989; LYDDON, Dave. Strike statistics and the problem of international comparison. In: VELDEN, Sjaak van der; DRIBBUSCH, Heiner; LYDDON, Dave; VANDAELE, Kurt (Ed.) *Strikes Around the World, 1968-2005: Case-studies of 15 countries*. Amsterdam: Aksant, 2007; e FRANZOSI, Roberto. One Hundred Years of Strike Statistics: Methodological and Theoretical Issues in Quantitative Strike Research. *ILR Review*, v. 42, n. 3, apr. 1989, p. 348-362.

cálculo, tanto do ponto de vista mais geral quanto daquele específico às nossas fontes. De uma perspectiva mais geral, a intensidade das greves mensuradas pelos “dias de trabalho perdidos” pode levar a importantes distorções. Por exemplo, a longa greve de dez meses ocorrida na fábrica da General Motors de Buenos Aires no ano de 1929 (303 dias, envolvendo entre 456 e 1300 operários) teria feito com que a intensidade das greves naquele ano fosse quase semelhante à de 1927, quando ocorreram três greves gerais declaradas em protesto contra a execução de Sacco e Vanzetti e que paralisaram um total de 375.000 trabalhadores em três dias. Ainda pensando nas possíveis distorções, uma paralisação de trabalhadores seguida por sua rápida substituição por outros pode fazer com que os “dias de trabalho perdidos” sejam reduzidos a dois ou três, mesmo se os grevistas continuarem atuando com algum grau de sucesso contra seus empregadores ao longo de um ano inteiro²⁴¹. Em relação às nossas fontes, em muitos casos essa diferença de “percepção” entre patrões e trabalhadores sobre o fim dos conflitos, e que na verdade não deixa de ser uma arma fundamental na condução das greves²⁴², puderam ser observadas no cotejamento das crônicas do DNT com a imprensa operária. Assim, não apenas o número de trabalhadores envolvidos constituiu-se em um problema para nossas fontes, mas também a precisão sobre a duração dos conflitos.

O problema sobre o que deveria marcar o fim de uma greve era percebido pelos próprios trabalhadores organizados do período. Em um artigo sobre a adoção de comitês mistos de conciliação entre patrões e operários, publicado em 1929 no jornal *La Vanguardia*, José Perez afirmava, após tecer uma série de considerações sobre as vantagens e desvantagens do recurso à greve, que “As greves ‘se sabem como começam, mas não como terminam’”. Na imprensa operária, sobretudo no diário *La Protesta*, há uma “sobrenotificação” das mobilizações, principalmente em relação à duração de algumas greves. Se é verdade que no período existiram conflitos importantes e que tiveram longa duração (General Motors, Cristalería Papini, Nordiska, Sage, Thompson, são alguns exemplos de empresas cujas greves duraram mais de 3 meses somente no ano de 1929), por outro lado, muitos destes que continuaram sendo noticiados como “greve” evoluíram, após determinado tempo, para boicotes ou para uma

²⁴¹ LYDDON, Dave. Strike statistics and the problem of international comparison. In: VELDEN, Sjaak van der; DRIBBUSCH, Heiner; LYDDON, Dave; VANDAELE, Kurt (Ed.) *Strikes Around the World, 1968-2005: Case-studies of 15 countries*. Amsterdam: Aksant, 2007, p. 32.

²⁴² Vand der Linden elenca como fatores fundamentais para o sucesso de uma greve tanto a capacidade que os trabalhadores têm de mobilizar o apoio de outros grupos como a necessidade de manter o moral dos grevistas em alta. Nesse sentido, a disputa em torno da “narrativa” sobre o conflito, principalmente em relação ao nível de perturbação que uma paralisação provocava no funcionamento normal de uma empresa, era uma peça fundamental na luta e tema recorrente nas crônicas sobre os conflitos publicados na imprensa operária. LINDEN, Marcek van der. *Trabalhadores do mundo: Ensaio para uma história global do trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 218-224.

modalidade bem particular de protesto: mesmo com os trabalhadores grevistas sendo substituídos, os sindicatos prosseguiram promovendo reuniões de trabalhadores e atos em protesto contra as empresas em que havia se originado o conflito²⁴³. Dito isso, quando nos foi impossível delimitar a duração de uma greve por meio do cotejamento das crônicas produzidas pelo DNT com os diferentes periódicos, optou-se por dá-la como encerrada seguindo dois critérios. Em primeiro lugar, pela desaparecimento total das menções feitas à greve no *corpus* documental, mas também, a partir do momento em que as notificações se restringiram a divulgação de reuniões nas sedes dos respectivos sindicatos.

A discussão em relação à duração dos conflitos nos leva a outra questão: como registrar os resultados das greves? Nas crônicas oficiais eram registradas três possibilidades de desfecho: favorável, parcial e negativo. No entanto, preferimos classificar as greves em apenas duas possibilidades de resultado, a saber, positivo e negativo/sem dados, incluindo no primeiro grupo aquelas que não obtiveram todas, mas pelos menos algumas de suas reivindicações. Tendo em vista que as greves vitoriosas eram efusivamente comemoradas pela imprensa operária, e isso ocorria independentemente da coloração ideológica do sindicato que houvesse dirigido o movimento ou do jornal que tivesse noticiado o desfecho do conflito, é possível inferir que aquelas greves que simplesmente deixaram de ser noticiadas não tiveram em seu desfecho nenhuma vitória ou avanço para os trabalhadores envolvidos. Por isso, agrupamos tanto as derrotas como as greves que deixaram de ser noticiadas em um mesmo grupo. Em relação à junção das greves cujo resultado foi positivo e parcial sob uma mesma consigna, essa decisão foi inspirada pelas sugestões de Ricardo Guaido e Jorge Pilone, quando criticaram as conclusões de Miguel Murmis e Juan Carlos Portantiero sobre como interpretar os resultados das greves durante a década de 1930²⁴⁴, assim como pela leitura dos periódicos operários durante o período de 1924 a 1930. Parafraseando Guaido e Pilone, qual seria o sentido de aderir a uma definição tão estreita de êxito, quando na própria imprensa operária as reportagens, notas e comunicados que comemoravam de maneira efusiva as greves vitoriosas não diferenciavam a aceitação parcial ou total das reivindicações?

²⁴³ Dois casos exemplares nesse sentido foram as greves declaradas pelos trabalhadores da fábrica de óleos e lubrificantes *Padilla* e da metalúrgica *Thyssen*. A primeira greve teve início em agosto de 1923 e foi noticiada ao longo do ano de 1924, ao lado dos chamados ao boicote dos produtos da empresa. Ainda em dezembro de 1925, era possível encontrar menções sobre a continuidade da greve, principalmente no *La Protesta*. Em relação a *Thyssen*, as menções à greve nesta fábrica de Avellaneda desapareceram do *La Vanguardia* a partir de 21 de junho de 1929, depois de três meses de conflito. Por sua vez, o *La Protesta* seguiu falando em greve até outubro de 1930.

²⁴⁴ GUAIDO, Ricardo; PILONE, Jorge. El desarrollo de la negociación colectiva durante la etapa de modernización industrial en la Argentina. 1935-1943. *Desarrollo Económico*, v. 23, n. 90, jul.-sep. 1983, p. 263-264.

O resultado mais relevante de nosso levantamento foi, sem dúvida, o enorme volume de informações que reunimos acerca das reivindicações e demandas dos trabalhadores. As informações obtidas por meio da imprensa operária foram fundamentais para a desagregação e complementação dos dados fornecidos pelo DNT. Os *pliegos de condiciones*, as listas de reivindicações, eram publicadas e republicadas insistentemente nas seções dedicadas ao movimento sindical. Complementando, cotejando e sistematizando as informações das pequenas crônicas oficiais com as fornecidas pela imprensa operária, nos foi possível elaborar o seguinte quadro de reivindicações:

Quadro 1 – Descrição das reivindicações listadas durante as greves ocorridas entre 1924 e 1930

Reivindicação	Caráter e descrição
Redução de salários (RD)	Greve de caráter defensivo que ocorre quando trabalhadores paralisam as atividades em decorrência da redução dos seus salários.
Aumento de salários (AS)	Greve de caráter ofensivo que ocorre quando os trabalhadores paralisam as atividades exigindo o aumento de seus salários.
Atraso de salário (AT)	Greve de caráter defensivo que ocorre quando os patrões atrasam ou criam empecilhos para os trabalhadores receberem seus salários.
Condições de trabalho (CT)	Greve de caráter defensivo exigindo a demissão de trabalhadores não organizados e capatazes, melhores condições de higiene e dos edifícios, contra o aumento de tarefas ou a intensificação dos ritmos de trabalho etc.
Jornada de trabalho (JT)	Greve de caráter ofensivo pela redução das horas de trabalho e/ou conquista de dias livres para o descanso.
Organização (ORG)	Greve de caráter ofensivo que exige o reconhecimento por parte dos patrões da organização ou representação sindical nos locais de trabalho.
Readmissão (RA)	Greve de caráter defensivo que exige a readmissão de um ou mais trabalhadores demitidos por motivos considerados injustos.
Solidariedade (S)	Greve de caráter ofensivo, uma vez que um grupo de trabalhadores sem relação direta com um movimento se declara em greve com intuito de demonstrar força.
Política (P)	Greve geral cujo objetivo é o de marcar posição ou protestar contra atos das autoridades estatais, jurídicas, policiais ou propostas legislativas.

Em muitos casos, as greves não se limitaram a uma reivindicação específica; em poucos, não foi possível saber qual era o seu motivo (das 1.076 greves registradas, não possuímos informações sobre as reivindicações de 58 destas). Assim, em nossa apresentação, os números de aparições por semestre de reivindicações podem superar ou estar abaixo do número de greves declaradas.

Em relação às reivindicações e demandas dos trabalhadores, a imprensa operária foi fundamental para a desagregação e complementação dos dados fornecidos pelo DNT. Os *pliegos de condiciones*, as listas de reivindicações, verdadeiros *cahiers de doléances* dos trabalhadores, eram publicadas e republicadas insistentemente nas seções dedicadas ao movimento sindical. Se por um lado, a ampla divulgação das reivindicações e táticas de luta

serviam como exemplos a serem seguidos pelos trabalhadores não organizados ou desmobilizados²⁴⁵, para o historiador, as reivindicações apresentadas na imprensa operária constituem uma forma de aceder de alguma maneira ao que se passava no chão de fábrica.

2.2. Conflito social em Buenos Aires entre 1924-1930: Greves, grevistas e suas reivindicações

Em números absolutos, nossa contagem produziu o seguinte resultado em comparação aos dados fornecidos pelo DNT:

Tabela 2.1 – Números absolutos de greves e grevistas (1924-1930)

Ano	A		B		A-B	
	Greves	Grevistas	Greves	Grevistas	Greves	Grevistas
1924	246	332.296	71	275.978	175	56.318
1925	154	14.544	86	13.962	68	582
1926	82	18.099	62	15.405	20	2.694
1927	118	418.362	56	411.888	62	6.474
1928	191	77.733	137	73.989	54	3.744
1929	156	56.736	116	53.101	40	3.635
1930	129	35.600	123	35.127	6	473
Total	1.076	953.370	651	879.450	662	73.920

Sendo **A** nossa contagem (Imprensa operária somada às pequenas crônicas publicadas pelo DNT), **B** os números de greves e grevistas oficiais (fornecidas pelas pequenas crônicas do DNT) e **A - B** as diferenças entre as duas contagens.

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

Em uma primeira observação sobre os dados relativos ao período de 1924 a 1930, dois momentos saltam aos olhos em relação ao número absoluto de greves e grevistas, a saber, os anos de 1924 e 1927. O ano de 1924, com reflexos ainda em 1925, foi marcado pela campanha contra a Lei 11.289 de aposentadorias. Como resultado, foram convocadas quatro greves gerais (em 19 de janeiro, 5 de abril, 3 a 8 de maio e 27 de agosto), mobilizando mais de 300.000 trabalhadores. Já o ano de 1927 vivenciou intensas jornadas de protestos contra a condenação à morte de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti nos EUA. Naquela ocasião, foram paralisados um total de 375.000 trabalhadores nos dias 05, 08 e 22 de agosto. Em meio aos “pacíficos” anos

²⁴⁵ LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Buenos Aires y Montevideo, 1890-1958. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 45-52 e 169-180.

1920, surgem dois picos de mobilização cujo número de participantes chega a superar o do auge da onda de greves ocorrida entre 1917 e 1921²⁴⁶.

Assim, antes de avançarmos em nossa análise propriamente dita sobre a dinâmicas das greves ocorridas em Buenos Aires entre 1924 -1930, devemos nos debruçar brevemente sobre os picos de mobilização em 1924 e 1927. Uma breve digressão sobre estes conflitos se faz necessária como parte do esforço para reinstaurar e reabilitar a importância do movimento sindical argentino nas análises sobre os conflitos sociais do período.

2.2.1. As greves gerais de 1924 e 1927

As greves gerais ocorridas em 1924 e 1927 foram ignoradas, subestimadas, quando não deliberadamente desqualificadas pela historiografia argentina. Alguns trabalhos pontuais começaram a jogar um pouco mais de luz sobre estas mobilizações, sobretudo os da historiadora Luciana Anapio, sobre a atuação dos anarquistas nesse período²⁴⁷. A seguir buscamos discutir os impactos das mobilizações de 1924 e 1927, mas principalmente, o alcance e o protagonismo que os trabalhadores de Buenos Aires tiveram nesses movimentos, redimensionando os eventos frente ao dogma da “paz social” que teria reinado ao longo da década de 1920. Para tanto, além dos estudos acima citados e dos relatos dos chamados “historiadores militantes”²⁴⁸, apoiaram nossas análises a repercussão que estes movimentos tiveram na imprensa internacional, os dados fornecidos por nosso levantamento sobre as greves durante a década de 1920 e uma série documentos inéditos obtidos nos arquivos intermediários do Ministério do Interior argentino.

A campanha contra a Lei 11.289 durante o ano de 1924

A Lei 11.289, sancionada pelo parlamento argentino em 1923 e regulamentada por um decreto presidencial em janeiro de 1924, veio à luz a partir de um conjunto de propostas elaboradas ao longo da onda de greves de 1917-1921, que, de alguma maneira, procuravam solucionar a chamada “questão social”. Equilibrando-se entre a regulamentação e a repressão da atividade sindical e vinculados ao processo mais global de enquadramento institucional da

²⁴⁶ Para o período, ver: FERREIRA, Fernando Sarti. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 68-99.

²⁴⁷ ANAPIOS, Luciana. El anarquismo frente a una coyuntura crítica: movilización popular, violencia y opinión pública en Buenos Aires a fines de la década del ‘20. *Revista Mundos do Trabalho*, v.3, n. 5, jan.-jun. 2011; ANAPIOS, Luciana. La Ley de Jubilaciones de 1924 y la posición del anarquismo en la Argentina. *Revista de Historia del Derecho*, INHIDE, Buenos Aires, n. 46, 2013.

²⁴⁸ GUTIÉRREZ, Leandro H.; ROMERO, Luis Alberto. Los sectores populares y el movimiento obrero: un balance historiográfico. In: ROMERO, L. A.; GUTIÉRREZ, L.; TJEJBES, P. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995, p. 198-200.

rebelião proletária do período, muitos desses projetos buscaram incorporar algumas das reivindicações elaboradas no seio do movimento operário argentino e internacional. A regulamentação de pensões e aposentadorias era uma dessas bandeiras²⁴⁹.

Em linhas gerais, a lei de aposentadorias proposta pelo governo Avelar e aprovada pelo Congresso Nacional criava caixas previdenciárias destinadas aos empregados e trabalhadores do comércio, das indústrias, das artes gráficas e da marinha mercante. O capital dessas caixas seria financiado compulsoriamente por 5% dos salários ganhos pelos trabalhadores e por 8% dos salários pagos pelos patrões. Do total arrecadado, 50% seria aplicado em títulos de renda nacional e os 50% restantes, segundo a decisão dos órgãos diretivos dessas caixas, formados por um representante do Poder Executivo, quatro representantes dos patrões e quatro dos trabalhadores. Por fim, a lei garantia aos trabalhadores que tivessem contribuído com a caixa o direito à aposentadoria ordinária, aposentadoria excepcional por incapacidade para o trabalho e pensão por falecimento para a família²⁵⁰.

A objeção ao projeto do governo expressada pelas organizações sindicais e políticas foi unânime, apesar das mais variadas posições sobre a instituição de um sistema de aposentadorias e pensões para os trabalhadores²⁵¹. A Unión Sindical Argentina (USA), principal federação sindical do período, controlada por comunistas e Sindicalistas Revolucionários, se opôs ao projeto, pois a lei não havia sido o resultado da pressão dos trabalhadores e porque, ao fim, os aportes obrigatórios abocanhariam parte dos exíguos salários. A Federación Obrera Marítima (FOM) e o Partido Socialista, por outro lado, não se opunham exatamente à regulamentação das aposentadorias em lei, mas tampouco endossavam o projeto, principalmente no que concernia à contribuição obrigatória dos trabalhadores. Por fim, a partir do campo libertário, negava-se de maneira absoluta qualquer forma de regulamentação das relações entre o capital

²⁴⁹ Sobre essas discussões na Argentina, ver: FALCÓN, Ricardo; MONSERRAT, Alejandra. Estado, empresas, trabajadores y sindicatos. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p. 171; e FERREIRA, Fernando Sarti. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 298-299. Em relação à regulação das pensões e aposentadorias em âmbito internacional, deve-se destacar que seu estabelecimento está previsto no preâmbulo da XIIIª parte do Tratado de Versalhes de 1919. Sobre este contexto, ver: FERREIRA, F. S. A Segunda Internacional está morta? O Tratado de Versalhes e a Federação Sindical Internacional. *Mouro: Revista Marxista*, v. 8, 2013, p. 217-231.

²⁵⁰ Uma breve descrição dos principais pontos da lei pode ser visto em: MAROTTA, Sebastian. *El movimiento sindical argentino, su génesis y desarrollo (1920-1935)*. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Calmino, 1970, p. 153-157; CATERINA, Luis María. La Ley 11.289: el fallido intento de una ley de jubilaciones (1923-1926). *Revista de Historia del Derecho*, INHIDE, Buenos Aires, n. 26, 1998, p. 74-77.

²⁵¹ Para a reconstrução dos eventos, ver CATERINA, op. cit.; MAROTTA, op. cit., p. 158-173; HOROWITZ, Joel. *Argentinas's Radical Party and popular mobilization 1916-1930*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2008, p. 101-111; e ANAPIOS, Luciana. La Ley de Jubilaciones de 1924 y la posición del anarquismo en la Argentina. *Revista de Historia del Derecho*, INHIDE, Buenos Aires, n. 46, 2013, p. 27-43.

e o trabalho mediada pelo Estado. Entre outros questionamentos que devemos destacar havia também a preocupação com a possibilidade de que o direito à aposentadoria fosse negado aos trabalhadores que participassem de greves e, também, que os patrões passassem a subcontratar os trabalhadores em uma espécie de terceirização *avant la lettre*. Contudo, foram as retenções dos salários iniciadas por muitos patrões em abril de 1924 que unificaram a mobilização dos trabalhadores contrários à Lei 11.289 e que levaram às greves gerais de 3 de maio e de 27 de agosto daquele ano, ambas convocadas pela USA e pela Federación Obrera Regional Argentina (FORA).

O descontentamento em relação à lei era um sentimento também compartilhado pelos empresários. Durante a greve geral, que durou de 03 a 08 de maio, as principais organizações patronais do país – que já vinham enumerando uma série de críticas ao projeto –, divididas entre a efetivação dos depósitos obrigatórios, o que muito provavelmente incitaria os seus trabalhadores à greve, e as multas a serem cobradas pela não realização dos descontos, decidiram aderir ao movimento promovendo o fechamento de suas fábricas e empresas dois dias após o início do movimento dos trabalhadores. A adesão patronal ao movimento fundamentou uma interpretação corrente de que a greve geral não havia sido um movimento legítimo dos trabalhadores organizados ou mesmo que não tenha tido qualquer relevância naquele contexto²⁵². Luis María Caterina, por exemplo, baseia essas conclusões nas “bem detalhadas” notícias brindadas pelo diário *La Nación*. Contudo, mesmo sem sair do universo da grande imprensa comercial argentina, podemos questionar essas afirmações, recorrendo à fotorreportagem publicada na edição de *Caras y Caretas* de 17 de maio de 1924²⁵³. Se por um lado, a revista ilustrada retratou com fotos a bem-comportada concentração de patrões na Plaza Colón, na página seguinte somos informados sobre uma série de incidentes não tão bem comportados perpetrados nas manifestações dos trabalhadores: conflitos com a polícia na Plaza Once, bondes incendiados, troca de tiros em Avellaneda, além de agentes policiais feridos por bombas. O relato da Associated Press publicado pelo *The New York Times*, apesar de notar a peculiaridade do movimento que unificou “[...] o capital e trabalho contra o que tem sido considerado uma peça legislativa absurda”, destacava a enorme extensão que a greve havia

²⁵² CATERINA, Luis María. La Ley 11.289: el fallido intento de una ley de jubilaciones (1923-1926). *Revista de Historia del Derecho*, INHIDE, Buenos Aires, n. 26, 1998, p. 87; e GODIO, Julio. *História del movimiento obrero argentino, 1870-2000*. Tomo 1. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2000, p. 321. Joel Horowitz, por sua vez, prefere afirmar ser difícil discernir se o que prevaleceu foi o *lockout* ou a greve. HOROWITZ, Joel. *Argentinas's Radical Party and popular mobilization 1916-1930*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2008, p. 109.

²⁵³ *CARAS Y CARETAS*, Buenos Aires, n. 1337, 17 maio 1924, p. 53-54.

adquirido antes do *lockout* patronal iniciado no dia 05 de maio, assim como o aparato repressivo mobilizado pelo governo de maneira preventiva²⁵⁴.

Recorrendo ao nosso levantamento, é possível perceber que durante o primeiro semestre de 1924 há uma crescente mobilização dos trabalhadores contrários à lei. Antes do grande movimento de maio daquele ano, além de algumas greves declaradas de maneira independente em muitas empresas e fábricas contra a Lei de Aposentadorias, ocorreram dois ensaios de greve geral: entre 19 e 26 de janeiro, quando 29 empresas e 5.049 trabalhadores foram à greve, e entre 5 e 15 de abril, dias nos quais 19 empresas e 4.415 trabalhadores paralisaram suas atividades. Excluindo as paralisações gerais e somando as informações registradas pela CMDNT e pela imprensa operária, a luta contra a Lei 11.289 durante todo o primeiro semestre de 1924 foi responsável por um quarto das 114 reivindicações mencionadas, e em torno dela se mobilizaram 65% dos trabalhadores grevistas. No segundo semestre, as mobilizações de maio seguiram produzindo reflexos em um dos mais tradicionais e importantes sindicatos de Buenos Aires e indicavam que as coisas não tinham sido tão harmoniosas entre grevistas e *lockouters*. Um informe da comissão administrativa da Federación Gráfica Bonaerense publicado na edição de 10 de setembro de 1924 do *La Vanguardia* afirmava que, apesar do substancial crescimento das cotizações pagas pelos filiados no primeiro semestre do ano, mais da metade daquele dinheiro tinha sido utilizado em subsídios para os trabalhadores demitidos em decorrência das mobilizações contrárias à Lei 11.289²⁵⁵. Em importantes estabelecimentos industriais, como na metalúrgica La Cantábrica²⁵⁶ e na tecelagem Barolo²⁵⁷, os trabalhadores ainda enfrentariam seus patrões ao longo do ano de 1925 para que interrompessem os descontos e devolvessem o dinheiro já descontado.

Uma série de informes de uso interno produzidos pelo DNT e pela polícia da cidade de Buenos Aires para o Ministério do Interior compõe outro sólido indício sobre a decidida adesão dos trabalhadores ao movimento²⁵⁸. Em 24 de abril, o Ministro do Interior Vicente Gallo recebeu o primeiro relatório sobre a mobilização dos trabalhadores contra a lei de aposentadorias. Produzido por Daniel Antokoletz, chefe da Divisão de Estatísticas do DNT,

²⁵⁴ CAPITAL and labor strike in Argentina. *The New York Times*, New York, 04 maio 1924.

²⁵⁵ FEDERACIÓN Gráfica Bonaerense – Informe de la comisión administrativa. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 10 set. 1924.

²⁵⁶ EM LOS TALLERES La Cantábrica se está en vísperas de una huelga. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 25 out. 1925; e EL PERSONAL de La Cantábrica obtuvo la devolución de los aportes. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 31 out. 1925.

²⁵⁷ LA CASA Barolo devuelve los aportes a la ley 11.289. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 06 jan. 1926.

²⁵⁸ Todas as informações foram obtidas no arquivo intermediário do Ministério do Interior no Arquivo Nacional da República Argentina. A pasta N° 8399/Letra T, de 1925, intitulada *Informe sobre el estado de animo de personal de fábricas y talleres de esta capital con motivos de la aplicación de la ley no. 11.289* reúne o material aqui citado. Vamos nos referir a este material como MI-1924/N°8399/T, seguido do título do documento e data.

este informe registrava naquele momento 1.253 operários de três estabelecimentos paralisados contra a Lei 11.289 (Barzi & Cia, Siemens & Schuckert e a Compañía General de Construcciones), mas alertava ao Ministro ter sido informado “extraoficialmente” sobre a iminência de uma greve geral, com a perspectiva de que “[...] dito movimento adquirisse características violentas”²⁵⁹. O segundo informe trazia uma pesquisa realizada entre os dias 28 e 29 de abril²⁶⁰, revelando que entre os 4.116 operários e operárias de 71 fábricas, oficinas e estabelecimentos comerciais pesquisados, apenas 474 aceitaram fazer os aportes obrigatórios pela nova lei. O terceiro documento – um relatório da polícia sobre a normalização das atividades após a greve, muito provavelmente realizado entre os dias 08 e 10 de maio – informava ao Ministro do Interior que em nenhuma das 44 seções policiais em que estava dividida a cidade de Buenos Aires as atividades fabris e comerciais estavam ocorrendo normalmente. Da ausência de taxis e ônibus à escassez de alimentos nos mercados e lojas de algumas regiões, o informe ainda contabilizava 37.373 trabalhadores em greve. Sobre o *lockout* patronal, o documento mencionava que a paralisação das atividades era o resultado deste apenas nas 27ª e 32ª seções²⁶¹. No dia 8 de maio, a divisão de estatísticas do DNT enviou ao Ministério o penúltimo documento sobre a greve geral. Neste informe, era reportado como havia sido a adesão ao movimento grevista em mais de 30 empresas, entre elas os importantes estabelecimentos da Otis Elevator Company, Fábrica de Tejidos Barolo, Talleres Metalúrgicos “La Cantábrica”, G. Kraft Ltda e Bagley. Dos 3.890 operários consultados, 3.628 se manifestaram contrários à lei, sendo que 3.144 tinham se declarado “[...] em greve como exteriorização do seu modo de pensar”²⁶². No dia 10 de maio, o último informe do DNT chegava ao Ministério. A pesquisa realizada dois dias antes em 15 pequenas fábricas e oficinas e na Fábrica Argentina de Alpargatas, localizada à rua Patricios, n. 1053, informava que entre os 3.450 operários consultados, apenas 33 estavam de acordo com a Lei 11.289 e a grande maioria havia aderido à greve do dia 03 de maio²⁶³.

Independentemente da participação patronal ou qualquer que tenha sido sua extensão, não há como negligenciar a adesão massiva dos trabalhadores de Buenos Aires à greve geral de 03 de maio de 1924, revelando a persistência da capacidade de convocação dos sindicatos para mobilizações massivas anos após o fim da onda de greves que encerrou a década de 1910, e que ainda demonstraria uma enorme força três anos depois.

²⁵⁹ MI-1924/Nº 8399/T, “Nota Nº 488”, 24 abr. 1924.

²⁶⁰ MI-1924/Nº 8399/T, “Nota Nº 893”, 30 abr. 1924.

²⁶¹ MI-1924/Nº 8399/T, “Estado actual de la huelga según comunicación de los comisarios”, s/d.

²⁶² MI-1924/Nº 8399/T, “Nota Nº 900”, 08 maio 1924.

²⁶³ MI-1924/Nº 8399/T, “Nota Nº 901”, 10 maio 1924.

A mobilização em defesa de Sacco e Vanzetti durante o ano de 1927

A condenação à morte de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti pelo júri da pequena cidade de Dedham, em Massachusetts, em julho de 1921, desatou um dos maiores movimentos de solidariedade internacional promovidos pela classe trabalhadora em sua história. Seus reflexos foram sentidos da América Latina ao norte do continente africano²⁶⁴. Entre a condenação, naquele ano, e a execução dos dois militantes anarquistas no dia 23 de Agosto de 1927, vigílias, *meetings*, passeatas, greves, conflitos com a polícia e explosões de bombas como forma de protesto contra os arbítrios da justiça estadunidense foram registrados nas cidades de Boston, Nova Iorque, Chicago, Cidade do México, Buenos Aires, Caracas, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu, Marselha, Paris, Casablanca, Lisboa, Amsterdam, Londres e Berlim. A curiosa aliança entre comunistas e anarquistas na direção desse movimento ao redor do mundo foi um indicador das transformações pela qual passava o movimento operário durante o entreguerras. Por um lado, em boa parte do mundo, o movimento anarquista viu na campanha um último suspiro antes de seu definitivo eclipse na década de 1930; por outro lado, o nascente movimento Comunista Internacional, inspirado pela tática da frente única do Segundo Período, elaborada a partir da Internacional Comunista, enxergou ali uma possibilidade de ampliar sua base de influência²⁶⁵. Para Lisa McGirr,

Da França à Argentina, a mobilização em torno de Sacco e Vanzetti pode ser vista como o fim de uma forma específica de militância relativa ao conflito de classes e que havia sido significativa na ação política dos trabalhadores no final do século XIX e início do século XX. A execução dos dois homens marcou a morte de seu radicalismo. [A partir de então] A ação dos trabalhadores e a política da esquerda organizada desembocaram em concessões crescentes aos trabalhadores, seja através dos movimentos socialdemocratas ou, como na Itália, da política corporativista²⁶⁶.

Em relação ao movimento em solidariedade a Sacco e Vanzetti na Argentina, as coisas não foram muito diferentes. Para além da identificação imediata da sorte dos dois militantes anarquistas com casos argentinos, sobretudo as prisões e condenações de Simon Radowitzky²⁶⁷

²⁶⁴ Sobre a dimensão internacional da campanha contra a execução de Sacco e Vanzetti, ver: MCGIRR, Lisa. The Passion of Sacco and Vanzetti: A Global History. *The Journal of American History*, v. 93, n. 4 mar. 2007, p. 1085-1115.

²⁶⁵ Ibidem, p. 1091-1093.

²⁶⁶ Ibidem, p. 1096.

²⁶⁷ Simón Radowitzky foi um operário metalúrgico e militante anarquista de origem ucraniana, que foi preso e condenado à prisão perpétua em 1909 pelo assassinato do coronel Ramón Lorenz Falcón, chefe da polícia de Buenos Aires e responsável pela brutal repressão à comemoração do Primeiro de Maio daquele ano. “Liberdade para Simón Radowitzky” foi uma consigna adotada pelos mais diversos grupos políticos operários e de esquerda

e Eusebio Mañasco²⁶⁸, os diversos setores do movimento anarquista do país, cuja influência sobre o protesto social e a agitação trabalhistas vinha declinando desde a década de 1910, enxergaram na condenação uma oportunidade de recuperar sua presença ante a opinião pública²⁶⁹. As mobilizações em torno da condenação de Sacco e Vanzetti parecem ter seguido um roteiro semelhante ao das greves de 1924. Entre abril e junho, foram convocadas duas greves gerais, cujo alcance e dimensão não são muito claros, até que no mês de agosto há uma verdadeira explosão de manifestações contrárias à execução. A principal greve do primeiro semestre foi convocada pela FORA e pela USA para o dia 15 de junho e, segundo os relatos da imprensa operária, teve a adesão de 26 sindicatos, entre eles os de taxistas, metalúrgicos, trabalhadores do calçado, construtores navais e dos sindicatos da madeira²⁷⁰. A adesão ao movimento e às manifestações, mesmo sendo proibidas pela polícia da Capital Federal²⁷¹, surpreendeu os próprios organizadores. Segundo editorial do *Bandera Proletaria*, “Sendo fiéis à verdade, não diremos que a paralisação foi absoluta; porém sim que superou os cálculos mais otimistas”²⁷². Em agosto, diante da iminente execução em Massachusetts, ocorreram mais três paralisações gerais cujo número total de participantes registrados pelo DNT atingiu a casa dos 375 mil grevistas.

As jornadas de agosto foram largamente noticiadas pela imprensa comercial argentina, mas principalmente pela internacional, sendo a cidade um dos principais palcos da mobilização

e nas mais diversas ocasiões ao longo das décadas de 1910 e 1920. Radowitzky foi indultado pelo presidente Hipólito Yrigoyen, em 1930, com a condição de deixar o país, seguindo para o Uruguai e depois para a Espanha republicana. Faleceu no México em 1956. Cf. TARCUS, Horacio (Org.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina. De los anarquistas a la “nueva izquierda” (1870-1976)*. Buenos Aires: Emecé, 2007, p. 545-546. Um chamado de greve geral em pela sua libertação mobilizou cerca de 20.000 trabalhadores no ano de 1928, cf. *CMDNT*, n. 125, jul. 1928, p. 2427-2434; *La Vanguardia*, Buenos Aires, 23 e 24 mar. 1928; e *La Protesta*. Buenos Aires, 23 e 24 mar. 1928.

²⁶⁸ Eusebio Mañasco foi um dirigente sindical anarquista de origem paraguaia e que foi responsável pela organização dos trabalhadores das plantações de erva-mate nas províncias do norte do país. Preso em 1921 pelo assassinato de um colono dinamarquês em um processo repleto de ilegalidades, como a confissão de sua esposa e de mais quatro companheiros mediante tortura, a exigência pela liberdade de Mañasco extrapolou as fileiras do movimento operário, chegando mesmo a ser defendida por importantes setores do partido do presidente Alvear, a Unión Cívica Radical. Em julho de 1927 foi-lhe concedido o indulto presidencial. Cf. TARCUS, Horacio. *Diccionario...*, op. cit., p. 388-389; e HOROWITZ, Joel. *Argentinas's Radical Party and popular mobilization 1916-1930*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2008, p. 59-61.

²⁶⁹ ANAPIOS, Luciana. El anarquismo frente a una coyuntura crítica: movilización popular, violencia y opinión pública en Buenos Aires a fines de la década del '20. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 3, n. 5, jan.-jun. 2011, p. 289.

²⁷⁰ LA SIGNIFICATIVA jornada de ayer contra la inicua condena de los obreros Mañasco, Sacco y Vanzetti. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 16 jun. 1927.

²⁷¹ EL PARO decretado por la U. Sindical Argentina para el miércoles asumirá grandes proporciones; e LA POLICÍA. *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 11 jun. 1927. Segundo informe da chefia da polícia para o Ministro do Interior José Tamborini de 24 de maio de 1927, o ato público a favor de Sacco e Vanzetti marcado para dia 14 de junho deveria ser proibido, já que também havia a convocação de uma greve geral “cujas projeções não são possíveis de se estabelecer”. MI-1927/Nº 12821/P, “Nota Nº 39”, 24 maio 1927.

²⁷² IMPONENTE fue la huelga por Sacco y Vanzetti – Después de la jornada. *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 25 maio 1927.

global contra a execução de Sacco e Vanzetti. As greves, acompanhadas de manifestações públicas nas praças centrais e nos diversos bairros da cidade, unificaram a ação de socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas em um conturbado contexto de disputas políticas e extrapolaram os tradicionais circuitos operários e de esquerda, ganhando a adesão de intelectuais, estudantes e outros grupos sociais. Conflitos com a polícia, bombas em estações de trem, incêndios de bondes e a destruição das vitrines de empresas e bancos estadunidenses foram recorrentes nesses atos²⁷³. A dimensão assumida pelas mobilizações em Buenos Aires ainda pode ser medida pela especial atenção que a imprensa estadunidense dedicou ao assunto. Destacando ora a imponente dimensão das greves gerais, ora a radicalidade dos ataques à bomba e dos apedrejamentos feitos por populares a lojas e empresas estadunidenses, as mobilizações contra a execução de Sacco e Vanzetti na capital argentina foram noticiadas 20 vezes pelo *The New York Times* entre abril e dezembro de 1927, principalmente durante o decisivo e agitado mês de agosto²⁷⁴.

A dimensão da mobilização popular e das greves em torno do julgamento e execução de Sacco e Vanzetti teria sido uma exceção em meio à “paz social” da década de 1920²⁷⁵? Ou mais uma demonstração – assim como a greve de 1924 – da capacidade de convocação que as organizações operárias ainda dispunham naquele momento? Ao analisar o caráter global destas manifestações, Lisa McGirr afirma que para além das comunidades e redes transnacionais criadas pelo movimento migratório e do enorme avanço que os meios de comunicação de massa atingiram na década de 1920, a mobilização internacional contra a execução de Sacco e Vanzetti teria sido, sobretudo, o resultado da decidida atuação do movimento operário e da esquerda nos

²⁷³ ANAPIOS, Luciana. El anarquismo frente a una coyuntura crítica: movilización popular, violencia y opinión pública en Buenos Aires a fines de la década del '20. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 3, n. 5, jan.-jun. 2011, p. 291-294.

²⁷⁴ Consultando os arquivos digitais do *The New York Times*, foram encontradas as seguintes notícias: BUENOS AIRES Sacco Strike – Part of City Tied Up by Demonstration for Convicted Radicals, 09 abr. 1927; SENTENCE Intensifies Strike – Buenos Aires Labor Organs Denounce Judge Thayer's Action, 10 abr. 1927; ARGENTINE Labor Calls Sacco Strike, 22 maio 1927; WASHINGTON Shaft Bombed In Buenos Aires – Sacco Sympathizers Supposed to Have Done It, 23 jul. 1927; ARGENTINA Arrests Several in Bombing (Primeira página), 24 jul. 1927; SEIZE Sacco Documents – Buenos Aires Police Get Wire from Boston Calling Execution Imminent, 25 jul. 1927; DECISION on Sacco Coming Wednesday, 30 jul. 1927; BUENOS Aires Meetings are quiet, 02 ago. 1927; ARGENTINE Expects Strike – Sacco Outbreaks Start at Rosario and Buenos Aires. Fears Troubles, 05 ago. 1927; BOMB set off in Argentina, 07 ago. 1927; ARGENTINE Strikes Go On, 10 ago. 1927; ARGENTINE Cheers News of Respite, 11 ago. 1927; SEEKS to Inform Argentina – Our Embassy at Buenos Aires Sends Data on Sacco and Vanzetti Case to Press, 16 ago. 1927; CALL Strikes In Argentina – Labor Bodies Increase Agitation on Behalf of Sacco and Vanzetti, 20 ago. 1927; SACCO Rioter Kills Allegheny Trooper – American Stores Stoned, 23 ago. 1927; URGE Sacco and Vanzetti Streets, 23 ago. 1927; HOUSES Stoned in Buenos Aires, 24 ago. 1927; US BANK Bombed in Buenos Aires, 25 dez. 1927; Buenos Aires Crowd View Bombed Bank, 26 dez. 1927; 70 ARRESTS in Buenos Aires, 27 dez. 1927.

²⁷⁵ ANAPIOS, op. cit., p. 306.

cinquenta anos anteriores²⁷⁶. Em outras palavras, a campanha e, principalmente, o sucesso e a dimensão alcançada por ela não teriam sido possíveis sem o trabalho pretérito dos sindicatos e movimentos políticos de esquerda da passagem do século XIX para o XX na construção de “contra públicos subalternos”, ao organizarem e difundirem seus jornais, panfletos e livros²⁷⁷. Para os participantes dessa verdadeira “economia das publicações subalternas” (autores, editores e leitores)²⁷⁸, edificada ao longo dos 50 anos percorridos entre 1880 e 1930,

[...] a provação desses dois imigrantes italianos desde sua prisão, os detalhes de suas vidas, suas esperanças e sonhos, e seus pedidos por ajuda, se transformaram no drama de dois heróis da classe trabalhadora. Especialmente a imprensa anarquista, revelou os homens de carne e osso por detrás dos militantes. Trabalhadores leram versões impressas das cartas e cartões trocados entre as famílias e amigos e Sacco e Vanzetti. Quando os protagonistas do drama convocaram a intensificação das mobilizações para salvarem suas vidas, isto significou um apelo direto²⁷⁹.

A adesão de outros setores sociais para além dos circuitos sindicais e de esquerda ao movimento de 1927 não foi uma exclusividade argentina²⁸⁰ e tampouco uma novidade naquele país²⁸¹. Tal fato deve ser visto como mais um indício da perenidade da capacidade de convocação e mobilização dos sindicatos argentinos durante a década de 1920 e que se expressou para além da campanha por Sacco e Vanzetti.

O ano de 1927, além de assistir ao crescimento absoluto do número de greves e grevistas, ainda presenciou uma imponente manifestação de Primeiro de Maio, como há muito não ocorria em Buenos Aires. As fotografias divulgadas pelo *La Vanguardia* e pela revista

²⁷⁶ MCGIRR, Lisa. The Passion of Sacco and Vanzetti: A Global History. *The Journal of American History*, v. 93, n. 4, mar. 2007, p. 1100-1101.

²⁷⁷ “Nancy Fraser denominou de ‘contra públicos subalternos’ a um conjunto vasto de autores e de produções político culturais que se conformaram e circularam de maneira paralela a construção dos públicos e de uma opinião pública burguesa, segundo a expressão de Habermas”. LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Buenos Aires y Montevideo, 1890-1958. Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 16.

²⁷⁸ Esta ideia surgiu a partir da relação entre as reflexões propostas por McGirr em seu artigo e o comentário de Diego Abad Santillán sobre o papel da FORA e do movimento anarquista nas campanhas pela libertação de Radowitzky e contra a execução de Sacco e Vanzetti. Santillán faz a seguinte observação: “Contando os gastos de jornais, manifestos, murais, delegações, perda de dias de trabalho por greves solidárias, seria fácil somar milhões de pesos como balanço material dessas campanhas. Sem contar o balanço moral das centenas de presos e dos processados que resultaram destas lutas, além dos feridos e dos mortos nas manifestações”. SANTILLAN, Diego Abad. *La FORA. Ideología y trayectoria del movimiento obrero en la Argentina*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005, p. 279.

²⁷⁹ MCGIRR, MCGIRR, Lisa. The Passion of Sacco and Vanzetti: A Global History. *The Journal of American History*, v. 93, n. 4, mar. 2007, p. 1101.

²⁸⁰ Ibidem, p. 1101-1106. Até mesmo Henry Ford se pronunciou contra a execução dos militantes. FORD, Henry. Ford Against Execution. *The New York Times*, New York, 10 ago. 1927.

²⁸¹ Sobre o impacto e as consequências das mobilizações de janeiro de 1919 em Buenos Aires para além dos trabalhadores fabris e manuais, ver: ADAMOVSKY, Ezequiel. *Historia de la clase media argentina*. Apogeo e decadencia de una ilusión, 1919-2003. Buenos Aires: Ediciones Planeta, 2010, cap. 3, 6 e 7.

Caras y Caretas das manifestações do dia do trabalhador mostram uma verdadeira multidão com bandeiras vermelhas na Plaza del Congreso. Segundo o diário socialista, a mobilização extrapolou todas as expectativas, pois “desde as memoráveis manifestações dos anos de 1918, 1919 e 1920, nenhuma das posteriores foi tão numerosa nem tão entusiasmada como deste ano”. A crônica do ato ainda destacou que “o elemento feminino esteve abundantemente representado”, como mais um motivo para se celebrar o sucesso do evento. Duas semanas depois da manifestação, *Caras y Caretas* ainda repercutia o Primeiro de Maio com fotorreportagens sobre as comemorações do dia do trabalhador em Avellaneda²⁸². Até mesmo a imprensa internacional registrou os ecos da manifestação. Para a Associated Press, em nota datada do dia primeiro e publicada pelo *The New York Times* no dia seguinte, “A capital argentina vivenciou hoje o espetáculo da ausência de todo o trabalho e tráfego”²⁸³.

2.2.2. As greves entre 1924 e 1930 e a economia

Entre 1924 e 1930, a incidência de greves e o número de trabalhadores grevistas e afetados, excetuando-se as mobilizações de caráter geral discutidas acima, foi a seguinte:

²⁸² FUE GRANDIOSA la manifestación organizada por el Partido Socialista en celebración del 1º de mayo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 e 03 maio 1927; CELEBRACIÓN de la fiesta del trabajo. *Caras y Caretas*, Buenos Aires, n. 1.492, 07 maio 1927, p. 92; e n. 1493, 14 maio 1927, p. 88 e 108.

²⁸³ NO ONE works in Buenos Aires. *The New York Times*, New York, 05 maio 1927.

Gráfico 2.1 – Número de greves registradas por semestre na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

Gráfico 2.2 – Número de grevistas e trabalhadores afetados registrados por semestre na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

De maneira geral, podemos observar que o número absoluto de greves, grevistas e trabalhadores afetados sofreu uma acelerada diminuição do primeiro semestre de 1924 até o primeiro semestre de 1926. Com algumas oscilações, a partir do segundo semestre daquele ano, o movimento recobrou uma tendência de crescimento, cujo ápice ocorreu no primeiro semestre

de 1929. Brevemente interrompido, o crescimento do número de greves e grevistas voltou com força em 1930 para ser bruscamente descontinuado no segundo semestre daquele ano, ocasião em que um golpe militar derrubou o presidente Hipólito Yrigoyen e instaurou a ditadura liderada pelo General José Felix Uriburu²⁸⁴. O mesmo movimento pode ser observado no gráfico abaixo, pelo qual expressamos a intensidade das greves por meio do cálculo de seu volume relativo (número de trabalhadores grevistas multiplicado pelos dias de duração dos conflitos).

Gráfico 2.3 – Volume relativo de greves registrados por semestre na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

As oscilações observadas ao longo do período no número de greves, grevistas e na intensidade dos conflitos, guarda relação com os ciclos econômicos argentinos, obedecendo em grande medida à dinâmica largamente discutida pelas análises baseadas na relação entre greves e flutuações econômicas de curto prazo²⁸⁵. De acordo com esses modelos, em linhas gerais,

²⁸⁴ Sobre a ditadura representar um marco para o movimento operário argentino, ver: CARRERA, Nicolás Iñigo. *La otra estrategia. La voluntad revolucionaria (1930-1935)*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2016.

²⁸⁵ Ver: HOBBSAWM, Eric. Economic fluctuations and some social movements since 1800. *The Economic History Review*, Second Series, v. V, n. I, 1952, p. 1-25; e PERROT, Michelle. Grèves, Grévistes et conjonctures. Vieux problème, travaux neufs. *Le Mouvement Social*, n. 63, abr.-jun., 1968, p. 109-124. Essas relações também foram longamente estudadas por meio dos chamados *bargaining models*. Sobre este modelo de análise aplicado aos conflitos industriais, ver: ASHENFELTER, Orelly; JOHNSON, George E. Bargaining Theory, Trade Unions and Industrial Strike Activity. *The American Economic Review*, v. 59, n. 1, 1969, p. 35-49; e KENNAN, John. The Economics of Strikes. In: ASHENFELTER, Orelly; LAYARD, Richard (Org.). *Handbook of Labor Economics*. North Holland: North Holland, 1986, v. II, p. 1091-1137. Para alguns estudos sobre contextos mais específicos

durante a fase ascendente do ciclo econômico e a consequente redução do exército de reserva, as condições existentes no mercado de trabalho se transformam e propiciam um ambiente favorável para a mobilização dos trabalhadores. Por um lado, para os trabalhadores, há maior segurança para esse tipo de ação, uma vez que a etapa ascendente permite não apenas que ele possa encontrar outro emprego em caso de derrota, como também – e isso era extremamente importante para os trabalhadores argentinos do período – sustentar sua participação no movimento realizando outros trabalhos. Por sua vez, para os patrões há uma maior dificuldade de encontrar trabalhadores que possam substituir os grevistas, além do receio da paralisação de suas atividades em um contexto de crescentes lucros. Em meio à crise, a insegurança se dissemina entre os trabalhadores, assim como a necessidade de ajustes da taxa de lucro à nova situação inclinam os patrões à redução da produção e dos custos com o trabalho.

Voltando à Argentina, o período analisado inicia-se no auge do ciclo econômico de 1922-1926 e termina no período máximo do ciclo de 1927-1933. Ou seja, em grande medida, estamos debruçados sobre um fundo de vale, intervalo entre duas fases ascendentes dos ciclos econômicos vividos por aquele país. De 1922 a 1924, a indústria argentina registrou uma importante expansão. No período, o PIB do setor industrial cresceu um pouco mais que 23%, superando o crescimento do setor agropecuário²⁸⁶. Ao ponto máximo do ciclo corresponderam as mobilizações contrárias à Lei 11.289. Por sua vez, a partir de 1925 houve um período de estagnação na produção industrial e que durou até o segundo semestre de 1926. Entre 1925 e 1926, o PIB industrial a preços constantes retrocedeu cerca de 2% e o volume da produção física da indústria caiu 1,8%. A curva ascendente, iniciada após a economia atingir o mínimo no primeiro trimestre de 1927, correspondeu à retomada do movimento paredista em um grau superior de intensidade ao da fase anterior. Esse crescimento da atividade grevista durou até meados de 1930 e teve como principal expressão as greves em solidariedade a Sacco e Vanzetti, durante o ano de 1927. As flutuações ascendentes do ciclo econômico não explicam os dois movimentos de caráter geral da época, mas com certeza guardam alguma relação com o alcance e a dimensão deles.

que nos inspiraram, sobretudo para realizar as mediações necessárias para análise da situação argentina, ver: FRANZOSI, Roberto. *The puzzle of strikes: class and state strategies in post war Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, cap. 2 e 3; BOLL, Friedhelm. Economic cycles and labor conflicts in Germany during the first quarter of the twentieth century. In: HAIMSON, Leopold H.; TILLY, Charles. (org.). *Strike, wars and revolution in an international perspective: Strikewaves in the late nineteenth and early twentieth centuries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

²⁸⁶ Para o desempenho econômico do período, ver: DI TELLA, Guido; ZYMELMAN, Manuel. *Los ciclos económicos argentinos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973, cap. 8 e 9; e CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958, p. 6 e 11. Ver Tabela 1.8.

Por sua vez, uma das principais consequências do descenso do ciclo econômico, durante os anos de 1925 e 1926, foi o desemprego. Segundo as estimativas de Robert Edward Shipley, a taxa mínima de desemprego na cidade de Buenos Aires que vinha diminuindo de maneira acentuada desde 1922, cresceu 2% entre 1924 e 1925, chegando aos 17% de desempregados²⁸⁷. Já conforme os cálculos de Juan Iñigo Carrera, entre 1924 e 1925, principalmente em decorrência da retração do PIB agropecuário, o número absoluto de trabalhadores ocupados no país diminuiu em 135 mil, sendo a maior parte destes vinculados ao setor. A população empregada em relação ao total caiu de 39,5% para 37%. O impacto dessa retração refletiu na indústria nos anos de 1925 e 1926, quando ocorreu a diminuição de 6% do número absoluto de pessoas ocupadas no ramo²⁸⁸.

Os dados oficiais produzidos pelo DNT, e divulgados à época sobre a ocupação operária na cidade de Buenos Aires, se não registraram o aumento do desemprego, expressaram pelo menos a estagnação do crescimento da população ocupada na Capital Federal²⁸⁹. Segundo a CMDNT, o número total de trabalhadores ocupados em Buenos Aires entre 1925 e 1926 manteve-se igual. Contudo, isso se deveu ao fato da redução do número de adultos ocupados (um saldo negativo de 2.654 homens e de 980 mulheres) ter sido compensada pelo aumento do emprego de menores²⁹⁰.

Alejandro Bunge, por sua vez, dedicou três artigos publicados no diário *La Nación*, entre 1925 e 1926, ao que ele chamou de “crise do trabalho nacional”. Reivindicando que o governo aprofundasse medidas protetoras para o setor industrial por meio do aumento dos impostos sobre as importações, Bunge afirmava que com essas medidas “Em noventa dias, os 300.000 desocupados encontrariam trabalho bem remunerado”²⁹¹. A cifra de Bunge foi reproduzida ao longo dos anos na seção “Movimiento Económico de la República” da *Revista de Economía*

²⁸⁷ SHIPLEY, Robert Edward. *On the outside looking in: a social history of the porteño worker during the “golden age” of argentine deveçopment, 1914-1930*. New Brunswick, 1977. Tese (Doutorado em História da América Latina) – Rutgers University, the State University of New Jersey, p. 75.

²⁸⁸ CARRERA, Juan Iñigo. *La Formación Económica de la Sociedad Argentina: Renta agraria, ganancia industrial y deuda externa. 1882-2004*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2007, v. 1, p. 208-209.

²⁸⁹ Os dados produzidos na época relativos à ocupação e desocupação operária têm uma série de problemas. Elaborada por Alejandro Bunge, a metodologia aplicada pelo DNT para monitorar a desocupação em Buenos Aires consistia na “[...] observação das planilhas de trabalhadores das fábricas portenhas a cada seis meses, ou de um ano para outro, e a partir do saldo estabelecer um cálculo aproximado da desocupação”. O principal problema dessa metodologia começava pela própria dificuldade, naquela época, em elaborar a categoria social de “desempregado”. Por exemplo, os dados coletados não distinguiam entre paralisação da atividade laboral por desemprego, inatividade e invalidez. DANIEL, Claudia. De crisis a crisis: la invención de la desocupación en la Argentina. *Revista de Indias*, v. LXXIII, n. 257, jan.-abr. 2013, p. 205.

²⁹⁰ CMDNT, n. 127, set. 1928, p. 2505.

²⁹¹ BUNGE, Alejandro. Puede aun remediarse a corto plazo la actual crisis del trabajo nacional. *La Nación*, Buenos Aires, 17 ago. 1926, reproduzido em *Revista de Economía Argentina*, ano 9, n. 99, set. 1926, p. 209-213.

*Argentina*²⁹² e subsidiou as reivindicações dos industriais argentinos em defesa de medidas protecionistas. Segundo nota da Unión Industrial Argentina, enviada em setembro de 1926 para o Presidente da Câmara de Deputados Miguel Sussini, naquele momento o setor passava por uma séria crise, “[...] dando origem à limitação de sua capacidade produtiva, ao fechamento de estabelecimentos e à desocupação operária”²⁹³.

Os números fornecidos por Bunge também tiveram grande eco na imprensa operária. No *La Vanguardia*, apesar da cifra de 300.000 desempregados ocupar uma posição de destaque, o texto do engenheiro e economista foi recebido com ceticismo, uma vez que teria calculado “[...] por baixo” o número de desempregados. O autor da nota, o socialista, José Perez, ainda afirmava que aqueles que conviviam com os trabalhadores sabiam “[...] que há cerca de quatro meses existem milhares de operários em ócio forçoso”. Por fim, Perez chamava a atenção para outros problemas que não entravam nos cálculos de Bunge e que eram resultado direto da situação pela qual atravessava a indústria, como os baixos salários e a intermitência de muitos trabalhos²⁹⁴.

No *La Protesta*, os 300.000 de Bunge foram rapidamente incorporados à série de manchetes e artigos sobre a onda de desemprego e que já vinham sendo publicados pela imprensa anarquista desde fins de 1925²⁹⁵. O impacto da situação do mercado de trabalho nas greves era outro dos problemas percebidos. Segundo o diário anarquista, o efeito deste exército de reserva de 300.000 desempregados sobre o movimento sindical era visível a olho nu, pois “Onde se declara uma greve, se amontoam imediatamente dez desocupados para substituir um grevista, sem que aqueles sentimentos de classe descobertos pelo doutor Marx coloquem qualquer freio à massa dos que têm fome de pão”²⁹⁶. No *La Chispa*, publicação do Partido Comunista Operário (PCO) – dissidência minoritária do Partido Comunista Argentino (PCA) fundada em 1925, mas com importante participação na direção do movimento sindical do período – não apenas os 300.000 do “[...] do engenheiro burguês” passaram a estampar suas manchetes e títulos, como também seus editores destacaram o impacto dessa situação para o movimento sindical. Para os *chispistas*, o operário desempregado era a “[...] arma a qual recorrem os capitalistas com maior frequência para enfrentar o operário organizado que

²⁹² Ver: MOVIMIENTO Económico de la República – Resúmenes estadísticos. *Revista de Economía Argentina*, ano 11, n. 126, dez. 1928, p. 484.

²⁹³ SITUACIÓN de las industrias argentinas: varios alegatos. *Revista de Economía Argentina*, ano 9, n. 101, nov. 1926, p. 367.

²⁹⁴ ¡300.000 OBREROS sin trabajo!. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 set. 1926.

²⁹⁵ O tema da desocupação foi abordado sistematicamente pelo *La Protesta* sob o título de “El problema de la desocupación”. Ver: *La Protesta*, Buenos Aires, 23 maio; 24 jul.; 03, 08 e 28 set.; e 19 out. 1926. Ver também: Contra la desocupación. *El Metalúrgico*, Buenos Aires, ago. e nov. 1925.

²⁹⁶ QUIEN piensa en los 300.000 desocupados?. *La Protesta*, Buenos Aires, 19 ago. 1926.

reivindica melhores salários ou a diminuição da jornada de trabalho”. Nas palavras de um operário argentino publicadas em agosto de 1926 no jornal do sindicato dos trabalhadores da indústria de móveis, “O valor da greve como arma de luta está em relação direta com o grau de desocupação, que é o índice de necessidades dos capitalistas, diminuindo sua eficácia na mesma medida em que aumenta o número de desempregados”²⁹⁷. Em outubro do mesmo ano, um artigo publicado em outro jornal de trabalhadores ligados à madeira comparava os desempregados à “[...] uma manada de cordeiros que só falta o pastor para que os leve para o matadouro”²⁹⁸.

A persistência do problema do desemprego e a clareza do seu impacto no movimento operário podem ainda ser vistas na criação do Comitê Nacional de Desocupados no fim de 1926. Segundo seu manifesto publicado no *La Vanguardia*, em janeiro de 1927, a organização cujo lema era “Trabalhadores desocupados, à organização!” era uma resposta à “[...] indiferença suicida das organizações operárias do país” frente ao problema. Sua missão era a de criar “[...] um conjunto harmônico e pujante que, disciplinado, oponha um dique ao desmedido afã de lucro do capitalismo”. Ainda segundo seu manifesto, “O problema do desemprego interessa por igual a todos os trabalhadores, ocupados e desocupados, porque sem trabalho [...] os operários desocupados constituem o pior inimigo que podem ter aqueles que momentaneamente estão ocupados”²⁹⁹.

Se é certo que a percepção dos trabalhadores sobre as flutuações no mercado de trabalho atuou sobre a dinâmica das greves em Buenos Aires na década de 1920³⁰⁰, o consagrado período de “bonança” da *Pax Alvelariana* deveria ter provocado o efeito inverso ao observado no período. Ao estrepitante crescimento industrial e dos salários reais, deveria ter ocorrido um período de substancial incremento da atividade sindical. Assim, duas questões devem ser aventadas. Em primeiro lugar, a tal “bonança” do período deve ser relativizada a partir dos indícios fornecidos pela “crise do trabalho nacional” dos anos de 1925-1926. Em segundo lugar, as razões para a diminuição dos conflitos devem ter outra explicação que não tenha relação direta com as flutuações econômicas de curto prazo. Para tanto, devemos avançar sobre outras dimensões das greves do período.

²⁹⁷ EL PROCEDIMIENTO más eficaz para combatir las crisis. *La Chispa*, Buenos Aires, 25 set. 1926.

²⁹⁸ LA DESOCUPACIÓN. *El carpintero y Aserrador*, Buenos Aires, out. 1926.

²⁹⁹ COMITÉ Nacional de desocupados – ¡Trabajadores desocupados, a la organización!. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 19 jan. 1927; e EL PROBLEMA de la desocupación – Como encarar su solución, que es de interés general. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 26 jan. 1927.

³⁰⁰ FERREIRA, Fernando Sarti. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, cap. 2.

2.2.3. Qual o caráter da dinâmica das greves entre 1924 e 1930? A posição estratégica endógena dos trabalhadores nos conflitos com os patrões

A partir das informações obtidas por meio de nosso levantamento sobre as greves entre 1924 e 1930, podemos afirmar que os trabalhadores de Buenos Aires e região encontravam-se em uma posição especialmente adversa em relação aos seus patrões.

Tabela 2.2 – Números de greves e grevistas segundo os seus resultados (excetuando-se as greves gerais)

Semestre	Greves		Grevistas	
	Negativo	Positivo	Negativo	Positivo
1s 1924	121	31	19.149	9.590
2s 1924	73	19	8.416	141
1s 1925	52	17	7.435	1.384
2s 1925	54	31	2.489	3.236
1s 1926	42	6	1.807	30
2s 1926	22	12	3.110	13.152
2s 1927	40	18	6.446	18.413
1s 1928	66	27	8.980	1.721
2s 1928	68	28	10.568	16.409
1s 1929	66	26	16.865	16.369
2s 1929	45	19	22.559	943
1s 1930	63	42	15.651	12.556
2s 1930	10	12	5.050	1.580
Total	761	305	138.140	104.412

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

Observando os números concernentes ao resultado das greves, com a única exceção do segundo semestre de 1930, a taxa de derrotas nunca esteve abaixo de 63%. A situação parece um pouco melhor caso nos debrucemos sobre a porcentagem dos trabalhadores envolvidos em conflitos cujo desfecho foi positivo, uma vez que o número de grevistas que obtiveram vitórias superou em alguns semestres o número de trabalhadores derrotados, fazendo com que o resultado total fosse um pouco mais equilibrado. Ao fim do período analisado, 72% das greves e 54% dos grevistas foram derrotados.

Deve-se destacar duas questões em relação ao número de trabalhadores que se envolveram em conflitos cujo desfecho foi positivo. Em primeiro lugar, das 1.066 greves registradas (excetuando-se as greves gerais), não possuímos o número dos participantes de 446 greves. Dessas greves, a maioria (cerca de 68%) terminou com a derrota dos trabalhadores. Ou seja, é preciso ter cuidado ao considerar o número de trabalhadores que participaram de greves

vitoriosas, tomando esses dados apenas como um indicativo de que o resultado do período foi menos desastroso em relação ao número de grevistas do que ao número de greves. Em segundo lugar, 75% dos grevistas que obtiveram êxito participaram de paralisações que envolveram toda uma categoria, sendo que somente os taxistas contribuíram com pouco mais de um quarto do total de grevistas que obtiveram resultados favoráveis³⁰¹. Caso nos debruçemos exclusivamente sobre os trabalhadores vinculados à produção manufatureira (excluindo serviços, construção e transportes³⁰²), também aí os resultados positivos estiveram concentrados entre aqueles que participaram das greves gerais de algumas categorias específicas (55% do total das greves, envolvendo principalmente padeiros³⁰³ e trabalhadores da indústria do calçado³⁰⁴). Além da subnotificação do número de participantes em greves derrotadas, devemos relativizar ainda mais esses resultados, uma vez que as greves que paralisaram categorias foram poucas (46 em um universo de 1.066) e concentradas em algumas categorias específicas. Por fim, o fato de que a esmagadora maioria das greves não tenha conseguido se articular para além dos locais específicos de trabalho nos indica mais um elemento da adversidade encontrada pelos trabalhadores no período.

Tão importante quanto o desfecho desses conflitos para a compreensão da dinâmica das greves do período é o horizonte de expectativas que moveu os trabalhadores. Em outras

³⁰¹ Os trabalhadores vinculados ao transporte automotivo viveram um período de intensa agitação, resultado do acelerado processo de motorização que a cidade de Buenos Aires passava. Com novas e amplas avenidas, os focos de tensão no trânsito foram relacionados à regulamentação do tráfico rodoviário, por meio da imposição de códigos de trânsito aos bem estabelecidos e organizados *chauffeurs*, e ao surgimento de inúmeras empresas de ônibus sem nenhum tipo de regulação. Como exemplo, ver a greve geral da dos taxistas em 1928. (*La Vanguardia*, Buenos Aires, 17, 22, e 23 ago. 1928; *La Internacional*, Buenos Aires, 11 e 18 ago. 1928; *CMDNT*, n. 131, jan. 1929, p. 2621-2628), além das 70 greves de motoristas de ônibus registradas em nosso levantamento.

³⁰² Organizamos os trabalhadores em quatro principais ramos, a saber, produção, serviços, construção e transportes. Sob a consigna de produção, agrupamos os trabalhadores vinculados às atividades de transformação, independentemente se eram setores da grande indústria ou onde predominava a pequena oficina. São eles: metalúrgicos (ferreiros, fundidores, mecânicos, ferradores); calçados (sapateiros, cortadores e operários); madeira e móveis (carpinteiros, chanfradores, construtores de caixões, empalhadores, vassoureiros, marceneiros, serradores e operários); couro, gráficos, papel e cartão, elétrica e telefonia, química (fosforeiros e fabricantes de sabão), alimentos e bebidas (operários de fábricas de macarrão, padeiros, doceiros, etc.); têxteis, frigorífico e matadouros (se destacam da categoria alimentos em decorrência da importância desse ramo para o complexo agroexportador). Sob a consigna de serviços, agrupamos os trabalhadores vinculados ao comércio. São eles: garçons, cozinheiros, cabelereiros, empregados do comércio, lavadores, lavadores de carros e costureiros. Sob a consigna de construção agrupamos os trabalhadores cuja atividade tinha relação com a construção civil. São eles: gesseiros, trabalhadores de pedreiras, ladrilheiros, pedreiros, pintores, marmoreadores e mosaístas. Por fim, sob a consigna de transportes, agrupamos tanto os trabalhadores vinculados à circulação de pessoas e pequenas quantidades de mercadorias (taxistas, motoristas de ônibus, motoristas de caminhão, entregadores e carroceiros) como ao transporte de mercadorias em larga escala (ferroviários, marítimos, estivadores e portuários).

³⁰³ Sobre a greve geral dos padeiros de 1927, ver: *La Vanguardia*, Buenos Aires, 06 a 11 nov. 1927; *La Protesta*, Buenos Aires, 08, 10 a 13, 15 nov. 1927; *CMDNT*, n. 119, jan. 1928, p. 2273-2277.

³⁰⁴ Sobre a greve geral dos sapateiros, ver: *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15, 16, 17, 19 a 24, 26 a 30 out. 1926; e 01 a 06, 09 nov. 1926; *La Protesta*, Buenos Aires, 15 a 24 e 26 a 31 out. 1926; *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 02 nov. 1926 e 30 out. 1926; MAROTTA, Sebastian. *El movimiento sindical argentino, su génesis y desarrollo* (1920-1935). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Calmino, 1970, p. 249-250.

palavras, os trabalhadores de Buenos Aires, foram derrotados lutando pelo quê? A partir da análise das reivindicações registradas por nosso levantamento e de sua classificação segundo os critérios anteriormente citados, pudemos concluir que houve durante esse período o predomínio de reivindicações de caráter defensivo. Das 1.174 reivindicações identificadas (sempre excetuando-se as greves gerais), 52,5% tiveram caráter defensivo, 40,5% foram ofensivas e 7% tiveram motivações políticas.

Tabela 2.3 – Reivindicações ofensivas (ROF), defensivas (RDF) e políticas (RPO) feitas pelos grevistas na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (excetuando-se as greves gerais)

Semestre	ROF	RDF	RPO
1s 1924	50	56	37
2s 1924	34	43	9
1s 1925	25	40	10
2s 1925	14	54	20
1s 1926	15	33	2
2s 1926	14	23	0
1s 1927	22	29	1
2s 1927	24	41	0
1s 1928	47	60	0
2s 1928	47	58	0
1s 1929	54	60	0
2s 1929	25	46	3
1s 1930	90	56	2
2s 1930	13	17	0
TOTAL	474	616	84

Fonte: elaboração própria com base nas informações do Anexo 1.

A diferença das proporções entre reivindicações ofensivas e defensivas por semestre foram afetadas também pelos ciclos econômicos. A diferença ampliou-se a favor das defensivas a partir do primeiro semestre de 1925 e, conforme o ciclo, atingiu seu ápice no segundo semestre de 1926. A partir de então, com a retomada do crescimento econômico, iniciou-se um processo de diminuição da diferença entre os dois tipos de reivindicação que durou até o primeiro semestre de 1930, quando os pleitos ofensivos superaram os defensivos. Em relação às reivindicações de caráter político, observa-se uma concentração entre 1924 e 1925, resultado da campanha contra a Lei 11.289. É importante destacar que durante o segundo semestre de 1930, mais do que a diminuição abrupta no número de greves e grevistas, viveu-se uma reversão de expectativas por parte dos trabalhadores. Por fim, por mais que as flutuações econômicas tenham atuado na posição estratégica dos trabalhadores, essa variável foi incapaz de romper o caráter eminentemente defensivo das greves do período.

Gráfico 2.4 – Reivindicações ofensivas e defensivas feitas pelos grevistas na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (porcentagem sobre o total de reivindicações mencionadas por semestre)

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

2.2.4. Do que se defendiam os trabalhadores entre 1924 e 1930?

O caráter defensivo das greves do período nos obriga a reformular a questão que intitula o subitem anterior. A partir daqui, devemos nos perguntar: do que estavam se defendendo os trabalhadores de Buenos Aires e região entre os anos de 1924 e 1930? Excetuando-se as reivindicações de caráter político, dentre todas as reivindicações feitas pelos grevistas em Buenos Aires e região entre os anos de 1924 e 1930, a readmissão de trabalhadores foi a mais recorrente (26,5% do total), seguida de reclames por aumento de salários (20,1%) e melhores condições de trabalho (17,5%).

Colocadas em perspectiva, é possível notar que as reivindicações em torno da readmissão de trabalhadores e das condições de trabalho foram uma constante ao longo de todo período, enquanto as reivindicações relativas ao aumento de salários cresceram conforme o ciclo econômico passou para sua fase ascendente, a partir do segundo semestre de 1927, superando todas as outras reivindicações nos primeiros semestres dos anos de 1928 e 1930. Por fim, a explosão dos pedidos de readmissão e a queda abrupta das reivindicações salariais expressaram o início da agudização da crise econômica iniciada com o crash da Bolsa de Valores de Nova Iorque em outubro de 1929³⁰⁵.

³⁰⁵ Sobre o ciclo descendente iniciado em 1930, ver: DI TELLA, Guido; ZYMELMAN, Manuel. *Los ciclos económicos argentinos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973, p. 224-229.

Tabela 2.4 – Reivindicações defensivas (RDF) e ofensivas (ROF) feitas pelos grevistas na cidade de Buenos Aires e região, 1924-1930 (porcentagem sobre o total de reivindicações mencionadas por semestre)

Semestre	RDF				ROF			
	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	SO
1s 1924	6,6	26,4	4,7	15,1	16,0	8,5	18,9	3,8
2s 1924	5,2	24,7	10,4	15,6	6,5	10,4	24,7	2,6
1s 1925	4,6	32,3	3,1	21,5	20,0	10,8	7,7	0,0
2s 1925	22,1	33,8	7,4	16,2	5,9	5,9	7,4	1,5
1s 1926	12,5	25,0	8,3	22,9	16,7	2,1	10,4	2,1
2s 1926	21,6	18,9	2,7	18,9	16,2	13,5	8,1	0,0
1s 1927	17,6	25,5	2,0	11,8	15,7	21,6	5,9	0,0
2s 1927	16,9	29,2	3,1	13,8	23,1	9,2	3,1	1,5
1s 1928	6,5	24,3	6,5	18,7	26,2	9,3	6,5	1,9
2s 1928	1,0	25,7	3,8	24,8	28,6	5,7	9,5	1,0
1s 1929	3,5	25,4	4,4	19,3	23,7	7,0	14,0	2,6
2s 1929	4,2	33,8	8,5	18,3	14,1	2,8	14,1	4,2
1s 1930	1,4	19,9	2,1	15,1	30,8	9,6	19,2	2,1
2s 1930	10,0	40,0	0,0	6,7	10,0	16,7	13,3	3,3
TOTAL	7,6	26,5	4,9	17,5	20,1	8,8	12,6	2,0

Fonte: elaboração própria como base nas informações do Anexo 1.

As demissões de trabalhadores que provocavam greves eram de duas naturezas. A primeira delas dizia respeito aos processos de trabalho e era justificada pelos patrões por uma falha ou pela incompetência de um ou mais trabalhadores na consecução de uma tarefa ou ofício. Nos relatos presentes na imprensa operária e nas pequenas crônicas publicadas pelo DNT, os trabalhadores, na maior parte das vezes, denunciavam a injustiça da decisão e acusavam os capatazes como os principais responsáveis pelo evento em questão. O segundo tipo de demissão era aquele que visava enfraquecer a influência dos sindicatos no interior das fábricas e oficinas. Ações das mais prosaicas, como a participação em uma assembleia, podiam ser motivo para a demissão de trabalhadores, contudo, o grosso dessas demissões era direcionado ao “operário organizado”.

Independentemente da natureza de sua justificativa, as constantes greves por readmissão expressavam a fragilidade dos trabalhadores nos locais de trabalho, fosse pela facilidade de sua substituição, fosse pela ausência ou pouca força de suas organizações nos locais de trabalho. Na verdade, a demissão dos trabalhadores e a piora das condições de trabalho eram duas faces da mesma moeda. Livrar-se da organização sindical era fundamental para a imposição da disciplina patronal, como alertava o Sindicato de los Obreros de la Industria Metalúrgica

(SOIM) em uma nota publicada no *La Vanguardia* no dia 5 de agosto de 1925³⁰⁶. Em um breve relato sobre a greve iniciada no dia primeiro daquele mês pelos 250 trabalhadores das oficinas de ferragens de obra Antine Motteau, o texto afirmava que “[...] Estas oficinas, desde o dia em que cessou [sobre elas] o controle sindical, se converteram em antros intoleráveis para os trabalhadores”. Como consequência, “monsieur Motteau”, não só havia reduzido os salários, como pretendia impor o trabalho por peças e reduzir o número de operários. Na S.I.A.M., por ocasião da vitoriosa greve dos fundidores em novembro de 1929, o cronista do SOIM relatava uma situação semelhante. Segundo o autor, “Desde que a organização sindical não existia mais nas oficinas da firma Torcuato Di Tella (S.I.A.M.), os operários estavam submetidos a uma quantidade de abusos dignos da Idade Média”³⁰⁷.

Muitas vezes, e de maneira extremamente conveniente, as coisas se misturavam. Por exemplo, na fábrica de sapatos El Palomar, seus 325 operários entraram em greve em fevereiro de 1927 após a demissão de dois operários envolvidos em um acidente. Contudo, um deles – que segundo o relato foi o principal responsável pelo ocorrido –, a pedido do capataz chamado Bruno, foi readmitido pois “[...] foi sempre um instrumento do estabelecimento; nunca esteve organizado, enquanto o outro era um operário amante do sindicato e consciente do seus procederes”³⁰⁸. Já os 103 trabalhadores gráficos da Casa Tailhade & Cía., nas palavras do autor que relatou a greve para os leitores do *La Vanguardia*, declararam-se em greve em fevereiro de 1928, pois o capataz havia demitido um operário “[...] em forma que não preenchia os requisitos de justiça e equidade necessários para permiti-lo”. O mesmo capataz, o senhor Moll, já tinha ganhado fama na empresa, não tanto pelo seu trabalho, mas por sua “[...] capacidade verbal” e pelo seu desejo de limpar a empresa “[...] de elementos que pudessem perturbar os propósitos [dos patrões] de obter maiores lucros com a redução dos salários”³⁰⁹.

Nesse cenário, as greves por aumento salários parecem destoar das principais reivindicações do período, não só por serem consideradas ofensivas, mas também por terem obtido a maior taxa de êxito. Das 219 oportunidades em que os grevistas exigiram aumento salarial, estes foram atendidos em 43% das vezes. Em relação às reivindicações de caráter defensivo – 76% das ocasiões em quem foram exigidas a readmissão de companheiros e em 77%, a melhoria das condições de trabalho – as mobilizações terminaram derrotadas.

³⁰⁶ HUELGA en la herrería de Antine Motteau. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 ago. 1925.

³⁰⁷ EL PERSONAL de fundición de la S.I.A.M. obtuvo un gran triunfo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 09 nov. 1929.

³⁰⁸ OBREROS en Calzado – Prosiguen con todo éxito las reuniones de personales. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 04 fev. 1927; OBREROS en Calzado – Los conflictos en las casas ‘El Palomar’ y Aduenza y Cia. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 fev. 1927.

³⁰⁹ LA GRAN huelga en la casa Tailhade & Cía. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 abr. 1928.

Entretanto, se uma greve por aumento salarial pode ser classificada como ofensiva caso analisada somente em relação às suas reivindicações imediatas, se contextualizada e colocada em perspectiva, a verdade é que essa caracterização deve ser relativizada. Em outras palavras, o que significava pedir aumentos salariais durante o período de 1924 a 1930?

Os dados coletados pelo DNT em relação aos salários pagos aos trabalhadores adultos do sexo masculino da Capital Federal nos anos de 1918, 1922, 1926 e 1928-1929 oferecem a possibilidade de matizarmos tanto a tal “bonança” dos anos 1920, como o impacto das flutuações econômicas de curto prazo sobre as greves e o movimento sindical do período. A partir desses dados é possível observar que entre 1918 e 1922 ocorreu uma elevação de 60% dos salários diários médios. Já entre 1922 e 1926, os salários nominais médios pagos por dia mantiveram-se iguais, aumentando pouco mais de 2% de 1926 para 1928-1929.

As interpretações que apontam a “bonança econômica” do período como a responsável pela diminuição da intensidade das greves estão fundamentadas, principalmente, nos dados relativos ao crescimento dos salários reais³¹⁰. Entretanto, além da enorme dificuldade de estabelecer relações tão imediatas entre o movimento dos salários reais e a propensão dos trabalhadores para deflagrar greves³¹¹, é possível observar que, na verdade, durante o período analisado existiu uma convergência da trajetória dos salários nominais com a dos reais. Utilizando-nos de duas séries diferentes (elaboradas por Juan Iñigo Carrera³¹² e Orlando Ferreres³¹³), podemos observar as mesmas etapas na trajetória dos salário nominais percorridas pelos salários reais: um acentuado crescimento entre 1918 e 1922 (cerca de 100%), seguido de um crescimento de pouco mais de 7% entre 1922 e 1926, e de 12% entre 1926 e 1928. Em outras palavras, aumento substancial, estagnação e retomada de crescimento³¹⁴.

Os informes do DNT trazem também informações sobre essas variações por ofícios específicos e, ao nos debruçarmos sobre elas, podemos notar um cenário muito mais complexo

³¹⁰ FALCÓN, Ricardo; MONSERRAT, Alejandra. Estado, empresas, trabajadores y sindicatos. In: FÁLCÓN, Ricardo (org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, p. 180; CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera: los comunistas y el mundo del trabajo en la argentina: 1920-1935*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora, 2007, p. XVI e 65; CERUSO, Diego. *La izquierda en la fábrica. La militancia obrera industrial en el lugar del trabajo, 1916-1943*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015, p. 34-35.

³¹¹ Sobre a influência das flutuações econômicas, Michelle Perrot destaca: “[...] atenção prioritária ao salário nominal”. PERROT, Michelle. Grèves, Grévistes et conjonctures. Vieux problème, travaux neufs. *Le Mouvement Social*, n. 63, abr-jun, 1968, p. 121.

³¹² CARRERA, Juan Iñigo. *La otra estrategia. La voluntad revolucionaria (1930-1935)*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2016, p. 204-205.

³¹³ FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*, Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 581.

³¹⁴ Em sua edição de julho e agosto de 1925, a publicação da Federación Gráfica Bonaerense, *El obrero gráfico*, alertava justamente para a necessidade de os trabalhadores prestarem atenção aos salários reais e não nominais, como forma de se proteger da inflação. SALARIOS nominales y salarios reales. *El Obrero Gráfico*, Buenos Aires, jul.-ago. 1925.

com relação à evolução dos salários no período. Dos 22 ofícios pelos quais o DNT classificou os trabalhadores, em 1928-1929 quatorze destes receberam em média salários maiores que os de 1922, enquanto o restante recebeu salários iguais ou menores. Alguns trabalhadores, como os carroceiros e os tecelões, mesmo com o aumento dos salários nominais no período, não atingiram a média dos salários pagos por dia na cidade de Buenos Aires. Contudo, em relação aos 15 ofícios que possuímos informações para o ano de 1918, todos eles tinham salários diários médios superiores em 1928-1929³¹⁵.

É possível desagregar ainda mais os dados relativos aos salários pagos no ano de 1922 e em 1928-1929, cotejando os relatórios detalhados publicados pelo DNT. Essas informações mostram como as variações dos salários nominais no período foram heterogêneas, podendo ocorrer importantes variações dentro das próprias fábricas. Tomemos a carpintaria, a produção de sapatos e o setor metalmeccânico como exemplos. Segundo os dados sumarizados, os carpinteiros recebiam em 1928-1929 um salário nominal 5% mais alto. Contudo, caso desagreguemos os dados com base nas listas de 1922 e 1928-1929, o resultado no ramo da carpintaria foi o seguinte:

Gráfico 2.5 – Variação dos salários nominais médios entre distintos ofícios da carpintaria entre 1922 e 1928-1929

Fonte: elaboração própria a partir de *CMDNT*, n. 71, 1923, p. 1147-1174; e *CMDNT*, n. 143, 1930, p. 3021-3076.

Pode-se observar que entre os dois períodos há uma redução dos salários entre quase todos os ofícios, com a exceção do aumento dos salários pagos aos operadores de máquinas. Assim, na apresentação dos dados sumarizados, os trabalhadores em carpintaria só possuíam

³¹⁵ *CMDNT*, n. 143, p. 3022.

salários em média maiores aos de 1922 em decorrência do aumento dos salários pagos aos operadores de máquinas. Deve-se destacar também o fato de os salários dos capatazes – cujo aumento foi de 36% – serem utilizados na conta.

Já em relação aos trabalhadores do setor de calçados, à redução de 12% na média dos salários diários correspondeu um rebaixamento generalizado dos salários pagos aos trabalhadores qualificados, enquanto para os aprendizes e semioficiais houve um aumento.

Gráfico 2.6 – Variação dos salários nominais médios entre distintos ofícios da produção de calçados entre 1922 e 1928-1929

Fonte: elaboração própria a partir de *CMDNT*, n. 71, 1923, p. 1147-1174; e *CMDNT*, n. 143, 1930, p. 3021-3076.

Para os trabalhadores metalmecânicos, o aumento de 18% percebido na apresentação dos dados sumarizados parece menos espetacular quando nos debruçamos sobre os dados desagregados e excluimos do compute os capatazes e técnicos de oficina, cujos salários diários ultrapassavam os 10 pesos diários.

Gráfico 2.7 – Variação dos salários nominais médios entre distintos ofícios metalmeccânico entre 1922 e 1928-1929

Fonte: elaboração própria a partir de *CMDNT*, n. 71, 1923, p. 1147-1174; e *CMDNT*, n. 143, 1930, p. 3021-3076.

Além dos dados apresentados acima, uma série de apontamentos feita pelos trabalhadores do período corroboram a necessidade que temos de relativizar a ideia de uma “bonança” compartilhada de maneira generalizada por toda classe trabalhadora. Ainda mais: ao que tudo indica, para muitos setores havia uma clara percepção de que, desde o fim da onda de greves de 1917-1921, se acumulavam perdas em relação às condições de trabalho, mas sobretudo aos salários. Por exemplo, em um informe publicado no *La Vanguardia* em junho de 1925, a seção de litógrafos da Federación Gráfica Bonaerense reclamava que os salários conquistados pelo acordo coletivo de 1919 não correspondiam ao atual custo de vida³¹⁶. Em novembro de 1927, o pagamento de salários abaixo dos estipulados em 1919 era denunciado pelos gráficos em greve da Varsi & Hermanos³¹⁷. Em agosto de 1925, era a vez dos operários da indústria do calçado reclamarem da redução dos seus salários e das conquistas “[...] obtidas durante os anos imediatamente posteriores à guerra”³¹⁸. Em outubro do mesmo ano, a direção do sindicato afirmava que os salários naquele momento eram 35% menores que nos anos de 1920 e 1921³¹⁹. Alguns meses depois, em resposta a uma nota da organização patronal da indústria do calçado, a direção do sindicato dos trabalhadores do ramo afirmava que “[...] os

³¹⁶ FEDERACIÓN Gráfica Bonaerense – Asamblea de la rama de Litografía. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 jun. 1925.

³¹⁷ LAS HUELGAS en el gremio gráfico. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15 nov. 1927.

³¹⁸ REALIZOSE la asamblea del sindicato de obreros en calzado. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 24 ago. 1925.

³¹⁹ SINDICATO Obreros del Calzado – Continúa dando resultados la agitación del gremio. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 31 out. 1925.

salários diários que na atualidade recebem em média os operários não chega a cinco pesos, quando nos anos de 1919 e 1920 o salário diário era em média de oito pesos”³²⁰.

Em fevereiro de 1927, o editorial do *La Protesta* acusava que a desorganização dos sindicatos somada à reação patronal resultara no aumento das jornadas de trabalho, mas sobretudo, em uma redução dos salários de 20 a 30% para algumas categorias³²¹. No mesmo mês, o jornal dos trabalhadores da indústria de móveis publicava o balanço das greves do ano anterior, afirmando que a maior parte delas foram contra a redução de salários e o descumprimento dos acordos coletivos³²². Reclamações semelhantes, ou seja, identificando ao longo da década de 1920 um processo deterioração das condições de trabalho e redução dos salários, foram feitas por chanfradores, alguns setores metalúrgicos, trabalhadores da indústria alimentícia, construtores de carros e carrocerias, e eletricitas³²³. Em outras palavras, em muitos casos, as greves por aumento salariais entre 1924 e 1930 buscavam restaurar os salários nominais conquistados durante a onda de greves de 1917-1921.

Entre 1924 e 1930, a contribuição da conjuntura econômica para o abrandamento da ação sindical dos trabalhadores atuou muito mais pelo enfraquecimento de sua posição endógena no conflito com os patrões do que pela suposta acomodação decorrente da “bonança” generalizada produzida pelo crescimento econômico do período. Mesmo assim, é preciso voltar a destacar que quando a flutuação econômica criou as condições mais favoráveis para a ação, sobretudo após o primeiro semestre de 1927, apesar da visível retomada da iniciativa por parte dos trabalhadores (aumento no número de conflitos, trabalhadores envolvidos e reivindicações de caráter ofensivo), esta foi incapaz de romper a dinâmica defensiva da ação sindical, a saber, greves circunscritas às empresas e de caráter eminentemente defensivo.

³²⁰ SINDICATO de Obreros en Calzado – LA C.A. Refuta los fundamentos que le merecen al Centro de fabricantes los diversos factores que han determinado la actual crisis del trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 ago. 1926.

³²¹ EL MERCADO del trabajo – Cada día que pasa se vuelve más crítica la situación de los trabajadores. *La Protesta*, Buenos Aires, 08 fev. 1927.

³²² SÍNTESIS de la labor de la C.A. Administrativa durante el año de 1926. *Acción Obrera*, Buenos Aires, fev. 1927.

³²³ Chanfradores: REUNIDOS ayer em numerosa y entusiasta asamblea, los obreros biseladores acordaron iniciar hoy la huelga general del gremio. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 set. 1927; Metalúrgicos: SOIM – LLAMAMIENTO a los herreros de obras. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 27 jun. 1926; SOIM – EL PATRONATO aumentó su ofensiva contra las condiciones de trabajo y salario en nuestro gremio. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 set. 1926; MANIFESTO del comité central de los trabajadores cromo-hojolateros. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 28 jan. 1927; POR LA ORGANIZACIÓN de los cromohojalateros. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 26 set. 1928; S.O. DE LA INDUSTRIA Metalúrgica – a pesar de los desplantes del industrial, la organización continuará agitando a los obreros de la S.I.A.M. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 out. 1928; Alimentos: NUESTRA vida gremial. *El obrero en dulce*, Buenos Aires, dez. 1925; Constructores de carros e carrocerías; SOCIEDAD Obreros Constructores de Carruajes, Carrocerías y Anexos: manifiesto al gremio. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 30 jan. 1926; Eletricitas: CONDICIONES en que trabaja actualmente el gremio de electricistas. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 26 jan. 1927.

2.3. Conflito social em Buenos Aires entre 1924-1930: mal-estar, apatia e os perigos de se declarar uma greve

A extrema fragmentação política do movimento operário tem sido apontada como uma das causas para o abrandamento da ação sindical durante a década de 1920. A questão que se coloca após as reflexões feitas até aqui é a seguinte: essa era uma das causas ou uma das consequências da dinâmica das greves durante o período? Em outras palavras, o movimento sindical fracassou em decorrência da fragmentação da direção política ou as frações que disputavam a direção fracassaram em organizar o movimento?

As dificuldades em organizar o movimento sindical na época chegaram mesmo a provocar uma série de reflexões sobre o recurso às greves como instrumento de luta. Ao longo de todo o período que vai de 1924 a 1930, a imprensa operária expressou uma espécie de mal-estar em relação às greves. José Perez afirmava em artigo publicado pelo *La Vanguardia* no ano de 1925 que as “greves espontâneas” foram importantes para a formação da classe trabalhadora argentina, mas que agora não faziam mais sentido pelo fato das entidades patronais estarem muito mais organizadas. Segundo Perez,

O estado de decadência e desorganização que atualmente existe em nosso movimento sindical deve-se em grande parte a esta indisciplina: cada grêmio declarou por si greves a granel, sem meditar sobre as consequências que poderia produzir para eles uma greve que fosse fracassada³²⁴.

Em um artigo sem assinatura publicado dois anos depois, os socialistas voltavam ao tema da disciplina militante e das greves espontâneas. O texto lamentava que operários desorganizados e inexperientes costumavam declarar greves “[...] sem contar com outros pontos de apoio para seu movimento reivindicatório além do entusiasmo dos primeiros momentos”. Para esses trabalhadores, fazia falta a disciplina sindical, a solidariedade, os recursos para financiarem o conflito, além dos cálculos em relação às condições de abundância ou escassez de mão de obra em determinado ramo. “Produzidos em semelhantes condições”, prosseguia o texto anônimo, “não é de se estranhar que esses movimentos improvisados tenham um resultado que não é o que se espera”³²⁵.

A improvisação, segundo os socialistas, era responsável pela violação da “sagrada” tranquilidade dos trabalhadores, “[...] com a qual não se tem o direito de brincar”. Sendo assim, caberia aos militantes sindicais “[...] esforçar-se por convencer seus companheiros de

³²⁴ PROBLEMAS gremiales. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 set. 1925.

³²⁵ COMO debe declarase la huelga. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 04 jan. 1927.

exploração que é um grave erro pretender partir para ação antes que se conte com a força que assegure sua eficácia”³²⁶. No ano de 1929, em uma nota que celebrava de maneira entusiasmada a decisão do sindicato único dos trabalhadores gastronômicos de obrigar seus filiados a esgotarem todos os meios de negociação antes de declarar greve, voltava-se ao tema da necessidade dos trabalhadores se planejarem melhor, uma vez que abundavam “[...] casos de conflitos declarados com uma ligeireza lamentável, não porque faltaram razões para os operários os declararem, senão porque não se contava com a força necessária para sustentá-los com eficácia”³²⁷.

Qual seria o motivo para que essa forma tão “descuidada” de atuar ainda perdurasse entre os trabalhadores? Para os socialistas, o grande responsável por esse comportamento era o *quintismo*, ou seja, a direção anarquista nucleada especialmente na FORA e no *La Protesta*. Os editorialistas da seção dedicada ao movimento sindical do *La Vanguardia* afirmavam que a ação dos sindicatos não deveria ser dirigida no sentido de afirmar doutrinas e princípios. Ao proceder dessa forma, os anarquistas fariam apenas “ginástica revolucionária” e, da mesma forma que o exercício físico prepara o atleta e algumas batalhas o fortalecem, “[...] uma série de combates sem fim esgotam o exército mais formidável, como uma luta continuada acabaria com as forças de um Sansão ressuscitado”³²⁸. Duas semanas depois, ao comentar as greves ocorridas no ano de 1927, Martin S. Casaretto, tipógrafo e historiador do movimento operário argentino, afirmava que todos os movimentos importantes daquele ano, e que foram derrotados, eram dirigidos por anarquistas. Em seguida, depois de terminar de expor os números fornecidos pelo DNT, concluía: “Desejamos que os trabalhadores meditem sobre essas cifras e se compenetrem na necessidade de proceder com maior mesura no emprego da greve”³²⁹.

Curiosamente, dentro das próprias fileiras do anarquismo havia também quem se questionasse sobre como estavam sendo conduzidas as greves. Em janeiro de 1925, o editorial do *El Carpintero y Aserrador*³³⁰, jornal da Sociedad de Resistencia Obreros, Ebanistas, Aserradores y anexos, organização aderida à FORA, provocava seus leitores com a seguinte frase: “Acreditamos que a greve, como arma e meio para abater a burguesia, cumpriu sua missão”. O editorial, após algumas ponderações, afirmava que sua real intenção era discutir e apontar para a necessidade de “simplificar as custosas lutas do proletariado”. Entre os diversos problemas suscitados pelas greves, o texto destacava que como o principal barômetro para

³²⁶ NORMAS de actuación sindical. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 25 dez. 1927

³²⁷ RESOLUCIONES referentes a huelgas. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 set. 1929.

³²⁸ NOCIONES de educación sindical. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 21 dez. 1927.

³²⁹ RESUMEN sobre el movimiento gremial del año. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08 jan. 1928.

³³⁰ LAS HUELGAS. *El Carpintero y Aserrador*, Buenos Aires, jan. 1925.

medir a capacidade de resistência dos trabalhadores, o capitalista contava com o próprio movimento da economia. Os patrões teriam a possibilidade de calcular com precisão quase matemática o quanto os operários poderiam resistir sem trabalhar. Superado esse obstáculo, prossegue o editorial, ainda restava aos patrões a possibilidade de recorrer à violência, principalmente para desanimar aqueles trabalhadores que ainda não haviam conseguido perceber a importância da organização sindical. Nesse sentido, ainda segundo o editorial, algumas outras táticas, que não eram uma grande novidade, poderiam ser utilizadas com menos custos antes da decisão pela paralisação do trabalho. Por exemplo, os trabalhadores de uma oficina ou fábrica deveriam, em primeiro lugar e de maneira coletiva, elaborar uma reclamação e estabelecer um prazo para a resposta dos patrões. Vencido o prazo, os trabalhadores deveriam ainda desleixar no trabalho, a fim de que a anormalidade do processo de produção chamasse a atenção do patrão. Vencidas essas etapas, somente aí, prossegue o autor, os trabalhadores deveriam recorrer ao abandono do trabalho. Mesmo depois de seguidos todos esses passos, o editorial alertava ainda sobre a necessidade de se ter em conta que “[...] há uma legião de pobres homens que desejam nos substituir” e, sendo assim, no momento da paralisação, “[...] devemos fazer o possível para que as oficinas não estejam em condições de trabalhar”. Por fim, o texto recomendava: “Sejamos mais carinhosos com nossa existência”.

Essas angústias também foram expressas nas páginas do *La Protesta*. Para os editores do diário anarquista, “[...] a filosofia dos fatos, que é matemática, nunca erra. E ela nos diz que a pressão de múltiplos fatores tem determinado esse período de evidente marasmo”³³¹. O texto, publicado em fevereiro de 1925, acusava como um desses fatores o maior preparo dos patrões: “A experiência converteu os ricos em sociólogos. Os fez mais inteligentes para interpretar os aspectos de cada situação relacionada com a vida do trabalho”. Em outro texto publicado alguns dias depois, os editores do diário refletiam sobre como a prática comum entre os anarquistas, durante os anos de guerra, de sistematicamente fazerem chamados para greves gerais não serviram para mais nada além de expor a debilidade de suas organizações. A greve, prosseguiram os autores, não era puro fruto da vontade. Os “[...] pregoeiros da ‘ginástica revolucionária’” precipitavam as greves sem nenhum tipo de preparo. “Não se analisa a situação de cada momento, não se pulsa o ambiente, não se considera por nada a existência de fatores adversos aos planos e projetos que concebem [...]”³³². Para os anarquistas nucleados na FORA e no *La Protesta*, assim como para os socialistas, a insuficiência das velhas táticas combinava-se de maneira trágica com o maior preparo dos patrões. O resultado dessa combinação era o

³³¹ PARÁLISIS del movimiento obrero. *La Protesta*, Buenos Aires, 06 fev. 1925.

³³² ERRORES tácticos. *La Protesta*, Buenos Aires, 21 fev. 1925.

esvaziamento dos sindicatos, que por sua vez aprofundava ainda mais o problema: a dificuldade que as organizações anarquistas estavam tendo em proporcionar a melhoria das condições materiais da massa implicava em uma diminuição no número de filiados, que, por sua vez, resultava na maior dificuldade das organizações de intervirem no mercado de trabalho³³³.

Somado a esses problemas, abatia-se sobre os trabalhadores o que a imprensa operária identificou como uma onda de apatia. Nas extravagantes palavras dos editorialistas do *La Protesta*, naquele momento “Um manto fúnebre se estende sobre os espíritos da sofrida multidão, sem que um raio de otimismo ilumine o caminho por onde há de continuar a interrompida jornada em prol do suspirado ideal de sua libertação”³³⁴. Os trabalhadores de Buenos Aires pareciam estar esperando “[...] o milagre de uma ressurreição bíblica”. Pouco mais de um ano depois, voltava-se ao tema da “[...] inexplicável passividade das grandes massas”, tomadas por “[...] uma indiferença macabra, porque não se explica um desinteresse tão grande pelo próprio destino”³³⁵. O mesmo diagnóstico sobre o estado de espírito dos trabalhadores apareceu nas páginas dos jornais da Sociedad Obreros en Dulce Unidos, Sociedad de Resistencia Obreros Carpinteros, Ebanistas, Aserradores y Anexos³³⁶ e da Federación Obrera en Construcciones Navales³³⁷. Segundo uma nota publicada em 1925, no jornal dos doceiros,

Uma preguiça inexplicável em relação à organização operária se apoderou da generalidade dos companheiros: os que em outros tempos atuavam em nosso lado nas lutas travadas contra o capitalismo da indústria do doce, hoje sem exigir causas fundamentais que justifiquem sua atitude, estão entregues a despreocupação mais completa³³⁸.

As divisões políticas no seio do movimento sindical do período parecem expressar muito mais as dificuldades que os sindicalistas encontravam para organizar os trabalhadores do que ser a sua causa. Há um diagnóstico comum entre os diversos grupos e tendências políticas que atuavam no movimento sindical argentino acerca dessas dificuldades, expressas como um estado de apatia dos trabalhadores, mas sobretudo, como o resultado de limitações concernentes

³³³ ORGANIZACIONES y masas – Sobre algunas causas del poco interés de las grandes masas por la organización obrera. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 nov. 1926.

³³⁴ LA INDEPENDENCIA de las masas – Errores tácticos. *La Protesta*, Buenos Aires, 07 mar. 1925.

³³⁵ EL MORBO de la indiferencia. *La Protesta*, Buenos Aires, 21 nov. 1926.

³³⁶ NUESTRO movimiento obrero – puntos de vista sindicales. *El Carpintero y Aserrador*, Buenos Aires, mar. 1926.

³³⁷ HASTA CUANDO este estado de cosas?. *El Constructor Naval*, Buenos Aires, dez. 1926.

³³⁸ MOVIMIENTO gremial. *El Obrero en Dulce*, Buenos Aires, maio 1925.

às próprias práticas sindicais correntes, que estariam anuladas, segundo os relatos citados acima, por uma mudança na posição estratégica endógena dos patrões.

A hegemonia de um grupo político sobre o movimento sindical nasce da fábrica, ou seja, da aptidão para direção moral e intelectual fundamentada na capacidade de forçarem os empregadores a fazerem concessões. O maior poder dos patrões nos locais de trabalho, expresso pelo que classificamos como caráter eminentemente defensivo das greves deflagradas no período e pela extrema fragmentação política da direção sindical, esconde o verdadeiro motivo do abrandamento dos conflitos sociais. Entrar em greve entre 1924 e 1930 era um risco.

3. A RECEPÇÃO DO EVANGELHO INDUSTRIALISTA

O trabalho repetitivo – fazer uma coisa repetidamente e sempre da mesma maneira – é uma possibilidade aterrorizante para um tipo de gente. É assustador para mim.

Henry Ford, *My life and Work*, 1923.

O crescimento industrial argentino durante a década de 1920, um processo cujos aspectos mais notáveis foram a importação massiva de maquinário e a instalação de empresas estadunidenses, foi o pano de fundo para a difusão entre os mais distintos grupos de uma série de termos e expressões como taylorismo, sistema taylor, fordismo, *organización científica del trabajo*, *mecanización*, maquinismo, mas sobretudo, *racionalización*. Como afirma Charles Maier ao analisar o impacto do mesmo processo na Europa, eram as palavras sagradas de um “novo evangelho industrialista”³³⁹.

Essas palavras, incorporadas ao vocabulário cotidiano de engenheiros, jornalistas, empresários, militantes políticos e sindicalistas argentinos, ganharam um sentido comum justamente por terem composto um léxico que tratou de dar conta de uma série de transformações, intencionais ou não, pretendidas ou de fato, que o crescimento industrial do entreguerras permitiu vislumbrar naquele país. Contudo, apesar desse sentido comum, as interpretações, usos e repercussões provocadas por tais termos foram tão múltiplas quanto os sujeitos que estiveram envolvidos e vivenciaram em alguma medida o processo de reestruturação produtiva deflagrado pelo crescimento da indústria argentina no período.

Neste capítulo, apresentamos como as ideias relativas às novas formas de organização dos processos de trabalho que passaram a se difundir no pós-guerra foram recebidas por diversos grupos na Argentina, especialmente a partir da segunda metade da década de 1920. Partindo de uma revisão sobre como essa discussão impactou a categoria considerada pela historiografia como a principal difusora dessas ideias naquele país, a saber, os engenheiros, procuramos discutir como o “novo evangelho industrialista” também repercutiu entre os empresários e industriais, mas sobretudo, nos dois principais jornais da imprensa partidária vinculados ao movimento operário e sindical argentino da época, o *La Vanguardia* e o *La*

³³⁹ MAIER, Charles. Between Taylorism, and Technocracy: European ideologies and the vision of industrial productivity in the 1920s. *Journal of Contemporary History*, v., 5, n. 2, 1970, p. 28. Em um mesmo sentido, Judith Merkl afirma que “O movimento pela organização científica do trabalho era muito mais que um movimento pela aplicação da ciência na organização do trabalho. Ele foi um meio para converter a tecnologia industrial em ideologia”. MERKLE, Judith. *Management and Ideology: The legacy of the international scientific management movement*. Berkley, Los Angeles e Londres: University of California Press, p. 81.

Protesta. Por fim, procuramos por meio dos relatos de trabalhadores identificar no chão de fábrica qual foi o grau de difusão e quais as transformações que eventualmente as novas técnicas de gestão, combinadas com a mecanização, produziram na posição estratégica endógena dos trabalhadores nos locais de trabalho.

3.1. A aclamação ao “novo evangelho industrialista” na Argentina e seus apóstolos: os engenheiros

A introdução das técnicas de gestão de trabalho inspiradas pelos preceitos da organização científica do trabalho na Argentina foi relativamente precoce. Mirta Zaida Lobato destacou em um trabalho clássico sobre o tema como esse processo ocorreu logo na primeira década do século XX, com a chegada ao país sul-americano das empresas frigoríficas estadunidenses³⁴⁰. Símbolos de um novo tipo de modernidade que se insinuava para o país desde fins do século XIX, esses estabelecimentos tinham como principais características a racionalização e a eficiência obtidas pela programação, parcelamento e controle estrito dos processos de trabalho, ritmados pela correia motorizada a vapor ou elétrica. Em alguns textos mais recentes, a autora dedicou-se principalmente ao estudo da difusão das ideias sobre a organização científica do trabalho durante as primeiras décadas do século XX, principalmente a partir de um grupo de engenheiros organizados no Centro Nacional de Ingenieros (CNI). Expressando um “[...] clima internacional que viu a indústria como motor da sociedade moderna”³⁴¹, uma parte dos engenheiros argentinos passou a reivindicar-se como os intermediários privilegiados entre os “fatores de produção” humanos e materiais, capazes não só de proporcionarem maiores lucros para os capitalistas por meio da organização mais eficiente do trabalho, mas também de promoverem a paz social, principalmente pela elaboração de

³⁴⁰ LOBATO, Mirta Zaida. *El taylorismo en la gran industria exportadora argentina (1907-1945)*. Buenos Aires: CEAL, 1988. Se foi apenas na década de 1910 que o taylorismo se transformou nos EUA de “[...] uma obscura obsessão de alguns engenheiros de classe média em uma incrível e famosa panaceia para todos os problemas da sociedade”, a verdade é que a originalidade e importância de Taylor, assim como a paternidade à ele atribuída pela “organização científica do trabalho”, decorrem do verniz ideológico e de como ele sintetizou uma série de práticas e ideias relativas ao gerenciamento do trabalho em interação com as máquinas e ferramentas surgidas no final do século XIX. MERKLE, Judith. *Management and Ideology: The legacy of the international scientific management movement*. Berkley, Los Angeles e Londres: University of California Press, p. 10, 58 e segs. Ou seja, em muitas empresas e ramos de produção, algumas inovações relativas ao gerenciamento da força de trabalho, que de alguma maneira dialogavam com as ideias e práticas defendidas por Taylor, foram sendo incorporadas sem que esses grupos tivessem qualquer ligação com Taylor ou seus discípulos – como foi o caso da indústria frigorífica.

³⁴¹ LOBATO, Mirta Zaida. Racionalidad y eficiencia en la organización del trabajo en la Argentina: el sueño de la americanización y su difusión en la literatura y la prensa. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Ed.). *Americanización: Estados Unidos y América Latina en el siglo XX: transferencias económicas, tecnológicas y culturales*. Caseros: Eduntref, 2003, p. 112.

critérios entendidos como científicos para fixar os salários e o rendimento da jornada de trabalho.

Lobato alerta que não se trata de afirmar que durante o entreguerras os engenheiros tenham ingressado massivamente nas fábricas³⁴², mas que vislumbraram ali um novo campo de atuação profissional e legitimação social. Nas palavras da historiadora, essa discussão entre os engenheiros deve ser entendida como “[...] ‘uma leitura nacional’ dos conteúdos tayloristas que parecem destinados a se fazer conhecer; mais para difundir estes princípios do que as técnicas específicas associadas a ele”³⁴³. Contudo, não se deve pensar que o engajamento dos engenheiros na difusão dessas ideias tenha sido fruto de um mero diletantismo ou modismo, uma vez que o pano de fundo dessas discussões foi tanto a crise e os desequilíbrios econômicos provocados pela guerra como o enorme desenvolvimento das atividades industriais na Argentina da época³⁴⁴.

Em relação aos textos que abordaram a organização científica do trabalho publicados pela revista do CNI, a *La Ingeniería*, deve-se destacar que eles começaram a aparecer com maior frequência a partir da segunda metade da década de 1920, indicando uma relação com o auge da importação de máquinas e equipamentos industriais para o país³⁴⁵. Até a primeira metade daquela década, entre os textos publicados, que abordavam temáticas relativas às indústrias e aos processos de trabalho nelas executados, predominaram reportagens e artigos que relatavam visitas a fábricas e se limitavam a descrevê-las sucintamente³⁴⁶. Contudo, mesmo quando alguns desses textos trataram especificamente de máquinas e processos de trabalho³⁴⁷,

³⁴² LOBATO, Mirta Zaida. Racionalidad y eficiencia en la organización del trabajo en la Argentina: el sueño de la americanización y su difusión en la literatura y la prensa. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Ed.). *Americanización: Estados Unidos y América Latina en el siglo XX: transferencias económicas, tecnológicas y culturales*. Caseros: Eduntref, 2003, p. 115.

³⁴³ Ibidem, p. 119.

³⁴⁴ Ibidem, p. 113. Fazendo referência ao sociólogo francês Pierre Bordieu, Lobato afirma que “[...] as palavras que têm a força de criar visões sobre a sociedade e que também contribuem para a criação desse mundo têm mais chances de êxito quando estão fundadas na realidade”. LOBATO, Mirta Zaida. *La Ingeniería: Industria y organización en la Argentina de entreguerra. Estudios del trabajo*, n. 16, ago.-dez. 1998, p. 49.

³⁴⁵ “A aparição mais sistemática dos problemas vinculados com o mundo do trabalho começou a se multiplicar na década de 1920, associada a difusão dos princípios que professava a grande indústria norte-americana”. LOBATO, *La Ingeniería...*, op. cit., 1998, p. 61.

³⁴⁶ Ver: INGENIERÍA industrial – Una visita a los Talleres Metalúrgicos Pedro Vasena e hijos. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 557, 1921, p. 104-108; BACHOFEN, Elisa B. Fabrica de hilados y tejidos de lana “La Emilia”. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 559, 1921, p. 193-198 (a autora dessa reportagem, Elisa B. Bachofen, era engenheira civil); VISITA del Centro Nacional de Ingenieros a la usina “Pedro Mendonza” de la C.I.A.E. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 561, 1921, p. 250-257; II CONGRESO Nacional de Ingeniería – Las excursiones del congreso. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 566, 1921, p. 550-561; NUESTRAS grandes industrias cerveceras. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 568, 1922, p. 102-103.

³⁴⁷ INDUSTRIA textil – Sistema de disposición de abridoras y batanes en las hilanderías de algodón. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 562, 1921, p. 299-303 (descrição também de autoria da engenheira Bachofen); MAQUINAS eléctricas de soldar. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 569, 1922, p. 166-167.

nenhum deles fez qualquer menção à racionalização e a organização científica do trabalho. A única exceção durante a primeira metade da década de 1920 foi a publicação de uma tradução da introdução do livro do engenheiro e sócio de Frederick Taylor, Harrington Emerson, *The Twelve Principles of Efficiency*³⁴⁸. Por fim, o Segundo Congresso Nacional de Engenharia, realizado em novembro de 1921 e extensamente reportado pela revista, não fez em suas resoluções nenhuma menção a qualquer um dos conceitos e práticas do léxico do “novo evangelho industrialista”³⁴⁹.

Como dito anteriormente, foi na segunda metade da década que as discussões relativas à racionalização da produção e à organização científica do trabalho ganharam espaço na revista e passaram a ser uma peça fundamental de propaganda pela legitimação da atuação do profissional da engenharia no ramo industrial. Eram evocados os efeitos disruptivos da guerra e da Revolução Russa como eventos fundamentais, que teriam revelado ao mundo a necessidade dos engenheiros. Em uma conferência realizada na Faculdade de Ciências Exatas, Físicas e Naturais de Buenos Aires, em agosto de 1926, e publicada dois anos depois pela *La Ingeniería*, o professor e engenheiro civil, Adolfo Mugica, ao divagar sobre as funções do engenheiro nas sociedades modernas, afirmava:

Dois grandes acontecimentos históricos dos quais somos contemporâneos têm demonstrado a influência decisiva dos técnicos profissionais na vida coletiva dos povos. Primeiro, a Guerra Europeia, e logo a Revolução Russa, em suas lutas formidáveis pela organização do trabalho, tornaram palpáveis a necessidade da técnica.³⁵⁰

A nova conjuntura resultante desses dois eventos, ainda segundo o professor, teria convocado os engenheiros a ampliarem seu escopo de atuação para além da manipulação das forças da natureza, uma vez que “[...] com os múltiplos problemas das lutas entre o capital e o trabalho, o engenheiro, colocado na situação de intermediário, pode e deve ser um guia, conselheiro e diretor de patrões e operários, um verdadeiro juiz desinteressado e consciente”³⁵¹.

Em outro texto publicado na revista um ano depois da conferência proferida por Mugica, o engenheiro e proeminente político peruano, José Balta Paz, abordava o tema em termos

³⁴⁸ LOS DOCE principios de la eficiencia por Harrington Emerson. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 498, 1919, p. 222-228.

³⁴⁹ II CONGRESO Nacional de Ingeniería – Votos y resoluciones en la sesión plenaria de clausura del Congreso. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 565, 1921, p. 496-514.

³⁵⁰ MUGICA, Adolfo. *La Ingeniería Argentina*. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 642, 1928, p. 171.

³⁵¹ Idem.

semelhantes aos elaborados por seu colega argentino. Para o autor, a engenharia deveria ser definida como

A arte de organizar, dirigir e utilizar os fatores de produção industrial e da construção de vias de transporte, de meios de comunicação e de edifícios, seguindo as prescrições da Ciência, para contribuir por esses meios ao Progresso, ou seja, ao bem-estar da Raça Humana.³⁵²

Não obstante, Balta chamava atenção para o fato de que os fatores organizados pelo engenheiro não se limitavam mais “[...] aos reinos animal, vegetal e mineral, senão também à força e ao homem”. O fator humano, pouco vinculado à engenharia em tempos passados, havia ganhado importância nos tempos modernos, pois “[...] a Guerra Mundial fez com que se reconheça solenemente os direitos do proletariado”. A partir de então, o progresso da humanidade tinha que levar em conta não apenas o cérebro, mas também os braços da sociedade. Nesta nova era, “[...] o engenheiro é que tem que ser civilizador, moralizador, sociólogo prático, escultor de povos [...] a espécie dominante, que antes foi o sacerdote e depois o guerreiro, será o engenheiro”³⁵³. Operava-se aqui no plano discursivo a transformação notada por Chales Maier: de um “mestre das máquinas”, o profissional da engenharia metamorfoseava-se naquele sujeito capaz de manipular todas as relações econômicas.

Como colocado por Lobato, recorrendo apenas aos textos publicados pela revista não nos é permitido inferir o quanto foi possível aos engenheiros argentinos concretizarem naquele momento essa transcendente missão³⁵⁴. Isso não quer dizer que os empresários argentinos estivessem completamente alheios aos benefícios da moderna gestão do trabalho ou mesmo que os engenheiros não tivessem tido qualquer papel na implementação dessas novidades nas fábricas e oficinas do país³⁵⁵. Há, contudo, e principalmente do ponto de vista dos engenheiros, indícios de que essa era uma batalha que estava em curso ou que, pelo menos, havia chegado a hora de ser travada. E nesse combate, o “engenheiro evangelista” argentino deveria enfrentar

³⁵² BALTA, José. El Ingeniero en la sociedad moderna (Concluirá). *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 627, 1927, p. 13-14.

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ LOBATO, Mirta Zaida. Racionalidad y eficiencia en la organización del trabajo en la Argentina: el sueño de la americanización y su difusión en la literatura y la prensa. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Ed.). *Americanización: Estados Unidos y América Latina en el siglo XX: transferencias económicas, tecnológicas y culturales*. Caseros: Eduntref, 2003, p. 117.

³⁵⁵ Ver o caso dos engenheiros da Ferrocarriles del Estado e a reorganização operada por eles das oficinas de reparo da empresa, principalmente após as greves de 1917 e 1919. PALERMO, Silvana Alejandra. La racionalización del trabajo en la Argentina de principios del siglo XX: el caso de Ferrocarriles del Estado. *H-Industri@ – Revista de historia de la Industria, los Servicios y las empresas en America Latina*, n. 16, 1º sem. 2015, p. 35-66.

pelo menos três inimigos, a saber, os capatazes e chefes de oficina, os profissionais estrangeiros e os próprios engenheiros argentinos.

Em relação aos capatazes e chefes de oficina, o engenheiro Emilio Mallol, em um texto publicado em fevereiro de 1927, na *La Ingeniería*, criticava ferozmente os industriais argentinos por confiarem a organização dos locais de trabalho quase exclusivamente a esses trabalhadores ao invés dos engenheiros. Chamando-os de “curandeiros mecânicos”, em contraposição aos “médicos-engenheiros”, Mallol convocava seus colegas de ofício para uma campanha dirigida aos industriais com o intuito de inculcar neles a necessidade de “[...] considerar todas suas instalações como um ‘organismo doente’, e como tal, são necessárias revisões periódicas do ‘profissional’ que deve indicar em cada caso o ‘tratamento’ mais eficaz e moderno”³⁵⁶. Em julho do mesmo ano, uma reclamação no mesmo sentido, mas em um tom um pouco mais ameno, apareceu em um breve comentário sobre a exposição realizada pela Unión Industrial Argentina (UIA), no mês de maio de 1927. Ao saudar o progresso das indústrias do país, a revista chamava atenção para o fato de que boa parte desse desenvolvimento havia sido obtido pelas mãos de trabalhadores e pessoas muito habilidosas, mas que “[...] por prático e bem-intencionados, não podem em nenhum caso substituir o engenheiro”³⁵⁷.

A visão segundo a qual esses capatazes e chefes de oficina não passavam de meros “curandeiros”, o que poderíamos traduzir como trabalhadores com algum grau de qualificação e cujos conhecimentos técnicos eram fruto exclusivo dos anos de prática nas oficinas³⁵⁸, deve, no entanto, ser matizada. Desde a virada do século XIX para o XX, além da formação técnica que algumas empresas forneciam aos seus funcionários, Buenos Aires possuía pelo menos duas instituições dedicadas exclusivamente ao ensino técnico industrial³⁵⁹, cujos diretores e professores eram engenheiros e que, na década de 1920, eram celebradas pela UIA como mais um dos trunfos do pujante crescimento industrial do país³⁶⁰.

³⁵⁶ MALLOL, Emilio. Nuestras explotaciones industriales. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 629, 1927, p. 143.

³⁵⁷ LA INDUSTRIA nacional. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 633, 1927, p. 360-361.

³⁵⁸ Para Lobato, a disputa com os chefes de oficina e os capatazes expressavam “[...] uma linha de tensão permanente entre os saberes adquiridos institucionalmente e os saberes práticos que conformavam o capital cultural dos pobres”. LOBATO, Mirta Zaida. *La Ingeniería: Industria y organización en la Argentina de entreguerra. Estudios del trabajo*, n. 16, ago.-dez. 1998, p. 59.

³⁵⁹ HERVÉ, Pereyra Carlos. Historia de la enseñanza tecnológica en Argentina. *Historia*. Buenos Aires, ano XIV, n. 54, jun.-ago. 1994, p. 129-142.

³⁶⁰ Em um luxuoso álbum produzido pela UIA para o governo brasileiro por ocasião do Centenário da Independência do Brasil, das mais de 500 páginas de fotos e reportagens sobre as principais indústrias e empresas argentinas, quatorze foram dedicadas às duas instituições. Ocupando um espaço maior na publicação que o de alguns importantes ramos da indústria, como a de fósforos, artes gráficas e óleos comestíveis, as resenhas sobre as escolas trazem informações sobre os currículos dos cursos ministrados e fotos de suas oficinas e laboratórios. Cf. UNIÓN INDUSTRIAL ARGENTINA. *Álbum de la Industria Argentina, 1923, en homenaje de la Unión Industrial Argentina a los Estados Unidos del Brasil en su primer centenario de vida independiente*. Buenos Aires, 1923, p. 57-71.

A mais antiga delas, a Escuela Industrial de la Nación, instituição vinculada ao governo nacional e fundada pelo engenheiro Otto Krause em 1889 – e onde Mallol deu aulas entre 1922 e 1928 –, afirmava ter como missão “[...] formar elementos dirigentes para o trabalho industrial nas oficinas nas especialidades mecânicas e química, como também construtores e mestre-de-obras com preparação teórico-prática”. Os conhecimentos e especializações adquiridas pelos jovens os habilitariam para trabalhar como “[...] auxiliares de engenheiros, desenhistas-projetistas ou ensaiador-fundidor em escritórios técnicos ou laboratórios”³⁶¹. As especializações eram cursadas nos dois últimos anos do ensino regular secundário, perfazendo um total de seis anos de estudos. A escola era gratuita e os alunos ainda podiam comer em seu refeitório pagando dez pesos por mês.

Ao longo da década de 1920, foram incorporados à grade da instituição cursos de especialização para eletricista industrial e técnico para exploração do petróleo, além de cursos noturnos para adultos. O número de alunos matriculados nos cursos regulares e noturnos da instituição nacional – rebatizada com o nome de seu fundador no ano de 1927 – passou de 847, no ano de 1918, para 1369, em 1928³⁶². O prestígio que a escola havia adquirido nas primeiras décadas do século pode ser constatado pelo fato de as turmas de formandos terem sistematicamente suas fotos divulgadas desde meados da década de 1910 na revista *Caras y Caretas*³⁶³.

Alguns anos depois da fundação da Escuela Industrial de la Nación, foi criada com o benemérito da UIA a Sociedad de Educación Industrial. Seu idealizador, o advogado e ministro da fazenda dos governos José Figueroa Alcorta (1906-1910) e Roque Saenz Peña (1910-1914), Norberto Piñero, afirmava em um discurso feito no ano de 1911 que a difusão do ensino técnico extrapolava as necessidades de qualificação da mão-de-obra, sendo responsável também pelo disciplinamento dos trabalhadores e da juventude no geral. Para Piñero, o ensino técnico era o

³⁶¹ ESCUELA Industrial de la Nación. *Caras y Caretas*, Buenos Aires, 08 ago. 1908, p. 65-67; e ESCUELA INDUSTRIAL DE LA NACIÓN. *Condiciones de admisión: programa de ingreso y planes de estudios de los cursos diurnos y nocturnos para obreros*. Buenos Aires: Librería e Imprenta Europea, 1914.

³⁶² Para o número de alunos matriculados durante a década de 1920 e outras informações sobre a instituição, ver: ESCUELA INDUSTRIAL DE LA NACIÓN. *Extracto de la memoria, 1918-1929*. Buenos Aires: Establecimiento Gráfico Tomás Palumbo.

³⁶³ *Caras y caretas*, Buenos Aires, 22 jan. 1910, n. 590, p. 84; 5 dez. 1914, n. 844, p. 84-86; 16 jan. 1915, n. 850, p. 79; 8 jan. 1916, n. 901, p. 92; 23 dez. 1916, n. 951, p. 119-121; 2 mar. 1918, n. 1.013, p. 77; 15 fev. 1919, n. 1.063, p. 16-20; 31 jan. 1920, n. 1.113, p. 22-26; 23 out. 1920, n. 1.151, p. 13-15; 18 dez. 1920, n. 1.159, p. 6; 25 dez. 1920, n. 1.160, p. 124-126; 24 dez. 1921, n. 1.212, p. 28; 31 dez. 1921, n. 1.213, p. 20; 7 jan. 1922, n. 1.214, p. 4; 13 jan. 1923, n. 1.267, p. 22; 3 nov. 1923, n. 1.309, p. 12; 12 jan. 1924, n. 1.319, p. 82-84, 104; 16 fev. 1924, n. 1.324, p. 56; 20 dez. 1924, n. 1.368, p. 14; 3 jan. 1925, n. 1.370, p. 127; 16 jan. 1926, n. 1.424, p. 109; 6 nov. 1926, n. 1.466, p. 125; 8 jan. 1927, n. 1.475, p. 182-183; 15 jan. 1927, n. 1.476, p. 105; 4 fev. 1928, n. 1.531, p. 153; 25 fev. 1928, n. 1.534, p. 94; 31 mar. 1928, n. 1.539, p. 142; 14 abr. 1928, n. 1.541, p. 104; 19 jan. 1929, n. 1.581, p. 180.

caminho para “[...] salvar uma parte dos jovens que se perdem na vagabundagem e no abandono ou se esterilizam em pequenos ofícios”. Nestas instituições, os jovens do país “[...] receberiam o ensino técnico e prático requerido para fazer deles os operários e os oficiais que a indústria moderna reclama”, formando principalmente operadores de máquinas e capatazes³⁶⁴.

Em suas diversas sedes espalhadas pela cidade, eram oferecidos cursos de especialização em mecânica, elétrica industrial, desenho, condução de automóveis, química industrial, desenho para mulheres, radiotelegrafia, construção e mecânica de motores à explosão. Para ingressar nos cursos era exigido que os candidatos fossem alfabetizados e que tivessem noções básicas de aritmética e geometria. Em relação ao número de alunos que frequentaram as escolas da Sociedad de Educación Industrial durante a década de 1920, deve-se destacar que a instituição também registrou um importante crescimento naquele período. A escola viu o número de alunos matriculados crescer 154% entre 1918 e 1930, chegando a ser frequentadas por mais de 2500 alunos no último ano³⁶⁵. A Sociedad, mesmo sendo subordinada à UIA, era celebrada pelos socialistas como uma instituição “progressista e eficaz”³⁶⁶.

Se os cursos da Sociedad de Educación Industrial tinham um caráter mais voltado para o disciplinamento e o aperfeiçoamento individual dos trabalhadores, a Escuela Industrial de la Nación buscava a formação de “[...] técnicos, quase, diríamos, semi-engenheiros; diplomados com destino a dirigir mais que a obedecer [...]”³⁶⁷. Segundo a resenha publicada no álbum da UIA, a escola nacional, “[...] sem outorgar títulos resplendoroso”, vinha cumprindo sua função, pois seu “[...] crescido número de egressos em distintas especialidades [...] desenvolvem suas atividades nos postos de responsabilidade de nossos estabelecimentos fabris que antes eram ocupados, salvo raras exceções, por técnicos estrangeiros”³⁶⁸.

Apesar do prestígio que as escolas gozavam entre alguns industriais e da constante preocupação destes pela formação de quadros capazes de administrarem a nova realidade do chão de fábrica que vinha emergindo na Argentina do pós-guerra, essas instituições de ensino

³⁶⁴ PIÑERO, Norberto. Enseñanza Técnica. In *Sobre educación y instrucción*. Buenos Aires: Jesus Menedez, 1927, p. 120-124.

³⁶⁵ RIVAROLA, Horacio C. *La Acción del Doctor Norberto Piñero en la enseñanza industrial* – Las escuelas de la Sociedad de Educación Industrial. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Cía. Gral. Fabril Financiera S.A., 1952, Anexos.

³⁶⁶ UNA INSTITUCIÓN progresista y eficaz – Las escuelas técnicas y profesionales de la Sociedad de Educación Industrial. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 22 fev. 1925.

³⁶⁷ RIVAROLA, op. cit., p. 16; e KAUFMANN, Carolina. Permanencias y mutaciones en la educación técnica argentina (de los albores a fines del siglo XX). In: BARRERA, María Graciela [et.al.]. *Proyectos en escenarios políticos*. Historia(s) de la EIS. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2009, p. 17-19.

³⁶⁸ UIA. *Álbum de la Industria Argentina, 1923, en homenaje de la Unión Industrial Argentina a los Estados Unidos del Brasil en su primer centenario de vida independiente*. Buenos Aires, 1923, p. 65.

estavam longe de atender à demanda das empresas do país³⁶⁹. Contudo, é possível inferir que as escolas, e sobretudo a Escuela Industrial de la Nación, eram naquele momento responsáveis por uma importante participação na formação destes quadros. E isso não só pelos relatos e números já citados, mas também por alguns episódios que envolveram os alunos formados pela instituição e pela Faculdade de Engenharia. Em um discurso proferido por Julio R. Castiñeiras, por ocasião da inauguração do busto de Otto Krause naquela escola no ano de 1927³⁷⁰, o engenheiro recordou que o movimento de pressão dos egressos para cursarem ou mesmo para obterem equivalências das matérias cursadas na escola na Faculdade de Engenharia da Universidade de Buenos Aires, uma prática que era atribuída às dificuldades dos alunos de encontrarem empregos nas indústrias, havia se tornado inexpressivo na segunda metade da década de 1920. Castiñeiras, ele mesmo um ex-aluno da Escuela, que havia cursado engenharia na Universidade de Buenos Aires (UBA), pontuou que Otto Krause sempre havia se oposto e trabalhado contra essa iniciativa dos alunos, fosse como diretor da Escuela ou como decano da faculdade. Segundo nosso orador, para Krause, a missão da instituição era essencialmente a de “[...] formar homens de preparação técnica suficiente para que, unindo sua ação a essa falange de homens de trabalho, que com seu poderoso esforço e perseverante vontade, conseguiram formar grandes estabelecimentos [industriais]”. O sucesso do crescimento industrial argentino passava pela formação desse corpo técnico, uma vez que – ainda segundo o relato de Castiñeiras sobre Krause – esse era o caminho para libertar os industriais argentinos da concepção estreita pela qual o favor fiscal, e não a inovação técnica, seria o motor do desenvolvimento industrial do país. O fato de os alunos não buscarem mais sistematicamente a universidade como forma de validação de sua formação soma-se às outras evidências acima citadas de que, em alguma escala, os objetivos de Otto Krause tinham sido atingidos.

Se no começo do século XX teria ocorrido um movimento semelhante ao observado nos EUA, onde técnicos e chefes de oficina – como foi o caso do próprio Taylor³⁷¹ –, em decorrência

³⁶⁹ PRONKO, Marcela A. *Universidades del Trabajo en Argentina y Brasil: una historia de las propuestas de su creación; entre el mito y el olvido*. Montevideo: CINTERFOR, 2003, p. 158. Em uma palestra feita por Alfredo Colmo reproduzida pela publicação oficial da Unión Industrial Argentina no ano de 1927, o jurista, ao discorrer sobre a necessidade de se combater a formação predominante humanista da escola argentina e de se fomentar o ensino técnico, ponderava que “[...] por mais que não tenhamos propulsado a educação industrial na medida que as circunstâncias impunham, nunca a esquecemos”. COLMO, Alfredo. Conferencia pronunciada por el Doctor Alfredo Colmo, en la Liga Argentina de Educación Industrial. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, n. 706, out. 1927, p. 629.

³⁷⁰ Escuela Industrial de la Nación. *Extracto de la memoria correspondiente al año escolar 1925-1926*. Buenos Aires: [s.n.], 1926, p. 39-41.

³⁷¹ Em decorrência de problemas psicossomáticos, Taylor não conseguiu ingressar no curso de direito de Harvard e foi trabalhar como aprendiz em uma fábrica chamada Enterprise Hydraulic Works. Premido entre a proletarianização e as ambições cultivadas desde muito cedo por um filho da classe média alta, após os efeitos da depressão de 1873 terem se dissipado, Taylor optou por fazer um curso noturno profissionalizante de engenharia

de seus serviços prestados às indústrias, pleitearam ou almejavam seu reconhecimento como profissionais de nível superior, na Argentina da década de 1920 eram os engenheiros que reclamavam seu lugar no chão de fábrica. Em outras palavras, no período aqui estudado, o lugar de administrador das relações entre o capital e o trabalho que a mecanização e as novas técnicas de gerenciamento propiciavam não se constituiu apenas como uma luta pela expropriação dos conhecimentos adquiridos por trabalhadores por anos de prática nas oficinas pelos técnicos de formação. Esse também foi o ponto de encontro e disputa entre os operários qualificados que buscavam ascensão social e os setores médios instruídos acossados pela maior complexidade social resultante do crescimento do setor industrial.

Já em relação aos engenheiros estrangeiros, o incomodo dos profissionais nacionais era um dos reflexos da retomada do fluxo imigratório e da crescente presença de capitais forâneos nas mais distintas atividades econômicas realizadas no país durante a década de 1920. Segundo o engenheiro José Arrigoni Ciceri, em artigo publicado pela revista do CNI em 1927, sem sombra de dúvida, o capital estrangeiro “[...] trouxe como consequência o progresso evidente para o país, permitindo um melhor aproveitamento de todas as riquezas de seu solo”. Tais investimentos eram “[...] necessários para implantação de grandes Empresas que venham impulsionar o progresso material da nação”. Contudo, era inadmissível que os “[...] profissionais jovens e bem preparados, animados de um grande espírito de trabalho e dedicação” de origem argentina estivessem quase excluídos do pessoal técnico e administrativo dessas empresas. Ciceri questionava se essa preferência não era uma injustiça, uma vez que essas empresas obtinham vultuosos lucros no país³⁷². Não obstante, a desconfiança sobre o “grande espírito de trabalho e dedicação” dos engenheiros nacionais parece não ter sido uma exclusividade das empresas estrangeiras³⁷³. Quando Torcuato Di Tella – um engenheiro civil formado pela Universidade de Buenos Aires – precisou contratar engenheiros para organizarem

mecânica no Stevens Institute como forma de resolver seu impasse. A engenharia, nos EUA, engatinhava como uma formação profissional reconhecida e passava longe de ser encarada como uma ciência. Em seus estudos e experimentos durante sua passagem pelo instituto profissionalizante, Taylor passou a elaborar suas ideias sobre a engenharia como uma ciência que surgiria da combinação entre intuição e uma série de habilidades práticas. MERKLE, Judith. *Management and Ideology: The legacy of the international scientific management movement*. Berkley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1980, p. 34-42.

³⁷² CICERI, José L. Arrigoni. El ingeniero argentino ante las empresas extranjeras. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 628, 1927, p. 82-84

³⁷³ PRONKO, Marcela A. *Universidades del Trabajo en Argentina y Brasil: una historia de las propuestas de su creación; entre el mito y el olvido*. Montevideo: CINTERFOR, 2003, p. 158-159. Além do estímulo por parte das empresas, a verdade era que a própria reorganização da economia europeia no pós-guerra estimulou a imigração de muitos trabalhadores qualificados. Entre os metalúrgicos de Buenos Aires, reclamava-se da presença dos “metalúrgicos de guerra” formados nas fábricas de munição da década anterior. Ver a entrevista concedida pelo dirigente do Sindicato de los Obreros de la Industria Metalurgica (SOIM) ao *La Vanguardia* publicada na edição do dia 05 de dezembro de 1928.

e administrarem sua nova fábrica construída em 1928, na cidade de Avellaneda, o empresário buscou Antonio Sudiero e mais sete engenheiros italianos por meio de anúncios publicados em jornais da cidade de Turim³⁷⁴.

A atitude de Di Tella nos leva ao terceiro inimigo que os “engenheiros evangelistas” tiveram de enfrentar: havia, por fim, uma resistência entre os próprios engenheiros argentinos em reconhecerem a necessidade ou mesmo a validade de sua atuação nas indústrias, atitude que se expressou de maneira mais contundente por meio dos questionamentos acerca da necessidade dessa especialização se constituir em uma carreira de nível superior. A engenharia consolidou-se como carreira universitária dentro da Faculdade de Ciências Exatas, instituição vinculada à Universidade de Buenos Aires. Fundado em 1865, o curso de engenharia era composto a princípio por disciplinas de “[...] matemática pura, aplicada e de história natural” e seus egressos recebiam o diploma de engenheiro sem nenhuma especificação, além da habilitação para o trabalho como agrimensor. A partir de uma série de reformas curriculares ocorridas principalmente entre 1881 a 1896, o curso foi ampliado com a inclusão de disciplinas como hidráulica, resistência de materiais e termodinâmica. Como resultado dessa reorganização, criaram-se duas especializações, a saber, a de engenheiro civil e a de engenheiro mecânico.

Contudo, a carreira de engenharia mecânica era considerada desde o início por muitos engenheiros civis como um problema. Estes apontavam que o curso era responsável pela formação de “[...] engenheiros civis de segunda categoria”, já que se tratava de “[...] uma carreira com pretensões à especialização a qual se tentava obter, não pela intensificação do ensino, mas pela supressão de cursos da carreira de engenheiro civil”³⁷⁵. Mas o mais interessante era a acusação feita pelos engenheiros civis sobre a inexistência da necessidade de profissionais com essa formação, tendo em vista a incipiente industrialização do país. Nas palavras do próprio CNI, em um estudo realizado em 1914 com os egressos da faculdade e citado no livro escrito pelo decano da Faculdade de Engenharia, Enrique Butty, “[...] o grau de desenvolvimento de nossas indústrias mecânicas está muito longe de necessitar para seu desenvolvimento e avanço o concurso de engenheiros mecânicos propriamente ditos”. Para o autor da história do ensino de engenharia na Argentina, e ecoando em alguma medida as posições de Otto Krause, “[...] mesmo que a indústria tivesse alcançado um grandíssimo desenvolvimento em nosso país, não se justificaria o ensino especializado para a formação de

³⁷⁴ COCHRAN, Thomas C. e REINA, Ruben E. *Entrepreneurship in Argentine culture* – Torcuato Di Tella and SIAM. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1962, p. 83-84.

³⁷⁵ BUTTY, Enrique. *La Ingeniería. Enseñanza – Profesión – Función Social*. Buenos Aires: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1932, p. 177.

engenheiros [...] a especialização técnica ficaria para outra categoria de homens, para os técnicos propriamente ditos”³⁷⁶.

A especialização em engenharia mecânica foi abolida em 1915, porém recriada dois anos depois sob a nomina de engenharia industrial. A medida, considerada intempestiva por nosso engenheiro historiador e combatida pelo mesmo quando este assumiu a direção da faculdade em 1919, foi o resultado das “[...] ilusões que foram produzidas sobre a indústria nacional”, fruto de um florescimento “[...] artificioso e circunstancial da mesma como consequência da grande guerra europeia”³⁷⁷. O novo curso não só reproduzia os pecados do antigo curso de engenharia mecânica – ou seja, produzia-se uma especialização tanto pela “[...] menor duração dos estudos, como pela redução das disciplinas científicas e de ciência da engenharia básica” –, como incorria em novos, ao pretender aceitar o ingresso sem exame de admissão dos egressos da Escuela Industrial de la Nación³⁷⁸.

Mesmo com ajustes que buscaram corrigir essas questões, o estágio do desenvolvimento industrial do país, sempre segundo nosso engenheiro historiador, ainda trazia uma série de problemas. Por exemplo, em relação à disciplina de Organização Industrial, perguntava-se: onde no país se encontraria alguém com a experiência na grande indústria e a capacidade de “[...] concretizá-la com ensinamentos em um curso”? Os engenheiros industriais, assim como ocorreu com os mecânicos, encontravam sérias dificuldades para se colocarem no mercado de trabalho, aumentando cada vez mais o pedido de transferência de curso pelos estudantes e fazendo com que muitos destes passassem três anos a mais na faculdade com o intuito de obter o diploma de engenheiro civil³⁷⁹. Ou seja, mais que um processo de legitimação frente à sociedade do profissional da engenharia, os “engenheiros evangelizadores”, ao propagarem a organização científica do trabalho, buscavam sobretudo legitimar a sua especialização dentro do próprio campo da engenharia³⁸⁰.

Com exceção da batalha contra os profissionais estrangeiros, uma idiossincrasia da periferia do capitalismo, a luta pelo reconhecimento e legitimidade social do engenheiro industrial foi um processo em certa medida análogo ao vivido pelos seus congêneres

³⁷⁶ Ibidem, p. 182.

³⁷⁷ BUTTY, Enrique. *La Ingeniería. Enseñanza – Profesión – Función Social*. Buenos Aires: Centro de Estudiantes de Ingeniería, 1932, p. 188.

³⁷⁸ Ibidem, p. 191.

³⁷⁹ Ibidem, p. 195.

³⁸⁰ Os próprios engenheiros que assinavam os artigos citados se identificavam como engenheiros civis. Outra evidência da relação de subordinação dos engenheiros industriais em relação aos civis pode ser constatada recorrendo à publicação sobre a história da engenharia argentina do Centro Nacional de Ingenieros. Não há menção a qualquer engenheiro industrial nas listas de figuras de destaque da engenharia do país até 1950. LUCCHINI, Alberto Plinio. *Historia de la ingeniería argentina*. Buenos Aires: Centro Argentino de Ingeniería, 1981.

estadunidenses. Tanto nos EUA como na Argentina, e principalmente pensando nos “engenheiros evangelistas”, a defesa do “novo evangelho” ganhou adeptos e transformou-se em norte ideológico, principalmente entre alguns grupos relativamente bem-educados, mas com poucas perspectivas de incrementar sua situação financeira e social. Contudo, tendo em vista esse brevíssimo panorama, é preciso perguntar: às enormes dificuldades e desafios que os “engenheiros evangelistas” enfrentaram na Argentina para se legitimarem frente aos seus pares e empresários correspondeu, necessariamente, a pouca difusão dos princípios da racionalização e da organização científica do trabalho nas empresas? A princípio, o constante apelo aos industriais, a denúncia dos “curandeiros-mecânicos” e dos engenheiros estrangeiros soa muito mais como uma guerra contra hereges e ímpios do que como uma missão catequizadora de gentios.

3.2. A montanha vai à Maomé: organização científica do trabalho, mecanização e racionalização entre os industriais de Buenos Aires

Recorrendo a outras fontes que registraram a vida das indústrias argentinas durante a década de 1920, foi possível mensurar os diferentes impactos que o “novo evangelho industrialista” produziu entre os empresários e outros agentes econômicos naquele país. Por exemplo, a Asociación del Trabajo (AT), organização patronal que surgiu nos tempestuosos anos de 1917-1921 e que reuniu em suas fileiras representantes das principais empresas e organizações patronais do país em torno da “defesa do trabalho livre”, organizando grupos de fura-greves, formulando listas negras, articulando *lockouts* e fornecendo em conjunto com a Liga Patriótica Argentina escoltas armadas para fábricas cujos trabalhadores encontravam-se em greve³⁸¹, recebeu a discussão com desconfiança e pragmatismo. Talvez o conjunto de práticas às quais a organização estava associada explique seu menor entusiasmo em relação ao “evangelho industrialista”³⁸². Em sua publicação quinzenal, o *Boletín de Servicios de la*

³⁸¹Sobre estas organizações, ver: RAPALO, María Ester. De la Asociación del Trabajo a la revista *Criterio*: encuentros entre propietarios e ideólogos, 1919-1929. In: ROCK, David et alii. *La derecha argentina: nacionalistas, neoliberales, militares y clericales*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001; e RAPALO, María Ester. *Patrones y obreros: La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012; MCGEE DEUSTCH, Sandra. *Contrarrevolución en Argentina, 1900-1932*: La Liga Patriótica Argentina. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

³⁸² “A divisão do trabalho, que já encontramos acima como uma das forças principais da história que se deu até aqui, se expressa também na classe dominante como divisão entre trabalho espiritual e trabalho material, de maneira que, no interior dessa classe, uma parte aparece como os pensadores dessa classe, como seus ideólogos ativos, criadores de conceitos, que fazem da atividade de formação da ilusão dessa classe sobre si mesma o seu meio principal de subsistência, enquanto os outros se comportam diante dessas ideias e ilusões de forma mais passiva e receptiva, pois são, na realidade, os membros ativos dessa classe e têm menos tempo para formar ilusões e ideias sobre si próprios”. ENGELS, Frederick; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Crítica da mais recente filosofia

Asociación Nacional del Trabajo (BSANT), as discussões relativas à racionalização da produção e da organização científica do trabalho também começaram a marcar presença a partir da segunda metade da década de 1920.

O primeiro texto de maior folego sobre o tema foi publicado na edição do BSANT de maio de 1926 e expressava uma perspectiva muito diferente daquela propagada pelos “engenheiros evangelistas”. Seu autor, o industrial catalão Francisco Martí Bech, após elencar e descrever as principais discussões ocorridas durante o Segundo Congresso Internacional da Organização Científica do Trabalho, realizado em Bruxelas no ano de 1925, tecia alguns comentários não muito elogiosos aos “evangelistas do industrialismo”. Para Bech, a princípio, teria sido muito melhor que os organizadores do evento tivessem “[...] retirado do título [do Congresso] tão prestigiosa palavra [científico]. A modéstia não retira valor, antes soma, às pessoas e às coisas”. Após transcrever algumas das principais discussões ocorridas ali, Bech afirmava que o caráter do congresso havia sido “[...] eminentemente racional, prático. Em geral, nada de proselitismos, de teorias, de fantasias. Se viveu a realidade com suas exigências e seus imperativos”. Contudo, mesmo reinando esse espírito nas apresentações, o sentido político do evento era completamente equivocado. Para o empresário catalão, o simples estudo da melhor distribuição dos fatores de produção não tinha como resolver o que ele entendia ser o verdadeiro problema da “[...] vida econômica, política, moral e social da Europa”. Entre as máquinas e as matérias-primas, alertava, existia o fator humano, com “[...] seu livre arbítrio, seus preconceitos, sua vontade, frente ao qual se espatifam todos os princípios da ciência”. E assim seria se essa fosse a vontade do trabalhador ou da “[...] organização a que ele pertence ou que predomina entre a classe trabalhadora”. Para o empresário, os entusiastas da racionalização e da organização científica do trabalho se esqueciam de que o problema mais importante enfrentado naquele momento era a luta dos trabalhadores contra o capitalismo: “[...] Enquanto exista a pugna, enquanto existam organizações ou sindicatos operários, é uma utopia pretender a organização científica do trabalho”. Os homens de ciência, nas palavras de Bech, não serviriam de nada, sendo preferível que os diretores, os chefes e capatazes das fábricas fossem pessoas técnicas e com grande sentido prático para enfrentar os obstáculos que se oporiam à marcha normal da produção³⁸³.

alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007, p. 47-48.

³⁸³ BECH, Francisco Martí. La organización científica del trabajo. *Boletín de Servicios de la Asociación Nacional del Trabajo*, Buenos Aires, n. 154, 20 maio 1926, p. 226-231.

A desconfiança da AT não parou por aí. Ao comentar a adoção da semana de cinco dias de trabalho pela Ford, em outubro de 1926, evento amplamente celebrado por empresários e sindicatos e alardeado como prova dos benefícios generalizados produzidos pelas novas formas de organização dos processos de trabalho³⁸⁴, os editores do boletim afirmaram que tal medida não contribuiria em nada para o progresso do trabalhador. Ao contrário, a semana mais curta de trabalho não seria nada mais que uma “[...] mera exaltação sensualista”³⁸⁵. Dois anos depois, em um outro texto editorial, apesar da AT reconhecer que a organização científica do trabalho havia produzido alguns avanços, ponderava-se que não era possível vislumbrar de maneira definitiva se as promessas de harmonização social e do fim das crises econômicas iriam ocorrer. Na verdade, e diferentemente dos “engenheiros evangelistas”, a direção da AT considerava utópica a conciliação total de interesses entre o capital e o trabalho³⁸⁶. Nesse sentido, a “organização corporativa do trabalho” de inspiração fascista, mesmo que imbuída de preceitos tayloristas³⁸⁷, foi abordada pela publicação ao longo da segunda metade da década de 1920 de maneira muito mais simpática, concorrendo com a “organização científica” como a melhor forma de solucionar os conflitos entre o capital e o trabalho.

Mesmo com essas ponderações, o tema parecia irresistível e até mesmo útil. A publicação também abriu espaço nos boletins para divulgação das novas doutrinas, mas diferentemente da *La Ingeniería*, os materiais divulgados eram vinculados a questões mais práticas como: a divulgação de métodos de administração do tempo de trabalho no chão de fábrica³⁸⁸; a descrição pormenorizada de como seria o organograma de uma fábrica organizada sob os princípios do taylorismo³⁸⁹; a divulgação de ordenações e regulamentações alemãs relativas a bancos e cadeiras usados por operários e funcionários nas fábricas³⁹⁰; o uso da psicologia e da psicotécnica tanto como instrumentos para organização dos processos de

³⁸⁴ O anúncio de Henry Ford foi feito alguns dias depois da American Federation of Labor ter aprovado em seu congresso o início de uma campanha nacional em defesa da semana de cinco dias. FIVE-DAY week becomes a vivid issue. *The New York Times*, New York, 17 out. 1926.

³⁸⁵ Ver também: EL OPTIMISMO de Mister Ford o la semana de cuarenta horas. BSANT, Buenos Aires, n. 167, 05 jan. 1927, p. 2-3.

³⁸⁶ Ver: LA ORGANIZACIÓN Científica de la Producción. BSANT, Buenos Aires, n. 225, 05 jun. 1929, p. 5-6.

³⁸⁷ MAIER, Charles. Between Taylorism, and Technocracy: European ideologies and the vision of industrial productivity in the 1920s. *Journal of Contemporary History*, v. 5, n. 2, 1970, p. 40-45.

³⁸⁸ Ver: LA ORGANIZACIÓN científica del trabajo – El contralor del tiempo utilizado en los trabajos de taller. BSANT, Buenos Aires, 1926, p. 274-278, texto que discute métodos de organizar da melhor forma o tempo que as máquinas ficam paralisadas para manutenção; e LA DECIMALIZACIÓN del tiempo en el cronometraje industrial. BSANT, Buenos Aires, 1929, p. 515-517, sobre o aperfeiçoamento de sistemas de cronometragem.

³⁸⁹ RODRÍGUEZ, Octavio Morató. La organización industrial según Taylor. BSANT, Buenos Aires, n. 225, 5 jun. 1929.

³⁹⁰ LA ORGANIZACIÓN científica del trabajo – El factor humano. BSANT, Buenos Aires, n. 235, 5 nov. 1929, p. 492-493.

trabalho, pela análise científica das aptidões e habilidades individuais dos trabalhadores³⁹¹, como para trabalhar com os efeitos psicológicos produzidos pela mecanização e a consequente despersonalização do trabalho – situação que, segundo o autor do artigo, implicava em “[...] graves perigos tanto em sentido social como em sentido econômico para a eficiência da produção”³⁹².

Foram divulgados também alguns textos louvando o “evangelho industrialista” cuja função aproximava-se do que Lobato definiu como o principal caráter das publicações feitas pela *La Ingeniería*: fazer-se conhecer os princípios da organização científica do trabalho. Contudo, é preciso destacar o tom muito menos afetado desses textos. Foram publicados, por exemplo, alguns artigos sobre como a organização científica serviria para o aumento da produtividade e para melhorar a saúde dos trabalhadores³⁹³; uma reportagem sobre a adesão dos trabalhadores estadunidenses aos princípios da organização científica do trabalho³⁹⁴; um informe sobre como a gestão científica contribuía para a prevenção de acidentes de trabalho³⁹⁵; pequenas notas divulgando o que havia ocorrido com empresas racionalizadas em outros países³⁹⁶, ou mesmo textos que buscavam fornecer um panorama geral sobre o tema, tendo como foco as diferentes experiências europeias com a racionalização³⁹⁷. Contudo, nada se falou sobre a transcendente missão dos “engenheiros evangelistas”.

A princípio, essas discussões parecem ter tido um impacto ainda menor entre os próprios industriais. Muito mais engajados naquele período em sua campanha pela adoção de políticas

³⁹¹ Ver: FINGERMANN, Gregorio. La psicotécnica y la industria: Nuevos métodos para un mayor rendimiento. BSANT, Buenos Aires, n. 155, 05 jul. 1926, p. 293-299. O texto é uma conferência de Gregorio Fingermann na Bolsa do Comércio de Buenos Aires, na qual defende o uso da psicologia e dos testes psicotécnicos como instrumento de organização científica das aptidões e habilidades individuais dos trabalhadores.

³⁹² JESINGHAUS, Carlos. La selección y orientación profesionales en su alcance económico y social. BSANT, Buenos Aires, n. 226, 20 jun. 1929; e _____. La selección y orientación profesionales en su alcance económico y social (parte II). BSANT, Buenos Aires, n. 227, 05 jul. 1929.

³⁹³ Ver: BELLVÉ, Mariano Rubió. Organización industrial – La fatiga y el descanso en el trabajo. BSANT, Buenos Aires, 1926, p. 495-503; e MALLART, José. La distribución científica del personal y la prevención de accidentes del trabajo. BSANT, Buenos Aires, n. 205, 05 ago. 1928, p. 345.

³⁹⁴ LA ORGANIZACIÓN científica del trabajo y la opinión de los obreros de los Estados Unidos. BSANT, Buenos Aires, n. 159, 05 set. 1926, p. 401.

³⁹⁵ LOS PROBLEMAS de la industria. BSANT, Buenos Aires, 1929, 518-520.

³⁹⁶ LOS PROGRESOS económicos americanos debido a una mejora de la organización del trabajo; DATOS estadísticos suplementarios relativos al resultado de la racionalización en los Estados Unidos; e RESULTADOS de la racionalización en la industria alemana de la construcción mecánica. BSANT, Buenos Aires, n. 200, 20 maio 1928, p. 227-228.

³⁹⁷ RODRÍGUEZ, Otávio Morató. La Organización Científica de la Producción. BSANT, Buenos Aires, 5 maio 1929; e _____. El sentido de la Racionalización. BSANT, Buenos Aires, n. 236, 20 nov. 1929, p. 517-518; ORGANIZACIÓN Científica del Trabajo em Europa. BSANT, Buenos Aires, 05 jan. 1928, p. 9-14; UN CURSO de Organización científica del trabajo en España. BSANT, Buenos Aires, n. 202, 20 jun. 1928, p. 266; ALMANSA, Javier Ruiz. La política de racionalización en las naciones modernas. BSANT, Buenos Aires, n. 231, 05 set. 1929, p. 419-422; e _____. La política de racionalización en las naciones modernas (parte II). BSANT, Buenos Aires, n. 232, 20 set. 1929, p. 449-451.

protecionistas por parte do governo argentino do que no debate sobre a racionalização³⁹⁸, a publicação da Unión Industrial Argentina (UIA), o *Anales de la Unión Industrial Argentina*, somente abriu espaço para a divulgação e vulgarização dos princípios do taylorismo no ano 1930³⁹⁹.

No entanto, os fenômenos da mecanização, da racionalização e da adoção de novos processos de trabalho não deixaram de estar presentes nas páginas dessa publicação durante o período analisado. Entre 1926 e 1927, por exemplo, a direção da UIA organizou uma série de visitas a algumas fábricas do país, com o intuito de mostrar para deputados, representantes da grande imprensa e de outros importantes setores da economia nacional o grau de desenvolvimento que a indústria havia atingido na Argentina. Publicado em outubro de 1926, o relato sobre a visita à Fábrica Argentina de Alpargatas destacava que a maior parte dos processos de trabalho naquele estabelecimento já estavam completamente mecanizados⁴⁰⁰. Nas suas oficinas espalhadas pelos mais de 30.000 metros quadrados da fábrica localizada na rua Patricios, “[...] amontoavam-se máquinas modernas”. Nas salas de fiação e tecelagem, os visitantes destacaram a precisão automática das máquinas, o que permitia que apenas uma jovem operária fosse necessária para supervisionar até 20 máquinas. O algodão e a juta passavam por máquinas cardadoras, urdidoras, secadoras e trançadeiras. Após esses processos totalmente mecanizados, trabalhadoras davam forma às alpargatas e as costuravam com máquinas de costura. Colocadas em uma esteira transportadora, as alpargatas prontas passavam por um forno, onde o calor eliminava as pelugens da juta. Após o forno, a esteira transportava as alpargatas para outra oficina, onde eram embaladas manualmente e enviadas aos depósitos. A reportagem ainda destacava que todo esse processo era organizado por critérios “[...] eminentemente técnicos”. Outro estabelecimento visitado naquele mês foi a fábrica de biscoitos Bagley, localizada na Avenida Montes de Oca. Assim como na Alpargatas, o processo de produção de biscoitos encontrava-se completamente mecanizado. A massa, composta de

³⁹⁸ Ver a série de conferências radiofônicas do presidente da entidade, o empresário Luís Colombo, publicadas em na revista da entidade. COLOMBO, Luís. Las conferencias radiotelefónicas sobre nuestros problemas industriales. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, Buenos Aires, n. 718, out. 1928, p. 1430-1448; e _____. Los problemas industriales y económicos del país. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, Buenos Aires, n. 719, nov. 1928, p. 1522-1527; além dos debates e discursos feitos por Colombo durante o encontro da Confederación Argentina del Comercio, Industria y de la Producción em julho de 1928. CACIP, *Actas de la Tercera Conferencia Economica Nacional*. Buenos Aires: Cia. Impresora Argentina, 1928, p. 16-17, 159-169, 300-303 e 338-340.

³⁹⁹ Ver a publicação da conferência proferida pelo engenheiro Julio Vela Huergo na sede da UIA. HUERGO, Julio Vela. Teoría y aplicación de los principios de F.W. Taylor en la industria. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, Buenos Aires, n. 738, jun. 1930, p. 3-31 e 47; e o artigo: BELLVER, Mariano Rubió. La racionalización industrial- Caracteres generales. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, n. 739, jul. 1930, p. 15-21.

⁴⁰⁰ NUESTRAS visitas a los establecimientos industriales de la República. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, Buenos Aires, n. 694, out. 1926, p. 465-467.

farinha, açúcar e manteiga, era obtida por meio de amassadoras e batedeiras mecânicas e transformada em tiras por um rolo compressor. A partir deste ponto, e até seu acondicionamento em embalagens, todo o processo era mecânico e feito sobre uma esteira transportadora. A ação dos 650 operários, em sua grande maioria mulheres, resumia-se a supervisionar as máquinas e a adicionar detalhes de chocolate ou de creme nas bolachas. O processo de produção não se detinha em nenhum momento. Por fim, o relato das visitas feitas pela direção da organização naquele mês terminava com uma breve descrição da fábrica de azulejos Cattaneo, na rua Corrientes 3553. Nessa fábrica, na qual trabalhavam 260 operários e eram produzidos 1.600 metros quadrados de azulejo por dia, a seção de polimento destacava-se por suas “[...] dez máquinas construídas de acordo com os mais recentes preceitos que indica a mecânica moderna”.

Em maio de 1927, os convidados da UIA visitaram a Casa Gutman e as oficinas gráficas da Compañía General de Fosforos⁴⁰¹. Nos estabelecimentos dos senhores Adolfo e Manuel Gutman, situado à rua Campichuelo no bairro de Caballito, a principal estrela era o cano de bronze fabricado pelo processo de Mannesman, utilizando as máquinas mais eficientes e modernas que existiam – as mesmas utilizadas pela American Brass Company, naquela época a maior fabricante do mundo de produtos com metais não ferrosos. Destacava-se também o conjunto de máquinas para a produção de canos de ferro e aço, que permitiam a produção de até 20 metros de cano por minuto. Eram também com máquinas que os canos eram dobrados e pintados. Além disso, fabricavam-se mecanicamente molas cilíndricas e helicoidais, balancins para fazer rodas, rebites e travessões. A produção mensal era de 30.000 quilos de canos de bronze e 75.000 quilos de canos de aço, empregando 400 trabalhadores. Por fim, em relação às oficinas gráficas da Compañía, o texto chamava atenção para o fato de a direção da empresa ter levado em conta “[...] os mais modernos princípios e critérios técnicos, tanto para a construção dos edifícios, como para a escolha e disposição das máquinas para a melhor realização dos trabalhos”.

Em outra publicação produzida pelos industriais argentinos – um grande álbum hagiográfico publicado em 1935 sobre a indústria de calçados e couro, escrito sob encomenda de um empresário do ramo, presidente da câmara setorial dos fabricantes de calçados e importante membro da UIA, Felipe Fortunato Delrío –, a mecanização e adoção de novas formas de organização do trabalho, principalmente a partir da segunda metade da década de

⁴⁰¹ VISITA a la fábrica de caños y muebles de bronce del Sr. Adolfo Gutman; e VISITA de la Union Industrial Argentina a los talleres gráficos de la Compañía General de Fósforos”. *Anales de la Unión Industrial Argentina*. Buenos Aires, n. 701, maio 1927, p. 261-263.

1920, eram celebradas como as transformações fundamentais que selaram a sorte desse ramo como um dos mais dinâmicos do país. Cada pequeno capítulo do livro foi dedicado à história de uma fabricante de calçados ou indústria acessória. Nos breves textos, acompanhados de um farto material fotográfico das oficinas abarrotadas de máquinas, são recorrentes os elogios aos novos equipamentos e formas de organização do trabalho. No capítulo dedicado à Companhia General de Calzados, localizada à rua Gaona 1950, podemos ler que a fábrica, inaugurada em agosto de 1925, possuía uma “[...] Organização adaptada às exigências técnicas” e havia sido “[...] das primeiras [fábricas de calçado] a implantar entre nós os novos métodos de produção racionalizada”. Ainda segundo o panegírico,

A estratégica distribuição de máquinas e homens, estudada com critério científico e lograda com um acerto técnico indiscutível, asseguram uma produção de ritmo regular e uniforme, da qual foram eliminados todo o “tempo morto”⁴⁰².

Máquinas e métodos modernos (muitas vezes utilizando-se diretamente do termos “organização científica”), direção hábil e competente, além da ampliação e reformulação das fábricas na década de 1920, são temas correlacionados e que aparecem nas histórias de quase todas as fábricas resenhadas, como a Andueza, López, de Miguel & Cia, Alberto Grimoldi, Francia Argentina S.A. de Curtiembres, Anda & Cia., La Hispano Argentina, Diez & Velasco, Jenaro Muñoz e, claro, a Fabrica Argentina de Alpargatas.

Por fim, o avanço dessas transformações no chão de fábrica e sua estreita vinculação com a penetração dos capitais estadunidenses no país, inevitavelmente, terminaram por chamar a atenção de agentes britânicos com interesses na Argentina. A *The Review of the River Plate*, uma publicação quinzenal voltada aos investidores ingleses e vinculada informalmente à Câmara Britânica de Comércio, registrou em diversas oportunidades as transformações que vinham se operando nas indústrias argentinas, sobretudo de como a mecanização e a adoção de novos processos de trabalho eram tangíveis em muitos setores desta. A revista dedicou boa parte dos seus textos sobre o tema para convocar os investidores britânicos a se aproveitarem dessa transformação e se recolocarem no mercado argentino. Para os editores, os investidores britânicos deveriam aproveitar o crescimento industrial do país e seguir o exemplo dos estadunidenses, instalando filiais de suas fábricas no país sul-americano⁴⁰³. Em 1926, a revista

⁴⁰² VIDIRI, Gisberto. *Las grandes industrias: curtidos, calzados y afines*. Felipe Fortunato Delrío (Dir.). Buenos Aires: Cámara de la Industria del Calzado, 1935, p. 85.

⁴⁰³ “[...] a necessidade do país por equipamentos, maquinaria, navios, usinas elétricas etc., etc., provavelmente resultará em um volume comercial [com a Grã-Bretanha] muitos maior que o perdido pela redução da venda de

ressaltava que na Argentinas dos últimos anos as “[...] fábricas têm se multiplicado com uma velocidade extraordinária, que a produção tem se expandido enormemente, que novos padrões de qualidade e eficiência foram atingidos”, o que demonstrava que os industriais argentinos eram “[...] inovadores, ambiciosos e muito espertos sobre suas possibilidades”⁴⁰⁴.

Segundo a revista, a produção nacional avançava rapidamente para a substituição de muitas das importações feitas pelo país e com enormes vantagens sobre a tradicional produção britânica. Para a *Review*, essas vantagens eram o resultado da possibilidade de os industriais argentinos terem acesso

ao mais avançado em termos de equipamentos fabris e de maquinaria, assim como em consequência serem capazes de usar o petróleo como combustível industrial, os possibilitou prosperar consideravelmente, apesar dos obstáculos inevitáveis do advento de uma nova atividade econômica⁴⁰⁵.

A revista, que também acompanhou a direção da UIA à Bagley, destacando que nesta fábrica “[...] a coordenação entre maquinaria e trabalho e a distribuição científica das tarefas” eram “[...] as características mais essenciais do estabelecimento”, afirmava que na Argentina, diferentemente da Europa, os operários, e principalmente as mulheres, demonstravam uma enorme facilidade e capacidade para o trabalho mecânico. O clima propício para o investimento em indústrias no país sul-americano era destacado em contraposição às dificuldades encontradas no velho continente. Segundo a revista, qualquer inovação era incorporada muito facilmente na Argentina, enquanto, nenhuma empresa europeia iria promover a renovação de suas máquinas se estas não estivessem já fisicamente depreciadas. Se a mecanização e a introdução de novos processos de trabalho tinham que esperar (ou promover) a desqualificação de ofícios tradicionais e a depreciação física e não moral dos bens de capital na Europa, no país sul-americano, segundo os editores da *Review*, estas poderiam prosperar sem nenhum tipo de entrave⁴⁰⁶.

produtos acabados”. MANUFACTURING and Investment – The importance of Vigilance Over Changing Events. *The Review of the River Plate*. Buenos Aires, 08 maio 1925, p. 19-21. O assunto também foi abordado de maneira extensa alguns meses antes em: THE BEGINNING of the Manufacturing Era – The Prospect of a Steady, Evolutionary Transformation of Argentina’s Import Requirements”. *The Review of the River Plate*. Buenos Aires, 02 jan. 1925, p. 11. A instalação de fábricas de empresas britânicas no país era celebrada vivamente pela revista, como no caso da *Lever Borthers* (“PORTSUNLIGHT” in Avellaneda – Lever Bros. Ltda. Inaugurate their New Works. *The Review of the River Plate*. Buenos Aires, 02 mar. 1928, p. 19); e da *Anglo Argentine Iron Company* (THE GALVANIZED Iron Sheet – The Pioneer’s Best Friend – A Forerunner of Argentine Civilization. The Anglo Argentine Iron Company’s ‘Ostrillon’ Brand Lead Local Manufacture. *The Review of the River Plate*. Buenos Aires, 09 maio 1930, p. 27-39).

⁴⁰⁴ NOTES on News. *The Review of the River Plate*, Buenos Aires, 20 ago. 1926, p. 5.

⁴⁰⁵ Idem.

⁴⁰⁶ Idem.

A síntese de todo esse processo de transformação das indústrias argentinas alardeadas pela publicação podia ser vislumbrada na nova fábrica da Ferrum S.A., inaugurada em meados de 1927, em Avellaneda. Em uma longa matéria publicada em setembro de 1928 sobre a nova fábrica, a *The Review of River Plate* retomava uma série de ideias e temas discutidos nos anos anteriores sobre o crescimento industrial argentino, destacando como os enormes progressos feitos pela indústria de bens de consumo no país, tanto em qualidade como em quantidade, foram o resultado de “[...] melhoras e economias [feitas] no sistema de produção”⁴⁰⁷. Entre as qualidades que possibilitaram esse enorme processo, o jornal voltava a destacar que a Argentina reunia as condições perfeitas para a adoção de novas tecnologias e processos de trabalho, pois

Não há máquinas velhas ou desatualizadas que tenham que ser jogadas fora, assim como métodos ou sistema tradicionais [de produção] que tenham de ser reformados [...] o capital recém-investido pode ser utilizado com uma vantagem extraordinária na compra dos mais modernos tipos de maquinário disponíveis e no emprego dos serviços de especialistas reconhecidos em arquitetura e organização de fábricas.

A presença de técnicos estrangeiros era “denunciada” pela matéria, uma vez que o texto celebrava o fato de a contratação de especialistas alemães, britânicos e estadunidenses por essas fábricas, ter trazido resultados “estupendos” ao promover estudos sobre as “[...] diferentes operações individuais divididas em termos de segundos para economizar tempo”, colocando os trabalhadores atrás de um número máximo de máquinas, escolhidas entre as melhores e mais modernas. Em relação às instalações da Ferrum S.A., em Avellaneda, o repórter afirmava que “[...] é aqui que encontramos o processo de sincronização que alguém naturalmente pode achar ser o ponto máximo de eficiência possível de ser atingido com todos os recursos da engenharia e da ciência mecânica, combinada com o conhecimento fundado na experiência da fábrica”. A remuneração dos trabalhadores também estava de acordo com os mais modernos preceitos da organização da produção, “[...] semelhante a muitos dos mais avançados estabelecimentos industriais dos EUA”. Cada operário recebia um salário mínimo mensal, acrescentado de um bônus quando ultrapassava as metas estabelecidas de produção. O estabelecimento, segundo especialistas argentinos e estrangeiros, concluía o repórter, era “[...] a mais moderna, a mais bem organizada e mais eficiente” fábrica de utensílios domésticos esmaltados do mundo.

Apesar das reclamações e reivindicações feitas pelos “engenheiros evangelistas” sobre o papel que eles deveriam assumir na nova ordem social, que surgia no pós-guerra – e até

⁴⁰⁷ THE PROGRESS of Argentina’s Manufacturing Industries – Ferrum sets an example of factory efficiency. *The Review of the River Plate*, Buenos Aires, 05 out. 1928, p. 11-25.

mesmo por causa delas —, os relatos acima citados dão conta de que muitos empresários argentinos não estavam alheios ao fato de o processo de crescimento industrial durante a década de 1920 ter sido acompanhado por importantes transformações em relação aos processos produtivos. A ampliação da produtividade por meio da introdução de máquinas, o aprofundamento da parcialização do trabalho, a difusão do salário por peça e até mesmo a introdução da esteira transportadora, se somam às expressões genéricas, porém extremamente recorrentes, sobre as novas formas de organização do trabalho dentro dos estabelecimentos fabris. Todas essas novidades foram anunciadas pelos empresários sob a forma de autoelogios e autopromoção de seus empreendimentos, tomando uma enorme distância da cantilena dos “engenheiros-evangelistas”. Em outras palavras, conforme relatado nas reportagens e panegíricos escritos na época sobre algumas fábricas, mesmo com uma participação marginal dos “engenheiros evangelistas”, as inovações promovidas pela reestruturação produtiva, por meio da aquisição de maquinário importado, levaram à adoção de processos de trabalho enunciados como racionais, modernos ou diretamente inspirados nos preceitos da organização científica do trabalho. Se Maomé não foi até a montanha, a montanha foi à Maomé.

3.3. O Partido Socialista e o “novo evangelho industrialista”: o progresso técnico como declive da corrente⁴⁰⁸

Na edição de novembro de 1929 de *La Ingeniería*, o recém-formado engenheiro civil Emílio Dickmann, dando seguimento aos vários textos divulgados pela revista e que louvavam o “novo evangelho industrialista”, publicou um artigo em que apresentava sua visão sobre o contexto histórico que havia dado origem à organização científica do trabalho, além de destacar como esta seria responsável por fornecer critérios precisos para que trabalhadores e patrões pudessem fixar salários de maneira mais justa. Dickmann afirmava que o sistema de salário por peças, forma de remuneração do trabalho fundamental para implementação da organização científica do trabalho, era o único caminho para realizar o que nenhuma legislação de proteção aos trabalhadores havia conseguido: “[...] a redução de preços das mercadorias e a elevação dos salários com a redução da jornada de trabalho”⁴⁰⁹. Segundo o engenheiro, “Até pouco tempo

⁴⁰⁸ “O conformismo, que sempre esteve em seu elemento na social-democracia, não condiciona apenas suas táticas políticas, mas também suas ideias econômicas. E uma das causas do seu colapso posterior. Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnico, representava uma grande conquista política”. BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas*, VI. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

⁴⁰⁹ DICKMANN, Emilio. La fijación de los salarios en la Organización Científica del Trabajo. *La Ingeniería*, Buenos Aires, n. 661, 1929, p. 482-486. O artigo foi reproduzido no *Anuario Socialista* de 1929, p. 183-193.

atrás, as organizações operárias se opunham ao salário por peça. Felizmente, todas as organizações operárias de certa importância já aceitaram esse tipo de salário”. Na versão bem particular do autor sobre a origem das ideias de Taylor, quando o engenheiro estadunidense propôs a difusão do trabalho por peça, este estava preocupado com a enorme injustiça que o acréscimo da produtividade estava promovendo ao favorecer exclusivamente os industriais. O sistema Taylor era compreendido pelo engenheiro como o resultado de um esforço deliberado e com bases científicas para o melhoramento das condições de vida dos trabalhadores.

Continuando sua exposição, Dickmann assegurava que o estabelecimento de um *standard* de produção a ser seguido pelos trabalhadores, elemento basilar para implementação do salário por peça, não significava a perda de controle sobre a produção e tão pouco a inutilização dos operários que não atingissem as metas estabelecidas, situação que, segundo os críticos da organização científica do trabalho, era responsável pelo aumento do número de desempregados. Aqueles menos aptos, justamente pela racionalização e organização científica da produção, eram, na verdade, realocados em funções mais adequadas às suas capacidades. Para o engenheiro, a superespecialização decorrente da divisão do trabalho, somada aos incentivos produzidos pelo salário por peças, estimulava a criatividade de cada trabalhador. Esta se desenvolvia de forma “[...] assombrosa” sob o taylorismo. A organização científica do trabalho havia também promovido a harmonização dos conflitos entre operários e empresários nas fábricas estadunidenses que adotaram esses princípios, ao estabelecer regras claras e cientificamente comprovadas para a discussão sobre os salários. Resultado do desdobramento da organização científica do trabalho para fora do chão de fábrica, Dickmann enxergava que nos EUA e na Europa a socialização desses princípios estava levando a um processo de racionalização generalizada da atividade econômica. Implementada principalmente pelos trustes e cartéis, a racionalização prometia pôr fim à anarquia da produção capitalista. Os avanços da racionalização eram tão fantásticos, que os mais diferentes campos políticos celebravam essas inovações. Segundo Dickmann,

[...] Lenin e Hebert Hoover estão de acordo sobre a organização científica do trabalho e as ideias da Organização Científica do Trabalho e da Racionalização vão ganhando cada vez mais valor [...]. Patrões e operários, socialistas e conservadores lhe atribuem uma importância decisiva para o desenvolvimento e a paz no mundo.

O texto de Dickmann poderia ter sido apenas mais um publicado pelos “engenheiros evangelistas” na revista *La Ingeniería*, não fosse o seu autor, apesar de sua juventude, um membro do Partido Socialista com enorme trânsito entre seus principais quadros e lideranças.

Emílio Dickmann era o filho mais velho de Enrique e sobrinho de Adolfo Dickmann, duas figuras de proa do partido, que junto aos Repetto e os Justo compunham uma trama de famílias encasteladas na direção daquela organização. O jovem engenheiro, que ao longo da década de 1930 se transformaria na principal referência sobre a organização científica do trabalho no país – foi membro do Instituto Internacional de Organização Científica do Trabalho e da *Taylor Society* –, debutava com essa intervenção pública não apenas como profissional recém-formado, mas também como militante do partido. Segundo Osvaldo Graciano, autor de uma pequena biografia do engenheiro, ao longo de toda sua vida, a militância de Dickmann caracterizou-se pela defesa de “[...] uma resposta tecnocrática aos problemas econômicos de dimensões político-sociais, afirmando a necessidade de implementar a direção científica do trabalho na economia nacional e mundial”. Taylorismo e socialismo se fundiriam cada vez mais nas reflexões de Dickmann ao longo da década de 1930, uma vez que este projetava a implementação da organização científica do trabalho como um passo fundamental para o estabelecimento da planificação econômica socialista⁴¹⁰.

Contudo, o jovem Dickmann não foi o primeiro membro de destaque do campo socialista argentino a se debruçar com maior afinco sobre o tema. Um dos pioneiros em relação aos estudos sobre a organização científica do trabalho no país foi o primeiro deputado eleito na história pelo partido, o advogado Alfredo Palacios. Em 1922, Palacios publicou um livro chamado *La Fatiga y sus Proyecciones Sociales*, no qual apresentava os resultados de uma pesquisa sobre o desgaste fisiológico sofrido pelos trabalhadores ao longo de uma jornada de trabalho nas oficinas do Ministério de Obras Públicas e da empresa pública de saneamento básico. O estudo, um antigo desejo do então professor de Direito Econômico na Universidade de La Plata de levar o laboratório para a fábrica, havia sido uma solicitação pessoal do diretor da recém-criada Organização Internacional do Trabalho, o socialista francês Albert Thomas⁴¹¹.

Para contextualizar o problema abordado em seus estudos, Palacios faz, nos três primeiros capítulos de seu livro, algumas digressões sobre o modo de produção capitalista, além de uma revisão crítica dos princípios da organização científica do trabalho, inspirado principalmente nas reflexões feitas pelo fisiologista francês Jean-Marie Lahy⁴¹², servindo de

⁴¹⁰ GRACIANO, Osvaldo. Trayectoria intelectual y política de un profesional socialista: el ingeniero civil Emilio Dickmann. *Estudios Sociales*, Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, ano XVIII, n. 55, jul.-dez. 2018, p. 160.

⁴¹¹ PALACIOS, Alfredo L. *La Fatiga y Sus Proyecciones Sociales*. 4ª ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1944, p. 103-104.

⁴¹² “A tendência moderna a limitar a atividade humana a fim de obter uma adaptação precisa dos gestos conduz a uma perda e a um ganho. Se, por um lado a manufatura da matéria-prima se realiza nas melhores condições de velocidade e de quantidade e se o operário atinge a perfeição do gesto correlativo da precisão das imagens mentais, por outro lado o excesso de fixidez do pensamento e da ação diminui o indivíduo [...]. A obra de W. Taylor é o resultado de uma evolução nas formas de trabalho que não se preocupa senão com o rendimento profissional. O

embasamento científico à crítica de caráter moral sobre o sistema capitalista que vinha desenvolvendo desde sua tese de doutoramento na Universidade de Buenos Aires⁴¹³. Em relação ao primeiro ponto abordado nos capítulos introdutórios de seu estudo, o advogado recompilava uma série de questões decorrentes do advento das máquinas e das transformações nas relações de trabalho produzidas pelo capitalismo. Baseado principalmente nas análises feitas por Karl Marx no primeiro volume d’*O Capital*, Palacios elaborou uma defesa da técnica, tratando de diferenciar o progresso tecnológico do uso que dele é feito pelos capitalistas. O capital, segundo o autor, “[...] não emprega a máquina para encurtar a tarefa dos produtores, senão para abaratar a mercadoria e encurtar a parte da jornada de trabalho que o operário emprega para si mesmo”. Sendo assim, ao invés de facilitar a vida dos trabalhadores, a introdução das máquinas havia contribuído para sua maior exploração. Para Palacios, as afirmações de Marx sobre o esgotamento físico da força de trabalho submetida à produção mecanizada, mesmo tendo sido elaboradas sem qualquer fundamento científico, foram confirmadas pelas pesquisas feitas posteriormente pelos fisiologistas⁴¹⁴. Contudo, mesmo que a máquina tenha ampliado e não aliviado a exploração da força de trabalho, não se deveria incorrer no erro dos luddistas: “É preciso distinguir a técnica de seu emprego capitalista. A injustiça está radicada não no processo técnico, mas na organização social”⁴¹⁵.

Segundo Palacios, a pesquisa apresentada no livro era uma defesa científica da justiça social e que complementaria a sua obra anterior, *El Nuevo Derecho*, quando discutiu como a desenfreada liberdade econômica do século XIX havia produzido uma reação “simplesmente humana” por parte dos trabalhadores e levado à criação da legislação trabalhista. Contudo, essas leis não davam conta de uma série de outros aspectos da jornada de trabalho que ainda perturbavam os operários e eram aproveitados pelos patrões. Os trabalhadores não eram meros mecanismos que simplesmente poderiam ser regulados pelo tempo dispendido em uma jornada de trabalho, mas aparatos psico-fisiológicos extremamente complexos. Segundo Palacios, “Se

engenheiro americano simplifica os gestos e os métodos de trabalho, não com vista ao bem-estar do operário, mas com a finalidade de garantir a sobreprodução de cada um”. LAHY, J.-M. O sistema Taylor e a fisiologia do trabalho profissional. *Laboreal*, Buenos Aires, v. 13, n. 2, 2017 (1916), p. 65-66. O fisiologista francês, um autodidata oriundo de uma família de artesãos, fez parte de um importante grupo de estudiosos sobre o trabalho, cujo maior legado foi a criação do Centre Nationale de Reserche Scientifique (CNRS), em 1939. Entre os fundadores do centro, Lahy também foi o mais comprometido politicamente, tendo sido membro do Partido Comunista Francês entre 1920 e 1923. Sobre a vida e a importância dos trabalhos de Jean-Marie Lahy, ver: SCHNEIDER, William H. The Scientific Study of Labor in Interwar France. *Frecnh Historical Studies*, v. 17, n. 2, (outono) 1991, p. 446.

⁴¹³ Sobre a leitura romântica de Marx feita por Palacios, ver: TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina: Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, p. 444-449.

⁴¹⁴ PALACIOS, Alfredo L. *La Fatiga y Sus Proyecciones Sociales*. 4ª ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1944, p. 35-36.

⁴¹⁵ Ibidem, p. 43.

aperfeiçoa constantemente a máquina, tendo em vista a necessidade de uma maior produção, na mais absoluta ignorância sobre as condições em que se deve efetuar o trabalho”⁴¹⁶.

A ignorância sobre as condições psico-fisiológicas dos trabalhadores consiste no cerne da crítica inspirada em Lahy que o autor faz ao sistema Taylor. Para Palacios, uma verdadeira organização do trabalho que tivesse por base critérios científicos jamais poderia ter qualquer relação com o sistema elaborado pelo engenheiro americano. Taylor havia se preocupado apenas com a produtividade, com a rapidez com que o trabalhador realiza determinada tarefa. A saúde do operário, que é “[...] em última instância o que determina a capacidade de rendimento”, era completamente negligenciada⁴¹⁷. O sistema elaborado por Taylor apenas buscava fazer render ao máximo “[...] os efeitos úteis da ferramenta e da mão-de-obra de uma oficina”, eliminando todos os elementos psicológicos e morais do trabalhador, ao ponto de proibir que sua inteligência fosse aplicada à tarefa por ele realizada⁴¹⁸.

À esta visão “produtivista”, prosseguia o socialista, correspondia o ódio aos sindicatos propagado pelo engenheiro, organizações cuja destruição era uma das promessas da aplicação de seu sistema. Alertando que essas intenções eram inerentes ao sistema Taylor, Palacios afirmava que “O sindicato vela pela independência e saúde dos trabalhadores; o sistema Taylor só necessita de autômatos que trabalhem vertiginosamente, sem espírito de iniciativa, combinados apenas pelo incentivo de maiores ganhos”⁴¹⁹. Se tratava de um sistema em que “[...] o produtor é submetido a uma organização minuciosa e hábil, porém prejudicial”⁴²⁰. O sistema Taylor era uma “[...] criação monstruosa que arruína a saúde dos trabalhadores”⁴²¹.

É curioso notar que naquele momento Palacios encontrava-se afastado do Partido Socialista, não apenas como consequência de sua expulsão da organização ocorrida em 1915⁴²², mas também pela forma com que as promessas da organização científica do trabalho foram recebidas entre os dirigentes de seu antigo partido. Apesar da defesa da existência de uma convergência entre as aspirações do Partido Socialista e as promessas da organização científica

⁴¹⁶ Ibidem, p. 51.

⁴¹⁷ PALACIOS, Alfredo L. *La Fatiga y Sus Proyecciones Sociales*. 4ª ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1944, p. 65.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 71-73.

⁴¹⁹ Ibidem, p. 77.

⁴²⁰ Ibidem, p. 83.

⁴²¹ Ibidem, p. 99.

⁴²² Palacios foi expulso do partido em 1915 por ter aceitado participar de um duelo, o que teria significado a desobediência de uma de suas cláusulas do regulamento interno da agremiação. Segundo o autor de sua biografia mais famosa, Victor García Costa, a expulsão de Palacios, na verdade, deve ser lida como resultado da disputa pela liderança dentro do Partido Socialista entre o popular deputado da Boca e o principal ideólogo do partido, Juan B. Justo. Após a tentativa fracassada de organizar um outro partido socialista, Palacios dedicou-se ativamente à carreira acadêmica nas universidades de Buenos Aires e La Plata, sendo reincorporado ao partido em 1930. COSTA, Victor García. *Alfredo Palacios*. Entre el clavel y la espada. Buenos Aires: Planeta, 2011, p. 253-294.

do trabalho feitas por Dickmann ter ganhado maior projeção a partir da década de 1930, ao longo do período aqui analisado, muitas das formulações, argumentos e até mesmo textos mobilizados pelo jovem engenheiro celebrando o sistema Taylor, a mecanização e a racionalização da produção, já tinham sido amplamente divulgados pelas páginas do *La Vanguardia*.

Em setembro de 1926, por exemplo, o diário socialista publicou a transcrição de uma palestra proferida por um médico fisiologista que, assim como Palacios, pontuava importantes diferenças entre a organização científica do trabalho proposta por Taylor e os estudos relativos à fisiologia do trabalho⁴²³. Segundo o seu autor, o doutor Cayetano Viale⁴²⁴, existiam duas formas de abordar os problemas relativos ao trabalho, a saber, a industrial, que entendia o trabalho como um fator de produção e comércio, e a biológica, que o compreendia como uma função do organismo humano. Em relação ao taylorismo, as críticas elaboradas por Viale, a princípio, não eram muito diferentes daquelas propostas por Palacios: a mentalidade industrial ignorava a potencialidade de adaptação dos trabalhadores aos processos de trabalho, reduzindo-os a meros autômatos. Taylor havia pensado a questão de um ponto de vista estritamente mecânico, tratando de adaptar o homem à máquina. O fisiologista era aquele que deveria adaptar a máquina ao homem. As máquinas tinham provocado o aumento do trabalho humano, uma vez que ela não reconhecia “[...] outro limite em seu andar que a incapacidade do homem para segui-la”. Essa situação diferia muito do trabalho artesanal, chamado por Viale de trabalho “fisiológico” em oposição ao “mecânico”, já que no primeiro tipo “[...] horário, ritmo e intensidade estão regulados pelas vontades e necessidades do momento”. Ainda segundo o médico, tudo isso era agravado pelo fato de os homens e dos animais não terem sido criados para trabalhar, uma vez que até “[...] o Deus da bíblia impõe o trabalho como castigo”.

Contudo, mesmo fazendo essas ponderações, Viale afirmava que a fisiologia não se contrapunha à organização científica do trabalho, mas deveria ser combinada e incorporada a ela visando o seu aperfeiçoamento. Nesse ponto, o médico italiano diferia radicalmente de Palacios. Para Viale, as duas abordagens, a fisiológica e a mecânica – ou taylorista –, não deveriam ser entendidas como antagônicas, “[...] já que uma pode indicar à outra o caminho e os meios para se obter o máximo de rendimento sem abusar da máquina especial que é o homem”. O corpo humano não era uma locomotiva cujo consumo de carvão por quilometro

⁴²³ VIALE, Cayetano. FISIOLÓGÍA del trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 19 set. 1926.

⁴²⁴ Cayetano Viale foi professor titular de Fisiologia na Universidade de Sassari na Sardenha. Entre 1926 e 1928, lecionou ocupou o mesmo cargo na Faculdade de Medicina da cidade de Rosário. BOSCH, Raimundo. *Historia de la Facultad de Medicina*. Rosário: Universidad Nacional del Litoral, 1966, p. 124.

percorrido era quase sempre o mesmo. A principal missão do fisiologista era estudar a *sui generis* máquina humana como um engenheiro. Com o auxílio desses estudos, concluía o professor, o ritmo das máquinas poderia ser adaptado ao ritmo dos homens, acordando a velocidade de seu funcionamento em uma curva que se ajustasse ao acúmulo de cansaço dos operários ao longo da jornada de trabalho. Caberia à fisiologia, segundo esse ponto de vista, atenuar os excessos que porventura os capitalistas viessem incorrer pela aplicação do sistema Taylor. Em outras palavras, a organização científica do trabalho proposta por Taylor era algo diferente e autônomo da forma com que os capitalistas exploravam o trabalho.

Ao dissociarem o sistema Taylor das formas especificamente capitalistas de exploração do trabalho, as loas à mecanização e à racionalização feitas pelos editores do diário socialista ao longo de todo o período puderam se apoiar nos mais inusitados aliados. Mesmo publicando ao longo de dezembro de 1925 uma série de notas enviadas pelos trabalhadores da Ford, em Buenos Aires, que denunciavam as péssimas condições de trabalho naquela fábrica – chegando até mesmo a provocar a morte de um operário⁴²⁵ –, o diário socialista trouxe à luz, em fevereiro de 1926, um longo comentário sem assinatura sobre algumas divagações feitas por Henry Ford publicadas em uma revista estadunidense chamada *System*⁴²⁶. Segundo o comentarista, era preciso prestar atenção nas palavras de Ford, pois este não era um mero rentista, mas “[...] um homem que busca pela direção pessoal de seus estabelecimentos a solução de problemas científicos e humanitários. Este aspecto de sua personalidade é a que a torna simpática, apesar de seu caráter eminentemente capitalista”. Entre as diversas ideias de Ford transcritas no texto, chama atenção o trecho em que o empresário estadunidense afirmava que “[...] Uma máquina só é vantajosa ao operário e ao proprietário se [este] a emprega em função do público. E só beneficia o público a que se emprega para produzir artigos bem feitos, baratos e que satisfaçam as necessidades deste”. Tratava-se de um dos mais famosos empresários do mundo afirmando que o próprio engenho do capitalismo estaria promovendo o que nenhuma legislação havia conseguido até então, a saber, a harmonização dos interesses entre patrões e trabalhadores.

Em maio de 1927, as ideias de Ford foram reforçadas pelo *La Vanguardia* com a publicação na seção dedicada ao movimento sindical argentino de um texto sobre as transformações ocorridas na economia dos EUA ao longo da década de 1920⁴²⁷. Assinado por

⁴²⁵ EN LA FORD. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08 dez. 1925; CONDICIONES de trabajo en la casa Ford – Intervención del Departamento Nacional del Trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 dez. 1925; LAS VICTIMAS del trabajo: En la casa Ford ocurrió un grave accidente. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 18 dez. 1925.

⁴²⁶ HENRY Ford – como encara el problema de la dirección industrial. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 fev. 1926.

⁴²⁷ LA ORGANIZACIÓN racional en los Estados Unidos. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 23 maio 1927.

David Franklin Houston, ex-Secretário do Tesouro do governo Woodrow Wilson (1913-1921), que naquela época fazia parte do corpo de diretores de empresas como a AT&T, a Guaranty Trust Company e a United States Steel Corporation, o texto defendia que o processo de racionalização da economia estadunidense havia evitado que a expansão econômica ocorrida a partir de 1921 tivesse resultado em uma nova crise. Houston ainda destacava como esse esforço aplicado ao uso da mão de obra pelos empresários – sem saber “[...] até que ponto a obra empreendida nesse terreno inspirou-se em motivos humanitários e em que medida foi ditada simplesmente pelo interesse [individual]” – havia colaborado para que algumas empresas garantissem trabalho aos seus operários durante a maior parte do ano. O autor atribuía ao esforço de racionalização a maior estabilidade geral que a economia estadunidense havia atingido naquele período e afirmava que era preciso “[...] agradecer aos homens de negócios norte-americanos os progressos, por moderados que sejam, que realizaram para eles mesmos no terreno da organização racional e que podem ser uma lição para outros países”. Em seu autoelogio, embalado pelo otimismo dos *roaring twenties*, Houston atribuía ao surgimento dos trustes e à organização científica do trabalho a responsabilidade pelo fim do desemprego e das crises econômicas, principais expressões da chamada “anarquia da produção capitalista”.

A perspectiva de que a racionalização e a organização científica do trabalho eram um passo essencial para o fim da anarquia da produção capitalista e para edificação de uma economia socialista foi defendida outra vez pelo *La Vanguardia* algum tempo depois com a publicação de um texto assinado pelo líder do socialismo francês, o então deputado por Paris, Léon Blum⁴²⁸. Para Blum, depois de muito tempo, os liberais burgueses tinham finalmente compreendido a denúncia feita pelos socialistas sobre a anarquia da produção: “[...] Os ‘racionalizadores’ partiram de uma comprovação experimental: que o mecanismo capitalista de produção, considerado em seu conjunto, não funciona”. O socialista francês vislumbrava a necessidade de ampliar o movimento de racionalização, que nada mais seria que o aperfeiçoamento dos procedimentos técnicos da produção para assegurar um rendimento mais elevado, levando-o para além do chão de fábrica: era necessário que a indústria mundial fosse organizada segundo os seus preceitos.

Dois meses depois, em um texto sem assinatura publicado em novembro de 1927⁴²⁹, o *La Vanguardia* retomava o assunto, alegando a necessidade de esclarecer aos trabalhadores na

⁴²⁸ LAS CONTRADICCIONES del capitalismo – El principio de la racionalización. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 06 set. 1927.

⁴²⁹ LA RACIONALIZACIÓN – Algunas opiniones sobre su valor y su importancia. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 13 nov. 1927.

Argentina o que era a racionalização, uma vez que esta estava sendo discutida “[...] apaixonadamente nos ambientes operários pelas consequências que, ao que parece, estaria destinada a acarretar”. Entre todas as consequências que assombravam os trabalhadores argentinos, os autores identificavam como a principal o desemprego. Contudo, assegurava o texto, “Não parece que essas apreensões tenham razão de ser, nem que achem sua justificativa nos fatos”. Afirmava-se que:

O problema da racionalização foi amplamente estudado por pessoas representativas do movimento operário, do socialismo e das organizações patronais e a conclusão que se desprende desses estudos é que as novas normas que vão se implantando na produção, longe de constituírem uma ameaça para a classe trabalhadora, podem e devem ser um fator de elevação do nível de vida dos assalariados.

Recorrendo a artigos e entrevistas publicados no *Le Peuple*, o diário da Confédération générale du travail, os editores do *La Vanguardia* buscaram tranquilizar os trabalhadores publicitando as opiniões sobre o tema da principal liderança do socialismo belga, o líder sindical Léon Jouhaux, e, outra vez, de Blum. Em grande medida, os argumentos destacados pelo diário das proeminentes figuras do movimento operário e socialista europeu reafirmavam a inevitabilidade das inovações técnica e de como os partidos e sindicatos não deveriam trabalhar para evitar o progresso, mas para combater os possíveis abusos dos patrões durante o processo de implementação da racionalização da produção. Jouhaux, citado textualmente, garantia que a racionalização teria como consequência imediata o aumento dos salários reais pela redução dos preços das mercadorias. Já no artigo escrito por Blum para o jornal francês e citado pelo *La Vanguardia*, após reproduzir uma fala de Lenin no Congresso Pan Russo do Conselho de Economia em defesa do taylorismo – exatamente a mesma citada por Dickmann em 1929 –, o deputado afirmava: “Não podemos nos opor ao seu princípio [da racionalização]; tratemos que sua aplicação não prejudique os interesses dos trabalhadores”. Contudo, o aspecto mais interessante do artigo dizia respeito à reprodução dos resultados obtidos por uma pesquisa feita pela organização patronal alemã, a Vereinigung der Deutschen Arbeitgeberverbände (Vgda). Segundo esta pesquisa, o desemprego em decorrência da racionalização era ínfimo naquele país, sendo a maior parte dele consequência de fatores políticos – sem especificar quais. A racionalização, na verdade, afetava o mercado de trabalho por um viés “psicológico” e por isso a Vgda teria recomendado aos seus associados a ignorarem “[...] as queixas e reivindicações dos trabalhadores favoráveis ao emprego obrigatório e a redução da jornada de trabalho como forma de fazer frente à racionalização”. Qualquer ação nesse sentido era precipitada, já que os

efeitos benéficos da racionalização, prosseguia a resenha do estudo alemão feita pelos editores, seriam sentidos pela sociedade no longo prazo, ao contrário das vantagens privadas de caráter mais imediato. A título de conclusão, os editores afirmavam que bastava que “[...] os trabalhadores compreendessem o alcance do método e os transformassem em seu próprio instrumento” para que a racionalização e a organização científica do trabalho concretizassem seu verdadeiro conteúdo: “[...] a elevação progressiva do nível de vida da classe trabalhadora”. Para os editores do *La Vanguardia*, a convergência entre grandes capitalistas e lideranças socialistas na defesa da racionalização da economia e da organização científica do trabalho era, na verdade, uma das provas cabais sobre sua inevitabilidade e seu caráter intrinsecamente progressista.

Por fim, em um editorial publicado na primeira página da edição do *La Vanguardia* do dia primeiro de maio de 1929, os editores apresentaram a mais contundente e entusiasmada defesa da mecanização e da racionalização publicada nas páginas do diário durante todo o período estudado. Em um tom triunfante, o texto celebrava não apenas o crescimento do movimento socialista no país, mas o próprio “progresso” em si. Segundo o editorial “[...] ano após ano, seu avanço incessante [do progresso] e em todas as partes o define como a aplicação de uma técnica, em constante aperfeiçoamento, ao bem-estar crescente do povo”. Para os editores,

Jamais o espírito humano mostrou um poder de invenção e uma capacidade de aplicação tão grandes como na atualidade. Vivemos em um século de descobrimentos científicos assombrosos, orientados todos a aliviar o trabalho do homem, a depurar e vigorizar sua força orgânica, a exaltar o conforto e a seguridade da vida. A mecanização crescente do trabalho unida ao aperfeiçoamento técnico, diminuem as penúrias e a duração das tarefas, o que permite aos operários reduzir a jornada e desfrutar de um descanso que antes pareciam impossíveis. Nos Estados Unidos se começa a falar seriamente da semana de cinco dias e a jornada de seis dias é uma reivindicação operária bastante difundida.⁴³⁰

O esvaziamento de qualquer conteúdo político e a negação de qualquer implicação negativa do ponto de vista econômico que a racionalização e a organização científica do trabalho pudessem ter para os trabalhadores caracterizou a abordagem feita pelos editores do *La Vanguardia* sobre o tema. A série de inovações representadas pelas novas formas de organização do trabalho e da produção foram assimiladas acriticamente e defendidas pelos editores do diário dentro dos marcos evolucionistas que permearam o que José Aricó chamou

⁴³⁰ ADELANTE!. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 01 maio 1929.

de *gradualismo justista*: um conjunto de ideias e práticas políticas que dominaram o Partido Socialista argentino e que tiveram como principal referência as formulações de Juan B. Justo. Uma das concepções centrais do *gradualismo justista* era justamente a de que o avanço das ciências – mas principalmente da técnica – seria um dos principais instrumentos para a resolução dos conflitos produzidos pela modernização capitalista⁴³¹. A partir dessas formulações, ainda segundo as principais análises sobre as ideias e práticas políticas do Partido Socialista e de Juan B. Justo, a luta de classes teria um caráter construtivo, pois se trataria de “[...] uma via em direção ao progresso [...] realizada por cada classe mediante a busca metódica e calculada de seus interesses”⁴³². Os capitalistas, ao impulsionarem a racionalização da produção não faziam nada mais do que buscar de maneira “metódica e calculada” seus interesses. Como consequência dessa busca, afirmava Victoria Gucovsky – destacada militante do Partido Socialista e principal conferencista do ato celebrado no Teatro Cervantes em comemoração do Primeiro de Maio de 1929 –, os industriais estadunidenses podiam promover melhores condições de trabalho, sobretudo pela adoção da semana de cinco dias. Tal comportamento nada mais era que a expressão da “[...] lei da Evolução, inerente à vida mesma”⁴³³. Ao fim, a convergência de posições sobre o tema entre os grandes capitalistas e as proeminentes figuras do socialismo internacional era a principal expressão de que se atravessava naquele momento a “via em direção ao progresso”, resultado necessário da luta de classes como compreendida pelo *evolucionismo justista*.

A negação da racionalização e da organização científica do trabalho por parte dos trabalhadores seria uma resposta irracional, contrária aos seus próprios interesses. Se o Partido Socialista representava, como afirmou Juan B. Justo em 1895, o advento das conquistas da

⁴³¹ Apesar das especificidades das formulações de Juan B. Justo, sua postura diante da modernidade capitalista não era uma exclusividade do socialismo argentino. Para Aricó, “[...] os socialistas latino-americanos tenderam a pensar a realidade dentro de um tipo de pensamento que fazia recair sobre a dilatação dos elementos da modernidade a possibilidade de uma perspectiva socialista”. ARICÓ, José. *La Hipótesis de Justo – Escritos sobre el socialismo en América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999, p. 29 e 51-72. Sobre o papel central que Justo atribui à técnica para o desenvolvimento histórico da humanidade, ver: BARRANCOS, Dora Beatriz. *Os últimos iluminados: Ciências para trabalhadores na Argentina de princípios do século*. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, p. 241-244. Ainda sobre o pensamento de Juan B. Justo e sobre a influência do cientificismo e do evolucionismo sobre o socialismo argentino, ver: TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007, sobretudo, os capítulos 3 e 4.

⁴³² BARRERA, Nicolás. El evolucionismo en el pensamiento socialista argentino. La obra de Juan B. Justo y Alfredo Palacios. *Kairós – Revista de temas sociales*, Universidad de San Luís, ano 15, n. 28, nov. 2011, p. 14-15 e p. 18. Barrera chama atenção sobre como Palacios fez uma leitura muito menos evolucionista que Juan B. Justo da obra de Lewis Morgan e que esta teria sido tributária do ambiente de crise que marcou a década de 1930 (p. 11). Contudo, as críticas formuladas por Palacios sobre o taylorismo em seu livro sobre a fadiga talvez nos permitam identificar essa postura mais crítica ao evolucionismo já no início da década de 1920.

⁴³³ LA BRILLANTE y Hermosa Fiesta de Anoche en el Cervantes – La Conferencia de Victoria Gucovsky. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 1 maio 1929

ciência aplicadas à política⁴³⁴, este não poderia sob hipótese alguma se colocar como uma barreira para aplicação dos paradigmas científicos em voga aos processos de trabalho.

3.4. Fissuras no *evolucionismo justista*: um breve comentário fora da curva

Pelas páginas do *La Vanguardia* não deixaram de circular alguns posicionamentos críticos aos processos de racionalização da produção e da organização científica do trabalho. Em abril de 1928, por exemplo, o diário reproduziu um texto publicado originalmente em um jornal mexicano chamado *El Sol*, que criticava ferozmente a semana de cinco dias implementada nas fábricas da *Ford* ao redor do mundo⁴³⁵. Retomando alguns aspectos das críticas elaboradas pelos fisiologistas sobre a organização científica do trabalho, o texto afirmava que as vantagens obtidas pela diminuição da jornada eram anuladas pela intensificação do ritmo de trabalho. Essa situação era o resultado de um comportamento compartilhado por patrões e trabalhadores, uma vez que ambos não consideravam a degeneração física e psicológica em decorrência da intensificação do esforço, prestando atenção exclusivamente nos “[...] resultados materiais tangíveis das transformações nos processos de trabalho”, ou seja, na remuneração por produtividade. Era cobrado dos trabalhadores pela nova jornada um imposto por meio do esgotamento físico, “[...] retirado dos músculos e dos nervos, sacrífico real e quiçá desproporcional se comparado com a vantagem aparente do aumento do ócio”. No mês seguinte, o jornal publicou um informe da Federação Sindical Internacional (FSI) em que se acusava a “Era da racionalização” por ter produzido um número enorme de desempregados nos EUA⁴³⁶. O informe citava textualmente as declarações do presidente da Durham Duplex Razor Company sobre os efeitos da racionalização. O empresário se jactava de que “Hoje em dia posso pegar o primeiro sujeito que encontre na rua e dois dias depois ele poderá produzir melhores facas de mesa que um couteleiro que trabalhava segundo os antigos métodos”.

Contudo, a crítica mais contundente publicada pelo diário socialista foi feita em agosto de 1929 sob o pretexto de resenhar uma brochura escrita pelo sociólogo e jurista asturiano, Adolfo Posadas, intitulada de “La Organización Científica del Trabajo”. Já no primeiro parágrafo do texto, o comentarista anônimo chamava atenção para o fato de o tema não ser nenhuma grande novidade, uma vez que o esforço dos capitalistas para “[...] utilizar com máxima eficiência o trabalhador afim de acrescentar a produção com uma melhor ordenação de

⁴³⁴ BARRERA, op. cit., p. 20.

⁴³⁵ EL “MILAGRO” de Ford. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 09 abr. 1928.

⁴³⁶ EL REVÉS de la prosperidad americana – Los efectos de la racionalización. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 12 maio 1928.

seus esforços” sempre existiu. Para o comentarista, era um erro pensar que o desenvolvimento técnico por si só teria qualquer tipo de relação com a melhora da qualidade de vida dos trabalhadores ou mesmo com a promoção da harmonia social. Em relação aos salários, o autor anônimo ia ainda mais longe e afirmava que a técnica nunca havia servido para promover a sua elevação. Muito pelo contrário, a única relação possível entre salários e desenvolvimento técnico era a redução do primeiro por meio do desemprego provocado pelo segundo. Para o autor da crítica, a redução da jornada de trabalho, a elevação dos salários e a redução do preço das mercadorias eram única e exclusivamente resultados da organização e da luta política dos trabalhadores. Sobre a promoção da harmonia entre as classes por meio do aperfeiçoamento técnico da produção, e que Posadas contrapunha como uma alternativa ao “método da luta de classes de Marx” como forma de resolução dos conflitos entre operários e patrões, o comentarista afirmava que Marx não havia inventado a luta de classes, mas descoberto seu papel fundamental na história. Esta existia independentemente do pensador alemão e o fim desse conflito só poderia ocorrer com sua supressão e não pela promoção da “[...] harmonia entre os fatores de produção dentro dos locais de trabalho”.

O comentarista também concordava com Posadas quando o jurista acusava o caráter eminentemente autoritário e opressor da organização científica do trabalho, além de compartilhar das preocupações do asturiano com o avanço da mecanização. Em relação ao tema, o autor anônimo transcreveu em seu artigo um trecho da brochura em que Posadas alertava sobre a necessidade de se ter o máximo cuidado com “[...] as sugestões mecanizadoras da técnica e de suas pretensões dominadoras, sobretudo [...] contra suas tendências invasoras, proclamando e mantendo a todo momento a liberdade e a supremacia do espírito”. Contudo, criticava a ingenuidade da proposta do jurista por uma organização científica do trabalho mediada pela cooperação e não pela dominação; uma “[...] orientação ideal para a vida prática do trabalho que deve ser uma colaboração entre homens e não uma luta pelo lucro”. Essa orientação, segundo nosso comentarista, já existia e se chamava socialismo.

A denúncia da organização científica do trabalho como um mero mecanismo de dominação, uma visão nem um pouco otimista do progresso técnico e da mecanização, além da defesa da primazia da organização dos trabalhadores como único antídoto contra a técnica eivada pelos interesses capitalistas, são colocações que fazem com que os comentários anônimos sobre o texto de Posadas destoe da esmagadora maioria das reflexões e abordagens feitas sobre o tema nas páginas do *La Vanguardia*. Contudo, é sua conclusão o que mais desperta atenção, principalmente por estar baseada em uma longa citação de Juan B. Justo. No trecho selecionado pelo comentarista anônimo, retirado do livro *Teoría y práctica de la historia*,

texto publicado em 1909 a partir das aulas de história ministradas pelo socialista para um grupo de trabalhadores em 1907, Justo afirmava:

O progresso técnico, enquanto depende dos empresários, se propõe a ampliar os lucros, e não a aliviar a tarefa dos homens, nem aumentar a massa de produtos destinados ao consumo [...]. Para o capital, o progresso técnico é um resultado acessório, tão indigno da preocupação em primeiro termo de um empresário de verdade, como a estética e a higiene⁴³⁷.

Após esta citação, o comentarista anônimo afirmava que somente a organização e a associação dos trabalhadores evitaria que eles estivessem menos suscetíveis “[...] de serem mecanizados e utilizados com o despotismo que sonham alguns dirigentes da produção”. Completava o comentarista que os trabalhadores, ao se organizarem politicamente

[...] tendem a instaurar nas oficinas o regime constitucional, como disse Justo, e a democracia dos produtores que aceita a ordem, a disciplina e a direção, voluntariamente fixadas e aceitas pelos trabalhadores mesmos, e não impostas por nenhum mandão técnico, econômico ou capitalista.

Os comentários anônimos em flagrante oposição às ideias defendidas pelos editores do *La Vanguardia* eram o resultado de uma leitura *sui generis* do líder máximo do socialismo argentino? Caso nos debruçemos de maneira mais detida sobre o capítulo citado – “*Desorden y tiranía del capital*” – parece, na verdade, ser mais um indício da singularidade de algumas formulações de Justo, que, como afirma Dora Barrancos, afastariam seu pensamento de um simples molde positivista e evolucionista⁴³⁸.

No capítulo em questão, Justo expõe como a chamada anarquia da produção, característica fundamental da organização da economia capitalista, não só promovia a miséria e o desperdício, como também era responsável pela formação dos monopólios que tiranizavam a vida dos trabalhadores. O primeiro ponto abordado por Justo em sua exposição sobre os disparates da produção capitalista trata precisamente da relação entre os salários e o

⁴³⁷ A citação do jornal corresponde a: JUSTO, Juan B. *Teoría y Práctica de la Historia*. Buenos Aires: Ediciones Líbera, 1969, p. 321.

⁴³⁸ BARRANCOS, Dora Beatriz. Os últimos iluminados: Ciências para trabalhadores na Argentina de princípios do século. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, p. 260-261. Lobato chama atenção nesse mesmo sentido ao comentar os relatos escritos por Justo em sua viagem para os EUA em 1895. Segundo a historiadora, para o líder socialista, “[...] os Estados Unidos perderam seu rumo e as forças produtivas aparecem [naquele país] como irracionais. LOBATO, Mirta Zaida. Racionalidad y eficiencia en la organización del trabajo en la Argentina: el sueño de la americanización y su difusión en la literatura y la prensa. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Ed.). *Americanización: Estados Unidos y América Latina en el siglo XX: transferencias económicas, tecnológicas y culturales*. Caseros: Eduntref, 2003, p. 104.

desenvolvimento técnico, tema também explorado pelo comentarista anônimo. Segundo o líder socialista,

[...] O aumento da produtividade do trabalho não opera automaticamente sobre os salários em um sentido favorável. Pelo contrário, enquanto o capital opera sem travas, sua tendência a deprimir o nível de vida dos trabalhadores é constante e universal⁴³⁹.

Sendo o fim último dos capitalistas o lucro, qualquer meio para ampliá-lo seria considerado normal para os patrões, como o prolongamento da jornada de trabalho e o uso da mão-de-obra infantil e feminina. Essa tendência só poderia ser evitada mediante a “[...] eficiente resistência operária à exploração, a qual a fome e o amor arrastam a classe trabalhadora contra o privilégio burguês”⁴⁴⁰.

Mesmo que o desenvolvimento técnico, segundo a concepção evolucionista de Justo, fosse uma manifestação cada vez maior da interpenetração entre os seres humanos e o seu meio físico-biológico e, portanto, o verdadeiro motor do desenvolvimento histórico, suas reflexões no texto em questão apresentam alguns matizes. Para Justo, sequestrado pelos empresários e submetido à lógica da produção mercantil, o progresso técnico ocorreria sem nenhum tipo de discernimento humanitário. Bastaria, como afirmava o *La Vanguardia*, que os trabalhadores se transformassem em “cães de guarda” dos direitos e acordos estipulados com os patrões para evitar os efeitos deletérios da racionalização? Justo faz colocações no sentido contrário ao afirmar que o avanço tecnológico no capitalismo apenas seria possível “[...] em meio à desordem e a ruína”, uma vez que “[...] que seus procedimentos não reconhecem limitação alguma em sua furiosa luta pelo lucro”⁴⁴¹. Por obra dos “[...] apetites e caprichos do capital [...]”, um novo tipo de crise ocorreria “[...] a cada dez, quinze, ou vinte anos”, momentos nos quais “[...] a terra se cobre de ruína, a fome se faz sentir em meio da abundância”⁴⁴². A título de conclusão, afirmava que era dever da classe trabalhadora, por meio de sua organização e ação política, impedir esse ciclo de destruição, reivindicando a propriedade coletiva. A única forma dos povos conseguirem regularizar de maneira consciente e equitativa o progresso técnico seria por meio da organização socialista da economia⁴⁴³.

⁴³⁹ JUSTO, Juan B. *Teoría y Práctica de la Historia*. Buenos Aires: Ediciones Lúbera, 1969, p. 319.

⁴⁴⁰ Ibidem, p. 321.

⁴⁴¹ Ibidem, p. 324.

⁴⁴² Ibidem, p. 329.

⁴⁴³ Ibidem, p. 339.

3.5. A ciência a favor do capital: a recepção do “novo evangelho industrialista” entre os anarquistas

Em fevereiro de 1927, por ocasião das discussões sobre o restabelecimento da pena de morte na Itália fascista, o *La Protesta* estampou em sua primeira página um editorial intitulado “El valor de la ciencia”. Em seu subtítulo, os editores do diário sentenciavam: “A ciência, como a polícia, defende os interesses dos amos, sem preocupações pela verdade e pela justiça”. Demonstrando certo espanto com a adesão de um grupo imenso de eminentes juristas italianos ao projeto do Duce, seus autores diagnosticavam que já haviam se passado

[...] os tempos da fé no significado revolucionário da ciência. Em sua luta pela própria emancipação dos dogmas teológicos, em seus esforços para se separar da metafísica, parecia que lutava pela liberdade humana. E assim como os cristãos de uma época estavam convencidos de triunfar com o símbolo da cruz, não faz muitas décadas, acreditava-se na vitória pelas mãos da ciência; Porém os povos caíram em uma dupla servidão com a cruz de Cristo e a ciência, que um dia foram inspirações tão libertárias, não só não os ajudou a levantar e a tomar em suas mãos os próprios destinos, senão que ela mesma se converteu em escrava voluntária dos ricos e poderosos⁴⁴⁴.

Afirmar que essa ciência a serviço dos privilegiados seria diferente da “verdadeira ciência” não fazia sentido algum, uma vez que esta era a “[...] ciência real, a que predomina e a que se estuda”. Por fim, os editores do *La Protesta* concluíam que os homens de ciência eram “[...] os cortesãos de hoje em dia”, cujos “[...] amos da indústria e da política os permitem officiar de lacaios ao seu redor”.

Em outro editorial publicado em agosto de 1928, os *protestistas*⁴⁴⁵ voltariam à discussão sobre as relações entre ciência e capitalismo. Para o diário, a ciência operava naqueles dias como um instrumento de dissolução dos laços comunitários, sendo esse processo um desdobramento do “[...] poderio econômico do capitalismo [que] tem submetido a seu cálculo

⁴⁴⁴ EL VALOR de la ciencia – La ciencia como la policía, defiende los intereses de los amos, sin preocupaciones por la verdad y la justicia. *La Protesta*, Buenos Aires, 03 fev. 1927.

⁴⁴⁵ Durante a década de 1920, o movimento libertário argentino esteve dividido em quatro principais vertentes, a saber, os *antorchistas*, uma dissidência radicalizada, que ao longo da década continuou defendendo a todo o custo a organização de uma greve geral insurrecional; os *anarco-bolcheviques*, grupo que acabou aderindo a algumas posições mais próximas ao movimento comunista e que, a partir de meados da década de 1920, fundou a *Alianza Libertaria Argentina*; os chamados “anarquistas expropriadores”, grupo que ficou conhecido por uma série de ações de propaganda armada durante o período; e, por fim, os *protestistas*, núcleo mais tradicional de militantes vinculados ao diário *La Protesta* e à FORA. ANAPIOS, Luciana. El anarquismo en los años veinte. Tres momentos en el conflicto entre La Protesta y La Antorcha. *Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional General San Martín*, Buenos Aires, ano 2, n. 3, jun. 2008, p. 1-17; e _____. La ciudad de las bombas. El anarquismo y la “propaganda por el hecho” en la Buenos Aires de los años veinte. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”*, Buenos Aires, 3ª serie, n. 39, 2º sem. 2013, p. 42-75.

e a seus ditames todas as demais manifestações da vida social”. O avassalador desenvolvimento industrial, ao submeter ao seu serviço todos os avanços da técnica, levava todas as demais “ciências do saber humano” ao estancamento. Para os editores,

De nada vale que homens de cérebro esclarecido logrem arrancar um segredo a mais desse abismo sempre insondável do conhecimento e da sabedoria, se esse segredo, esse novo avanço, somente será aproveitado pelas forças que trabalham contra a felicidade da humanidade [...]. Em nenhuma parte senão na sociedade do roubo e do latrocínio podia dar-se o caso de que o avanço dos meios de produção serviria para duplicar a dor e centuplicar a miséria.⁴⁴⁶

Tendo em vista as discussões feitas pela historiografia argentina sobre a prática (ou cultura) política dos anarquistas de Buenos Aires das primeiras décadas do século XX, nada poderia soar mais estranho que as afirmações acima citadas. Segundo os principais trabalhos de referência sobre o período, o enraizamento de concepções e ideias impregnadas pelo evolucionismo e pelo positivismo dentro do movimento operário e das organizações de esquerda daquele país não eram uma exclusividade dos socialistas. Dora Barrancos, em seu estudo sobre as práticas pedagógicas dos anarquistas durante as primeiras décadas do século XX, afirma que, sem desmerecer “[...] o campo autônomo em que se ergueu a cultura alternativa proposta por essas vanguardas”, os anarquistas não deixaram de ser tributários e tributantes de outras correntes de pensamento, muitas vezes alheias ao movimento dos trabalhadores e às organizações de esquerda. Ainda segundo a autora:

A busca de uma alimentação conceitual proveniente de outros grupos, a problematização dos costumes nutrida de cosmovisões seguramente alheias ao proletariado, a importação de algumas idealizações para o centro de suas reflexões, não implicam perda de identidade ideológica. O compromisso com ideias que deitam raízes no iluminismo e suas adesões posteriores ao positivo-evolucionismo – epidemia que não perdoou nenhuma das manifestações socialistas –, que culminaram com posturas biologistas e riscos consequentes, se revelam sincretizadas e contraditórias em suas concepções educativas e sobre a vida privada⁴⁴⁷

Em seu consagrado estudo sobre os anarquistas de Buenos Aires de fins do século XIX e início do XX, Juan Suriano afirma que para os libertários “[...] A educação, a ciência, o progresso, eram concepções quase universais e conformavam um paradigma dominante aceito,

⁴⁴⁶ LA MECANIZACIÓN – Un factor decisivo en la descomposición del régimen. *La Protesta*, Buenos Aires, 19 ago. 1928.

⁴⁴⁷ BARRANCOS, Dora Beatriz. *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990, p. 14-15.

claro que sem incluir a educação estatal”. A defesa do sentido libertador das ciências, e principalmente da sociologia, embasava a ideia de que essas seriam instrumentos fundamentais no combate ao capitalismo e na construção de uma ordem social mais justa⁴⁴⁸. Por exemplo, em relação à política, identificada por esses militantes com sua prática institucional e parlamentar, os anarquistas argentinos a denunciavam como uma encenação teatral, uma “[...] representação artificial de uma comédia inútil e desnecessária, atentatória ao princípio de igualdade existente na ordem natural e da evolução científica”. O anarquismo como sistema social se oporia a essa farsa das classes dominantes, afirmando-se por meio da ciência como uma forma superior de organização. Para os libertários, “[...] a fé na ciência e na razão substituiu a fé revelada e a metafísica da religião”, sendo a organização científica da sociedade sobre as bases racionais a única capaz de alcançar a harmonia e a justiça imperantes na natureza⁴⁴⁹.

Contudo, se o anarquismo argentino estava prenhe dos mesmos elementos evolucionistas e positivistas, que convergiam com muitas das concepções políticas dos socialistas durante as primeiras décadas do século XX, muitas ideias e posições assumidas pelo *La Protesta* durante o período estudado, como pudemos ver nos dois textos que abrem esta seção, sugerem um importante processo de transformação da perspectiva libertária e de diferenciação entre os dois grupos, principalmente no que diz respeito à influência do cientificismo sobre suas elaborações políticas e teóricas. Nada poderia ter sido mais diferente das loas ao “novo evangelho industrialista” feitas a partir das páginas do *La Vanguardia* do que a contundente e reiterada condenação por parte dos editores do *La Protesta* da racionalização e da mecanização na indústria. Se no campo socialista os posicionamentos críticos a uma adesão entusiasmada ao “novo evangelho industrialista” estiveram a cargo de um romântico rejeitado e de um leitor anônimo e heterodoxo de Juan B. Justo, a denúncia dos efeitos deletérios sobre os trabalhadores atribuídos à racionalização e à organização científica do trabalho ganhou estatuto de linha política a ser seguida entre os anarquistas organizados em torno do diário *La Protesta*.

Foi em meados do segundo semestre de 1926 que o tema passou a ocupar constantemente um grande espaço no diário anarquista, principalmente após a publicação, no *La Nación*, do artigo de Alejandro Bunge sobre a existência de 300.000 desempregados no país. Segundo o *La Protesta*, o texto de Bunge era um indício de que a Argentina começava a viver

⁴⁴⁸ SURIANO, Juan. *Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2008, p. 43-44.

⁴⁴⁹ SURIANO, Juan. Las prácticas políticas del anarquismo argentino. *Revista de Indias*, Madri, 1997, v. LVII, n. 210, p. 424; e SURIANO, Juan. *Anarquistas...*, op. cit., p. 272.

o que há muito tempo já se noticiava desde Paris, Berlim e das grandes cidades estadunidenses, a saber, que os avanços técnicos introduzidos pelos capitalistas no pós-guerra deixavam cada vez mais trabalhadores desempregados⁴⁵⁰.

Frente a tal situação, o jornal alertava que não se devia promover qualquer tipo de ilusão entre os trabalhadores sobre como solucionar esse problema. Afirmavam que “[...] toda a melhoria da situação dos operários teve de ser conquistada mediante a luta aberta contra a avareza dos amos”, e denunciavam os “[...] socialdemocratas e servidores do capitalismo refugiados no movimento operário” que propunham como solução “[...] uma exploração *científica* das energias proletárias simultaneamente com a renovação da velha maquinaria e sua substituição pelos novíssimos descobrimentos da técnica”. Após exporem uma série de informações sobre o aumento da produtividade por trabalhador em diversos ramos da indústria desde o início do século, afirmavam que o desemprego era o único resultado da “[...] revolução técnica que se operou nos últimos anos e que se está operando”. Apesar dessas críticas, o jornal admitia que os trabalhadores eram incapazes de “[...] deter os progressos da técnica que economiza braços humanos” e afirmavam que não havia dentro do capitalismo outro meio de combater o desemprego tecnológico e a miséria além da luta pela redução da jornada de trabalho.

No acirrado contexto de disputa pela direção política do movimento operário, a campanha em defesa da jornada de seis horas expressou tanto uma diferença na forma como os anarquistas, nucleados no *La Protesta* receberam o “novo evangelho industrialista”, quanto uma bandeira em torno da qual os *protestistas* acreditavam que os trabalhadores argentinos poderiam retomar a iniciativa, romper com o ciclo de derrotas e, conseqüentemente, superar as dificuldades em relação à organização sindical que caracterizaram o período. A partir de então, a campanha ganhou cada vez mais espaço no diário, se transformando em uma das principais bandeiras dos *protestistas* durante a segunda metade da década de 1920.

A defesa da redução das horas de trabalho, contudo, era também um combate contra as principais conseqüências políticas dos processos de racionalização e mecanização. Para o *La Protesta*, a campanha não respondia apenas às questões materiais imediatas, uma vez que “[...] As máquinas atuais estão em desproporção com o número de braços humanos disponíveis” e “[...] a supressão de homens por máquinas assumiu proporções alarmantes” disseminando a

⁴⁵⁰ RACIONALIZACIÓN del trabajo o la lucha por la reducción de la jornada. *La Protesta*, Buenos Aires, 1 set. 1926.

miséria⁴⁵¹, mas também era entendida como forma de combater a passividade e desalento que grassava entre os trabalhadores argentinos, resultado direto do desemprego provocado pela racionalização. Era impossível de um ponto de vista moral depositar as esperanças em um “[...] proletariado deprimido pela fome e pelas privações”, muito menos confiar que “[...] a revolução da liberdade surja do desespero”⁴⁵².

Contudo, os *protestistas* alertavam que a redução da jornada só teria algum efeito caso fossem impostos limites ao volume da produção. Em outro artigo publicado em setembro de 1926, dedicado à recém regulamentada lei que proibia o trabalho noturno nas padarias, essa preocupação ficou mais evidente⁴⁵³. Para o *La Protesta*, não havia nada o que comemorar e os “socialistas estatistas” que celebravam a aprovação da lei o faziam pois viviam imersos em uma enorme contradição: acreditavam que “[...] a evolução dos povos, seu bem-estar e conservação” dependia das “[...] conquistas que realiza o capitalismo no domínio das ciências... aplicadas à exploração do trabalho”. Para esses “socialistas estatistas”, bastaria a aprovação de leis que regulassem e refreassem a exploração capitalista: “[...] garantida pela lei essa aspiração do sindicato de padeiros, não teriam os patrões outro remédio que cumpri-la”. Contudo, os editores alertavam que, muitas vezes, as leis

ainda quando cumpridas, provocam consequências não previstas pelo legislador e seus benefícios se transformam em prejuízos para os trabalhadores. Essas leis estão em contradição com as causas materiais que pretendem combater [...]. São, em uma palavra, abortos legislativos, que contradizem a técnica do trabalho e a moral dos operários.

A lei em questão era um desses exemplos, uma vez que do ponto de vista técnico seria impossível para todas as padarias de Buenos Aires a adoção do trabalho diurno. Sendo que apenas alguns poucos capitalistas disporiam das condições técnicas necessárias para se adaptarem à nova lei, sua aprovação terminaria por levar à centralização e trustificação da indústria, destruindo as pequenas padarias e aumentando o número de desempregados. Para o jornal, o sindicato dos padeiros deveria se focar na luta pela limitação da quantidade de farinha trabalhada por padeiro, uma vez que o aumento da produtividade nas grandes e mecanizadas padarias anulariam qualquer vantagem adquirida pela regulamentação das horas de trabalho,

⁴⁵¹ LA JORNADA de seis horas – La desocupación aumenta de día en día, las condiciones de vida y de trabajo empeoran y los trabajadores permanecen indiferentes. *La Protesta*, Buenos Aires, 08 set. 1926.

⁴⁵² POR LA JORNADA de seis horas – Más hechos sobre las características del moderno proceso de producción. *La Protesta*, Buenos Aires, 31 nov. 1927.

⁴⁵³ INDUSTRIALISMO, técnica y legislación. *La Protesta*, Buenos Aires, 18 set. 1926.

ampliando numa mesma jornada em três ou quatro vezes o volume de farinha elaborado por trabalhador.

Se os socialistas tinham Leon Blum e Jouhaux, os *protestistas* também evocavam a autoridade do movimento operário europeu ao citarem e incorporarem em seus textos muitas das ideias elaboradas sobre o tema pelo anarquista alemão Rudolf Rocker (1873-1958)⁴⁵⁴. À Rocker era atribuída pelos editores a descoberta de que taylorismo e fordismo nada mais eram que distintas etapas históricas de um mesmo movimento: o esforço dos capitalistas para aumentarem seus lucros⁴⁵⁵. O taylorismo era um recurso “mais ou menos engenhoso” para espremer melhor o “suco das energias operárias”, enquanto o fordismo buscava ampliar a produção, mas do ponto de vista do conjunto de um estabelecimento fabril. A racionalização, por fim, era o momento seguinte, quando essas transformações restritas ao chão de fábrica eram transpostas para o conjunto da sociedade. A partir da leitura de Rocker, os editores afirmavam que se a racionalização era para os capitalistas uma estratégia para ampliarem seus lucros, para os operários esta era “[...] um verdadeiro passo em direção ao reforçamento de sua escravidão, de seu aniquilamento mental”. Dessa interpretação do significado desse processo, ainda segundo os editores, derivava a demanda libertária pela jornada das seis horas. Por outro lado, os partidos marxistas e socialistas – que durante a guerra aceleraram seu processo de integração à “[...] trajetória econômica e política do capitalismo” – não conseguiam oferecer nada além da “[...] intervenção dos representantes operários para regular e disciplinar em todos os seus aspectos o processo de racionalização”. Se o reformismo já havia se adequado ao capitalismo por admitir o Estado, agora terminava por completo sua integração ao sistema ao corroborar sua política econômica. Em outras palavras, os socialistas, após enquadrarem politicamente os trabalhadores dentro da ordem, agora procediam da mesma forma a partir uma perspectiva econômica. Para os *protestistas*,

[Hoje] Se justificaria entre os operários irritados uma atitude parecida a dos luddistas ingleses no período inicial do maquinismo; porém a educação dos trabalhadores realizou verdadeiros milagres: a isso se deve que a racionalização econômica, ao invés de produzir assaltos proletários

⁴⁵⁴ Em seu suplemento quinzenal, o *La Protesta* publicou traduções dos seguintes textos de Rocker sobre o tema: ROCKER, Rudolf. La Crisis Económica actual y sus causas. *La Protesta – Suplemento Quincenal*, Buenos Aires, 05 dez. 1927, p. 452-455; _____. Lo que es la racionalización y cómo se manifestó en Alemania. *La Protesta – Suplemento Quincenal*, Buenos Aires, 26 dez. 1927, p. 473-475; _____. La racionalización en la industria alemana del hierro y del acero. *La Protesta – Suplemento Quincenal*, Buenos Aires, 30 jan. 1928, p. 50-53; _____. Nos acerca la racionalización al socialismo. *La Protesta – Suplemento Quincenal*, Buenos Aires, 15 mar. 1928, p. 147-148; _____. La racionalización de los obreros. *La Protesta – Suplemento Quincenal*, Buenos Aires, 27 maio 1929.

⁴⁵⁵ LA RACIONALIZACIÓN de la economía – La unidad del reformismo y del capitalismo – La actitud de los anarquistas. *La Protesta*, Buenos Aires, 08 out. 1927.

desesperados contra as máquinas, produza o desejo de colaborar com o capitalismo, para assegurar-lhe todas as vantagens a que aspira mediante a racionalização.

Apesar de uma recepção muito mais crítica comparada a dos socialistas em relação aos benefícios supostamente inerentes à mecanização e aos avanços técnicos e organizativos do período, os editores do *La Protesta* se preocuparam em recusar qualquer forma de regressão ou defesa da destruição das máquinas. Contudo, aqui também marcaram posições com importantes diferenças em relação às discussões feitas pelo *La Vanguardia*. Em texto editorial publicado em sua primeira página no último dia de 1927⁴⁵⁶, o diário afirmava que “[...] uma transformação econômica tem que ir além da simples substituição da propriedade privada pela propriedade coletiva; tem que transformar a própria estrutura do processo de produção”. Por mais que a mecanização tivesse favorecido enormemente o capital, “[...] Maquinismo e capitalismo são termos independentes” e, portanto, não se tratava de buscar a “[...] supressão das máquinas e o retorno aos primitivos meios de produção e trabalho”. As técnicas modernas, na verdade, viabilizariam o que os editores chamavam de uma “descentralização industrial”, que era considerada como a “[...] base para edificar sobre ela o trabalho livre das agrupações livres de produtores livres”. A centralização em grandes estabelecimentos industriais era resultado do uso capitalista das técnicas modernas, que, por sua vez, era o principal responsável para que o “[...] esforço produtivo e criador fosse recusado pelo homem como uma maldição”. No entanto, era somente por meio das técnicas modernas que poderia se operar a “[...] volta à comuna que se esforça para bastar-se a si mesma”. Para os editores,

[...] os recursos da técnica moderna são tão grandes, que nossa aspiração por um sistema de vida mais simples é favorecida de todas as maneiras. A vida industrial descentralizada, a vida econômica agrícola e industrial disseminada por todas as comunas, grandes e pequenas – aí estaria uma garantia contra a volta do capitalismo.

Ainda segundo o diário anarquista, a “volta do capitalismo” era a principal ameaça caso uma revolução aceitasse a “evolução econômica atual” – mecanização combinada com a centralização em grandes fábricas – como resultado inexorável do desenvolvimento humano. As máquinas deveriam permitir uma transformação do trabalho e, assim, da própria sociedade. A título de conclusão, os *protestistas* afirmavam que

⁴⁵⁶ LAS MÁQUINAS y el capitalismo – La libertad y el bienestar del hombre necesitan una garantía en la transformación económica. *La Protesta*, Buenos Aires, 31 dez. 1927.

Nunca nos cansaremos de chamar a atenção sobre a simplificação da vida para enriquecê-la e também prolongá-la mais. Nossa revolução, não só deve solucionar o problema político e moral da liberdade, não só há de levar o pão a todas as bocas, senão que a missão de alargar em anos e em conteúdo a vida humana. E uma das maneiras enriquecer o espírito e de cultivá-lo é o trabalho criador, o trabalho que se funde com a arte.

O rechaço ao trabalho por parte dos operários, atribuído ao processo de desqualificação e alienação acelerados pela racionalização e a mecanização, consistia para os *protestistas* em um sintoma claro dos efeitos deletérios provocados pelas inovações técnicas e organizativas no chão de fábrica surgidas após a Grande Guerra Mundial.

3.6. A ciência a favor do capital: uma crítica ao fatalismo do desenvolvimento das forças produtivas

Entre as mais diversas crises e processos de mobilização que marcaram a construção da profícua história política do movimento operário argentino, sem dúvida alguma, a onda revolucionária mundial de 1917-1921 foi um dos seus momentos fundamentais. A Federación Obrera Regional Argentina (FORA), cujo diário *La Protesta* esteve umbilicalmente vinculado, assim como as outras tantas organizações políticas e sindicais dos trabalhadores argentinos, não ficou imune à turbulência política causada pelos eventos revolucionários do fim da Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, se a partir de 1917, apesar dos mais diversos matizes, existiu uma celebração unânime da Revolução Russa em suas filas, a partir de meados de 1919, alguns militantes do campo libertário passaram a discutir e criticar aspectos considerados autoritários e estatizantes do governo bolchevique. Com um importante peso na direção da FORA em um breve período entre os anos de 1919 e de 1921, o grupo de militantes mais aguerridos na defesa do alinhamento da federação com os rumos da Revolução Russa – os chamados *anarco-bolcheviques* ou *anarco-ditadores* – foi expulso da organização em agosto de 1921.

Segundo Andreas Doeswijk, o giro radical da FORA e do *La Protesta*, orientando-se para o combate e a denúncia da Revolução Russa e promovendo a expulsão dos *anarco-bolcheviques*, na verdade, também envolveu uma série questões específicas ao movimento operário argentino. Para o historiador, o descontentamento que muitos quadros da organização tinham em relação aos *anarco-bolcheviques* derivava das articulações que estes faziam pela construção de uma aliança com os sindicalistas revolucionários, mas principalmente pela defesa da organização dos sindicatos por ramo de indústria em detrimento da tradicional organização

por ofícios⁴⁵⁷. Contudo, a proeminência que a partir de então passaram a ter dois jovens militantes na elaboração teórica dos anarquistas nucleados na FORA e no *La Protesta* – nos referimos à Emilio Lopez Arango e Diego Abad Santillan – sugere que a “volta à ortodoxia”, como Doeswijk define esse movimento contra os *anarco-bolcheviques* e sua defesa da organização dos sindicatos por indústria, poderia estar prenhe de novidades.

As duas novas figuras de proa da FORA, responsáveis pela “volta à ortodoxia”, viveram o ápice de sua influência sobre a organização e o diário a partir de 1926, quando Santillan retornou a Buenos Aires, após quatro anos vivendo na Alemanha. Entre 1926 e 1930, além de tentar interferir nas discussões e disputas que dominavam o movimento libertário na Argentina do período, Santillan também procurou articular a partir da FORA uma associação latino-americana de organizações anarquistas. Esse intenso trabalho organizativo teve como uma das suas frentes de batalha a tradução e divulgação de um sem número de textos publicados tanto no diário como no suplemento quinzenal do *La Protesta*⁴⁵⁸. Contudo, muitas das ideias que passaram a ser defendidas e divulgadas sistematicamente pelo diário anarquista após a chegada de Santillan à sua direção foram traçadas em linhas gerais em uma brochura assinada pelo editor e por Arango intitulada *El anarquismo en el movimiento obrero*⁴⁵⁹. Publicada em 1925 na cidade de Barcelona, a obra, elaborada com o intuito de expor a posição da organização argentina nos debates que permearam o movimento libertário internacional, por ocasião do processo de reconstrução da Associação Internacional dos Trabalhadores⁴⁶⁰, foi em seu momento a mais consistente e completa elaboração teórica dos autores sobre os desafios do anarquismo e do movimento operário após a Revolução Russa⁴⁶¹. Muitas das ideias

⁴⁵⁷ DOESWIJK, Andreas L. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Estadual de Campinas, p. 57-58; 64-68; 173-176.

⁴⁵⁸ ROSA, María Fernanda de la. La figura de Abad Santillán como nexo entre el anarquismo argentino, europeo y latinoamericano, 1920-1930. *Iberoamericana*, ano 12, n. 48, dez. 2012, p. 34-36.

⁴⁵⁹ ARANGO, Emilio L.; SANTILLAN, Diego A. *El anarquismo en el movimiento obrero*. Buenos Aires: Editorial Libertad, 2014.

⁴⁶⁰ A Associação Internacional dos Trabalhadores, também conhecida como a Internacional Anarquista, surgiu após um congresso que reuniu sindicalistas de todas as orientações políticas em Berlim nos fins de dezembro de 1922. A organização reivindicava o legado da chamada Primeira Internacional (1864-1877). Sua constituição ocorreu após as tentativas dos sindicatos oficiais da Rússia soviética e dos militantes comunistas das mais diversas organizações europeias de submeter o congresso de Berlim às diretrizes da Internacional Sindical Vermelha (Profintern). Sua criação foi encabeçada por grupos anarco-sindicalistas e sindicalistas revolucionários que optaram pela ruptura com os sindicatos de orientação pró-soviética. O bureau político da nova organização foi formado por Rudolf Rocker (Freie Arbeiter Union Deutschlands), Armando Borghi (Unione Sindicale Italiana), Ángel Pestaña (Confederación Nacional del Trabajo) e o anarco-sindicalista russo, Alexander Schapiro. A FORA teve um importante papel na organização internacional ao longo daquela década, sendo representada até 1926 por Diego Abad Santillan. DAMIER, Vadim V. *Anarcho-sindicalism in the 20th Century*. Edmonton: Black Cat Press, 2009, p. 75-86.

⁴⁶¹ Arango foi assassinado quando tinha 35 anos, em 1929, como resultado da enorme radicalização que as disputas entre as diversas fracções do movimento libertário argentino viveram naquele período. Santillan, por sua vez,

desenvolvidas por Arango e Santillan nesse texto ecoaram nos anos seguintes em diversos artigos e editoriais publicados no *La Protesta*, muitos dos quais nos utilizamos na seção anterior.

Entre os diversos temas abordados pelos militantes em suas páginas, a denúncia do evolucionismo, mas principalmente a elaboração de uma crítica à neutralidade do desenvolvimento econômico e tecnológico, são temas transversais a todo o texto. No capítulo dedicado a discussão sobre as diferenças entre os anarquistas e os sindicalistas revolucionários, por exemplo, Arango e Santillan afirmavam que estes – assim como os marxistas e socialistas –, ao defenderem a organização dos sindicatos por ramo de indústria, incorriam em uma mesma espécie de “fatalismo econômico”, pois atribuíam ao “[...] desenvolvimento industrial das nações e à prevalência cada vez mais absorvente do capitalismo a tarefa de criar nos povos e nos indivíduos as atitudes necessárias para preparar e realizar a revolução”⁴⁶². O avanço do sistema industrial, movimento entendido como determinante para criar as condições necessárias para a revolução, não havia promovido nenhum tipo de avanço moral entre os trabalhadores, portanto não havia sentido em transpô-lo para suas organizações⁴⁶³. Se os sindicatos por indústria não contribuíram para a elevação da consciência revolucionária dos trabalhadores, muito menos poderiam fazer para a construção de uma nova ordem social. Arango e Santillan não acreditavam “[...] que os organismos operários devam seguir o processo de desenvolvimento industrial copiando as formas exteriores do capitalismo e buscando na estrutura econômica da sociedade contemporânea os elementos construtivos da futura organização dos povos”⁴⁶⁴. Por essa propensão “[...] a ver nos fenômenos do processo industrial do capitalismo a equivalência do progresso da humanidade”, o movimento operário não faz mais nada a não ser se adaptar à estrutura econômica da sociedade burguesa⁴⁶⁵.

Em outro capítulo, intitulado “As organizações operárias atuais e a vida social e econômica futura”, Arango e Santillan voltam novamente à discussão sobre o papel dos sindicatos no processo de construção da nova sociedade, mas principalmente sobre o “fatalismo econômico” que dominava muitas das organizações que atuavam dentro do movimento

seguir sua militância no campo libertário na Espanha republicana, produzindo uma importante obra teórica. Entre seus trabalhos teóricos, devemos destacar seus artigos publicados nos semanários e revistas da Federación Anarquista Ibérica: SANTILLAN, Diego A. *El anarquismo y la Revolución en España*: Escritos 1930/38. Madrid: Editorial Ayuso, 1976; e sua proposta de organização de uma economia socializada escrito em 1936: SANTILLAN, Diego A. *Organismo Económico da Revolução: a autogestão na revolução espanhola*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

⁴⁶² ARANGO, Emilio L.; SANTILLAN, Diego A. *El anarquismo en el movimiento obrero*. Buenos Aires: Editorial Libertad, 2014, p. 28.

⁴⁶³ Ibidem, p. 33.

⁴⁶⁴ Ibidem, p. 35.

⁴⁶⁵ Ibidem, p. 38.

operário. Em relação aos sindicatos, os militantes afiançaram que a FORA “[...] rechaça a legislação prévia do porvir, não prestigia um modo de organização futura e afirma que é impossível prever que formas adotarão no futuro as organizações econômicas e sociais da vida livre”. Muito mais importante que a discussão sobre a utilidade das organizações atuais na construção da nova ordem seria que estas trabalhassem para a construção das condições subjetivas da nova sociedade, ou seja, a construção do sujeito importava muito mais que as organizações, “[...] porque a liberdade não se cria legislativamente por um aparato político ou econômico”⁴⁶⁶.

A maturação do desenvolvimento das forças produtivas como condição fundamental para a revolução, nas palavras de Arango e Santillan, a “culminação de um ciclo histórico”, implicava que “[...] Ao aceitar explicitamente, como fazem os marxistas dos diversos grupos políticos e sindicais, que o triunfo da revolução e do comunismo não são possíveis em países econômica e industrialmente atrasados, se justifica de fato o fatalismo na evolução da humanidade”. O “fatalismo econômico” transformava o operário de sujeito em espectador, questão especialmente cara para os movimentos revolucionários nos países pouco desenvolvidos. Para Arango e Santillan,

Se é necessário estabelecer previamente as condições econômicas que permitam uma transformação do regime social, que valor têm as revoluções em países onde o capitalismo não tenha chegado a esse suposto ciclo histórico? E se a evolução e o progresso dos povos dependem em absoluto da trajetória que segue o capitalismo, que valor podem ter as ideias de liberdade e justiça para homens que, por exemplo, vivam em um sistema político-econômico que esteja muito longe do ponto culminante assinalado por Marx?⁴⁶⁷

O “fatalismo econômico” atribuído aos marxistas não poderia ter outra consequência que uma ditadura política em nome do proletariado. Não era à toa que os bolcheviques, para além do estrangulamento político da revolução, buscavam justificar ora os seus fracassos, ora

⁴⁶⁶ ARANGO, Emilí L.; SANTILLAN, Diego A. *El anarquismo en el movimiento obrero*. Buenos Aires: Editorial Libertad, 2014, p. 57-58. Algumas páginas adiante, Arango e Santillan afirmam que “[...] nosso conceito de revolução não é a de uma expedição garibaldina ou a de um combate nas ruas – mesmo que seja suscetível que estes ocorram; nosso conceito de revolução é a ideia de liberdade e de justiça social que se estende mais e mais, que penetra nas consciências dos servos voluntários e carcome as bases da exploração e da dominação dos indivíduos. Se esse trabalho de propaganda pressupõe atos paralelos e secundários que se desenvolvam no terreno da força bruta, nós o aceitamos; porém não tomamos o acessório pelo acidental. A luta contra a reação policial não é a finalidade da revolução, mesmo que seja uma consequência inevitável da luta pela finalidade da revolução”. ARANGO; SANTILLAN, *El anarquismo...*, op. cit., p. 61.

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 58.

os seus “crimes” “[...] alegando que o proletariado russo não está tecnicamente preparado para tomar por sua conta a direção da máquina econômica”⁴⁶⁸.

Tanto no texto de 1925, como nos diversos artigos publicados ao longo do período estudado, pudemos observar que a crítica feita a partir das páginas do *La Protesta* à racionalização e à organização científica do trabalho representaram uma posição diametralmente oposta à perspectiva evolucionista dos socialistas. Apesar da “volta à ortodoxia” ainda ecoar em alguns momentos entre os *protestistas*⁴⁶⁹, o posicionamento do *La Protesta* sob direção de Arango e Santillan extrapolou em muito uma defesa retrógrada e romântica da organização de sindicatos por ofícios⁴⁷⁰. Ao contrário, as críticas à racionalização e à organização científica do trabalho estiveram permeadas de denúncias contra uma visão evolucionista, teleológica e determinista do capitalismo que permeava as organizações sindicais e os partidos de esquerda do período, apontando para um afastamento radical das posições positivistas e científicas características do campo libertário argentino das primeiras décadas do século XX. A fé na inevitabilidade do progresso técnico, expressas nas loas à organização científica do trabalho, à mecanização e à racionalização eram denunciadas como ilusões domesticadoras e que teriam como resultado retirar dos trabalhadores qualquer ímpeto de transformação. A ênfase na construção do sujeito revolucionário em detrimento das organizações, segundo os *protestistas*, seria o antídoto contra estas ilusões.

3.7. As consequências concretas do “novo evangelho industrialista”: a reestruturação produtiva no chão de fábrica

A discussões sobre a organização científica do trabalho e a racionalização da produção extrapolaram a categoria dos engenheiros, transformando-se em tema de debates e sendo seus termos e conceitos incorporados ao léxico de muitos empresários e organizações políticas vinculadas ao movimento operário argentino. Ainda assim, nos é temerário fazer qualquer inferência sobre o alcance dessas transformações somente nos apoiando nas discussões acima reconstituídas. Para tentar mensurar os impactos da mecanização e do “novo evangelho industrialista” na vida dos trabalhadores de Buenos Aires e região, durante a década de 1920,

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 59.

⁴⁶⁹ Ver, por exemplo: ORGANIZACIÓN técnica y socialismo. *La Protesta*, Buenos Aires, 12 jul. 1928; ou mesmo um texto publicado por Arango antes da publicação da brochura escrita com Santillan: ARANGO, Emilio. La manía innovadora. In: LÓPEZ, Antonio (Org.). *La FORA en el movimiento obrero*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 1998, p. 207-209.

⁴⁷⁰ Sobre essa interpretação acerca das posições assumidas pela FORA no período, além do trabalho de Doeswijk, ver também: TRUJILLO, Fernando L. *Vidas en rojo y negro*. Una historia del anarquismo en Década Infame. La Plata: Letra Libre, 2005, p. 27-33.

devemos recorrer aos relatos que foram divulgados na imprensa sindical e partidária, principalmente em suas seções dedicadas ao cotidiano sindical. Segundo esses relatos – informes produzidos por delegados sindicais, membros de comissões e comitês de fábricas, além dos comitês de greves e daqueles enviados por trabalhadores aos jornais – os impactos foram generalizados.

Entre os trabalhadores do ramo de calçados, por exemplo, a introdução das máquinas e das novas formas de organização do trabalho foram apontadas como responsáveis pela elevada taxa de desocupação da categoria, além do consequente aumento das jornadas de trabalho e redução dos salários⁴⁷¹. Em março de 1926, o Sindicato de Obreros en el Calzado (SOeC) denunciou as empresas Grimoldi, El Palomar e Rodríguez & Cia por permitirem que um trabalhador operasse várias máquinas ao mesmo tempo. Além do perigo para o operário, o sindicato buscava alertar que a generalização dessa prática no ramo estava levando à demissão de centenas de trabalhadores sem que isso acarretasse qualquer diminuição da produção⁴⁷². Em uma nota de setembro de 1928, por meio da qual foi denunciada a redução de salários em muitas fábricas, a direção do sindicato detalhou especialmente a situação na Bermolen & Hermano. Segundo o informe, naquela empresa, desde a greve geral da categoria em outubro de 1926, não apenas os salários tinham sido rebaixados, como a produção havia se multiplicado: “[...] em outros tempos, com um pessoal mais numeroso, [a empresa] produzia 20 pares por dia; atualmente, com menos trabalhadores, obtém diariamente uma produção que oscila entre 120 e 150 pares diários”⁴⁷³. O sindicato de trabalhadores da indústria do calçado de orientação anarquista, a Federación Obrera del Calzado, ao acusar a inação de seu concorrente, atribuía ao SOeC parte da responsabilidade por aquela situação, uma vez que o último nada teria feito frente “[...] a invasão da maquinaria [...] tolerando a escandalosa redução de salários”⁴⁷⁴.

Um texto publicado no *La Protesta*, às vésperas da greve geral dos trabalhadores em calçado de outubro de 1926, reforçava a percepção de que a introdução de maquinaria e o consequente desemprego estavam entre as principais razões para que os trabalhadores do ramo tivessem perdido muitas das conquistas obtidas durante a onda de greves de 1917-1921. Nas palavras de seu autor anônimo,

⁴⁷¹ SINDICATO Obreros en Calzado – reorganización del gremio. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 04 ago. 1925.

⁴⁷² SINDICATO Obreros en Calzado – Cada obrero debe ocupar una sola maquina. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 25 mar. 1926.

⁴⁷³ LA REACCIÓN patronal en la industria del calzado – La Fábrica Bermolen Hnos ha rebajado los salarios. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 06 set. 1928.

⁴⁷⁴ LA SITUACIÓN de nuestro gremio. *El Obrero en Calzado – Órgano de la Federación Obrera del Calzado*, Buenos Aires, fev. 1926.

Ambulam pelas ruas desta urbe portentosa centenas de operários que não encontram lugar para alugar seus braços. A máquina, que devia fazer a tarefa do músculo ficar mais agradável e mais leve, se converteu em inimiga do trabalhador porque o desaloja do local onde se ganha o pão cotidiano. Ademais, a voracidade capitalista sempre insaciável, faz render esses monstros, sem taxa nem medida, não se importando em nada com a situação que o desenvolvimento do maquinismo cria para os trabalhadores⁴⁷⁵.

Na fabricação de cigarros, o desemprego decorrente da inovação tecnológica também foi sentido. Em outubro de 1927, a Compañia Nacional de Tabacos incorporou novas máquinas à produção, levando a uma série de demissões. Os trabalhadores da fábrica entraram em greve na primeira semana daquele mês exigindo a readmissão de 400 trabalhadores demitidos. Segundo a nota da Federación Obreros del Tabaco, “[...] os operários não se opõem de nenhuma maneira à introdução de novas máquinas, que significam um progresso técnico, mas pedem o estabelecimento de tarefas mínimas para que todos possam trabalhar”⁴⁷⁶. Alguns meses depois, em uma convocatória publicada no diário *La Protesta*, o sindicato fazia um chamado geral à organização dos trabalhadores para lutarem contra os efeitos da introdução de máquinas no ramo. O texto, em tom alarmista, perguntava “Que monstro é esse frente ao qual se cantam loas? [...] Que sociólogo, filósofo ou poeta pode defender, justificar ou cantar a esse instrumento que nega o direito à vida daqueles que elaboram a riqueza atual?”. Contudo, advertia-se que esse chamado não expressava nenhuma pretensão por parte do sindicato de se contrapor ao progresso técnico, mas a intenção da organização dos trabalhadores para não permitir que este se convertesse em um “[...] instrumento de matança daqueles que lhe deram forma mediante o trabalho”⁴⁷⁷.

A introdução de novas máquinas também afetou os trabalhadores da indústria do papel, levando à redução de seus salários. Os operários da fábrica de Bernal pertencente a Papelera Argentina denunciaram nas páginas do *La Vanguardia*, em agosto de 1927, que “As máquinas ‘contínuas’ manejadas por um pequeno grupo de trabalhadores, levaram a uma superprodução enorme, bastando saber que nos últimos treze dias de trabalho, produziram-se 1.000.000 de quilos de papel”⁴⁷⁸. Em resposta à recusa dos donos da fábrica em restabelecer os salários vigentes antes da introdução das máquinas, os trabalhadores não só reivindicaram um aumento

⁴⁷⁵ LA AGITACIÓN en el gremio del Calzado. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 out. 1926.

⁴⁷⁶ DESPIDOS de obreros en la C.N. de Tabacos. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 07 out. 1927.

⁴⁷⁷ F.O. DEL TABACO – Importante – Al gremio en general: La maquina de empaquetar. *La Protesta*, Buenos Aires, 22 jun. 1928.

⁴⁷⁸ PETITORIO de os obreros papeleros de Bernal. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 24 ago. 1927.

correspondente ao crescimento da produtividade, como aproveitaram a oportunidade para refundar o Sindicato de Obreros Papeleros de la República Argentina⁴⁷⁹.

O aumento do ritmo de trabalho associado ao incremento da competição entre os operários era percebido pelos trabalhadores como resultados das transformações ocorridas no chão de fábrica durante a década de 1920. Em 1929, o SOeC iniciou uma campanha entre os trabalhadores da categoria pela defesa do estabelecimento de tarefas máximas a serem executadas em uma jornada, para evitar que os patrões estabelecessem um ritmo de trabalho e metas de produção que levassem à redução dos salários. A medida também visava reprimir “[...] o egoísmo individual dos que, a fim de ganharem uns centavos a mais por dia, efetuam um trabalho muito superior ao humano, obrigando aos demais a trabalharem nas mesmas condições”⁴⁸⁰. Na indústria do móvel, as inovações técnicas introduzidas também foram percebidas de maneira muito semelhante. As críticas aos efeitos da mecanização e simplificação dos processos de trabalho ganharam fôlego durante a “crise do trabalho nacional”, de 1925-1926. Em maio de 1925, um certo “X.X.” denunciava que o desemprego era o resultado inevitável da simplificação e da mecanização do trabalho. Para X.X.,

O fim primordial do capitalismo é obter a maior margem de lucro com o menor custo de produção. A isso se devem os avanços da técnica e da mecânica. O sistema de trabalho se simplifica até os mais insignificantes detalhes. Os esplendidos resultados da simplificação do trabalho em todas as ordens de sua atividade produtiva são aproveitados pelo capitalismo em seu benefício [...]. Ocorre o mesmo com os trabalhadores? De modo algum; aos trabalhadores lhes toca sofrer as consequências imediatas desta simplificação, que se traduz na diminuição no número de operários ocupados na indústria simplificada⁴⁸¹.

Antonio Silveira, em artigo publicado alguns meses depois no mesmo jornal, apontava que a afirmação axiomática de que a ciência e o progresso técnico serviam à toda humanidade estava longe de ser verdade. No campo industrial, “[...] o aceleração da produção, a simplificação do sistema de trabalho determinado pelos desenvolvimentos científicos e os progressos da mecânica, favorecem e beneficiam exclusivamente o capitalismo”. A grande vantagem para os capitalistas produzida pelo maquinismo foi a disponibilidade de trabalhadores: “A simplificação dos métodos de trabalho e do desenvolvimento que diz respeito

⁴⁷⁹ SE CONSTITUYO ayer el sindicato de obreros papeleros. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 set. 1927.

⁴⁸⁰ LA ESTIPULACIÓN en la tarea máxima en la industria es impostergable para fijar la base del jornal. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 03 out. 1929.

⁴⁸¹ ASPECTOS del sistema capitalista: la desocupación. *Acción Obrera*, Buenos Aires, maio 1925.

à maquinaria, trazem como consequência períodos de desemprego”. A única saída para os trabalhadores, segundo o autor, seria a luta pela redução da jornada de trabalho⁴⁸².

Em outubro de 1928, um informe produzido pelo Sindicato Obrero de la Industria del Mueble e publicado no *La Vanguardia*, fazia a seguinte descrição do que se passava nas oficinas e fábricas do ramo:

Existe uma quantidade de oficinas cujo sistema de produção, já transformado em costume entre os operários que ali trabalham, é o de calcular até os minutos que devem ser empregados na execução de cada peça [...]. É compreensível o estado de inconsciência dos operários que se adaptam a uma forma de trabalho tão esgotadora. Convertidos em autômatos, submetidos às exigências de uma produção acelerada até o extremo, sem conseguir com isso uma remuneração que lhes permita satisfazer as necessidades de um nível de vida indispensável para sua conservação física e moral e de sua família, esgotando em pouco tempo suas forças físicas, até ficarem impossibilitados para continuar produzindo da forma excessiva que se lhes exige, sendo substituídos por outros operários que respondam às exageradas exigências da superprodução⁴⁸³.

A situação levou o sindicato a aderir à campanha pela redução da jornada de trabalho para seis horas. Em uma resolução proposta pela Comissão Administrativa do sindicato e aprovada em assembleia realizada em novembro de 1928, a defesa da redução da jornada de trabalho era entendida como a melhor maneira de solucionar o problema do desemprego, “[...] consequência da simplificação do trabalho que determina o progresso da técnica aplicada à indústria”⁴⁸⁴. Essas inovações, assim como entre os trabalhadores da indústria de calçados, também foram entendidas como uma forma de minar as relações entre trabalhadores dentro de um mesmo estabelecimento. Na mesma edição do jornal em que foram publicadas as deliberações da assembleia citada, em sua seção dedicada a relatar a situação nas oficinas e fábricas do ramo, um texto sem assinatura afirmava que “Há muitos casos em que os operários empregam na execução de um trabalho somente um terço do tempo necessário”, provocando uma “[...] superprodução individual que se traduz em competição entre os operários”. Esses trabalhadores, jocosamente chamados de *maquinitas*, acabavam por ter seu ritmo incorporado como “[...] sistema na oficina”, em outras palavras, transformando-se no padrão de produção, causando brigas e desentendimentos entre os trabalhadores, além de servir de justificativa para

⁴⁸² EL PROGRESO industrial y la Acción Obrera. *Acción Obrera*, Buenos Aires, ago. 1925.

⁴⁸³ SINDICATO Obreros de la Industria del Mueble – Informe de las actividades del primer semestre de 1928. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 24 out. 1928.

⁴⁸⁴ UNA IMPORTANTÍSIMA Asamblea aprobó el plan de acción propuesto por la C.A. *Acción Obrera*, Buenos Aires, jan. 1929.

os patrões rebaixarem os salários⁴⁸⁵. Por fim, em um texto editorial de 1930, o jornal voltaria ao tema afirmando que os trabalhadores não eram necessariamente inimigos do progresso técnico, mas reagiam em “[...] consequência do mal-estar moral e econômico que os novos métodos de trabalho lhes reportam ao não os transformarem em partícipes de qualquer benefício desse progresso”. O trabalhador, transformado em autômato, via em seu trabalho apenas monotonia e enfado. A mecanização e as novas formas de organização do trabalho eram as responsáveis pelo “[...] ceticismo de muitos trabalhadores com respeito à implementação dos meios mecânicos de produção”⁴⁸⁶.

Em dezembro de 1927, um editorial publicado na primeira página do *La Protesta* denunciava novamente os efeitos da mecanização imposta pelos capitalistas, uma vez que “[...] o que deveria trazer alívio para a humanidade se converteu em uma calamidade”⁴⁸⁷. Contudo, o mais interessante do texto era o recurso a uma anedota da época da Revolução Francesa para discutir a desqualificação do trabalho decorrente do parcelamento e simplificação das tarefas. Segundo o editorial, com o fim do uso das perucas na França revolucionária, muitos cabelereiros ficaram desempregados. O então professor da Escola Politécnica de Paris, o engenheiro Gaspard de Pony, designado pela Convenção Nacional para calcular uma série de logaritmos, reduziu os cálculos mais complexos a simples somas e subtrações e encarregou os cabelereiros desempregados da execução de nove décimos dos cálculos, resultando em uma publicação de 17 volumes de *in fólío*. Para os editorialistas do *La Protesta*,

Essa supressão da inteligência e da habilidade profissional do trabalho, de que é um símbolo a conversão dos cabelereiros de Paris em matemáticos, caracteriza hoje em proporções aterradoras a revolução técnica que se está operando. Nos grandes estabelecimentos, não se necessitam mais os operários com ofício; todo o trabalho a ser realizado se aprende em algumas horas, porque se reduz a vigiar o processo de trabalho de algumas máquinas.

Se o valor explicativo da anedota pode ser contestado, a verdade é que a desqualificação pela mecanização e racionalização foi uma realidade para alguns trabalhadores de Buenos Aires e região. Foi o que ocorreu, por exemplo, com os carpinteiros e serralheiros. Em 1925, o jornal do sindicato de orientação anarquista jactava-se, em um editorial, do caráter artístico e sofisticado de seus ofícios, situação que lhes gabaritavam a ser “[...] a vanguarda do movimento

⁴⁸⁵ Por fábricas y talleres – El apresuramiento en el trabajo. *Acción Obrera*, Buenos Aires, jan. 1929.

⁴⁸⁶ EL PROGRESO científico en la técnica de producción. *Acción Obrera*, Buenos Aires, jul. 1930.

⁴⁸⁷ LA JORNADA de seis horas – La reducción de las horas de trabajo es la única solución inmediata a la crisis de la desocupación causada por el maquinismo. *La Protesta*, Buenos Aires, 08 dez. 1927.

operário”⁴⁸⁸. Poucos anos depois, a situação era completamente distinta. Na edição do mês de setembro de 1930, o editorial do *El Carpintero y Aserrador* alertava os seus trabalhadores que não se podia perder de vista “[...] o novo aspecto das lutas do trabalho contra o capital”. As antigas lutas, travadas em um ambiente composto de pequenas oficinas muito especializadas, mais favorável para os trabalhadores, não existiam mais. A pequena oficina fora substituída por “[...] uma produção completamente centralizada, no que diz respeito ao uso da mão-de-obra”. A nova oficina de carpintaria ou fábrica de móveis descrita pelo texto, era composta por um ou dois operários mais qualificados, que, em decorrência da mecanização, faziam trabalhar muitos operários sem nenhum tipo de qualificação. Essa situação levava ao desemprego que, por sua vez, desembocava na enorme dificuldade de organizar os trabalhadores do ramo⁴⁸⁹.

A mesma situação foi experimentada pelos padeiros. Em um balanço sobre a greve geral da categoria em novembro de 1927, publicada no diário *La Protesta* em abril de 1928, o padeiro Carlos Gondré afirmava que parte dos problemas enfrentados pelos grevistas se devia ao desenvolvimento das máquinas amassadoras. Essas máquinas possibilitavam que em caso de greve, “[...] o patrão, a patroa, a empregada doméstica, um capataz e um aprendiz” pudessem fazer pães para um exército, mesmo sendo de qualidade inferior. Esse péssimo pão, concluía Gondré, possibilitava que o patrão enfrentasse os primeiros dias de greve até que conseguisse substituir os grevistas⁴⁹⁰.

Não foram todos os que tiveram a clareza de Gondré. Em alguns conflitos, a qualificação e os conhecimentos de determinados ofícios eram anunciados por grevistas e sindicatos como os fiadores de uma vitória certa. Essas qualidades, segundo os trabalhadores envolvidos nos conflitos, tornavam impossível a substituição dos grevistas por fura-greves desqualificados, em geral recrutados entre os milhares de imigrantes que voltaram a afluir em direção à Argentina após o fim da guerra. Contudo, nem sempre era assim. O comitê de greve da carpintaria de móveis John Wright Ltda., localizada à rua Caseros 565 no bairro da Boca, informava, em fevereiro de 1926, que os chefes de oficina, “[...] alguns dos quais se fazem passar por engenheiros em lugares em que não são conhecidos”, estavam assumindo as máquinas das oficinas de móveis e produzindo um resultado tão desastroso como os obtidos pelos imigrantes recém-contratados para a seção de carpintaria de construção⁴⁹¹. Durante a greve dos mais de cem trabalhadores da gráfica Tailhade & Cia., em março de 1928, o sindicato relatou em

⁴⁸⁸ MOVIMIENTO del gremio – Acción que desarrolla”, *El Carpintero y Aserrador*, Buenos Aires, ago. 1925.

⁴⁸⁹ PARA LOS OBREROS en madera”. *El Carpintero y Aserrador*, Buenos Aires, set. 1930.

⁴⁹⁰ O. PANADEROS. *La Protesta*, Buenos Aires, 07 abr. 1928.

⁴⁹¹ LA HUELGA en la Casa John Wright Sons Ltda. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 03 fev. 1926.

diversas ocasiões a quebra de máquinas em decorrência de seu mal-uso por parte dos fura-greves⁴⁹². Em agosto do mesmo ano, após 27 dias de greve dos construtores de vagões ferroviários da Westley, Willians & Cia., o comitê de greve afirmava em nota enviada ao *La Vanguardia* que a proximidade da vitória era certa, uma vez que os poucos fura-greves utilizados pela empresa “[...] nunca chegaram a ameaçar nossa causa, porque carecem de técnica e esta não se adquire senão depois de muitos anos”⁴⁹³. Nos três casos os trabalhadores foram derrotados. A máquina, ao economizar braços e simplificar operações, desequilibrava o jogo de forças entre trabalhadores e patrões.

Entre os gráficos, as coisas não foram muito diferentes. Um comunicado da direção da Federación Gráfica Bonaerense (FGB), de junho de 1925, direcionado aos litógrafos, apontava que a deterioração das condições de trabalho da categoria contrastava enormemente com a situação dos capitalistas gráficos. Para os últimos, os enormes lucros possibilitaram “[...] adquirir maquinaria moderna de grande produção, o que lhes permite aumentar seus pingues dividendos”⁴⁹⁴. No mês seguinte, a convocatória para uma assembleia, em julho de 1925, dos compositores gráficos afirmava a necessidade de se discutir as transformações nas condições de trabalho, sobretudo pelo fato do “[...] constante aperfeiçoamento das máquinas de compor, unido à demanda de uma maior produção, constituir uma ameaça muito séria em um futuro próximo para os salários dos companheiros deste ramo”⁴⁹⁵.

Em relação ao trabalho por peça, os trabalhadores pareciam ter uma opinião completamente distinta da do engenheiro socialista Emílio Dickmann. A introdução dessa modalidade de trabalho na oficina gráfica Della Pena & Cia e seus efeitos deletérios sobre a solidariedade entre os trabalhadores foram denunciados pela célula do PCA naquela empresa⁴⁹⁶.

⁴⁹² A 15 DÍAS de huelga, el personal el personal de la casa Tailhade & Cia reafirma su voluntad de proseguir la lucha. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 09 abr. 1928; e FEDERACIÓN Gráfica Bonaerense – Esta en su mayor apogeo la huelga en el Taller Tailhade & Cia. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 21 abr. 1928.

⁴⁹³ F. OBRERA Oficios Varios de Dock Sud – Están en huelga os constructores de vagones de la firma Westley, Willians & Cía. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 25 ago. 1928.

⁴⁹⁴ FEDERACIÓN Gráfica Bonaerense – Asamblea de la rama de Litografía. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 jun. 1925.

⁴⁹⁵ FEDERACIÓN Gráfica Bonaerense – Asamblea de la rama de composición mecánica. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 03 jul. 1925.

⁴⁹⁶ As células eram pequenos grupos de militantes comunistas organizados para atuar a partir dos locais de trabalho e dos bairros. Essa forma de organização era uma peça fundamental da estratégia adotada pelo PCA desde 1925 – e replicada pelo PCO – para ganhar espaço dentro do movimento sindical. Sobre o PCA no período, ver: CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera: los comunistas y el mundo del trabajo en la argentina: 1920-1935*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora, 2007, p. 1-63. Já sobre a atuação sindical do PCO, ver: CERUSO, Diego. El partido comunista y su desempeño en el sindicalismo industrial argentino en la década del veinte. *Revista Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Salta*. Salta, v. 1, 2014, p. 64-85.

Em carta publicada no *La Internacional*⁴⁹⁷, um trabalhador da empresa denunciava os seus companheiros que “[...] pensam que rendendo o máximo de esforço alcançarão melhores salários que os atuais”. O pagamento por peça, não apenas produzia problemas coletivos ao ampliar a competição entre os trabalhadores, mas também os prejudicava individualmente, uma vez que

As invejas e as rivalidades entre os operários, antes companheiros, os dividem e os convertem em inflamados inimigos. A antiga união se desfaz e cada um trata de receber dos capatazes por meio de adulação uma maior quantidade de tarefas [...]. E assim, o operário, com a falsa ilusão de aumentar o seu salário, sofrerá uma sobrecarga de trabalho prejudicial para sua saúde e sua vida.

Nas oficinas gráficas G. Kraft Ltda, chamada de “Bastilha do capitalismo”, em novembro de 1927, os delegados sindicais denunciavam que às já conhecidas dificuldades em organizar os trabalhadores da oficina, teria se somado um novo problema. A empresa havia adotado “[...] sistema de controle pelo qual se deve dar conta do uso de todos os minutos do dia”, associado à implementação do trabalho por peça⁴⁹⁸. Dois dias depois, uma outra nota do sindicato registrou que o mal-estar produzido pela introdução das novas máquinas e de novos processos de trabalho era o pano de fundo da greve deflagrada pelos 300 trabalhadores da casa Lorenzo J. Rosso por aumentos salariais. Contudo, nesse episódio, a direção do sindicato preocupava-se também em defender o progresso técnico frente aos trabalhadores. Em um informe sobre o conflito publicado pelo *La Vanguardia*, a direção dos gráficos reafirmava sua disposição de se empenhar nas “[...] novas e grandes batalhas contra o capitalismo gráfico”, ajudando os trabalhadores “[...] frente às máquinas e aos novos processos de trabalho que simplificam a mão-de-obra na produção”. Não obstante, afirmava que os trabalhadores deveriam bater continência para o progresso técnico e “[...] adotá-lo na marcha de libertação da sociedade proletária do amanhã”⁴⁹⁹.

O tema seria abordado novamente em outubro de 1928 por ocasião da campanha de mobilização em defesa do novo acordo coletivo da categoria. A reelaboração dos termos que regiam as relações de trabalho nas oficinas gráficas, segundo nota da FGB, era o mínimo que poderia se esperar, já que desde 1919 havia se produzido “[...] uma verdadeira revolução técnica

⁴⁹⁷ EL TRABAJO a destajo en los talleres gráficos Della Pena y Ruzzi. *La Internacional*, Buenos Aires, 14 maio 1925.

⁴⁹⁸ A LOS OBREROS y las obreras de los talleres gráficos G. Kraft Ltda. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15 nov. 1927.

⁴⁹⁹ LOS CONFLICTOS en la industria gráfica – Huelga en la Casa Lorenzo J. Rosso. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 17 nov. 1927.

da qual se aproveitaram exclusivamente os industriais”. Ainda segundo a nota, era evidente para qualquer um que “Com o mesmo número de trabalhadores os grandes estabelecimentos gráficos produzem mais em virtude da introdução de novas máquinas, procedimentos e elementos para acrescentar e melhorar a produção”⁵⁰⁰. O argumento baseado na “revolução técnica” do ramo foi incorporado ao documento divulgado pelo sindicato contendo suas reivindicações⁵⁰¹.

Para os trabalhadores do ramo metalúrgico, as transformações nos processos de trabalho foram sobretudo sentidas pela difusão do trabalho por peça. Durante a greve de agosto de 1925 nas oficinas de ferragens de obras de Antine Motteau, o informe do Sindicato de los Obreros de la Industria Metalurgica (SOIM), publicado no *La Vanguardia*, dava conta de que os trabalhadores estavam sendo “[...] agredidos em seus foros mais íntimos” por uma série de medidas adotadas na empresa. Afirmava a nota que o patrão “[...] longe de querer aperfeiçoar a técnica [de produção] – que já é em alto grau –, quer impor ao pessoal o trabalho por peça”. O ganho dos trabalhadores seria definido a partir daquele momento pelos capatazes, assim como seriam suprimidos dois turnos de trabalho, uma vez que trabalhando por peça, “[...] a produção que hoje realizam 250 operários será realizada por metade do pessoal”⁵⁰². Frente à interpelação de uma comissão de trabalhadores, o senhor Motteau teria respondido: “Ou se trabalha por peça, ou se reduzem os salários”⁵⁰³. Apesar de terem sido derrotados nessa greve, alguns meses depois, os membros do sindicato dos metalúrgicos se burlavam da demissão do “colegen” Wolf, capataz responsável pela implementação do novo regime de trabalho naquela empresa. Segundo a nota do sindicato, Wolf era um desses “[...] grandes gênios organizadores do trabalho [baseado no] sistema Taylor” que circulavam pela época e que prometiam “[...] elevada produção a um custo irrisório etc., como consequência do aperfeiçoamento do trabalho”. Contudo, não faziam mais nada além de “[...] fazer trabalhar os operários por 12 e 14 horas sem se quer receberem um salário de \$6 diários”⁵⁰⁴.

A introdução do trabalho por peça logo foi entendida como parte integrante da chamada “reação capitalista”. Em abril de 1926, o SOIM convocava seus delegados de fábrica e oficinas para discutirem uma nova campanha de agitação contra a ofensiva patronal que vinha ocorrendo nos últimos anos, imprimindo uma série de derrotas para a categoria. Segundo a nota, essas

⁵⁰⁰ LA F. GRÁFICA continuara discutiendo mañana el pliego de condiciones. *La Internacional*, Buenos Aires, 27 out. 1928.

⁵⁰¹ FEDERACIÓN Gráfica Bonaerense – Agitación en el gremio por el nuevo pliego de condiciones y texto del mismo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 nov. 1928.

⁵⁰² HUELGA en la herrería de Antine Motteau. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 ago. 1925.

⁵⁰³ CONTINUA unánime el paro en los talleres de A. Motteau. *La Internacional*, Buenos Aires, 07 ago. 1925.

⁵⁰⁴ EL “COLEGEN” Wolf en desgracia. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 30 out. 1925

derrotas se expressavam pelo aumento da jornada, pela redução dos salários, mas sobretudo, pelo fato do “[...] trabalho por peça estar se assenhorando de todas as oficinas”⁵⁰⁵. Dois anos depois, J.A. Lopez, membro da direção do SOIM, publicou um artigo escrito especialmente para o *La Vanguardia* sobre a situação dos trabalhadores do ramo. Nesse artigo, o metalúrgico denunciava que na maior parte das oficinas os trabalhos estavam sendo realizados por trabalhadores não-qualificados. Sendo remunerados por peça, esses operários estavam submetidos à um regime de trabalho muito competitivo e eram muito pressionados “[...] em seu afã de se sobressaírem por sua capacidade de produção, já não com o propósito de ganharem alguns centavos a mais, mas para evitarem a possibilidade de serem despedidos e suplantados por outros operários”. Ainda segundo Lopez, essa realidade podia ser comprovada pelo fato de as oficinas estarem ocupadas majoritariamente por jovens, muitas vezes por “[...] companheirinhas de 15 ou 16 anos a quem lhes faltam várias falanges dos dedos”. Essa situação estava tão generalizada entre os trabalhadores do ramo que, segundo Lopez, “[...] Um operário de quarenta anos de idade que fique sem trabalho está na verdade aposentado, mas sem gozar de um salário”⁵⁰⁶. Na metalúrgica Bavastro, a célula do PCA reclamava que o sistema de trabalho por peças, além de promover o aumento do desgaste físico dos trabalhadores, acabava levando os operários a explorarem seus aprendizes, reproduzindo o que os patrões e capatazes faziam com eles⁵⁰⁷. A célula da oficina de embalagens de lata da Bunge & Born denunciava outra forma de se impor o salário por peça e, ao mesmo tempo, rebaixar o salário. Os trabalhadores relataram que um soldador contratado por um salário diário havia sido transferido para outra seção e obrigado a aceitar o pagamento por peça, caso contrário seria demitido. Segundo os membros da célula, colocar um trabalhador para fazer certas atividades nas quais ele não tinha prática e, ainda por cima, remunerá-lo por peça seria o mesmo que despedi-lo⁵⁰⁸.

Se como afirma Lobato, o período não teria vivido uma verdadeira invasão das fábricas por parte dos engenheiros, isso não significou que essa figura não tivesse ganhado uma certa projeção no período. A denúncia do engenheiro-capataz e disciplinador também foi recorrente entre os trabalhadores. Em março de 1927, por exemplo, a célula do PCO na Casa de Fundición de Plomo Puma, localizada no bairro de Villa Lugano, divulgou uma carta escrita por duas operárias que, após reclamarem dos baixos salários e dos “[...] calos que sobressaem tanto ou

⁵⁰⁵ SINDICATO Obrero de la Industria Metalúrgica. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15 abr. 1926.

⁵⁰⁶ LOS METALÚRGICOS – Salarios bajos y represiones patronales. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 dez. 1928.

⁵⁰⁷ EL TRABAJO a destajo. *El hormero – Órgano de la célula comunista de la fábrica de hormas BAVASTRO*, Buenos Aires, n. 1, jan. 1927.

⁵⁰⁸ CASOS y cosas. *El Cromo-hojalatero – Órgano de los obreros del taller de Cromo-hojalatería BUNGE & BORN*, Buenos Aires, n. 3, maio 1927.

mais que o dos homens”, denunciavam “[...] os procedimentos inumanos e despóticos introduzido por um engenheirozinho e que é um fascista do pior tipo”⁵⁰⁹. Na fábrica de tecidos La Vedetta, os trabalhadores da célula do PCA alertavam que “[...] Com a chegada dos novos diretores, fascistas trazidos especialmente da Itália, as coisas pioraram ainda mais, imperando na fábrica um regime fascista”. Na SIAM Di Tella, a célula de trabalhadores *chispista* afirmava que o empresário em sua última viagem para a Itália havia “[...] contratado uns tantos ‘técnicos’, que são técnicos porque são fascistas e que ganham salários estupendos, salários que se podem pagar pela exploração iníqua de nós”⁵¹⁰. Aliás, a fábrica parecia cumprir o roteiro completo: maquinaria, engenheiros, técnicos e trabalho por peça. Todo esse conjunto de inovações, implementadas desde meados de 1927, já havia produzido, após um ano “[...] resultados funestos”, a saber, o aumento do ritmo de trabalho, a maior competição entre os trabalhadores, além de um número significativo de demissões.

O relógio, instrumento de disciplinamento do engenheiro-capataz e cuja ação era denunciada pelos operários, o aproximava muito mais do policial da política econômica que de sua autopercepção como engenheiro-médico. No boletim produzido pela célula do PCA formada por trabalhadores da *Klockner*, um importante estabelecimento metalúrgico, onde o *La Vanguardia* já havia denunciado que havia ocorrido a adoção do “sistema Taylor”⁵¹¹, reclamava-se da tirania exercida pelo engenheiro Srohl (provavelmente, Stohl) e seu relógio. Postando-se na frente dos trabalhadores, o engenheiro estabelecia o preço pago por peça com base na primeira peça produzida, desempenho que os trabalhadores não conseguiam repetir durante toda a jornada de trabalho⁵¹². Segundo outra publicação de trabalhadores metalúrgicos vinculados ao PCA, os donos da empresa mantinham nessa fábrica uma “nutrida burocracia”, com o único intuito de “espremer o sangue do operário para obter lucros”⁵¹³. Além de controlarem os ritmos do trabalho e de estipularem os valores pagos, a “nutrida burocracia” da empresa estimulava a competição entre os operários, uma vez que cabia aos capatazes e aos técnicos a divisão das tarefas, sempre premiando os operários mais dóceis⁵¹⁴.

Um caso curioso sobre o disciplinamento provocado pelas novas formas de organização do trabalho foi o da oficina metalúrgica de Vázquez Italia, localizada à rua Treinta y Trés no

⁵⁰⁹ COMO se explota en la “Elaboración Nacional de Plomo” de Villa Lugano. *La Chispa*, Buenos Aires, 26 mar. 1927.

⁵¹⁰ SIAM. *La Chispa*, 18 maio 1929.

⁵¹¹ EN LOS TALLERES Klockner se produce un conato de huelga. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 21 out. 1925.

⁵¹² EL INGENIERO Srohl. *Kl'o'ckner – Órgano de los obreros del establecimiento metalúrgico KL'O'CKNER S.A.*, Buenos Aires, n. 2, jun. 1927.

⁵¹³ KLOCKNER. *Defensa Metalúrgica – Órgano del Comité Metalúrgico de Defensa Sindical*, Buenos Aires, n. 2 e 3, ago. e set. 1927.

⁵¹⁴ LA EXPLOTACIÓN imperante en la casa “Klockner”. *La Internacional*, Buenos Aires, 25 maio 1929.

bairro de Boedo. Em junho de 1926, os seus 200 operários entraram em greve reclamando de uma série de atitudes do senhor Vázquez, que distavam muito de um comportamento “científico”, como a recusa em reembolsar 13 pesos gastos por um operário para a realização de um serviço fora da oficina, pois 13 era um número de má sorte. Contudo, uma das reclamações listadas pelo comunicado dos grevistas publicado pelo *La Vanguardia* chama a atenção: sob o pretexto de punir seus operários pelo suposto roubo do relógio da oficina, o patrão suprimiu este, acabando com uma peça fundamental para os trabalhadores submetidos ao contumaz não pagamento de horas extras⁵¹⁵. Três anos depois, os trabalhadores da oficina afirmavam que após aquela greve “[...] os abusos foram aumentando de uma forma tal, que já é impossível continuar”. Além dos baixos salários e longas jornadas, na oficina se cronometrava “[...] até o tempo que um trabalhador gasta para transportar um ferro de um balcão para outro”⁵¹⁶. O relógio, que servira de arma dos trabalhadores para controlarem seu tempo de trabalho, havia se transformado em seu algoz.

A racionalização e a organização científica do trabalho implementada pelos empresários metalúrgicos não deixavam de se combinar com as antigas formas de controle, disciplinamento e repressão. Os operários da fábrica de camas de bronze de Borman & Saz, na rua Boedo 150, bairro de Almagro, reclamavam das constantes demissões, resultado da superprodução no ramo provocada pela aplicação do “[...] sistema de racionalização da produção mecânica e que atualmente descansa sobre a máxima exploração da mão-de-obra”. Exigindo o fim das demissões e o aumento de salários, os operários decidiram entrar em greve no fim de junho de 1928. A resposta do industrial, segundo o informe do sindicato, não se limitou a contratação de fura-greves, mas também na distribuição de revólveres entre eles para que pudessem enfrentar qualquer tentativa dos grevistas de impedirem sua entrada na fábrica⁵¹⁷.

Mesmo a indústria pioneira na implementação do taylorismo na Argentina não escapou da renovação técnica da década de 1920, aperfeiçoando seus métodos de produção e aprofundando a racionalização dos processos de trabalho. O militante comunista e membro sindicato dos trabalhadores da carne, José Peter, em seu livro de memórias, recorda que no ano de 1927, quando começou a trabalhar no frigorífico Swift, na cidade de Berisso, a 50 quilômetros de Buenos Aires, eles estavam implementando o que ficou conhecido como o “sistema standard” de trabalho. Segundo Peter,

⁵¹⁵ SINDICATO Obreros de la Industria Metalúrgica – Se declaró en huelga el personal de “Vázquez Italia”. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 12 jun. 1926.

⁵¹⁶ EN LOS TALLERES de Vázquez Italia los obreros son víctimas de diversos abusos. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 28 ago. 1929.

⁵¹⁷ BORMAN y Saz se disponen a cometer hechos sangrientos?. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 jul. 1928.

Uma companhia norte-americana enviada por Mr. Swift, bem equipada com aparelhos e técnicos especializados, havia tomado conta das Salas de Matança⁵¹⁸. Os técnicos iniciaram de imediato o seu trabalho. Os cronometristas anotaram o tempo dos mais capazes, dos mais habilidosos e fortes para logo fazer os cálculos das marcas mínimas; a velocidade das noras se graduaria ao nível destas cifras⁵¹⁹.

Não só nos frigoríficos estadunidenses se implementavam novas formas de organização do trabalho. Em setembro de 1927, *a Review of the River Plate* celebrava a introdução do uso de serras elétricas para a partição das carcaças das reses e os ganhos que isso havia proporcionado para a produtividade da Smithfield and Argentine Meat Company, em Zarate. As serras, segundo a longa reportagem em que uma série de fotos ilustram o trabalho da nova máquina, diminuíram substancialmente o número de trabalhadores ocupados na partição das carcaças, seção da indústria que até então ocupava o maior número de trabalhadores⁵²⁰.

As inovações técnicas da década chegaram mesmo a perturbar uma das categorias mais poderosas e bem estabelecidas da classe trabalhadora argentina: os maquinistas e foguistas ferroviários. Em fevereiro de 1930, em um editorial intitulado “Hacia el provenir”, publicado pela revista quinzenal do sindicato de maquinistas e foguistas, afirmava-se que um sindicato jamais poderia se deter pelo fato de ter conquistado melhoras imediatas positivas: “[...] Isto seria estancar-se para em seguida retroceder”. O principal desafio para o futuro da organização que o texto destacava era como lidar com “[...] O progresso técnico, os modernos sistemas de produção que implanta o capitalismo para obter cada dia mais vantagens as custas da classe operária”. Como conclusão, o editorial aconselhava: “Sejamos prevenidos e não esperemos que os problemas se apresentem cruamente reais para pensarmos em soluções”⁵²¹. Vivia-se naquele momento o mais abrangente esforço de eletrificação de uma linha ferroviária no país.

Os veículos com tração elétrica desenvolveram-se a partir dos bondes e sistemas de metrô que surgiram nas cidades europeias a partir de 1860. Contudo foi somente a partir de 1890 que esse tipo de tração passou a ser usado em escala no transporte ferroviário⁵²². Buenos

⁵¹⁸ Em espanhol, as *playas de matanza*. N.A.

⁵¹⁹ O relato de José Peter continua detalhando as consequências da adoção do “sistema standard” para os trabalhadores, citando, por exemplo, como o aumento da velocidade das tarefas realizadas fazia com que as facas perdessem o fio mais rápido, obrigando os trabalhadores a um maior desgaste físico, ou a enorme dificuldade que os trabalhadores tinham de evitar que suas facas furassem tumores e edemas dos animais, cujo pus se espalhava por suas bocas e olhos. PETER, José. *Cronicas Proletarias*. Buenos Aires: Editorial Esfera, 1968, p. 52-57.

⁵²⁰ A NEW Phase in “Frigorífico Practice”. *The Review of the River Plate*, Buenos Aires, 30 set. 1927.

⁵²¹ HACIA el provenir. *La Fraternidad*, Buenos Aires, n. 449, 20 fev. 1930, p. 147.

⁵²² BRENNAN, Morris; FOIADELI, Federica; ZANINELLI, Dario. *Electrical Railway Transportation Systems*. Hoboken, NJ: IEEE Press, 2018, cap. 1.

Aires conheceu cedo o uso das locomotivas elétricas, uma vez que em 1913 tornou-se a primeira cidade do Hemisfério Sul a ter uma linha de metrô. Assim como em outros países, após os problemas de abastecimento de carvão provocados pela guerra, o país experimentou a eletrificação de alguns ramais urbanos. Em agosto de 1916, em plena guerra, a empresa Ferrocarril Central Argentino eletrificou o ramal Retiro-Tigre, ligando o centro de Buenos Aires àquele subúrbio. Em 1923, foi a vez da Ferrocarril Oeste eletrificar seus trechos urbanos e suburbanos, ligando a estação Once ao subúrbio de Moreno⁵²³. No fim da década de 1920, uma das maiores empresas ferroviárias do Hemisfério Sul, a Ferrocarril del Sud, remodelou a estação de Constitución, em Buenos Aires, por onde passava 80% dos passageiros que vinham para a Capital Federal, e colocou em serviço de modo regular e amplo trens movidos por tração diesel-elétrica, até mesmo para o transporte de cargas⁵²⁴. Segundo o autor de uma história oficial da empresa, “A condução desses trens em nada difere dos trens elétricos que já existem no país, possuindo as mesmas facilidades para seu manejo”. A economia produzida pelo novo sistema de tração, “[...] seja em seu custo inicial, como em seu custo operacional, são de tal magnitude que redundará em um enorme lucro para a economia nacional”⁵²⁵.

A expansão da eletrificação durante a década trouxe resultados substanciais para as empresas, ampliando o volume de passageiros transportados⁵²⁶, mas também a preocupação dos maquinistas e foguistas. Desemprego e desqualificação do trabalho caminhavam juntos com a eletrificação. Em um editorial publicado na edição de 20 de novembro de 1929 da revista *La Fraternidad*, a Comissão Diretiva expunha quais eram os seus temores. O texto frisava o quão prejudicial havia sido para todos os trabalhadores a época em que estes recusaram o progresso técnico por meio da quebra de máquinas. Incapazes de frear o progresso técnico impulsionado pela busca de maiores lucros, os trabalhadores teriam sabiamente passado a exigir melhores condições de trabalho. Com os ferroviários, prosseguia o texto, não teria sido diferente. A locomotiva a vapor era um exemplo. Depois de todos os aperfeiçoamentos possíveis visando o maior rendimento ao menor custo, os capitalistas teriam há pouco tempo colocado os olhos sobre as possibilidades que as locomotivas elétricas ofereciam. A tração elétrica promovia a extinção de uma série de trabalhos auxiliares, como os de carvoeiros, limpadores de caldeiras e de tubos. Além disso, o novo sistema eliminaria uma série de viagens realizadas para o

⁵²³ CHITI, Juan B. *Cincuentenario de “La Fraternidad”*. [S.I.: s.n.], 1937, p. 494-495.

⁵²⁴ DIRECCIÓN DE INFORMACIONES Y PUBLICACIONES FERROVIARIAS. *Origen y desarrollo de los ferrocarriles argentinos*. Buenos Aires: El Ateneo, 1946, p. 176-177.

⁵²⁵ RÖGIND, William. *Historia del Ferrocarril Sud*. [S.I.: s.n.], 1937, p. 653-654.

⁵²⁶ LEWIS, Collin M. Crisis tecnología y eficiencia. Los ferrocarriles de capital británico durante los años de transición. 1912-1930. In: LÓPEZ, Mario Justo; WADELL, Jorge (Org.). *Nueva Historia del ferrocarril en la Argentina: 150 años de política ferroviaria*. Buenos Aires: Lumiere, 2007, p. 504 et. seq.

transporte de carvão e lenha, possibilitando uma economia nada desprezível em material rodante e trabalhadores. Ainda assim, segundo o editorial,

Não podemos nos mostrar contrários ao progresso técnico, pois na verdade não o somos; porém os trabalhadores não têm por que serem prejudicados sem nenhuma necessidade, muito menos quando, como acabamos de dizer, a implantação do serviço elétrico traz consigo uma infinidade de vantagens para as empresas.

Porém, a principal preocupação dos diretores da *La Fraternidad* era com o perigo que a maior simplicidade operacional das locomotivas elétricas representava para a categoria. O texto editorial era seguido de uma reprodução da carta enviada no dia 15 de novembro por Francisco Agnelli, secretário-gerente da *La Fraternidad*, para o gerente da Ferrocarril del Sud. Na carta, Agnelli afirmava que não via a menor possibilidade da substituição das locomotivas à vapor pelas elétricas ferirem de qualquer forma os detalhados acordos coletivos que regiam a profissão. Entre as ameaças identificadas estavam a substituição dos condutores mais antigos por maquinistas mais jovens com menos experiências, o rebaixamento dos salários e, sobretudo, que as locomotivas fossem conduzidas por apenas um homem. Alegando questões de segurança e apelando pela vida dos trabalhadores e dos passageiros, o sindicato exigia que os maquinistas designados para as locomotivas elétricas fossem acompanhados por seus foguistas⁵²⁷.

No congresso dos maquinistas e foguistas da Ferrocarril del Sud, realizado na semana seguinte ao envio da carta, Agnelli reiterou aos delegados que a direção do sindicato estava trabalhando para que as deliberações relativas aos trens elétricos, exigindo que estes fossem conduzidos por um maquinista certificado⁵²⁸ acompanhado de um foguista, fossem atendidas⁵²⁹. O respaldo do congresso à atuação de Agnelli sobre a questão levou o diário *La Prensa* a comparar os ferroviários justamente com os quebradores de máquinas do início da industrialização. Frente à acusação feita pelo grande diário comercial, o Conselho Diretivo fez questão de responder em um editorial de sua revista semanal, afirmando mais uma vez que era um absurdo atribuir aos maquinistas ideias contrárias ao progresso técnico. O que se criticava

⁵²⁷ LA IMPLANTACIÓN del servicio eléctrico no debe perjudicar al personal ni atentar contra la seguridad del público”. *La Fraternidad*, Buenos Aires, n. 443, 20 nov. 1929, p. 3-6.

⁵²⁸ O sindicato possuía uma escola preparatória desde 1890 (Academia de instrucción para aspirantes a maquinistas de locomotoras ferroviarias) e que foi reconhecida pela Dirección General de Ferrocarriles a partir de 1902. BLAKE, Oscar Juan. *Así aprendieron a trabajar: como se construyó la capacitación laboral en la Argentina*. Buenos Aires: Granica, 2008, p. 99.

⁵²⁹ AYER continuaron las sesiones del congreso de La Fraternidad del Ferrocarril Sud. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 21 nov. 1929.

era “[...] o costume capitalista de se aproveitar exclusivamente em seu benefício das consequências de dito progresso técnico”⁵³⁰.

O tema da eletrificação foi retomado durante o congresso nacional da *La Fraternidad*, realizado no mês de maio de 1930. E novamente discutiu-se a relação dos trabalhadores ferroviários com o desenvolvimento técnico. Nicolás Massa, da Comissão Executiva de Lujan, ao recusar a pecha de retrógrado e de negar que fosse contrário ao progresso técnico, afirmava que uma vez que a introdução das locomotivas elétricas “[...] aumentava a capacidade de produção dos trabalhadores”, o sindicato deveria exigir que estas fossem conduzidas por dois homens, tanto para evitar o desemprego entre maquinistas, como para aumentar a segurança dos trens⁵³¹. Para Lazaro Criado, delegado da Ferrocarril Central Argentino, de Tucumán, a situação era mais complexa. Criado chamava atenção para o fato de o capital sempre buscar “[...] suplantar o operário especializado, encontrando assim mais facilidade para abortar os conflitos”. Francisco Aló, delegado por Cruz Alta também da Ferrocarril Central Argentino, afirmava que deveria se perguntar aos que os acusavam de serem contra o progresso técnico se “[...] a classe trabalhadora progrediu em suas condições de trabalho e salários na mesma proporção que os progressos da técnica”. A resposta, segundo o delegado, seria sem sombra de dúvidas negativa. A implementação das novas tecnologias “[...] não apenas prejudica os ferroviários, como a todos os trabalhadores do país e do mundo. A fome, a miséria, que tantos estragos fazem nas filas proletárias são o produto da má aplicação que a burguesia faz dos progressos da ciência integral”⁵³².

Por fim, tampouco os trabalhadores agrícolas escaparam dos impactos da mecanização e da racionalização dos processos de trabalho. Em abril de 1927, uma nota no *La Protesta* afirmava como o avanço das máquinas colheitadeiras de trigo já havia causado estragos durante o último verão ao promover uma verdadeira escassez de trabalho. Neste contexto, o texto denunciava o caráter “nefasto” de uma lúdica competição que o Ministério da Agricultura iria promover na cidade de Casilda, na província de Santa Fé, com máquinas colheitadeiras de milho de fabricação nacional. “Seja qual for o resultado”, prosseguia a nota, “o que está fora de dúvida

⁵³⁰ LA ORGANIZACIÓN sindical y el progreso técnico. *La Fraternidad*, Buenos Aires, n. 444, 05 dez. 1929, p. 4.

⁵³¹ LA ASAMBLEA de La Fraternidad sostiene que al progreso técnico debe seguir el mejoramiento de las condiciones de trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 21 maio 1930.

⁵³² CRÓNICA de las deliberaciones de la Asamblea General de los Delegados. *La Fraternidad*, Buenos Aires, n. 456, 05 jun. 1930, p. 537-602. Para o debate entre os delegados sobre a eletrificação, ver p. 582-588.

é que as colheitadeiras de milho estão próximas de entrar em vigor e suprimirão milhares de empregos”⁵³³.

Segundo outra matéria publicada dois meses depois pelo diário anarquista, a mecanização da colheita do milho era algo desejado há muito tempo pelos seus produtores⁵³⁴. As máquinas descascadoras provocavam grande interesse, principalmente para pôr fim a chamada “juntada”. Citando a Conrado Marti, um sujeito que havia publicado um manual para adaptar as máquinas descascadoras de trigo para o processamento do milho, a nota afirmava que a mecanização da colheita iria acabar com “(...) uma das maiores calamidades e ineludível por desgraça”, saber, a reunião nos campos de grupos de trabalhadores para descascar o milho. Essas “juntadas” nunca colhiam toda a área plantada, saqueavam os galinheiros, os armazéns e “(...) chegavam em suas depredações a atentar contra a honra das mulheres”. A mecanização gerava economia de escala, mas sobretudo eliminava o fator humano do processo de produção.

Da mesma forma que na cidade, a introdução a mecanização e a racionalização no campo também provocou reações dos trabalhadores. Em setembro de 1928, o *La Vanguardia* reproduziu uma entrevista concedida pelo deputado socialista Nicolas Repetto sobre o Congresso da *Federación Agrária Argentina* realizado naquele mês⁵³⁵. Segundo nos informa o entrevistador, havia entre os arrendatários, pequenos e médios proprietários que se organizavam na federação, um enorme medo de que os peões *braceros*, trabalhadores empregados para a colheita, e os carroceiros, responsáveis pelo transporte da colheita para os terminais ferroviários e fluviais, promovessem a quebra de máquinas agrícolas e de caminhões. Repetto, apesar de afirmar que tal ameaça não passava de pura fantasia, ponderava que

Existe sim no campo, sem dúvida alguma, certo mal-estar entre os peões agrícolas devido à crescente competição que fazem ao braço humano e aos antiquados elementos de trabalho os modernos métodos de tração e a novíssima maquinaria agrícola. Os caminhões, por um lado, e as máquinas cortadoras-debulhadoras, por outro, em decorrência de sua rápida generalização, surpreenderam a peonagem antes que esta pudesse se defender ou se adequar à nova situação.

⁵³³ EL maquinismo en la agricultura – Consideraciones en torno a un concurso para maquinas cosechadoras de maíz”. *La Protesta*, Buenos Aires, 14/abr.1927.

⁵³⁴ EL maquinismo en la agricultura – Las maquinas deschaladoras de maíz en tren de próximas victorias”. *La Protesta*, Buenos Aires, 19/jun. 1927.

⁵³⁵ LA MODERNA maquinaria agrícola y las peonadas del campo. ¿Alarmas excesivas o interesadas?”. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08/ago. 1928.

Waldino Maradona, que viria a ser um dos mais destacados militantes do Partido Socialista na zona trigueira da Província de Santa Fé, em relato feito para o *La Vanguardia* sobre os constantes choques entre os proprietários rurais e os peões agrícolas e carroceiros, afirmava a necessidade de que o governo regulamentasse a relação entre as carroças e os caminhões, para que os veículos automotores não “[...] substituísse violentamente as carroças, o que traria como consequência a desocupação forçosa e o crescimento da miséria em muitos lares proletários”⁵³⁶. Na cidade de Barrancas, local em que vivia e militava Maradona, para o transporte da colheita eram usados 50 carros ocupando dois trabalhadores cada. Com dez caminhões, empregando um total de vinte trabalhadores, o mesmo trabalho era feito no mesmo período. Além disso, com a introdução dos caminhões, os grandes proprietários rurais ampliavam ainda mais seu poder no campo ao controlar totalmente o transporte da produção.

A situação era tão grave no campo que, em seu XXº Congresso realizado no ano de 1929, o Partido Socialista deliberou como proposta a entrega de terras aos carroceiros e peões rurais que ficassem desempregados em decorrência do uso das máquinas e caminhões no campo. Em um editorial comentando esta decisão, os editores do *La Vanguardia* afirmavam que com a introdução da colheitadeira de trigo, o número de trabalhadores exigidos para realizar a colheita de cem hectares havia caído de 25 para dois. Contudo, o diário fazia questão de afirmar que “[...] Não estamos, nem poderíamos estar contra o progresso técnico determinado pelo emprego de melhores meios mecânicos”⁵³⁷.

O professor da Academia de Artilharia e Engenharia de Segovia e comandante de artilharia do exército espanhol, Hermenegildo Tomé Cabrero, redigiu e publicou um enorme número de páginas sobre os usos das máquinas, ferramentas e materiais na indústria. Em um dos seus livros, intitulado *Maquinas herramientas y organización de talleres*, de 1935, cujo exemplar por nós consultado se encontra na Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires, Cabrero afirma que a difusão do taylorismo até então havia sofrido uma série de dificuldades, pois as pessoas achavam que a obra de Taylor era dirigida somente aos engenheiros, quando na verdade existia uma série de industriais e chefes de empresa, de oficinas e contramestres, “[...] quer dizer, gente prática e não científica cuja única preocupação é saber

⁵³⁶ AGITACIÓN de las peonadas – El actual conflicto”. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 04/12/1928.

⁵³⁷ LA DESOCUPACIÓN en el campo”. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 19/out. 1929.

se o sistema Taylor pode aplicar-se em suas pequenas fábricas, como poderia se realizar a sua aplicação e que desembolsos de dinheiro seriam necessários para sua implementação”. Segundo o militar, o capítulo de seu livro dedicado ao tema havia nascido da esperança de que

os industriais se convençam de que podem de um modo simples e econômico aplicar o método que nos ocupa, que por outra parte não é privativo de grandes empresas, senão que se aplicam seus princípios a qualquer classe de trabalho, sem que sua aplicação exija precisão excessiva nos casos em que não é necessária, o implantaram sem sombra de dúvida; quer dizer, é preciso trabalhar para se livrar da ideia de que o método é rígido, que tem de ser aplicado com fórmulas intangíveis, que suas aplicações são escassas e consagradas a casos exemplares. O sistema, pelo contrário, deve ser visto como um ideal ao qual devemos nos aproximar o máximo possível e nunca se deve renunciar a sua aplicação por não poder alcançá-lo por completo⁵³⁸.

As pistas encontradas nas reportagens e relatos sobre as indústrias e os industriais argentinos, mas sobretudo pela enorme quantidade de informações que pudemos retirar ao escrutinar a imprensa operária do período, nos permitem inferir que a difusão das novas técnicas de gestão de trabalho, inspiradas pelos preceitos da organização científica do trabalho e possibilitadas pela mecanização da produção, foram uma marca do crescimento industrial daquele país durante a década de 1920. Em outras palavras, foi um processo comum aos mais variados e distintos ramos da produção, tipos de fábricas e categorias de trabalhadores. Nesse sentido, evitando perder tempo com as cantilenas dos engenheiros evangelistas, os industriais argentinos parecem até mesmo ter servido de exemplo para a elaboração das recomendações do comandante do exército espanhol.

Por outro lado, a revisão dos informes produzidos pelos trabalhadores e publicados pela imprensa sindical e partidária sugerem que a introdução das novas técnicas de gestão, combinadas com a mecanização, foi a grande responsável pelo enfraquecimento da posição estratégica endógena dos trabalhadores no conflito com os patrões durante a década de 1920. Os testemunhos elaborados a partir dos locais de trabalho, por meio dos quais podemos perceber o convívio dentro de um mesmo grupo ou categoria de trabalhadores de visões contraditórias, e que ecoavam os posicionamentos sobre a reestruturação produtiva das direções políticas nucleadas no *La Vanguardia* e no *La Protesta*, nos permite afirmar que o abrandamento dos conflitos sociais no período foi fruto não só da possibilidade que os patrões tinham de substituir rapidamente os grevistas em decorrência da mecanização, da desqualificação e do consequente

⁵³⁸ CABRERO, Hermenegildo Tomé. *Máquinas herramientas y organización de talleres*. Segovia: Academia de Artillería e Ingenieros, 1935, p. 515-516.

crescimento do exército de reserva, como também do mal-estar e da apatia dos trabalhadores para a ação coletiva em decorrência do aprofundamento da parcialização e do aceleramento dos processos de trabalho, assim como do acirramento da concorrência entre trabalhadores.

4. CAVALOS DE TRÓIA E FEUDOS

Neste capítulo, buscamos aprofundar nossas análises sobre os impactos na capacidade de organização e de enfrentamento dos trabalhadores de Buenos Aires produzidos pelas transformações ocorridas na indústria argentina da década de 1920. Para tanto, buscamos reconstituir e analisar três mobilizações de trabalhadores que ocorreram em empresas que de alguma maneira participaram desse processo de renovação da indústria na década de 1920. Como forma de reforçar nossos argumentos, foi de extrema importância o cotejamento de documentos relativos ao desempenho e funcionamento dessas empresas (balanços patrimoniais, manuais administrativos, conta de receitas, folhas de salário, organograma, produção física e informes internos), de alguns estudos de caráter institucional e biográficos sobre as mesmas⁵³⁹, com os registros feitos na imprensa operária sobre o cotidiano e os conflitos produzidos com seus trabalhadores.

A primeira dessas empresas foi a The Argentine Navigation Company (Nicolas Mihanovich), a maior empresa de navegação do país, que naquele momento adquiriu e modernizou um antigo estaleiro localizado em Avellaneda, na periferia de Buenos Aires. A companhia, que foi nacionalizada durante o primeiro governo Peronista (1946-1952), teve parte de seu arquivo depositado no Archivo General de la Nación em sua seção de arquivos intermediários. Mesmo com um material incompleto, pudemos verificar que a Mihanovich realizou importantes investimentos em máquinas e ferramentas na primeira metade da década de 1920, que estiveram diretamente vinculados à greve dos rebitadores do estaleiro entre o final de 1926 e o início de 1927.

Em relação às outras duas empresas, a verdade é que elas representaram um novo ramo da indústria que desembarcou na Argentina durante a década de 1920. Naquele momento, o país sul-americano era um mercado tão importante para a inovadora indústria automobilística, que diversas empresas estadunidenses decidiram montar seus veículos automotores em fábricas instaladas na capital do país. Entre essas empresas, sem dúvida alguma, a Ford Motor Company e a General Motors foram as mais importantes. Em decorrência do tamanho dessas empresas, delas serem oriundas de um país central e de suas políticas de memória e patrimônio⁵⁴⁰ – ambas

⁵³⁹ Sobre a importância de uma história empresarial que coloque os empresários e suas empresas em relação com o resto do mundo, ver: MARQUES, Marlon Rodrigues. Desmistificando os negócios: os limites e possibilidades da história empresarial. *Temporalidades – Revista de história*. ed. 29, v. 11, n. 2, jan./abr., 2019.

⁵⁴⁰ Sobre as brutais diferenças entre os arquivos empresariais argentinos e de outros países, ver: ARCHIVOS Y FUENTES PARA LA HISTORIA DE EMPRESAS EN ARGENTINA: DIAGNÓSTICO Y PERSPECTIVA FUTURAS, 26 mar. 2008, Buenos Aires. *Transcripción de las intervenciones realizadas durante el seminario taller*. Buenos Aires: Harvard Business School; CEHIPE; Universidad de San Andrés, 2008. Disponível em: <<http://www.cehipe.org.ar/descarga/empresas.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2020. Apesar de antigo, o balanço geral

possuem importantes centros de memória e documentação, a saber, o Benson Ford Research Center, em Dearborn, e o General Motors Heritage Center, em Sterling Heights, localizados nos arredores de Detroit –, ao consultarmos seus arquivos, foi possível ter acesso a um volume maior e mais completo de informações do que em relação à Mihanovich, permitindo a realização de uma reconstituição muito mais completa da história delas na Argentina durante década de 1920.

4.1. O Cavalo De Tróia: *caldereros*, rebitadores e a Compañía Mihanovich

Durante o ano de 1923, o *La Vanguardia* publicou uma série de reportagens sobre as principais organizações sindicais que existiam naquele momento na Argentina. As reportagens, além de apresentar um breve histórico dessas organizações, traziam informações sobre o dia-a-dia de seus trabalhadores, como a descrição dos processos de trabalho que realizavam e a remuneração média recebida pela categoria. Na edição do dia 8 de julho, os repórteres do jornal dedicaram uma página inteira aos montadores de estruturas metálicas de embarcações, os chamados de *caldereros*. Segundo se lê na reportagem, dentro do conturbado e plural universo da classe trabalhadora argentina das primeiras décadas do século XX, os *caldereros* viviam uma situação muito especial. Para os repórteres, essa situação era “[...] quiçá única entre todos os sindicatos do país no que diz respeito às condições de trabalho e ao respeito aos operários nas oficinas”⁵⁴¹.

Fundado em 1902, o sindicato dos *caldereros* reunia as quatro categorias de trabalhadores desse ofício quase artesanal e extremamente qualificado⁵⁴². Os montadores de estruturas metálicas para embarcações estavam divididos em soldadores oficiais, soldadores meio-oficiais, rebitadores e ajudante-rebitadores. Junto de outros sindicatos de ofício (calafetadores, carpinteiros e metalúrgicos navais), constituíram em 1917, no bojo da onda de greves que varreu a Argentina no final da Primeira Guerra Mundial, uma das principais e mais longevas organizações sindicais organizada por ramo de produção, a Federación Obreros en Construcciones Navales (FOCNav).

continua atual tendo em vista os problemas estruturais que a Argentina possui em relação a preservação de seus arquivos e patrimônios histórico.

⁵⁴¹ EL GREMIO de obreros caldereros: su organización, luchas y condiciones de trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08 jul. 1923. As informações que não foram retiradas da reportagem estão assinaladas com notas.

⁵⁴² Sobre a história dos construtores navais, ver: DI TELLA, Torcuato S. *Perón y los sindicatos: el inicio de una relación conflictiva*. Buenos Aires: Ariel, 2003, p. 259-260. Ver também: CALLELO, Hugo; MARÍN, Juan Carlos; MURMIS, Miguel. Un sindicalismo de tradición artesanal. *Revista de Estudios Marítimos y Sociales*, año 1, n. 1, nov. 2008 (1969), p. 83-95.

Sobre a relação do sindicato e da federação com as diversas correntes políticas que disputavam a direção do movimento operário argentino do período, por um lado, o *La Vanguardia* afirmava que o sindicato dos *caldereros* havia dividido por muito tempo sua sede no bairro da Boca com o Partido Socialista. Contudo, segundo a historiografia, os trabalhadores da construção naval, após romperem com a FORA anarquista no ano de 1916, mantiveram-se quase sempre autônomos em relação às diversas correntes políticas em pugna. De todas as maneiras, a FOCNav, em 1925, estava aderida à Unión Sindical Argentina (USA), herdeira da outrora flamante Federación Obrera Regional Argentina IXº, cuja direção naquele período era disputada por Sindicalistas Revolucionários e Comunistas.

Voltando à reportagem do *La Vanguardia*, o texto destacava que a qualificação exigida pelas tarefas desempenhadas pelos *caldereros* e sua precoce organização em um sindicato eram pontos cardeais para compreender a peculiar situação desses trabalhadores no contexto argentino. Em comparação com outros grupos de trabalhadores e operários, ainda segundo a reportagem, os *caldereros* tinham uma das mais altas taxas de sindicalização da época. Desde as greves de 1902-1903, o sindicato havia imposto o seu reconhecimento à patronal e constituído delegados na maior parte das oficinas. O poder do sindicato era tão grande que apenas os trabalhadores que possuísem o carnê da organização podiam ser admitidos nas oficinas, onde trabalhavam sob o regime de acordos coletivos assinados entre o sindicato e as empresas e organizações patronais. O enorme poder de barganha destes trabalhadores inevitavelmente se expressava em seus salários. Em 1923 os soldadores oficiais ganhavam p\$m 12 por dia, os semioficiais ganhavam p\$m 8,80; os rebitadores, p\$m 7, e os ajudantes de rebitadores, 6 pesos por dia. A média do salário pago na cidade de Buenos Aires aos trabalhadores homens e especializados (*obreros con oficio*) entre 1918-1922, período de importante crescimento dos salários em decorrência do movimento grevista de 1917-1921, era de p\$m 6,50 por dia⁵⁴³.

A confiança do repórter no poder da categoria era tamanha, ao ponto de afirmar que nem mesmo o progresso técnico era capaz de afetar o poder dos *caldereros*. Consequente com o entusiasmo tão característico do diário socialista em relação às transformações técnicas que caracterizaram o período, a reportagem afirmava:

O progresso técnico que introduziu importantes modificações nos instrumentos e métodos de trabalho, deixou intacta a parte mais delicada do trabalho de *calderería*, na qual a máquina não pode substituir de nenhuma

⁵⁴³ DNT. *Crónica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo* (CMDNT), Buenos Aires, n. 71, nov. 1923, p. 1144.

maneira a habilidade do operário, servindo somente para facilitar as tarefas mais grosseiras e dar ao trabalho um maior rendimento.

O surgimento dos maçaricos para solda autógena, exemplificava o repórter, havia aumentado substancialmente a produtividade por trabalhador para o desmonte de estruturas metálicas: à golpe de marretas, os trabalhadores arrancavam em média cerca de 100 rebites por jornada; após a introdução da nova ferramenta, esse número subiu para 700. O corte de placas metálicas era outra atividade que – ainda segundo o repórter socialista – os novos maçaricos mais auxiliaram do que qualquer outra coisa.

O contraste entre as formulações feitas pela imprensa socialista e as impressões e relatos produzidos pela imprensa sindical sobre as transformações que vinham ocorrendo no chão-de-fábrica também pode ser percebido aqui. Entre os construtores navais circulavam posicionamentos um pouco mais receosos sobre o impacto que a introdução de novas máquinas teria na vida dos trabalhadores. Em dezembro de 1922, por exemplo, o periódico da FOCNav, *El Constructor Naval*, republicou um longo artigo de 1908 assinado por Máximo Aracemi⁵⁴⁴, militante anarquista vinculado ao grupo dos doutrinários puros do início do século XX⁵⁴⁵. No texto, Aracemi reclamava daqueles que “[...] deslumbrados pelo assombroso avanço da mecânica, não fazem mais que cantar hinos ao progresso material dos povos, ao mesmo tempo que se esquecem dos homens. Colocam esse progresso material por cima de tudo”. Contrapondo o maquinismo ao humanismo, afirmava que todo progresso técnico seria inútil caso não estivesse subordinado à realização do bem-estar do homem. Para o autor, “[...] Todo o emprego que até hoje se tem feito da mecânica vem resultando prejudicial para a maioria da humanidade. Nunca a vida custou tanto esforço como custa agora, nem resultou ser uma carga tão pesada e dolorosa [...]”. Na edição de maio de 1923, o periódico voltou a abordar o tema publicando um artigo intitulado *Maquinas*. O texto sem assinatura trazia uma série de reflexões sobre o impacto da mecanização nos processos de trabalho. Após afirmar que as máquinas eram as responsáveis por provocar o desemprego e aumentar a competição entre os trabalhadores, o autor ponderava:

⁵⁴⁴ ARACEMI, Máximo. Progreso Material y Progreso Espiritual. *El Constructor Naval*, Buenos Aires, dez. 1922. Originalmente, o texto foi publicado em *Suplemento La Protesta*, Buenos Aires, n. 1, maio 1908, p. 21-22.

⁵⁴⁵ Segundo Juan Suriano, “Os doutrinários puros eram aqueles ativistas do movimento anarquista, especialmente intelectuais e publicistas, que defendiam a doutrina desde uma perspectiva ortodoxa e se comportavam quase como intelectuais orgânicos; isto é, pretendiam estabelecer quais eram os alinhamentos corretos e incorretos. Era composto por um pequeno grupo de dirigentes que funcionava como uma verdadeira elite com o propósito de programar a linha política e induzir os militantes de base a aceitar as decisões da elite. Nesse sentido, o grupo doutrinário puro se caracterizava por uma forte dose de sectarismo nas formas de impor sua linha de ação”. Os doutrinários puros privilegiavam ainda uma linha de ação policlassista, relegando para segundo plano muitas das questões referentes ao movimento operário. SURIANO, Juan. *Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2008, p. 76 e 89.

“[...] É a elas que devemos culpar por toda a miséria e a competição às quais são submetidos os trabalhadores em seu dia-dia?”. Ainda segundo o autor, “Domar as forças da natureza para obrigá-las a colocar em movimento essas máquinas e fazê-las produzir riqueza para todos, exigindo menos esforços”, não seria o mais belo ideal que a humanidade poderia almejar? O grande problema era a propriedade dos meios de produção por uma classe, o que fazia com que o maquinismo servisse para o enriquecimento de poucos. Por outro lado,

Se essas máquinas pertencessem a todos ao invés de pertencerem a uma minoria, as faria produzir sem trégua nem descanso; e quanto mais produzisse mais feliz seria, porque poderia satisfazer todas as suas necessidades. Vossa produção só teria como limite vossa capacidade de consumir⁵⁴⁶.

Se existia alguma desconfiança em relação à introdução de máquinas e novos processos de trabalho entre os construtores navais, isso também se devia ao fato de os patrões do ramo não serem alheios às possibilidades que as inovações tecnológicas ofereciam aos seus negócios. Na verdade, esse havia sido o grande segredo de Nicolás Mihanovich, o principal empresário do ramo de navegação na virada do século XIX para o século XX, cujo setor no país foi moldado à sua imagem e semelhança. Imigrante de origem croata, Mihanovich havia chegado à Argentina quando o processo de consolidação e expansão do complexo agroexportador começava a engatinhar. Trazendo consigo a experiência de ter trabalhado na navegação de cabotagem no mar Adriático, em 1869 ingressou como sócio em uma pequena empresa que realizava o transbordo de passageiros no porto de Buenos Aires. Após a crise de 1890 e a *debacle* generalizada das pequenas e médias empresas de transporte fluvial que atuavam no porto da Capital Federal, fundou junto a outros compatriotas, no ano de 1898, a Sociedad de Navegación a Vapor Nicolás Mihanovich, que se tornou, em decorrência de sua associação a capitais britânicos, The Argentina Navigation Company Nicolás Mihanovich⁵⁴⁷.

“El Neptuno del Plata”, como era conhecido, dominou a navegação fluvial e de cabotagem do país, principalmente as rotas dos rios Paraná e Uruguai, que ligavam as principais zonas cerealíferas ao porto de Buenos Aires. Em 1914, Mihanovich era responsável por quase 80% do capital investido no ramo. Para Laura Caruso, esse poder, em grande medida, se devia à “[...] incorporação prematura e em maior escala, em relação aos seus competidores, daquelas inovações tecnológicas que faziam o trabalho a bordo mais produtivo”, sendo também um dos

⁵⁴⁶ MAQUINAS. *El Constructor Naval*, Buenos Aires, maio 1923.

⁵⁴⁷ AZZI, María S.; TITTO, Ricardo de. *Pioneros de la industria argentina*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2008, p. 149-150.

pioneiros no uso dos motores à vapor na navegação fluvial⁵⁴⁸. Além de contar com vapores de carga e passageiros, lanchas e rebocadores que circulavam da Patagônia ao Nordeste brasileiro e pelo interior do continente, passando por Assunção do Paraguai e chegando até Corumbá, no Brasil, a empresa possuía importantes estaleiros na Grande Buenos Aires, às margens do Riachuelo, na província de Santa Fé e no Uruguai. Em 1918, Don Nicolás repassou o controle da empresa para um triunvirato composto por seu filho, Pedro Mihanovich, e os irmãos Doderó. Após a morte do patriarca em 1929, a família Doderó adquiriu por completo a companhia e a transformou em uma das maiores empresas de navegação privada do mundo até o fim da Segunda Guerra Mundial⁵⁴⁹.

A venda da empresa ocorreu quando se operava a retomada do comércio internacional após a Grande Guerra. Nos anos seguintes, a Mihanovich se restabeleceu totalmente dos solavancos sofridos durante os anos do conflito mundial e viveu um período marcado pelos constantes recordes de faturamento. Somada à melhora do comércio, a reforma tributária promovida pelo governo do presidente Marcelo T. Alvear, no segundo semestre de 1923, foi outro aspecto extremamente positivo para o crescimento da empresa até a crise de 1929. A revisão das tarifas de importação aprovada em outubro de 1923 beneficiou particularmente a construção naval, ao deixar livre de impostos a importação de barcos desmontados, assim como de máquinas e materiais destinados à construção e manutenção de embarcações em estaleiros no país⁵⁵⁰. Essas circunstâncias fizeram com que os diretores e acionistas da empresa na Inglaterra aprovassem todas as novas aquisições propostas pelo escritório de Buenos Aires, o que abriu um período de renovação da frota, de equipamentos e máquinas, e da ampliação dos seus estaleiros⁵⁵¹.

Nesse contexto, em 1918, a Mihanovich adquiriu um dos mais antigos e prestigiados estaleiros do país, o José Badaracco y Hijos, às margens do Riachuelo. Fundado em 1857, o estaleiro foi o responsável pela construção de mais de 400 barcos, entre eles o “Primer Argentino”, um navio à vapor de 1.000 toneladas lançado em 1895. Segundo os balanços financeiros da Mihanovich, o estaleiro era composto por quatro edifícios e galpões, com escritórios, depósitos de materiais, oficinas mecânicas e de carpintaria, além de uma rampa para docagem e lançamento. Foram ainda incorporados um galpão e uma casa adjacentes, de

⁵⁴⁸ CARUSO, Laura. *Embarcados: los trabajadores marítimos y la vida a bordo*. Sindicato, empresas y Estado en el puerto de Buenos Aires. San Martín: Imago Mundi, 2016, p. 53.

⁵⁴⁹ DODERO, Luís. *La navegación en la cuenca del Plata y sus propulsores*. Buenos Aires: Guere, 1961, p. 109-110; e CARUSO, op. cit., p. 58.

⁵⁵⁰ CLIMENT, Aurelio Gonzalez. *Historia de la industria naval argentina*. Buenos Aires: Astilleros y Fabricas Navales del Estado, 1973, p. 126.

⁵⁵¹ DODERO, Luís. *La navegación en la cuenca del Plata y sus propulsores*. Buenos Aires: Guere, 1961, p. 130.

propriedade de Bautista Trevino e Geronimo Gambetta. Quase p\$ 90.000, dos p\$ 110.880 do valor total da aquisição, corresponderam às máquinas e ferramentas, elevando o capital fixo dos estaleiros da empresa a p\$ 437.669⁵⁵². Entre 1919 e 1921, a empresa comprou um terreno da Ferrocarril Sud, contíguo ao antigo estaleiro Badaracco, por p\$ 403.200, onde investiu outros p\$ 300.190 na construção e ampliação de novos depósitos e oficinas mecânicas. O novo estaleiro contaria com uma carpintaria, uma funilaria, uma caldeiraria, uma forja, uma tornearia e uma modelaria. Entre as oficinas, foi instalado um trilho Decauville para o transporte das embarcações e mais p\$ 36.488 foram gastos na construção de um novo dique. Por fim, a Mihanovich desembolsou mais de p\$ 281.028 na aquisição e instalação de máquinas e ferramentas para as novas oficinas. Entre 1918 e 1921, a empresa investiu o total de p\$ 1.131.786 na construção e equipamento de seus estaleiros⁵⁵³.

Nos anos seguintes, em sintonia com o auge das importações de máquinas e equipamentos industriais, a Mihanovich seguiu aprovendo seu estaleiro com novas máquinas, motores e ferramentas. Entre 1922 e 1929, período no qual a empresa desembolsou mais p\$ 70.416 em máquinas e ferramentas, os balanços publicados anualmente passaram a fornecer informações mais detalhadas sobre essas aquisições. Foram compradas novas máquinas fresadoras, rosqueadeiras, aplanadoras, dobradeiras, puncionadeiras, escareadoras, soldas, furadeiras radiais e um martelo hidráulico. Foram incorporados também ao estaleiro muitos motores elétricos, totalizando um acréscimo de mais de 400 c.v. de potência, um número que deve estar muito distante da potência realmente instalada, uma vez que não possuímos qualquer informação mais precisa sobre as máquinas compradas entre 1918 e 1921. A maioria das que foram inventariadas a partir de 1922, e que possuíam motores elétricos, tampouco teve qualquer informação sobre suas potências registrada. Por fim, os balanços registraram a aquisição de um sem número de ferramentas como folhes, furadeiras manuais elétricas, máquinas para costura de velas, puncionadeiras e martelos pneumáticos.

⁵⁵² THE ARGENTINE NAVIGATION COMPANY (Nicolas Mihanovich). *Balance Sheet and Revenue Account as at 31st. December, 1918*. Buenos Aires, 1919, p. 24-25 e 96. A partir de agora, BSRA, seguido do ano de sua publicação.

⁵⁵³ BSRA, 1921, p. 52-55 e 59-61; BSRA, 1922, p. 36-38 e 43.

Tabela 4.1 – Aquisição e instalação de novas máquinas e ferramentas, estaleiros *Mihanovich*, 1922-1929 (em pesos ouro)

Ano	p\$o
1922	3.996
1923	4.941
1924	16.149
1925	20.536
1926	3.440
1927	15.463
1928	2.426
1929	3.465

Fonte: elaboração própria com base em: BSRA, 1923, p. 29-32; BSRA, 1924, p. 33-35; BSRA, 1925, p. 46-47; BSRA, 1926, 27-31; BSRA, 1927, p. 26-29; BSRA, 1928, p. 33-36; BSRA, 1929, p. 34-36; BSRA, 1930, p. 36.

Outra informação relevante sobre as máquinas que os balanços nos oferecem diz respeito a origem destas. Das 46 máquinas, motores e equipamentos que pudemos rastrear a origem, 16 eram de origem britânica, 16 de origem estadunidense, seis de origem italiana, seis fabricados na Suíça, dois na Alemanha e um pelas próprias oficinas da Mihanovich⁵⁵⁴. As máquinas e equipamentos originários dos EUA e da Grã-Bretanha diferiam, contudo, por sua natureza. As máquinas-ferramentas eram predominantemente britânicas, enquanto os equipamentos elétricos, estadunidenses.

4.2. O Cavalo de Tróia: martelos pneumáticos e a greve dos trabalhadores

Não foi possível identificar precisamente quando foram adquiridos os martelos pneumáticos usados no estaleiro da Mihanovich. Contudo, foi em dezembro de 1926 que o então diretor de oficina, o engenheiro Carlos Haymes, um ex-capataz e inspetor de máquinas, que havia ingressado na empresa em 1919, mandou que fossem afixados em todo o estaleiro cartazes que anunciavam novas normas de produção. Os rebitadores teriam de aumentar de 250 para 350 o número de rebites de cinco oitavos de polegadas colocados diariamente. Aqueles que não cumprissem as novas metas seriam demitidos.

⁵⁵⁴ As máquinas britânicas foram produzidas pelas seguintes fabricantes: Craven and Speeding Brothers, Craig & Donald, John Hetherington & Sons, Hulse & Co., Equipment Engineering Co. Ltd., Joshua Buckston & Co. Ltd., Armstrong-Whitworth Co., Hackney Marshes National Projectile Factory, London Brothers Co., Selson Engineering, Rhodes Motors e James Keith & Blackman. As estadunidenses: Singer, General Electric Co., Thomson-Houston Electric Co., The National Agency Co., Barnes Drill Co., Warner & Swasey Co. e Ingersoll Rand. As italianas: Ercole Marelli e Ansaldo-San Giorgio. As suíças e alemãs: Brown, Boveri & Cie e Siemens, respectivamente.

Frente a essa novidade, os trabalhadores do estaleiro organizaram uma comissão que visitou Haymes na manhã do dia 17 de dezembro para exigir satisfações sobre o novo regime de trabalho. Segundo a matéria do *La Vanguardia* do dia 21 de dezembro, um acordo que durava há mais de 20 anos havia estabelecido o número de 250 rebites diários. Para os trabalhadores da oficina, continuava o texto, os novos parâmetros de produção não só eram humanamente impossíveis de serem atingidos, como também eram um problema em relação aos outros estaleiros que trabalhavam conforme o acordado⁵⁵⁵. Para a FOCNav, a única intenção por parte da empresa era diminuir o número de operários. Em letras garrafais, a publicação da USA, o *Bandera Proletaria*, denunciava que as máquinas haviam sido introduzidas “NÃO COM O FIM DE ECONOMIZAR ESFORÇOS DOS TRABALHADORES, MAS COM O PROPÓSITO DE BENEFICIAR O CAPITALISMO”⁵⁵⁶. Um texto publicado na edição do *La Protesta* de 22 de dezembro afirmava ironicamente que “O curioso do caso é que a companhia assegura que adquiriu essas máquinas para aliviar a sorte dos trabalhadores, algo assim como movida por compaixão”⁵⁵⁷. A paralisação, que se iniciou na mesma manhã em que os trabalhadores se reuniram com Haymes, logo se generalizou por todas as seções do estaleiro, em resposta à contratação de *crumiros* (fura-greves). No dia 18 de dezembro, a totalidade dos operários do estaleiro (entre 800 e 850 trabalhadores) estava em greve.

Frente à acusação feita pela imprensa comercial de que os grevistas eram “reacionários” por se oporem ao desenvolvimento técnico, o *Bandera Proletaria*, em editorial publicado no dia 25 de dezembro⁵⁵⁸, preocupou-se em refutar a ideia de que a greve representaria um ataque ao desenvolvimento tecnológico. Os editores não desconheciam esse tipo de acusação. Ao contrário, como pudemos ver, entre muitos trabalhadores que foram afetados pela mecanização e pelas transformações operadas nos processos de trabalho ao longo da década de 1920, era constante a preocupação em demonstrar que as reivindicações e reclamações dos operários não constituíam uma afronta ao progresso técnico. Nesse sentido, o texto do *Bandera Proletaria* afirmava que, se era verdade que no alvorecer do capitalismo os trabalhadores viram nas máquinas uma inimiga, “[...] bem pronto aceitaram que essa manifestação do pensamento [a mecânica] poderia chegar a constituir a felicidade dos povos”. Os construtores navais, prosseguia o texto, “[...] reconhecem que a maquinaria é o sistema de trabalho do futuro”, mas

⁵⁵⁵ LA HUELGA em los talleres de la compañía Mihanovich. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 21 dez. 1926.

⁵⁵⁶ LA FEDERACIÓN de Obreros en Construcciones Navales se encuentra en conflicto con Mihanovich. *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 25 dez. 1926.

⁵⁵⁷ EL TRABAJO mecánico – En los astilleros de la compañía Mihanovich se produjo un conflicto huelguístico a causa de una remachadora. *La Protesta*, Buenos Aires, 22 dez. 1926.

⁵⁵⁸ CONSTRUCCIÓN Naval – La huelga presente. *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 25 dez. 1926.

também sabem muito bem que a aplicação das máquinas no capitalismo “[...] não tem outro objetivo que o de multiplicar os lucros e as fortunas”.

Como resposta à paralisação generalizada no estaleiro da *Mihanovich*, Carlos Haymes conseguiu que o escritório da empresa autorizasse o *lockout* do estaleiro por 15 dias e, caso ao fim desse prazo o conflito não houvesse se resolvido, o diretor tinha permissão para efetuar a chamada “reorganização do pessoal” da firma⁵⁵⁹. Tal ação provocou a fúria dos trabalhadores, que, em assembleia no dia 30 de dezembro, desobedecendo a recomendação da direção FOCNav, aprovaram o boicote de todas as oficinas e estaleiros aos barcos da *Mihanovich*⁵⁶⁰.

A empresa, ao mesmo tempo que anunciava a reabertura do estaleiro para o dia 10 de janeiro, organizava junto à Asociación del Trabajo o recrutamento de *crumiros*, em uma biblioteca na Rua Suárez, entre a Avenida Almirante Brown e a Rua Necochea, a poucos passos da sede da FOCNav⁵⁶¹. No dia anunciado, o estaleiro foi reaberto e, dos poucos trabalhadores que se arriscaram a trabalhar, quase nenhum era filiado à FOCNav. O *La Vanguardia* fazia troça dos trabalhadores que foram recrutados na hospedaria dos imigrantes e que “[...] nem sequer falam o idioma nacional, muito menos têm prática nos trabalhos”⁵⁶². O *Bandera Proletaria*, por sua vez, também chamava a atenção para a falta de qualificação técnica dos trabalhadores, mas, ao invés da troça, acalentava que “[...] à medida com que vão se inteirando sobre sua função, deixam de trabalhar”. Para enfrentar esse problema, a FOCNav fez um panfleto em três idiomas que foram distribuídos na região. Nesses panfletos, os “[...] Irmãos, que desde longe vêm surcando mares, em busca de liberdade e melhores condições de vida”, eram chamados a não contribuírem com a tirania capitalista da *Mihanovich*, que era da mesma espécie de tirania que havia os expulsado de seus países⁵⁶³.

Eram tempos difíceis no porto e os trabalhadores dali ainda pagavam o preço por terem exercido um importante papel ao longo da onda de greves de 1917-1921. A Federación Obrera Marítima (FOM), cuja solidariedade, intervenção frente ao governo nacional e liderança moral

⁵⁵⁹ DODERO, Luís. *La navegación en la cuenca del Plata y sus propulsores*. Buenos Aires: Guere, 1961, p. 123; e SE MANTIENE en todo su vigor la huelga de los trabajadores de la compañía Mihanovich. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 22 dez. 1926.

⁵⁶⁰ LOS TRABAJADORES em huelga de los talleres de Mihanovich celebraron anoche una asamblea. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 31 dez. 1926.

⁵⁶¹ LA HUELGA del personal de los astilleros de Mihanovich no ha sufrido variación. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 jan. 1927; e UNA HUELGA en los talleres navales de Avellaneda de la Compañía Argentina de Navegación “Nicolás Mihanovich, Limitada”. *Boletín de Servicios de la Asociación del Trabajo*, Buenos Aires, n. 168, ano VIII, 20 jan. 1927, p. 26.

⁵⁶² DODERO, Luís. *La navegación en la cuenca del Plata y sus propulsores*. Buenos Aires: Guere, 1961, p. 123; e LOS CARTELES patronales demuestran la intensidad del conflicto em los talleres Mianovich. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 13 jan. 1927.

⁵⁶³ LA HUELGA en los talleres Mihanovich continúa con toda intensidad y entusiasmo. *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 15 jan. 1927.

foram cruciais para a vitória de muitas greves ocorridas naquele período, encontrava-se em um processo profundo de reorganização, em decorrência da retumbante derrota sofrida após a Greve Geral de junho de 1921. Mesmo com os marítimos anulados, o receio dos empresários vinculados ao transporte marítimo e fluvial de que algo parecido com os agitados anos do fim da guerra voltasse a acontecer no porto, coadunado com a guinada conservadora que representou o governo Alvear⁵⁶⁴, explica a nomeação do fundador da protofascista Liga Patriótica Argentina, o Almirante Domecq García, como Ministro da Marinha. Sob o comando de García, a Prefeitura Geral do Porto, órgão fundamental na regulação da relação entre trabalhadores, Poder Executivo e empresários do ramo⁵⁶⁵, foi ocupada pelo Contra-Almirante Ricardo Irineo Hermelo. “La Foca”, como era conhecido o oficial da marinha por seus longos bigodes e cara redonda, cumpriu com zelo e firmeza a missão de organizar os *crumiros* e de perseguir e reprimir os grevistas⁵⁶⁶.

No dia 14 de janeiro, foram presos Juan Arias, secretário da FOCNav, e Juan Biondi, irmão de Atílio Biondi, ativo militante do sindicato dos *caldereros*. As dificuldades em conduzir o conflito não pararam de aparecer para os trabalhadores grevistas ao longo do mês de janeiro. Frente à recusa do frigorífico Anglo, de Avellaneda, em solidariedade à Mihanovich, de contratar os trabalhadores envolvidos no conflito – a busca por parte dos trabalhadores de outros empregos durante um conflito era uma tática recorrente para a condução das greves do período –, a direção da FOCNav aprovou com enorme dificuldade, em assembleia, uma ajuda financeira quinzenal aos grevistas⁵⁶⁷.

Uma semana depois, um evento levaria o conflito para as primeiras páginas dos principais jornais do país. Na madrugada do dia 26 de janeiro, uma bomba explodiu na frente da casa do Contra-Almirante Hermelo. A explosão, que destruiu uma sacada e provocou pequenos danos em casas vizinhas, não feriu ninguém. O *La Nación* prontamente atribuiu o atentado ao fato de a prefeitura de Hermelo ter colocado “ordem” no porto, relegando ao

⁵⁶⁴ BERTONI, Lilia Ana. Las transformaciones del partido y sus luchas políticas. In: ROMERO, Luis Alberto (Org.). *El Radicalismo*. Buenos Aires: CEPE, 1974, p. 104-105; ALONSO, Beatriz. *La presidencia de Alvear*. Buenos Aires: CEAL, 1986, p. 10-11, 25-41; PERSELLO, Ana Virginia. *Historia del Radicalismo*. Buenos Aires: EDHASA, 2007, p. 85.

⁵⁶⁵ CARUSO, Laura. *Embarcados: los trabajadores marítimos y la vida a bordo*. Sindicato, empresas y Estado en el puerto de Buenos Aires. San Martín: Imago Mundi, 2016, p. 76 e 254.

⁵⁶⁶ LA HUELGA en los talleres Mihanovich terminara con el triunfo de los obreros. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15 jan. 1927. O Contra-Almirante ainda se tornaria Chefe de Polícia da ditadura do General Uriburu (1930-1932). O uso da Marinha para repressão política transformou-se em uma tradição familiar. Um de seus filhos foi interventor no Território de Neuquén durante a ditadura do General Aramburu (1955-1958) e um de seus netos foi acusado de ser torturador na famosa *Escuela Mecánica de la Armada*, durante a última ditadura militar (1976-1982).

⁵⁶⁷ LA FEDERACIÓN en Construcciones Navales celebró anoche una importante asamblea. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 20 jan. 1927.

passado o período em que as organizações operárias “mandavam” ali. Em declaração anotada pelo diário, Hermelo afirmou que “[...] O atentado é, pura e simplesmente, obra de despeitados, a quem a autoridade portuária os fez fracassar rotundamente em todas as suas pretensões”. Na mesma noite, policiais invadiram as sedes da FOCNav e da FOM, levando presos mais de 80 trabalhadores que se encontravam nesses locais⁵⁶⁸. A intervenção dos deputados do Partido Socialista levou à libertação dos presos no mesmo dia. Por fim, a ação da polícia contra os trabalhadores provocou apenas algumas notas de solidariedade por parte de outras organizações⁵⁶⁹. Após uma última notícia de destaque, no dia 11 de fevereiro, informando que os trabalhadores da Mihanovich decidiram dar segmento à greve, o *La Vanguardia* não fez mais menções ao conflito⁵⁷⁰. A Mihanovich derrotou seus trabalhadores.

A companhia e, principalmente, sua *alma mater*, Don Nicolás, sempre se destacaram pelas péssimas relações com o movimento sindical. Segundo Laura Caruso,

A confrontação e a intransigência ante as demandas dos trabalhadores e a ausência total de políticas de aproximação às organizações operárias caracterizaram essa companhia. Por outro lado, Mihanovich protagonizou uma multiplicidade de ações e práticas tendentes a reforçar o poder patronal e a desarticular as organizações operárias⁵⁷¹.

A empresa e a sua figura de proa foram peças fundamentais na consolidação das organizações patronais, não apenas do setor, mas também daquelas que procuraram o enfrentamento direto ao crescente poder dos sindicatos no início do século XX. Assim, o uso massivo de fura-greves, a distribuição de panfletos apócrifos, o apelo e a gestão ante o governo nacional (seja por meio da Prefeitura do Porto, da Marinha, Polícia e Ministérios), os *lockouts*, o suborno das direções sindicais, a organização da violência direta, ou seja, todas as tecnologias e técnicas de repressão ao movimento sindical usadas no porto de Buenos Aires tiveram na Mihanovich mais que uma entusiasta, uma verdadeira pioneira.

Em relação aos construtores navais, mesmo com todo poder que esses trabalhadores tinham, a situação não era diferente. Torcuato Di Tella destaca como, nas primeiras décadas do século XX, apesar de toda a organização desses trabalhadores – ou justamente por causa disso –, os construtores navais tiveram de conviver permanentemente com “[...] surtos de corrupção

⁵⁶⁸ EN EL DOMICILIO del prefecto general de puerto fué colocada una bomba. *La Nación*, Buenos Aires, 27 jan. 1927, p. 8.

⁵⁶⁹ SOLIDARIEDAD con los constructores navales. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 01 fev. 1927.

⁵⁷⁰ OBREROS de la Construcción Naval celebraron anoche una entusiasta asamblea. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 11 fev. 1927.

⁵⁷¹ CARUSO, Laura. *Embarcados: los trabajadores marítimos y la vida a bordo. Sindicato, empresas y Estado en el puerto de Buenos Aires*. San Martín: Imago Mundi, 2016, p. 64.

e gangsterismo, fundamentalmente estimulados pelas patronais”. E o principal destaque nesse quesito eram os próprios estaleiros da Mihanovich. O antigo gerente dessa oficina, “Don Carlos” Lavarello, era escudado por dois assistentes, Pepe Bossio (“*El barberito*”) e Pepe Basta (“*El Carnero*”), responsáveis tanto por organizar festas regadas à álcool vagabundo como por outros serviços. Lavarello e seus asseclas foram expulsos da empresa durante a onda de greves no ano de 1919, em decorrência dos protestos dos construtores navais e como uma tentativa dos irmãos Doderó de reformular as políticas da empresa com relação aos seus funcionários⁵⁷².

Passados pouco mais de três meses do início da greve dos caldereros, o engenheiro Haymes podia se reportar orgulhoso aos seus superiores. O estaleiro não só havia superado a nova marca de 350 rebites diários, como havia reduzido o pessoal de 800 para 650 operários. Em suas memórias, Doderó encerra esse capítulo celebrando o fato de o estaleiro não ter sido palco de nenhuma outra greve até o ano de 1941⁵⁷³. De “Don Carlos” Lavarello e seus capangas, chegamos ao engenheiro Carlos Haymes e suas máquinas e ferramentas. Sem renunciar aos capangas.

Podemos afirmar que o engenheiro, mais que um “mestre das máquinas”, foi um manipulador das relações econômicas – ou um eficiente delegado da polícia econômica. Não pudemos encontrar muitas informações sobre a trajetória pregressa ou posterior do engenheiro Haymes, além do que foi publicado pela imprensa operária na época do conflito e nas memórias de Doderó⁵⁷⁴. Muito provavelmente, ele foi um dos tantos “curandeiros mecânicos” alçados ao posto de engenheiro que os “evangelistas” tanto odiavam. Haymes foi lembrado por seu chefe pela sua habilidade em anular o elemento subjetivo do trabalho no estaleiro. Sua grande “inovação técnica” foi ter possibilitado que, em apenas três meses, fosse destruído um equilíbrio de poder que perdurou por mais de 20 anos. Se os rebitadores da Mihanovich se recusavam a participar da “paz social” dos anos 1920, o engenheiro Haymes os obrigariam a fazê-lo.

4.3. Os feudos: a instalação das montadoras de carro estadunidenses na Argentina

Tão logo o Tratado de Versalhes foi assinado, as fabricantes de automóveis estadunidenses, sobretudo a Ford e a General Motors, iniciaram uma das décadas mais prósperas de suas histórias, impulsionadas principalmente pela expansão de seus negócios ao

⁵⁷² DI TELLA, Torcuato S. *Perón y los sindicatos: el inicio de una relación conflictiva*. Buenos Aires: Ariel, 2003, p. 260-261.

⁵⁷³ DODERO, Luís. *La navegación en la cuenca del Plata y sus propulsores*. Buenos Aires: Guere, 1961, p. 130.

⁵⁷⁴ Carlos Haymes aparece como responsável por doar as carrancas de proa que iniciaram a famosa coleção desses artefatos de Benito Quinquela Martín. MELGAREJO, Paola. *Las colecciones del Museo Benito Quinquela Martín*. Esculturas. Buenos Aires: Fundación OSDE, 2015, p. 64-65.

redor do globo⁵⁷⁵. Em uma pesquisa publicada no ano de 1931 sobre a trajetória da indústria automobilística estadunidense durante a década de 1920, o professor da Escola de Negócios da Universidade de Michigan, Dudley Maynard Phelps, afirmava:

A totalidade do crescimento da indústria automobilística americana desde 1923 deve ser atribuído aos negócios de exportação. As aquisições no mercado interno não aumentaram desde então, mas o volume de produtos automotivos [estadunidenses] consumidos no exterior aumentou rapidamente de um ponto de vista absoluto, de um ponto de vista relativo à produção total da indústria e como parte de nosso total de exportação de manufaturados⁵⁷⁶.

O incipiente e promissor mercado de automóveis ao redor do mundo, cuja hegemonia estadunidense já era visível antes de 1914, foi outro dos tantos vazios deixados pelas potências europeias em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Pioneira nos negócios de exportação de automotores, a Ford se aproveitou da guerra como um trampolim para concluir sua invasão aos mercados europeus e avançar sobre tantos outros. Como um desdobramento dessa expansão comercial, a Ford passou a instalar fábricas montadoras em seus principais mercados ao redor do mundo⁵⁷⁷.

Em linhas gerais, as fábricas montadoras da Ford no exterior viveram com diferente intensidade duas fases durante a década de 1920. Em sua primeira fase, que correspondeu ao período entre o fim da Primeira Guerra e o auge das vendas no exterior, em 1925, essas fábricas floresceram, principalmente em decorrência da fraca competição e da revolução provocada pelo advento do modelo T. Nesse sentido, o ano de 1919 foi um marco para a Ford, uma vez que suas vendas no exterior ultrapassaram pela primeira vez a marca dos cem mil automóveis vendidos⁵⁷⁸. Nem mesmo a grande depressão de 1920-1921 e a consequente retração da demanda europeia conseguiram frear o crescimento da empresa no exterior. Segundo reportagem publicada pelo jornal quinzenal da empresa, em sua edição de 15 de março de 1921, “[...] Durante os onze primeiros meses de 1920, o valor dos caminhões exportados pelos Estados Unidos para vários países não-europeus aumentou de quase quatro milhões de dólares para quase seis milhões de dólares. Já em relação ao valor dos automóveis exportados a partir dos EUA, o crescimento foi maior ainda”. No texto, Buenos Aires recebeu um tratamento à parte.

⁵⁷⁵ HILL, Frank E.; WILKINS, Mira. *American Business Abroad: Ford on Six Continents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 (1964), p. 89-90.

⁵⁷⁶ PHELPS, Maynard D. Effect of the Foreign Market on the Growth and stability of the American Automobile Industry. *Michigan Business Studies*, v. III, n. 5, out. 1931, p. 553.

⁵⁷⁷ HILL, Frank E.; NEVINS, Allan. *Ford: Expansion and Challenge, 1915-1933*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1957, p. 355.

⁵⁷⁸ *Ibidem*, p. 356-357.

Naquele mesmo período, o valor dos embarques com destino à cidade ultrapassou a marca dos cinco milhões de dólares⁵⁷⁹. Em 1923, uma conferência realizada em Detroit celebrou essa nova situação: nos anos anteriores, as vendas no exterior tinham ultrapassado a marca dos cem milhões de dólares, absorvendo quase 10% da produção total de veículos da Ford⁵⁸⁰. Estimulada por esses resultados, a empresa fincou sua bandeira em mais de 50 países ao longo de toda a década de 1920, sendo o ano de 1925 o pico desse movimento. Naquele ano, além dos carros importados já montados, as fábricas instaladas no exterior entregaram aos seus revendedores 195.087 automóveis e 28.652 tratores, sendo a filial argentina responsável por gerar sozinha seis milhões de dólares de lucro. Na segunda metade da década de 1920, o país sul-americano transformou-se no maior mercado estrangeiro da empresa, excluindo-se o Canadá⁵⁸¹.

Em um segundo momento, entre os anos de 1925 e 1930, a empresa e suas sucursais estrangeiras passaram a enfrentar dificuldades provocadas pelo acirramento da competição doméstica e internacional. Nos Estados Unidos, por exemplo, se em 1920 existiam apenas dois modelos de automóveis que custavam menos de US\$1,000 – entre eles o modelo T –, em 1926, era possível encontrar até cinco modelos nessa faixa de preço produzidos por diferentes montadoras⁵⁸². No caso dos países periféricos, como a Argentina e o Brasil, a Ford passou a compartilhar o mercado com outras empresas estadunidenses, principalmente com a General Motors⁵⁸³. Já nos países europeus industrializados, como na França, Grã-Bretanha, Itália e Alemanha, a competição foi muito mais acirrada, uma vez que, além das empresas conterrâneas, a Ford teve de enfrentar fabricantes de automóveis locais como a Citroën, a Renault, a Fiat e a Adam Opel A.G, cujo crescimento foi impulsionado tanto por medidas protecionistas como pela incorporação dos modernos métodos de produção criados pela indústria estadunidense⁵⁸⁴. A produção das empresas europeias de automóveis durante a década de 1920 atingiu o seu máximo no ano de 1929, quando 497.756 carros foram produzidos, um número 311% maior que o do ano de 1921⁵⁸⁵.

⁵⁷⁹ FOREIGN Demand for American Autos is Big Feature of 1920. *Ford News*, v. I, n. 10, 15 mar. 1921, p. 4.

⁵⁸⁰ HILL, Frank E.; WILKINS, Mira. *American Business Abroad: Ford on Six Continents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 (1964), p. 136.

⁵⁸¹ Ibidem, p. 149-151.

⁵⁸² Ibidem, p. 154.

⁵⁸³ Em 1930, além da Ford e da General Motors, também montavam seus carros na cidade de Buenos Aires a Chrysler, a Hupmobile, a Hudson Motor Car e a Nash Motors.

⁵⁸⁴ HILL, Frank E.; NEVINS, Allan. *Ford: Expansion and Challenge, 1915-1933*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1957, p. 370.

⁵⁸⁵ PHELPS, Maynard D. Effect of the Foreign Market on the Growth and stability of the American Automobile Industry. *Michigan Business Studies*, v. III, n. 5, out. 1931, p. 728.

Nesse contexto de expansão e acirramento da competição, as fábricas montadoras estadunidenses instaladas em outros países adquiriram uma enorme importância para a atuação dessas empresas nos mercados estrangeiros. Das 150 empresas construtoras de automóveis que existiam nos EUA durante a década de 1920, cerca de metade delas exportavam. Contudo, apenas oito possuíam fábricas montadoras em outros países. Essas fábricas, que em 1920 eram responsáveis por apenas 11% das vendas no exterior, em 1927, já eram responsáveis por 41,8% destas, atingindo sua participação máxima em 1930, quando os carros montados nas sucursais estrangeiras chegaram a 63% das vendas totais feitas no exterior. Ao mesmo tempo, a participação dos produtos automotivos no valor total das exportações de produtos manufaturados e semimanufaturados estadunidenses passou de 4%, em 1921, para 16,5%, em 1929⁵⁸⁶.

A Ford e a General Motors eram as duas empresas que lideravam esse processo de expansão em mercados estrangeiros e possuíam, ao fim da década de 1920, um total de 32 fábricas montadoras de automóveis fora dos Estados Unidos e do Canadá. Além de Buenos Aires, as fábricas montadoras da Ford estavam instaladas em Antuérpia (Bélgica), Asnières-sur-Seine (França), Barcelona (Espanha), Berlim (Alemanha), Copenhague (Dinamarca), Manchester (Inglaterra), Cidade do México (México), Cork (Irlanda), Istambul (Turquia), Rio de Janeiro e São Paulo (Brasil), Santiago (Chile) e Yokohama (Japão). Com as exceções de Manchester e Copenhague, onde a Ford podia contar com fundições e metalúrgicas locais para a fabricação de muitas das peças usadas em seus automóveis, as fábricas montadoras no exterior dependiam de um sofisticado sistema de distribuição desenvolvido ao longo da década de 1920. Para tanto, a empresa chegou a contar com três navios de carga transatlânticos. O SS Onondaga, por exemplo, um navio a vapor de 80 metros de comprimento e 3.800 toneladas, lançado em 1924, tinha capacidade para transportar 1.500 carros, 150 tratores e milhares de peças para montagem, e havia sido construído especialmente para operar uma linha entre as fábricas de Highland Park e do Rio Rouge, em Detroit, e os portos da América do Sul⁵⁸⁷. Os componentes de automóveis fabricados em Detroit e transportados por esses navios eram rigorosamente classificados e acondicionados nos navios da empresa, uma vez que, dependendo da peça que fosse extraviada durante o transporte, a impossibilidade de encontrar repostos locais poderia paralisar toda a linha de montagem. Por fim, deve-se ressaltar que a maior parte das fábricas da

⁵⁸⁶ PHELPS, Maynard D. Effect of the Foreign Market on the Growth and stability of the American Automobile Industry. *Michigan Business Studies*, v. III, n. 5, out. 1931, p. 566 e 659.

⁵⁸⁷ TWO Ford Freighters to Enter Ocean Service – Oneida and Onondaga Sail for Atlantic as New Export and Coastwise Shipping Links. *Ford News*, Dearborn, v. V, n. 1, 01 nov. 1924, p. 1.

Ford no exterior, após receberem recursos da matriz para sua instalação e início de suas operações, financiavam todas as compras de novas máquinas e eventuais expansões por meio dos seus próprios lucros⁵⁸⁸.

A General Motors, por sua vez, apesar de já possuir um setor de exportações desde 1911 (a General Motors Export Company), apenas conseguiu se organizar de maneira eficiente para atuar no mercado exterior após a crise de 1920-1921. Adotando uma política agressiva de expansão – suas sucursais estrangeiras eram constantemente inundadas de recursos pela matriz em busca de novos mercados –, a empresa tinha como principal objetivo estratégico alcançar a Ford⁵⁸⁹. De tal modo, a partir de 1921, iniciou-se um robusto crescimento de suas vendas no exterior, impulsionado pela instalação de escritórios comerciais, cujo ritmo foi acelerado pela construção de fábricas montadoras em diversos países a partir dos chamados “Planos para exportações”, iniciados entre 1924 e 1925. Para James Mooney, diretor da divisão internacional da General Motors, de 1922 a 1940, o primeiro objetivo do programa de internacionalização era “[...] incrementar o volume da General Motors nos mercados exportadores do mundo [...]” e promover “[...] a intensificação da organização das operações de venda ao ponto de atingir uma eficiência permanente, sob a qual um crescente volume e prosperidade pudessem ser garantidos automaticamente”⁵⁹⁰. Segundo o periódico mensal publicado pela divisão de exportações da empresa, se em 1921 a General Motors não chegava a vender 20.000 unidades no exterior, em 1928, essas vendas já ultrapassavam as 280.000 unidades⁵⁹¹. Naquele ano, além de Buenos Aires, os carros da General Motors eram montados em Copenhague (Dinamarca), São Paulo (Brasil), Alexandria (Egito), Berlim (Alemanha), Osaka (Japão), Madri (Espanha), Antuérpia (Bélgica), Londres (Inglaterra), Sidney, Perth, Adelaide, Melbourne e Brisbane (Austrália), Wellington (Nova Zelândia), Paris (França), Montevidéu (Uruguai) e Porto Elisabeth (África do Sul).

Uma importante diferença entre a atuação da General Motors e da Ford no exterior era a preocupação da primeira em comprar e produzir localmente o máximo de componentes possíveis, economizando ainda mais nos custos de transporte e buscando produzir uma imagem mais simpática nos diferentes mercados em que se instalava⁵⁹². Em outro trabalho de Maynard

⁵⁸⁸ HILL, Frank E.; WILKINS, Mira. *American Business Abroad: Ford on Six Continents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 (1964), p. 110, 152-153.

⁵⁸⁹ Ibidem, p. 110.

⁵⁹⁰ MOONEY, James. The Export Program for the Year 1927. *General Motors World*, New York, v. V, n. 12, dez. 1926.

⁵⁹¹ MOONEY, James. The Export Program for the Year 1928. *General Motors World*, New York, v. VI, n. 12, dez. 1927; WREN, Daniel A. James D. Mooney and General Motors Multinational Operations, 1922-1940. *The Business History Review*, v. 87, n. 3, Outono 2013, p. 536.

⁵⁹² Ibidem, p. 526-527.

Phelps, dedicado ao estudo da expansão das indústrias estadunidenses durante a década de 1920 na Argentina, Brasil e Chile, processo que ele chamou de “imigração da indústria americana para a América do Sul”, a General Motors e a Ford foram classificadas em duas categorias diferentes de indústrias pelo tipo de atividade manufatureira desenvolvida na região. Para o autor, a *General Motors* deveria ser classificada entre aquelas empresas cuja atividade manufatureira resumia-se à “Produção de alguns componentes, importação de outros e montagem na fábrica”, enquanto a Ford, entre aquelas que realizavam apenas a “Montagem de componentes importados”. Isso não significa que se deva menosprezar a importância do processo de montagem dos automóveis, uma vez que, segundo os cálculos de Phelps, naquela época, cerca de 25% do valor dos veículos advinha desse processo⁵⁹³.

Alguns exemplos ilustrativos da atuação da General Motors neste sentido podem ser vistos em uma carta escrita pelo gerente-geral de manufaturas da empresa, M. F. Lawrence, endereçada à W. C. Brumble, por ocasião de sua viagem em julho de 1927 para inspecionar as fábricas no continente sul-americano. Há nesse documento uma série de sugestões e instruções da matriz para suas sucursais. Entre as diversas missões que Brumble deveria executar, deve-se destacar a busca de fornecedores locais de couro para a fabricação de estofado para os automóveis, além da elaboração de estudos para que as fábricas de Buenos Aires e São Paulo passassem a produzir carrocerias de diversos modelos, “[...] Uma vez que já está provado que nós podemos construir carrocerias de qualidade em nossas próprias oficinas [na região] a um preço razoável”, ou seja, a um custo menor que o da importação. Em Buenos Aires, onde boa parte das carrocerias de caminhões e ônibus eram fornecidas por fabricantes locais, tais medidas deveriam ser levadas em conta mesmo que a fábrica da General Motors na cidade ainda não tivesse espaço suficiente para organizar sua produção⁵⁹⁴. Em outro documento interno da empresa, uma espécie de manual de políticas a serem adotadas pelas sucursais estrangeiras, elaborado em uma conferência realizada no estado da Pensilvânia durante o inverno de 1929, o gerente de vendas do setor de exportações, Harry Tipper, afirmava que naquela reunião havia sido deliberado que “[...] a compra local em um território é justificável caso nós não tenhamos condições de comercializar o artigo importado com o local de maneira competitiva”⁵⁹⁵.

⁵⁹³ PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936. Para a definição dos diferentes tipos de atividades manufatureiras desenvolvidas pelas indústrias estadunidenses na América do Sul e o peso do processo de montagem no preço dos automóveis, ver páginas 18 e 19. Já para classificação das duas empresas, ver o Apêndice II, na página 329.

⁵⁹⁴ LAWRENCE, M.F. *SOUTH America Trip*. Carta para W.C. Brumble. Nova York, 11 jul. 1927. General Motors Heritage Center: Argentina File: 1 carta, p. 5-6.

⁵⁹⁵ V.A. *Managing Director's Conference Review and Digest*. General Motors Heritage Center. Nova York: General Motors Export Division, 15 jul. 1929, p. 96.

Especificamente em relação à Argentina, a instalação das fábricas montadoras de automóveis estadunidenses a partir da Primeira Guerra não só foi o desdobramento da combinação entre as especificidades do processo de acumulação de capital do período nos EUA e na Argentina, como também, o resultado de uma pretérita e bem-sucedida penetração comercial dessas empresas naquele país, recebendo a montagem local de automóveis um estímulo a mais após a atualização das tarifas aduaneiras de 1923. Além dos automotores desmontados possibilitarem uma substancial economia com o frete – 26 automotores desmontados, ou *Completely Knocked Down* (CKD), ocupavam o mesmo espaço que sete ou oito carros montados⁵⁹⁶ –, os impostos cobrados a partir de então sobre a importação de peças e chassis para serem montados no país fizeram com que o preço dos carros e caminhões importados já montados fosse, ao longo da década de 1920, até 50% mais caros que os montados localmente⁵⁹⁷.

A Ford lançou mão na Argentina de uma estratégia utilizada em outros países, que basicamente era composta por duas etapas que se sucediam conforme o mercado de automotores ia se viabilizando, a saber, a montagem de uma rede de revendedores oficiais, sucedida pela instalação das fábricas montadoras. Os contratos assinados entre a Ford e seus revendedores na Argentina durante a década de 1910⁵⁹⁸ estipulavam uma compra inicial de um número específico de automóveis, além da aquisição obrigatória pelo período de duração dos contratos de um número mínimo de veículos por mês. Aos comerciantes eram designadas determinadas zonas onde cada um deles poderia vender os produtos e serviços da Ford. Caso fosse flagrado comercializando produtos de outras empresas ou em uma zona em que já existisse outro revendedor contratado, o agente seria descredenciado e obrigado a cobrir os prejuízos causados à empresa e aos outros comerciantes. As lojas deveriam possuir ao menos um Ford T para exibição e demonstração para os clientes. Os agentes também eram obrigados pelo contrato a manter uma ou mais oficinas mecânicas para reparação dos automóveis e, caso o pedido para a compra de um automóvel, peças de reposição ou solicitação de reparos e

⁵⁹⁶ RUBENSTEIN, James. *The Changing US autoindustry: a geographical analysis*. Londres e Nova York: Routledge, 1992, p. 54.

⁵⁹⁷ HERAS, Raúl García. *Automotores norteamericanos, caminos y modernización urbana en la Argentina, 1918-1939*. Buenos Aires: Libros de Hispanoamérica, 1985, p. 13. Em uma reportagem publicada no periódico do setor de exportações da General Motors sobre a fábrica de Buenos Aires, a montagem dos automóveis no país teria feito o preço no varejo do Chevrolet ter caído de p\$ 2.795 para p\$ 2.085. N. C. TUXBURY Tells About the Buenos Aires Assembly Plant. *General Motors World*, New York, v. IV, n. 9, set. 1925, p. 6. O mesmo efeito pode ser observado em outros países. PHELPS, Maynard D. Effect of the Foreign Market on the Growth and stability of the American Automobile Industry. *Michigan Business Studies*, v. III, n. 5, out. 1931, p. 616-635 e p. 665-664.

⁵⁹⁸ Para os contratos, ver: *Benson Ford Research Center: Collection: Dealers/Box: 66/ ACC 76: "Buenos Aires, dealers agréments"*, 1914-1915. *Benson Ford Research Center*.

consertos não fosse atendido em 90 dias, a Ford se dava o direito de designar outro comerciante para a região em questão.

Os contratos da Ford com revendedores na América Latina, mas principalmente na Argentina, foram iniciados por Ellis Hampton em um momento econômico extremamente delicado. Em meio aos reflexos da Guerra dos Balcãs de 1913 na economia mundial e o início da Grande Guerra, Hampton e sua rede de revendedores na Argentina conseguiram ampliar a venda de carros de 800 unidades, em 1914, para 1.455, em 1915. No ano seguinte, em decorrência do sucesso comercial da empresa no país sul-americano, a direção da Ford foi convencida a abrir a primeira montadora do continente em seu principal mercado, a cidade de Buenos Aires. Junto a uma equipe de técnicos estadunidenses, dinamarqueses, alemães e argentinos, Hampton adquiriu uma antiga fábrica de cigarros na rua Peru. Com encomendas vindas do Uruguai e do Chile, a filial argentina montou e vendeu, apenas no mês de dezembro de 1917, 1.280 automóveis, totalizando quase 7.000 unidades vendidas no ano – o dobro das vendas feitas pela Ford na França durante o mesmo período⁵⁹⁹.

Com poucos meses de funcionamento, o edifício da rua Peru se mostrou completamente inadequado para o volume de produção exigido pelo mercado que se projetava a partir de Buenos Aires. Apesar da diretoria da empresa ter aprovado a construção de uma nova fábrica na capital argentina em maio de 1917, as obras tiveram que esperar até o fim da guerra. Entre 1920 e 1921, em um terreno de quase 12.000 metros quadrados e com um investimento de mais de um milhão de pesos⁶⁰⁰, foi erguido um edifício de três pavimentos na rua Wenceslao Villafañe, às margens da Darsena Sur no bairro da Boca. Projetado por Albert Kahn, a obra foi supervisionada por B. R. Brown, ambos responsáveis pela fábrica de Highland Park, em Detroit, onde, em 1913, pela primeira vez na história, um automóvel foi produzido em uma linha de montagem⁶⁰¹. Diferentemente da improvisada fábrica na rua Peru, a planta da Boca foi construída “à imagem e semelhança” das fábricas mais modernas da empresa.

Como foi dito acima, entrando na disputa pelos mercados de “além-mar”, a partir de 1921, o programa de internacionalização das fábricas montadoras da General Motors teve início apenas em 1925. Contudo, apesar das diferenças de intensidade e velocidade em comparação com a expansão da Ford, a empresa seguiu um roteiro parecido: penetração comercial seguida pela instalação de fábricas montadoras, depois de consolidada sua posição no mercado em

⁵⁹⁹ HILL, Frank E.; WILKINS, Mira. *American Business Abroad: Ford on Six Continents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 (1964), p. 91-92.

⁶⁰⁰ *Collection: Foreign Branch Publicity Records/ Box: 1/ Ar 65-47: Buenos Aires Depreciable Assets, 1946, p. 2-6. Benson Ford Research Center.*

⁶⁰¹ HILL; WILKINS, op. cit., p. 94-95.

questão. Em relação à penetração comercial, a General Motors se beneficiou de diversas maneiras do esforço realizado pela Ford na construção e consolidação do mercado de automóveis na Argentina durante a década anterior. Entre elas, pela contratação do grande conhecedor do mercado sul-americano de automóveis, o já citado Ellis Hampton. Demitido da Ford em meio ao processo de reestruturação da empresa promovido por Henry Ford, após a crise de 1920 a 1921 – processo batizado por alguns dos ex-diretores da empresa de “prussianização” –, Hampton foi o responsável pela abertura do escritório comercial da General Motors na cidade de Buenos Aires, em 1922. Naquele ano, a empresa iniciou as operações de exportação para o país com base em uma rede de revendedores organizada pelo ex-funcionário da Ford, que em pouco tempo atingiu a marca das 2.000 unidades vendidas por ano⁶⁰². Em decorrência do êxito das vendas nos dois primeiros anos de atuação do escritório comercial, a empresa enviou a Buenos Aires, no mês de junho de 1924, Nathaniel C. Tuxbury, com a missão de organizar a construção de uma fábrica montadora. Nos sete meses de sua estadia, enquanto a fábrica era construída, Tuxbury ampliou ainda mais a rede de revendedores, que chegou a contar, ao fim daquele mesmo ano, com cerca de 400 representantes espalhados por todo o país. Em abril de 1925, quando o primeiro Chevrolet saiu montado da fábrica de três andares e 6.000 metros quadrados, localizada à rua Garay no bairro da Boca, a empresa já tinha registrado, só naquele mês, 2.000 pedidos. Ao fim do primeiro ano de funcionamento da fábrica, a General Motors havia montado e vendido na Argentina um total de 8.451 automóveis e caminhões⁶⁰³.

4.4. Os feudos: a consolidação e expansão das montadoras na Argentina ao longo da década de 1920

Notícias sobre a fábrica e outras atividades relativas à sucursal da Ford em Buenos Aires eram constantemente publicadas no periódico quinzenal da empresa ao longo da década de 1920. Na edição de 22 de janeiro de 1923, por exemplo, ao lado da seção que abria o jornal, intitulada *Motto*, que consistia em pequenas máximas atribuídas a Henry Ford sobre os mais variados assuntos, uma ilustração celebrando o crescimento da Ford ao redor do mundo dava especial destaque a Buenos Aires. O desenho, um globo terrestre circundado por carros e caminhões Ford, mostrava o Atlântico e os continentes europeu e americano. No meio do oceano, destacava-se o número de carros produzidos pela empresa no mundo todo no ano

⁶⁰² FLINK, James J. *The Automobile Age*. Cambridge: The MIT Press, 1990, p. 85-86.

⁶⁰³ N. C. TUXBURY Tells About the Buenos Aires Assembly Plant. *General Motors World*, New York, v. IV, n. 9, set. 1925, p. 6-7; e GENERAL Motors Argentina S.A. – The Fourth Assembly Plant Established Overseas Celebrates Its Ninth Birthday This Month. *General Motors World*, New York, v. XIV, n. 4, abr. 1934, p. 2-3.

anterior. Abaixo do globo, pode-se ler a seguinte frase: “Dia a dia, em todas as direções – o mundo está usando mais e mais carros da Ford”. Formando uma espécie de triângulo, apenas três cidades são destacadas no globo, a saber, Detroit, Manchester e Buenos Aires⁶⁰⁴. Era nessas duas cidades que estavam instaladas as principais fábricas montadoras da companhia fora dos EUA e do Canadá. Entre 1921 e 1930, dos 978.382 veículos automotores (sobretudo automóveis e caminhões) montados nas fábricas da Ford ao redor do mundo, a fábrica de Buenos Aires foi responsável por 17% deles, sendo superada apenas pela fábrica de Manchester, responsável pela montagem de 23% do total (ver Tabela 4.2).

Com poucos anos de funcionamento, a fábrica da rua Wenceslao Villafañe logo teve sua linha de produção ampliada e reequipada. Durante os anos de 1925 e 1926, com a incorporação de mais 7.000 metros quadrados de área construída, a fábrica adotava “[...] os projetos científicos de utilidade e aparência arquitetônica agradável que são requisitos padrão em todos os novos edifícios da Ford”⁶⁰⁵. Ao lado do edifício original de três andares, onde ficava a linha de montagem, foi construído um depósito para as peças e os componentes encaixotados trazidos de Detroit. Dois elevadores e um guindaste com capacidade para três toneladas eram usados para transportar os componentes e peças entre o depósito e a linha de montagem. No primeiro piso do edifício original, a linha de montagem foi estendida de 27 para 70 metros, possibilitando que os estoques de peças fossem alocados no ponto exato da linha em que elas eram utilizadas. A linha começava com a montagem da plataforma do chassi e, logo em seguida, eram instalados o sistema de freios e os amortecedores. Após realizar uma curva de noventa graus, na etapa seguinte eram incorporados à plataforma os eixos traseiro e dianteiro. A montagem do eixo traseiro era feita em uma pequena linha paralela que corria na direção contrária à principal. O chassi era então pintado e, em seguida, as rodas e travões dos freios eram montados. Depois de uma nova curva de noventa graus, o tanque de gasolina e óleo eram instalados e uma corrente transportadora aérea, cortando a oficina na perpendicular, trazia o motor do estoque para a linha de montagem. Após a instalação do motor, para-choques, radiador, volante e pneus eram montados nessa ordem e em seguida, a partir de uma abertura no teto, a carroceria era acoplada ao chassi. Por fim, a renovação da linha de montagem permitiu que todos os testes que garantiam a standardização dos automóveis pudessem ser feitos concomitantemente à

⁶⁰⁴ *Ford News*, Dearborn, v. II, n. 12, 22 jan. 1923, p. 2.

⁶⁰⁵ Para a descrição do funcionamento das novas instalações da fábrica, ver: SOUTH American Ford Plants Enlarged – Construction Under Way at Sao Paulo and Buenos Aires. *Ford News*, Dearborn, v. V, n. 2, 15 nov. 1924, p. 1; NEW Buildings and Improved Equipment for Buenos Aires. *Ford News*, Dearborn, v. VI, n. 7, 01 fev. 1926; mas, sobretudo, a planta da fábrica, que pode ser consultada em: *Benson Ford Research Center: Acc: 742/Box: 81*, “Branch: Buenos Aires, Argentina. 21 abr. 1930”.

Tabela 4.2 – Número de veículos automotores montados nas fábricas da Ford ao redor do mundo (com exceção do Canadá), 1921-1930

ANO	1921		1922		1923		1924		1925		1926		1927		1928		1929		1930	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
<i>Cidade</i>																				
<i>Antuérpia</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	25.206	19,1	15.022	11,0	9.110	8,6	3.328	5,1	3.702	12,2	14.689	9,6	15.735	10,6
<i>Asnieres</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	7.862	7,5	4.909	7,5	1.116	3,7	10.579	6,9	12.065	8,1
<i>Barcelona</i>	-	0,0	-	0,0	5.893	6,2	4.382	3,3	5.782	4,2	5.416	5,1	3.077	4,7	3.230	10,6	12.025	7,8	10.806	7,3
<i>Berlim</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	2.677	2,5	4.264	6,5	2.543	8,4	10.237	6,7	13.216	8,9
<i>Bordeaux</i>	2.078	4,8	10.548	15,3	12.934	13,5	16.161	12,3	24.239	17,8	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0
<i>Buenos Aires</i>	6.161	14,4	11.871	17,2	18.586	19,4	23.210	17,6	24.936	18,3	23.432	22,2	13.946	21,3	4.200	13,8	26.121	17,0	22.124	14,9
<i>Cadiz</i>	1.375	3,2	5.331	7,7	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0
<i>Cidade do México</i>		0,0		0,0		0,0		0,0		0,0	1.527	1,4	2.679	4,1	1.079	3,5	4.091	2,7	4.385	3,0
<i>Copenhague</i>	5.517	12,9	10.552	15,3	17.386	18,2	17.715	13,4	24.579	18,0	19.105	18,1	8.728	13,4	5.055	16,6	18.009	11,7	19.619	13,2
<i>Cork</i>	-	0,0	-	0,0	1.042	1,1	2.730	2,1	2.409	1,8	2.209	2,1	1.507	2,3	-	0,0	-	0,0	-	0,0
<i>Istambul</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	3.185	2,1
<i>Manchester</i>	26.657	62,2	27.194	39,5	30.698	32,1	27.505	20,9	22.319	16,4	21.882	20,8	12.412	19,0	5.746	18,9	25.932	16,9	27.817	18,8
<i>Rio de Janeiro</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	2.983	1,9	1.278	0,9
<i>Santiago</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	4.024	2,6	3.261	2,2
<i>São Paulo</i>	1.072	2,5	3.362	4,9	9.101	9,5	14.861	11,3	17.175	12,6	11.601	11,0	4.075	6,2	1.895	6,2	13.987	9,1	4.192	2,8
<i>Yokohama</i>	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	-	0,0	524	0,5	6.443	9,9	1.847	6,1	10.674	7,0	10.633	7,2
Total	42.860	100	68.858	100	95.640	100	131.770	100	136.461	100	105.345	100	65.368	100	30.413	100	153.351	100	148.316	100

Fonte: [elaboração própria a partir de Benson Ford Research Center: *Coleccion*](#): Production Body Types/ Acc: 231/ “Production Body Types, 1921-1930” e “World Production Chart.

montagem. A nova esteira transportadora instalada, que percorria toda a linha de montagem, era movida por correntes de transmissão que exigiam um quarto da energia elétrica utilizada pelas antigas esteiras transportadoras.

As oficinas dedicadas às carrocerias também foram renovadas. No terceiro andar, as estruturas das carrocerias eram montadas, pintadas, laqueadas e depois secadas em três estufas com diferentes temperaturas, por onde entravam e saíam pendidas em uma correia transportadora suspensa que percorria, dando voltas pelo andar todo, um total de 280 metros. No segundo andar, no setor de acabamento das carrocerias, foi instalada uma esteira transportadora de 27 metros, onde as carrocerias recebiam o acabamento em couro e tecido, além dos painéis e vidros. A nova disposição do setor permitia que as carrocerias fossem finalizadas no exato local em que eram incorporadas aos chassis montados no andar de baixo. Com as novas instalações, a fábrica conseguia montar 50 carrocerias e 150 automóveis por dia, além de manter um estoque de até 3.870 carros prontos.

A importância dos investimentos feitos na década de 1920 pode ser vista ao analisarmos o inventário da fábrica de Buenos Aires de 1946 (ver Tabela 4.2). Produzido entre os meses de maio e agosto daquele ano, durante o processo de reorganização das operações da divisão internacional da empresa após a Segunda Guerra Mundial⁶⁰⁶, as contas relativas aos terrenos, edifícios, máquinas, motores e outros equipamentos somavam cerca de p\$m 4,2 milhões. Excluindo os valores dos terrenos e das construções de edifícios incorporados ao inventário da empresa nos anos de 1921 – quando houve a mudança da antiga fábrica de cigarros na rua Peru para o novo edifício da rua Wenceslao Villafañe – e de 1926 – período de expansão da linha de montagem –, os ativos da fábrica em máquinas, ferramentas e equipamentos eram de p\$m 1,25 milhões, em 1946.

Por meio desses dados podemos identificar entre 1918 e 1946 três momentos específicos em que a fábrica recebeu volumosos investimentos em máquinas, ferramentas e equipamentos, períodos que condizem com o aumento generalizado da formação bruta de capital fixo na economia argentina⁶⁰⁷. Dois desses momentos foram antes de 1930: no ano de 1921, data de inauguração da nova fábrica na Boca, e entre 1926 e 1930, quando a linha de montagem foi ampliada. O terceiro momento se deu entre 1935 e 1937, no marco da retomada do crescimento

⁶⁰⁶ *Benson Ford Research Center: Collection: Foreign Branch Publicity Records/ Box: 1/ Ar 65-47: “Buenos Aires Depreciable Assets”, 1946, p. 1-44.*

⁶⁰⁷ Ver Capítulo 1. Para uma expressão desse movimento em relação às empresas, ver a trajetória dos investimentos em máquinas e ferramentas da Fábrica Argentina de Alpargatas. GUTIÉRREZ, Leandro; KOROL, Juan Carlos. *Historia de empresas y crecimiento industrial en la Argentina. El caso de la Fábrica Argentina de Alpargatas. Desarrollo Económico*, v. 28, n. 111, 1988, p. 413.

da produção industrial argentina após a depressão de 1930 a 1933. Entretanto, ao observarmos a quantidade e os valores dos ativos adquiridos antes e depois de 1930, temos o seguinte cenário: em termos absolutos, das 232 máquinas e motores inventariadas em 1946, 132 foram adquiridos entre 1918 e 1930. Já em relação aos outros equipamentos (guindastes, trilhos, mecanismos componentes da linha de montagem, fornos etc.), dos 241 itens inventariados, 136 foram adquiridos até 1930. Ou seja, cerca de 56% das máquinas, motores e equipamentos inventariados em 1946 foram adquiridos antes de 1930. Por outro lado, a maior parte das ferramentas – 118 de um total de 161 inventariadas –, como se pode esperar pela sua depreciação e desgaste mais acelerados, foram adquiridas entre 1931 e 1946. Em relação aos valores dessas contas, as máquinas, equipamentos e ferramentas adquiridas até 1930 representavam 25%, 42% e 16% dos valores inventariados em 1946, respectivamente. Por fim, dos 1.351,5 c.v. de potência instalada registradas, 985,5 c.v., ou 72% do total, correspondiam às máquinas e motores adquiridos antes de 1930.

Tabela 4.3 – Ford Motors Buenos Aires: máquinas, motores, ferramentas e equipamentos (em p\$m de 1946) e potência instalada (em cavalo-vapor), 1918-1946

ANO	1	2	3	4	C.v.
1918	-	2.673,76	619,47	4.948,98	-
1919	-	-	-	-	-
1920	-	-	1.159,35	-	-
1921	1.298.776,62	7.889,83	-	31.112,98	72,25
1922	4.917,22	828,75	722,50	1.979,30	5
1923	3.474,17	2.710,18	2.682,65	8.324,72	-
1924	2.615,16	1.741,75	3.264,96	13.934,04	-
1925	807,04	4.316,80	741,95	27.117,09	21,75
1926	1.398.596,88	3.144,22	2.358,85	68.491,76	16
1927	27.742,65	4.760,83	22.328,55	30.951,61	183
1928	3.743,82	9.811,11	329,39	6.869,52	98,25
1929	9.102,07	41.626,13	2.031,04	27.095,13	484,75
1930	4.671,51	31.341,23	2.573,00	31.986,39	104,5
1931	1.572,79	12.673,04	2.285,61	188,34	9,5
1932	5.148,56	26.308,48	7.357,92	3.259,86	30,5
1933	1.507,22	765,93	568,47	7.178,69	1
1934	21.764,93	18.719,99	3.012,86	19.331,26	15,75
1935	14.025,59	110.758,59	22.659,74	96.639,41	114,75
1936	4.784,39	66.996,18	15.417,53	18.188,81	36,5
1937	1.172,56	32.417,26	33.116,19	29.529,43	26
1938	11.896,20	28.457,36	16.422,58	21.633,10	0,75
1939	97.480,95	5.581,07	15.378,17	134.512,77	89,5

1940	9.040,32	4.523,65	80.537,98	12.758,50	36,25
1941	391,15	-	-	1.671,18	0
1942	18.886,87	350,00	-	1.357,78	5,5
1943	5.272,17	-	-	-	1351,5
1944	9.815,29	-	-	599,83	-
1945	284,72	-	-	-	-
1946	-	-	-	-	-

1. Melhoramentos fundiários, edifícios e estruturais; **2.** Máquinas e motores; **3.** Ferramentas; **4.** Equipamentos diversos; **C.v.** Potência instalada em Cavalos-vapor.

Fonte: Elaboração própria a partir de *Benson Ford Research Center: Colecion: Foreign Branch Publicity Records/ Box: 1/ Ar 65-47: Buenos Aires Depreciable Assets, 1946, p. 1-44.*

A fábrica da General Motors inaugurada em abril de 1925, em Buenos Aires, foi a quarta a ser instalada pela empresa em países estrangeiros e, em decorrência do volume de encomendas, em muito pouco tempo também teve de passar por um processo de expansão de sua capacidade produtiva. Em menos de um ano, os serviços de escritório foram removidos do edifício na rua Garay e transferidos para Avenida Ingeniero Huergo nº 1167, para dar lugar aos novos estoques de peças. Já na segunda metade de 1927, a oficina para a produção de carrocerias não conseguia dar conta da demanda e teve de ser transladada para outro edifício. Em pouco mais de três meses, a nova oficina tinha capacidade para produção de cinco modelos diferentes e uma quantidade total de 25 carrocerias por dia. Nesse mesmo ano, a empresa adquiriu um novo terreno na Avenida Velez Sarsfield, no bairro de Barracas, para a construção de uma nova fábrica que entraria em operação no mês de outubro de 1928⁶⁰⁸. Na já citada carta de Lawrence para Brumble por ocasião da visita do segundo às fábricas de São Paulo e Buenos Aires, o Gerente-geral de produção instruíu Brumble para que vistoriasse com atenção o andamento da instalação da nova fábrica, uma vez que “[...] Nós queremos uma fábrica verdadeiramente atualizada e moderna”. A fábrica era um enorme investimento fixo da empresa e a construção de “[...] um edificio ou oficina de má qualidade seria um erro terrível”⁶⁰⁹.

⁶⁰⁸ *General Motors Heritage Center: Argentina Files: Acc: GM Overseas Operations. “Advice of action – General Motors Operations in Argentina”; e GENERAL Motors Argentina S.A. – The Fourth Assembly Plant Established Overseas Celebrates Its Ninth Birthday This Month”. General Motors World, New York, v. XIV, n. 4, abr. 1934, p. 2-3.*

⁶⁰⁹ LAWRENCE, M.F. *SOUTH America Trip*. Carta destinada a W.C. Brumble. Nova York, 11 jul. 1927. General Motors Heritage Center: Argentina File: 1 carta, p. 7.

Tabela 4.4 – *General Motors Buenos Aires*: Montagem de automóveis e caminhões, faturamento e lucro líquidos (em dólares), 1925-1948

Ano	Carros	Caminhões	Faturamento líquido (em dólares)	Lucro líquido (em dólares)
1925	7.712	739	\$ 6.543.000	\$ 709.000
1926	9.223	2.802	\$ 10.215.000	\$ 721.000
1927	13.073	5.587	\$ 17.323.000	\$ 1.360.000
1928	19.504	9.458	\$ 27.142.000	\$ 3.624.000
1929	16.541	7.207	\$ 23.930.000	\$ 2.227.000
1930	9.600	3.579	\$ 13.269.000	\$ 126.000
1931	4.317	1.520	\$ 4.663.000	\$ 784.000
1932	2.396	1.235	\$ 3.252.000	\$ 15.000
1933	2.408	1.290	\$ 3.955.000	\$ 274.000
1934	3.694	3.160	\$ 7.347.000	\$ 469.000
1935	4.684	3.119	\$ 7.842.000	\$ 360.000
1936	6.746	3.213	\$ 11.218.000	\$ 1.040.000
1937	9.406	4.641	\$ 18.009.000	\$ 3.373.000
1938	13.655	5.280	\$ 20.334.000	\$ 2.719.000
1939	9.025	4.071	\$ 14.517.000	\$ 2.144.000
1940	9.142	3.720	\$ 14.788.000	\$ 2.230.000
1941	3.503	1.857	\$ 8.914.000	\$ 1.111.000
1942	1.258	1.721	\$ 6.335.000	\$ 625.000
1943	360	133	\$ 4.174.000	\$ 959.000
1944	5	4	\$ 2.230.000	\$ 218.000
1945	2	-	\$ 161.000	\$ 880.000
1946	1.527	1.950	\$ 9.946.000	\$ 1.560.000
1947	8.845	9.373	\$ 48.731.000	\$ 6.869.000
1948	5.432	7.294	\$ 41.633.000	\$ 5.690.000

Fonte: Elaboração própria a partir de *General Motors Heritage Center: Argentina Files: Acc: GM Overseas Operations. "Advice of action – General Motors Operations in Argentina" General Motors Heritage Center: Argentina Files.*

Em relação à General Motors e às suas fábricas, não foi possível encontrar informações como aquelas contidas no inventário da fábrica da Ford, de 1946. Contudo, ao analisarmos os números relativos à quantidade de carros e caminhões montados, assim como ao faturamento e lucro líquidos da empresa entre 1925 e 1948, o período anterior a 1930 também aparece como de fundamental importância na história da empresa. O número total de veículos montados após 1929 não voltou, ao longo do período, a ultrapassar o patamar de 20.000, sendo que o faturamento e o lucro líquidos obtidos no ano de 1928 somente seriam superados nos anos de 1947 e 1948.

A nova fábrica inaugurada em 1928 – chamada em uma reportagem da *The Review of The River Plate* de “[...] monumento à indiscutível supremacia dessa organização no mercado e na indústria automobilística da Argentina e das repúblicas vizinhas”⁶¹⁰ – foi construída em um terreno de 48.000 metros quadrados e era composta por uma série de edifícios, sendo a linha de montagem localizada no maior destes⁶¹¹. Ao lado do edifício principal, foi construído um estoque de peças, onde um guindaste elétrico com capacidade para até cinco toneladas transportava as caixas com as peças para os depósitos localizados no andar de cima da linha de montagem. Nesses depósitos, as caixas eram colocadas em uma plataforma transportadora para que um grupo de operários retirasse e separasse as peças. Após essa etapa, os operários depositavam as peças em compartimentos específicos localizados ao longo da linha de montagem nos pontos exatos em que cada uma delas seria incorporada aos veículos. Duas empilhadeiras, movidas a energia elétrica, eram utilizadas para levar as peças desses compartimentos para a linha de montagem. A linha começava pela rebiteagem da plataforma do chassi, seguida pela montagem do tanque de gasolina, das suspensões e dos eixos ao longo de um trilho que atravessava o edifício principal na transversal até o início das duas linhas de montagem principais, localizadas no centro do primeiro piso. A montagem final sobre os chassis era realizada nessas duas linhas com 90 metros de extensão, movidas por correias transportadoras. Em uma delas, montavam-se os carros de passeio e comerciais da Chevrolet, enquanto na outra linha, montavam-se os modelos Pontiac, Oldsmobile, Oakland e Buick. Uma correia transportadora suspensa cortava transversalmente a fábrica alimentando as duas principais linhas de montagem com os motores. Após saírem das linhas, os automóveis e caminhões tinham os seus freios regulados e, em seguida, eram levados para o estoque. Segundo a reportagem acima citada, “[...] a fábrica estava organizada ao longo de modernas linhas mecanicamente sincronizadas e ajustadas à velocidade mais alta que comporta a eficiência absoluta”.

4.5. Trabalhar nos Feudos: as montadoras e as novas formas de organização dos processos de trabalho

Segundo Dudley Maynard Phelps, a assim chamada “imigração industrial” realizada pelas indústrias estadunidenses para a América do Sul nos anos 1920 deveria ser considerada

⁶¹⁰ GENERAL Motors S.A. – A Record of Phenomenal Achievement. *The Review of The River Plate*, Buenos Aires, 15 mar. 1929, p. 25.

⁶¹¹ Para descrição do funcionamento da nova fábrica, ver: G.M. ARGENTINA starts Production in New Building. *General Motors World*, New York, v. VII, n. 11, nov. 1928, p. 1 e 24-25.

como “[...] um híbrido de comércio exterior e investimento estrangeiro, com maior grau de supervisão gerencial e controle”, uma vez que esse processo envolveu “[...] não apenas a exportação física de produtos e capital, mas também a transferência de habilidades gerenciais e de técnicas industriais⁶¹²”.

Contudo, Phelps chama a atenção para alguns limites dessas transferências. Se por um lado as máquinas, equipamentos e processos de trabalho não diferiam em quase nada dos usados nos EUA, o autor afirma que em decorrência da escassez de demanda e do baixo custo da força de trabalho, as filiais estadunidenses não tiveram interesse em instalar nos países sul-americanos máquinas e dispositivos tecnológicos “poupadores de trabalho”. Isso significou a opção das empresas pela instalação de equipamentos e máquinas obsoletas para o mercado estadunidense, com a única exceção daqueles ramos cuja produção estivesse necessariamente vinculada ao uso de novas tecnologias e processos de trabalho⁶¹³.

É difícil, com as informações que possuímos, generalizar as afirmações de Phelps para a Argentina da década de 1920, sobretudo porque a análise do professor se restringiu às empresas estadunidenses que abriram filiais nos países sul-americanos. Nesse sentido, devemos fazer três ponderações. Em primeiro lugar, essas empresas foram responsáveis apenas por uma parte – e nem de longe a maior – do enorme volume de máquinas importadas para a Argentina na década de 1920. Em segundo lugar, e pensando nessas empresas estadunidenses, a obsolescência de uma máquina em uma economia com o grau de produtividade como a dos EUA não significa que essa mesma máquina não desempenhe, em uma economia muito menos produtiva na periferia do sistema, a função de tecnologia de capital-intensivo “poupadora de trabalho”. Principalmente porque a produção dessas empresas na Argentina não se destinava aos mercados centrais, com exceção dos frigoríficos. Por fim, como vimos em diversos momentos ao longo deste trabalho, se a mecanização necessariamente produz transformações nos processos de trabalho, muitas das “novas habilidades gerenciais e técnicas industriais” não dependiam necessariamente de máquinas. Contudo, feitas essas considerações, deve-se perguntar: em que grau as novas formas de organização dos processos de trabalho estavam presentes nas fábricas montadoras instaladas na Argentina?

Se nas fábricas de Detroit a organização científica do trabalho atingiu o paroxismo ao se combinar com a esteira transportadora, alguns sinais parecem indicar que as indústrias montadoras de carros na Argentina eram legítimas representantes dessa “nova Jerusalém

⁶¹² PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936, p. V.

⁶¹³ Ibidem, p. 232-234.

industrialista”. Phelps, por exemplo, faz uma série de observações específicas com base em dados e depoimentos dos administradores das montadoras de automóveis na Argentina sobre como a produtividade do trabalho nelas era muito maior do que comumente se acreditava. Segundo o professor,

O gerente de produção de uma montadora de automóveis na Argentina declarou que não hesitaria, no que se refere à mão-de-obra, em abrir qualquer tipo de fábrica em Buenos Aires; que, sem dúvida, haveria dificuldades no início, mas que elas poderiam ser superadas rapidamente porque há [no país] um núcleo de trabalhadores industriais bem treinados e as pessoas adquirem habilidades industriais facilmente⁶¹⁴.

Sem citar diretamente os dados em que baseia suas afirmações e abstraindo algumas considerações racistas do autor em relação às populações dos países sul-americanos, Phelps indica que não havia diferença na relação trabalhadores-horas trabalhadas para montagem de automóveis entre as fábricas estadunidenses na Argentina e em suas congêneres na Europa. Mesmo em relação às fábricas nos EUA, a diferença era menor do que se imaginava: se no país norte-americano a relação entre trabalhadores produtivos (operários e capatazes vinculados diretamente à linha de montagem) e não produtivos (zeladores, vigias, gerentes, capatazes, eletricitistas, técnicos de manutenção e vendedores) era de 4 para 1, nas fábricas de automóveis argentinas essa relação era de 3 para 1. Por fim, o autor afirma que em entrevistas realizadas por ele com diretores das sucursais de empresas alemãs, estadunidenses e britânicas na Argentina, 80% destes afirmaram que os trabalhadores argentinos eram tão produtivos quanto os estadunidenses e os europeus⁶¹⁵.

A documentação referente ao número de trabalhadores empregados e a quantidade de veículos montados mensalmente nas fábricas estrangeiras da Ford é esparsa e descontinuada. Em relação à fábrica de Buenos Aires, foi possível estabelecer o seguinte quadro.

⁶¹⁴ PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936, p. 244.

⁶¹⁵ Ibidem, p. 247.

Tabela 4.5 – Número de trabalhadores empregados na fábrica da Ford, Buenos Aires, 1927-1930

Mês/ano	Trabalhadores horistas	Trabalhadores mensalistas	Carros montados
fev./27	620	89	13.946
jun./27	479	81	
set./27	101	66	
dez./27	101	66	
mar./28	128	64	4.200
jun./28	211	64	
set./28	602	61	
dez./28	661	58	
mar./29	1.056	61	26.121
jun./29	935	67	
dez./29	1.150	72	
mar./30	714	70	22.124
jun./30	1068	71	
set./30	864	70	
dez./30	833	61	

Fonte: Elaboração própria a partir de *Benson Ford Research Center: Colection: Branch Operations-Organization Charts/ Acc: Organization Charts*, 1927, 1928-1929, 1930 Box: 1, 2 e 3.

A redução do número de trabalhadores depois de junho de 1927 até meados de 1928, assim como a do número de carros montados na fábrica de Buenos Aires no período, foi resultado das obras de ampliação e modernização da linha de produção, assim como para a preparação da fábrica para a montagem do modelo A, grande aposta de Henry Ford para a repetir o sucesso feito pelo modelo T na década anterior. Ao ano de 1929, quando a fábrica de Buenos Aires bateu o recorde do número de carros montados durante o período, chegando a superar os números de Manchester, correspondeu o maior número de trabalhadores empregados. A média de operários horistas empregados na fábrica foi de 1.047, em 1929, e de 869, em 1930. A produção média de carros por operário durante os anos de 1929 e 1930 na fábrica da Ford em Buenos Aires era de 25 carros anuais, quando, em 1925, a média entre todas as indústrias estadunidenses era de 20 carros anuais por operário⁶¹⁶.

Outro aspecto que chama atenção a partir dos dados fornecidos pelo organograma da fábrica da Ford em Buenos Aires é a enorme variação, ao longo de um mesmo ano, do número de trabalhadores empregados, mesmo em períodos cuja produção não sofreu importantes

⁶¹⁶ DUNN, Robert W. *Labor and Automobiles*. Nova York: International Publishers Co., 1929, p. 112-114. Nos anos de 1929 e 1930 já vigorava nas fábricas da Ford nos EUA e na Argentina a semana de cinco dias com jornada diária de 8 horas

interrupções como a identificada acima. A variação no número de trabalhadores horistas era grande: entre dezembro de 1928 e março de 1929, por exemplo, houve um crescimento de 59%. Já entre dezembro de 1929 e março de 1930, houve uma redução de 37%, seguido de um novo aumento de quase 50% entre março e junho daquele ano⁶¹⁷. Na verdade, a intermitência do trabalho industrial não era algo desconhecido dos trabalhadores argentinos⁶¹⁸, e isso não era diferente em relação às montadoras de automóveis naquele país.

Contudo, se o grau e a periodicidade com que oscilavam esses números poderiam ser o resultado de alguma particularidade da economia Argentina, a sazonalidade em si não era. Essa era uma característica marcante da indústria automobilística mesmo nos Estados Unidos, como consequência da acirrada competição e da constante necessidade de lançamento de novos modelos a cada ano, para a contínua renovação da demanda. Era também uma das mais antigas reclamações dos trabalhadores e sindicalistas do ramo naquele país, uma vez que, para muitos deles, os altos salários pagos por hora estavam longe de se traduzirem em maiores ganhos anuais. Além disso, a concentração da produção em períodos específicos do ano era a grande responsável pela aceleração e intensificação dos ritmos de trabalho⁶¹⁹. Entre 1925 e 1926, os trabalhadores das fábricas da Ford, em Detroit, trabalharam 222 dias em um ano. Na década de 1930, conforme informações do Bureau of Labor Statistics, citadas por Sidney Fine, apenas um terço dos empregados na indústria automobilística dos Estados Unidos trabalhavam durante o ano todo, enquanto 25% trabalhavam menos de seis meses. Durante a Grande Depressão isso não se modificou, apenas se combinou com o desemprego massivo, agravando a situação⁶²⁰.

Sobre os salários pagos aos operários das montadoras de automóveis na Argentina, o informe do DNT sobre os ganhos médios dos trabalhadores na cidade de Buenos Aires, nos anos de 1928 e 1929, parece confirmar que no país sul-americano, além da intermitência, os altos salários também eram uma realidade naquela indústria. Com base nessas informações do

⁶¹⁷ Ver Tabela 4.4.

⁶¹⁸ SHIPLEY, Robert Edward. *On the outside looking in: a social history of the porteño worker during the “golden age” of argentine development, 1914-1930*. New Brunswick, 1977. Tese (Doutorado em História da América Latina) – Rutgers University, the State University of New Jersey, p. 65.

⁶¹⁹ Segundo Robert Dunn, a intermitência do trabalho era responsável pelo fato de um operário da Ford que ganhava US\$ 6,71 por hora e US\$2.013 anuais em 1920, ter, em 1925, um ganho anual 25% menor, mesmo sendo pago por hora US\$ 6,67, ou 0,5% a menos que em 1920. DUNN, Robert W. *Labor and Automobiles*. Nova York: International Publishers Co., 1929, p. 131-133. Já Sidney Fine, ao fazer um histórico das reivindicações dos trabalhadores do ramo ao longo da década de 1920 e 1930, afirma que “Em segundo lugar entre as reclamações dos trabalhadores do ramo de automóveis, depois da aceleração do ritmo de trabalho, estava a irregularidade do seu emprego, resultado da dependência do lançamento de novos modelos como forma de estimular o consumo de carros de passeio”. FINE, Sidney. *Sit-Down: The General Motors Strike of 1936-1937*. The University of Michigan Press, 1969, p. 27 e 60-61.

⁶²⁰ FINE, Sidney. The Origins of the United Automobile Workers, 1933-1935. *The Journal of Economic History*, v. 18, n. 3, set. 1958, p. 258.

DNT, elaboramos a tabela a seguir com todas as profissões registradas pelo órgão, que estavam relacionadas à montagem e à mecânica de automóveis (excetuando-se capatazes e chefes de oficinas) e a média de salários pagos por hora. Deve-se destacar que, apesar do departamento não ter registrado nenhuma mulher trabalhando no ramo, isso não significa que esse era um ambiente exclusivamente masculino. Entre as demandas dos trabalhadores da General Motors apresentadas aos gerentes da fábrica no início de 1929, encontrava-se a equiparação de salários entre homens e mulheres.

Tabela 4.6 – Profissões relacionadas à montagem de automóveis. Salários pagos aos homens e menores de idade por dia e casos registrados pelo DNT, 1928-1929

Ofício ou ocupação	p\$m	Casos
Armadores de autos oficiais	6,51	21
Armadores de autos semioficiais	5,67	3
Armadores de autos ajudantes	5,04	97
Carroceiros de autos oficiais	7,30	153
Carroceiros de autos semioficiais	5,03	7
Carroceiros de autos aprendizes	4,00	2
Carroceiros de autos aprendizes menores	1,65	6
Carroceiros de autos armadores	6,95	10
Carroceiros de autos armadores ajudantes	4,65	1
Carroceiros de autos peões	5,24	81
Mecânicos de autos oficiais	9,02	436
Mecânicos de autos 1/2 semioficiais	5,15	334
Mecânicos de autos ajudantes	5,05	35
Mecânicos de autos aprendizes	2,74	5
Mecânicos de autos aprendizes menores	1,83	20
Mecânicos de autos peões	5,55	130
Montadores de autos	8,04	117

Fonte: Elaboração própria com base em *CMDNT*, n. 143, 1939, p. 3021, 3042-3049.

A média dos salários pagos era de p\$m 5,26 por hora, o que colocava estes abaixo da média dos pagos aos trabalhadores qualificados (p\$m 6,65), mas bem acima da média dos salários dos trabalhadores semiqualeificados (p\$m 4,45). Caso tomemos apenas os trabalhadores oficiais vinculados à montagem e mecânica de automóveis, ou seja, aqueles que tinham alguma especialização e/ou ofício, seu salário médio era de p\$m 7,56, quase um peso a mais que a média dos trabalhadores qualificados e alguns centavos acima do registrados para os metalúrgicos mecânicos em geral (p\$m 7,51). Já os trabalhadores semiqualeificados

(semioficiais e peões) ou sem nenhuma qualificação (ajudantes, aprendizes e menores), tinham salários ligeiramente superiores à média de seu grau de especialização.

Tabela 4.7 – Salários pagos por dia na montagem de automóveis, segundo a qualificação, 1928-1929

Qualificação	Indústria Auto.		Média
	p\$m	Casos	p\$m
Qualificados	7,56	737	6,65
Semiquualificados	5,32	350	4,45
Não qualificados	3,56	351	2,42

Fonte: Elaboração própria com base em *CMDNT*, n. 143, 1939, p. 3021, 3042-3049.

Em relação aos salários pagos segundo a qualificação exigida para o trabalho nessas fábricas, a classificação do DNT aponta para uma menor estratificação da categoria com relação à média observada entre os trabalhadores da cidade de Buenos Aires. Os salários de um trabalhador qualificado em relação aos semiquualificados e aos sem qualificação na indústria do automóvel eram 30% e 53% maiores, respectivamente, enquanto na média geral era de 44% e 64%. Essa situação, na verdade, era resultado direto da pouca qualificação exigida no ramo. A produção em massa de automóveis, inaugurada com a introdução da linha de montagem pela Ford em 1913, foi responsável justamente pela expulsão dos trabalhadores qualificados desse setor⁶²¹.

Segundo Robert Dunn, já em 1916, um levantamento realizado em montadoras localizadas na cidade de Cleveland apontava que 44% dos trabalhos feitos na linha de montagem podiam ser aprendidos em menos de um mês de treinamento. Outros 15%, em menos de dois, e mais 12%, em menos de três meses. Nas fábricas da Ford em Detroit, no ano de 1922, 43% de todos os trabalhos realizados em suas linhas de montagem não requeriam mais que um dia de treinamento, enquanto outros 36%, de um dia a uma semana de prática. Em outras empresas, a situação era a mesma ao longo da década de 1920: na Hudson Motor Car, menos de 5% dos trabalhadores tinham algum ofício, enquanto na Chrysler, 75% dos trabalhos exigidos podiam ser apreendidos em no máximo dois dias⁶²². Como a maior parte dos poucos trabalhos qualificados do ramo encontrava-se fora da linha de montagem durante a década de 1920 – principalmente na modelagem de peças e das carrocerias –, é possível imaginar que esse quadro não fosse diferente nas fábricas dedicadas exclusivamente à montagem de carros em

⁶²¹ MALTESE, Francesca. Notes for a study of the automobile industry. In: EDWARDS, Richard C.; REICH, Michael; GORDON, David M. (Ed.). *Labor market segmentation*. Lexington: D.C. Heath, 1975.

⁶²² DUNN, Robert W. *Labor and Automobiles*. Nova York: International Publishers Co., 1929, p. 67-69.

Buenos Aires. Isso significa que, caso sigamos à risca a classificação feita pelo DNT, um operário podia se tornar oficial ou semioficial em questão de dias.

Em relação à documentação obtida nos arquivos da General Motors, apesar de não possuímos números e informações mais detalhados sobre as atividades em sua fábrica de Buenos Aires, deve-se destacar que o arquiteto de sua expansão no exterior, James Mooney, era também um entusiasta das ideias de Taylor e da organização científica do trabalho. Mesclando o “novo evangelho industrialista” com sua experiência no Exército estadunidense durante a Primeira Guerra Mundial, Mooney era ele mesmo um “evangelista”⁶²³.

Dessa forma, uma das principais preocupações que o diretor das atividades “além-mar” teve após a enorme expansão da empresa ao redor do mundo, durante a década de 1920, foi justamente com a racionalização das fábricas no exterior. Ao descrever o plano anual de 1928 para o setor, Mooney afirmou em um artigo publicado na *General Motors World*, no mês de fevereiro daquele ano, que o principal objetivo do setor de exportação seria o “[...] aumento da eficiência e redução dos desperdícios para aumentar o retorno dos investimentos”⁶²⁴. Após os últimos anos de expansão física, as fábricas do “além-mar” deveriam se esforçar principalmente para “[...] aumentar a eficiência do trabalho, descobrindo e eliminando os desperdícios e aperfeiçoando a organização mecânica das fábricas para ter maior controle sobre os custos de produção”. No texto, Mooney relatava que a decisão de adotar como política para o setor de exportações o incremento da eficiência havia sido tomada após o resultado de uma pesquisa feita em todas as fábricas da General Motors ao redor do mundo. Cada uma das fábricas preencheu ao longo do ano de 1927 uma série de fichas, registrando os custos do trabalho e o tempo requerido para realização de cada uma das vinte e poucas operações que envolviam a montagem dos CKD. A título de comparação, a medida padrão de tempo por operação sugerida nas fichas enviadas pela matriz estavam baseadas naquelas registradas nas fábricas localizadas nos EUA. A pesquisa revelou uma enorme variedade de resultados, assim como um desempenho geral abaixo daqueles registrados nas fábricas estadunidenses, o que, segundo Mooney, apenas confirmava a necessidade de que todas as unidades se concentrassem no problema da eficiência em seus mais diversos aspectos.

Como um passo a mais em direção à standardização das fábricas no exterior, foi realizada em 1929, em Shawnee on Delawar, no estado da Pensilvânia, a já citada conferência

⁶²³ WREN, Daniel A. James D. Mooney and General Motors Multinational Operations, 1922-1940. *The Business History Review*, v. 87, n. 3, Outono 2013, p. 527-528.

⁶²⁴ MOONEY, James. Export Division's Control of Manufacturing Costs – Productive Labor and Manufacturing Expense. *General Motors World*, New York, v. VII, n. 2, fev. 1928, p. 1, 8 e 24.

da divisão de exportações da General Motors, com a presença dos gerentes e administradores de todas as fábricas da empresa no exterior. Segundo James Mooney, na introdução do documento elaborado como resultado da conferência, a gerência-geral da divisão havia consagrado “[...] a definição de sua política fundamental em questões de organização, métodos e pessoal que regulam toda nossa gama de atividades e procedimentos”. O documento, um livreto de pouco mais de 130 páginas, reuniu as deliberações formuladas com base na experiência dos funcionários da empresa no exterior e nos EUA. Foram tomadas decisões relativas às finanças, vendas, fornecedores, mas sobretudo, à organização das fábricas e dos processos de trabalho.

O resumo das discussões e deliberações relativas ao setor de fabricação ficou a cargo do gerente-geral de Manufaturas, M.F. Lawrence. No preâmbulo do documento, Lawrence retoma em linhas gerais os apontamentos feitos por Mooney no ano anterior. Após o sucesso em ampliar os mercados em que atuava por meio da instalação de fábricas montadoras, era chegada a hora de “[...] aperfeiçoar os métodos pelos quais nós operamos”. Para o gerente-geral de fabricação,

Agora que nós temos essas fábricas estabelecidas e em operação, nós nos deparamos com nosso mais novo objetivo, o de consolidar nossa posição e aperfeiçoar nossas técnicas de fabricação em geral. Ao atuarmos nessa direção, devemos levar em consideração a redução dos custos de operação, o aperfeiçoamento da qualidade dos produtos, o estabelecimento de padrões satisfatórios, o treinamento de pessoal e o estabelecimento de melhores métodos de controle⁶²⁵.

Em relação aos processos de trabalho, os gerentes e administradores das fábricas da General Motors deliberaram sobre a necessidade do estabelecimento de mecanismos de controle que pudessem produzir da maneira mais rápida possível informações relativas aos gastos e aos desperdícios ocorridos durante o processo de produção. Para tanto, os gerentes aprovaram que as fábricas deveriam elaborar relatórios diários que, juntos a uma detalhada análise dos processos de trabalho, a um planejamento adequado e a realização de estudos sobre o tempo gasto em cada uma das operações efetuadas pelos trabalhadores, seriam responsáveis pela elaboração de padrões⁶²⁶. Contudo, os gerentes não deveriam se transformar em “[...] especialistas e eruditos em custos” para implementarem esses controles. Segundo James

⁶²⁵ GENERAL MOTORS HERITAGE CENTER. V.A., *Managing Director's Conference Review and Digest*. Nova York: General Motors Export Division, 15 jul. 1929, p. 109.

⁶²⁶ *Ibidem*, p. 114.

Mooney, citado por Lawrence, “[...] nós devemos colocar em funcionamento o mais rápido possível um bom senso em relação aos custos”⁶²⁷.

A implementação dos incentivos salariais também foi discutida na conferência. Os parâmetros elaborados pela análise da performance e do tempo gasto pelos trabalhadores não só possibilitariam o maior controle e redução de desperdícios, como também viabilizariam a implementação dos incentivos salariais. Segundo Lawrence,

Por meio de estudos de tempo, é possível garantir informações sobre a quantidade de trabalho que pode ser realizado dentro de um determinado período. Como resultado, pode-se obter uma base adequada para estabelecer os salários a serem pagos aos trabalhadores. Ao mesmo tempo, esses estudos indicam que, sob o sistema de pagamento de salários diários, os trabalhadores levam de duas a três vezes o tempo necessário em qualquer operação. O sistema não fornece o estímulo necessário ao trabalhador e, portanto, alguma forma de plano de incentivo prático se torna urgentemente aconselhável⁶²⁸.

Entretanto, muitos dos gerentes de “além-mar” destacaram que, apesar de ser um desejo a sua disseminação imediata, em muitos países, a introdução dos incentivos salariais deveria ser precedida por um “[...] processo de educação”. Era comum em algumas regiões que o trabalhador, “[...] ao receber qualquer tipo de bônus, abstenha-se do trabalho até o bônus ser gasto”, sendo necessário “[...] instilar no trabalhador nativo a necessidade de melhorar sua condição, criando nele o desejo por remuneração adicional”. E não havia melhor escola nesse sentido do que a fábrica. Segundo as recomendações elaboradas pela conferência,

Essa educação deve ter seu começo no treinamento de capatazes contratados localmente e, portanto, conclui-se que um programa intensivo de treinamento de capatazes é uma das prioridades [...] para uma introdução bem-sucedida dos incentivos salariais⁶²⁹.

O capataz era entendido como “[...] a chave ou o pivô na oficina”. Era ele o responsável por conectar a gerência e o trabalhador e era seu dever “[...] pensar continuamente na melhoria constante de métodos e de encorajar cada um de seus subordinados a fazer o mesmo”. Conforme o documento elaborado pela conferência,

Ele [o capataz] deve se entender como um professor. Na fábrica isso significa que ele deve desenvolver em seus homens a arte de realizar suas tarefas de

⁶²⁷ GENERAL MOTORS HERITAGE CENTER. V.A., *Managing Director's Conference Review and Digest*. Nova York: General Motors Export Division, 15 jul. 1929, p. 115.

⁶²⁸ Ibidem, p. 116.

⁶²⁹ Idem.

maneira mais simples, rápida e de melhor qualidade; ele deve promover entre os trabalhadores um espírito amigável com relação à empresa⁶³⁰.

Após o treinamento de capatazes, a introdução dos incentivos salariais deveria seguir três passos. Em primeiro lugar, o trabalho e os trabalhadores deveriam ser estudados, para que as operações a serem realizadas na sequência exata pudessem ser descritas detalhadamente nas ordens do dia. Em segundo lugar, os tempos gastos por operação realizada deveriam ser analisados minuciosamente para o estabelecimento de uma “[...] competência média” que cada homem deveria ter em cada uma das operações. Por fim, esses estudos deveriam ter como resultado a elaboração de padrões de tempo e métodos que cada um dos trabalhadores deveria utilizar para cada uma das operações.

Foi um consenso entre os diversos administradores e gerentes que as medidas necessárias para prática dos incentivos salariais (formação de capatazes e elaboração de estudos para o estabelecimento de padrões de produção) deveriam ser implementadas imediatamente nas fábricas no exterior em que essas práticas ainda não estavam em vigor⁶³¹. Contudo, a sorte do processo de racionalização, em muitos casos, dependia também da reorganização das fábricas existentes, quando não da construção de novas unidades. A preocupação em ganhar mercados e expandir a presença da General Motors no mercado mundial havia resultado numa enorme heterogeneidade no que diz respeito aos edifícios e equipamentos utilizados ao redor do mundo. Seguindo o esforço de padronização dos processos produtivos, mas atentando para adequar a disposição das fábricas, dos equipamentos e dos processos de trabalho a uma escala menor de produção, foi apresentado pela gerência-geral de Manufaturas um modelo de fábrica para montagem de automóveis capaz de produzir 200 unidades durante uma jornada de oito horas de trabalho por dia⁶³². Resta recordar que a fábrica no bairro de Barracas, em Buenos Aires, cujo desenho e capacidade de produção eram iguais ao modelo de fábrica apresentado na conferência, foi construída justamente durante a mudança de uma política de expansão extensiva para aquela intensiva, preocupada sobretudo com a racionalização da produção das fábricas de “além-mar”. Buenos Aires era a ponta de lança deste projeto⁶³³.

⁶³⁰ GENERAL MOTORS HERITAGE CENTER. V.A., *Managing Director's Conference Review and Digest*. Nova York: General Motors Export Division, 15 jul. 1929, p. 120.

⁶³¹ Ibidem, p. 117.

⁶³² Ibidem, p. 119.

⁶³³ Segundo M.F. Lawrence, em carta endereçada à Brumble por ocasião de sua visita às fábricas na América Latina, a possibilidade de adotar os incentivos salariais e o trabalho por peças nas unidades da América do Sul (São Paulo e Buenos Aires), seria o primeiro passo para sua implementação nas fábricas de “além-mar”. LAWRENCE, M.F. *SOUTH America Trip*. Carta destinada a W.C. Brumble. *General Motors Heritage Center: Argentina File*, Nova York, 11 jul. 1927, 1 carta, p. 2.

Se do ponto de vista dos gerentes e administradores, trabalhar nas montadoras de carros significava trabalhar nas mais modernas e avançadas instalações manufatureiras da época, para parte de seus trabalhadores a situação era bem diferente. Os novos processos de trabalho repunham em patamares inauditos uma série de velhos problemas. Segundo alguns relatos publicados pela imprensa operária durante a década de 1920, os trabalhadores dessas fábricas viviam um cotidiano permeado por jornadas extenuantes, o autoritarismo dos chefes e capatazes, a intermitência do trabalho ao longo do ano e uma enorme apatia e desorganização entre suas filas.

Uma parte dos relatos encontrados foram escritos por um certo Antonio Suarez e publicados ao longo do ano de 1925, no diário *La Protesta*. Nesses textos, Suarez, que se apresentava como um trabalhador da Ford – provavelmente da seção de carrocerias, já que em seus textos essa seção mereceu uma atenção especial –, buscou denunciar as péssimas condições de trabalho na fábrica da rua Wenceslao Villafañe, ao mesmo tempo que expressava sua inconformidade com a passividade de seus companheiros. Em seu primeiro texto publicado em janeiro de 1925, por exemplo, Suarez comentava sobre as dificuldades que os trabalhadores da Ford tinham para se organizar, já que qualquer suspeita de tentativa de organização por parte deles era punida com a demissão. Segundo o relato, “[...] Nessa oficina de inócua exploração e tirania, o operário que fala de corridas de cavalos, jogatina e prostíbulos é tolerado; porém aí do homem que propor a organização em um sindicato de ofícios”⁶³⁴. Também contribuía para a desorganização dos seus trabalhadores a adoção pela Ford do trabalho por peça e de incentivos salariais, que, segundo o autor, terminava beneficiando os “[...] operários submissos e muito interessados no centavo diário, mesmo que para isso claudiquem de sua dignidade de homem”.

Alguns dias depois, Suarez publicou outro texto no qual denunciava que, quase todos os dias, os trabalhadores eram obrigados a trabalhar uma ou duas horas extras sem serem remunerados como tal⁶³⁵. Era todo dia também que apareciam, nas lousas espalhadas pela fábrica, ordens proibindo “[...] até mesmo respirar”. Mesmo assim, “[...] vão passando os dias e os meses sem que uma faísca de rebeldia surja nesses seres explorados, mesmo sendo o descontentamento geral e a desconformidade enorme”.

Para Suarez, o duro regime de trabalho e a aceleração de seu ritmo na Ford eram responsáveis pelo resultado contrário ao qual essas medidas se propunham⁶³⁶. Se por um lado, gerentes e administradores achavam que “[...] a confiança rompe a disciplina e permite o bordel

⁶³⁴ EN LA “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 03 jan. 1925.

⁶³⁵ EN LA “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 07 jan. 1925.

⁶³⁶ En la “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 fev. 1925.

no campo do trabalho”, a verdade era que sob a férrea disciplina “[...] vemos o pessoal mal-humorado e sem vontade para cumprir com as tarefas encomendadas”. O capataz, a todo momento em cima dos trabalhadores, “[...] fazendo em quase todos os casos observações fora de lugar”, deixava os operários nervosos, sobretudo porque eles sabiam perfeitamente o que fazer, mas não conseguiam fazer no tempo exigido.

Em março, Suarez voltou a fazer duras críticas ao comportamento extremamente individualista que reinava entre os trabalhadores. Os operários da Ford não entendiam a consigna “[...] ‘unir-nos para sermos fortes’, senão que acreditam muito mais em ‘divide e reinarás’”. Por outro lado, isso não significava que tudo estivesse correndo bem na fábrica, uma vez que “[...] O lamento é geral, não há um só operário da casa que esteja de acordo com o tratamento que recebe”. E para o autor, a inação e desunião cobravam seu preço: os salários pagos por hora na fábrica, por exemplo, foram reduzidos entre 1924 e 1925 de p\$m 7,50 e 8,00 para p\$m 5,50 e 6,00⁶³⁷.

Apesar de afirmar em seu texto de março que “[...] Seguir dizendo o que passa aqui [na fábrica da Ford] seria cair no ridículo”; que não adiantava nada apenas ficar reclamando “[...] fora da oficina, quando estamos no bonde ou almoçando”, e que, portanto, não iria dizer mais nenhuma palavra sobre o assunto, Suarez voltou a publicar no *La Protesta* em abril de 1925⁶³⁸. Em um contexto em que a diminuição da atividade econômica provocada pela crise de 1925-1926 já era amplamente sentida, apesar da demissão de 150 operários e da quase paralisação completa da fábrica, Suarez denunciava que na seção de polimento, “[...] seção maldita” e que ainda mantinha alguma atividade, o tempo exigido pelos administradores para o polimento de um sedan havia caído de 7 para 4 horas. O acelerado ritmo levava a uma constante substituição de trabalhadores que, por falta de prática, assim que adentravam a seção, já eram substituídos novamente por não conseguirem dar conta das exigências. A falta de organização e a incapacidade de fazer frente à gerência nessas terríveis circunstâncias eram um aspecto considerado “notável” pelo autor, uma vez que “[...] a grande maioria dos operários que a casa ocupa permanentemente se intitula comunista, anarquista” e “[...] jamais procurou fazer algo para cortar com os milhares de abusos diários e com a disciplina de quartel que há implantada nessa casa”.

Suarez voltou a escrever alguns dias depois reclamando que o desconto de 5% sobre os salários relativos à lei 11.289 continuavam sendo feitos⁶³⁹. Além disso, outra vez denunciava a

⁶³⁷ En la “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 mar. 1925.

⁶³⁸ En la “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 abr. 1925.

⁶³⁹ EN LA “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 15 abr. 1925. Ver ítem 2.2.1 deste trabalho.

situação dos operários na seção de acabamento das carrocerias, afirmando que a empresa encontrava enormes dificuldades para recrutar pintores, uma vez que estes têm melhores condições de trabalho em qualquer outra oficina, já que nelas não estão submetidos ao “[...] mando de dirigentes inúteis e incompetentes no trabalho que mandam executar”. Os gerentes e administradores, prosseguia Suarez, eram “[...] muito teimosos e porfiados” e como não tinham qualquer conhecimento técnico sobre os processos de trabalho, “[...] tiram folga e deixam que os capatazes façam e desfaçam”.

Passados alguns meses, o correspondente do *La Protesta* na fábrica da Ford voltou às páginas do diário para novamente denunciar os maus tratos impingidos pelos capatazes e a incapacidade de organização dos trabalhadores⁶⁴⁰. Para Suarez, em decorrência do comportamento dos capatazes, toda semana havia brigas que terminavam com a demissão de operários, enquanto o capataz responsável por ter iniciado o conflito, “[...] por ser aquele que tem a língua mais grande e a espinha dorsal mais flexível”, era deixado em seu posto como “[...] útil guardião dos interesses da casa”. A situação, segundo o autor, era ainda mais grave, uma vez que na seção de montagem do modelo Lincoln, onde ocorriam os piores abusos, era também onde o pessoal “[...] mais e melhor mistifica” seu engajamento na luta sindical. “O que menos fez”, prossegue Suarez, “teria para 10 anos de prisão se fosse provado o que ele disse que fez”. Contudo, era possível dizer “[...] sem temor de equivocar-nos que os operários e capatazes dessas seções são tão e tão revolucionários e conscientes que nos dá vontade de c...”.

No final de 1925, na seção dedicada ao movimento sindical do *La Vanguardia*, também foram publicadas duas cartas relatando problemas muito semelhantes aos apontados por Suarez. O autor, que assinava as cartas como “Un Afectado”, também afirmava ser um trabalhador da Ford. Na primeira de suas cartas, publicada no fim de novembro de 1925, “Un Afectado” denunciava o enorme poder que a empresa gozava sobre seus trabalhadores. Como exemplo da “[...] humilhação do elemento operário nesse feudo de Henry Ford”, relatava que os descontos relativos à Lei 11.289 ainda seguiam sendo feitos pela chefia. “Aqui, aparentemente somos todos capazes e revolucionários”, prosseguia, “[...] porém, na prática, somos os mais cataplasmas e inúteis”. Se durante o período de maior demanda a empresa fazia seus operários trabalharem horas extras e até nos domingos, nos momentos de baixa, quando não suspendia a maior parte de seus trabalhadores durante semanas, a Ford ainda fazia o desconto de 5% sobre as poucas horas de trabalho. Para o autor, “[...] Todo dia lamentamos que os capatazes são

⁶⁴⁰ EN LA “FORD”. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 ago. 1925.

tiranos e que a disciplina de quartel da casa é sufocante, porém, no final das contas, nós nos acostumamos a isso e assim passam os dias e os meses”⁶⁴¹.

A segunda carta foi publicada duas semanas depois, já no mês de dezembro, na mesma seção do *La Vanguardia*, dando maior ênfase à desorganização do pessoal da fábrica⁶⁴². Segundo “Un Afectado”, “A falta de organização sindical nos submerge em um completo desconcerto [...]. Há uma indiferença desesperante em relação à organização [sindical] e isso é a causa de nossa escravidão cada dia maior”. Porém, o autor apontava um caminho possível para reverter esse quadro. A partir de 1926, um novo modelo do Ford T passaria a ser montado na fábrica de Buenos Aires. Com o previsto crescimento das encomendas e das atividades na fábrica,

“[...] seria oportuno tentarmos nos organizar para reparar muitas das injustiças que se cometem e conquistar, ao mesmo tempo, muitas melhoras necessárias que nunca chegarão se nós mesmos, os operários, não as exigirmos em conjunto”.

Ainda naquele mês, a fábrica voltaria às páginas do diário socialista em decorrência das péssimas condições de trabalho. No dia 17, por conta das denúncias feitas por “Un Afectado”, o *La Vanguardia* noticiou que o DNT iria abrir uma investigação sobre as condições de trabalho na Ford. A principal infração a ser investigada – e que também era praticada pela General Motors, segundo relato publicado pelo diário socialista no dia 30 daquele mesmo mês – era a violação da lei de descanso aos domingos⁶⁴³. No dia seguinte ao anúncio do DNT, o jornal informou que José Dominguez, operário de 31 anos, e há três trabalhando na fábrica, faleceu ao ser atingido por uma caixa de 1.200 kg cheia de rodas de automóveis, que havia despencado após a corrente usada para transportá-la para o primeiro andar da fábrica ter se rompido⁶⁴⁴.

A partir de outubro de 1926, novas denúncias em relação às condições de trabalho na Ford foram publicadas nas páginas do *La Vanguardia*. O primeiro desses textos, a maior parte deles assinados sob o pseudônimo “De la Manga”, denunciou a difícil situação dos trabalhadores da seção de pintura de carrocerias naquela empresa⁶⁴⁵. Se “Un Afectado” fazia referência ao feudo para descrever a vida na fábrica da Ford, “Manga” recorria a outra imagem

⁶⁴¹ EN LA FORD. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 28 nov. 1925.

⁶⁴² EN LA FORD. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08 dez. 1925.

⁶⁴³ EN LOS TALLERES de la Ford y Compañía general de motores. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 30 dez. 1925.

⁶⁴⁴ LAS VÍCTIMAS del trabajo – En la casa Ford ocurrió un grave accidente. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 18 dez. 1925. O acidente também foi noticiado pelo jornal do Partido Comunista. ACCIDENTES del trabajo – En la casa Ford dos obreros caen. *La Internacional*, Buenos Aires, 19 dez. 1925.

⁶⁴⁵ EN LA CASA “Ford”. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15 out. 1926.

histórica ao se referir ao novo sistema de pintura e secagem das carrocerias que havia sido implementado: “[...] É um verdadeiro sistema de Inquisição que emprega esta companhia para duplicar seus lucros”. Comparando a situação dos trabalhadores a de um “polli allo spiedo” (frango assado), o autor denunciava que os operários do setor ficavam expostos o dia todo a temperaturas entre 35° C e 40° C, à ingestão de tinta pelo uso de pistolas e pulverizadores, e a um ritmo de trabalho que chegava ao ponto dos trabalhadores não terem tempo de “[...] fazer suas necessidades mais peremptórias”. Além disso, o autor ainda relatava “[...] o trato despótico dos capatazes” e a falta de organização dos trabalhadores. Fazendo algumas colocações muito semelhantes às feitas no ano anterior por Antonio Suarez, “Manga” afirmava que, apesar de existirem alguns operários e até mesmo capatazes que “[...] se titulam anarquistas”, a verdade era que havia “[...] Muita conversa, mas fora da fábrica; dentro são mansos cordeiros”.

Apesar do entusiasmo que os editores do *La Vanguardia* nutriam pela semana de cinco dias implementadas por Henry Ford em suas fábricas, a partir do segundo semestre de 1926, sua adoção pela fábrica de Buenos Aires em janeiro do ano seguinte motivou mais uma série de denúncias sobre as condições de trabalho na empresa. “De la Manga”, outra vez, publicou uma carta na seção sindical daquele jornal, alertando sobre a ilusão que tal medida estava provocando entre os trabalhadores daquela fábrica⁶⁴⁶. Para o autor, a redução da jornada consistia em algo muito simples: “[...] Que em 40 horas de trabalho terá de ser produzido o equivalente às 48 horas atuais”. Inconformado com as expectativas criadas pelos trabalhadores da Ford, “Manga” questionava “[...] que será de nós amanhã, companheiros, se até hoje, todavia, consideramos o trabalho nessa casa brutal e sufocante?”. Ao brutal ritmo de trabalho, somavam-se a intransigência e as grosserias dos capatazes e chefes de oficina, fazendo com que “[...] a situação [nas oficinas] seja bastante tensa e que quase todos os dias degenerem em discussões e brigas”. Para o autor, essa brutalidade derivava sobretudo do fato dos capatazes e chefes de oficina não serem “[...] homens de ofício”. Os capatazes tinham “[...] amplas faculdades para suspender ou despedir os operários que no seu ponto de vista não cumpram com as obrigações”. Contudo, “Manga” entendia que parte dessa situação também era resultado da apatia dos trabalhadores. De maneira provocativa, afirmava: “[...] Esperemos mais alguns dias e ouviremos os lamentos dos indiferentes a toda boa ideia de organização”.

Um informe do SOIM, publicado na edição seguinte do *La Vanguardia*, apontava no mesmo sentido, ao afirmar que a redução da jornada não implicaria na diminuição do

⁶⁴⁶ EN LA CASA “Ford” – La semana de cinco días de trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 14 jan. 1927.

trabalho⁶⁴⁷. Na Ford, ainda segundo a nota, se aplicava o sistema inventado por Taylor, que era responsável pelo maior esgotamento dos trabalhadores, mesmo sem ter ocorrido qualquer mudança na jornada de trabalho. Era certo que a redução da jornada feita pela empresa tinha aspectos positivos, uma vez que “[...] A própria classe patronal nos dá argumentos favoráveis às nossas velhas teses reducionistas”, no entanto, a medida seria inútil se os trabalhadores não estivessem organizados. Segundo o SOIM,

Se os trabalhadores da Ford não procedem a implantação de uma sólida organização, eles nem vão sentir a mudança de horário; os abusos dos capatazes e chefes vão continuar, pois Ford não irá resolver o problema social.

Se essas reflexões sobre a semana de cinco dias publicadas nas páginas do *La Vanguardia* entravam em choque com as elaborações dos editores socialistas, elas ecoavam os posicionamentos dos *protestistas*. No dia 23 de janeiro de 1927, o *La Protesta* publicou um duro editorial contrário à implementação da semana de cinco dias na fábrica da Ford de Buenos Aires. Para os *protestistas*, alguns comentadores da imprensa sindical “[...] observaram de maneira distorcida o significado da redução da jornada de trabalho”. Não se tratava de uma “panaceia” descoberta pelo industrial, senão que “[...] Ford não fez outra coisa que materializar e levar à prática em grande escala, de maneira atrevida – como ninguém havia feito antes – o sistema de trabalho cuja paternidade corresponde ao engenheiro Taylor”. Além da intensificação do esforço físico, a desqualificação do trabalho provocada pela “[...] mecanização dos operários e a especialização automática em uma função produtiva”, elementos identificados pelos editores com o taylorismo, contribuiriam ainda mais para a anulação das vantagens da semana de cinco dias. Ao transformar o braço humano em recurso das máquinas, o trabalhador embrutecido, “[...] perdendo paulatinamente sua condição de homem”, transformava-se em uma peça assessoria, “[...] fácil de substituir e expulsar das fábricas e oficinas, acrescentando ao invés de diminuir o gigantesco exército dos sem pão e sem trabalho”. Também em relação à redução da jornada proposta por Ford, o diário alertava que ela seria inútil caso nas 40 horas semanais a produção fosse igual ou superior àquela obtida em 48 horas. Para os editores do *La Protesta*,

O proletariado, se em algo quiser melhorar sua situação, deve buscar em seu próprio esforço as energias necessárias para conquistar a jornada de seis horas cotidianas, com a pretensão do mesmo salário [...] sem esquecer que à redução

⁶⁴⁷ SINDICATO Obrero de la Industria Metalúrgica – Diversas informaciones – En la casa Ford, sección Buenos Aires, se implantará la semana de cinco días. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 15 jan. 1927.

do horário corresponde a diminuição da produção para que se possa dar espaço para os desempregados.

Em setembro de 1928, “Manga” voltou a escrever para o *La Vanguardia* retomando as denúncias sobre as condições de trabalho nas montadoras estadunidenses e apontando um dos motivos para sua continuidade: a desorganização dos trabalhadores. Na introdução de sua carta, “Manga” afirmava,

Nessas oficinas [Ford e General Motors] diariamente se cometem abusos e atropelos com os operários, e como se carece de organização de resistência, os abusadores ficam impunes e assim seguem firmes. O sistema de trabalho, além de ser brutal, é ao mesmo tempo insalubre⁶⁴⁸.

Ao longo da carta, “Manga” retomou uma série de temas já abordados em outras oportunidades: a contaminação pelo uso de pistolas e pulverizadores para pintar as carrocerias, a brutalidade dos capatazes, o desrespeito à lei de descanso dominical, as jornadas extenuantes de até dez ou doze horas diárias nos momentos de maior demanda e os longos períodos de suspensão. Contudo, a grande novidade dessa carta era como o autor relacionava as condições de trabalho nessas fábricas com a apatia dos trabalhadores. Para “Manga”, a forma como estava organizado o trabalho nessas fábricas era fundamental para compreender a inação e desorganização de seus operários. Nas montadoras de automóveis,

Os trabalhadores que hoje trabalham nessas casas não são operários, senão peões práticos que ajudados pela maquinaria, logram fazer o trabalho que antes requeria ser executado por um especialista e conhecedor do ramo. Devido a isso é que nessas fábricas não se pensa na organização [sindical], porque o operário vê que é fácil substituí-lo por outro que em poucas horas fará o trabalho que fazia o velho. É por isso que os abusos e suspensões estão na ordem do dia e o trabalhador, como um manso cordeiro, suporta tudo e se cala.

Não foi possível identificar quem foram Antonio Suarez, “Un Afectado” ou “De la Manga”, ou se esses nomes foram pseudônimos utilizados por um mesmo trabalhador. Contudo, é possível afirmar que existe alguma unidade nos textos, por exemplo, no uso recorrente de algumas imagens, em um número maior de referências ao setor de carrocerias que ao da linha de montagem, ou mesmo na contraposição entre a valentia de alguns militantes que trabalhavam na fábrica quando estavam fora dela com a sua passividade diante dos inúmeros abusos cometidos ali. Contudo, há uma importante diferença no peso que os relatos dão para a

⁶⁴⁸ COMO se “exprieme” al obrero en los talleres de la General Motor y de la Ford – La necesidad de sancionar el proyecto socialista sobre las 8 horas. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 09 set. 1928.

influência que os processos de trabalho exerciam sobre a apatia e a desmobilização dos trabalhadores. Se Antonio Suarez carregava a tinta nas divisões políticas e na falta de coragem ou excesso de ganância e individualismo dos trabalhadores, “Manga”, principalmente em seu último artigo, colocava como ponto central para compreender a apatia e o rechaço à organização, por parte dos trabalhadores da Ford, o enfraquecimento de sua posição endógena no conflito com os patrões, decorrente da forma como os processos de trabalho estavam organizados naquela fábrica. Ou seja, não se tratava, como afirmava Suarez, de operários que “claudicavam de sua condição de homens”, mas de trabalhadores incapazes de reagir em decorrência da fragilidade da posição que se encontravam na linha de produção.

4.6. Ascensão e queda das mobilizações nas montadoras de automóveis: a greve na General Motors

As dificuldades em relação à organização dos trabalhadores das fábricas montadoras de automóveis aparentemente foram superadas no começo de 1929. No dia 25 de janeiro daquele ano, o diário *La Protesta* publicou as reivindicações entregues por um grupo de trabalhadores da General Motors para os administradores da fábrica. Os trabalhadores exigiam: aumento de salários (pagamento mínimo por hora trabalhada de p\$m 0,85 e, após três meses trabalhando na fábrica, de p\$m 1,00), regulamentação da jornada de trabalho (fixação das horas de entrada e saída, assim como um limite de duas horas extras por dia), a readmissão de todos os demitidos por tentarem se organizar e a obrigatoriedade da sindicalização de todos os trabalhadores da fábrica⁶⁴⁹. No dia seguinte, a recusa em atender às reivindicações levou à declaração de greve e à imediata reação da empresa: já nas primeiras horas do conflito, um oficial de polícia da 32ª delegacia prendeu oito grevistas que estavam na porta da fábrica⁶⁵⁰. Em nota publicada nas edições do dia 27 de janeiro do *La Vanguardia* e do *La Protesta*, o Comitê de Greve denunciava a “[...] forma inumana como se realizam os trabalhos nessa casa”. Além das jornadas de mais de 12 horas de trabalho, dos baixos salários e do constante assédio por parte dos capatazes, qualquer suspeita de organização por parte dos trabalhadores já servia de justificativa para sua demissão⁶⁵¹.

Na semana seguinte, o *La Protesta* publicou uma nota do Comitê de Greve afirmando que a gerência havia aceitado atender às reivindicações e que o movimento caminhava para seu

⁶⁴⁹ METALÚRGICOS U. – Pliego de condiciones”. *La Protesta*, Buenos Aires, 25 jan. 1929.

⁶⁵⁰ METALÚRGICOS U. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 jan. 1929.

⁶⁵¹ METALÚRGICOS U. – Nuestro Conflicto con la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 27/01/1929; LA HUELGA en los talleres de la General Motors – Razones que asisten a los obreros que la sostienen. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 27 jan. 1929.

fim. Contudo, ao voltarem ao trabalho no dia 9 de fevereiro, os capatazes da linha de montagem do modelo Buick, anunciaram a suspensão de metade do pessoal até o fim do mês, colocando em suas listas todos operários da linha que tinham participado da greve. Em uma nova assembleia realizada no dia 11, com a presença de mais de 500 trabalhadores e oradores falando em alemão, russo, húngaro, armênio, lituano e tcheco, os trabalhadores se declararam novamente em greve. Ainda segundo a nota, muitos dos que não tinham participado do primeiro movimento também acabaram aderindo à greve⁶⁵². O novo conflito durou mais de dez meses, sendo encerrado no dia 5 de dezembro daquele ano com a vitória dos grevistas.

A longa mobilização foi dirigida por trabalhadores ligados aos Metalúrgicos Unidos (MU) e à Unión Chauffeurs (UC), dois sindicatos filiados à FORA, com o apoio fundamental do *La Protesta*. O diário foi o principal veículo de divulgação do conflito, abrindo uma seção exclusiva em suas colunas para cobrir a greve ao longo de todo o ano de 1929. Além disso, sua redação também serviu de espaço para articulação do movimento e de intermediação com os dirigentes da General Motors. Tendo em vista a enorme atenção dedicada pelos *protestistas* aos efeitos da mecanização e da implementação da organização científica do trabalho ao longo da década de 1920, não é de se estranhar que eles estivessem organizando os trabalhadores da indústria onde essas transformações tinham atingido o paroxismo. A nova “ortodoxia” dos anarquistas mostrava mais uma vez que estava prenhe de novidades. Assim, as colunas publicadas pelo *La Protesta* constituem-se na mais importante fonte de informações sobre o conflito, sendo responsáveis por registrar as denúncias sobre as péssimas condições de trabalho naquela fábrica, a constante intervenção da polícia, os atos públicos realizados pela cidade e as ações de sabotagem contra a empresa e de solidariedade aos grevistas.

Em relação aos relatos sobre as condições de trabalho na General Motors, estes foram mais recorrentes nos primeiros meses do conflito, se aproximando muito em seu conteúdo dos relatos acima citados sobre as condições de trabalho na Ford: longas jornadas, ritmo acelerado de trabalho, autoritarismo dos capatazes, salários insuficientes, desrespeito às leis trabalhistas, intermitência do emprego e contaminação nas seções de pintura. A greve, segundo um comunicado publicado pelo *La Protesta* em 28 de fevereiro, tinha como principal objetivo “[...] terminar com o sistema de trabalho que nesse feudo da General Motors se praticava até agora; onde um operário se convertia simplesmente em máquina e era um autômato que deveria

⁶⁵² HUELGA en la General Motors – Fue motivada por la maldad de la empresa. *La Protesta*, Buenos Aires, 12 fev. 1929.

realizar uma produção calculada e matemática”⁶⁵³. Segundo outra nota assinada pela MU, publicada alguns dias depois⁶⁵⁴, os constantes recordes de produção da fábrica eram sempre celebrados pela gerência com a distribuição de cerveja e a promessa de aumento dos salários. Contudo, esses recordes terminavam se transformando em estândares de produção cada vez maiores, impostos muitas vezes “[...] sem cerveja e sem arengas”. Entre 1927 e 1928, o estândar subiu de 100 carros por dia para 150, mas “[...] As jornadas [...] permaneciam sempre as mesmas, as suspensões ganhavam cada vez mais força. Por faltar um dia, oito de suspensão [...] Por marcar um minuto depois da hora, se desconta meia hora do operário”. Os capatazes tinham poder absoluto sobre os trabalhadores, sempre respaldados pela gerência de produção. Para o MU, eram “[...] escravos que acreditavam que não eram párias”, mas “[...] ‘empregados’ que acreditavam ser superiores ao chamado operário”.

A denúncia da intervenção da polícia desde as primeiras horas do conflito foi outro tema recorrente nos informes sobre o movimento. Em um primeiro momento, a ação dos policiais esteve centrada nos arredores da fábrica, pretendendo afastar os grevistas e impedindo que eles abordassem os *crumiros* contratados pela empresa⁶⁵⁵. Em um segundo momento, a polícia estendeu seu raio de ação, efetuando prisões e detenções, algumas vezes massivas e que geralmente duravam de três a quatro dias, em assembleias, atos e conferências sobre o conflito, independentemente de onde estivessem sendo realizados. Em nota publicada no dia 11 de agosto, por exemplo, o MU relatou que quase 50 trabalhadores foram presos saindo de uma assembleia na sede do sindicato na rua Necochea nº 1335⁶⁵⁶. Já em 20 de novembro, o *La Protesta* publicou uma crônica anônima sobre dois atos em solidariedade aos grevistas ocorridos na última semana de outubro. Tanto no ato realizado no dia 22 daquele mês na rua 12 de Octubre, no bairro da Paternal, como no ato do dia 26, realizado na esquina da rua San Pedrito com a Avenida Rivadavia, no bairro de Floresta, ambos a mais de dez quilômetros da fábrica da General Motors, os oradores e parte da audiência foram presos por policiais do Departamento de Ordem Social⁶⁵⁷. Dirigentes sindicais e membros do Comitê de Greve também

⁶⁵³ LA HUELGA en el Feudo General Motors – Los huelguistas prosiguen la lucha con entusiasmo. *La Protesta*, Buenos Aires, 28 fev. 1929.

⁶⁵⁴ INFORME Metalúrgicos Unidos – Una sucinta reseña de la explotación inicua y del estado inquisitorial en mantienen al personal obrero en esta factoría yankee. *La Protesta*, Buenos Aires, 02 mar. 1929; e DENUNCIAN los obreros en huelga que en la Compañía General Motors rigen detestables condiciones de trabajo. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 03 mar. 1929.

⁶⁵⁵ CRUMIROS agresivos – La General Motors, creando una situación violenta. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 mar. 1929.

⁶⁵⁶ METALÚRGICOS U. *La Protesta*, Buenos Aires, 11 ago. 1929.

⁶⁵⁷ LAS CONFERENCIAS de huelguistas de la General Motors – Atropellos policiales. *La Protesta*, Buenos Aires, 20 nov. 1929.

chegaram a ser presos ao longo do processo de mobilização⁶⁵⁸, assim como alguns grevistas que já tinham se desvinculado do movimento e arrumado outros empregos⁶⁵⁹.

O diário anarquista apresentou diversos números sobre o total de presos ao longo de toda a greve. Em agosto, uma circular do MU estimou 700 pessoas⁶⁶⁰. No mês seguinte, em uma nota sem assinatura publicada pelo *La Protesta*, o número caiu para 500⁶⁶¹. Não conseguindo encontrar outra fonte com a qual pudéssemos contrapor esses números, consideramos mais provável que o número de trabalhadores presos durante o conflito mais próximo do real tenha sido de 456, estimativa divulgada em um extenso informe publicado no *La Protesta*, após o anúncio da vitória dos trabalhadores⁶⁶². Ainda segundo o informe, nesse número estavam inclusos alguns grevistas que foram presos mais de uma vez.

Em relação às conferências e manifestações públicas, o mesmo informe afirma que foram realizados mais de 100 atos durante os dez meses de conflito. Essas manifestações já vinham ocorrendo desde o início do movimento, mas a partir de abril elas ganharam uma maior regularidade⁶⁶³. Em nosso levantamento, identificamos 59 convocações para manifestações públicas publicadas entre abril e novembro de 1929, além de uma lista com 36 atos realizados entre março e maio publicada na edição do dia 14 de maio do *La Protesta*⁶⁶⁴.

Na *Memoria del Ministerio del Interior* do ano de 1929, o capítulo dedicado às atividades da polícia da Capital Federal durante aquele ano, não faz qualquer menção específica às prisões ou aos atos públicos relacionados à greve. Por outro lado, deve-se destacar que nessa publicação anual, as greves, quando citadas, eram aquelas de caráter geral e com grande repercussão. Que a greve na General Motors tenha sido especificamente citada na edição dedicada ao ano de 1929 é algo digno de nota, ainda mais por ter ocupado um espaço semelhante ao consagrado às intensas mobilizações em solidariedade a Sacco e Vanzetti, ocorridas no ano de 1927. Para a polícia da Capital Federal, o destaque que a greve mereceu em seu informe decorria da “[...] forma com que se produziu, com a troca total do pessoal sindicalizado por

⁶⁵⁸ Em abril, o secretário-geral da UC foi preso. LA HUELGA en General Motors – Prosigue firme – Represión policial – Varios detenidos. *La Protesta*, Buenos Aires, 16 abr. 1929. Já os membros do Comitê de Greve foram presos na última semana de junho e na primeira de julho. METALÚRGICOS U. – La Huelga en General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 23 jun. 1929; e LA HUELGA en la General Motors – Las detenciones en masa de los huelguistas y militantes de los gremios adheridos. *La Protesta*, Buenos Aires, 06 jul. 1929.

⁶⁵⁹ DETENCIÓN injusta del obrero Juan Scaglione. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 24 mar. 1929; e LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 27 mar. 1929.

⁶⁶⁰ METALÚRGICOS U. *La Protesta*, Buenos Aires, 11 ago. 1929.

⁶⁶¹ LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 05 set. 1929.

⁶⁶² Una victoria magnífica de la organización – La General Motors es obligada a capitular después de diez meses de lucha intensa y brava. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 dez. 1929.

⁶⁶³ Metalúrgicos U. *La Protesta*, Buenos Aires, 13 abr. 1929.

⁶⁶⁴ Para a lista, ver: El conflicto en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 14 maio 1929.

gente livre”. Sem maiores explicações, essa ação da empresa, segundo o informe da polícia, havia desencadeado uma série de incêndios e ataques com líquidos corrosivos aos carros da General Motors nas ruas de Buenos Aires⁶⁶⁵.

Os atos de sabotagem, assim como a maratona de conferências e manifestações públicas realizadas nas ruas de Buenos Aires, ou seja, o deslocamento do centro das manifestações e conflitos para fora da fábrica, foi a forma que o Comitê de Greve encontrou para contrabalancear a volta ao trabalho ou o abandono do movimento por muitos trabalhadores após os primeiros meses de greve. Segundo Diego Abdad Santillan em suas memórias, “[...] Os militantes responsáveis [pela direção do movimento] consideraram que se não se utilizassem de outros procedimentos de luta para além da paralisação das atividades, o conflito poderia ser considerado perdido”. A combinação de paralisação, boicote e sabotagem, articulada por um pequeno núcleo de trabalhadores da fábrica, militantes da FORA, teria sido uma marca original desse movimento⁶⁶⁶.

Segundo as pequenas crônicas publicadas pelo DNT, teriam aderido à greve 250 operários⁶⁶⁷. Os relatos na imprensa operária sobre o número de trabalhadores envolvidos sempre se referiam a 1.300 operários paralisados, porém, como afirmaram o próprio diário anarquista e seu editor em suas memórias, ao longo desses dez meses, muitos trabalhadores voltaram a trabalhar na fábrica, alguns encontraram outros empregos, assim como outros tantos *crumiros* foram contratados pela empresa. Em uma nota publicada no dia 6 de julho, a Federación Obrera Local, entidade filiada à FORA, afirmava que mais da metade dos grevistas, mesmo encontrando emprego em outras casas, continuaram participando da mobilização⁶⁶⁸. Em relação ao uso de fura-greves, a presença de *crumiros* foi denunciada desde os primeiros momentos⁶⁶⁹: eram acusados, como sempre, de serem incapazes de colocarem para funcionar plenamente o estabelecimento⁶⁷⁰. Em agosto, o *La Protesta* afirmou que a fábrica, que podia ocupar entre 1600 e 1800 operários em tempos normais, operava naquele momento com apenas 200, 250 trabalhadores⁶⁷¹. Ou seja, se a fábrica apenas em alguns momentos encontrou-se

⁶⁶⁵ MEMORIA del Ministerio del Interior presentada al honorable Congreso de la Nación, 1929-1930. Buenos Aires: Imp. y Encuad. de la Policía de la Capital, 1930, p. 286.

⁶⁶⁶ SANTILLAN, Diego Abad de Santillán. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona: Editorial Planeta, 1977, p.121.

⁶⁶⁷ CMDNT, n. 138, 1929, p. 2903.

⁶⁶⁸ LA HUELGA en la General Motors – Las detenciones de los huelguistas y militantes de los gremios adheridos a la F.O. Local – Un comunicado. *La Protesta*, Buenos Aires, 06 jul. 1929.

⁶⁶⁹ METALÚRGICOS U. *La Protesta*, Buenos Aires, 23 fev. 1929; e METALÚRGICOS U. – La lucha contra la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 fev. 1929.

⁶⁷⁰ LA HUELGA en la General Motors – Prosigue sin variantes. *La Protesta*, Buenos Aires, 14 mar. 1929; e LA HUELGA en General Motors – A un mes y medio de su iniciación no decae el movimiento. *La Protesta*, Buenos Aires, 02 abr. 1929.

⁶⁷¹ LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 29 ago. 1929.

totalmente paralisada, é bem provável que ela não tenha conseguido recuperar seu funcionamento normal ou esperado. O deslocamento do centro do conflito da fábrica para as ruas foi total depois do mês de agosto, momento em que a última notícia relativa aos problemas enfrentados pela empresa com fura-greves no chão-de-fábrica foi publicada.

Os chamados de boicote e a incitação à sabotagem foram divulgados por meio de panfletos distribuídos nas ruas e cartazes espalhados pelos muros da cidade, cujos textos eram reproduzidos nas páginas do *La Protesta*. No dia 15 de março, por exemplo, um manifesto do MU afirmava que “[...] Os trabalhadores não devem esquecer que aqueles que dirigem esses carros [modelos produzidos pela General Motors] devem receber o que merecem”⁶⁷². Dez dias depois, um manifesto assinado pelo MU e pela UC sentenciava que “Todo automóvel das marcas da General Motors que saía em circulação é um inimigo dos trabalhadores e tal qual o vamos tratar”⁶⁷³. Na primeira semana de abril, em outra nota conjunta, o recado era mais direto: “Não esqueça que seu carro anda na rua e tem milhares de inimigos que podem constantemente colocar em perigo seu capital”⁶⁷⁴.

Há uma importante discrepância entre as informações que obtivemos sobre a extensão desses atos. Santillan afirma que foram queimados mais de 600 veículos⁶⁷⁵. A memória da polícia da Capital Federal daquele ano, por sua vez, apesar do destaque dado aos ataques aos carros da General Motors, registrou 247 incêndios em carros e ônibus, atribuindo alguma intencionalidade a apenas 20 destes⁶⁷⁶. É difícil simplesmente contrapor o suposto exagero militante de Santillan à insuspeita subnotificação policial.

Por fim, ainda segundo o *La Protesta*, a solidariedade de outros sindicatos teve importantíssimo papel no conflito, principalmente a dos taxistas e estivadores da capital e dos portos do interior e do litoral. Em relação aos taxistas de Buenos Aires, estes paralisaram suas atividades nos dias 19 de março e 11 de setembro em solidariedade aos grevistas da General Motors. Além da imprensa operária, as duas paralisações também foram registradas pelo DNT. Em março, segundo o departamento, a paralisação teve adesão de 10.000 taxistas. Em setembro, foram contabilizados 7.000 taxistas paralisados⁶⁷⁷. Já sobre a ação dos estivadores, foram

⁶⁷² S. R. METALÚRGICOS Unidos. *La Protesta*, Buenos Aires, 15 mar. 1929.

⁶⁷³ U. CHAUFFEURS y Metalúrgicos U. – Al gremio del volante. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 mar. 1929.

⁶⁷⁴ U. CHAUFFEURS y Metalúrgicos U. – Al público en general y a los compradores de automóviles y chauffeurs en particular. *La Protesta*, Buenos Aires, 03 abr. 1929.

⁶⁷⁵ SANTILLAN, Diego Abad de Santillán. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona: Editorial Planeta, 1977, p. 124.

⁶⁷⁶ MEMORIA del Ministerio del Interior presentada al honorable Congreso de la Nación, 1929-1930. Buenos Aires: Imp. y Encuad. de la Policía de la Capital, 1930, p. 277.

⁶⁷⁷ CMDNT, n. 138, 1929, p. 2904; e CMDNT, n. 144, p. 3080 e 3083. Ver também: SE MANTIENEN estrechamente unidos los obreros de la General Motors – El paro solidario de los choferes alcanzó la mayor intensidad. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 20 mar. 1929; e LOS CHOFERES de taxímetros hicieron efectivo ayer un paro general. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 11 set. 1929.

publicados pelo *La Protesta* relatos de carregamentos de carros e caminhões da General Motors que eram devolvidos ao porto de Buenos Aires ou que tinham problemas para serem desembarcados nos portos de destino em decorrência do movimento de solidariedade. No dia 31 de março, por exemplo, o Comitê de Greve informava que os estivadores nos portos de Zárate, Quequen e Necochea, na Província de Buenos Aires, e em Rosário, se recusavam a descarregar produtos da General Motors⁶⁷⁸. Em abril, foram relatadas ações de boicote novamente no porto de Rosário, mas também em Bahia Blanca⁶⁷⁹ e em Mar del Plata⁶⁸⁰, as duas últimas cidades localizadas na região sul da Província de Buenos Aires.

Pelo menos uma das ações de boicote bem-sucedidas, e que foram noticiadas pelo *La Protesta*, pôde ser cotejada com outra documentação. Nos dias 26 e 27 de fevereiro, duas notas do MU publicadas no diário anarquista informavam que entre 50 e 32 automóveis da empresa não tinham sido embarcados no porto de Buenos Aires, em decorrência da ação dos estivadores e marítimos. No arquivo intermediário do Ministério do Interior, foi possível encontrar um informe de 8 de março assinado pelo gerente da Mihanovich, Luis Dodero, pedindo ao Ministro do Interior, Elpidio Gonzalez, que tomasse providências em relação às dificuldades que a empresa vinha enfrentando em decorrência dos movimentos de boicote perpetrados pelos estivadores e marítimos. Esses boicotes estavam provocando “[...] o desvio dos transportes para navios de outras bandeiras” e do “[...] transporte [fluvial] para as linhas férreas”⁶⁸¹. Anexado ao informe, está a carta enviada pelo Diretor interino da General Motors, James Goldie, à gerência da Mihanovich, com um relato e o boletim de ocorrência feito pela empresa na Prefeitura dos Portos sobre um episódio ocorrido no atracadouro da rua Caboto, no bairro da Boca, no dia 22 de fevereiro. Segundo Goldie, às 21 horas daquele dia, Fidel Ferreyro, gerente de tráfico da empresa estadunidense, teria sido informado pelo chefe da seção da Boca da Mihanovich, Miguel Sardella, que os 22 automóveis da General Motors com destino a uma série de cidades ao longo do Rio Paraná não poderiam ser embarcados no vapor “Austrália”, pois os produtos da empresa estavam sendo boicotados pelos estivadores e pela tripulação do navio. Ainda segundo a nota enviada, os carros tiveram de ser embarcados em trem e a Mihanovich acionada judicialmente para arcar com a diferença dos custos⁶⁸².

⁶⁷⁸ LA HUELGA en la General Motors – Los huelguistas se mantienen firmes – La solidaridad de los gremios portuarios. *La Protesta*, Buenos Aires, 31 mar. 1929.

⁶⁷⁹ LA HUELGA en la General Motors – Mientras la empresa persiste en su actitud de silencio e intransigencia, la acción y la solidaridad del proletariado la bloquea. *La Protesta*, Buenos Aires, 06 abr. 1929.

⁶⁸⁰ COMITÉ de greve afirma ter recebido um telegrama informando que o vapor “Vaquillona” não conseguiu desembarcar os carros e caminhões da General Motors no porto da cidade. “Metalúrgico U. – Estado de la huelga en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 18 abr. 1929.

⁶⁸¹ MI-1929/n. 5686/M, “485,093”, 08 mar. 1929.

⁶⁸² MI-1929/n. 5686/M, “433,755”, 23 fev. 1929.

Em meados de agosto, após atribuladas negociações em que muitas vezes capatazes e policiais interviram em assembleias e reuniões se passando por emissários da empresa⁶⁸³, a General Motors voltou a sondar os sindicatos para tentar colocar um ponto final no conflito⁶⁸⁴. No fim de novembro, segundo nos informa Santillan em suas memórias, Alberto M. de Tonnay, um importante executivo da empresa, que naquele momento era diretor da General Motors no Brasil, procurou os dirigentes da FORA para propor uma solução para o conflito⁶⁸⁵.

Ao fim das negociações, o acordo assinado pelos secretários dos MU e da UC com o diretor da empresa na Argentina, George Wolf, representou uma estrondosa vitória para os trabalhadores da fábrica. Em primeiro lugar, os grevistas conseguiram sua reincorporação. Segundo o acordo, todos os *crumiros* seriam demitidos e os grevistas registrados pelo sindicato, que tivessem sido desligados da empresa, seriam convocados em assembleias diárias realizadas até o dia 5 de dezembro na sede do sindicato. Os trabalhadores que se apresentassem até o prazo seriam imediatamente reincorporados e voltariam às oficinas da empresa no dia seguinte. Os outros grevistas registrados pela organização, mas que não se apresentassem até aquele dia, entrariam em uma fila de espera e teriam prioridade para serem recontratados conforme fossem surgindo novas vagas. Em segundo lugar, foi estabelecido um mecanismo para combater a intermitência dos trabalhos decorrente das variações na demanda ao longo do ano. Em caso de diminuição da produção, a empresa se comprometia a reduzir as horas de trabalho por dia e os dias de trabalho por semana, ao invés de suspender os trabalhadores. Já em relação aos salários, os aumentos exigidos foram atendidos, assim como o pagamento de 50% sobre as horas extras e a equiparação do salário mínimo pago por hora entre homens e mulheres. Por fim, o ponto mais polêmico do acordo dizia respeito ao pagamento de uma indenização no valor de 5.000 dólares para a FORA, exigidos a fim de cobrir os gastos efetuados pela organização ao longo dos dez meses de conflito⁶⁸⁶.

Sebastian Marotta, militante vinculado aos sindicalistas revolucionários, e Martin Casaretto, membro do Partido Socialista, ambos responsáveis por importantes registros sobre a história do movimento operário argentino, ao mencionarem o conflito em seus livros, chamaram a atenção exclusivamente para o pagamento da indenização à FORA. Casaretto sugere que a

⁶⁸³ Sobre a tentativa de intermediação feita por alguns empregados da empresa, ver: METALÚRGICOS Unidos – Uma manobra de la empresa. *La Protesta*, Buenos Aires, 29 mar. 1929. Com relação às tentativas da polícia, ver: METALÚRGICOS U. – Huelga en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 11 jul. 1929.

⁶⁸⁴ LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 04 ago. 1929; e UNIÓN Chauffeurs y Metalúrgicos Unidos – Sobre una nueva treta de la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 11 ago. 1929.

⁶⁸⁵ SANTILLAN, Diego Abad de Santillán. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona: Editorial Planeta, 1977, p. 124.

⁶⁸⁶ Una victoria magnífica de la organización – La General Motors es obligada a capitular después de diez meses de lucha intensa y brava. *La Protesta*, Buenos Aires, 10 dez. 1929.

soma de dinheiro foi muito maior e que o restante teria sido pago a um jornalista vinculado a um diário de grande circulação, por sua atuação como mediador entre as partes⁶⁸⁷. Em sua crítica à FORA, o socialista ironizava não só o fato de a organização revolucionária ter aceitado dinheiro de uma empresa estadunidense, mas também pelo acordo ter sido costurado por uma figura alheia ao movimento operário. Apesar de Casaretto afirmar que se não fosse a denúncia do *La Vanguardia* o pagamento teria ficado em segredo, a verdade é que a primeira nota publicada no dia 11 de dezembro sobre o tema no diário socialista citava como fonte de informação justamente o extenso informe sobre o fim da greve publicado pelo *La Protesta* no dia anterior⁶⁸⁸. Segundo o próprio informe, os 5.000 dólares foram distribuídos entre o Comitê Pró-presos – uma organização da FORA que auxiliava seus militantes encarcerados –, os sindicatos envolvidos no conflito, a caixa de auxílio a Enrico Malatesta – nesse momento preso político na Itália fascista – e a gráfica do *La Protesta*⁶⁸⁹.

4.7. Ascensão e queda das mobilizações nas montadoras de automóveis: o fracasso na Ford

A vitória contra a General Motors – e muito provavelmente o dinheiro obtido com ela – levou ao ressurgimento do *El Metalúrgico*, publicação mensal do MU, que havia interrompido sua circulação em 1927. Em seu editorial de estreia no mês de março de 1930, a folha mensal dos trabalhadores metalúrgicos filiados à FORA deixava claro que os últimos eventos deveriam marcar uma nova etapa para os trabalhadores do ramo. A vitória contra a General Motors

[...] não constituiu um exemplo eloquentíssimo de conquista material. Os resultados imediatos desse triunfo, até a véspera inesperado e até mesmo impossível para o grosso do proletariado e da burguesia toda, são, sem dúvida alguma, pouco significativos. Porém, do ponto de vista moral e combativo, seus resultados não podem ser mais inspiradores⁶⁹⁰.

O saldo moral, ou organizativo, segundo o MU, era a principal conquista do movimento. Falava-se do início de “[...] um período de despertar coletivo e de afluência às organizações” e que esse impulso organizativo tinha “[...] raiz na contenda ganha a poderosa monarquia do dólar”. Os novos contingentes de trabalhadores que não paravam de “[...] engrossar as filas de nossa organização”, estavam formando núcleos nas fábricas e elaborando demandas, fazendo

⁶⁸⁷ CASARETTO, Martin S. *Historia del movimiento obrero argentino*. T. 2, 1947, p. 165; e EL ARREGLO del conflicto de la G. Motors – Versiones sobre mediaciones extrañas en los gremios. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 12 dez. 1929.

⁶⁸⁸ EL ARREGLO del conflicto de la G. Motors – La empresa pagó 5.000 dólares en concepto de indemnización. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 11 dez. 1929.

⁶⁸⁹ SANTILLAN, Diego Abad de Santillán. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona: Editorial Planeta, 1977, p. 125.

⁶⁹⁰ PROYECCIONES. *El Metalúrgico*, Buenos Aires, mar. 1930.

os membros do MU recordarem a onda de greves do fim da Primeira Guerra. Nas palavras dos editores, “[...] Esse fenômeno, que tem muita similitude com o que caracterizou os anos de 1920-1921, tende a generalizar-se em outros terrenos da produção”.

O sucesso na organização dos trabalhadores do ramo como consequência da vitória contra a General Motors parecia realmente dar frutos. Na mesma edição do *El Metalúrgico*, foram publicados os acordos fechados com duas outras montadoras de automóveis, a Nash Motors e a Hudson Motor Car⁶⁹¹. Sem precisarem declarar greve, os trabalhadores dessas montadoras conseguiram equiparar seus salários iniciais aos pagos pela General Motors, como também impuseram a redução de jornadas e horas em substituição à suspensão dos trabalhadores, assim como o controle do sindicato sobre a recontração dos suspensos. Ainda segundo o jornal, a pouca solidariedade que essas empresas menores tiveram com a General Motors, aproveitando-se do conflito para contratar muitos dos trabalhadores cessantes e avançar sobre o mercado da empresa, foi essencial para que o apelo destas por uma ação conjunta contra os trabalhadores organizados caísse no vazio. Para o MU, essas empresas não só tinham menor estofo para enfrentar um conflito tão longo, como também “[...] os meios empregados pelo movimento da F.O.R.A., ou seja, a ação direta, tem a virtude de convencer não só quem a recebe em sua carne, como também ao vizinho que contempla”⁶⁹². O que o autor talvez não tenha percebido era que o “vizinho” poderia aprender bastante com esse exercício contemplativo.

Tendo em vista esse cenário triunfante pintado pelos militantes do MU, nos cabe fazer duas perguntas. Em primeiro lugar, o quanto os meios de luta escolhidos pela FORA e pelo MU foram eficientes no combate à General Motors, mas sobretudo, se eles poderiam ser replicados com o mesmo efeito.

Desde o início do movimento na General Motors, o *La Protesta* publicou em suas notas uma série de informações sobre os supostos danos que a ação dos grevistas vinha causando nas finanças da empresa. Em 16 de março, por exemplo, o diário informava que o dono de uma frota de táxis tinha desistido de comprar carros do modelo Buick com medo dos atos de sabotagem⁶⁹³. Em 6 de setembro, uma outra nota publicada pelo diário anarquista afirmava que somente em relação às vendas daquele modelo, o prejuízo da empresa ascendia aos p\$ 14 milhões. Em relação aos carros da linha Chevrolet, 8 mil unidades teriam deixado de ser

⁶⁹¹ EL TRIUNFO en la casa Nash – En la casa de autos Nash la organización se impone sin necesidad de lucha; e UNA AMPLIA victoria en la casa Hudson. *El Metalúrgico*, Buenos Aires, mar. 1930.

⁶⁹² EL LOCK-OUT de los importadores de automóviles – Intentona patronal de clausura de las fábricas instaladas en el país. *El Metalúrgico*, Buenos Aires, jul. 1930.

⁶⁹³ NUESTRA lucha contra la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 16 mar. 1929.

vendidas, enquanto a redução das vendas de todos os outros modelos chegava a 80%⁶⁹⁴. No dia 26 de outubro, o diário anarquista celebrava a divulgação do balanço semestral da empresa, acusando uma diminuição de p\$m 20 milhões no seu faturamento em comparação com o ano anterior, resultado atribuído pelo jornal à ação dos grevistas⁶⁹⁵. Contudo, é necessário matizar esses números, uma vez que até o impacto da quebra de Wall Street nas ações da empresa negociadas na Bolsa de Nova York era comemorado como mais um elemento de desmoralização da General Motors na luta contra seus trabalhadores em Buenos Aires⁶⁹⁶.

Que durante o ano de 1929 tenha ocorrido uma retração expressiva no desempenho da General Motors na Argentina, não há dúvida. Naquele ano, após o fabuloso desempenho de 1928, quando a empresa bateu seu recorde de unidades vendidas, faturamento e lucro líquido, no país sul-americano, a General Motors registrou uma queda de 15% no número de carros e caminhões vendidos, além de uma redução de 11% e de 38% no faturamento e no lucro líquido, respectivamente⁶⁹⁷. Contudo, é um pouco temeroso afirmar em que grau a mobilização dos trabalhadores possa ter contribuído para esse desempenho com base apenas nessas informações, uma vez que, assim como o seu auge no ano de 1928, a queda do ano de 1929 acompanhou o movimento geral das atividades da empresa no “além-mar”. Somadas todas as vendas feitas pelas filiais no exterior, entre 1928 e 1929, houve uma queda de 9% no número de carros e caminhões vendidos e de 3,6% no valor líquido das vendas⁶⁹⁸. Segundo o relatório anual da General Motors de 1929, ao longo daquele ano o ritmo de produção teria sido diminuído em decorrência do declínio generalizado das atividades econômicas da empresa ao redor do mundo⁶⁹⁹. Resta lembrar que o estopim da greve em fevereiro foi justamente um conflito originado pela forma como havia sido feita a suspensão de metade dos trabalhadores de uma oficina.

Por outro lado, o relato sobre a greve feito por Dudley Maynard Phelps, em seu já citado estudo sobre a imigração das indústrias estadunidenses para a América do Sul, parece atestar a centralidade que a sabotagem e o boicote, ou seja, o deslocamento do conflito para fora da linha de produção, tiveram para o movimento. O autor dedicou algumas páginas para discutir as dificuldades e diferenças que uma empresa da América do Norte encontraria na região para

⁶⁹⁴ LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 06 set. 1929.

⁶⁹⁵ LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 26 out. 1929.

⁶⁹⁶ LA HUELGA en la General Motors. *La Protesta*, Buenos Aires, 16 nov. 1929.

⁶⁹⁷ Ver Tabela 4.3.

⁶⁹⁸ Para o total de vendas no exterior, ver: GENERAL MOTORS CORPORATION. *Twenty Fourth Annual Report of General Motors Corporation*, 1932, p. 33.

⁶⁹⁹ GENERAL MOTORS CORPORATION. *Twenty One Annual Report of General Motors Corporation*, 1929, p. 12.

realizar suas operações. Ao abordar possíveis problemas com sindicatos e o movimento operário no continente sul-americano, Phelps deteve-se longamente nas greves ocorridas entre 1929 e 1932, na General Motors, na Ford e na International Telephone and Telegraph, na cidade de Buenos Aires. Sabendo que muitas das informações que o autor utilizou para a elaboração de seus estudos foram obtidas por meio de entrevistas realizadas com gerentes e administradores de empresas estadunidenses que atuaram na Argentina, é possível inferir que as análises elaboradas pelo professor sobre essas greves sejam em grande medida tributárias das impressões, reflexões, mas sobretudo, das informações que esses funcionários forneceram sobre tais movimentos.

Especificamente sobre a greve da General Motors, Phelps dedicou uma atenção especial às táticas utilizadas pelos grevistas que “[...] mais pareciam uma guerra de guerrilha do que um protesto organizado contra equívocos reais ou imaginários”⁷⁰⁰. Ainda segundo Phelps, a destruição da propriedade de pessoas alheias ao conflito foi a principal e mais “viciosa forma de ação” do movimento, corroborando as afirmações da Comissão de Greve sobre a importância que essa tática teve durante todo o movimento. Se é difícil atribuir a queda das vendas no ano de 1929 exclusivamente ao movimento, pelo relato do professor, não devemos desprezar os impactos das ações de boicote e sabotagem perpetrados contra a empresa. Segundo nos conta Phelps,

Representantes comerciais eram ameaçados caso continuassem a vender produtos da companhia em greve. Membros do sindicato de choferes controlavam a compra de carros e invocavam o boicote. Isso foi levado ainda mais longe por meio de uma campanha para impedir aquisição de carros por compradores individuais. Pneus eram rasgados, ácido era jogado para destruir a tintura, para-choques eram amassados propositalmente, carros eram roubados; *ao fim e ao cabo, ficou perigoso operar um carro feito pela companhia envolvida na greve*⁷⁰¹. [grifo nosso].

Percorrendo um caminho diferente ao dos grevistas, Maynard Phelps havia chegado às mesmas conclusões. Para o autor, “[...] O propósito óbvio desses atos era a destruição da demanda pelos produtos da empresa”, ou seja, o alvo principal da ação dos grevistas fora deslocado da paralisação da produção para a inviabilização da circulação e da realização das mercadorias. E para o professor, embora esse método de ação “[...] não deva ser tolerado de nenhuma maneira”, ainda assim ele deveria ser reconhecido “[...] como o único método, com a

⁷⁰⁰ PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936, p. 255.

⁷⁰¹ Ibidem, p. 257-258.

exceção da arbitragem, que os sindicatos poderiam usar para impor suas vontades a essas empresas”, uma vez que “[...] O método usual de ação de se recusar a trabalhar até que as demandas fossem aceitas teria sido inefetivo, já que muitos candidatos estariam esperando pelas posições vacantes”⁷⁰².

O professor teve a sensibilidade de perceber a débil posição em que se encontravam os trabalhadores dessas fábricas em decorrência das possibilidades que os patrões tinham para substituírem rapidamente os grevistas. Contudo, ao justificar essa situação, Phelps não conseguiu escapar do discurso dos empresários do ramo. Segundo o professor, a substituição dos trabalhadores seria razoavelmente fácil, pois “Os salários e as condições de trabalho nessas fábricas [montadoras de automóveis] estão bem acima da média desses países [sul-americanos]” e “[...] a grande maioria dos [seus] trabalhadores está satisfeita e tem pleno conhecimento das condições favoráveis sob as quais eles trabalham”⁷⁰³.

Na realidade, a intermitência e desqualificação permitiam uma enorme rotatividade, sendo os salários pagos acima da média apenas o potencializador dessa política⁷⁰⁴. Não era à toa que em todas as mobilizações do MU e da UC registradas no ramo, entre 1929 e 1930, estavam lá o estabelecimento de regras para a suspensão dos trabalhadores em períodos de pouca demanda e o controle dos sindicatos sobre a contratação e recontração dos suspensos. Sem esse controle, com uma enorme flutuação do número de trabalhadores ao longo do ano, podendo ser incorporados de maneira eficiente com pouquíssimo treinamento e atraídos pelos altos ganhos imediatos, eram enormes as dificuldades que os sindicatos tinham para exercer qualquer contraponto ao poder das empresas na linha de montagem. A não ser que levassem o conflito para fora da fábrica.

O problema era que atuar fora da fábrica implicava em uma combinação complexa de circunstâncias, em que a conjuntura econômica, por exemplo, jogava um peso fundamental, mas não determinante. Os anos de 1928 e 1929 foram o auge do ciclo econômico de 1926 a 1933, momento de máxima atividade econômica na indústria e na agropecuária. O preço e o valor das exportações chegaram ao máximo da década. O PIB *per capita* registrou o seu ponto

⁷⁰² PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936, p. 257-258.

⁷⁰³ Ibidem, p. 258.

⁷⁰⁴ “O famoso Dia de Cinco Dólares instituído por Ford em 1914 não era para preencher vagas sobrando na empresa; ele criou, na verdade, um excedente de trabalho. No dia seguinte ao anúncio, dez mil pessoas foram aos portões da fábrica clamar por trabalho; nos meses seguintes, conforme Francesa Maltese descreve, os desempregados ‘continuaram a entupir a entrada dos escritórios da Ford’. A lição também foi aprendida pelas pessoas que estavam do lado de dentro do portão: a empresa não teria problemas em encontrar substitutos para os operários recalcitrantes”. EDWARDS, Richard. *Contested terrain*. The transformation of the Workplace in the Twentieth Century. Nova York: Basic Books, 1979, p. 127.

mais alto desde 1900 e só voltaria a ultrapassar os valores de 1929 no ano de 1944⁷⁰⁵. Segundo as estimativas elaboradas por Edward Shipley, 1928 e 1929 foram os anos com as menores taxas de desemprego entre 1914 e 1930⁷⁰⁶. Como corresponde ao ascenso do ciclo econômico, foi também entre os anos de 1928 e 1929 que, apesar de todas as limitações apontadas ao longo deste trabalho, houve uma maior agitação entre os trabalhadores de Buenos Aires (aumento no número de conflitos, de trabalhadores envolvidos e de reivindicações de caráter ofensivo)⁷⁰⁷.

Se o incremento da atividade econômica generalizada foi uma peça fundamental para quebrar a letargia dos trabalhadores da General Motors – nunca é demais recordar o espetacular desempenho da empresa no ano que se encerrou um mês antes do conflito estourar – e engajar um grupo de trabalhadores em constantes atividades de solidariedade e sabotagem, deflagrar uma greve nos mesmos moldes em um contexto adverso seria uma temeridade.

Entre o fim do conflito na General Motors e a declaração de greve na Ford, em julho de 1930, houve uma acelerada deterioração das condições econômicas na Argentina. Naquele momento já eram visíveis no país os efeitos da quebra do mercado mundial. Se foi possível viver uma sensação de prosperidade até meados de 1929, a crise começou a se fazer sentir de maneira mais contundente nos últimos dois meses daquele ano, quando a queda dos preços de exportação associada à fuga dos capitais estadunidenses ganhou proporções catastróficas. Em 1930, o tombo foi grande. Em comparação com o ano anterior, o PIB argentino caiu 7%, o valor das exportações voltou a níveis inferiores aos de 1922 e o das importações se reduziu em mais de 270 milhões de dólares. O volume físico das exportações ainda foi prejudicado por uma forte seca, reduzindo a quantidade de trigo embarcada em 4 milhões de toneladas em comparação com o ano anterior. Na indústria, a queda do PIB não foi tão acentuada nesse momento, apenas de 1%, mas na agricultura e na pecuária a retração foi de mais de 10%⁷⁰⁸.

A crise, que já havia forçado o novo governo empossado a pouco mais de um ano do presidente Hipólito Yrigoyen a abandonar o padrão ouro no dia 16 de dezembro, chegou às ruas pelo desemprego e o acelerado aumento do custo de vida em decorrência da desvalorização do peso. Em relação ao desemprego, as pesquisas realizadas pelo DNT, sobre a ocupação operária na cidade de Buenos Aires, indicaram que entre fevereiro e agosto de 1930 houve uma redução

⁷⁰⁵ CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*, Santiago de Chile: 1958, p. 3-4.

⁷⁰⁶ SHIPLEY, Robert Edward. *On the outside looking in: a social history of the porteño worker during the “golden age” of argentine development, 1914-1930*. New Brunswick, 1977. Tese (Doutorado em História da América Latina) – Rutgers University, the State University of New Jersey, p. 75.

⁷⁰⁷ Ver capítulo 2.

⁷⁰⁸ CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*, Santiago de Chile: 1958, p. 4; DI TELLA, Guido; ZYMELMAN, Manuel. *Los ciclos económicos argentinos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973, p. 162-164, 192, 217 e 257; JUNTA NACIONAL DE CARNES. *Estadísticas básicas*, 1967. In: FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010, p. 407 e 731-732.

de cerca de 2% no número absoluto de trabalhadores ocupados⁷⁰⁹. Voltando a Shipley, a taxa desemprego na cidade de Buenos Aires teria saltado de 11,6% para 15,6%. Já os números fornecidos por Juan Iñigo Carrera indicam que a redução do número de pessoas empregadas na indústria ao longo daquele ano teria sido de 6%, chegando a 30 mil o número daqueles que perderam seus empregos no setor. Na agropecuária, a situação foi mais grave ainda. A redução chegou a 10%, expulsando cerca de 145 mil trabalhadores do ramo⁷¹⁰.

Durante o primeiro semestre, o *La Vanguardia* abordou por diversas vezes o problema da desocupação. No dia 5 de abril, por exemplo, em um editorial de primeira página, o diário socialista afirmava que “Não se necessita ser um gênio para perceber que o desemprego alcançou atualmente em nosso país proporções inusitadas”⁷¹¹. Relatando as manifestações de forças políticas tão antagônicas entre si exigindo providências dos poderes públicos sobre o tema, como era o caso do Partido Comunista e da Igreja Católica, o diário afirmava que, apesar da inexistência de cifras precisas, “[...] Milhares de operários foram despedidos das fábricas e oficinas dessa capital e de outras cidades do interior em decorrência da redução de pedidos”. À diminuição das atividades na cidade somava-se o enorme contingente de trabalhadores rurais que já vinham sendo expulsos do campo em decorrência da combinação da crise econômica com a mecanização.

O desemprego e o aumento do custo de vida foram o principal tema das manifestações do Primeiro de Maio realizadas pelo Partido Socialista. Em uma declaração assinada pelo Comitê Executivo do partido e reproduzida na capa da edição do dia 2 de maio, reivindicava-se não só “[...] a rápida criação de novas oportunidades de trabalho por meio de um vasto plano de obras públicas”, como também “[...] a supressão dos impostos que encarecem o consumo do povo, [e] a elevação dos salários”⁷¹². Em seu discurso no ato, o deputado Nicolas Repetto, ao defender as posições do Comitê Executivo, fez um retrato da miséria que assolava o campo argentino, destacando como a desocupação também começava a ser sentida nas cidades⁷¹³.

Em junho, um novo editorial na primeira página destacava o problema que naquele momento já era sentido mundialmente. Segundo os editores, o desemprego, uma das consequências das crises periódicas de superprodução do capitalismo, adquiria naquele momento dimensões pavorosas. Na Argentina, mesmo sem estatísticas oficiais, “[...] o

⁷⁰⁹ CMDNT, n. 147, 1930, p. 3147; e CMDNT, n. 152/3/4, 1930, p. 3342.

⁷¹⁰ CARRERA, Juan Iñigo. *La Formación Económica de la Sociedad Argentina: Renta agraria, ganancia industrial y deuda externa. 1882-2004*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2007, v. 1, p. 208-209.

⁷¹¹ LA DESOCUPACIÓN obrera – Como debe ser combatida. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 05 abr. 1930.

⁷¹² DECLARACIÓN del Partido Socialista. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 e 03 maio 1930.

⁷¹³ GRANDIOSA manifestación socialista del 1º de Mayo – Diputado Repetto. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 02 e 03 maio 1930.

fenômeno é tão intenso e cruel, repercute de forma tão desastrosa sobre a vida coletiva que, mesmo sem saber o número exato, todo mundo percebe, sente e sabe”⁷¹⁴.

Essa conjuntura não escapava aos olhos dos militantes do MU. Na edição de julho do *El Metalúrgico*, uma nota dirigida aos trabalhadores das empresas montadoras de automóveis já possuía um tom bem diferente daquele do começo do ano⁷¹⁵. O texto fazia um apelo aos trabalhadores das montadoras em decorrência da situação calamitosa em que se encontravam. Com mais da metade dos trabalhadores do ramo sem emprego, o MU rogava àqueles que estavam trabalhando para que cumprissem seus turnos de maneira rigorosa, sem aceitar horas extras. Incitava os trabalhadores a aceitarem a redução de horas de trabalho para que mais companheiros tivessem emprego. Para o MU “[...] a solução definitiva do problema não está em repartirmos a miséria, senão em salvar a situação com medidas que nos assegurem o indispensável para viver”. Trabalhar menos, mas possibilitando que mais trabalhadores tivessem emprego, era uma forma de fortalecer a posição daqueles que estavam empregados, uma vez que “[...] trabalhando oito horas, há mais gente sem trabalho, o capitalismo pode lançar mão deles quando quiser e os que trabalham estarão correndo maior perigo, porque na porta haverá sempre um exército de famintos”. O apelo à solidariedade que marcava o combate contra a intermitência do trabalho, e que havia sido a principal bandeira dos trabalhadores do ramo, parecia ter sido quebrada pelo desemprego. Frente às suspensões e demissões generalizadas, a intensificação do trabalho estendia a sua mão.

No mesmo mês da publicação desse texto, em resposta a uma série de demissões, uma comissão de trabalhadores da fábrica da Ford enviou para a direção da empresa um comunicado reivindicando a adoção da redução de jornadas e horas de trabalho como alternativa à suspensão dos trabalhadores, assim como o controle do sindicato sobre a reconstrução dos suspensos. Sem obter nenhuma resposta dos gerentes, o MU declarou greve na fábrica da Ford no dia 11 de julho⁷¹⁶.

Contudo, pelo que se pode perceber pela leitura do *La Protesta* e de uma edição do boletim publicado pelo Comitê de Greve encontrada nos arquivos da empresa entre os documentos pessoais de seu presidente, Edsel Ford, a mobilização desde o princípio foi um fracasso. Os textos publicados nos dias seguintes à declaração de greve pelo diário anarquista tinham um tom nem um pouco altivo. No dia seguinte à declaração do conflito, por exemplo,

⁷¹⁴ EL ESPECTRO de la desocupación. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08 jun. 1930.

⁷¹⁵ EL TURNO en los talleres de automóviles – La jornada de 6 horas. *El Metalúrgico*, Buenos Aires, jul. 1930.

⁷¹⁶ HUELGA em la casa Ford. *La Protesta*, Buenos Aires, 05 jul. 1930; e SE DECLARO huelga en la Ford Motor. *La Protesta*, Buenos Aires, 11 jul. 1930.

uma nota publicada pelo *La Protesta* buscava justificar o movimento: “[...] Não é uma loucura entrar em greve em pleno período de desemprego”, ainda mais com os salários pagos pela empresa? O autor respondia positivamente, afirmando que “[...] Nem só de pão vive o homem!”.

No dia 16 de julho, um editorial de primeira página do *La Protesta* defendeu o movimento afirmando que os grevistas não estavam exigindo nada mais que a regulamentação dos turnos de trabalho, uma medida considerada “[...] justíssima [e] que já havia sido imposta nas mais importantes casas de automóvel”. O texto ainda apelava à memória do conflito contra General Motors e, apesar de falar sobre entusiasmadas reuniões e assembleias, reconhecia que não havia grande adesão dos trabalhadores. No dia 22, o *La Protesta* anunciou o início do boicote aos carros Ford pelos sindicatos aderidos à FORA, mas nem mesmo em suas colunas foram publicadas quaisquer informações sobre estas ações. Na verdade, os estivadores de Boca e Barracas, filiados à FORA, e que tiveram fundamental importância no conflito contra a General Motors, encontravam-se em uma cruenta luta contra os estivadores de Diques e Darsenas, organizados pela USA. A disputa entre as duas organizações pelas respectivas zonas, segundo Santillan, era resultado direto do desemprego e dos conflitos que este alimentava pelo predomínio de uma ou outra organização sobre os dois locais de trabalho⁷¹⁷.

Por fim, no dia 31, o diário anarquista publicou seu último editorial dedicado à greve. Nesse texto, os editores do *La Protesta* assumiam que era ineficaz qualquer tentativa de paralisar as atividades da empresa, uma vez que “Pouco custaria à companhia para substituir o pessoal grevista com *crumiros*, sobretudo com a enorme reserva de desocupados que espera a oportunidade para assegurar o seu quinhão”. Ao longo de agosto, foram publicadas apenas notas redigidas de maneira quase idênticas, um subterfúgio extremamente comum no *La Protesta* da época, e que qualificamos como “sobrenotificação” das mobilizações⁷¹⁸.

É claro que a conjuntura econômica deve ser levada em conta para explicar o fracasso da FORA e do MU em replicar na Ford a bem-sucedida tática de levar o conflito para fora do chão-de-fábrica. Contudo, a velocidade com que as organizações perderam a iniciativa pode ser explicada também pela ação determinada da empresa em acabar com a greve. Não só os

⁷¹⁷ Ver: IRRESPONSABILIDAD moral del quintismo – Lamentables consecuencias del fanatismo quintista. *Bandera Proletaria*, Buenos Aires, 18 jan. 1930; SINDICATO de Diques y Darsenas se dirige a os trabajadores portuarios – Queremos establecer en la zona portuaria un nuevo sistema de organización. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 03 abr. 1930; SANTILLAN, Diego A. El movimiento obrero argentino ante el golpe de Estado del 6 de Setiembre. In: PINEDO, Federico et alli. *La Crisis del 1930. II: Testimonios*. Buenos Aires: CEAL, 1986, p. 213.

⁷¹⁸ Ver capítulo 2.

próprios informes publicados pelo *La Protesta*, como também alguns documentos obtidos nos arquivos da empresa, dão conta de uma resposta incisiva da Ford para frear o movimento.

Um telegrama datado de 27 de junho de 1930, enviado para Charles E. Sorensen, diretor das operações da Ford na Europa e uma das figuras de proa da companhia no período, por exemplo, afirmava que o gerente da fábrica de Buenos Aires, F. F. Griffith, teria consultado a central da empresa em Dearborn sobre como resolver os problemas relativos à organização sindical dos seus trabalhadores. Segundo o telegrama, as instruções eram para “NÃO ENTRAR EM QUALQUER NEGOCIAÇÃO E IGNORAR TODAS AS DEMANDAS”. A fábrica deveria seguir operando normalmente até o último operário se recusar a trabalhar ou até os trabalhadores ferroviários se recusarem a transportar os carros – provavelmente quem redigiu as instruções deveria ignorar a importância do transporte fluvial na Argentina. A mensagem se encerrava com a seguinte frase: “VOCÊ CONHECE NOSSA POLÍTICA E NÃO DEVE CEDER”⁷¹⁹. A “NOSSA POLÍTICA” consistia basicamente em combater qualquer participação dos sindicatos na vida da empresa⁷²⁰. Em termos práticos, isso significou, segundo o inventário da fábrica de Buenos Aires de 1946, a compra de 15 revólveres Colt calibre 38 entre julho e agosto de 1930⁷²¹. Contudo, também se traduziu em uma intensa campanha para tentar desmoralizar os trabalhadores grevistas.

O boletim de greve publicado pelo MU e a UC no dia 20 de julho, apresentava em sua primeira página, além das reivindicações entregues à gerência da fábrica, uma série de denúncias contra as manobras feitas pela empresa para minar o movimento⁷²². Em primeiro lugar, o Comitê de Greve reclamava sem saber que Griffith estava cumprindo literalmente as ordens recebidas desde Michigan: a gerência não havia respondido a primeira nota enviada no

⁷¹⁹ *Benson Ford Research Center: Collection: Charles E. Sorensen Records Box: 2/ Acc 38 – Foreign Ford Companies, 1930 Argentina Buenos Aires/ Box: 2: RUSSEL. [Telegrama] 27 jun. 1930, para SORENSEN, Charles E. Londres.*

⁷²⁰ Segundo a principal e mais completa história institucional da empresa, “Todas as grandes companhias automotivas, lideradas pela General Motors e a Ford, opunham-se teimosamente a qualquer negociação coletiva”. HILL, Frank E.; NEVINS, Allan. *Ford: Expansion and Challenge, 1915-1933*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1957, p. 509-510. Já para Robert P. Weiss, “Ford faria o que ele quisesse com sua propriedade. Para ajudar a reforçar essa sua prerrogativa, Ford empregou muitos policiais – ele preferia ele mesmo fazer isso ao invés de contratar agências de segurança privada. O Departamento de Segurança da companhia era comandado pelo ex-marineiro e boxeador, Harry H. Benett, e no seu auge reunia 3.500 capangas, incluindo ex-boxeadores, ex-policiais, leões-de-chácara, ex-jogadores de futebol e ex-agentes do FBI, em sua maioria associados ao submundo. Com esse exército privado, Ford resistiu até às reformas do New Deal”. WEISS, Robert P. *Private Detective Agencies and Labor Discipline in the United States, 1855-1946. The Historical Journal*, v. 29, n. 1, mar. 1986, p. 105.

⁷²¹ *Benson Ford Research Center: Collection: Foreign Branch Publicity Records/ Box: 1/ Ar 65-47: Buenos Aires Depreciable Assets, 1946, p. 30.*

⁷²² *Benson Ford Research Center: Colection: Edsel Ford Records Box: 277/ Acc: 6- Edsel Ford Office Papers (B)/ Box: 5: Boletín de información a los obreros de la CASA FORD y al proletariado en general, 20 jul. 1930.*

dia 27 de junho, nem uma segunda nota encaminhada três dias depois após uma assembleia que, segundo o boletim, contou com a presença de 400 operários da fábrica.

Contudo, em uma outra nota⁷²³, o Comitê de Greve afirmava que, apesar do silêncio da gerência, os capatazes e os encarregados não só circularam um abaixo-assinado afirmando que os trabalhadores estavam satisfeitos com a empresa, como também espalharam boatos de que a fábrica poderia fechar em decorrência do movimento. Frente aos boatos, a nota se perguntava, “[...] que importância econômica tem a petição que foi apresentada à FORD? Se pede, por acaso, algum aumento de salários para que digam que com isso vão perder dinheiro e fechar a fábrica?”.

O espírito geral do documento reproduzia o tom pouco altivo das notas no *La Protesta*, dedicando seus textos quase que exclusivamente para a denúncia dos movimentos e artimanhas utilizados pela empresa para implodir o movimento. Em outro texto do boletim, por exemplo, os grevistas descreveram uma assembleia realizada na sede do MU, no dia 04 de julho, onde se fizeram presentes

“[...] não só a totalidade do pessoal, senão que também os chefes, os encarregados e funcionários da Ford, bem como outros elementos que nem sequer pertenciam a casa e que foram evidentemente recrutados com o fim de perturbarem o ato e votarem alguns contra qualquer disposição que se pretendia tomar contra a casa”.

A assembleia, segundo os grevistas, não tinha caráter deliberativo, o que frustrou os planos da empresa para aquele dia. Sendo assim, no dia seguinte, um manifesto apócrifo circulou na fábrica convocando os operários e funcionários da empresa para uma assembleia a ser realizada às 15h30 no Teatro Verdi, na Boca, um lugar que naquela época já tinha fundamental importância para a história do movimento operário argentino⁷²⁴. Nessa assembleia, para a qual os trabalhadores foram liberados duas horas antes do fim de seu expediente para participar e cujo resultado foi divulgado pelo *La Vanguardia*⁷²⁵, foi deliberado que ninguém tinha sido autorizado a representar os trabalhadores perante a gerência. Uma comissão foi eleita para intervir frente à empresa em “[...] todos os casos em que seja necessário”, assim como se aprovou um pedido para a reincorporação dos trabalhadores suspensos, conforme a demanda por trabalho aumentasse. No boletim, indignados com a

⁷²³ SIGUE el mutismo de la gerencia. *Boletín de información a los obreros de la CASA FORD y al proletariado en general*, 20 jul. 1930.

⁷²⁴ MANIOBRAS que afirman nuestra existencia. *Boletín de información a los obreros de la CASA FORD y al proletariado en general*, 20 jul. 1930.

⁷²⁵ RESOLUCIONES del personal de la Casa Ford. *La Vanguardia*, Buenos Aires, 08 jul. 1930.

manobra, mas principalmente por terem sua pauta roubada, o Comitê de Greve perguntava: “Não teria sido melhor e mais rápido que a Gerência respondesse nossa nota ou chamasse os delegados dessa organização que fazem parte do pessoal da casa para dar-lhes uma resposta satisfatória?”.

O último ato público do movimento foi de iniciativa da Ford, que curiosamente deslocou o seu centro de atenção do chão-de-fábrica para a rua. Segundo uma nota publicada no *La Nación*, no dia 7 de agosto, os trabalhadores da empresa teriam organizado uma marcha à Praça de Mayo⁷²⁶. O ato, ainda segundo a nota, terminou em frente à Casa Rosada, onde expressaram “[...] seus desejos de que as autoridades lhes garantissem sua liberdade de trabalhar”. Uma delegação de operários teria se reunido com o Ministro Elpidio Gonzalez, a quem teriam solicitado proteção “[...] para que seus trabalhos se cumpram sem tropeços, nem perigos”. O Golpe de Estado ocorrido um mês depois fechou o *La Protesta*, destituiu o governo ao qual Gonzalez servia e, segundo Maynard Phelps, encerrou definitivamente o conflito na empresa, salvando a Ford de passar pelo que havia ocorrido com a General Motors⁷²⁷.

Os conflitos acima analisados representaram duas formas pelas quais as inovações técnicas, introduzidas na indústria argentina da década de 1920, enfraqueceram a posição estratégica endógena dos trabalhadores com relação aos seus patrões. No caso da Mihanovich, a introdução das ferramentas pneumáticas terminou por simplificar os processos de trabalho, permitindo que a interrupção das atividades por parte de trabalhadores qualificados fosse derrotada por meio da incorporação de novos trabalhadores, que puderam rapidamente atingir níveis superiores de produtividade. Aumentou-se a produção, diminuiu-se o número de trabalhadores e os antigos acordos coletivos puderam ser ignorados. O caso foi um exemplo de como as inovações do período foram responsáveis por romper alguns “monopólios” exercido pela mão-de-obra qualificada, abrindo espaço para o rebaixamento do preço da força de trabalho e para a destruição de sua organização a partir do local de trabalho.

Por outro lado, as novas formas de organização da produção introduzidas pelos novos ramos da indústria, que chegaram ao país no período, funcionaram como uma espécie de

⁷²⁶ HAN PEDIDO garantías los obreros de un establecimiento – Ayer se congregaron en la Plaza de Mayo los de la Compañía Ford. *La Nación*, Buenos Aires, 07 ago. 1930.

⁷²⁷ PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936, p. 259.

camada impermeabilizante contra a penetração da organização sindical. Uma das principais vantagens que esses novos ramos encontraram para se instalarem na região foi a inexistência de uma atividade prévia similar de base artesanal ou qualificada que essas empresas teriam que destruir. Diferentemente do caso anterior, a princípio, essas empresas não tiveram que lidar com tradições organizativas fortemente enraizadas, como no caso dos caldeireiros.

Contudo, como ficou claro pela reconstrução e análise do conflito na General Motors e de seus desdobramentos em outras empresas do ramo, isso não significou um período de paz. As reclamações eram recorrentes e os problemas encontrados pelos trabalhadores do ramo na cidade de Buenos Aires eram extremamente semelhantes aos enfrentados pelos operários da indústria automobilística nos EUA que, aliás, também tinham enormes dificuldade de se organizarem sindicalmente naquela época⁷²⁸.

A especial atenção e as críticas feitas pela FORA e pelos *protestistas* às transformações que vinham se operando na indústria do período, com certeza colocaram a organização dos trabalhadores dessas fábricas, onde tais inovações tinham atingido o paroxismo, como uma tarefa fundamental para aqueles militantes. A tática adotada pela FORA, deslocando o conflito da produção para a rua, combinando paralisação com boicotes, atos de solidariedade de outras categorias, sabotagens e uma intensa campanha de agitação visando a desmoralização da empresa, teve um sucesso extremamente limitado. Frente a uma conjuntura econômica mais adversa e sua força centrífuga sobre os laços de solidariedade – não só dentro das fábricas, como também entre diferentes categorias – e sem seu elemento surpresa, ela não pôde ser replicada na Ford.

⁷²⁸ FINE, Sidney. The origins of the United Automobile Workers, 1933-1935. *The Journal of Economic History*, v. 18, n. 3, set. 1958, p. 249-282.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscamos destacar como a indústria argentina, durante a década de 1920, viveu um intenso processo de transformação e como este teve importantes consequências para o até então flamante movimento sindical daquele país.

A transformação da composição orgânica do capital industrial argentino – em outras palavras, a renovação técnica sofrida por algumas indústrias já existentes e o surgimento de novos ramos – foi uma das principais características que fizeram com que a década de 1920 fosse um momento singular dentro do ciclo de expansão baseado no complexo agroexportador, iniciado em 1870 e encerrado na década de 1930. Esse processo pode ser comprovado independentemente da escala escolhida para observá-lo, dentro do quadro macroeconômico, setorial, ou mesmo por meio da história individual de algumas empresas. Outra faceta desse processo foi a ampliação da influência estadunidense na economia do país sul-americano, tanto como fornecedores de máquinas e equipamentos, que redesenharam muitas indústrias no país, assim como sendo o local de origem de muitas empresas que passaram a produzir – ou pelo menos realizar algumas etapas da fabricação de seus produtos – em fábricas instaladas na Argentina.

Mesmo sendo esse processo relativamente bem conhecido pelos historiadores que se dedicaram a estudar a história da indústria argentina, os impactos que essas transformações tiveram na organização dos trabalhadores e na dinâmica dos conflitos com seus patrões foram muito pouco explorados.

Que a década de 1920 tenha sido marcada por importantes transformações na sociedade argentina, identificadas principalmente com o chamado “americanismo”, e por uma série de inovações tecnológicas, foi algo notado e muito bem escrutinado sob a perspectiva da vida cotidiana¹ ou da cultura². Contudo, o “mundo da produção” ou o “mundo do trabalho”, como se fosse algo que pudesse ser apartado desses outros aspectos da vida material e intelectual, mesmo que também tenha sido o palco dessas transformações, foi de certa forma negligenciado ou deliberadamente descartado como fonte de qualquer informação que pudesse elucidar as causas do abrandamento dos conflitos sociais durante o período.

¹ Ver: ROCCHI, Fernando. La americanización del consumo: las batallas por el mercado argentino 1920-1945. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Org.). *Americanización*. Estados Unidos y América Latina em siglo XX: Transferencias económicas, tecnológicas y culturales. Caseros: Eduntref, 2003, p. 71-100; e KORN, Francis; OLIVER, Martin (Org.). *En Buenos Aires 1928*. Buenos Aires: Sudamericana, 2017.

² Além dos trabalhos de Mirta Lobato, ver os comentários de Beatriz Sarlo sobre a obra de Roberto Arlt em: SARLO, Beatriz. *La Imaginación técnica: sueños modernos en la cultura argentina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992; SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 94-115.

Muitos desses trabalhos que tematizaram a diminuição da tensão social durante a década de 1920, principalmente apontando para a perda da relevância das organizações políticas de esquerda e sindicais – o que não está correto, tendo em vista as mobilizações gerais de 1924 e 1927 –, partiram da ideia de que “[...] a existência das classes sociais [...] não se podia derivar do estudo da estrutura produtiva, posto que tal definição resultaria notoriamente incompleta ao não se deter em uma análise da cultura, dos valores e práticas, elementos constituintes e constitutivos da identidade das classes sociais”³. Nas palavras de Emília Viotti, essas posturas assumidas por algumas correntes historiográficas

[...] não só postulam uma separação artificial entre objetividade e subjetividade (ou liberdade e necessidade) esquecendo que uma está implicada na outra, mas também ignoram um princípio básico da dialética que afirma que são os indivíduos (homens e mulheres) que fazem história, se bem que a façam em condições que não foram por eles escolhidas. O resultado desse movimento de uma postura teórica para outra foi que se passou de reducionismo a outro. Ao reducionismo econômico substituiu-se um novo tipo de reducionismo: cultural ou linguístico, tão insuficiente e equivocado quanto o anterior [...]⁴.

É claro que a vida das organizações sindicais e políticas de esquerda, suas publicações, suas atividades e seus militantes estão longe de abarcar a totalidade da experiência histórica da classe trabalhadora, onde quer que seja. Contudo, ao restituirmos a importância da estrutura produtiva para a análise dos conflitos sociais na década de 1920 na cidade de Buenos Aires, inevitavelmente, as greves – ou a dificuldade de realizá-las – e o movimento sindical mostraram-se como um importante ponto de partida para matizarmos a suposta “paz social” do período.

Partindo da descrição da “realidade rebelde” da década de 1920, ou seja, das condições que não foram escolhidas pelos indivíduos para fazerem a história, e cotejando essas informações com aquelas obtidas por nossa pesquisa sobre as greves entre 1924 e 1930, pudemos concluir que existiu, no período, um consenso entre os diversos grupos e tendências políticas que atuavam no movimento sindical argentino sobre uma enorme dificuldade para organizar os trabalhadores. Essas dificuldades eram percebidas como uma certa apatia, mas se expressaram principalmente nas limitações que as práticas sindicais existentes até então tinham para fazer frente a um constante incremento do poder dos patrões nos locais de trabalho. A

³ ROLDAN, Diego P. La formación de los sectores populares urbanos en la historiografía argentina: Una mirada sobre el núcleo. *Signos Históricos*, México, v. 10, n. 20, dic. 2008, p. 210.

⁴ VIOTTI, Emília. A dialética invertida: 1960-1990. In: _____. *A dialética invertida e outros ensaios*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014, p. 13.

existência dessas dificuldades pode ser corroborada pelo caráter eminentemente defensivo dessas greves e pelo alto índice de fracassos em seus resultados. Se a hegemonia de um grupo político sobre o movimento sindical nasce da fábrica, ou seja, da aptidão para direção moral e intelectual fundamentada na capacidade de forçar os empregadores a fazerem concessões, a fragmentação política do movimento sindical teria sido muito mais o resultado da dificuldade em organizar os trabalhadores de Buenos Aires do que a sua causa.

Assim, foi possível concluir que, por detrás do abrandamento dos conflitos sociais durante a década de 1920, existiu uma enorme dificuldade dos trabalhadores em se organizarem. Essa dificuldade resultou em uma piora nas condições de trabalho desde o fim da onda de greves de 1917 a 1921, como foi expresso em diversos momentos na imprensa operária do período. Dito isso, foi possível afirmar que, em primeiro lugar, a dita bonança econômica esteve longe de ter um impacto universal sobre a classe trabalhadora de Buenos Aires. Em segundo lugar, contribuiu para a diminuição do número de greves entre 1924 e 1930 o fato de ser um perigo deflagrar esse tipo de conflito.

Que transformações foram essas ocorridas nos locais de trabalho e que conformaram esses coeficientes de adversidade para a organização e ação dos trabalhadores? Ao revisarmos os debates em torno do “evangelho industrialista” na Argentina da década de 1920, pudemos identificar como suas palavras trataram de dar conta de transformações, intencionais ou não, pretendidas ou de fato, que ocorreram no chão-de-fábrica. A reestruturação produtiva operada na década de 1920 na Argentina acarretou a adoção de processos de trabalho anunciados como racionais, modernos ou diretamente inspirados pela “organização científica do trabalho”. Tais transformações não só inspiraram um fecundo debate na imprensa política do período acerca das implicações da “racionalização”, como foram percebidas nos mais variados e distintos ramos da produção, tipos de fábricas e categorias de trabalhadores. O abrandamento dos conflitos sociais no período emerge desses relatos como consequência das enormes facilidades que os patrões tinham para substituir os grevistas ou trabalhadores organizados em decorrência da mecanização, da desqualificação do trabalho e do consequente incremento do exército de reserva. O mal-estar e a apatia dos trabalhadores para a ação coletiva se impunham em decorrência do aprofundamento da parcialização e do aceleração dos ritmos de trabalho, somados ao acirramento da competição entre eles. Esse foi o conteúdo do enfraquecimento da posição estratégica endógena dos trabalhadores com relação aos seus patrões.

Essa evidência ficou ainda mais forte a partir da reconstituição dos conflitos em três empresas que participaram desse processo de renovação da indústria argentina durante a década de 1920. Nesse sentido, foi possível identificar as duas principais formas com que as novidades

do “evangelho industrialista” puderam auxiliar os patrões contra seus trabalhadores. Nas indústrias e atividades já existentes, a mecanização e as novas formas de organização do trabalho funcionaram como o Cavalo de Tróia, ou seja, a introdução de inovações que romperam alguns “monopólios” exercidos pela mão-de-obra qualificada e que eram vantagens fundamentais em sua posição estratégica endógena. Em relação às novas indústrias que chegaram ao país, estas foram blindadas contra a penetração da organização sindical, tendo ainda como vantagem a inexistência de qualquer atividade prévia similar de base artesanal ou qualificada.

As possibilidades de apaziguamento por meio da reestruturação produtiva não eram absolutas. Muitas vezes tiveram de se combinar com práticas antigas e nem um pouco científicas de disciplinamento e enquadramento dos trabalhadores, assim como também não estavam imunes às flutuações econômicas e às idiossincrasias da política local. Ainda assim, acreditamos na possibilidade de multiplicar os exemplos do período a partir do trabalho realizado por nós com a Companhia Mihanovich, a General Motors e a Ford Motors⁵.

O abrandamento dos conflitos sociais durante a década de 1920 na Argentina, entendido como um aspecto, mas também como um episódio local do processo de restauração e estabilização da ordem burguesa após os revolucionários anos de 1917 e 1921, nos permite afirmar que “a paz social” da década de 1920, muito mais que o resultado da “bonança econômica”, tenha sido a paz do cemitério da reestruturação produtiva. Em outras palavras, o restabelecimento, mesmo que provisório da hegemonia burguesa na Argentina da década de 1920, também nasceu da fábrica.

⁵ Ver Capítulo 4.

ANEXO 1

Greves em Buenos Aires, 1924-1930

Sigla	Descrição
Redução de salários (RD)	Greve de caráter defensivo que ocorre quando trabalhadores paralisam as atividades em decorrência da redução dos seus salários.
Aumento de salários (AS)	Greve de caráter ofensivo que ocorre quando os trabalhadores paralisam as atividades exigindo o aumento de seus salários.
Atraso de salário (AT)	Greve de caráter defensivo que ocorre quando os patrões atrasam ou criam empecilhos para os trabalhadores receberem seus salários.
Condições de trabalho (CT)	Greve de caráter defensivo exigindo a demissão de trabalhadores não organizados e capatazes, melhores condições de higiene e dos edifícios, contra o aumento de tarefas ou a intensificação dos ritmos de trabalho etc.
Jornada de trabalho (JT)	Greve de caráter ofensivo pela redução das horas de trabalho e/ou conquista de dias livres para o descanso.
Organização (ORG)	Greve de caráter ofensivo que exige o reconhecimento por parte dos patrões da organização ou representação sindical nos locais de trabalho.
Readmissão (RA)	Greve de caráter defensivo que exige a readmissão de um ou mais trabalhadores demitidos por motivos considerados injustos.
Solidariedade (S)	Greve de caráter ofensivo, uma vez que um grupo de trabalhadores sem relação direta com um movimento se declara em greve com intuito de demonstrar força.
Política (P)	Greve geral cujo objetivo é o de marcar posição ou protestar contra atos das autoridades estatais, jurídicas, policiais ou propostas legislativas.
Número de trabalhadores (T)	Número de grevistas/trabalhadores afetados pela mobilização
Resultado Negativo/sem dados (RN)	Greves cujos resultados foram negativos ou que deixaram de ser noticiadas sem que se fizesse qualquer menção ao seu resultado
Resultado Positivo (RP)	Greves cujas reivindicações ou parte delas foram atendidas.
Reivindicações Ofensivas (ROF)	Número de reivindicações feitas pelos grevistas consideradas como ofensivas.
Reivindicações Defensivas (RDF)	Número de reivindicações feitas pelos grevistas consideradas como defensivas.
Jornadas Perdidas (JP)	Calculado a partir das datas em que se iniciou e em que terminou/deixou de ser registrado o conflito
Intensidade (Int)	JP multiplicado por T
Fontes	Publicações de onde foram retiradas as informações sobre as greves.

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Calçado	Antonio Trimballi	Avenida Forest 500	Operários	01/01/1924	11/01/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	10	0	(01.04.05.06.08.09.10.11/01/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Juan Guerzso	(Calhera 1856)	Trabalhadores	01/01/1924	22/01/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	21	0	(01.03.04.05.06.08.09.10.11.12.13.15.22/01/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Roselló & Cía	La Plata 652	Trabalhadores	01/01/1924	16/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	46	0	(01.03.04.17.19.22.23.24.25/01-01.02.03.05.06.07.09.10.16/02/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Petery Hnos	s/d	Trabalhadores	01/01/1924	01/01/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(01/01/1924) LA PROTESTA
Automóveis e carrocerias	José Guaglioni	Pavón, 1486	Operários	03/01/1924	26/01/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	23	0	(09/01/1924) LA VANGUARDIA, (03.04.06.08.12.23.24.25.26/01/1924) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	Casa Vincelli	s/d	Operários	05/01/1924	22/01/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	17	0	(05/01/1924) LA VANGUARDIA, (05.06.08.09.10.11.12.13.15.17.19.20.22/01/1924) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	La Resolución	Caseros, 2500	Trabalhadores	06/01/1924	08/01/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	2	0	(06.08/01/1924) LA PROTESTA
Construção	GERAL-CATEGORIA	s/d	Pintores	06/01/1924	10/01/1924	0	0	1	1	0	0	0	0	0	600	1	0	0	2	4	2400	(09/01/1924) LA VANGUARDIA, (09.10.11.12.13/01/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Roque Salerno	Austrália 1924	Mecânicos	07/01/1924	21/03/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	74	0	(21/03/1924) LA VANGUARDIA
Automóveis e carrocerias	Guillini y Hijos	Rivera 1770	Operários	09/01/1924	12/01/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(09/01/1924) LA VANGUARDIA, (12/01/1924) LA PROTESTA
Construção	GERAL-CATEGORIA	s/d	Trabalhadores	15/01/1924	05/02/1924	0	0	0	0	1	1	1	0	0	800	1	0	3	0	21	16800	(09/02/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT, Nº 83, LA INTERNACIONAL, (16.17.19.20.22.23.29.31/01; 02.03.06.07/02/1924) LA PROTESTA
GERAL	GERAL	29 empresas	29 empresas	19/01/1924	27/01/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	5549	1	0	0	0	8	44392	CMDNT Nº 83
Têxtil	GERAL-CATEGORIA	GERAL	Tecelões	22/01/1924	25/01/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	1500	1	0	0	0	3	4500	(22.23.24.25/01/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	GERAL-CATEGORIA	s/d	Ferradores	22/01/1924	13/02/1924	0	0	0	0	1	1	1	0	0	200	0	1	3	0	22	4400	CMDNT Nº 83
Costura e vestimenta	Devesa y Vazques	Humberto I, 1570	Trabalhadores	26/01/1924	15/02/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	20	0	(01/02/1924) LA VANGUARDIA, (02.03.04.05.06.07.09.10.12.13.15/02/1924) LA PROTESTA
Automóveis e carrocerias	Silva y Laporte	Azara, 250	Operários	30/01/1924	30/01/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(30.01; 02.03.06.07.08/02/1924) LA PROTESTA
Calçado	Méndez & Cia.	Padilla, 762	Operários	31/01/1924	05/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	5	0	(02/02/1924) LA VANGUARDIA
Calçado	Campechiale	Cochabamba, 3626	Operários	01/02/1924	10/02/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	9	0	(10/02/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	02/02/1924	24/02/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	15	1	0	1	0	22	330	CMDNT Nº 83
Madeira e móveis	s/d	s/d	Serradores	03/02/1924	11/02/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	8	96	CMDNT Nº 83
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Costureiros	04/02/1924	09/03/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	14	1	0	0	1	34	476	CMDNT Nº 83
Têxtil	s/d	s/d	Operários	04/02/1924	05/03/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	360	1	0	0	1	30	10800	CMDNT Nº 83
Calçado	Federico Magriña	Brasil, 3144	Operários	05/02/1924	19/02/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	14	0	(05/02/1924) LA VANGUARDIA, (007.08.09.16.19/02/1924) LA PROTESTA
Têxtil	Balbieno & Antonini	San José 1641	Operários	05/02/1924	26/02/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	21	0	(05.06.07.08.09.13.20.22.26/02; 03/03/1924) LA PROTESTA
Calçado	s/d	s/d	Operários	05/02/1924	23/02/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	35	1	0	0	1	18	630	CMDNT Nº 83
Calçado	Fábrica Laval y Carlino	Córdoba 2970	Operários	06/02/1924	10/02/1924	0	1	1	0	0	0	0	0	0	35	1	0	0	2	4	140	CMDNT Nº 83
Tabaco	Domínguez y Cia	Bulnes, 1448	Trabalhadores	10/02/1924	23/02/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	13	0	(19/02/1924) LA VANGUARDIA, (10.12.14. 16.19.20.22/02/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 83
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Padeiros	10/02/1924	13/02/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	13	1	0	0	1	3	39	CMDNT Nº 83
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	10/02/1924	18/02/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	42	1	0	1	0	8	336	CMDNT Nº 83
Metalúrgicos	A. Manghi	Belgrano 925	Ferreiros	10/02/1924	22/04/1924	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	72	0	(21/03/1924) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	La Princesa	San Juan 3134	Confeiteiros	10/02/1924	23/04/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	73	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA, (06.10.12.13.15.16/19.20.22.23/04/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	11/02/1924	26/02/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	1	15	105	CMDNT Nº 83
Construção	GERAL-CATEGORIA	s/d	Trabalhadores	12/02/1924	27/03/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	400	0	1	0	1	44	17600	(13/02/1924) LA VANGUARDIA, LA INTERNACIONAL, CMDNT Nº 83
Metalúrgicos	Proto & Rapa	s/d	Operários	13/02/1924	22/02/1924	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	9	0	(13.22/01/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Roque Salerno	Austrália 1924	Mecânicos	21/02/1924	27/02/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	6	0	(27/02/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Taverse & Chicovsky	Camarones 2384	Trabalhadores	23/02/1924	12/03/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	18	0	(27/02/1924) LA VANGUARDIA
Química	Mantero y Balza	Avenida General Mitre 2300	Operários	25/02/1924	26/04/1924	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	61	0	(03/03/1924) LA VANGUARDIA, (11.12.13.14.20.21.23.25.27.28.29/03; 17.19.20.25.26/04/1924) LA PROTESTA
Construção	PARCIAL-CATEGORIA	s/d	Pintores	25/02/1924	06/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	41	0	(06/04/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	A. Manghi	Belgrano 925	Ferreiros	26/02/1924	27/02/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(27/02/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Fábrica de caixões	s/d	Carpinteiros	01/03/1924	16/03/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	15	150	CMDNT Nº 83
Madeira e móveis	Taller Waisman	Gascón 530	Trabalhadores	03/03/1924	05/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	61	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Casa Echart	Pedro Mendoza, 2239	Serradores	03/03/1924	11/06/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	100	0	(24/03/1924) LA VANGUARDIA, (05/1924) EL CARPINTERO Y EL ASERRADOR
Gráficos	s/d	s/d	Gráficos	04/03/1924	11/03/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	110	1	0	1	0	7	770	(11/03/1924) LA VANGUARDIA
Construção	Maffei	Newton 188 (Avellaneda)	Trabalhadores	05/03/1924	16/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	11	0	(05.06.07.14.15.16/03/1924) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	Almargo SUD	s/d	Motoristas de ônibus	06/03/1924	23/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	48	0	(05/03/1924) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Belgrano Autobus	s/d	Motoristas de ônibus	07/03/1924	23/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	47	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Italo-Argentino	s/d	Motoristas de ônibus	07/03/1924	16/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	9	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	08/03/1924	15/03/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	30	1	0	1	0	7	210	CMDNT Nº 83
Construção	GERAL-CATEGORIA	s/d	Trabalhadores	10/03/1924	27/03/1924	0	0	0	1	1	1	0	0	0	948	0	1	3	0	17	16116	(19/03/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 83
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Padeiros	12/03/1924	31/03/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	13	1	0	1	0	19	247	CMDNT Nº 83
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Padeiros	12/03/1924	04/04/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	0	0	1	23	299	CMDNT Nº 83
Serviços	El Internacional	Corrientes 2317	Garçons	13/03/1924	28/03/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	15	0	(28/03/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Casa Zarategui	Pedro Echague 2951	Construtores de caixão	14/03/1924	06/04/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	23	0	(19/03/1924) LA VANGUARDIA, (21.22.23.25.27.28.29/03; 01.02.03.04/04/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Fábrica de Cadeiras	s/d	Operários	17/03/1924	17/04/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	50	1	0	1	0	31	1550	CMDNT Nº 83
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	18/03/1924	18/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	(19/03/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Fábrica	s/d	Marceneiros	24/03/1924	07/04/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	1	0	1	0	14	280	CMDNT Nº 83
Madeira e móveis	Ramon Montaña & Cia	s/d	Operários	28/03/1924	10/04/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	13	0	(28.29.30/03; 01.02.03.04.05.10/04/1924) LA PROTESTA
Gráficos	s/d	s/d	Impressores	28/03/1924	08/04/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	51	1	0	1	0	11	561	CMDNT Nº 83

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Calçado	Casa Vila	s/d	Sapateiros	31/03/1924	01/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	1	0	(01/04/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Casa Moon	Saipacha 374	Trabalhadores	03/04/1924	04/04/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(04/04/1924) LA VANGUARDIA
Construção	s/d	Avenida Suenz, 500	Trabalhadores	04/04/1924	10/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	6	0	(04.05.06.10/04/1924) LA PROTESTA
Gráficos	s/d	s/d	Impressores	04/04/1924	11/04/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	20	1	0	1	0	7	140		CMDNT Nº 83
Construção	Obras Parque Chacabuco	s/d	Pedreiros	05/04/1924	08/04/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	3	0	(08/04/1924) LA VANGUARDIA
GERAL	GERAL	19 empresas	Vários	05/04/1924	15/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	4415	1	0	0	0	10	44150	CMDNT Nº 83
Madeira e móveis	Casa Barzi & Revisori	Mocoretá 256	Carpinteiros	07/04/1924	28/04/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	LA	34	1	0	1	0	21	714	(05/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR, (11.12.22.23.26.27/04/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 83
Transportes	PARCIAL-CATEGORIA	s/d	Marítimos	14/04/1924	30/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	3000	0	1	0	0	16	48000	CMDNT Nº 83
Madeira e móveis	Taller A. Monti	Suñ Carnot, 956 (MARIO BRAVO)	Tapeceiros	18/04/1924	abr/24	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Calçado	Casa Parodi, Gregorio y CIA	Iriarte, 2281	Sapateiros	19/04/1924	30/04/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	11	0	(30/04/1924) LA VANGUARDIA, (27/04/1924) LA PROTESTA
Metallúrgicos	Schuker	s/d	Operários	22/04/1924	23/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	1	0	(22.23/04/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Carlos Negre	Villafañe y Brau	Ferreiros	23/04/1924	26/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	0	(23.25.26/04/1924) LA PROTESTA
Calçado	Casteli	Independencia, 4236	Operários	24/04/1924	27/04/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(23.24.25.26.27/04/1924) LA PROTESTA
Gráficos	Jornal La Republica	s/d	Gráficos	24/04/1924	26/04/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0	(26/04/1924) LA VANGUARDIA
Construção	Ranieri & Hermanos	Patagones, 2600	Operários	26/04/1924	27/04/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(26.27/04/1924) LA PROTESTA
Calçado	Casa Milan y Estanco	s/d	Sapateiros	26/04/1924	01/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	5	0	(30/04/1924) LA VANGUARDIA
Metallúrgicos	Casa Pino	s/d	Operários	29/04/1924	26/05/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	27	0	(30/04/1924) LA VANGUARDIA,
Construção	Julio Marini	s/d	Trabalhadores	01/05/1924	09/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	8	0	(09/05/1924) LA VANGUARDIA
Metallúrgicos	s/d	s/d	Mecânicos	01/05/1924	27/05/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	26	1560	CMDNT Nº 83
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	03/05/1924	09/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	200.000	1	0	0	0	6	1200000	(09/05/1924) LA VANGUARDIA, (06.07.08.09/05/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 83
Gráficos	Casa Archelli	s/d	Gráficos	03/05/1924	11/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	10	0	1	0	0	8	80	(11/05/1924) LA VANGUARDIA
Gráficos	Editorial Atlántida	s/d	Gráficos	03/05/1924	20/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	135	1	0	0	0	48	6480	(22/05/1924) LA VANGUARDIA
Gráficos	Casa Otero y Cia	s/d	Gráficos	03/05/1924	14/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	11	0	(14/05/1924) LA VANGUARDIA
Gráficos	Anthony Blauck	s/d	Gráficos	03/05/1924	14/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	11	0	(14/05/1924) LA VANGUARDIA
Gráficos	Tailhade & Cia	Victoria 4270	Gráficos	03/05/1924	14/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	11	0	(14/05/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	GERAL-CATEGORIA	GERAL	Operários	03/05/1924	24/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	5.000	0	1	0	0	21	105000	(24/05/1924) LA VANGUARDIA
Construção	GREAL-CATEGORIA	GERAL	Trabalhadores	03/05/1924	21/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	18	0	(21/05/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Café Social	Almirante Brown, 826	Garçons	03/05/1924	30/05/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	27	0	(30/05/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Bar Martinez	s/d	Garçons	03/05/1924	22/05/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	19	0	(22/05/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	GERAL-CATEGORIA	GERAL	Trabalhadores	03/05/1924	12/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	9	0	BANT 1924 pg. 286-288
Madeira e móveis	Tibakaman	Zapaleri 1559 (Gen. Manuel Rodrigues)	Trabalhadores	03/05/1924	03/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	s/d	Alvarez, 659	Trabalhadores	03/05/1924	03/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Baisman & Bolinsky	Acocyte, 1357	Trabalhadores	03/05/1924	03/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Jaime Mas	Rincon, 935	Trabalhadores	03/05/1924	03/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Brodski	Muñiz 743	Trabalhadores	03/05/1924	03/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	s/d	Serrano, 328	Trabalhadores	03/05/1924	03/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Tabaco	Razon	s/d	Operários	14/05/1924	17/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	3	0	(14.15.16.17/05/1924) LA PROTESTA
Têxtil	Compañia Introdutora Argentina	s/d	Operários	14/05/1924	18/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	4	0	(14.18/05/1924) LA PROTESTA
Calçado	Fernandez & Cia	Belgrano, 1824	Operários	17/05/1924	18/05/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(17/05/1924) LA VANGUARDIA, (17.18/05/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Barlot & Cia	José Maria Moreno, 742	Operários	18/05/1924	07/06/1924	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	1	2	1	20	0	(06/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR, (18.20.23/05/1924) LA PROTESTA
Calçado	s/d	s/d	Sapateiros	19/05/1924	04/06/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	100	1	0	1	0	16	1600		CMDNT Nº 83
Calçado	Mirasco, Melián & Diaz	s/d	Operários	21/05/1924	06/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	16	0	(21.24.25.27/05.03.04.05.06/06/1924) LA PROTESTA
Couro	Pasques	s/d	Trabalhadores	22/05/1924	27/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	5	0	(22.23.24.25.27/05/1924) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	22/05/1924	25/05/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	32	0	1	1	0	3	96	CMDNT Nº 83
Calçado	Rubinet	s/d	Operários	25/05/1924	12/06/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	18	0	(25.26.27.29.30.31/05; 01.03.04.05.06.07.08.11.12/06/1924) LA PROTESTA
Metallúrgicos	Casa René & Gader	s/d	Operários	28/05/1924	07/06/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	10	0	(28/05/1924) LA VANGUARDIA
Metallúrgicos	Casa Parisi	s/d	Operários	01/06/1924	21/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	20	0	(21/06/1924) LA VANGUARDIA
Construção	Angel Bollini & Hijo	s/d	Pedreiros	02/06/1924	04/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	2	0	(04/06/1924) LA VANGUARDIA
Metallúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	02/06/1924	02/06/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	35	1	0	0	1	0	0		CMDNT Nº 83
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	04/06/1924	12/06/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	38	1	0	0	1	8	304	CMDNT Nº 83
Metallúrgicos	Vasena	s/d	Operários	05/06/1924	20/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	2500	1	0	0	0	15	37500	(05.08.10.13.14.15.17.18.19.20/06/1924) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	Fábrica Munu	s/d	Operários	05/06/1924	06/06/1924	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	2	0	1	0	(06/06/1924) LA VANGUARDIA, (06/6/1924) LA PROTESTA
Serviços	Garagem Império	Progreso, 2932	Lavadores	06/06/1924	07/06/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(07/06/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	s/d	s/d	Lavadores	11/06/1924	16/06/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	5	50	CMDNT Nº 83
Motoristas e anexos	La Suburbana	s/d	Motoristas de ônibus	15/06/1924	18/06/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(18/06/1924) LA VANGUARDIA
Metallúrgicos	Casa Iguonis	s/d	Aprendizes	17/06/1924	18/06/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	(18/06/1924) LA VANGUARDIA
Calçado	Poli	s/d	Trabalhadores	21/06/1924	08/07/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	17	0	(21.22.24.25.27.28/06.01.03.06.08/1924) LA PROTESTA
Construção	PARCIAL-CATEGORIA	PARCIAL-CATEGORIA	Trabalhadores	22/06/1924	29/06/1924	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	7	0	(29/06/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	GERAL-CATEGORIA	GERAL-CATEGORIA	Trabalhadores	23/06/1924	24/06/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(24/06/1924) LA VANGUARDIA
Gráficos	Casa Frigerio	s/d	Encadernadores	25/06/1924	25/06/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(25/06/1924) LA VANGUARDIA
Metallúrgicos	Vascongada	Mármol, 1752	Operários	06/06/1924	12/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	6	0	(06.10.13/06/1924) LA PROTESTA

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES	
Madeira e móveis	Taller Sargansky	Paraná, 746	Trabalhadores	01/04/1924	02/04/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Taller Malabia	Malabia, 963	Lustradores	01/04/1924	02/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	1	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Taller Botelli & Cia	Potosí 4366	Trabalhadores	01/04/1924	02/04/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Casa Bignanimi & Cia	La Plata, 1165	Trabalhadores	15/02/1924	19/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(15/02/1924) LA VANGUARDIA, LA INTERNACIONAL
Madeira e móveis	Casa Maze	s/d	Trabalhadores	2 dias	01/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	0	1	0	0	2	0	(06/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Madeira e móveis	Taller Serrano	Serrano, 132	Trabalhadores	3 dias	01/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	3	0	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Metalúrgicos	Basch	s/d	Trabalhadores	01/02/1924	01/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(01/02/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Compañía Nacional de Tarros	s/d	Trabalhadores	01/02/1924	01/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	0	(01/02/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Vasena	s/d	Operários	01/02/1924	01/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	2500	1	0	0	0	0	0	0	(01/02/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Roque Salerno	Austrália 1924	Operários	01/02/1924	01/02/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	0	(01/02/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Clement Bayard	s/d	Trabalhadores	24/04/1924	24/04/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Fitipaldi	s/d	Motoristas de ônibus	30/04/1924	30/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Liso-Argentina	s/d	Motoristas de ônibus	10/03/1924	10/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Liverpool	Defensa 337	Garçons	07/03/1924	07/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Cervezeria Pilsen	Corrientes y Junin	Garçons	07/03/1924	07/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Bar V.O.	Corrientes 2314	Garçons	07/03/1924	07/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	Café Buena Vista	Constitución 1109	Garçons	07/03/1924	07/03/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(07/03/1924) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Casto y Llinas	Solís, 1545	Cocheiros	03/04/1924	03/04/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	(03/04/1924) LA VANGUARDIA
Automóveis e carrocerias	José Gauglioni	Pavón, 1486	Operários	08/04/1924	08/04/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	(08/04/1924) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	Centenario	Independencia 2774	Confeiteiros	08/04/1924	08/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(08/04/1924) LA VANGUARDIA
Construção	Castaño	s/d	s/d	22/04/1924	22/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	0	(22/04/1924) LA PROTESTA
Couro	Casa Rodríguez Bancalari	s/d	Trabalhadores	18/05/1924	18/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(18/05/1924) LA VANGUARDIA
Couro	Talleres Vázquez	s/d	Trabalhadores	18/05/1924	18/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(18/05/1924) LA VANGUARDIA
Construção	Tallier Marchetti	Taquiri, 568	Trabalhadores	19/05/1924	19/05/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	23	1	0	0	0	0	0	0	(18/05/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Casa Gino Bracini	s/d	Operários	14/06/1924	14/06/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	(11/06/1924) LA VANGUARDIA
Calçado	Casa Mareé	s/d	Sapateiros	15/06/1924	15/06/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(15/06/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Taller Epelman	Independencia 3750	Trabalhadores	01/05/1924	01/05/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA, (06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Taller Laval	Laval 3924	Lustradores	01/04/1924	01/04/1924	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Taller Sapólnik	Independencia 3851	Trabalhadores	01/04/1924	01/04/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	(05/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Maple & Cia	Tucuman, 2462	Trabalhadores	01/05/2024	01/05/2024	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	(06/1924) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Casa Roselló	La Plata, 652	Trabalhadores	01/01/2024	01/01/2024	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(01/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Madeira e móveis	Casa J. Guiozzo	Cabrera 3853	Trabalhadores	01/01/1924	01/01/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	(01/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Madeira e móveis	Casa E. Lamparini	s/d	Trabalhadores	01/03/1924	01/03/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(03/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Madeira e móveis	Casa Castelli	s/d	Trabalhadores	01/05/1924	01/05/1924	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	(05/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Construção	Empresa Aleman de Obras Públicas	s/d	Operários	01/07/1924	20/07/1924	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	19	0	0	(01,20/07/1924) LA PROTESTA
Serviços	Garagem Aristobulo del Valle	s/d	Lavadores	06/07/1924	06/07/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	(06/07/1924) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	Fábrica La Europea	s/d	Operários	01/07/1924	19/08/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	137	1	0	0	0	49	6713	0	(06/07/1924) LA VANGUARDIA, (02,03,04,05,08, 30/07; 01,12,13,19/08/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 86
Metalúrgicos	Casa D. Ambrosetti	Loria 639	Ferreiros/Aprendizes	03/07/1924	28/08/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	56	0	0	(07/07/1924) LA VANGUARDIA, (03,05,06,08,16,24/07; 03,05,06,08,22,23,24,26,27,28/08/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Casa Zaffaroni	s/d	Operários	07/07/1924	07/07/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	(07/07/1924) LA VANGUARDIA, (09/1924) EL METALÚRGICO
Construção	Casa Escobazzo	s/d	Trabalhadores	08/07/1924	08/07/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	(08/07/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Casa Calabresi	Bustamante, 1674	Trabalhadores	06/07/1924	12/08/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	37	0	0	(10/07/1924) LA VANGUARDIA, (06,08,09,11,12,13,15,16,18,19/07; 01,03,12,08/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Casa Pedro Costa	Forest 532	Trabalhadores	06/07/1924	31/07/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	25	0	0	(10/07/1924) LA VANGUARDIA, (06,08,09,11,12,13,16,18,20,23,25,30,31/07/1924) LA PROTESTA (08/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Automóveis e carrocerias	José Gauglioni	Pavón, 1486	Operários	10/07/1924	24/07/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	14	0	(10/07/1924) LA VANGUARDIA, (10,11,13,15,16,18,20,22,23,24/07/1924) LA PROTESTA
Calçados	Antonio J	Venezuela,4006	Trabalhadores	10/07/1924	11/07/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	(10,11/07/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Dumano & Pretosino	Constitución, 3143	Operários	17/07/1924	21/08/1924	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	35	0	0	(17,18,19,20,23,24,25,26,27,28,30,31/07; 01,05,06,08,10,12,13,14,15,16,17,19,20,21/08/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Ricci y Musanti	Vieytes, 1859	Bronzeiros	01/07/1924	31/07/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	75	1	0	0	1	30	2250	0	(19/07/1924) LA VANGUARDIA, (05,06,08,12,13,16,19,20,26, 29,30,31/07/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 86
Madeira e móveis	Closs & Cia	Córdoba 3661	Operários	20/07/1924	22/07/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0	0	(20,22/07/1924) LA PROTESTA,(08/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Calçados	Casa Larrachea y Ricci	s/d	Sapateiro	22/07/1924	22/07/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	(22/07/1924) LA VANGUARDIA
Transportes	PARCIAL-CATEGORIA	PARCIAL	Marítimos	28/07/1924	01/08/1924	0	0	0															

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Gráficos	Taller Miller & Cia.	Lima, 1029	Litógrafos	02/08/1924	06/09/1924	0	0	0	1	0	0	1	0	0	22	1	0	1	1	35	770	(13,19,29/08; 06/09/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº86
Gráficos	Taller Frigerio	Piedras, 143	Gráficos	10/08/1924	20/09/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	127	1	0	1	0	41	5207	(12,13,19,29/08; 20/09/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº86
Calçados	Fábrica Camperchioli	s/d	Trabalhadores	10/08/1924	26/08/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	59	1	0	0	1	16	944	(14,15,16,17,19,20,22,28/08/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº86 (19,21,22/08; 02,03,04,05,14,16,17,18,19,20,21,22,24,25,26,27,28,30/09; 01,08,10,14,15,17,18,19/10/1924) LA PROTESTA, (11/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Madeira e móveis	Casa Hardcastle	Fraga, 802	Trabalhadores	19/08/1924	19/10/1924	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	2	0	61	0	(22/08/1924) LA VANGUARDIA, (24,26,28,30,31/08/03,12,13,14/09/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Casa Castelli	Sarandí, 1836	Trabalhadores	22/08/1924	14/09/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	23	0	(24,26,30/08/1924) LA VANGUARDIA, (29,31/08;02/09/1924) LA PROTESTA
Calçados	Casa Rossi	Rivadavia e 24 de Noviembre	Trabalhadores	20/08/1924	02/09/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	13	0	(24,26,30/08/1924) LA VANGUARDIA, (29,31/08;02/09/1924) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Casa Pascuali	s/d	Ferreiros	24/08/1924	24/08/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(24/08/1924) LA VANGUARDIA
Transportes	GERAL-CATEGORIA	GERAL-CATEGORIA	Marítimos	24/08/1924	23/10/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	5300	1	0	0	1	60	318000	(25,28,30/08; 01, 12, 26/09; 01, 09, 23/10/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 86
Calçados	Casa Fernandez & Cia	s/d	Sapateiro	25/08/1924	11/10/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	85	1	0	1	0	47	3995	(26, 30/08; 03, 08/09/1924) LA VANGUARDIA, (27,30,31,08,02,07/09; 11/10/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 86
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	27/08/1924	28/08/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	95.000	1	0	0	0	1	95000	(28/08/1924) LA VANGUARDIA, (29/08/1924) LA ANTORCHA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	01/08/1924	28/08/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	60	0	1	0	0	27	1620	CMDNT Nº86
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Operários	10/08/1924	30/08/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	122	1	0	1	0	20	2440	CMDNT Nº86
Madeira e móveis	Serralheria	s/d	Serralheiros	18/08/1924	04/09/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	145	1	0	1	0	17	2465	CMDNT Nº86
Calçados	s/d	s/d	Sapateiro	20/08/1924	31/08/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	82	1	0	0	1	11	902	CMDNT Nº86
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	28/08/1924	10/09/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	13	390	CMDNT Nº86
Construtores Navais	Taller Mecánico Bartolo Masucheli	s/d	Operários	01/09/1924	01/09/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(01/09/1924) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Villa Mitre	s/d	Guardas de ônibus	04/09/1924	04/09/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(04/09/1924) LA VANGUARDIA
Tabaco	Taller de Cigarros Bienvenido Yade	Triunvirato 1063	Operários	04/09/1924	05/09/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(05/09/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Casa Lomozzi	Méjico 4250	Trabalhadores	05/09/1924	30/09/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	25	0	(05,06,07,09,10,11,12,13,16,17,18,19,20,21,22,24,25,26,27,28,30/09/1924) LA PROTESTA
Serviços	Brown	Almirante Brown 1531	Garçons	12/09/1924	25/10/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	43	0	(13, 16, 20, 27, 30/09/1924) LA VANGUARDIA
Serviços	PARCIAL-CATEGORIA	Casas de ótica e foto	Empregados	08/09/1924	15/09/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	7	0	(15/09/1924) LA VANGUARDIA
Construção	Construtor Pedro Roca	s/d	Gesseiros	01/11/1924	01/11/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(18,23,30/09; 22/10; 01/11/1924) LA VANGUARDIA
Calçados	Fioravanti, Colombo & Mey	Luis Maria Drago, 319	Operários	20/09/1924	02/10/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	12	0	(20,21,22,27,28/09;02/10/1924) LA PROTESTA
Calçados	Erasmio, Inile & Cia.	Rioja, 255	Trabalhadores	24/09/1924	08/10/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	14	0	(24,26,27,28,30/09;01,02,03,04,07,08/10/1924) LA PROTESTA
Costura e vestimenta	Taller Fuchasqui	s/d	Trabalhadores	25/09/1924	29/09/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	4	0	(29/09/1924) LA VANGUARDIA
Estivadores e portuários	GERAL-CATEGORIA	GERAL-CATEGORIA	Operador de guincho	28/09/1924	18/10/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	20	0	(29/09/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 86
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	02/09/1924	22/09/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	26	1	0	1	0	20	520	CMDNT Nº 86
Metalúrgicos	s/d	s/d	Mecânicos	20/09/1924	29/09/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	75	1	0	0	1	9	675	CMDNT Nº 86
Transportes	s/d	s/d	Taxistas	01/09/1924	08/09/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	32	0	1	1	0	7	224	CMDNT Nº 86
Calçados	Fábrica	s/d	Operários	21/09/1924	02/10/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	28	1	0	0	1	11	308	CMDNT Nº 86
Metalúrgicos	Harugani Hermanos	s/d	Operários	08/10/1924	08/10/1924	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	(08/10/1924) LA PROTESTA
Construção	Matei & Asale	Senillosa, 520	Trabalhadores	08/10/1924	18/10/1924	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	10	0	(08,10,14,15,17,18/10/1924) LA PROTESTA
Construtores Navais	PARCIAL-CATEGORIA	PARCIAL	Operários	09/10/1924	23/10/1924	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	14	0	(09, 23/10/1924) LA VANGUARDIA
Couro	Breuer & Villarino	s/d	Trabalhadores	16/10/1924	21/10/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	30	1	0	1	0	5	150	(16, 21/10/1924) LA VANGUARDIA
Eletricistas e telefonia	Ascensores Stigler	s/d	Trabalhadores	16/10/1924	15/11/1924	0	0	0	1	0	0	1	0	0	120	1	0	1	1	30	3600	(18, 21, 23, 28, 29/10; 1, 4, 5, 8, 15/11/1924) LA VANGUARDIA, (18,19,21,22,23,24,25,26,28,29,30,31/10; 01,02,04,05,06,08,16/11/1924) LA PROTESTA, CMDNT Nº 86
Calçados	Casa Larrachea y Ricci	s/d	Sapateiro	21/10/1924	29/10/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	50	1	0	0	1	8	400	(22, 28, 29/10/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 86
Metalúrgicos	Casa Juan Alasi	s/d	Bronzeiros	23/10/1924	25/10/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(25/10/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	The Argentine Metal Working	Avellaneda	Trabalhadores	15/10/1924	25/10/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	10	0	(25/10/1924) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	La Princesa	San Juan 3136	Operários	26/10/1924	13/12/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	48	0	(26,28,29,30,31/10; 01,02,04,05,06,07,08,09,11,13,14,15,16,18,20,28,29,30/11; 02,04,06,07,09,10,11,12,13/12/1924) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	Del Rededor	Patricio y Suarez	Operários	26/10/1924	13/12/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	48	0	(26,28,29,30,31/10; 01,02,04,05,06,07,08,09,11,13,14,15,16,18,20,28,29,30/11; 02,04,06,07,09,10,11,12,13/12/1924) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	La Princesa del Crucero	del Crucero, 1243	Operários	26/10/1924	13/12/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	48	0	(26,28,29,30,31/10; 01,02,04,05,06,07,08,09,11,13,14,15,16,18,20,28,29,30/11; 02,04,06,07,09,10,11,12,13/12/1924) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	Esteban Rojo	s/d	Motoristas	21/10/1924	03/11/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	24	1	0	1	0	13	312	(30/10/1924) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº86
Motoristas e anexos	San Martin	s/d	Motoristas de ônibus	30/10/1924	30/10/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(01/11/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Casa Pulnoroff	s/d	Operários	23/10/1924	01/11/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	9	0	(01/11/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Casa Sorni	s/d	Bronzeiros	30/10/1924	08/11/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	9	0	(08/11/1924) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Bronzeria Alberto Angeli & Cia	s/d	Bronzeiros	26/11/1924	26/11/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	0	0	(26/11/1924) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Operários	01/11/1924	04/11/1924	0	0	0	0	0	1	0	0	0	220	1	0	1	0	3	660	CMDNT Nº86
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	16/11/1924	18/11/1924	0	0	0	1	0	0	0	0	0	18	1	0	0	1	2	36	CMDNT Nº86
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	26/11/1924	30/11/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	4	240	CMDNT Nº86
Motoristas e anexos	Viação Luis Marmeta	s/d	Motoristas de ônibus	28/11/1924	10/12/1924	0	0	0	0	1	0	0	0	0	30	1	0	1	0	12	360	CMDNT Nº86
Madeira e móveis	Taller El Eje	s/d	Trabalhadores	28/11/1924	18/12/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	70	1	0	0	0	20	1400	(01,04,06,08,13,15,18/12/1924) LA VANGUARDIA, (06/12/1924) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº86
Motoristas e anexos	La Capital	s/d	Motoristas de ônibus	06/12/1924	06/12/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(03, 06/12/1924) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	Fábrica la Perfección	Bartolome Mitre, 3637	Operários	19/11/1924	27/12/1924	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	38	0	(04, 19/12/1924) LA VANGUARDIA, (19,21,22,23,25,26/11;14,17,20,24,27/12/1924) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Lombardi & Cia	s/d	Trabalhadores	15/12/1924	15/12/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(05, 06, 15/12/1924) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Baggietto y Cudrelli	s/d	Serralheiros	05/12/1924	05/12/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	0	0	(05/12/1924) LA VANGUARDIA

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES	
Gráficos	Taller Viani y Morales	s/d	Trabalhadores	27/11/1914	04/12/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	3660	0	(04/12/1924) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	Alberto Angelis	s/d	Operários	04/12/1924	25/01/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	52	0	(04/12/1924) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	El Vasco	Anchoris, 85	Trabalhadores	13/12/1924	31/01/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	49	0	(13,14,16,17,18,19,20,24,25,26,27,28,30,31/12/1924; 01,03,04,06,11,13,14,15,16,17,18,20,21,22,23,24,25,27,30,31/01/1925) LA PROTESTA	
Metalúrgicos	Negri	Wenceslao Villafañe, 548	Trabalhadores	13/12/1924	31/01/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	49	0	(13,14,16,17,18,19,20,24,25,26,27,28,30,31/12/1924; 01,03,04,06,11,13,14,15,16,17,18,20,21,22,23,24,25,27,30,31/01/1925) LA PROTESTA	
Madeira e móveis	Sullponick y Cia	s/d	Operários	01/12/1924	07/12/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	11	0	1	0	1	6	66	CMDNT Nº86	
Gráficos	s/d	s/d	Trabalhadores	11/12/1924	18/12/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	45	1	0	0	1	7	315	CMDNT Nº86	
Madeira e móveis	Taller Apartin Aroon	Sarandí 673	Trabalhadores	01/08/1924	01/08/1924	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(08/1924) ACCIÓN OBRERA	
Madeira e móveis	Casa G. Wuster	s/d	Trabalhadores	01/12/1924	02/12/1924	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(12/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR	
Madeira e móveis	Casa Sabaté	s/d	Trabalhadores	01/12/1924	01/12/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(12/1924) EL CARPINTERO Y ASERRADOR	
Madeira e móveis	Taller White	s/d	Trabalhadores	01/12/1924	01/12/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(12/1924) EL OBRERO DEL MUEBLE	
Madeira e móveis	Taller Jaime Martin	s/d	Trabalhadores	01/12/1924	01/12/1924	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(12/1924) EL OBRERO DEL MUEBLE	
Madeira e móveis	Taller Alberti	Alberti 1154	Trabalhadores	01/12/1924	01/12/1924	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(12/1924) EL OBRERO DEL MUEBLE	
Construção	Najera	Patricios 276	Operários	31/12/1924	14/02/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	45	0	(06,07,08,09,10,11,13,16,17,18,20,21,22,23,24,25,27,29,30,31/01,03,04,05,06,07,08,11,13,14,02/1925) LA PROTESTA	
Construção	Constagnino	La Plata 443	Operários	31/12/1924	14/02/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	45	0	(06,07,08,09,10,11,13,16,17,18,20,21,22,23,24,25,27,29,30,31/01,03,04,05,06,07,08,11,13,14,02/1925) LA PROTESTA	
Têxtil	Casa Lopez	Callao 248	Trabalhadores	08/01/1925	18/01/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	10	0	(13/18/01/1925) LA VANGUARDIA, (08,09,10,11,12,13,14,15,16/01/1925) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	Compañia La Plata	s/d	Motoristas de ônibus	17/01/1925	17/01/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(18/01/1925) LA VANGUARDIA	
Calçados	Casa Hernandez Hnos	Belgrando, 1781	Operários	19/01/1925	08/02/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	120	1	0	0	1	20	2400	(24, 31/01; 03, 08/02/1925) LA VANGUARDIA, (31/01; 07/02/1925) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº91	
Metalúrgicos	Plata Lappas	s/d	Operários	19/01/1925	07/02/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	37	0	1	0	0	19	703	(25/01; 03, 08/02/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº91	
Têxtil	Casa de Tecidos Ramon Seb	s/d	Operários	24/01/1925	25/01/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(24,25/01/1925) LA PROTESTA	
Construção	Fábrica La Asunción	s/d	Operários	27/01/1925	11/02/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	60	1	0	0	0	15	900	(28,30,31/01; 01,03,04,11,12,13,14,02/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº91	
Madeira e móveis	Calleja & Aragal	Sarandí 859	Trabalhadores	29/01/1925	19/02/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	21	0	(29,30,31/01; 01,03,04,05,06,07,08,11,12,14,15,17,18,19/02/1925) LA PROTESTA	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	02/01/1925	02/02/1925	0	0	0	0	1	0	1	0	0	38	1	0	2	0	31	1178	CMDNT Nº91	
Construção	s/d	s/d	Mosaístas	02/01/1925	14/01/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	12	108	CMDNT Nº91	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	04/01/1925	17/01/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	13	260	CMDNT Nº91	
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	07/01/1925	13/01/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	76	1	0	0	0	6	456	CMDNT Nº91	
Construção	s/d	s/d	Mosaístas	07/01/1925	18/01/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	12	1	0	0	0	11	132	CMDNT Nº91	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	20/01/1925	21/01/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	16	0	1	1	0	1	16	CMDNT Nº91	
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carro	24/01/1925	24/01/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	0	0	CMDNT Nº91	
Construção	s/d	s/d	Pedreiros	25/01/1925	25/01/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	0	0	CMDNT Nº91	
Frigorífico	Frigorífico	s/d	Açougueiros	25/01/1925	30/01/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	5	125	CMDNT Nº91	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	27/01/1925	28/01/1925	0	0	0	1	0	1	0	0	0	4	1	0	1	1	1	4	CMDNT Nº91	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Taxistas	30/01/1925	04/02/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	450	1	0	1	0	5	2250	CMDNT Nº91	
Metalúrgicos	Casa Adolfo Gutman	Campichuelo 533	Operários	06/02/1925	06/02/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	200	1	0	0	1	0	0	(08/02/1925) LA VANGUARDIA	
Automóveis e carrocerias	Casa Rasari	Pavon 1484	Operários	19/02/1925	19/02/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(19/02/1925) LA VANGUARDIA	
Automóveis e carrocerias	Casa Gualioni	s/d	Operários	19/02/1925	19/02/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(19/02/1925) LA VANGUARDIA	
Madeira e móveis	J. Mentasti	Parral 1552	Carpinteiros	20/02/1925	11/03/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	17	1	0	0	1	19	323	(20,21,22,23,24,25,26,27,28/02; 01,03,04,05,06,07,08,10,11,12/03/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº91	
Madeira e móveis	Ponti & Cia.	Ecuador, 675	Operários	23/02/1925	18/03/1925	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	23	0	(28/02; 18/03/1925) LA VANGUARDIA, (07/1925) ACCIÓN OBRERA	
Metalúrgicos	Herrería de Obras Questa	s/d	Operários	25/02/1925	03/03/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	6	0	(28/02; 02, 03/03/1925) LA VANGUARDIA	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	02/02/1925	03/02/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	CMDNT Nº91	
Químicos	Fábrica de sabão	s/d	Operários	02/02/1925	03/02/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	11	1	0	1	0	1	11	CMDNT Nº91	
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	04/02/1925	25/02/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	835	0	1	0	0	21	17535	CMDNT Nº91	
Eletricistas e telefonia	s/d	s/d	Eletricistas	05/02/1925	15/02/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	9	1	0	1	0	10	90	CMDNT Nº91	
Construção	Uma construção	s/d	Pedreiro	16/02/1925	19/02/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	35	0	1	1	0	3	105	CMDNT Nº91	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	25/02/1925	28/02/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	17	1	0	0	1	3	51	CMDNT Nº91	
Gráficos	s/d	s/d	Gráficos	27/02/1925	06/03/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	8	1	0	0	1	7	56	CMDNT Nº91	
Metalúrgicos	Talleres Viani & Morales	s/d	Operários	08/03/1925	08/03/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(08/03/1925) LA VANGUARDIA	
Calçados	Casa Payeras	s/d	Operários	08/03/1925	18/03/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	10	0	(08,10,11,12,14,18/03/1925) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Casa Juan Ferri	Luziriaga 844	Operários	14/03/1925	19/03/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	5	0	(19/03/1925) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	Talleres La Industrial	s/d	Operários	13/03/1925	27/03/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	210	0	1	0	0	14	2940	(21, 25/03/1925) LA VANGUARDIA, (28/03; 04/04/1925) BANDERA PROLETARIA, (04/04/1925) LA INTERNACIONAL	
Calçados	Fábrica Schultz	s/d	Operários	14/03/1925	17/04/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	65	1	0	0	1	34	2210	(22, 27/03; 01, 08, 17/4/1925) LA VANGUARDIA	
Calçados	Casa Di Pietro	San Juan 3745	Trabalhadores	19/03/1925	19/03/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(19/03/1925) LA PROTESTA	
Madeira e móveis	PARCIAL	PARCIAL	Parquetistas	20/03/1925	09/04/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	20	0	(26,27,28,29/03; 01,02,03,08,09/04/1925) LA PROTESTA	
Metalúrgicos	Fábrica	s/d	Mecânicos	01/03/1925	06/03/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	42	0	1	0	0	5	210	CMDNT Nº91	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	04/03/1925	14/03/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	10	90	CMDNT Nº91	
Calçados	Fábrica	s/d	Operários	06/03/1925																			

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Costura e vestimenta	Oficina Bergman	Riohamba, 363	Trabalhadores	13/03/1925	19/03/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	15	1	0	0	1	6	90	CMDNT Nº91
Eletricistas e telefonia	Eletricistas	s/d	Eletricistas	16/03/1925	27/03/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	11	0	CMDNT Nº91
Motoristas e anexos	Repartidor	s/d	Repartidor	16/03/1925	18/03/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	87	0	1	1	0	2	174	CMDNT Nº91
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	18/03/1925	30/03/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	12	300	CMDNT Nº91
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiro	18/03/1925	30/03/1925	0	0	1	0	0	0	0	0	0	33	1	0	0	1	12	396	CMDNT Nº91
Construção	s/d	s/d	Vidreiros	20/03/1925	30/03/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	10	120	CMDNT Nº91
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	25/03/1925	31/03/1925	0	1	0	0	1	1	0	0	0	40	1	0	2	1	6	240	CMDNT Nº91
Motoristas e anexos	GERAL-CATEGORIA	s/d	Taxistas	30/03/1925	30/03/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	5500	1	0	0	1	0	0	CMDNT Nº91
Têxtil	Casa Dominoni	Monroe 1687	Operários	01/04/1925	22/05/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	280	1	0	1	0	51	14280	(27/05/1925) LA VANGUARDIA, (02/04/04;19,28,29,30/05/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº91
Calçados	Casa Fernandez Diez y Velazco	s/d	Operários	05/04/1925	08/04/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(08/04/1925) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Casa Catinari	Avellaneda, 1950	Carpinteiros	03/05/1925	13/05/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	17	0	1	1	0	10	170	(08,10,11,12,14,15,16/04/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº91, (05/1925) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Calçados	Casa Jasminoy	s/d	Operários	14/04/1925	17/04/1925	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	2	0	3	0	(17/04/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Casa Marzoni y Rabaca	s/d	Operários	18/04/1925	25/04/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	7	0	(21/04/1925) LA VANGUARDIA, (25/04/1925) BANDERA PROLETARIA
Costura e vestimenta	Oficina Bergman	Riohamba, 363	Operários	25/04/1925	25/04/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(25/04/1925) BANDERA PROLETARIA
Calçados	Bata Sun & Cia.	Rioja 1119	Trabalhadores	30/04/1925	30/05/1925	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	30	0	(03,05,06,07,08,09,10,12,13,14,15,17,19,20,21,22,23,24,27,28,29,30/05/1925) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	05/04/1925	11/04/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	25	1	0	1	0	6	150	CMDNT Nº91
Têxtil	Fábrica de tecidos	s/d	Tecelões	20/04/1925	29/04/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	130	1	0	0	1	9	1170	CMDNT Nº91
Metalúrgicos	s/d	s/d	Mecânicos	22/04/1925	26/04/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	50	1	0	0	1	4	200	CMDNT Nº91
Frigorífico	Frigorífico	s/d	Abatedor	28/04/1925	30/04/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	8	1	0	1	0	2	16	CMDNT Nº91
Metalúrgicos	Taller Bianchi & Llano	Rivadavia, 9467	Ferreiros	13/05/1925	30/05/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	17	0	(14/05/1925) LA VANGUARDIA, (30/05/1924) BANDERA PROLETARIA
Gráficos	Casa de Imprenta El Libro	s/d	Trabalhadores	14/05/1925	14/05/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	0	0	(14/05/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	Fábrica de sapato	s/d	Operários	01/05/1925	20/05/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	19	570	CMDNT Nº91
Calçados	Fábrica de sapato	s/d	Operários	03/05/1925	20/05/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	40	0	1	0	1	17	680	CMDNT Nº91
Madeira e móveis	Fábrica de móveis	s/d	Cadeiros	22/05/1925	31/05/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	25	1	0	1	0	9	225	CMDNT Nº91
Metalúrgicos	Durand	s/d	Bronzeiros	06/06/1925	06/06/1925	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	2	1	0	0	(06/06/1925) BANDERA PROLETARIA
Metalúrgicos	Pascualli & Cristofanelli	s/d	Ferreiros	20/06/1925	20/06/1925	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	(20/06/1926) BANDERA PROLETARIA
Gráficos	Casa Capellano	s/d	Gráficos	19/06/1925	29/06/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	25	1	0	1	0	10	250	(23, 28/06/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº91
Eletricistas e telefonia	s/d	s/d	Alambristas	01/07/1925	02/07/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	100	1	0	0	0	1	100	CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	s/d	s/d	Biseldores	30/07/1925	02/08/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	26	1	0	0	1	3	78	CMDNT Nº 103
Tabaco	Domínguez & Cia	Buñes 1448	Trabalhadores	09/07/1925	21/07/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	12	0	(09,10,11,12,14,15,16,17,18,19,21/07/1925) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Casa Crufalto	s/d	Bronzeiros	26/07/1925	26/07/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(25/07/1925) BANDERA PROLETARIA
Metalúrgicos	Fábrica de Camas Polnoroff	s/d	Operários	25/07/1925	25/07/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	40	0	1	0	1	0	0	(25/07/1925) BANDERA PROLETARIA
Metalúrgicos	Taller Antime Motteau	Lima 1173; Garay 1272	Ferreiros de obras	01/08/1925	25/08/1925	0	0	0	1	1	0	0	0	LA	250	1	0	1	1	24	6000	(04,14,20, 23,25/08/1925) LA VANGUARDIA, (15, 29/08/1925) BANDERA PROLETARIA, (06,08/08/1925) LA PROTESTA CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	Bronceria Mocchi Hermanos	s/d	Bronzeador	04/08/1925	25/08/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	21	252	(05,14,20, 23,25/08/1925) LA VANGUARDIA, (15/08/1925) BANDERA PROLETARIA CMDNT Nº 103
Gráficos	Rodríguez Gilles	s/d	Gráficos	05/08/1925	10/08/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	37	1	0	0	0	5	185	(06,07,08,10/08/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	Taller Mocht	s/d	Operários	08/08/1925	08/08/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(08/08/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Taller Passetti	s/d	Trabalhadores	14/08/1925	14/08/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(14/08/1925) LA VANGUARDIA
Construção	Várias empresas	s/d	Alabañiles	01/08/1925	03/08/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	798	0	1	0	0	2	1596	CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiro	10/08/1925	29/09/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	46	1	0	1	0	50	2300	CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	11/08/1925	14/08/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	16	0	1	0	1	3	48	CMDNT Nº 103
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	19/08/1925	20/08/1925	0	0	1	0	0	0	0	0	0	146	1	0	0	1	1	146	CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	28/08/1925	01/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	110	1	0	0	0	4	440	CMDNT Nº 103
Gráficos	Casa Tragant	s/d	Impressores	28/08/1925	07/09/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	57	1	0	0	1	10	570	(02/09/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº103
Madeira e móveis	Casa Colombo	s/d	Trabalhadores	01/09/1925	01/09/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(09/1925) ACCIÓN OBRERA
Metalúrgicos	Casa Serra Hermanos	s/d	Trabalhadores	01/09/1925	09/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	200	0	1	0	0	8	1600	(01,09/09/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	La Estrella	s/d	Operários	04/09/1925	22/09/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	18	0	(04,05,06,08,09,10,11,13,15,16,17,18,19,20,22,23/09/1925) LA PROTESTA
Calçados	Borrás Hnos	La Plata 1412	Trabalhadores	06/09/1925	02/10/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	26	0	(06,08,09,10,11,13,15,16,17,18,19,20,22,23/09/02/10/1925) LA PROTESTA
Gráficos	Swein	s/d	Trabalhadores	07/09/1925	12/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	80	0	1	0	0	5	400	(08,09/09/1925) LA VANGUARDIA, (12/09/1925) BANDERA PROLETARIA
Metalúrgicos	Talleres La Británica	s/d	Ferreiros de obras	09/09/1925	19/09/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	1	10	0	(11, 17/09/1925) LA VANGUARDIA, (12/09/1925) BANDERA PROLETARIA
Couro	Franco Argentina	s/d	Operários	12/09/1925	16/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	496	1	0	0	0	4	1984	(13/09/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº103
Tabaco	Domínguez & Cia	Buñes, 1448	Trabalhadores	15/09/1925	01/10/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	16	0	(15,23,25,26,27,29,30/09/01,10,1925) LA PROTETA
Gráficos	Casa Raño	s/d	Trabalhadores	19/09/1925	22/09/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12	0	1	0	1	3	36	(22/09/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 103
Unión Obrero Local	PARCIAL	PARCIAL	PARCIAL	24/09/1925	24/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	1	0	0	0	0	0	(25/09/1925) BANDERA PROLETARIA
Calçados	Casa Forte	Estados Unidos, 1343	Trabalhadores	24/09/1925	15/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	52	0	(24,25/09; 01,03,04,05,06,07,08,10,11,12,13/11/1925) LA PROTESTA
Têxtil	Casa Buscarini	s/d	Operários	28/09/1925	28/09/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(28/09/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Simon Gutman	s/d	Bronzeador	26/09/1925	29/09/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	18	0	1	1	0	3	54	(29/09/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	Casa Bandarouky	Buñes, 860	Operários	01/09/1925	01/09/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(09/1925) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Calçados	Staforini	s/d	Operários	30/09/1925	04/10/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	80	0	1	0	1	4	320	(04/10/1925) LA VANGUARDIA
Construtores Navais	Hardcastle	s/d	Operários	29/09/1925	12/10/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	13	0	(12/10/1925) LA VANGUARDIA

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Metalúrgicos	s/d	s/d	Operários	07/09/1925	14/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	150	1	0	0	0	7	1050	CMDNT Nº 103
Gráficos	s/d	s/d	Gráficos	07/09/1925	09/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	102	1	0	0	0	2	204	CMDNT Nº 103
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	12/09/1925	14/09/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	700	0	1	0	0	2	1400	CMDNT Nº 103
Calçados	s/d	s/d	Operários	12/09/1925	17/09/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	5	25	CMDNT Nº 103
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Passadores de Roupa	26/09/1925	02/10/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	15	1	0	0	0	6	90	CMDNT Nº 103
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	30/09/1925	02/10/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2	0	CMDNT Nº 103
Eletricistas e telefonia	A.E.G.	s/d	Eletricistas	30/09/1925	11/10/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	15	1	0	0	0	11	165	(01,05/10/1925) LA VANGUARDIA, (17/10/1925) BANDERA PROLETARIA, (07,08,09,10/10/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	Malere & Cia	Cokón 165	Latoeiros em Cromo	01/10/1925	10/10/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	9	0	(06,07,08,09,10/10/1925) LA PROTESTA
Calçados	Fernandez & Cia	Belgrano 1824	Operários	06/10/1925	29/10/1925	0	1	0	0	0	0	1	0	0	61	1	0	1	1	23	1403	(06,07,08,16,17,18,20,21,22,23,24,25,27,28,29/10/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	Reta & Chiaramonte	s/d	Trabalhadores	17/10/1925	17/10/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(17/10/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	De Santini	s/d	Fundidores	17/10/1925	18/10/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(18/10/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Klockner	s/d	Operários	16/10/1925	21/10/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	0	0	1	0	0	5	0	(21/10/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	Casa Alum & Rosellón	Catamarca, 1356	Operários	19/10/1925	21/10/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	32	0	1	0	1	2	64	(21/10/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Gratry	Coronel Roca, 1615	Operários	21/10/1925	28/12/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	410	1	0	0	0	68	27880	(24,26/10; 05,14,16,18,25,26/11; 02, 04, 08/12/1925; 09,12, 19, 22, 31/01/1926) LA VANGUARDIA, (19/12/1925; 11/01/1926) BANDERA PROLETARIA, (15/12/1925) LA INTERNACIONAL
Têxtil	Casa Hermana	s/d	Trabalhadores	28/10/1925	29/10/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(29/10/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Casa Judanovski	General Aíras, 55	Trabalhadores	28/10/1925	29/10/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(29/10/1925) LA VANGUARDIA
Costura e vestimenta	Casa Garth & Chavez	s/d	Alfaiates	29/10/1925	31/10/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	85	0	1	0	0	2	170	(31/10/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	s/d	s/d	Operários	07/10/1925	14/10/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	32	1	0	0	1	7	224	CMDNT Nº 103
Serviços	s/d	s/d	Entregadores	14/10/1925	19/10/1925	0	0	1	0	0	0	0	0	0	47	1	0	0	1	5	235	CMDNT Nº 103
Gráficos	s/d	s/d	Gráficos	19/10/1925	24/10/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	32	1	0	0	1	5	160	CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	s/d	s/d	Serralheiros	29/10/1925	31/10/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	15	1	0	0	1	2	30	CMDNT Nº 103
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Trabalhadores	30/10/1925	31/10/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	593	0	1	0	0	1	593	CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	Casa Bandarouky	Bulnes, 860	Operários	03/11/1925	13/11/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	10	0	(03, 13/11/1925) LA VANGUARDIA, (11/1925) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Metalúrgicos	Marcelo Camilleti	Rivadavia 8700	Operários	05/11/1925	15/11/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	10	0	(06,07,11,12,13,14,15/11/1925) LA PROTESTA
Metalúrgicos	De Santini	s/d	Fundidores	05/11/1925	05/11/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(05/11/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	Fábrica Nigro	s/d	Trabalhadores	08/11/1925	08/11/1925	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(08/11/1925) LA VANGUARDIA
Gráficos	Verdaquer, Herrero & Cia.	Chile, 1347	Trabalhadores	13/11/1925	13/11/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	(13/11/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Indanovski y Boltianski	s/d	Trabalhadores	13/11/1925	13/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(13/11/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Herman	s/d	Trabalhadores	13/11/1925	13/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(13/11/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Levin	s/d	Trabalhadores	13/11/1925	13/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(13/11/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Viselman y Stepanksi	s/d	Trabalhadores	13/11/1925	13/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(13/11/1925) LA VANGUARDIA
Têxtil	Diestain	s/d	Trabalhadores	13/11/1925	13/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(13/11/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Tubos Manesman	s/d	Operários	18/11/1925	21/11/1925	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	105	0	1	0	0	3	315	(21/11/1925) LA VANGUARDIA, (21/11/1925) LA PROTESTA, CMDNT Nº103
Calçados	Echeverría	Alsina, 1545	Operários	24/11/1925	29/11/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	80	0	1	0	1	5	400	(26/11/1925) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº103
Calçados	Nicolas Dinardi	s/d	Trabalhadores	25/11/1925	27/11/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(26, 27/11/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	Fábrica Nigro	s/d	Trabalhadores	27/11/1925	27/11/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	(27/11/1925) LA VANGUARDIA
Calçados	Uboldi & Cia	s/d	Trabalhadores	27/11/1925	29/11/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(29/11/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Giacoboni	s/d	Ferreiros de obras	27/11/1925	06/12/1925	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	9	0	(06/12/1925) LA VANGUARDIA
Couro	s/d	s/d	Talabartero	22/11/1925	30/11/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	31	1	0	0	1	8	248	CMDNT Nº 103
Couro	Curtiembre Hispano Argentina	s/d	Operários	01/12/1925	08/12/1925	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	7	0	(02,04, 08/12/1925) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Cia. Nafta Energina	s/d	Motoristas de caminhão	04/12/1925	10/12/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	6	0	(05,10/12/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Casa Soskin	s/d	Operários	06/12/1925	06/12/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(06/12/1925) LA VANGUARDIA
Gráficos	Casa Washiot	s/d	Gráficos	15/12/1925	15/12/1925	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(15/12/1925) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Desabate	s/d	Operários	17/12/1925	17/12/1925	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(17/12/1925) LA VANGUARDIA, (19/12/1925) BANDERA PROLETARIA, (15/12/1925) LA INTERNACIONAL
Metalúrgicos	Fábrica de Camas Polnoroff	s/d	Operários	23/12/1925	03/02/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	40	1	0	0	1	42	1680	(28, 30/12/1925; 04,08,01/1926) LA VANGUARDIA, (09/01/1926) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº103
Metalúrgicos	Coladillo & Pietro	s/d	Ferreiros de obras	29/12/1925	30/12/1925	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(30/12/1925) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Carpinteria John Wright	Caseros, 565	Carpinteiros	29/12/1925	31/01/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	200	1	0	0	1	33	6600	(30/12/1925; 04,08,09,11,14,15,19,22, 24,31/01/1926) LA VANGUARDIA, (09/01/1926) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº 103, (12/1925) EL CARPINTERO Y ASERRADOR
Construção	Obra Garth & Chavez	s/d	Gesseiros	29/12/1925	07/01/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	9	0	1	0	1	9	81	(30/12/1925; 01, 06,01/1926) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 103
Calçados	Fábrica	s/d	Operários	04/12/1925	05/12/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	420	0	1	0	1	1	420	CMDNT Nº 103
Gráficos	Oficina	s/d	Trabalhadores	11/12/1925	25/12/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	18	1	0	0	1	14	252	CMDNT Nº 103
Construção	s/d	s/d	Cartoneiros	27/12/1925	28/12/1925	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	1	20	CMDNT Nº 103
Gráficos	s/d	s/d	Trabalhadores	28/12/1925	02/01/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	8	1	0	0	1	5	40	CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	29/12/1925	07/01/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	8	1	0	0	1	9	72	CMDNT Nº 103
Madeira e móveis	Casa Wurster	Chiciana, 4042	Carpinteiros	10/01/1926	10/01/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(01, 08, 10/01/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Coladillo & Pietro	Olaya, 1371	Operários	02/01/1926	04/01/1926	0	0	0	1													

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Gráficos	Casa Bell	Bolivar, 836	Operadores de mpaquinas	16/01/1926	31/01/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	26	1	0	0	1	15	390	(22, 31/01/1926) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº103
Calçados	Vicente Panza	Chile, 2008	Operários	19/01/1926	28/01/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	9	0	(22, 23, 28/01/1926) LA VANGUARDIA, (22,23,24/01/1926) LA PROTESTA
Automóveis e carrocerias	Casa Blas & Hermanos	Boedo 548	Operários	09/01/1926	12/02/1926	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	27	1	0	1	0	34	918	(25/01/1926) LA VANGUARDIA, (23,24,25,26,27,28,29,30,31/01, 02,03,04,05,06,07,09,10,11,12/02/1926) LA PROTESTA, CMDNT Nº103
Calçados	Casa Guido	Castro Barros 331	Operários	25/01/1926	31/01/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	6	0	(26/01/1926) LA VANGUARDIA, (26,27,28,29,30,31/01/1926) LA PROTESTA
Metalúrgicos	M. Cabot	Añasco, 966	Ferramenteiros	22/01/1926	30/01/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	8	0	(28, 29/01/1926) LA VANGUARDIA
Gráficos	Casa Monguen & Laff	Viamonte, 545	Gráficos	30/01/1926	10/02/1926	0	0	0	0	0	0	1	0	0	30	1	0	1	0	11	330	(31/01, 01, 04/02/1926) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 103
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	09/01/1926	10/01/1926	0	0	0	0	0	0	0	0	LA	27	1	0	1	0	1	27	CMDNT Nº 103
Têxtil	Fábrica	s/d	Operários	09/01/1926	16/01/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	810	1	0	0	1	7	5670	CMDNT Nº103
Papel e cartão	Oficina	s/d	Cartoneros	09/01/1926	13/01/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	4	120	CMDNT Nº103
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	12/01/1926	10/02/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	31	1	0	0	1	29	899	CMDNT Nº103
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	16/01/1926	21/01/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	10	1	0	1	0	5	50	CMDNT Nº103
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	19/01/1926	09/02/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	36	1	0	0	1	21	756	CMDNT Nº103
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	21/01/1926	29/06/1926	0	0	0	0	0	0	0	1	0	6	1	0	1	0	159	954	CMDNT Nº103
Madeira e móveis	s/d	s/d	Trabalhadores	27/01/1926	31/01/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	20	1	0	1	0	4	80	CMDNT Nº103
Metalúrgicos	s/d	s/d	Mecânicos	28/01/1926	02/02/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	5	0	CMDNT Nº103
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	29/01/1926	21/03/1926	0	0	0	0	0	0	1	0	0	60	1	0	1	0	51	3060	CMDNT Nº103
Metalúrgicos	Fábrica	s/d	Lateiro	30/01/1926	07/02/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	40	1	0	0	1	8	320	CMDNT Nº103
Madeira e móveis	Oficina	s/d	Carpinteiros	01/02/1926	09/02/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	8	0	CMDNT Nº103
Metalúrgicos	Casa Miranda	s/d	Operários	01/02/1926	02/02/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(02/02/1926) LA VANGUARDIA
Construção	Ganzú & Cia	Avellaneda	Trabalhadores	01/03/1926	21/03/1926	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	20	0	(05/03/1926) LA VANGUARDIA
Construção	Casa Sil & Cia	Leones 2450	Trabalhadores	07/03/1926	14/04/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	38	0	(07,09,10,11,12,13,14,17,18,19,20,21/03; 01,02,04,06,07,08,09,10,11,13,14/04/1926) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	La Flora	Avenida San Martin 1976	Padeiros	21/03/1926	01/04/1926	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	11	0	(21,24,25,26,27,28,03/01/04/1926) LA PROTESTA
Calçados	Casa Lentini y Laustau	s/d	Trabalhadores	22/03/1926	25/03/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	3	180	(23,25/02/1926) LA VANGUARDIA
Gráficos	Diário Crítica	s/d	Gráficos	29/03/1926	30/03/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(29,30/03/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Tomás Pitorich e Luis Maestre	Chicago 6768 e Salta 1476	Ferradores de cavalo	04/04/1926	21/04/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	18	1	0	1	0	17	306	(04,06,07,08,09,10,11,13,14,15,16,17,18,20,21/04/1926) LA PROTESTA, CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	Nealon & Grime	Gaona, 2562	Trabalhadores	10/04/1926	11/04/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	(11/04/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Oficina	s/d	Trabalhadores	23/04/1926	03/05/1926	0	0	0	0	0	1	0	0	0	13	1	0	1	0	10	130	CMDNT Nº103
Automóveis e carrocerias	Veneziano	Salguero 2082	Operários	08/05/1926	30/05/1926	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	22	0	(08,23,25,26,27,30/05/1926) LA PROTESTA
Gráficos	Taller Waisboit	Paso 437	Trabalhadores	09/05/1926	11/05/1926	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	2	0	(09,11/05/1926) LA VANGUARDIA
Construção	Luis Farinatti	s/d	Operários	11/05/1926	26/05/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	15	0	(11,12,13,14,16,18,19,20,21,23,25,26/05/1926) LA PROTESTA
Calçados	Casa Rossi Hermanos	Rivadavia, 3200	Cortadores	11/05/1926	29/05/1926	0	1	0	1	0	0	0	0	0	190	1	0	0	2	18	3420	(11,13,15,18,22,29/05/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	Destito	La Plata 783	Operários	28/05/1926	03/06/1926	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	6	0	(28,29,30/05; 03,04/06/1926) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Coladillo & Pietro	Olaya, 1371 e Figueroa 254	Operários	31/05/1926	12/07/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	42	0	(04,08,10,12,15,22,27,30/06; 06,12/07/1926) LA VANGUARDIA, (10,12,15,16,19,20,22,23,24,25,26,27,29,30/06/1926) LA PROTESTA, (12/06/1926) BANDERA PROLETARIA
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Entregadores	10/05/1926	22/05/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	8	1	0	1	0	12	96	CMDNT Nº103
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	18/05/1926	23/05/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	5	0	CMDNT Nº103
Calçados	s/d	s/d	Operários	24/05/1926	26/05/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	15	1	0	1	0	2	30	CMDNT Nº103
Calçados	Fábrica de Tacos Juan Samartino	s/d	Operários	02/06/1926	02/06/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(02/06/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Vazquez Itália	Treinta y Trés, 1868	Operários	12/06/1926	30/06/1926	0	1	0	1	0	0	0	0	0	130	1	0	0	2	18	2340	(12,15,17,22, 27, 30/06/192) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 103
Gráficos	Diário Crítica	s/d	Trabalhadores	12/06/1926	30/07/1926	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	48	0	(12,13,14,15,17,18,22,24,30/06; 01,02,04,10,13,17,30/07/1926) LA VANGUARDIA, (17,18,22,25,26/06/1926) LA PROTESTA, (19/07/1926) BANDERA PROLETARIA, (07/1926) CLARIDAD - TRIBUNA DEL PENSAMIENTO, IZQUIERDISTA, CMDNT Nº13
Construção	Obra em construção	s/d	Gesseiros	03/06/1926	06/06/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	0	1	0	1	3	90	CMDNT Nº 103
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	05/06/1926	17/06/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	18	1	0	0	1	12	216	CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	s/d	s/d	Metalúrgicos	08/06/1926	29/06/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	70	1	0	0	1	21	1470	CMDNT Nº103
Químicos	Fábrica de Verniz	s/d	Operários	12/06/1926	30/06/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	100	1	0	0	1	18	1800	CMDNT Nº 103
Metalúrgicos	Fábrica de camas	s/d	Bronzeiros	22/06/1926	01/07/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	9	0	CMDNT Nº103
Metalúrgicos	Olivetta & Tuozzo	s/d	Trabalhadores	01/07/1926	07/08/1926	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	37	0	(31/07, 04,07/08/1926) LA VANGUARDIA, (14/07, 07/08/1926) BANDERA PROLETARIA
Calçados	Rodríguez Braceras & Cia	s/d	Operários	05/07/1926	17/07/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	250	1	0	0	1	12	3000	(06,07,13,17/07/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	Cristobal Celman & Cia	San Juan 2883	Operários	06/07/1926	20/07/1926	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	14	0	(06,07,08,09,10,11,12,14,16,18,20/07/1926) LA PROTESTA
Calçados	Jaime Moll	Carlos Calvo 3737	Trabalhadores	27/07/1926	28/07/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(27,28/07/1926) LA PROTESTA
Calçados	Giménez, Florit & Cia	San Juan 2520	Sapateiros	17/07/1926	17/07/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	200	0	1	0	1	0	0	(17/07/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Isaac Manis	Canning, 43	Trabalhadores	19/07/1926	19/07/1926	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(19/07/1926) BANDERA PROLETARIA
Calçados	Silverti	Rioja 1677	Trabalhadores	29/07/1926	01/08/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(29,30,31/07/01/08/1926) LA PROTESTA
Construção	Masciorini & Cia	s/d	Pintores	02/08/1926	25/09/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	54	0	(07,08,11,13,14,15,17,18,20,21,22/08; 12,24,25/09/1926) LA PROTESTA
Calçados	Pouchan & Gelabert	s/d	Trabalhadores	03/08/1926	03/08/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(03/08/1926) LA PROTESTA
Têxtil	Vaccaro & Jaccini	Viamonte, 1055	Trabalhadores	18/08/1926	18/08/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(18/08/1926) LA VAGUARDIA
Calçados	Casa Lentini y Laustau	s/d	Trabalhadores	22/08/1926	24/08/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	60	0	1	0	1	2	120	(24/08/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	Victoriano & Hermanos	s/d	Trabalhadores	24/08/1926	26/08/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(24,26/08/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	Castillo, Mancohe & Cia	Cochabamba 2330	Trabalhadores	27/08/1926	27/08/1926	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(27/08/1926) LA VANGUARDIA

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Têxtil	Fábrica Barlalo	Monteagudo, 501	Operários	07/09/1926	07/09/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	500	0	1	0	1	0	0	(07/09/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Kimbaun	Pedro Goyena, 655	Operários	06/09/1926	17/09/1926	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	11	0	(07, 17/09/1926) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Casa Laurenzo	s/d	Chanfrador	24/09/1926	07/10/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	13	0	(03,07/10/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	José Gonzales	s/d	Operários	25/09/1926	09/10/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	14	0	(25,26,28,29,30/09/01,03,09/10/1926) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Fábrica de Camas Ricci & Sabino Sosa	s/d	Operários	06/10/1926	12/10/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	6	0	(09,12/10/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	SEMA	s/d	Trabalhadores	12/10/1926	28/10/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	16	0	(12,16,24,26,27,28/10/1926) LA PROTESTA
Calçados	Casa Sastre	s/d	Trabalhadores	12/10/1926	13/10/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(13/10/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	GERAL	GERAL	Trabalhadores	15/10/1926	09/11/1926	0	0	0	1	1	0	0	0	0	10892	0	1	1	1	25	272300	(15,16,17,19,20,21,22,23,24,26,27,28,29,30/10;1,2,3,4,5,6,9/11/1926) LA VANGUARDIA, (15,16,17,19,20,21,22,23,24,26,27,28,29,30,31/10; 02/11/1926) LA PROTESTA, (30/10/1926) BANDERA PROLETARIA
Têxtil	Fábrica Barlalo	Monteagudo, 501	Trabalhadores	15/10/1926	08/11/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	500	0	1	0	1	24	12000	(15,21,22,26,27,28,29,30/10; 2,4,5,9/11/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	Casa Rubineti & Maragliano	Loria, 1341	Trabalhadores	15/10/1926	03/12/1926	0	0	0	0	0	1	0	0	0	80	1	0	1	0	49	3920	(12/11; 01,03/12/1926) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Overland	s/d	Operários	17/10/1926	10/11/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	24	0	(17,19,22,29,30/10; 05,06,09,10/11/1926) LA PROTESTA
Calçados	Juan Carlini & Cia	s/d	Trabalhadores	21/10/1926	10/11/1926	0	0	0	0	0	0	0	0	0	60	1	0	0	0	20	1200	(06,10/11/1926) LA PROTESTA
Calçados	Casa Juan Borrás & Hermanos	Liniers 426	Trabalhadores	23/10/1926	03/11/1926	0	1	0	0	0	0	0	0	0	120	1	0	0	1	11	1320	(03/11/1926) LA PROTESTA
Calçados	José Pugliese	s/d	Operários	28/10/1926	13/11/1926	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	16	0	(13/11/1926) LA PROTESTA
Calçados	Jenaro Denatale	Independencia 3445	Operários	15/11/1926	19/11/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	4	0	(19/11/1926) LA PROTESTA
Gráficos	Compañía General de Fosforos	s/d	Operários	14/11/1926	14/11/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1000	0	1	1	0	0	0	(14,24/11/1926) LA VANGUARDIA
Calçados	Miguel C. Lopardo	Garay 4145	Operários	14/11/1926	25/11/1926	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	11	0	(17,18,20,21,25/11/1926) LA PROTESTA
Calçados	Antonio Pintos	Independencia y Muñiz	Operários	30/11/1926	08/12/1926	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	8	0	(02,04,05,07,08/12/1926) LA PROTESTA
Construção	GERAL	GERAL	Trabalhadores	05/12/1926	22/12/1926	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1800	1	0	2	1	17	30600	(21,22/12/1926) LA PROTESTA
Têxtil	Casa Barolo	Suarez, 2034	Operários	09/12/1926	16/12/1926	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	7	0	(16/12/1926) LA VANGUARDIA
Construtores Navais	Compañía Mihanovich	s/d	Rebitadores	17/12/1926	24/01/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	800	1	0	0	1	38	30400	(21,22,23,28,30,31/12/1926; 04,05,11,15,19,20,21,27,28,29,30/01/1927) LA VANGUARDIA, (25/12/1926; 15, 22,29/01; 12,26,02/1927) BANDERA PROLETARIA CMDNT Nº 113
Construção	Virasoro	s/d	Pintores de obra	11/01/1926	28/01/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	382	0	(11,14,15,18, 28/01/1927) LA VANGUARDIA, (11,12,13/01/1927) LA PROTESTA
Calçados	Barrenat	s/d	Operários	08/01/1927	09/02/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	32	0	(08,09/02/1927) LA PROTESTA
Calçados	Andueza, López & Cia.	Alsina 3158/84 Salta 117	Operários	13/01/1927	29/01/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	40	1	0	0	1	16	640	(14,15,18,19,20,27,28,29/01/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 113
Metalúrgicos	Casa Carbone	s/d	Ferreiros de obra	12/01/1927	15/01/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	3	0	(15/01/1927) LA VANGUARDIA
Calçados	Casa Cáffaro	s/d	Operários	18/01/1927	20/01/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(18,19,20/01/1927) LA VANGUARDIA
Calçados	Casa Piza & Hermano	s/d	Trabalhadores	18/01/1927	18/01/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(19/01/1927) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Casa Selajman & Cia	Salguero, 265	Trabalhadores	01/01/1927	01/01/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(01/1927) ACCIÓN OBRERA
Madeira e móveis	Casa Cabelson Luis	Virgenes, 2468	Trabalhadores	01/01/1927	01/01/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(01/1927) ACCIÓN OBRERA
Calçados	Justin Di Paoli	Bonpland 1748	Trabalhadores	02/02/1927	02/02/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(02/02/1927) LA PROTESTA
Calçados	El Palomar	s/d	Operários	03/02/1927	28/02/1927	0	1	0	0	0	0	1	0	0	325	1	0	1	1	25	8125	(04,05,08,11,15,21,22,23,27,02/1927) LA VANGUARDIA, (12/02/1927) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº 113
Madeira e móveis	Seminaria	José Cuba, 3419	Operários	01/02/1927	10/02/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	9	0	(01,10/02/1927) LA VANGUARDIA
Automóveis e carrocerias	Casa Fernandez	San José 1842	Trabalhadores	08/02/1927	15/03/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	35	0	(08,09,13,15,02;15/03/1927) LA PROTESTA
Calçados	Casa Ciolaro	s/d	Operários	09/02/1927	09/02/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(12/02/1927) LA VANGUARDIA
Calçados	Rodríguez & Fisalli	Las Piedras 1214 (Ruiz Huidobro)	Trabalhadores	17/02/1927	04/03/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	15	0	(17,18,19,20,22,23,24,25/02,03,04/03/1927) LA PROTESTA
Gráficos	Casa Maruchelli	s/d	Encadernadores	18/02/1927	27/02/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	68	0	1	0	1	9	612	(22,23,25,27,02/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 113
Metalúrgicos	Hojalateria de H. Croce	Colon 332	Trabalhadores	25/02/1927	10/03/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	13	0	(03,04,05,08,10/03/1927) LA PROTESTA
Calçados	Marce Hermanos	Yapeyú 432	Trabalhadores	26/02/1927	27/02/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(26,27/02/1927) LA PROTESTA
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	06/02/1927	12/02/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	20	0	1	1	0	6	120	CMDNT Nº113
Calçados	s/d	s/d	Sapateiros	07/02/1927	19/02/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	25	1	0	1	0	12	300	CMDNT Nº113
Madeira e móveis	s/d	s/d	Biseladores	15/02/1927	18/02/1927	0	0	0	0	0	0	1	0	0	15	1	0	1	0	3	45	CMDNT Nº113
Frigorífico	Frigorífico	s/d	Secadores de sangue	21/02/1927	28/02/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	10	1	0	1	0	7	70	CMDNT Nº113
Metalúrgicos	Fábrica Villa Lugano	s/d	Operários	02/03/1927	02/03/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(03/03/1927) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Fábrica de Mateo Castro & CIA	Carlos Tejedor, 242	Operários	24/02/1927	08/03/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	12	0	(08/03/1927) LA VANGUARDIA
Calçados	Melián & Trufol	s/d	Trabalhadores	20/03/1927	22/03/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	(22/03/1927) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	Fábrica Cantu, Ribato & CIA	General Urquiza, 2170	Trabalhadores	23/03/1927	24/03/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	(24/03/1927) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	18/03/1927	18/03/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	0	0	CMDNT Nº113
Construção	Fábrica	s/d	Caleiro	28/03/1927	31/03/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	80	1	0	1	0	3	240	CMDNT Nº113
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	08/04/1927	10/04/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	S&V	0	1	0	1	0	2	0	(08,09,10/04/1927) LA PROTESTA
Calçados	Sifaca	Viel, 430	Trabalhadores	11/04/1927	14/04/1927																	

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Calçados	Fábrica	s/d	Operários	28/04/1927	02/05/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	150	0	1	0	1	4	600	CMDNT Nº113
Automóveis e carrocerias	Gaudalpe & Cia.	Corrientes 3859	Operários	03/05/1927	04/05/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(03/04/05/1927) LA PROTESTA
Calçados	Castillo	s/d	Trabalhadores	06/05/1927	25/05/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	170	1	0	0	1	19	3230	(06/07.11.13.19.21.25/05/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº113
Calçados	Tramocera	s/d	Trabalhadores	06/05/1927	06/05/1927	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(06/05/1927) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	17/05/1927	18/05/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	8500	1	0	0	1	1	8500	(25/05/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº113
Automóveis e carrocerias	Juan Aperino	Canning 2282	Operários	21/05/1927	09/06/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	19	0	(21.22.24.26.27.29.31/05.01.05.07.08.09/06/1927) LA PROTESTA
Calçados	Casa Trimboli	Castro Alves e Caseros	Operários	22/05/1927	22/06/1927	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	31	0	(22.24.27.29.31/05.01.02.03.04.05.07.08.09.10.11.12.14.15.17.18.19.21.22/06/1927) LA PROTESTA
Gráficos	Casa Linari	s/d	Gráficos	25/05/1927	25/05/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(25/05/1927) LA VANGUARDIA
Construção	Albano & Hnos	Cerrito 1154	Trabalhadores	26/05/1927	19/07/1927	0	0	0	0	0		1	0	0	0	1	0	1	0	54	0	(26.27.31/05; 01.02.03.05.08.14.15.18.21.22.23.24.25.26.28/06; 07.08.12.13.15.16.17.19/07/1927) LA PROTESTA
Alimentos e bebidas	Casa Gallardi Segista	s/d	Trabalhadores	27/05/1927	05/06/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	9	0	(05/06/1927) LA VANGUARDIA, (04.09.10/06/1927) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Anglo Argentina Iron Company	Pedro Mendonza	Operários	31/05/1927	08/06/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	8	0	(01.04.05.07.08/06/1927) LA PROTESTA
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	19/05/1927	25/06/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	15	1	0	1	0	37	555	CMDNT Nº113
Calçados	Casa Volpi	Valle 244	Trabalhadores	01/06/1927	11/06/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	10	0	(01.02.03.04.05.07.08.09.10.11/06/1927) LA PROTESTA
Calçados	Casa Solisio	Cochabamba 3999	Operários	08/06/1927	13/06/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	5	0	(11.12/06/1927) LA PROTESTA
Construção	Salinas	Florida 340	Trabalhadores	14/06/1927	19/07/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	35	0	(18.19.21.23.24.25.26.28/06; 07.08.12.13.15.16.17.19/07/1927) LA PROTESTA
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	15/06/1927	15/06/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	S&V	0	1	0	1	0	0	0	(16/05/1927) LA VANGUARDIA, (14.15.19/06/1927) LA PROTESTA, (26/06/1927) BANDERA PROLETARIA
Metalúrgicos	Valdini & Cia.	Castro Barros 947	Trabalhadores	15/06/1927	24/06/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	S&V	0	1	0	1	0	9	0	(18.19.22.23.24/06/1927) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	23/06/1927	24/06/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	8500	0	1	0	1	1	8500	(24/06/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 113
Calçados	s/d	s/d	Sapateiros	02/06/1927	26/06/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	30	1	0	1	0	24	720	CMDNT Nº113
Motoristas e anexos	Casa Nordiska	Niceto Veja y Darwin	Motoristas	16/07/1927	24/07/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	8	40	(20.21.22/07/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº119
Madeira e móveis	Collazzo & Cia	s/d	Trabalhadores	17/07/1927	19/07/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	0	(19/07/1927) LA PROTESTA
Calçados	Fabrica de Taccos Fernandez & Samartino	Pringles y Rocamora	Operários	19/07/1927	30/07/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	14	1	0	0	1	11	154	(20.22.24.28.30/07/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº119
Madeira e móveis	Collazzo & Cia	s/d	Trabalhadores	24/07/1927	13/08/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	20	0	(28.29.30/07; 02.05.06.09.13/08/1927) LA PROTESTA
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	28/07/1927	07/08/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	8000	0	1	0	1	10	80000	(29.30/07; 01.04.08/08/1927) LA VANGUARDIA, (30/07; 02.04.05.06/08/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº 119
Calçados	Fábrica	s/d	Trabalhadores	12/07/1927	25/07/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	35	1	0	1	0	13	455	CMDNT Nº119
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	20/07/1927	21/07/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	14	1	0	0	1	1	14	CMDNT Nº119
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	23/07/1927	30/07/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	11	1	0	0	1	7	77	CMDNT Nº119
Construção	s/d	s/d	Gesseiros	26/07/1927	04/08/1927	0	0	0	0	0	0	1	0	0	15	1	0	1	0	9	135	CMDNT Nº119
Calçados	Casa Borrás	s/d	Trabalhadores	03/08/1927	27/08/1927	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	24	0	(03.04.19.25.27/08/1927) LA VANGUARDIA
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	05/08/1927	07/08/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	S&V	75000	1	0	1	0	2	150000	(06/07/08/1927) LA VANGUARDIA, (06/08/1927) LA PROTESTA, (17/08/1927) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº 119
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	10/08/1927	10/08/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	S&V	150000	1	0	1	0	0	0	(11/08/1927) LA VANGUARDIA, (10.11/08/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº119
Metalúrgicos	Rene Gabudet & Cia	Darwin, 547	Operários	08/08/1927	09/09/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	32	0	(13.16.17.22.26/08.02.07.14/09/1927) LA VANGUARDIA
Calçados	Casa Miguel Pascuale	s/d	Operários	16/08/1927	30/08/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	14	0	(16.19.25.26.30/08/1927) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Podestá	Cordoba, 3162	Trabalhadores	16/08/1927	21/08/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	5	0	(21/08/1927) LA VANGUARDIA
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	22/08/1927	22/08/1927	0	0	0	0	0	0	0	0	S&V	150000	1	0	1	0	0	0	(24/08/1927) LA VANGUARDIA, (23.24/08/1927) LA PROTESTA, (27/08/1928) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº 119
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	22/08/1927	30/08/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	130	1	0	0	1	8	1040	CMDNT Nº119
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	23/08/1927	30/08/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	7	420	CMDNT Nº119
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	23/08/1927	30/08/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	7	70	CMDNT Nº119
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	25/08/1927	30/08/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	120	1	0	0	1	5	600	CMDNT Nº119
Madeira e móveis	GERAL	GERAL	Trabalhadores	02/09/1927	08/11/1927	0	0	0	1	0	1	0	0	0	400	1	0	1	1	67	26800	(3.6.7.9.11.13.14/09/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119
Metalúrgicos	Casa Adolfo Gutman	Campichuelo 533	Trabalhadores	02/09/1927	14/09/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	200	0	1	0	1	12	2400	(06/07.09.14/09/1927) LA VANGUARDIA, (24/09/1927) BANDERA PROLETARIA
Calçados	Casa Legora	s/d	Trabalhadores	05/09/1927	19/09/1927	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	14	0	(09.10.19/09/1927) LA VANGUARDIA
Eletricistas e telefonia	Otis Elevator Company	s/d	Trabalhadores	08/09/1927	15/09/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	250	1	0	0	1	7	1750	(10.11.13.15/09/1927) LA VANGUARDIA, (09.10.11.12/09/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº 119
Automóveis e carrocerias	Segura & Cia	Manuel García, 455	Trabalhadores	10/09/1927	15/09/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	80	1	0	0	1	5	400	(10/09/1927) LA VANGUARDIA, (10.11.12.15/09/1927) LA PROTESTA
Metalúrgicos	Pascual & Cristofanelli	Olivera 57	Operários	22/09/1927	22/09/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(22/09/1927) LA PROTESTA
Têxtil	Compañia Genera de Fosforos - Fábrica de fios	Bernal	Trabalhadores	23/09/1927	01/10/1927	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	8	0	(24.29/09.04/10/1927) LA VANGUARDIA
Couro	Goldgas & Hermanos	Garay, 1459	Trabalhadores	29/09/1927	29/09/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(29/09/1927) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	01/09/1927	12/09/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	11	132	CMDNT Nº119
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	02/09/1927	13/09/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	11	220	CMDNT Nº119
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carro	05/09/1927	14/09/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	8	1	0	1	0	9	72	CMDNT Nº119
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	06/09/1927	11/09/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	5	50	CMDNT Nº119
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	08/09/1927	13/09/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	80	1	0	0	1	5	400	CMDNT Nº119
Metalúrgicos	s/d	s/d	Operários	07/09/1927	09/09/1927	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	CMDNT Nº119
Metalúrgicos	s/d	s/d	Mecânicos	21/09/1927	14/10/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	10	0	1	1	0	23	230	CMDNT Nº119
Tabaco	Compañia Nacional de Tabacos	s/d	Operários	30/09/1927	30/10/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	30	0	(08.09/10/1927) LA VANGUARDIA, (14.21.22.23.30/10/1927) LA PROTESTA
Gráficos	Kraslovsky & Pertzovsky	Valentin Gomez, 2719	Trabalhadores	10/10/1927	28/10/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	18	0	(10.21.28/10/1927) LA VANGUARDIA
Costura e vestimenta	Lavadero de Flores	Magariños Cervantes, 1671	Trabalhadores	11/10/1927	21/10/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	400	0	1	1	0	10	4000	(12.13.15.16.21/10/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119
Tabaco	Pour la Noblesse	s/d	Trabalhadores	13/10/1927	24/11/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	42	0	(13.14.16/10/1927) LA VANGUARDIA, (14.21.22.23.30/10; 03.04.110.13.15.16.17.18.20, 23.24/11/1927) LA PROTESTA

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES	
Metalúrgicos	Casa de Fundación de Plomo Puma	Tellier, 2621	Operários	21/10/1927	24/10/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	3	0	(22,23,25/10/1927) LA VANGUARDIA, (29/10/1927) BANDERA PROLETARIA
Madeira e móveis	Talleres de Pereira Iraola	Vélez Sarsfield, 1501	Trabalhadores	22/10/1927	22/11/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	400	1	0	1	0	31	12400	(23,24,25,28,29,31/10; 01,03,04,05,07,08,09,10,12,13,14,18,20,21,22/11/1927) LA VANGUARDIA, (25/10; 03,04,08,10,19,20/11/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº 119	
Estivadores e portuários	GERAL	GERAL	Estivadores	24/10/1927	24/10/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2000	1	0	0	1	0	0	(24/10/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Madeira e móveis	Kanelson	Virgenes (Galicia) 2468	Trabalhadores	26/10/1927	05/11/1927	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	10	0	(05/11/1927) BANDERA PROLETARIA
Construção	GERAL	GERAL	Oleiro	27/10/1927	04/12/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2500	0	1	0	1	38	95000	(27,31/10; 04/12/1927) LA VANGUARDIA, (18,25,28/10; 03,04,18,19,20,23/11; 01/12/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº 119	
Construção	s/d	s/d	Oleiros	19/10/1927	07/12/1927	0	0	0	0	0	0	0	1	0	111	0	1	1	0	49	5439	CMDNT Nº 119	
Gráficos	Casa Varsi Hermanos	Bartolomé Mitre, 762	Trabalhadores	02/11/1927	29/11/1927	1	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	2	27	324	(03,04,06,09,11,15,23,26/11/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Couro	Casa Gomez & Otero	s/d	Operários	02/11/1927	12/11/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	10	0	(03,12/11/1927) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	GERAL	GERAL	Padeiros	06/11/1927	13/11/1927	0	0	0	1	1	0	0	0	0	6000	0	1	1	1	7	42000	(06,07,08,09,10/11/1927) LA VANGUARDIA, (08,10,11,12,13,15/11/1927) LA PROTESTA, CMDNT Nº 119	
Têxtil	Fábrica Barlalo	s/d	Operários	08/11/1927	09/11/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	500	0	1	1	0	1	500	(11/11/1927) LA VANGUARDIA	
Gráficos	Casa Lorenzo J. Rosso	Doblas, 951	Trabalhadores	16/11/1927	14/12/1927	0	0	0	0	1	1	0	0	0	300	1	0	2	0	28	8400	(17,18,20,22,23,26,27,29/11; 01,08,14/12/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Calçados	Fábrica Lujo (Casa Crisci)	s/d	Operários	16/11/1927	27/11/1927	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	11	0	(17,21,23,27/11/1927) LA VANGUARDIA
Têxtil	La Unión	s/d	Operários	18/11/1927	19/11/1927	0	0	0	1	0	0	0	0	0	450	0	1	0	1	1	450	(22,23/11/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Calçados	s/d	s/d	Operários	07/11/1927	03/12/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	150	1	0	0	1	26	3900	CMDNT Nº 119	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	10/11/1927	20/11/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	40	1	0	0	1	10	400	CMDNT Nº 119	
Construção	La Tablada	s/d	Oleiros	06/12/1927	07/12/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	120	1	0	1	0	1	120	(06,07/12/1927) LA PROTESTA	
Madeira e móveis	Compañía Argentina Industrial de Maderas	Alsina 369	Serralheiros	20/12/1927	29/12/1927	0	1	0	0	0	0	0	0	0	120	0	1	0	1	9	1080	(22,23,28,29/12/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Gráficos	Della Penna & Cia	Rondeau, 3239	Trabalhadores	26/12/1927	03/01/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	120	1	0	0	1	8	960	(27,28,29/12/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Calçados	Casa Sicilia	Rivadavia, 6745	Trabalhadores	26/12/1927	03/01/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	8	240	(27,28,29/12/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Estivadores e portuários	GEAL	GERAL	Trabalhadores	28/12/1927	29/12/1927	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2000	1	0	1	0	1	2000	(29/12/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 119	
Serviços	s/d	s/d	Garçons	02/12/1927	04/12/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	80	0	1	1	0	2	160	CMDNT Nº 119	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	16/12/1927	16/12/1927	0	0	0	0	1	0	0	0	0	42	0	1	1	0	0	0	CMDNT Nº 119	
Têxtil	La Delicia	Suenz 900-942	Operários	06/01/1928	12/01/1928	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	6	0	(12,13/01/1928) LA VANGUARDIA
Têxtil	Aldergui, Tohai & Acrich	Canning 960	Operários	12/01/1928	12/01/1928	1	0	0	0	1	0	0	0	0	150	0	1	1	1	0	0	(17/01/1928) LA VANGUARDIA, (21/01/1928) LA INTERNACIONAL	
Têxtil	Manufactura Algodonera Argentina	Giribone 171	Operários	17/01/1928	21/01/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	140	0	1	1	0	4	560	(21/01/1928) LA VANGUARDIA, (04/02/1928) LA INTERNACIONAL, CMDNT Nº 125	
Madeira e móveis	Matarrese Hnos	Jujuy 1032	Trabalhadores	26/01/1928	26/01/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(26/01/1928) LA VANGUARDIA	
Madeira e móveis	Casa Pablo Paoli	Asamblea 350	Trabalhadores	26/01/1928	26/01/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(26/01/1928) LA VANGUARDIA	
Têxtil	Manufactura Algodonera Argentina	Giribone 171	Operários	26/01/1928	02/02/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1000	1	0	1	0	7	7000	(27,28,29,31/01/1927) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125	
Construção	Velasco, Justo & Cia	Concepción Arenal y Guzmán	Pedreiros	23/01/1928	25/01/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	340	0	1	0	1	2	680	(22,24/01/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 125	
Construção	Pablo Merino	Córdoba 744	Gesseiros	25/01/1928	31/01/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	6	0	(25,26,29,31/01/1928) LA PROTESTA	
Metalúrgicos	Pascual & Cristofanelli	Olivera 57	Operários	23/01/1928	31/01/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	32	0	1	1	0	8	256	(25,26,27,28,29,31/01/1928) LA PROTESTA	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiro	17/01/1928	26/01/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	9	1	0	1	0	9	81	CMDNT Nº 125	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiro	20/01/1928	30/01/1928	0	1	0	1	0	0	0	0	0	35	0	1	0	2	10	350	CMDNT Nº 125	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Operários	23/01/1928	01/02/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	5	0	1	1	0	9	45	CMDNT Nº 125	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas	23/01/1928	03/02/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	1	11	44	CMDNT Nº 125	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiro	25/01/1928	04/02/1928	1	0	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	10	90	CMDNT Nº 125	
Estivadores e portuários	s/d	s/d	Carregadores	26/01/1928	18/02/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	16	1	0	1	0	23	368	CMDNT Nº 125	
Metalúrgicos	s/d	s/d	Operários	26/01/1928	05/03/1928	1	0	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	39	234	CMDNT Nº 125	
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Cozinheiros	28/01/1928	20/02/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	20	1	0	1	0	23	460	CMDNT Nº 125	
Papel e cartão	s/d	s/d	Cartoneiros	30/01/1928	31/01/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	45	0	1	0	1	1	45	CMDNT Nº 125	
Calçados	s/d	s/d	Sapateiros	30/01/1928	05/02/1928	0	1	0	0	1	0	0	0	0	6	0	1	1	1	6	36	CMDNT Nº 125	
Madeira e móveis	Matarrese Hnos	Jujuy 1032	Trabalhadores	26/01/1928	03/02/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	8	0	(26,01,03/02/1926) LA VANGUARDIA	
Madeira e móveis	Casa Pablo Paoli	Asamblea 350	Trabalhadores	26/01/1928	03/02/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	8	0	(26,01,03/02/1926) LA VANGUARDIA	
Têxtil	Piccaluga & Ferrando	Lanin 200	Tecelões	01/02/1928	08/03/1928	0	0	0	1	1	0	0	0	0	42	1	0	1	1	36	1512	(03,08,10,13,27/02,04,07,08,09/03/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125	
Metalúrgicos	Borman & Saz	s/d	Operários	03/02/1928	06/02/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	65	0	1	0	1	3	195	(03,10/02/1928) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	Puma	Lisandro de la Torre, 2621 (Tellier)	Operários	10/02/1928	03/05/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	83	0	(10,26,28/02,03,08/03; 02,03/05/1928) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	Caniglia & Barberas	Rivadavia 9766	Operários	25/02/1928	08/03/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	12	300	(28,29/02; 02,03,06,08/03/1926) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125	
Têxtil	Enrique Juan Lima	Cochabamba 3632	Operários	28/02/1928	01/03/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	19	0	1	1	0	2	38	(29,02/04/03/1928) LA VANGUARDIA, (11/03/1928) LA INTERNACIONAL CMDNT Nº 125	
Metalúrgicos	s/d	s/d	Trabalhadores	02/02/1928	05/02/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	64	1	0	0	1	3	192	CMDNT Nº 125	
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	03/02/1928	21/02/1928	0																	

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	22/03/1928	24/03/1928	0	0	0	0	0	0	0	0	Radow	20000	1	0	1	0	2	40000	(23,24/03/1928) LA VANGUARDIA, (23,24/03/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 125
Têxtil	Saul Rosenberg	Tucuman 2172	Operários	27/03/1928	27/03/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(27/03/1928) LA VANGUARDIA, (31/03/1928) LA INTERNACIONAL
Metalúrgicos	Olivetta & Tuez	s/d	Operários	24/03/1928	24/03/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(27/03/1928) LA VANGUARDIA
Calçados	Faiferman & Cia	Padilla 383	Operários	26/03/1928	01/04/1928	0	1	0	0	1	1	0	0	0	23	1	0	2	1	6	138	(27,28/03/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Gráficos	Tailhade & Cia	Victoria 4270	Trabalhadores	25/03/1928	24/04/1928	0	1	0	0	1	0	0	0	0	103	1	0	1	1	30	3090	(27,29,30/03/01,08,09,14,18,21/04/1928) LA VANGUARDIA, (31/03/1928) LA INTERNACIONAL CMDNT Nº 125
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	01/03/1928	05/04/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	18	1	0	0	1	35	630	CMDNT Nº 125
Construção	Fábrica de Cal	s/d	Operários	02/03/1928	06/04/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	15	1	0	1	0	35	525	CMDNT Nº 125
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	05/03/1928	11/03/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	6	54	CMDNT Nº 125
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	16/03/1928	24/03/1928	0	0	0	0	0	0	0	1	0	40	1	0	1	0	8	320	CMDNT Nº 125
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	16/03/1928	30/03/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	8	1	0	0	1	14	112	CMDNT Nº 125
Serviços	s/d	s/d	Polidores	16/03/1928	19/03/1928	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	3	27	CMDNT Nº 125
Serviços	s/d	s/d	Garçons	17/03/1928	08/04/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	9	1	0	1	0	22	198	CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	19/03/1928	08/04/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	19	1	0	1	0	20	380	CMDNT Nº 125
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	26/03/1928	28/03/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	19	1	0	0	1	2	38	CMDNT Nº 125
Carroceiros	s/d	s/d	Carroceiros	28/03/1928	15/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	1	18	54	CMDNT Nº 125
Eletricistas e telefonia	Neolux	Melo 2947	Trabalhadores	05/04/1928	12/04/1928	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	7	0	(05,08,10,11,12/04/1928) LA PROTESTA
Calçados	Luis Lavallo & Cia	Matheu 1851	Operários	06/04/1928	16/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	48	0	1	0	1	10	480	(06,10,17/04/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Calçados	Pons & Oliver	s/d	Trabalhadores	20/04/1928	20/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(20/04/1928) LA PROTESTA
Calçados	Abelenda, Revivino e Iguain	Guardia Vieja 4141	Trabalhadores	13/04/1928	11/05/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	95	1	0	0	1	28	2660	(19,20,23,24/04/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Têxtil	Campomar & Soulas	Montañeses 2328	Operários	20/04/1928	28/05/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	870	1	0	0	1	38	33060	(20,24,27,29/04; 02,03,05,09,12,15,24/05/01/06/1928) LA VANGUARDIA, (01, 26/05/09/06 /1928) LA INTERNACIONAL CMDNT Nº 125
Metalúrgicos	Taller Antime Motteau	Lima 1173	Operários	26/04/1928	05/05/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	100	0	1	0	1	9	900	(02,03/05/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Operários	02/04/1928	22/04/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	1	0	1	0	20	60	CMDNT Nº 125
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	03/04/1928	02/05/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	6	1	0	1	0	29	174	CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	03/04/1928	08/04/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	78	1	0	1	0	5	390	CMDNT Nº 125
Construção	s/d	s/d	Pedreiros	04/04/1928	15/04/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	17	1	0	0	1	11	187	CMDNT Nº 125
Serviços	s/d	s/d	Cozinheiros	05/04/1928	15/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	10	90	CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	10/04/1928	16/04/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	38	1	0	1	0	6	228	CMDNT Nº 125
Serviços	s/d	s/d	Lavadores	11/04/1928	29/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	1	18	54	CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	s/d	s/d	Cadereiros	12/04/1928	22/04/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	0	1	1	0	10	100	CMDNT Nº 125
Construção	s/d	s/d	Pedreiros	16/04/1928	20/04/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	16	1	0	1	0	4	64	CMDNT Nº 125
Metalúrgicos	s/d	s/d	Operários	19/04/1928	24/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	5	50	CMDNT Nº 125
Gráficos	s/d	s/d	Cartoneiros	26/04/1928	05/06/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	43	1	0	0	1	40	1720	CMDNT Nº 125
Metalúrgicos	s/d	s/d	Operários	27/04/1928	29/04/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	2	40	CMDNT Nº 125
Eletricistas e telefonia	s/d	s/d	Operários	28/04/1928	05/05/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	7	42	CMDNT Nº 125
Metalúrgicos	Seiguer & Cia	s/d	Operários	02/05/1928	14/05/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	50	0	1	1	0	12	600	(02,03/05/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Têxtil	Cutner	Malabia 352	Operários	02/05/1928	03/05/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	(02,03/1928) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Puzzi	Accevedo 362	Ferreiros de obras	04/05/1928	14/05/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	10	0	(07,09,12,15/05/1928) LA VANGUARDIA
Construção	Delfino	Córdoba y Larrea	Gesseiros	15/05/1928	27/05/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	12	0	(15,16,20,22,23,27/05/1928) LA PROTESTA
Automóveis e carrocerias	La Metropolitana	San Martin 438	Operários	15/05/1928	03/06/1928	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	19	0	(15,16,17,18,23,24,25,27,30/05/03/06/1928) LA PROTESTA
Estivadores e portuários	GERAL	GERAL	Trabalhadores	21/05/1928	22/05/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	6000	1	0	1	0	1	6000	(21,22/05/1928) LA VAMGUARDIA, CMDNT Nº 125
Têxtil	Ugolino & Girardino	Valentin Alsina	Operários	21/05/1928	31/08/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	350	0	1	1	0	102	35700	(24,28,30/05; 07,13,15,17,21,26,27/06; 05,20/07; 01,02,05,08,14,25/08/02/09/1928) LA VANGUARDIA, (02,09,23/06, 28/07/1928) LA INTERNACIONAL
Metalúrgicos	Roque Salerno	Austrália 1924	Operários	22/05/1928	25/07/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	64	0	(24,30/05;11,17,21,30/06/1928) LA VANGUARDIA
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	23/05/1928	25/05/1928	0	0	0	0	0	0	0	0	Santa Fé	20000	1	0	1	0	2	40000	(23,24/05/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 125
Eletricistas e telefonia	Odeon	Montañeses 2171	Operários	21/05/1928	29/05/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	8	0	(25,29/05/1928) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	Garnfinkel	s/d	Operários	29/05/1928	20/06/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	32	1	0	1	0	22	704	(30/05/02,04,11,14,17,21/06/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Calçados	s/d	s/d	Operários	02/05/1928	13/05/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	8	1	0	0	1	11	88	CMDNT Nº 125
Couro	s/d	s/d	Coureiros	18/05/1925	21/06/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	1130	6780	CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	21/05/1928	31/05/1928	0	0	0	0	1	0	1	0	0	26	0	1	2	0	10	260	CMDNT Nº 125
Gráficos	s/d	s/d	Operários	21/05/1928	22/06/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	30	1	0	1	0	32	960	CMDNT Nº 125
Gráficos	s/d	s/d	Trabalhadores	29/05/1928	16/06/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	1	0	1	0	18	180	CMDNT Nº 125
Gráficos	Rinaldi Hnos.	Moreno 1978	Operários	02/06/1928	03/06/1928	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	1	0	(02,03/06/1928) LA VANGUARDIA
Gráficos	Díaz Ocampo	Súta 855	Gráficos	03/06/1928	07/06/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	4	0	(07/06/1928) LA VANGUARDIA
Estivadores e portuários	Casa Dodero	s/d	Estivadores	19/06/1928	21/06/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(22/06/1928) LA VANGUARDIA, (19,20/06/1928) LA PROTESTA
Têxtil	Fábrica de Tejidos Laurencio, Adot & Cia.	Velazco 1359	Operários	22/06/1928	27/06/1928	0	0	0	0	1	1	0	0	0	300	0	1	2	0	5	1500	(27/06/1928) LA VANGUARDIA, (23/06/1928) LA INTERNACIONAL, CMDNT Nº 125
Metalúrgicos	Borman & Saz	Boedo 150	Trabalhadores	27/06/1928	14/07/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	65	0	1	0	1	17	1105	(30/06/02/07/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	Talleres Pedro Costa	Forest 532	Carpinteiros	26/06/1928	28/06/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	28	1	0	0	1	2	56	(28/06/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 125
Calçados	Casa Santoja	La Plata 980	Trabalhadores	28/06/1928	11/07/1928	1	0	0	1	0	0	0	0	0	50	1	0	0	2	0	0	(28,29,30/06; 02,04,09,11/07/1928) LA VANGUARDIA, (29,30/06/01,04,05,07,08,11/07/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	25/06/1928	30/06/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	5	1	0	1	0	0	0	CMDNT Nº 125
Madeira e móveis	Collazo & Cia	Peru,375	Carpinteiros	06/07/1928	18/07/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	1	0	1	0	12	240	(03,04,05,08,10,11,12,13,15,17,18/07/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 131

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Têxtil	Tufic Acele	Gavião 1079	Operários	04/07/1928	05/07/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(05/07/1928) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	10/07/1928	11/07/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6000	1	0	0	1	1	6000	(10/07/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 131
Calçados	Firme Herrera	Vernet 139	Operários	11/07/1928	19/07/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	8	0	(11,12,13,14,15,17,18,19/07/1928) LA PROTESTA
Metalgícos	Labarthe & Cia (Puna)	Lisandro de la Torre, 2621 (Teller)	Operários	14/07/1928	31/07/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	17	0	(14,25,31/07/1928) LA VANGUARDIA
Calçados	Jacobo Rodríguez	Califórnia 1955	Operários	23/07/1928	27/07/1928	0	0	1	0	0	1	0	0	0	30	0	1	1	1	4	120	(24,25,26,27/07/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Metalgícos	Casa Adolfo Gutman	Campichuelo 533	Operários	23/07/1928	28/07/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	130	0	1	0	1	5	650	(24,27/31/07/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Metalgícos	Westley, Williams & Cia	General Roca 95 (Avellaneda)	Construtores de vagões	29/07/1928	01/08/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(17,25/08/1928) LA VANGUARDIA, (02,04,05,07,17,19/08/04/09/1928) LA PROTESTA, (04/08/1928) LA INTERNACIONAL
Metalgícos	Cirilli & Cia	A.R. Caffarena 59 (Colorado)	Operários	30/07/1928	09/08/1928	0	1	0	0	1	0	0	0	0	16	1	0	1	1	10	160	(30/07/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	03/07/1928	04/07/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	1	25	CMDNT Nº 131
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	04/07/1928	14/07/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	32	1	0	0	1	10	320	CMDNT Nº 131
Metalgícos	s/d	s/d	Operários	10/07/1928	29/07/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	28	1	0	0	1	19	532	CMDNT Nº 131
Metalgícos	s/d	s/d	Operários	23/07/1928	02/08/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	130	1	0	0	1	10	1300	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	28/07/1928	31/07/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	70	1	0	0	1	3	210	CMDNT Nº 131
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Operários	31/07/1928	15/08/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	1	15	105	CMDNT Nº 131
Têxtil	Fábrica Bettinelli	California 1842	Operários	02/08/1928	25/08/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	280	1	0	1	0	23	6440	(05,07,08,09,10,11,16,21,25/08/1928) LA VANGUARDIA, (11,18/08; 15/09/1928) LA INTERNACIONAL, CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	17/08/1928	23/08/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	11.000	0	1	0	1	6	66000	(17,22,23/08/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Metalgícos	s/d	s/d	Ferreiros	03/08/1928	07/08/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	1	0	1	0	4	40	CMDNT Nº 131
Alimentos e bebidas	s/d	s/d	Padeiros	04/08/1928	11/08/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	4	1	0	0	1	7	28	CMDNT Nº 131
Serviços	s/d	s/d	Peões	06/08/1928	10/08/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	14	1	0	0	1	4	56	CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Cadereiros	06/08/1928	15/08/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	13	1	0	1	0	9	117	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	15/08/1928	15/08/1928	0	1	0	0	1	0	0	0	0	25	0	1	1	1	0	0	CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	22/08/1928	27/08/1928	0	0	1	0	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	5	50	CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	22/08/1928	28/08/1928	0	0	0	1	1	0	0	0	0	10	1	0	2	0	6	60	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	22/08/1928	02/09/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	11	275	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	23/08/1928	24/08/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	23	1	0	0	1	1	23	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	25/08/1928	14/09/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	28	1	0	0	1	20	560	CMDNT Nº 131
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Alfaiates	27/08/1928	28/08/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	18	1	0	0	1	1	18	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	28/08/1928	29/08/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	52	1	0	0	1	1	52	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Lavadores de carro	02/09/1928	28/09/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	26	130	CMDNT Nº 131
Serviços	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	01/09/1928	02/09/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	52	0	1	1	0	1	52	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas	05/09/1928	14/10/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	39	780	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	06/09/1928	10/09/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	4	20	CMDNT Nº 131
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Trabalhadores	29/09/1928	04/10/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	5	300	CMDNT Nº 131
Têxtil	Ugolino & Girardino	Valentin Alsina	Operários	01/10/1928	21/10/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	300	0	1	1	0	20	6000	(02,06,10,11,13,21/10/1928) LA VANGUARDIA, (06/10/1928) LA INTERNACIONAL
Costura e vestimenta	González & Febolo	s/d	Operários	01/10/1928	01/11/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	31	0	(14,16,17,18,23,25/10; 01/11/1928) LA PROTESTA
Calçados	Szefel Mainovich	s/d	Operários	02/10/1928	04/02/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	-241	0	(04/10/1928) LA VANGUARDIA
Transporte	Cia. Mihanovich	s/d	Marítimos	06/10/1928	03/11/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1500	0	1	1	0	28	42000	(07,08,09,11,13,14,16,24,25,26,27,30,31/10; 03/11/1928) LA VANGUARDIA, (07,08,28/10/1928) LA PROTESTA, (13, 20, 27/10/1928) LA INTERNACIONAL, CMDNT Nº 131
Calçados	Barone	Estados Unidos 486	Trabalhadores	18/10/1928	18/10/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(18/10/1928) LA PROTESTA
Metalgícos	Casa Adolfo Gutman	Campichuelo 533	Operários	29/10/1928	15/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	200	1	0	1	0	17	3400	(30,31/10/02,03,04,13,15,19/11/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas	05/09/1928	14/10/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	39	780	CMDNT Nº 131
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Trabalhadores	29/09/1928	04/10/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	5	300	CMDNT Nº 131
Calçados	s/d	s/d	Operários	15/10/1928	04/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	8	1	0	1	0	20	160	CMDNT Nº 131
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas	20/10/1928	28/10/1928	0	0	0	0	0	0	0	1	0	8	1	0	1	0	8	64	CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	29/10/1928	06/11/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	205	1	0	0	1	8	1640	CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	29/10/1928	13/11/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	15	150	CMDNT Nº 131
Construção	Noseda & Manzotti	Arenakes 113	Operários	03/11/1928	13/12/1928	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	40	0	(03,06,07,10,22,23,24/11; 01,06,07,09,11,12,13/12/1928) LA PROTESTA
Madeira e móveis	Nordiska	s/d	Trabalhadores	07/11/1928	07/11/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(07/11/1928) LA VANGUARDIA
Construção	Centroni	México 1571	Operários	06/11/1928	16/11/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	18	1	0	1	0	10	180	(08,16/11/1928) LA VANGUARDIA, (17/11/1928) LA PROTESTA
Costura e vestimenta	Muñoz & Cia	Páez 3027	Operários	06/11/1928	12/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	10	1	0	0	1	36	360	(10,11,15,17,20/11/1924) LA VANGUARDIA, (08,09,10,16/11/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 131
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	14/11/1928	15/11/1928	0	0	0	0	0	0	0	0	0	Radow	0	1	0	1	0	1	(14,15/11/1928) LA VANGUARDIA, (14,15/11/1928) LA PROTESTA
Calçados	Grimoldi	Rivadavia 2840	Cortadores	21/11/1928	29/11/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	350	1	0	0	1	8	2800	(21/11/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Metalgícos	Cromohojalateria Argentina	s/d	Operários	20/11/1928	20/11/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(24/11/1928) LA VANGUARDIA
Têxtil	Fábrica de Bolsas San Miguel	Avenida Mitre 1275 (Avellaneda)	Bolseiros	21/11/1928	09/12/1928	0	0	0	0	1	0	1	0	0	16	0	1	2	0	18	288	(21/11/06,09/12/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	Rivas & Cia	Pavon 400	Operários	22/11/1928	23/11/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(23/11/1928) LA PROTESTA
Metalgícos	Fuenzalida	s/d	Operários	24/11/1928	26/11/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(24,26/11/1928) LA VANGUARDIA
Metalgícos	Taller Antime Motteau	Lima 1173	Operários	22/11/1928	26/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	4	0	(24,26/11/1928) LA VANGUARDIA
Construção	s/d	s/d	Operários	00/01/1900	01/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	10563	63378	CMDNT Nº 131
Calçados	s/d	s/d	Trabalhadores	02/11/1928	04/11/1928	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	1	2	6	CMDNT Nº 131
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carro	06/11/1928	16/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	5	1	0	1	0	10	50	CMDNT Nº 131

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	19/11/1928	22/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	46	1	0	1	0	3	138	CMDNT Nº 131
Metalúrgicos	s/d	s/d	Trabalhadores	23/11/1928	14/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	46	1	0	0	1	21	966	CMDNT Nº 131
Gráficos	s/d	s/d	Trabalhadores	26/11/1928	01/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	19	0	1	1	0	5	95	CMDNT Nº 131
Serviços	s/d	s/d	Peões de barracas	26/11/1928	27/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	40	1	0	1	0	1	40	CMDNT Nº 131
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Trabalhadores	26/11/1928	27/11/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	1	12	CMDNT Nº 131
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carro	27/11/1928	01/12/1928	0	0	0	0	0	0	1	0	0	9	1	0	1	0	4	36	CMDNT Nº 131
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	30/11/1928	07/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	11	1	0	0	1	7	77	CMDNT Nº 131
Gráficos	s/d	s/d	Trabalhadores	30/11/1928	30/11/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	10	0	1	1	0	0	0	CMDNT Nº 131
Gráficos	El Cromo	San José 1557	Gráficos	01/12/1928	06/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	5	0	(01.06.07/12/1928) LA VANGUARDIA
Gráficos	Modesto Molde	Chacabuco 684	Gráficos	01/12/1928	01/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	0	0	(01/12/1928) LA VANGUARDIA
Gráficos	Perrotta	Thames 2438	Gráficos	01/12/1928	01/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(01/12/1928) LA VANGUARDIA
Gráficos	Nenciolini & Cia	San Juan 3739	Gráficos	01/12/1928	01/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(01/12/1928) LA VANGUARDIA
Serviços	Mercado Central de Frutos	Avellaneda	Peões de barracas	02/12/1928	22/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3000	0	1	1	0	20	60000	(05.06.11/12/1928) LA VANGUARDIA, (06.07.08.14.16.22/12/1928) LA PROTESTA, (08.22/12/1928) LA INTERNACIONAL CMDNT Nº131
Químicos	Compañia de Productos Conen	Rivadavia 530 (Avellaneda)	Operários	06/12/1928	18/01/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	43	0	(06.07.09.14.19.21.22.26.30/12/1928; 01.05.08.10.18/01/1929) LA PROTESTA, UIA 1928
Metalúrgicos	General Motors	Garay, 1	Operários	06/12/1928	07/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(07/12/1928) LA PROTESTA
Gráficos	Baiocco	Rivadavia 5370	Gráficos	07/12/1928	11/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	15	0	1	0	1	4	60	(07.11.12/12/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Gráficos	Varela & Cia	Vicente López 2286	Gráficos	07/12/1928	11/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	4	0	(07.08.11/12/1928) LA VANGUARDIA
Metalúrgicos	D.A Parise	s/d	Operários	01/12/1928	02/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	(08/12/1928) LA VANGUARDIA
Transporte	Gabriel Roboredo	Estações Once e Caballito	Peões carregadores	16/12/1928	22/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	160	1	0	1	0	6	960	(16.18.19.20.22/12/1928) LA VANGUARDIA
Alimentos e bebidas	GERAL	GERAL	Padeiros	19/12/1928	04/01/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2000	1	0	0	1	16	32000	(19.21.23.26.29.31/12/1928; 1.2.6.8.9.12.14.18.19.22.23.24.27.28/01/101.02.04/02/1929) LA VANGUARDIA, (19.21.22.23.25.26.27.29.30/12/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 131, CMDNT Nº138
Serviços	Bufet do Correio	s/d	Garçons	20/12/1928	04/01/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	52	1	0	2	0	15	780	(26/12/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	Pompino Busilacchio	Zapiola 924	Carpinteiros	24/12/1928	27/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	37	1	0	0	1	3	111	(26/12/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Metalúrgicos	Vago Hermano	Luis Maria Campos	Operários	27/12/1928	03/02/1929	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	3	0	38	0	(29.31/12/1928;03.08/01/1929) LA VANGUARDIA
Têxtil	Ugolino & Girardino	Valentin Alsina	Operários	27/12/1928	31/12/1928	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	4	0	(30.31/12/1928) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	Compañia Ciudad de Buenos Aires	s/d	Motoristas de ônibus	08/12/1928	26/12/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	70	0	1	1	0	18	1260	(21/12/1928) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 131
Têxtil	Cutner	Warnes 680	Operários	31/12/1928	06/01/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	6	0	(06/01/1929) LA VANGUARDIA
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	03/12/1928	04/12/1928	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4	0	1	1	0	1	4	CMDNT Nº 131
Metalúrgicos	s/d	s/d	Operários	03/12/1928	17/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	68	0	1	1	0	14	952	CMDNT Nº 131
Gráficos	s/d	s/d	Encadernadores	06/12/1928	16/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	70	0	1	1	0	10	700	CMDNT Nº 131
Metalúrgicos	s/d	s/d	Mecânicos	05/12/1928	07/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	50	1	0	0	1	2	100	CMDNT Nº 131
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	10/12/1928	17/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	95	1	0	0	1	7	665	CMDNT Nº 131
Serviços	s/d	s/d	Peões	10/12/1928	22/12/1928	0	0	0	0	0	1	1	0	0	20	1	0	2	0	12	240	CMDNT Nº 131
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	18/12/1928	20/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	15	1	0	1	0	2	30	CMDNT Nº 131
Gráficos	s/d	s/d	Litógrafos	21/12/1928	22/12/1928	0	0	0	0	1	0	0	0	0	100	0	1	1	0	1	100	CMDNT Nº 131
Têxtil	s/d	s/d	Operárias	21/12/1928	22/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	140	1	0	0	1	1	140	CMDNT Nº 131
Frigorífico	Frigorífico	s/d	Secadores de Sangue	22/12/1928	30/12/1928	0	1	0	0	0	0	0	0	0	15	1	0	0	1	8	120	CMDNT Nº 131
Gráficos	Nocito & Raño	s/d	Operários	04/01/1929	12/01/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	8	0	(12.01/1929) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	Ferrerio José & Juan	Pavón 1650 (Avellaneda)	Operários	06/01/1929	18/01/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	12	0	(18/01/1929) LA PROTESTA, UIA 1928
Metalúrgicos	Boeker & Cia	Rio Cuarto 2666	Latoeiros	10/01/1929	14/01/1929	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	0	1	1	0	4	80	(10.13.6.18/01/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138, UIA 1928
Construção	GERAL	GERAL	Operários	13/01/1929	03/02/1929	0	0	0	0	1	1	0	0	0	600	0	1	2	0	21	12600	(14.15.18.19.22.23.28/01/1929) LA VANGUARDIA, (19.31/01; 01.12.15.16/02/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138
Metalúrgicos	General Motors	Oswaldo Cruz y Limay	Operários	21/01/1929	02/02/1929	0	1	0	1	1	0	0	0	0	209	0	1	1	2	12	2508	(24.25.27.31/01; 01.02.04/02/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138
Madeira e móveis	Thompson Muebles, Lda. S.A	s/d	Operários	22/01/1929	23/01/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	150	0	1	0	1	1	150	(25/01/1929) BANDERA PROLETARIA, (01; 02/03/1929) ACCION OBRERA, CMDNT Nº 138
Madeira e móveis	Rossi & Hermanos	Las Heras 3347	Operários	25/01/1929	25/01/1929	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	0	1	1	0	0	0	(25/01/1929) BANDERA PROLETARIA, (02/1929) ACCION OBRERA, UIA 1928
Calçados	Magriña	Bulnes 65	Trabalhadores	23/01/1929	27/02/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	15	1	0	0	1	35	525	(29.30.31/01.01.02.05.06.08/02/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138
Motoristas e anexos	s/d	sd	Motoristas	02/01/1929	09/02/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	21	1	0	0	1	38	798	CMDNT Nº138
Têxtil	s/d	sd	Tecelões	02/01/1929	17/01/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	15	1	0	1	0	15	225	CMDNT Nº138
Gráficos	s/d	sd	Operários	02/01/1929	07/01/1929	0	0	0	0	1	1	0	0	0	4	0	1	2	0	5	20	CMDNT Nº138
Gráficos	s/d	sd	Operários	02/01/1929	09/01/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	14	0	1	2	0	7	98	CMDNT Nº138
Serviços	s/d	sd	Galponistas	09/01/1929	21/02/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3	0	1	2	0	43	129	CMDNT Nº138
Motoristas e anexos	s/d	sd	Motoristas	17/01/1929	17/01/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	1	0	0	CMDNT Nº138
Metalúrgicos	s/d	sd	Latoeiros	17/01/1929	22/01/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	27	0	1	2	0	5	135	CMDNT Nº138
Químicos	s/d	sd	Peões Fábrica de Gelo	27/01/1929	10/02/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	13	1	0	1	0	14	182	CMDNT Nº138
Calçados	s/d	sd	Operários	28/01/1929	18/02/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	21	420	CMDNT Nº138
Construção	s/d	sd	Operários	28/01/1929	10/02/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	25	1	0	1	0	13	325	CMDNT Nº138
Estivadores e portuários	PARCIAL	s/d	Removedores de areia	01/02/1929	08/02/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	7	0	1	1	0	7	49	(02.03.08/02/1929) LA VANGUARDIA, (03.05/02/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138
Calçados	Casa Enrique Sánchez	Belgrano 3264	Operários	04/02/1929	05/02/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	(04.05/02/1929) LA VANGUARDIA

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES	
Metalúrgicos	General Motors	Oswaldo Cruz y Limay	Operários	09/02/1929	09/12/1929																	(02,11,13,17,20,21,22/02; 05,07,09,12,15,17-19,20,22,24,26,27,30,31/03; 01,02,05,09,10,20, 22-26/04; 04,9-14,23/05; 08,10,24/06; 05/07; 01,07,08,13,25,28/08; 04,08,14,15,21,28/09; 15/10-09,10/12/1929) LA VANGUARDIA; (01,02,12,13,15-17,20,22-28/02; 01-03,05-10, 12-16, 19,20,23,24, 26-31/03; 02-06,09-14,16-18,20,21/04; 03,04,07-11,14-18,22-26,28,31/05; 01,02,04,06-09,11,12,14-16,18-23,25-29/06; 02-07,09-12,23,24,27,28,31/07; 01-04,06-11,13,14,15,20,21,24,27-29,31/08; 06,07,08,10-14,17-22,24-28/09; 01,02,04-06,09-13,15-20,22,25,26,29-31/10; 01-03,05,08,09,12-17,19-21,23,26-30/11; 01,04-06/12/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138	
Couro	Lopes, Saavedra & Cia	Famatina 356	Operários	13/02/1929	21/02/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	8	160	(15/02/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	Boeker & Cia	Rio Cuarto 2666	Operários	14/02/1928	07/03/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	387	11610	(21/02/1929) LA VANGUARDIA, (16,19,22,26/02/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138	
Construção	Cristalería Papini, S.A	Pavón y Chile (Avellaneda)	Operários	14/02/1929	04/06/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1000	1	0	2	0	110	110000	(28/02/05,06,08,12,13,15,22,24/03; 05,08,10,22,26/04; 06,10-13,25,26/05; 04/06/1929) LA VANGUARDIA, (16,17,20,26/02; 02,07,13,16,23,26,31/03; 03-05,07-12,14,18,24-26,28,30,31/05; 01,02,04-09/06/1929) LA PROTESTA	
Madeira e móveis	Collazo & Cia	García e Fraga	Carpinteiros	20/02/1929	24/02/1929	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	4	0	(20,21,23,24/02/1929) LA PROTESTA	
Estivadores e portuários	GERAL	GERAL	GERAL	20/02/1929	21/02/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6000	0	1	0	1	1	6000	(20,21/02/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Calçados	Casa Marzigotti & Cia	Rawson 193	Operários	20/02/1929	19/03/1929	1	0	0	0	0	0	0	0	0	40	1	0	0	1	27	1080	(26,28/02/04,06,09,17,19/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	PARCIAL	PARCIAL	PARCIAL	21/02/1929	25/03/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	379	0	1	2	0	32	12128	(22,26/02; 03,05,24,24/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Calçados	Riera & Fuster	Estados Unidos 4160	Operários	27/02/1929	14/03/1929	0	1	0	1	0	0	0	0	0	30	1	0	0	2	15	450	(28/02/04/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	Nordiska	s/d	Operários	01/02/1929	01/02/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(13,16,17, 22, 24, 26,27/04/1929) LA VANGUARDIA (02/03/1929) ACCION OBRERA	
Madeira e móveis	Suge	s/d	Operários	01/02/1929	01/02/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	550	1	0	0	1	0	0	(13,16,17, 22, 24, 26,27/04/1929) LA PROTESTA(02/03/1929) ACCION OBRERA	
Metalúrgicos	s/d	s/d	Peões metalúrgicos	04/02/1929	14/02/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	22	1	0	0	1	10	220	CMDNT Nº138	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	14/02/1929	15/02/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	1	20	CMDNT Nº138	
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carro	16/02/1929	24/02/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	0	1	0	1	8	24	CMDNT Nº138	
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carro	22/02/1929	08/03/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	14	84	CMDNT Nº138	
Serviços	PARCIAL	PARCIAL	Peões de barracas	11/02/1929	16/02/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	5	0	(11,16/03/1929) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	Thyssen	Avellaneda	Operários	14/03/1929	18/06/1929	0	0	0	0	1	1	1	0	0	400	1	0	3	0	96	38400	(14,17,25/03; 01,10,22,26/04/06,09,23,25/05; 04,05,18,21/06/1929) LA VANGUARDIA, (13-15-,17,19,23,24,26-31/03; 02-04,06,07,09-14,17,18,30/04; 03-05,07-11,22-26,28,30,31/05; 01,02,04-09,11-16, 18-20/06/1929) LA PROTESTA	
Metalúrgicos	Piazza Hermanos	Paraná 247	Operários	14/03/1929	11/04/1929	0	0	0	0	0	1	1	0	0	280	1	0	2	0	28	7840	(17,18,19,22,24,26,27/03; 01,02,05,04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	19/03/1929	19/03/1929	0	0	0	0	0	0	0	1	0	10000	1	0	1	0	0	0	(20/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Calçados	Minici Hermanos	Pay sandí 750	Operários	20/03/1929	12/04/1929	1	0	0	0	0	0	0	0	0	38	1	0	0	1	23	874	(19/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Metalúrgicos	Seiguer y Ptacinsky	Garay 4254/58	Operários	20/03/1929	05/04/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	16	480	(20,22,24,27/03;01,05/04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Metalúrgicos	Ksianvenicky	Ecuador 375	Operários	20/03/1929	27/03/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	1	7	49	(20,24,27,28/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Metalúrgicos	Nóble	Esteban de Luca 1378	Operários	20/03/1929	23/03/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	3	0	(20,22,23/03/1929) LA VANGUARDIA	
Costura e vestimenta	Casa Subira	Suenz Peña 1756	Operários	20/03/1929	06/04/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	34	0	1	1	0	17	578	(27/03/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Motoristas e anexos	La Central	s/d	Motoristas de ônibus	25/03/1929	13/04/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	110	1	0	0	1	19	2090	(27,31/03;01,02/04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Madeira e móveis	Ingrata & Cia	Mocoretá, 600	Empalhadores de garrações	27/03/1929	29/04/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	50	1	0	0	1	33	1650	(01,04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	Taller Antime Motteau	Lima 1173	Operários	26/03/1929	26/03/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	100	0	1	1	0	0	0	(26/03/1929) LA VANGUARDIA	
Motoristas e anexos	La Metropolitana	s/d	Motoristas de ônibus	31/03/1929	13/04/1929	0	0	0	0	0	0	0	1	0	125	1	0	1	0	13	1625	(31/03; 01,02/04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Construção	s/d	s/d	Operários	04/03/1929	14/03/1929	0	1	0	0	1	0	0	0	0	14	1	0	1	1	10	140	CMDNT Nº138	
Construção	s/d	s/d	Operários	04/03/1929	13/03/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	27	0	1	1	0	9	243	CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	04/03/1929	10/04/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	37	444	CMDNT Nº138	
Serviços	s/d	s/d	Lavadores de carros	09/03/1929	14/03/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	5	30	CMDNT Nº138	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	13/03/1929	22/03/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	9	180	CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	s/d	s/d	Fundidores	16/03/1928	23/03/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	1	372	1116	CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	25/03/1929	02/04/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	14	1	0	0	1	8	112	CMDNT Nº138	
Calçados	s/d	s/d	Alpargateiros	29/03/1929	13/04/1929	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4	1	0	1	0	15	60	CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	Nordiska, Sage e Thompson	s/d	Marceneiros	04/04/1929	12/07/1929																	(13,16,17, 22, 24, 26,27/04; 06,11,13,16,17/05/07,09,23,26/06; 03, 07, 10,14/07/1929) LA VANGUARDIA, (13, 20/04; 04/05; 08, 15, 22, 29/06/1929) BANDERA PROLETARIA, (05,06,07/1929) ACCIÓN OBRERA, CMDNT Nº 138, CMDNT Nº 144	
Motoristas e anexos	Villa Lugano	s/d	Motoristas de ônibus	19/04/1929	02/05/1929	0	1	0	0	0	0	1	0	0	13	1	0	1	1	13	169	(23,26/04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Têxtil	Campomar & Soulas	Remédios de Escalada de San Martin (Valentin Alsina)	Operários	20/04/1929	25/04/1929	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	5	0	(20,23,24,25/04/1929) LA VANGUARDIA
Calçados	Trimboli	s/d	Operários	23/04/1929	09/05/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	16	480	(27/04/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Carpinteiros	09/04/1929	17/05/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	38	342	CMDNT Nº138	
Construção	s/d	s/d	Pedreiros	12/04/1929	24/04/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	56	1	0	1	0	12	672	CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Marceneiros	30/04/1929	10/05/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	10	50	CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	Chrysler	s/d	Operários	07/05/1929	17/05/1929	0	1	0	0	1	0	1	0	0	214	0	1	2	1	10	2140	(07-14,17/05/1929) LA VANGUARDIA, (08,12,15/05/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138	
Construção	GERAL	GERAL	Pedreiros	12/05/1929	10/06/1929	0	0	0	0	1	1	1	0	0	8000	0	1	3	0	29	232000	(13-17, 20,21,23,25,26,29,31/05; 01,02,07,08,09,12,17/06/1929) LA VANGUARDIA, (14, 16-18,22-26,28-31/05; 01,02,04-09,11,12,14,15/06/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº138	
Transporte	Antonio Ferro S.A.	s/d	Marítimos	14/05/1929	15/05/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	(14,15/05/1929) LA VANGUARDIA	
Têxtil	Gordon Hermanos	Alvarez 282	Operários	17/05/1929	07/06/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	21	0	(17,21/05; 01,07/06/1929) LA VANGUARDIA
Construção	GERAL	GERAL	Encanadores	13/05/1929	20/06/1929	0	0	0	0	1	1	1	0	0	2000	1	0	3	0	38	76000	(31/05; 20/06/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Têxtil	Fábrica Bavnik	s/d	Operários	14/05/1929	04/06/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	20	1							

Ramo	Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES	
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	20/05/1929	20/05/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	Radow	0	1	0	1	0	0	0	(20,21/05/1929) LA VANGUARDIA	
Estivadores e portuários	Frigorífico Anglo	Dock Sud	Estivadores	23/05/1929	20/06/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	28	0	(01,03/06/1929) LA VANGUARDIA, (09,14,15,16,20/06/1929) LA PROTEST A
Metalúrgicos	Jenik Jacobo	Alvarez 241	Operários	23/05/1929	26/05/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	0	150	1	0	0	0	3	450	(26/05/1929) LA VANGUARDIA	
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Alfaiates	15/05/1929	31/05/1929	1	0	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	16	80	CMDNT Nº138	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	21/05/1929	28/05/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	25	0	1	0	1	7	175	CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	P. A. Belletti	s/d	Operários	06/06/1929	08/06/1929	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	2	0	(10/06/1929) LA VANGUARDIA	
Calçados	Fábrica Argentina Alpargatas	Regimiento de Patricios 1053	Trabalhadores	06/06/1929	16/06/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	100	1	0	0	1	10	1000	(09,11-14/06/1929) LA PROTEST A, CMDNT Nº 138	
GERAL	GERAL	GERAL	GERAL	12/06/1929	12/06/1929	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	(13/06/1929) LA VANGUARDIA, (12/06/1929) LA PROTEST A	
Têxtil	Fábrica Barlalo	Monteagudo, 501	Operários	15/06/1929	10/07/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	100	1	0	0	1	25	2500	(03,07,10/07/1929) LA VANGUARDIA, (05/07/1929) LA PROTEST A, CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	S. A Fundación y Talleres "La Unión"	Corrientes 4054	Operários	19/06/1929	25/06/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	420	0	1	2	0	6	2520	(20,21,22,24,25,26/06/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	Casa Molina	Garay y Muñiz	Operários	22/06/1929	31/07/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	88	0	1	0	1	39	3432	(25,27,28/07,01/08/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Metalúrgicos	Ricardo Fritzsche	Uspallata 2954	Trabalhadores	23/06/1929	26/06/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	3	0	(23,25,26/06/1929) LA PROTEST A	
Calçados	Riera & Fuster	Estados Unidos 4160	Operários	27/06/1929	10/07/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	13	390	(27/06/03,03,07,08,10/07/1929) LA VANGUARDIA.	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	06/06/1929	09/06/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	45	1	0	0	1	3	135	CMDNT Nº138	
Costura e vestimenta	s/d	s/d	Alfaiates	09/06/1929	19/06/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	1	10	40	CMDNT Nº138	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Lustradores	10/06/1929	17/06/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	6	1	0	1	0	7	42	CMDNT Nº138	
Metalúrgicos	s/d	s/d	Ferreiros	11/06/1929	13/07/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	6	1	0	1	0	32	192	CMDNT Nº138, CMDNT Nº 144	
Gráficos	s/d	s/d	Linotipistas	17/06/1929	03/07/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	8	1	0	1	0	16	128	CMDNT Nº138	
Calçados	s/d	s/d	Sapateiros	18/06/1929	18/07/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	16	1	0	0	1	30	480	CMDNT1 Nº138, CMDNT Nº 144	
Gráficos	s/d	s/d	Gráficos	21/06/1929	25/07/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	34	204	CMDNT Nº138, CMDNT Nº 144	
Metalúrgicos	s/d	s/d	Peões	27/06/1929	12/07/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	53	1	0	0	1	15	795	CMDNT Nº138, CMDNT Nº 144	
Têxtil	s/d	s/d	Tecelões	28/06/1929	30/09/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	1	0	0	0	94	9400	CMDNT Nº144	
Metalúrgicos	Taller Antime Motteau	Lima 1173	Operários	04/07/1929	22/07/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	60	0	1	0	1	18	1080	(14/07/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Calçados	s/d	s/d	Operários	04/07/1929	18/07/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	9	1	0	0	1	14	126	CMDNT Nº 144	
Calçados	s/d	s/d	Operários	04/07/1929	04/08/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	26	1	0	0	1	31	806	CMDNT Nº 144	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	05/07/1929	04/10/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0	1	91	637	CMDNT Nº 144	
Carroceiros e peões	s/d	s/d	Carroceiros	13/07/1929	23/07/1929	0	0	0	0	0	0	1	0	0	10	0	1	1	0	10	100	CMDNT Nº 144	
Estivadores e portuários	GERAL	GERAL	GERAL	15/07/1929	16/07/1929	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3500	1	0	1	0	1	3500	(16/07/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Metalúrgicos	S/d	s/d	Operários	22/07/1929	01/08/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	88	1	0	0	1	10	880	CMDNT Nº 144	
Calçados	Casa Valero	Independencia 3362	Operários	24/07/1929	05/08/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	12	144	(27,29/07,01/08/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Gráficos	s/d	s/d	Gráficos	25/07/1929	24/08/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	30	180	CMDNT Nº 144	
Motoristas e anexos	s/d	s/d	Motoristas de ônibus	26/07/1929	01/08/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	20	1	0	0	1	6	120	CMDNT Nº 144	
Metalúrgicos	Roque Salerno	Australia 1924	Operários	27/07/1929	07/08/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	11	0	(30/07; 01,07/08/1929) LA VANGUARDIA
Madeira e móveis	s/d	s/d	Operários	05/08/1929	20/08/1929	0	0	0	0	0	0	0	1	0	50	1	0	1	0	15	750	CMDNT Nº 144	
Construção	GERAL	GERAL	Trabalhadores	09/08/1929	29/10/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	500	1	0	2	0	81	40500	(08,12,25,27,28/08; 12, 17,22,26,30/09; 05,13,24/10/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Madeira e móveis	s/d	s/d	Operários	09/08/1929	19/08/1929	1	0	0	0	0	0	0	0	0	26	0	1	0	1	10	260	CMDNT Nº 144	
Tabaco	Manufatura Tabacalera Combinados	Rivadavia 2279	Operários	16/08/1929	29/09/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	192	1	0	0	1	44	8448	(19,20,21,25,27,28/08; 04,07,08,12,15,17,19,25-27/09; 06,13,15/10/1929) LA VANGUARDIA, (28-31/08; 03-08,10-14,17-19,25-29/09/1929) LA PROTEST A, CMDNT Nº 144	
Metalúrgicos	Casa Adolfo Gutman	Campichuelo 533	Operários	03/09/1929	04/10/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	130	0	1	0	1	31	4030	(04,07,10,11,19,21,26,09/04/10/1929) LA VANGUARDIA	
Metalúrgicos	Fábrica de camas	s/d	Operários	03/09/1929	29/09/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	26	1	0	0	1	26	676	CMDNT Nº 144	
Metalúrgicos	Roque Salerno	Australia 1924	Operários	07/09/1929	11/09/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	4	0	(07,11/09/1929) LA VANGUARDIA	
Madeira e móveis	Casa Copman	Rawson 950	Operários	07/09/1929	11/09/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	4	0	(14/09/1929) BANDERA PROLET ARIA	
Motoristas e anexos	GERAL	GERAL	Taxistas	10/09/1929	11/09/1929	0	0	0	0	0	0	0	1	0	7000	1	0	1	0	1	7000	(11/09/1929) LA VANGUARDIA, (11/09/1929) LA PROTEST A, CMDNT Nº 144	
Têxtil	Sedlana S.A.	Forest 2980	Operários	12/09/1929	16/09/1929	0	1	0	0	1	0	0	0	0	25	1	0	1	1	4	100	(15/09/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Eletricitistas e telefonia	Casa Philips S.A.E.	Garay 1	Operários	14/09/1929	10/10/1929	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	26	0	(14,15,17,19,24,26,28/09/1929) LA VANGUARDIA, (18,21,22,25,26,27,28/09; 01,06,09,10/10/1929) LA PROTEST A	
Madeira e móveis	Viggiano & Hermanos	Pavón 3200	Carpinteiros	20/09/1929	12/11/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	53	0	(24-28/09; 04-06,08,10-12,16-20,22,23,25-27,29-31/10/01-03,05,07-10,12/11/1929) LA PROTEST A	
Metalúrgicos	Nicolás Bruno	Pedro Mendonza 1981	Operários	23/09/1929	27/09/1929	0	1	1	0	0	0	0	0	0	22	0	1	0	2	4	88	(27,28/09/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Têxtil	Exposición Colomobo	Brasil 57	Trabalhadores	26/09/1929	29/09/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	1	0	0	1	3	36	(28/09/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Calçados	s/d	s/d	Cortadores	30/09/1929	07/10/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	11	1	0	0	1	7	77	CMDNT Nº 144	
Gráficos	Silla Hermanos	Montes de Oca 821	Gráficos	01/10/1929	14/10/1929	0	0	1	0	0	0	0	0	0	13	1	0	0	1	13	169	(04,07/10/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144	
Construção	s/d	s/d	Oleiros	01/10/1929	11/11/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	41	1025	CMDNT Nº 144	
Carroceiros e peões	s/d	s/d	Carroceiros	01/10/1929	21/10/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	6	1	0	1	0	20	120	CMDNT Nº 144	
Calçados	Rotger, Sumpoli & Cia	s/d	Operários	03/10/																			

Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
s/d	s/d	Empregados em farmácias	30/10/1929	03/11/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	4	100	CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Mecânicos	31/10/1929	04/11/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	24	1	0	0	1	4	96	CMDNT Nº 144
La Reconquista	s/d	Motoristas de ônibus	04/11/1929	08/11/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	30	1	0	0	1	4	120	(05.09/11/1928) LA PROTESTA, CMDNT Nº 144
GERAL	GERAL	Ferrovários	04/11/1929	04/11/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	(05/11/1929) LA VANGUARDIA
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	06/11/1929	10/11/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	1	0	0	1	4	12	CMDNT Nº 144
SIAM	Velez Sarsfield 1753	Operários	07/11/1929	07/11/1929	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	09.18/11/1929) LA VANGUARDIA
Lacroze	s/d	Motoristas de caminhão	11/11/1929	19/11/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	50	0	1	0	1	8	400	(14-16.18.19/11/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144
Haca, Cia. Argentina, S.A	25 de Mayo 145	Motoristas de caminhão	13/11/1929	20/11/1929	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	7	0	(13.14.17.19.20/11/1929) LA PROTESTA
La Porteña	s/d	Operários	13/11/1929	27/11/1929	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	14	0	(13-15.27/11/1929) LA PROTESTA
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	13/11/1929	14/11/1929	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1	0	1	0	1	2	CMDNT Nº 144
Perramus (Schwein)	Sarmiento 700	Alfaiates	14/11/1929	18/11/1929	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	4	0	(14.15.18/11/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144
Lehmann y Cia	Maipú 72	Mecânicos	20/11/1929	15/12/1929	0	0	0	0	1	0	1	0	0	94	1	0	2	0	25	2350	(01.02.03.07.10. 22/12/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144
Comp. Sansinena de Carnes Congeladas S.A	"La Negra" Hipólito Yrigoyen, 299	Trabalhadores	21/11/1929	25/11/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	4	0	(28/11/1929) LA VANGUARDIA
Hirschberg y Cia Lda	Cochabamba 2860	Operários	23/11/1929	03/12/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	330	0	1	0	1	10	3300	(30/11; 01.03.05/12/1929) LA VANGUARDIA, (30/11; 01.03.04.05/12/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Operários	29/11/1929	05/12/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	17	0	1	0	1	6	102	CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Motoristas de caminhão	02/12/1929	06/12/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	200	0	1	1	0	4	800	CMDNT Nº 144
GERAL	GERAL	Estivadores	07/12/1929	08/12/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	Repressão	3500	1	0	1	0	1	3500	(08/12/1929) LA VANGUARDIA, (07/12/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	08/12/1929	12/12/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	7	1	0	0	1	4	28	CMDNT Nº 144
Ceccelli	Zuviria 18	Trabalhadores	09/12/1929	12/12/1929	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(12/12/1929) LA VANGUARDIA
Manufatura Algodonera Argentina	Giribone 171	Operários	12/12/1929	29/12/1929	0	0	0	0	1	0	0	0	0	204	1	0	1	0	17	3468	(26/12/1929) LA VANGUARDIA, (19.20/12/1929) LA PROTESTA, CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	12/12/1929	05/01/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	40	0	1	0	1	24	960	CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	13/12/1929	23/12/1929	0	0	0	1	0	0	0	0	0	45	1	0	0	1	10	450	CMDNT Nº 144
El Orden	s/d	Gráficos	17/12/1929	19/12/1929	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	2	0	(17.19/12/1929) LA PROTESTA
s/d	s/d	Operários	17/12/1929	26/12/1929	0	0	0	0	0	1	0	0	0	46	1	0	1	0	9	414	CMDNT Nº 144
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	27/12/1929	31/12/1929	0	1	0	1	0	0	0	0	0	7	1	0	0	2	4	28	CMDNT Nº 144
GERAL	GERAL	Taxistas	17/10/1929	18/10/1929	0	0	0	0	0	0	0	0	Repressão	7000	1	0	1	0	1	7000	(19/10/1929) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 144
Pascual Maineri	San Juan 2982	Operários	17/09/1929	17/09/1929	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(17/09/1929) LA VANGUARDIA
s/d	s/d	Pintores	01/01/1930	20/01/1930	0	0	0	0	0	1	0	0	0	12	1	0	1	0	19	228	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Cartoneiros	02/01/1930	14/01/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	19	1	0	1	0	12	228	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Lavadores de carro	02/01/1930	06/01/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	4	24	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Flandeiras	03/01/1930	15/01/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	90	1	0	0	1	12	1080	CMDNT Nº 148
Muschkat & Zaskavsky	Tucumán 3067	Gráficos	05/01/1930	11/01/1930	0	0	0	1	1	0	0	0	0	6	0	1	1	1	6	36	(06.07/01/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Alfaiates	09/01/1930	18/01/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	1	9	18	CMDNT Nº 148
La Favorita	s/d	Motoristas de ônibus	10/01/1930	20/01/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	47	0	1	1	0	10	470	(20/01/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148
Compañia Argentina Industrial de Maderas	Fraga 801	Carpinteiros	11/01/1930	21/02/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	79	1	0	0	1	41	3239	(18.01.04.07.11.21.02/1930) LA VANGUARDIA, (17.19.21.23.25.26.28/01.01.02.04-08.12.13/02/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
GERAL	GERAL	Estivadores	12/01/1930	13/01/1930	0	0	0	0	0	0	0	0	Repressão	3.000	1	0	1	0	1	3000	(13/01/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Gráficos	13/01/1930	18/01/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	5	1	0	0	1	5	25	CMDNT Nº 148
SIAM	Velez Sarsfield 1753, Coronel Molinedo 1600	Operários	14/01/1930	01/02/1930	0	1	0	0	0	0	1	0	0	130	0	1	1	1	18	2340	(17.20.23.25.26.29.30/01.02.05/02/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148
Laussen y Compañia	s/d	Peões de barracas	16/01/1930	31/01/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	98	1	0	0	1	15	1470	(22.23.25.29.31/01.07-09/02/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Gráficos	17/01/1930	19/01/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	120	0	1	0	1	2	240	CMDNT Nº 148
Vago Hermanos	Luis Maria Campos	Operários	18/01/1930	28/01/1930	0	0	1	0	0	0	0	0	0	44	1	0	0	1	10	440	(20.23.25.26.29.30/01/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148
GERAL	GERAL	GERAL	27/01/1930	14/04/1930	0	0	0	1	1	0	0	0	0	800	0	1	1	1	77	61600	(28.29.01.01-06. 10.18.19.21.24.27.28/02; 02-04.14-16.25/03/1930) LA VANGUARDIA, (29.01; 01.02.04.06-09.11.12.14.15.18-23.25-28.02.01.02.04.06.11.12.14.18-20.22.28.03; 03.06/04/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
Casa Cattaneo	Elcano 3800	Motoristas de caminhão	27/01/1930	03/02/1930	0	0	0	0	0	1	1	0	0	7	0	1	2	0	7	49	(28/01/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	04/02/1930	12/02/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	16	0	1	1	0	8	128	CMDNT Nº 148
Casa Hudson - Buxton, Guilaín y Cia Lda	Suipacha 602	Operários	05/02/1930	18/02/1930	0	0	0	0	1	1	1	0	0	160	0	1	3	0	13	2080	(07/02/1930) LA VANGUARDIA, (07.08.13/02/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
Carpintaria Mecânica Evaristo Gonzalez	Caaguazu 1066	Carpinteiros	06/02/1930	30/03/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	52	0	(14.02.04.06.07.19.20.30/03/1930) LA PROTESTA
s/d	s/d	Lavadores de carro	06/02/1930	08/02/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	2	12	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Peões	06/02/1930	10/02/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	1	0	0	1	4	24	CMDNT Nº 148
Alfredo Concepción	Cangallo 2763	Trabalhadores	11/02/1930	24/02/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	68	1	0	0	1	13	884	(20/02/1930) LA VANGUARDIA, (14.19. 21.27/02/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Alfaiates	14/02/1930	31/03/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	8	0	1	2	0	45	360	CMDNT Nº 148
Talmach	s/d	Operários	15/02/1930	21/06/1930	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	126	0	(16/02; 21/06/1930) LA VANGUARDIA
Uboldi & Cia.	Rivadavia 2458	Operários	17/02/1930	14/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	220	0	1	0	1	25	5500	(18.24.27/02; 04/03/1930) LA VANGUARDIA, (22/02/1930) BANDERA PROLETARIA, CMDNT Nº 148
Casa Hudson - Buxton, Guilaín y Cia Lda	Suipacha 602	Operários	19/02/1930	28/02/1930	0	0	0	0	1	1	1	0	0	160	0	1	3	0	9	1440	(07/02/1930) LA VANGUARDIA, (07.08.13/02/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
Brusilachio	Zapiola 924	Trabalhadores	19/02/1930	03/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	12	0	(20.23/02.03/03/1930) LA VANGUARDIA
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	23/02/1930	01/03/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	25	1	0	0	1	6	150	CMDNT Nº 148
GERAL	GERAL	Carboneiros	24/02/1930	11/04/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1000	1	0	1	0	46	46000	(25.27/02.02-04/03/1930) LA VANGUARDIA, (26.02.01.07.12.18.19.21.26.27/03.02.04-06.10.11.22.24/04/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148

Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES	
GERAL	GERAL	Taxistas	25/02/1930	26/02/1930	0	0	0	0	0	0	0	0	Repressão	7000	1	0	1	0	1	7000	CMDNT Nº 148	
Montadora de carros	s/d	Operários	06/03/1930	11/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	61	1	0	0	1	5	305	CMDNT Nº 148	
Fábrica Jeronimo Canessa	Pichincha 2085	Operários	08/03/1930	28/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	23	1	0	0	1	20	460	(14,15,18,20,21/03;01,02/04/1930) LA VANGUARDIA, (20-23,25-29/03; 02,05,08,12/04/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Peões Forrageiros	08/03/1930	11/03/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	14	1	0	0	1	3	42	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de caminhão	08/03/1930	14/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	0	1	0	1	6	24	CMDNT Nº 148	
GERAL	GERAL	Alfaiates e costureiras	10/03/1930	10/04/1930	0	0	0	0	1	1	1	0	0	3.000	0	1	3	0	31	93000	(14,15, 22,23,25,27,28,30/03;01,04,05/04/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148	
Luis Santoro	Independencia 4232	Trabalhadores	10/03/1930	02/04/1930	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	23	0	(20/03/1930) LA VANGUARDIA, (15,18-22,25-27/03;02/04/1930) LA PROTESTA
La Unión	Liniers	Operários	13/03/1930	30/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	300	1	0	0	1	17	5100	(13-15, 18, 20,21/03/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148	
Rodríguez Verdague & Cia	Avenida Saenz 361	Operários	13/03/1930	17/03/1930	0	0	1	0	1	0	0	0	0	87	0	1	1	1	4	348	(18/03/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Operários	14/03/1930	23/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	56	1	0	0	1	9	504	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Guincheiros	14/03/1930	16/04/1930	0	0	0	0	0	0	0	1	0	50	1	0	1	0	33	1650	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	16/03/1930	01/04/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	60	1	0	0	1	16	960	CMDNT Nº 148	
Botenería Argentina	Mocoretá 226	Operários	18/03/1930	21/03/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(18,21/03/1930) LA VANGUARDIA
Isidoro Moggio	Avenida La Plata 731	Litógrafos	18/03/1930	14/04/1930	0	0	0	1	1	0	0	0	0	30	<u>1</u>	<u>0</u>	1	1	27	810	(20-23,28,31/03; 02-04,06,09,10,14/04/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 138	
Bell & CIA	Defensa 532	Operários	20/03/1930	26/04/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	37	0	(20-23, 28,30,31/03; 02-04, 09,10,14,26/04/1930) LA VANGUARDIA	
Sociedad Impresora Americana	Santiago del Estero 1773	Trabalhadores	21/03/1930	23/04/1930	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0				0	2	33	0	(21-23,28,30,31/03;02-04, 09,10,14,26/04/1930) LA VANGUARDIA
s/d	s/d	Motoristas de caminhão	24/03/1930	29/03/1930	0	0	0	0	0	1	0	0	0	8	0	1	1	0	5	40	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	28/03/1930	03/04/1930	0	1	0	0	0	1	0	0	0	109	1	0	1	1	6	654	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Mecânicos de auto	31/03/1930	03/04/1930	0	1	0	0	0	1	0	0	0	50	0	1	1	1	3	150	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Trabalhadores	31/03/1930	05/04/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	16	1	0	0	1	5	80	CMDNT Nº 148	
Montadora de carros	s/d	Mecânicos de auto	31/03/1930	09/04/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	620	0	1	1	0	9	5580	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Garçom	01/04/1930	14/04/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	1	0	13	13	CMDNT Nº 148	
Parcial	Parcial	Padeiros	04/04/1930	18/04/1930	0	0	0	1	1	0	0	0	0	25	1	0	1	1	14	350	(05/04/1930) LA VANGUARDIA, (06,08,09,11,20,24/04/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148	
GERAL	GERAL	Estivadores	05/04/1930	07/04/1930	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2500	1	0	1	0	2	5000	CMDNT Nº 148	
GERAL	GERAL	Maquinistas de teatro	06/04/1930	16/04/1930	0	0	0	1	0	1	0	0	0	164	0	1	1	1	10	1640	(06,14,16/04/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Carpinteiros	08/04/1930	14/04/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	28	0	1	1	0	6	168	CMDNT Nº 148	
Manuel del Rel Río & Cia	Pavón 3719	Operários	10/04/1930	20/04/1930	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	3	0	10	0	(10-13,15-18,20/04/1930) LA PROTESTA	
Fábrica de oxigênio	s/d	Operários	11/04/1930	22/04/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	22	1	0	1	0	11	242	CMDNT Nº 148	
Modesto Casarino	s/d	Operários	17/04/1930	25/04/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	8	0	(20,23,25/04/1930) LA PROTESTA
La Oxígena S.A.	Boulogne Sur Mer 363	Operários	18/04/1930	26/04/1930	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	8	0	(18-20,22-26/04/1930) LA PROTESTA	
Curtume	s/d	Operários	19/04/1930	02/05/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	160	0	1	0	1	13	2080	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Peões Forrageiros	22/04/1930	26/05/1930	0	0	0	0	1	1	0	0	0	11	0	1	2	0	34	374	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Lavadores de carro	24/04/1930	28/04/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	4	1	0	0	1	4	16	CMDNT Nº 148	
Tarasido & Cia	Humberto Iº 2263	Operários	25/04/1930	30/04/1930	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	5	0	(04/05/1930) LA VANGUARDIA
Rivas & Cia	Pavon 5019	Carpinteiros	30/04/1930	16/05/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	30	1	0	1	0	16	480	(30/04/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Carpinteiros	30/04/1930	16/05/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	30	1	0	1	0	16	480	CMDNT Nº 148	
"La Herica" Hirschberg & Cia	Cochabamba e Dean Funes	Operários	02/05/1930	14/06/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	300	1	0	0	1	43	12900	(08,11,14,17/05; 09,14/06/1930) LA VANGUARDIA, (13-16,18,20/05/1930) LA PROTESTA	
Cozzi & Cia	Garay 2841	Operários	02/05/1930	08/05/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	40	0	1	1	0	6	240	(08/05/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº148	
s/d	s/d	Carpinteiros	02/05/1930	07/05/1930	0	1	0	0	0	1	0	0	0	11	0	1	1	1	5	55	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Operários	06/05/1930	19/05/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	22	1	0	2	0	13	286	CMDNT Nº 148	
Casa Berda	s/d	Operários	08/05/1930	13/05/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	5	0	(14/05/1930) LA VANGUARDIA	
s/d	s/d	Lavadores de carros	10/05/1930	23/05/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	5	1	0	1	0	13	65	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Marceneiros	13/05/1930	26/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	96	0	1	2	0	44	4224	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	15/05/1930	18/05/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	54	0	1	2	0	3	162	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	16/05/1930	18/05/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	80	1	0	1	0	2	160	CMDNT Nº 148	
Jacobo Petrucci	Rawson 622	Trabalhadores	19/05/1930	27/05/1930	0	0	0	1	1	1	0	0	0	11	0	1	2	1	8	88	(22/05/1930) LA VANGUARDIA, (31/05/1930) BANDERA PROLETÁRIA, CMDNT Nº148	
s/d	s/d	Operários	19/05/1930	01/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	23	1	0	2	0	13	299	CMDNT Nº 148	
Blas Senetti	Estados Unidos 3824	Operários	21/05/1930	06/06/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	16	0	(21,22,25,27,28,30/05; 04-06/06/1930) LA PROTESTA
s/d	s/d	Marceneiros	26/05/1930	06/07/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	42	1	0	2	0	41	1722	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Marceneiros	28/05/1930	28/06/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	30	1	0	1	0	31	930	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de caminhão	28/05/1930	04/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	5	0	1	2	0	7	35	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Lavadores de carros	01/06/1930	07/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	4	0	1	2	0	6	24	CMDNT Nº 148	
Senaldi	s/d	Operários	02/06/1930	21/06/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6	0	1	0	1	19	114	(05/06/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148	
GERAL	GERAL	Marceneiros e carpinteiros	02/06/1930	29/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3000	0	1	2	0	27	81000	(16,22,25/06/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº148	
Gaset & Scart	Zahartu, 449	Operários	02/06/1930	24/06/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	150	1	0	0	1	22	3300	(10,17/06/1930) LA VANGUARDIA, CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	03/06/1930	20/06/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	40	1	0	1	0	17	680	CMDNT Nº 148	
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	08/06/1930	23/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	88	1	0	2	0	15	1320	CMDNT Nº 148	
Casa Terrabusi	s/d	Motoristas de caminhão	09/06/1930	22/06/1930	0	0	0	0														

Empresa	Endereço	Profissão/Ofício	Início	Fim	RD	RA	AT	CT	AS	JT	OR	S	P	T	RN	RP	ROF	RDF	JP	Int	FONTES
s/d	s/d	Operários	14/06/1930	16/06/1930	0	1	0	1	0	0	0	0	0	20	1	0	0	2	2	40	CMDNT Nº 148
Cia. General de Ferrocarriles	s/d	Maquinistas trem	15/06/1930	19/06/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	4	0	(17,20/06/1930) LA VANGUARDIA
Geral	Geral	Cabelereiros	17/06/1930	26/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3500	0	1	2	0	9	31500	(17,19,20,22,24,25/06/1930) LA VANGUARDIA, (21/06/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Operários	17/06/1930	23/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	10	1	0	2	0	6	60	CMDNT Nº 148
Casa Castelli	Sarandi 1384	Trabalhadores	18/06/1930	24/06/1930	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	6	0	(25,29/06/1930) LA VANGUARDIA, (21,22,24/06/1930) LA PROTESTA
s/d	s/d	Mecânicos	18/06/1930	22/06/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	29	1	0	1	0	4	0	CMDNT Nº 148
Cia Italo-Argentina de Eletricidad	Colorado 1 (Agustín Caffarena)	Trabalhadores	20/06/1930	30/06/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	200	1	0	2	0	10	0	(18,20,24/06/1930) LA VANGUARDIA,(21,25,26/06/1930) LA PROTESTA, CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Mecânicos	20/06/1930	11/07/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	72	1	0	0	1	21	0	CMDNT Nº 148
Compañía de Productos Conen	Rivadavia 530 (Avellaneda)	Operários	21/06/1930	29/06/1930	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	8	0	(24,26-29/06/1930) LA PROTESTA
s/d	s/d	Operários	21/06/1930	23/06/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	11	1	0	1	0	2	0	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	22/06/1930	26/06/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	90	1	0	0	1	4	0	CMDNT Nº 148
Fábrica de cadeiras	s/d	Operários	23/06/1930	30/06/1930	0	0	0	0	0	0	0	1	0	38	1	0	1	0	7	0	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Tecelões	23/06/1930	30/06/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	215	1	0	0	1	7	0	CMDNT Nº 148
s/d	s/d	Motoristas de ônibus	24/06/1930	13/07/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	96	1	0	1	0	19	0	CMDNT Nº 148
International Harvester	s/d	Operários	28/06/1930	19/07/1930	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	21	0	(29/06/1930) LA VANGUARDIA, (29/06;02-06,09-12,18,19/07/1930) LA PROTESTA
Casa Poggio y Tremolini	s/d	Operários	11/04/1930	11/04/1930	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	2	1	0	0	(11/04/1930) LA PROTESTA
s/d	s/d	Carpinteiros	01/05/1930	01/05/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	12	0	1	0	1	0	0	CMDNT Nº 148
Remigio De Poli	Avellaneda 1157	Operários	05/07/1930	12/07/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	7	0	(05,12/07/1930) LA VANGUARDIA, (06,09/07/1930) LA PROTESTA
Sala Hnos & Casal Pedro	Pavón 1059 Avellaneda	Operários	08/07/1930	15/08/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	38	0	(08-10,15,18,20,25,27,29,30) LA PROTESTA
Alejandro Llauro & Hijos	Alsina 971	Operários	10/07/1930	15/08/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	36	0	(10,16,18,20,24,25,27,29,30/07/1930) LA PROTESTA
Ford Motor Company	Wenceslao Villafañe	Operários	11/07/1930	04/09/1930	0	0	0	0	1	0	1	0	0	400	1	0	2	0	55	22000	(22/07/1930) LA VANGUARDIA, (11,12,15,16,18-20,22-27,29-31/07; 01-03,05-10,12-17,19,20,23,24,26-31/08;02-04/09/1930) LA PROTESTA
Tarasido & Cia.	Humberto Iº 2263	Operários	11/07/1930	31/07/1930	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	20	0	(11,12,14,16,18,24/07/1930) LA VANGUARDIA
Terrabusi Hnos & Cia.	San José 1060	Operários	14/07/1930	25/07/1930	0	1	0	0	0	1	1	0	0	500	0	1	2	1	11	5500	(14,16-18,24,28-30/07/1930) LA VANGUARDIA
Parcial	Parcial	Gráficos Insalubres	16/07/1930	18/11/1930	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4000	1	0	1	0	125	500000	(16-20,22,25/07; 04,07,08,13,14,17-19,22,26-31/08; 02,09,11,16,20,24,25,27,29/09; 01,03,05,13/10; 02,05,18/11/1930) LA VANGUARDIA, (21,23,26/07/1930) LA PROTESTA
Carlos Desalvo	Billinghurst 944	Operários	19/07/1930	22/07/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3	0	(19,22/07/1930) LA VANGUARDIA
Fundición	Colonia 371	Operários	25/07/1930	27/07/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	2	0	(25-27/07/1930) LA PROTESTA
Campi & Novara	s/d	Operários	07/08/1930	11/08/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	80	0	1	0	1	4	320	(08,11/08/1930) LA VANGUARDIA
Trapani	Doblas 1555	Trabalhadores	07/08/1930	11/08/1930	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	4	0	(07,11/08/1930) LA VANGUARDIA
Geral	Geral	Taxistas	13/08/1930	14/08/1930	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	(13/08/1930) LA VANGUARDIA
Taich, Halperin & Cia.	s/d	Operários	23/08/1930	27/08/1930	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	4	0	(24,28/08/1930) LA VANGUARIDA
Geral	Geral	Telefonistas e empregados	28/08/1930	29/08/1930	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1	0	(28,29/08/1930) LA VANGUARDIA
Muñoz & Salsman	San Antonio 725/65	Operários	22/09/1930	27/09/1930	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1000	0	1	0	1	5	5000	(23-27/09/1930) LA VANGUARDIA
Casa Pastra	Billinghurst 463	Operários	12/09/1930	06/10/1930	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	24	0	(25,26,29/09; 04/10/1930) LA VANGUARDIA
Narciso Muñoz	Luzuriaga 540	Operários	26/09/1930	04/10/1930	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	8	0	(26,29,30/09; 04/10/1930) LA VANGUARDIA
Remigio De Poli	Avellaneda 1157	Operários	21/09/1930	27/11/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	150	1	0	0	1	67	10050	(04,11,13,20,29/10; 05/07,10,13,27/11/1930) LA VANGUARDIA,(28,30/09/1930) LA PROTESTA
GERAL	GERAL	GERAL	07/10/1930	08/10/1930	0	0	0	0	0	0	0	0	Repressão	0	0	0	1	0	1	0	(08/10/1930) LA VANGUARDIA, (12/10/1930) LA PROTESTA
Pérez & Marte	s/d	Trabalhadores	08/10/1930	08/10/1930	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	(08/10/1930) LA VANGUARDIA
Sorzana & Domenech	Nazca 1175	Operários	16/10/1930	16/10/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	(16/10/1930) LA VANGUARDIA
Muñoz & Salsman	San Antonio 725/65	Operários	28/10/1930	30/10/1930	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	(29,30/10/1930) LA VANGUARDIA
Terrabusi Hnos & Cia.	San José 1060	Operários	05/11/1930	27/11/1930	0	1	0	0	0	1	1	0	0	500	1	0	2	1	22	11000	(05,07,10,13,18,20,22/11/1930) LA VANGUARDIA

Anexo 2

Planta da fábrica da Ford Motors Company, Buenos Aires, 21/04/1930

Frontway
(3rd Creek and Co.)

Fonte: Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive. Accession: 742. Box: 81.

Fonte: Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive. Accession: 742. Box: 81

Anexo 3

A fábrica da Ford Motors Company, Buenos Aires, 1922-1925.

Fonte: Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive. Accesion: 742. Box: 81.

Buenos Aires, 02/02/1922.

Fonte: Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive. Accession: 742. Box: 81.

“Face leste do edificio na rua Pedro Mendonza. Antigo abrigo de aço removido desse lado pronto para construção” 23/03/1924

Fonte: Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive. Accesion: 742. Box: 81.

“Face oeste do edificio rua Gaboto mostrando a nova construção”. 24/03/1925. Detalhe das ferragens feitas pela Vasena.

Fonte: Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive. Acesso: 742. Caixa: 81.

“Face norte do edifício rua Wenceslao Villafane”. 23/03/1925.

Fonte: *Benson Ford Research Center/ Ford Motor Company Archive*. Accesion: 742. Box: 81.

“Face sul do edifício, rua Aristobulo del Valle, mostrando a nova estrutura de aço sendo construída na face oeste”. 23/03/1925

Anexo 4

As fábricas da General Motors, 1924-1929.

Operários montando chassis na fábrica da rua Garay, 1925.

Fonte: *General Motors Heritage Center*. General Motors Argentina S/A na Example of Efficient Foreign Organization. *General Motors World*, novembro de 1925, p. 8-9.

Oficina de construção de carrocerias da fábrica da rua Garay, 1925.

Fonte: *General Motors Heritage Center*. General Motors Argentina S/A na Example of Efficient Foreign Organization. *General Motors World*, novembro de 1925, p. 8-9.

Linha de montagem da fábrica da rua Garay, 1925.

Fonte: *General Motors Heritage Center*. General Motors Argentina S/A na Example of Efficient Foreign Organization. *General Motors World*, novembro de 1925, p. 8-9.

Fachada da fábrica na rua Garay, 1925.

Fonte: *General Motors Heritage Center*. General Motors Argentina S/A na Example of Efficient Foreign Organization. *General Motors World*, novembro de 1925, p. 8-9.

Nova fábrica no bairro de Barracas, 1929.

Fonte: *General Motors Heritage Center*. General Motors Argentina S/A na Example of Efficient Foreign Organization. *General Motors World*, maio de 1929, p. 16-17.

Nova fábrica no bairro de Barracas, 1929.

“General Motors S.A. – A Record of Phenomenal Achievement”, *The Review of The River Plate*, 15/03/1929, p. 25.

Los estudiantes de Matriculación y Oculística, en el momento de la liberación de la organización revolucionaria de la región, se formó una presidencia en la ciudad del movimiento revolucionario. Los líderes de la organización revolucionaria, en el momento de la liberación, se dispersaron entre todos los que han participado en la lucha, y algunos de los que habían participado en la lucha, se retiraron hacia la zona de la victoria, establecida por la General Motors Company. Los líderes de la organización revolucionaria, en el momento de la liberación, se dispersaron entre todos los que han participado en la lucha, y algunos de los que habían participado en la lucha, se retiraron hacia la zona de la victoria, establecida por la General Motors Company. Los líderes de la organización revolucionaria, en el momento de la liberación, se dispersaron entre todos los que han participado en la lucha, y algunos de los que habían participado en la lucha, se retiraron hacia la zona de la victoria, establecida por la General Motors Company.

[illegible]

responsables sobre los intereses autoritarios y la supresión de la propaganda política. En consecuencia, los comunistas se comprometieron a no participar en las elecciones, a no aceptar cargos de responsabilidad y a no aceptar el sufragio. En consecuencia, los comunistas se comprometieron a no participar en las elecciones, a no aceptar cargos de responsabilidad y a no aceptar el sufragio.

REPRODUCED FROM THE ORIGINAL SOURCE

[illegible]

On immediately presents to it the "Buddhist" or "non attachment" as a doctrine, opposing to that of attachment, it holds as an ideal, a detachment, and this is the ideal of Buddhism.

The doctrine of non attachment, the first step, is the first condition of the Buddhist ideal, the first condition of the Buddhist ideal, the first condition of the Buddhist ideal.

... e, com isso, a possibilidade de se utilizar, para as atividades de ensino, o mesmo material utilizado para fins de avaliação. Assim, o professor pode avaliar o conhecimento dos alunos com base no mesmo material utilizado para o ensino.

100

[illegible]

«La idea de que la empresa no se podía o debería o era imposible, la creó esta realidad: cuando la familia y yo, como todos los señores de la zona, no habíamos logrado el éxito deseado».

Los gases atmosféricos se ven afectados por la actividad humana.

[illegible]

El primer grupo, el de la izquierda, se refiere a la actividad humana en el mundo físico. El segundo grupo, el de la derecha, se refiere a la actividad humana en el mundo social. El tercer grupo, el de la parte superior, se refiere a la actividad humana en el mundo espiritual. El cuarto grupo, el de la parte inferior, se refiere a la actividad humana en el mundo material.

En 1970, el primer ministro de la República de Corea del Sur, Park Chung-hee, visitó a Washington y se reunió con el presidente Nixon. Durante esta visita, Park expresó su deseo de que Corea del Sur se uniera a la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE). Nixon, que ya había acordado con Park la adhesión de Corea del Sur a la OCDE, le dijo que el país estaba listo para aceptar a Corea del Sur como miembro. Sin embargo, Park insistió en que Corea del Sur debía ser aceptada como miembro de pleno derecho, no como un país en desarrollo. Nixon le dijo que el país estaba listo para aceptar a Corea del Sur como miembro de pleno derecho, pero que primero debía ser aceptada como miembro de pleno derecho. Park le dijo que el país estaba listo para aceptar a Corea del Sur como miembro de pleno derecho, pero que primero debía ser aceptada como miembro de pleno derecho. Park le dijo que el país estaba listo para aceptar a Corea del Sur como miembro de pleno derecho, pero que primero debía ser aceptada como miembro de pleno derecho.

La Protesta 10/12/1922

La República tiene dos
que actualmente están en

[illegible]

1998

El Dr. Daniel Salazar para el personal
trabajando, para todos los que lo desearan.
"Una de las personas de Chiquitos es un
científico, me gustaría recomendarlo:
Dr. Daniel Salazar, del personal de
la clínica de medicina."
Dr. Daniel Salazar, de la Clínica de
Medicina, Hospital de la Universidad de
Chiquitos.

13-Una casa hermosa y perfecta con
un jardín como de cuento.

14-Una casa de piedra roja, se sitúa en
una colina y es de colores como la luz
de la noche.

15-Una casa de piedra en el medio de
un campo y cerca de la ladera de
un monte.

y Metalúrgicos

TERMINACION DE LA HUELGA
GENERAL CONTRA LA CR.
RENAI MOTORS ARGEN
TINA

17-00000

Trans.
Fund.

Trans.
Fund.

1. 100
 2. 100
 3. 100
 4. 100
 5. 100
 6. 100
 7. 100
 8. 100
 9. 100
 10. 100

... ..

que
...
...
...
...
...

1770
1771
1772
1773
1774
1775
1776

1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025
2026
2027
2028
2029
2030

Las Sociedades de R. Unión Chauffeurs y Metalúrgicos Unidos asumen la respon- sabilidad de este conflicto

No habiendo respondido la Gerencia a la nota de la Unión Chausseurs, y habiéndose cumplido el último plazo acordado por ambas organizaciones, el jueves 10 del corriente, la asamblea del personal — Chausseurs y Metalúrgicos — reunida en Bartolomé Mitre 2070, resolvió declarar en estado de huelga el establecimiento de la FORD MOTOR COMPANY, a contar desde el viernes 11, a primera hora, en adelante. La Unión Chausseurs y Metalúrgicos Unidos, que asumió desde el primer momento la responsabilidad del conflicto, hizo una pública así decimán por medio del siguiente manifiesto:

HUELDA EN LA CASA FORD
MOTOR COMPANY

(Camerados de la mina Ford!
Trabajadores del volante!)

Pueblo en general.

Una vez más la fuerza revolucionaria de los "jueves del Horia" pretende poner la dignidad de los agricultores grandes de Chiapas y Motozintla Unidos. Una vez más los vemos almorzar a un conflicto de gran angustia y desamarrados para el problema que incluye los miembros de la comunidad F. D. E. A.

Nuestra buena voluntad, para-
ta en juego con el fin de alistar
distintos, la más interpretada
por la empresa del "Hilosopho".
Fue, como una demostración de
dilección, y se por eso que me
se me la quide conhar. Fierro-
al silencio de la Guepasa, mi
abierta resistencia con la boga,
hasta quedar la necesidad
del fondo (necesidad) para

Las amarradas que trabajan en las agencias FORD, deben pensar mejor a la expectativa, a fin de salir a la calle en cuanto sea requerida en participación en el linchazo, y por lo tanto, deberán cooperar a las amarradas que directamente se realicen, para po-

der estar el currículo de todas las instituciones que en ellas se in-

Generatore del volante: Rete

En la hora de prueba, en la cual el gerente de chefleurea aguerri- do en la lucha contra el capital y el Estado, podrá demostrar, en conjunto con "Mondolgreen Uni- do", su espíritu de lucha y soli- daridad con todos los oprimidos y valores de este régimen de fi- ducia y de armonía.

«Que sea haya inmediatamente, por la Ford Motor Company, una lista de los países y de las personas beneficiarias. La dignidad de la ayuda de nuestros amigos origina un reparo, y a la imposibilidad de haberlos ester. Hay que tener en cuenta, los hechos de la vida en el mundo: de un lado, la U. S. Shipping and Maritime Administration, con sus navios, y de otro, el "Bay del Sur", operando por toda la zona pacífica.

Que la acción del proletariado revolucionario se brinde espontánea, protestando su vivo apoyo a esta causa de dignidad.
(Viva la libertad!)

Metallurgues Unies!
LAB COMBINES

Enviado la revista de este mes, también se han pliegado al mismo número de, de una manera, al envoltorio de la revista que está siendo a Hialeah una revista a la propiedad FORD MOTOR COMPANY.

Diariamente se celebran misas, en las cuales los sacerdotes se dan cuenta de las necesidades de los enfermos, y se les administran los sacramentos. Los enfermos se atienden en las salas de la casa, o en las habitaciones de los enfermos, o en las habitaciones de los enfermos, o en las habitaciones de los enfermos.

"CAMARADAS"

La situación conflictiva creada entre el personal por elementos al servicio de la casa, nos obliga a tomar medidas severas y terminantes con todos aquellos que, agitados por esos elementos, aún siguen tratando. Para vencer la soberbia de la casa FOED no hemos de medir esfuerzos ni sacrificios; ¡guay de aquel que así no lo entienda!

Como medida preventiva, el personal húngaro ha resuelto hacer el último llamado a los que aún trabajan, invitándolos a que abandonen el trabajo en el plazo de 48 horas. A partir de ese momento, serán considerados traidores, y como tales serán expulados cuando los húnguelos entren en territorio de la zona.

Reflexionen, para que aun están a tiempo, porque después no tendremos en cuenta lamentos ni lamentos de ninguna especie. A todo el personal huelguista se le dará un control que lo acredite como tal cuando se gane la huelga. El que no la gana no podrá volver a trabajar.

Por tal motivo la decisión pública, para que luego no vengan con el cuento de que la ignoraban.

A estas horas, el conflicto ya es amocido en casi todo el país; un pequeño esfuerzo más, camaradas, y el frusto de la FORD ha de caer al igual que cayó la GENERAL MOTORS. Tengamos fe en la victoria porque ésta siempre fué de los audaces y los valientes.

VIVA LA LIBERTAD Y MUERTE A LOS
TRAIDORES!

LA COMISION."

FOR D...

como Rocketteller, como Carnegie y como muchos otros de quienes las gentes se han en lenguas ensalzando su filantropismo. Este procedimiento de la misma forma señala la figura para dar bases económicas a su sedienta magnanimidad. Es lo que en el cancelero popular se canta con tanto gracejo y reguano:

"Cositas de Juan de Nobres,
primera causa los hospitales
después construye los hospitales
para asistir a los pobres."

Obreros de la Ford Motor Company y proletariado en general!

NOS HAN SIDO DETENIDOS A DAROS, EN ESTE
PRIMER BOLATIN, UNA INFORMACION AM-
PLIA Y DOCUMENTADA DEL CONFLICTO QUE
MANTENEMOS CONTRA LA SORBERIA Y LA
QUEDADA DE LA FORD MOTOR COMPANY, Y
QUE QUE TENGAS EXACTA NOCION DE LA JU-
STICIA QUE NOS ACOMPAÑA EN ESTA CRUZADA
AHORA SOLO NOS RESTA RECORDAR A TO-
DOS EL DEBER DE LA SOLIDARIDAD QUE DE-
BE UNIRNOS A TODOS EN LA LUCHA CONTRA
EL DESPRESTIO DE NUESTROS EXPLOTADO-
S EN LA LUCHA, CAMARADAS, CON TODO EL
ENTUSIASMO Y LA VALENTIA QUE REQUIERE
UNA LUCHA DE LA MAGNITUD DE LA QUE
AFRONTAMOS, QUE NO HAYA DESLIES NI
REZAGADOS EN ESTE CAMINO, QUERRA LA
LA FORD MOTOR COMPANY.

LAS COMISIONES DE UNION CHAUFFEURS Y
METALURGICOS UNIDOS Y EL COMITE DE
HUELGA DEL PERSONAL DE LA FORD

La supuesta magnanimidad de Henry Ford

«Crecemos profundamente las posibilidades de un país que se abre a la cooperación internacional y a la participación de multinacionales y personas, y, por ende, de todos aquellos que creen a su vez en el desarrollo de nuestro país», declaró el señor Bard a los periodistas. «Yo estoy convencido de que el futuro de Chile depende de la capacidad de atraer inversión extranjera y de la capacidad de atraer talento humano», declaró el señor Bard.

[illegible][illegible]

La disciplina era stata sempre
estremamente più su, magari
per personalismi, le idee meno
freedomiste, ma il fatto che
l'azienda di viale Matteotti
da più anni compieva con metodo
due interventi, sempre più
attenti, e lo vuol dire la
trasparenza, la chiarezza
dei conti, al punto da essere
la prima tra le più famose
aziende del mondo.

[illegible]

La policía al servicio de la Ford

Como se podía esperar de una reforma, la política que estaba dominando en muchos conglomerados, es la económica. Desde el primer momento el servicio inmaterial de la casa, no sólo para atender las dependencias de la misma, sino para proteger y asegurar a todo aquel objeto que se refiere a las instalaciones del establecimiento, con el ánimo de conservar a los que más trascienden.

Los detenciones d'a que tiene a su cargo la vigilancia de la fabrica, se dedican a la casa de Asistencia, previo consentimiento de todos por parte de los empleados de la casa. Los obreros son dirigidos por agentes de esa Comisaria y pasan al Departamento, donde se les concede el mismo tratamiento que otros trabajadores los beneficiarios de la MINERAL MOTORS.

Esta se trata de construir, copiar, a detallar el libro de los Evangelistas. Ante el misterio, los caminos de la política han de consistir en el mejor camino para esclarecerlos en la vida, y afirmarse en la justa pasión que defendamos. La política debe ser superadora, que sea el síntoma de permanencia y contemporaneidad, la justificación, sea el símbolo para una que represente finalmente la vida y el espíritu de la política que la justicia que entraña el martirizado acerca el más de desastrosamente una permanencia. Ve ya una mudanza por la política, sea así como sea, sea más discerniendo, sea trasluz el mejor motivo de propugnado para el cambio que todos sostenemos...

El estado de ánimo de los huelguistas

Hasta el momento de entrar en contacto con primer contacto informativo, no se ha notado una sola diferencia en el sistema ni en el estado de ánimo de los manifestantes.

en las algaras. Por el contrario, deba-
mos tener en cuenta, en las algaras, y en las
algaras de firme, por el hecho de
que estas algaras, y en las algaras
que las algaras que, habiendo en

HUELGA EN LA CASA FORD

Número No. 5. — Precio 30 de 1930

RESOLUCIONES DE LA Asamblea de la Unión Chauffeurs

en la huelga planteada a la FORD MOTOR COMPANY

Damos a continuación en forma sintética, las resoluciones que sobre este conflicto adoptó nuestro gremio en su asamblea general del 18 del corriente:

- 1º. - A partir de la fecha son declarados en conflicto con la organización todos los automóviles de la marca FORD y LINCOLN que salgan a la venta después del 18 de JULIO;
- 2º. - Desde la fecha quedan en conflicto también, todas las Agencias FORD, en las cuales SOLAMENTE se se podrán adquirir repuestos;
- 3º. - No se permitirá guardar en los garages de la Capital a ningún automóvil de marca FORD o LINCOLN que salga después de la fecha de esta resolución.

Todos los componentes del gremio

deberán tener en cuenta estas resoluciones y cooperar en la lucha notificando de inmediato a la organización toda violación de las mismas.

Buenos Aires, Julio 18 de 1930

La Comisión

Boicot al pasquín "La República"

Guerra a la nafta "ENERGINA" - No fuméis cigarrillos "Combinados"

Fonte: Benson Ford Research Center: Colección: Edsel Ford Records Box: 277/ Acc: 6- Edsel Ford Office Papers (B)/ Box: 5: Boletín de información a los obreros de la CASA FORD y al proletariado en general, 20/07/1930.

FONTES:

Publicações políticas e sindicais

Acción Obrera, 1925-1930

Anuario Socialista, 1929-1930

Bandera Proletaria, 1924-1930

Defensa Metalúrgica – Órgano del Comité Metalúrgico de Defensa Sindical, 1927

El Carpintero y Aserrador, 1925-1930

El Constructor Naval, 1922-1928

El Cromo-hojalatero – Órgano de los obreros del taller de Cromo-hojalatería BUNGE & BORN, 1927

El hormero – Órgano de la célula comunista de la fábrica de hormas BAVASTRO, 1927

El Metalúrgico, 1930

El Obrero Ebanista, 1921

El Obrero en Calzado – Órgano de la Federación Obrera del Calzado, 1926-

El Obrero en Dulce, 1925

El Obrero Gráfico, 1925-1930

Ideas y figuras – Revista semanal de critica y arte, 1915

Kl'o'ckner – Órgano de los obreros del establecimiento metalúrgico KL'O'CKNER S.A., 1927

La Chispa, 1926-1930

La Fraternidad, 1929-1930

La Internacional, 1924-1930

La Organización Obrera, 1919-1930

La Protesta – Suplemento Quincenal, 1927-1930

La Protesta, 1924-1930

La Unión Marino, 1921

La Vanguardia, 1919-1930

VIII Annuaire de la Federation Syndicale Internationale, Paris, 1938.

Publicações comerciais

Caras y Caretas, 1910-1930

La Nación, 1927-1930.

The New York Times, 1924-1930

The Review of the River Plate, 1924-1930.

Órgãos governamentais

ARGENTINA

DNT. *Anuário Estadístico del Trabajo, año 1913*. Buenos Aires: 1915

DNT. *Boletín del Departamento Nacional del Trabajo*: 1907, 1908, 1916

DNT. *Boletín Informativo del Departamento Nacional del Trabajo*, n. 172, mai. 1934

DNT. *Crónica Mensual del Departamento Nacional del Trabajo*: 1919-1930

DNT. *Estadísticas de las huelgas*. Buenos Aires: Ministerio del Interior. Departamento Nacional del Trabajo, 1940

ESCUELA INDUSTRIAL DE LA NACIÓN. *Condiciones de admisión: programa de ingreso y planes de estudios de los cursos diurnos y nocturnos para obreros*. Buenos Aires: Librería e Imprenta Europea, 1914.

ESCUELA INDUSTRIAL DE LA NACIÓN. *Extracto de la memoria, 1918-1929*
Informe sobre el estado de animo de personal de fábricas y talleres de esta capital con motivos de la aplicación de la ley no. 11.289, Nº 8399/Letra T, 1924

Memoria del Ministerio del Interior presentada al honorable Congreso de la Nación, 1924-1930

EUA

EVERY, Sherwood H. Markets for agricultural implements and farm machinery. In: ARGENTINA and Uruguay. *Trade Information Bulletin*. Washington: Government Print Office, n. 366, 1925

TEWKSBURY, Howard H. Argentina Making Steady Progress in Automotive Transportation. *Comments on Argentine Trade*, v. IX, n. 3, out. 1929

U.S. GOVERNMENT. *Export Helps: Industrial Machinery Division*. Washington: Government Printing Office, 1922.

GRÃ-BRETANHA

Economic Conditions in the Argentine Republic, Great Britain: Dept. of Overseas Trade, 1924-1930

Publicações e documentos de empresas e de organizações profissionais e patronais

Actas de la Tercera Conferencia Economica Nacional. Buenos Aires: Cia. Impresora Argentina, 1928

Anales de la Unión Industrial Argentina, 1926-1930

Las grandes industrias: curtidos, calzados y afines. Felipe Fortunato Delrío (Dir.). Buenos Aires: Cámara de la Industria del Calzado, 1935

ASOCIACION ARGENTINA DE IMPORTADORES DE AUTOMÓVILES Y ANEXOS. *Es indispensable la importación libre de los camiones para abaratar el transporte terrestre*, Folheto, 1930

Boletín de Servicios de la Asociación Nacional del Trabajo, 1921-1930

La Ingeniería, 1921-1930

THE ARGENTINE NAVIGATION COMPANY (Nicolas Mihanovich). *Balance Sheet and Revenue*, 1919-1930.

Álbum de la Industria Argentina, 1923, en homenaje de la Unión Industrial Argentina a los Estados Unidos del Brasil en su primer centenario de vida independiente. Buenos Aires, 1923

Benson Ford Research Center

Acc: 742/ *Box:* 81, "Branch: Buenos Aires, Argentina. 21 abr. 1930

Colection: Charles E. Sorensen Records *Box:* 2/ *Acc* 38 – Foreign Ford Companies, 1930 Argentina Buenos Aires/ *Box:* 2: RUSSEL. [Telegrama] 27 jun. 1930, para SORENSEN, Charles E. Londres.

Colection: Dealers/*Box:* 66/ *Acc* 76: "Buenos Aires, dealers agréments", 1914-1915.

Colection: Edsel Ford Records *Box:* 277/ *Acc:* 6- Edsel Ford Office Papers (B)/ *Box:* 5: *Boletín de información a los obreros de la CASA FORD y al proletariado en general*, 20 jul. 1930.

Colection: Foreign Branch Publicity Records/ *Box:* 1/ Ar 65-47: "Buenos Aires Depreciable Assets", 1946

Colection: Production Body Types/ *Acc:* 231/ "Production Body Types, 1921-1930" e "World Production Chart.

Ford News, 1921-1930

General Motors Heritage

Argentina Files: *Acc:* GM Overseas Operations. "Advice of action – General Motors Operations in Argentina"

GENERAL MOTORS CORPORATION. *Annual Report of General Motors Corporation*, 1929-1932.

General Motors World, 1924-1934

LAWRENCE, M.F. *SOUTH America Trip*. Carta para W.C. Brumble. Nova York, 11 jul. 1927. General Motors Heritage Center: Argentina File: 1 carta

V.A. *Managing Director's Conference Review and Digest*. General Motors Heritage Center. Nova York: General Motors Export Division, 15 jul. 1929

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADAMOVSKY, Ezequiel. *Historia de la clase media argentina*. Apogeo e decadencia de una ilusión, 1919-2003. Buenos Aires: Ediciones Planeta, 2010.

ALONSO, Beatriz. *La presidencia de Alvear*. Buenos Aires: CEAL, 1986.

AMDSSEN, Alice H. *A ascensão do “Resto”*. Os desafios ao ocidente de economias com industrialização tardia. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ANAPIOS, Luciana. La ciudad de las bombas. El anarquismo y la “propaganda por el hecho” en la Buenos Aires de los años veinte. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani*, Buenos Aires, 3ª serie, n. 39, 2º sem. 2013.

_____. La Ley de Jubilaciones de 1924 y la posición del anarquismo en la Argentina. *Revista de Historia del Derecho*, INHIDE, Buenos Aires, n. 46, 2013.

_____. El anarquismo en los años veinte. Tres momentos en el conflicto entre La Protesta y La Antorcha. *Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional General San Martín*, Buenos Aires, año 2, n. 3, jun. 2008.

ARANGO, Emilíó L.; SANTILLAN, Diego A. *El anarquismo en el movimiento obrero*. Buenos Aires: Editorial Libertad, 2014.

ARANGO, Emilíó. La manía innovadora. In: LÓPEZ, Antonio (Org.). *La FORA en el movimiento obrero*. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 1998.

ARCHIVOS Y FUENTES PARA LA HISTORIA DE EMPRESAS EN ARGENTINA: DIAGNÓSTICO Y PERSPECTIVA FUTURAS, 26 mar. 2008, Buenos Aires. *Transcripción de las intervenciones realizadas durante el seminário taller*. Buenos Aires: Harvard Business School; CEHIPE; Universidad de San Andrés, 2008. Disponível em: <<http://www.cehipe.org.ar/descarga/empresas.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

ARICÓ, José. *La Hipótesis de Justo*. Escritos sobre el socialismo en América Latina. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX*. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro e São Paulo: Contraponto Editora e Editora da Unesp, 1996.

ASHENFELTER, Orelly; JOHNSON, George E. Bargaining Theory, Trade Unions and Industrial Strike Activity. *The American Economic Review*, v. 59, n. 1, 1969.

ASTELARRA, Sara Caputo. La Argentina y la rivalidad comercial entre los Estados Unidos e Inglaterra (1899-1929). *Desarrollo Económico*, v. 23, n. 92, jan.-mar. 1984.

AZZI, Maria Susana; TITTO, Ricardo de. *Pioneros de la industria argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2008.

BADOZA, Silvia; BELINI, Claudio. La Compañía General de Fósforos, 1889-1929: Expansión y límites de una gran empresa en una economía agro-exportadora. *Desarrollo Económico*, v. 49, n. 193, 2009.

BARRANCOS, Dora Beatriz. *Os últimos iluminados: Ciências para trabalhadores na Argentina de princípios do século*. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

_____. *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.

BARRERA, Nicolás. El evolucionismo en el pensamiento socialista argentino. La obra de Juan B. Justo y Alfredo Palacios. *Kairós – Revista de temas sociales, Universidad de San Luís*, ano 15, n. 28, nov. 2011.

BARSKY, Osvaldo; DJENDEREDJIAN, Julio. *Historia del capitalismo agrario pampeano*. La expansión ganadera. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.

_____; GELMAN, Jorge. *Historia del agro argentino: desde la conquista hasta fines del siglo XX*. Buenos Aires: Grijalbo Mondadori, 2001.

BARTOLOMÉ-RODRÍGUEZ, María Isabel; LANCIOTTI, Norma Silvana. La electrificación en países de industrialización tardía: Argentina y España, 1890-1950. *Revista de Historia Industrial*, n. 59, Ano XXI, 2015.

BAYER, Osvaldo. *La Patagonia rebelde*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986.

BEAUCHAMP, Chantal. *Revolução Industrial e crescimento econômico*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BEN PLOTKIN, Mariano; ZIMMERMANN, Eduardo (Org.). *Los saberes del Estado*. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas*, VI. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDO, João. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BERTONI, Lilia Ana. Las transformaciones del partido y sus luchas políticas. In: ROMERO, Luis Alberto (Org.). *El Radicalismo*. Buenos Aires: CEPE, 1974 .

BIL, Damián Andrés. *Gran Industria y descalificación en la rama gráfica en la Argentina, 1870-1930*. Tese de licenciatura em História, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Historia, 2008.

BILSKY, Edgardo. *La Semana Trágica*. Buenos Aires: CEAL, 1983.

BLAKE, Oscar Juan. *Así aprendieron a trabajar: como se construyó la capacitación laboral en la Argentina*. Buenos Aires: Granica, 2008.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; SOPRANO, Germán (Org.). *Un estado con rostro humano: funcionários e instituciones estatales en Argentina: de 1880 a la actualidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

BOLL, Friedhelm. Economic cycles and labor conflicts in Germany during the first quarter of the twentieth century. In: HAIMSON, Leopold H.; TILLY, Charles. (Org.). *Strike, wars and revolution*

in an international perspective: Strikewaves in the late nineteenth and early twentieth centuries. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

BOSCH, Raimundo. *Historia de la Facultad de Medicina. Rosario*. [S.I.]: Universidad Nacional del Litoral, 1966.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: os séculos XV-XVIII: O tempo do mundo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

BRENNAN, Morris; FOIADELI, Federica; ZANINELLI, Dario. *Electrical Railway Transportation Systems*. Hoboken, NJ: IEEE Press, 2018.

BUNGE, Alejandro. *La Economía Argentina: Política Económica Internacional*. Buenos Aires: Compañía Impresora Argentina, 1930.

BUROWAY, Michael. *Manufacturing consent: changes in the labor process under monopoly capitalism*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

CABRERO, Hermenegildo Tomé. *Máquinas herramientas y organización de talleres*. Segovia: Academia de Artillería e Ingenieros, 1935.

CALLELO, Hugo; MARÍN, Juan Carlos; MURMIS, Miguel. Un sindicalismo de tradición artesanal. *Revista de Estudios Marítimos y Sociales*, año 1, n. 1, nov. 2008 (1969).

CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera: los comunistas y el mundo del trabajo en la Argentina, 1920-1935*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

CARRERA, Juan Iñigo. *La Formación Económica de la Sociedad Argentina: Renta Agraria, ganancia industrial y deuda externa, 1882-2004*. Buenos Aires: Imago Mundi Editorial, 2007.

CARRERA, Nicolás Iñigo. *La otra estrategia. La voluntad revolucionaria (1930-1935)*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2016.

CARUSO, Laura. *Embarcados: los trabajadores marítimos y la vida a bordo. Sindicato, empresas y Estado en el puerto de Buenos Aires*. San Martín: Imago Mundi, 2016.

CATERINA, Luis María. La Ley 11.289: el fallido intento de una ley de jubilaciones (1923-1926). *Revista de Historia del Derecho*, INHIDE, Buenos Aires, n. 26, 1998.

CEPAL. *El Desarrollo Económico Argentino*. Santiago de Chile: 1958.

CERUSO, Diego. *La izquierda en la fábrica: la militancia obrera industrial en el lugar de trabajo, 1916-1943*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015.

_____. El partido comunista y su desempeño en el sindicalismo industrial argentino en la década del veinte. *Revista Escuela de Historia de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Salta*, Salta, v. 1, 2014.

CHITI, Juan B. *Cincuentenario de "La Fraternidad"*. [S.I.: s.n.], 1937.

CLIMENT, Aurelio Gnzaez. *Historia de la industria naval argentina*. Buenos Aires: Astilleros y Fabricas Navales del Estado, 1973.

COCHRAN, Thomas C. e REINA, Ruben E. *Entrepreneuership in Argentine culture*: Torcuato Di Tella and SIAM. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1962.

COLLECTION and Compilation of Work Stoppage Statistics. *Monthly Labor Review*, v. 69, n. 3, 1949.

COLMO, Alfredo. Conferencia pronunciada por el Doctor Alfredo Colmo, en la Liga Argentina de Educación Industrial. *Anales de la Unión Industrial Argentina*, n. 706, out. 1927.

CORBIÈRE, Emílio J. *Orígenes del Comunismo Argentino* (El Partido Socialista Internacional). Buenos Aires: CEAL, 1983.

CORIAT, Benjamin. *El taller y el cronómetro*: ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa. México: Siglo veintiuno (1990), 1994.

CORTÉS CONDE, Roberto. *Estimaciones del Producto Bruto Interno de la Argentina 1875-1935*. Documento de Trabajo n. 3. Victoria, Buenos Aires: Universidad de San Andres, Departamento de Economía, 1994.

COSTA, Emília Viotti da. A dialética invertida: 1960-1990. In: _____. *A dialética invertida e outros ensaios*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

COSTA, Victor García. *Alfredo Palacios*. Entre el clavel y la espada. Buenos Aires: Planeta, 2011.

CRONIN, James E. *Industrial Conflict in Modern Britain*. Londres: Croom Helm Ltd., 1979.

DAMIER, Vadim V. *Anarcho-syndicalism in the 20th Century*. Edmonton: Black Cat Press, 2009.

DANIEL, Claudia. De crisis a crisis: la invención de la desocupación en la Argentina. *Revista de Indias*, v. LXXIII, n. 257, jan.-abr. 2013.

_____. Las estadísticas laborales del Estado argentino (1910-1930). Controversias sociales, políticas y técnicas. In: WORKSHOP ELITES INTELECTUALES Y FORMACIÓN DEL ESTADO, 2009, Buenos Aires. Conferência, p. 12-14. Disponível em: <<http://historiapolitica.com/datos/biblioteca/daniel.pdf>>.

DEUTSCH, Sandra McGee. *La Contrarevolución en Argentina, 1900-1932*. La Liga Patriótica Argentina. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

DI TELLA, Guido; ZYMELMAN, Manuel. *Los ciclos económicos argentinos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1973.

DI TELLA, Torcuato S. *Perón y los sindicatos: el inicio de una relación conflictiva*. Buenos Aires: Ariel, 2003.

DÍAZ, Alejandro Carlos F. *Ensayos sobre la historia económica argentina*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975.

DÍAZ, Hernan M. Las giras sindicales como instrumento de construcción del movimiento obrero. La FORA en Entre Ríos (1918-1921). *Historia Regional, Sección Historia*, ISP n. 3, ano XXVII, n. 32, 2014, p. 89-107.

DODERO, Luís. *La navegación en la cuenca del Plata y sus propulsores*. Buenos Aires: Guere, 1961.

DOESWIJK, Andreas L. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques Rioplatenses*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

DORFMAN, Adolfo. *Historia de la Industria Argentina*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones, 1986 (1942).

DUNN, Robert W. *Labor and Automobiles*. Nova York: International Publishers Co., 1929.

EDWARDS, Richard. *Contested terrain*. The transformation of the Workplace in the Twentieth Century. Nova York: Basic Books, 1979.

ELEY, Geof. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ENGELS, Frederich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

ERLICH, Alexander. *The Soviet Industrialization debate, 1924-1928*. Cambridge: Harvard University Press, 1967.

EXTRACTS from the theses of the Sixth Comintern Congress on The International Situation and the Tasks of the Communist international. In: DEGRAS, Jane (Org.). *The Communist International, 1919-1934: Documents*. Vol. II, 1923-1928. Londres; Nova York: Oxford University Press, 1956.

FALCÓN, Ricardo; MONSERRAT, Alejandra. Estado, empresas, trabajadores y sindicatos. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo VI. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

FAULKNER, Harold Underwood. *História Económica de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1954.

FEIS, Hebert. The Industrial Situation in Great Britain: From the Armistice to the Beginning of 1921. *The American Economic Review*, v. 11, n. 2, jun. 1921.

FERREIRA, Fernando S. O Sindicalismo Revolucionário argentino e a Revolução Russa. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 25, p. 28-55, jul.-dez., 2018. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/3025/2659>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Triênio Trágico: flutuações econômicas e conflito social em Buenos Aires, 1919-1921*. São Paulo, 2014. 321 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. A Segunda Internacional está morta? O Tratado de Versalhes e a Federação Sindical Internacional. *Mouro: Revista Marxista*, v. 8, 2013.

FERRER, Aldo. *La economía argentina*. Desde sus origens hasta principios del siglo XXI. Buenos Aires: FCE, 2007.

FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010.

FINE, Sidney. *Sit-Down: The General Motors Strike of 1936-1937*. The University of Michigan Press, 1969.

_____. The Origins of the United Automobile Workers, 1933-1935. *The Journal of Economic History*, v. 18, n. 3, set. 1958.

FIORITO, Susana. *Las huelgas de Santa Cruz (1921-1922)*. Buenos Aires: CEAL, 1985.

FLINK, James J. *The Automobile Age*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

FLORA, Peter; KRAUS, Franz; PFENNING, Winfried. *State, Economy, and Society in Western Europe, 1815-1975*. Volume II: The Growth of Industrial Societies and Capitalist Economies. Frankfurt: Campus Verlag; Londres: Mcmillan Press; Chicago: St. James Press, 1987.

FRANZOSI, Roberto. *The puzzle of strikes: class and state strategies in post war Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. One Hundred Years of Strike Statistics: Methodological and Theoretical Issues in Quantitative Strike Research. *ILR Review*, v. 42, n. 3, apr. 1989.

_____. The Press as a Source of Soci-Historical Data: Issues in the methodology of Data Collection from Newspapers. *Historical Methods*, 1987, v. 20, n. 1.

FURTADO, Celso. *A Hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GERCHUNOFF, Pablo; LLACH, Lucas. *El ciclo de la ilusión y el desencanto*. Buenos Aires: Ariel, 2005.

GERMANI, Gino. Evolución reciente de las clases sociales [1955]. In: _____. *Estructura social de la Argentina*. Análisis estadístico. Buenos Aires: Ediciones del Solar, 1987.

_____. La clase media em la ciudad de Buenos Aires. Estudio preliminar [1942]. *Desarrollo Económico*, v. 21, n. 81, abr.-jun. 1981.

GIMENEZ, Ovidio. Del Trigo y su molienda. Buenos Aires: [s.n.], 1961. In: FERRERES, Orlando J. (Dir.). *Dos siglos de economía argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 2010.

GLADDE, William. A América Latina e a Economia Internacional, 1870-1914. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. De 1870 a 1930. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

GODIO, Julio. *História del movimiento obrero argentino, 1870-2000*. Tomo 1. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2000.

_____. *El movimiento obrero argentino (1910-1930): socialismo, sindicalismo y comunismo*. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1988.

GRACIANO, Osvaldo. Trayectoria intelectual y política de un profesional socialista: el ingeniero civil Emilio Dickmann. *Estudios Sociales*, Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, ano XVIII, n. 55, jul.-dez. 2018.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 4: Temas de cultura, ação católica. Americanismo e fordismo. Ed. e trad. Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

GRAVIL, Roger. *The Anglo-Argentine connection, 1900-1939*. Boulder: Westview Press, 1985.

GROSSO, Juan Carlos. Los problemas económicos y sociales y la respuesta radical en el gobierno (1916-1930). In: ROMERO, Luis Alberto (Org.). *El Radicalismo*. Buenos Aires: CEPE, 1974.

GUAYDO, Ricardo; PILONE, Jorge. El desarrollo de la negociación colectiva durante la etapa de modernización industrial en la Argentina. 1935-1943. *Desarrollo Económico*, v. 23, n. 90, jul. - sep. 1983.

GUSTAVO POLIT (Milcíades Peña). Rasgos biográficos de la Famosa Burguesía Industrial Argentina. *Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964.

GUTIÉRREZ, Leandro H.; ROMERO, Luis Alberto. Los sectores populares y el movimiento obrero: un balance historiográfico. In: ROMERO, L. A.; GUTIÉRREZ, L.; TJEJBES, P. *Sectores populares, cultura y política*: Buenos Aires en la entreguerra. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

_____; _____. TJEJBES, P. Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

GUTIÉRREZ, Leandro; KOROL, Juan Carlos. Historia de empresas y crecimiento industrial en la Argentina. El caso de la Fábrica Argentina de Alpargatas. *Desarrollo Económico*, v. 28, n. 111, 1988.

HERAS, Raúl García. *Automotores norteamericanos, caminos y modernización urbana en la Argentina, 1918-1939*. Buenos Aires: Libros de Hispanoamérica, 1985.

HERVÉ, Pereyra Carlos. Historia de la enseñanza tecnológica en Argentina. *Historia*, Buenos Aires, ano XIV, n. 54, jun.-ago. 1994.

HILL, Frank E.; NEVINS, Allan. *Ford: Expansion and Challenge, 1915-1933*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1957.

_____; WILKINS, Mira. *American Business Abroad: Ford on Six Continents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 (1964).

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____. Economic fluctuations and some social movements since 1800. *The Economic History Review*, Second Series, v. V, n. I, 1952.

HORA, Roy. *Los terratenientes de la pampa Argentina*. Una historia social y política, 1860-1945. Buenos Aires: Siglo XXI Editora, 2005.

_____. Terratenientes, industriales y clase dominante en la Argentina: Respuesta a una crítica. *Desarrollo Económico*, v. 41, n. 161, abr.-jun 2001.

_____. Terratenientes, empresarios industriales y crecimiento industrial en la Argentina: los estancieros y el debate sobre el proteccionismo (1890-1914). *Desarrollo Económico*, v. 40, n. 159, out.-dez. 2000.

HOROWITZ, Joel. *El radicalismo y el movimiento popular (1916-1930)*. Buenos Aires: Edhasa, 2015.

_____. *Argentinas's Radical Party and popular mobilization 1916-1930*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2008.

HYMAN, Richard. *Strikes*. London: MacMillan Academic and Profesional, (1972) 1989.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *Fifteenth International Conference of Labour Statisticians*. Ginebra: ILO, 1993, p. 42. Disponible em: <https://www.ilo.org/public/libdoc/ilo/1993/93B09_65_engl.pdf>.

JASINSKI, Alejandro. *Revuelta obrera y masacre en La Forestal: sindicalización y violencia empresaria en tiempos de Yrigoyen*. Buenos Aires: Biblos, 2013.

JUSTO, Juan B. *Teoría y Práctica de la Historia*. Buenos Aires: Ediciones Lúbera, 1969.

KABAT, Marina. La industria del calzado: cambios en la organización del trabajo entre 1880 y 1940. *Desarrollo Económico*, v. 47, n. 188, jan.- mar. 2008.

KENNAN, John. The Economics of Strikes. In: ASHENFELTER, Orley; LAYARD, Richard (Org.). *Handbook of Labor Economics*. North Holland: North Holland, 1986, v. II.

KORN, Francis; OLIVER, Martin (Org.). *En Buenos Aires 1928*. Buenos Aires: Sudamericana, 2017.

KOTZ, David M.; TERRENCE, McDonoughm; REICH, Michael (Ed.). *Social structures of accumulation: the political economy of growth and crisis*. New York: Cambridge University Press, 1994.

LAHY, J.-M. O sistema Taylor e a fisiologia do trabalho profissional. *Laboreal*, Buenos Aires, v. 13, n. 2, 2017 (1916).

LANCIOTTI, Norma; LLUCH, Andrea. Las grandes empresas extranjeras en la Argentina: características y transformaciones entre 1913 y 1960. *Investigaciones de Historia Económica – Economic History Research*, n. 11, 2015.

LATTES, Alfredo E. de; LATTES, Zulma Rechini de (Org.). *La Población Argentina*. Buenos Aires: CECRED, 1974.

LENIN, Vladimir Ilych. Las tareas inmediatas del poder soviético. In: *Cuestiones de la organización de la economía nacional*. Moscou: Editorial Progreso, 1978.

_____. Better fewer, but better. In: *Lenin's Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, 1965.

LEWIS, Collin M. Crisis tecnología y eficiencia. Los ferrocarriles de capital británico durante los años de transición. 1912-1930. In: LÓPEZ, Mario Justo; WADELL, Jorge (Org.). *Nueva Historia del ferrocarril en la Argentina: 150 años de política ferroviaria*. Buenos Aires: Lumiere, 2007.

LIERNUR, Jorge F.; SILVESTRI, Graciela. *El torbellino de la electrificación*. Buenos Aires, 1880-1930. El umbral de la metropolis. Transformaciones y cultura en la modernización de Buenos Aires (1870-1930). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1993.

LINDEN, Marcek van der. *Trabalhadores do mundo: Ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LOBATO, Mirta Zaida. *La prensa obrera*. Buenos Aires y Montevideo, 1890-1958. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

_____. Historia de las instituciones laborales en Argentina: una asignatura pendiente. *Revista de Trabajo*, año 3, n. 4, ene.-nov. de 2007.

_____. Racionalidad y eficiencia en la organización del trabajo en la Argentina: el sueño de la americanización y su difusión en la literatura y la prensa. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Ed.). *Americanización: Estados Unidos y América Latina en el siglo XX: transferencias económicas, tecnológicas y culturales*. Caseros: Eduntref, 2003.

_____. La Ingeniería: Industria y organización en la Argentina de entreguerra. *Estudios del trabajo*, n. 16, ago.-dez. 1998.

_____. *El taylorismo en la gran industria exportadora argentina (1907-1945)*. Buenos Aires: CEAL, 1988.

LOEWY, Lucía Montenegro; VERÓNICA, Mariela. La producción de estadísticas sobre conflictos laborales: un estudio comparado. *Estudios del Trabajo*, n. 56, jul.-dec. 2018.

LÓPEZ, Andrés. *Empresarios, instituciones y desarrollo económico: el caso argentino*. Buenos Aires: CEPAL, 2006.

LUCCHINI, Alberto Plinio. *Historia de la ingeniería argentina*. Buenos Aires: Centro Argentino de Ingeniería, 1981.

LYDDON, Dave. Strike statistics and the problem of international comparison. In: VELDEN, Sjaak van der; DRIBBUSCH, Heiner; LYDDON, Dave; VANDAELE, Kurt (Ed.) *Strikes Around the World, 1968-2005: Case-studies of 15 countries*. Amsterdam: Aksant, 2007.

MAIER, Charles. *Recasting bourgeois in Europe: stabilization in France, Germany and Italy in the decade after World War I*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

_____. Between Taylorism, and Technocracy: European ideologies and the vision of industrial productivity in the 1920s. *Journal of Contemporary History*, v. 5, n. 2, 1970.

MALTESE, Francesca. Notes for a study of the automobile industry. In: EDWARDS, Richard C.; REICH, Michael; GORDON, David M. (Ed.). *Labor market segmentation*. Lexington: D.C. Heath, 1975.

MANULI, Martin. *Hacia la unidad de la clase obrera: el entendimiento anarquista-sindicalista revolucionario (Argentina, 1910-1915)*. Comunicação realizada durante a mesa Historia de la Izquierda en la Argentina: política, sociedad e ideas (1880-1960), coordinada por Hernán Camarero e Carlos Herrera durante a XIII Jornadas Interescuelas, Catamarca, ago. 2011. Mimeografiado.

MARCHESE, Silvia. Estrategias de las organizaciones empresariales para su participación en política. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Tomo IV. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

MAROTTA, Sebastian. *El movimiento sindical argentino, su génesis y desarrollo (1920-1935)*. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Calmino, 1970.

MARQUES, Marlon Rodrigues. Desmistificando os negócios: os limites e possibilidades da história empresarial. *Temporalidades – Revista de história*, ed. 29, v. 11, n. 2, jan./abr., 2019.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 3 v. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MAZZUCHELLI, Frederico. *Os anos de chumbo: economia e política internacional no entreguerras*. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, FACAMP, 2009.

MCGIRR, Lisa. *The Passion of Sacco and Vanzetti: A Global History*. The Journal of American History, v. 93, n. 4, mar. 2007.

MCGUIRE, James W. Strikes in Argentina: Data Sources and Recent Trends. *Latin American Research Review*, v. 31, n. 3, 1996.

MELGAREJO, Paola. *Las colecciones del Museo Benito Quinquela Martín*. Esculturas. Buenos Aires: Fundación OSDE, 2015.

MERKLE, Judith. *Management and Ideology: The legacy of the international scientific management movement*. Berkley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1980.

MILLIS, Harry Alvin; MONTGOMERY, Royal Ewert. *Labor's progress and some basic labor problems*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1938

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. *Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006.

NOBLE, David. Social Choice in Machine Design: The Case of Automatically Controlled Machine. In: ZIMBALIST, A. (Ed.). *Case Studies on the Labor Process*. Nova York: Monthly Review Press, 1979.

O'CONNELL, Arturo A.; SANTOS, Mario R. dos. La Argentina y la economía atlántica en la primera mitad del siglo XX. *Desarrollo Económico*, v. 13, n 49, abr.-jun. 1973.

PALACIO, Juan Manuel. La antesala del peor: La economía argentina entre 1914 y 1930. In: FALCÓN, Ricardo (Org.). *Nueva Historia Argentina: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

PALACIOS, Alfredo L. *La Fatiga y Sus Proyecciones Sociales*. 4ª ed. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1944.

PALERMO, Silvana Alejandra. La racionalización del trabajo en la Argentina de principios del siglo XX: el caso de Ferrocarriles del Estado. *H-Industri@ – Revista de historia de la Industria*, los Servicios y las empresas en America Latina, n. 16, 1º sem. 2015.

- PANETTIERI, José. *Argentina: Historia de un país periférico, 1860-1914*. Buenos Aires: CEAL, 1986.
- _____. *Devaluaciones de la moneda (1822-1935)*. Buenos Aires: CEAL, 1983.
- _____. *Síntesis histórica del desarrollo industrial argentino*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 1969.
- PEÑA, Milcíades. *Masas, Caudillos y elites: la dependencia Argentina de Yrigoyen a Perón*. Buenos Aires: Ediciones Fichas, 1971.
- PERROT, Michelle. Grèves, Grévistes et conjonctures. Vieux problème, travaux neufs. *Le Mouvement Social*, n. 63, abr-jun, 1968.
- PERSELLO, Ana Virginia. *Historia del Radicalismo*. Buenos Aires: EDHASA, 2007.
- PERSONS, Warren M. The crisis of 1920 in the United States: A quantitative Survey. *The American Economic Review*, v. 12, n. 1, mar. 1922.
- PETER, José. *Cronicas Proletarias*. Buenos Aires: Editorial Esfera, 1968.
- PHELPS, Maynard D. *Migration of Industry to South America*. Nova York; Londres: McGraw-Hill Book Company, 1936.
- _____. Effect of the Foreign Market on the Growth and stability of the American Automobile Industry. *Michigan Business Studies*, v. III, n. 5, out. 1931.
- PINEDA, Yovanna. Financing Manufacturing Innovation in Argentina, 1890-1930. *The Business History Review*, v. 83, n. 3, outono, 2009.
- _____. *Industrial development in a frontier economy: the industrialization of Argentina, 1890-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2009.
- PIÑERO, Norberto. Enseñanza Técnica. In: *Sobre educación y instrucción*. Buenos Aires: Jesus Menedez, 1927.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *A revolução brasileira; A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PREBISCH, Raúl. *Anotaciones sobre la crisis ganadera*. Buenos Aires: [s.n.], 1923.
- PRONKO, Marcela A. *Universidades del Trabajo en Argentina y Brasil: una historia de las propuestas de su creación; entre el mito y el olvido*. Montevideo: CINTERFOR, 2003.
- RAPALO, María Ester. *Patrones y Obreros: La ofensiva de la clase propietaria, 1918-1930*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2012.
- RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)*. Buenos Aires: Emecé Editorial, 2010.
- RASTALL, Walter Henry. *Industrial Machinery, 1930*. Washington: U.S. Govt. Print. Off., 1931.
- REGALSKY, Andrés. Los comienzos de la industrialización en la Argentina, 1880-1930. Una aproximación historiográfica. *Anuario Digital*, n. 23, 2011.

RIVAROLA, Horacio C. *La Acción del Doctor Norberto Piñero en la enseñanza industrial*. Las escuelas de la Sociedad de Educación Industrial. Buenos Aires: Talleres Gráficos de la Cía. Gral. Fabril Financiera S.A., 1952.

ROCCHI, Fernando. *Chimneys in the desert: Industrialization in Argentina during the export boom years, 1870-1930*. Stanford: Stanford University Press, 2006.

_____. La americanización del consumo: las batallas por el mercado argentino 1920-1945. In: BARBERO, María I.; REGALSKY, Andrés M. (Org.). *Americanización*. Estados Unidos y América Latina em siglo XX: Transferencias económicas, tecnológicas y culturales. Caseros: Eduntref, 2003.

ROCK, David et alii. *La derecha argentina: nacionalistas, neoliberales, militares y clericales*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001.

ROCK, David. *El Radicalismo Argentino, 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977.

RÖGIND, William. *Historia del Ferrocarril Sud*. [S.I.: s.n.], 1937.

ROLDAN, Diego P. La formación de los sectores populares urbanos en la historiografía argentina: Una mirada sobre el núcleo. *Signos Históricos*, México, v. 10, n. 20, dic. 2008.

ROSA, María Fernanda de la. La figura de Abad Santillán como nexo entre el anarquismo argentino, europeo y latinoamericano, 1920-1930. *Iberoamericana*, ano 12, n. 48, dez. 2012.

RUBENSTEIN, James. *The Changing US autoindustry: a geographical analysis*. Londres e Nova York: Routledge, 1992.

SABATO, Jorge F. *La clase dominante en la Argentina moderna: formación y características*. Buenos Aires: CISEA e Imago Mundi, 1991.

SANTILLAN, Diego A. *La FORA*. Ideología y trayectoria del movimiento obrero en la Argentina. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005.

_____. El movimiento obrero argentino ante el golpe de Estado del 6 de Setiembre. In: PINEDO, Federico et alii. *La Crisis del 1930*. II: Testimonios. Buenos Aires: CEAL, 1986.

_____. *Organismo Econômico da Revolução: a autogestão na revolução espanhola*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

_____. *Memorias, 1897-1936*. Barcelona: Editorial Planeta, 1977.

_____. *El anarquismo y la Revolución em Espanã*: Escritos 1930/38. Madrid: Editorial Ayuso, 1976.

SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. *La Imaginación técnica: sueños modernos en la cultura argentina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992.

SCHNEIDER, William H. The Scientific Study of Labor in Interwar France. *Frecnh Historical Studies*, v. 17, n. 2, (outono) 1991.

SCHVARZER, Jorge. La Industria Argentina en la perspectiva de la historia. In: GELMAN, Jorge (Org.). *La historia económica argentina en la encrucijada: Balances y perspectivas*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

_____. Terratenientes, industriales y clase dominante en el ya antiguo debate sobre el desarrollo argentino. *Desarrollo Económico*, v. 41, n. 161, abr.-jun 2001.

_____. *La industria que supimos conseguir*. Buenos Aires: Planeta, 1996.

SERCOVICH, Francisco C. Dependencia tecnológica en la industria argentina. *Desarrollo Económico*, v. 14, n. 53, abr.-jun., 1974.

SESTO, Carmen. *La vanguardia ganadera bonaerense, 1850-1900*. Historia del capitalismo agrario pampeano. Buenos Aires: Siglo XXI Editores e Universidad de Belgrano, 2005.

SHIPLEY, Robert Edward. *On the outside looking in: a social history of the porteño worker during the "golden age" of argentine deveçopment, 1914-1930*. New Brunswick, 1977. Tese (Doutorado em História da América Latina) – Rutgers University, the State University of New Jersey.

SILVER, Beverly J. *Forças do trabalho: movimentos trabalhistas e globalização desde 1870*. São Paulo: Boitempo, 2005.

SMITH, Peter H. *Carne y política en la Argentina*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986.

SOMMI, Luis V. *Los Capitales Yanquis en la Argentina*. Buenos Aires: Monteagudo, 1949.

SOPRANO, Germán. Haciendo inspección. Un análisis del diseño y aplicación de la inspección laboral por los funcionarios del Departamento Nacional del Trabajo (1907-1914). In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; SOPRANO, Germán (Org.). *Un estado con rostro humano: funcionarios e instituciones estatales en Argentina: de 1880 a la actualidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

SURIANO, Juan. El Departamento Nacional del Trabajo y la política laboral durante el primer gobierno de Hipólito Yrigoyem. In: BEN PLOTKIN, Mariano; ZIMMERMANN, Eduardo (Org.). *Los saberes del Estado*. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

_____. *Anarquistas: cultura y política libertaria en Buenos Aires, 1890-1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2008.

_____. Las prácticas políticas del anarquismo argentino. *Revista de Indias*, Madri, 1997, v. LVII, n. 210.

TARCUS, Horacio (Org.). *Diccionario biográfico de la izquierda argentina*. De los anarquistas a la "nueva izquierda" (1870-1976). Buenos Aires: Emecé, 2007.

_____. *Marx en la Argentina*. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

TAUFNELL, Xavier. Capital Formation in Latin America, 1890-1930. *The Journal of Economic History*, v. 69, n. 4, 2009.

TAWNEY, R. H. The Abolition of Economic Controls, 1918-1921. *The Economic History Review*, v. 13, n. 1/2, 1943.

THOMPSON, Paul. *The Nature of Work. An introduction to debates on the labour process*. Houndsmill e Londres: Macmillan, 1989.

THORP, Willard L. Postwar Depressions. *The American Economic Review*, v. 30, n. 5, fev. 1941.

TILLY, Charles. The effects of short-term variation – Introduction. In: HAIMSON, Leopold H.; TILLY, Charles (Dir.). *Strike, wars and revolution in an international perspective: Strikewaves in the late nineteenth and early twentieth centuries*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TORELLO, Florentino N. La industria del Calzado en la Republica Argentina. *Revista de Ciencias Económicas*, n. 82, maio 1928.

TROTSKY, Leon. Manifesto on the Second World Congress – Part I (1924). In: *The First Five Years of the Communist International*, v. I. Londres: New Park, 1973. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/ffyci-1/index.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2020.

TRUJILLO, Fernando L. *Vidas en rojo y negro. Una historia del anarquismo en Década Infame*. La Plata: Letra Libre, 2005.

VELDEN, Sjaak van der. Lockouts in the Netherlands: Why statistics on labour disputes must discriminate between strikes and lockouts, and why new statistics need to be compiled. *Historical Social Research / Historische Sozialforschung*, v. 31, n. 4 (118), 2006.

VICTOR TESTA (Milcíades Peña). Crecimiento (1935-1946) y Estancamiento (1947-1963) de la Producción Industrial Argentina. *Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964.

_____. Energía, Mecanización y Ineficiencia en la Industria Argentina. *Fichas de Investigación Económica*, v. 1, n. 1, abr. 1964.

_____. Imperialismo e Industrialización de los Países Atrasados. *Fichas de Investigación Económica*, abr. 1964.

VILLANUEVA, Javier. El origen de la industrialización argentina. *Desarrollo Económico*, v. 12, n. 47, out.-dez., 1972.

VILLANUEVA, Roberto A. *Historia de la siderurgia argentina*. Buenos Aires: Eudeba, 2008.

WEIL, Félix J. *El enigma argentino*. Buenos Aires: CONABIP, 2011.

WEIL, Simone. A Racionalização. In: BOSI, Ecléa (Org.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WEISS, Robert P. Private Detective Agencies and Labour Discipline in the United States, 1855-1946. *The Historical Journal*, v. 29, n. 1, mar. 1986.

WHITAKER, Arthur P. *The United States and Argentina*. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

WREN, Daniel A. James D. Mooney and General Motors Multinational Operations, 1922-1940. *The Business History Review*, v. 87, n. 3, Outono 2013.

WRIGHT, Chester Whitney. *Economic History of the United States*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1949.